

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**CURSO MESTRADO**

**BERENICE LAGOS GUEDES DE BEM**

**O GAÚCHO, A DOMINAÇÃO MASCULINA E A EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA  
SUL-RIO-GRANDENSE: O PASSADO NO PRESENTE**

*(A presença da dominação masculina na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e algumas de suas repercussões no processo educacional e na trajetória profissional das professoras-alunas casadas (ou em união estável) do Programa de Formação de Professores em Serviço/Pedagogia da URCAMP/Bagé no início do século XXI).*

**PELOTAS**

**2004**



***Dados de catalogação na fonte:***

(Clarice Raphael Pilownic – CRB-10/490 )

G924g Guedes De Bem, Berenice Lagos.  
O gaúcho, a dominação masculina e a educação na fronteira sul-rio-grandense: o passado no presente; a presença da dominação masculina na fronteira do RGS com o Uruguai e algumas de suas repercussões no processo educacional e na trajetória profissional das professoras-alunas casadas (ou em união estável) do Programa de Formação de Professores em Serviço/Pedagogia, da URCAMP/Bagé no início do século XXI./ Berenice Lagos Guedes De Bem. – Pelotas, 2004.

2 v.

Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação.  
Universidade de Federal de Pelotas, 2004.

1. Dominação masculina-Fronteira do RS(Brasil)-Uruguai. 2. Professoras-alunas. 3. Mito gaúcho. 4. Processo educacional. 5. Trajetória profissional. 6. História da educação. I. Tambara, Elomar Antonio Callegaro, orient. II. t.

CDD 370.193098165

BERENICE LAGOS GUEDES DE BEM

**O GAÚCHO, A DOMINAÇÃO MASCULINA E A EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA  
SUL-RIO-GRANDENSE: O PASSADO NO PRESENTE**

*A presença da dominação masculina na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e algumas de suas repercussões no processo educacional e na trajetória profissional das professoras-alunas casadas (ou em união estável) do Programa de Formação de Professores em Serviço/Pedagogia da URCAMP/Bagé no início do século XXI.*

*Dissertação de Mestrado em História da Educação*

*Para obtenção do título de Mestre em Educação*

*Universidade Federal de Pelotas*

*Programa de Pós-Graduação em Educação*

*Faculdade de Educação*

*Linha de pesquisa: História da Educação*

*Orientador: Prof. Dr. Elomar Tambara*

*Pelotas*

*2004*

FOLHA DE APROVAÇÃO:

BERENICE LAGOS GUEDES DE BEM

O GAÚCHO, A DOMINAÇÃO MASCULINA E A EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA SUL-  
RIO-GRANDENSE

*A presença da dominação masculina na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e algumas de suas repercussões no processo educacional e na trajetória profissional das professoras-alunas casadas (ou em união estável) do Programa de Formação de Professores em Serviço/Pedagogia da URCAMP/Bagé no início do século XXI.*

Dissertação de Mestrado em História da Educação  
Para obtenção do título de Mestre em Educação  
Universidade Federal de Pelotas  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Faculdade de Educação

Dissertação defendida em 22 de março de 2004, sendo a Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Elomar Tambara – Orientador  
Presidente

---

Profª Dra. Eliane T. Peres - Examinadora

---

Profª Dra. Maria Stephanou - Examinadora

Parecer avaliativo da Banca Examinadora:

---

---

## DEDICATÓRIA

- Aos meus pais (*in memoriam*) Reverendo Antonio Guedes e Professora Alayde Lagos Guedes, que, desde muito cedo, me ensinaram a lutar contra a discriminação de qualquer tipo e as injustiças, afirmando-me frequentemente que "homem e mulher Deus os criou, iguais em dignidade e direitos", independentemente de sexo, raça, cultura, religião e classe social.

- À minha tia-avó (*in memoriam*) Clarita Gonçalves Ferreira (uma mulher do presente que viveu no passado) que, na minha infância, me acompanhava quando minha mãe saía para trabalhar, contando-me estórias, já naquele tempo, impregnadas de resistência à opressão e a qualquer tipo de dominação e discriminação.

- Às minhas filhas Mauren e Ricarda e à minha nora (que também é filha!) Valéria, pelo auxílio, estímulo, companheirismo e cumplicidade, no desejo de que se realizem como pessoas em toda a sua plenitude!...

- Às minhas alunas do Programa de Formação de Professores em Serviço/Pedagogia, da URCAMP/Bagé (turmas de 2003) — meu objeto de pesquisa, e também às primeiras turmas do Programa (de 1999), que, tendo confiado em mim, fizeram os primeiros relatos que me impulsionaram a produzir este trabalho e a me dedicar mais ao estudo das relações de gênero e suas conexões com a História da Educação na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho vem sendo gestado há mais de trinta anos e só foi possível trazê-lo “à luz” porque várias pessoas contribuíram de forma decisiva para sua viabilidade. A estas, o meu carinho, gratidão e respeito:

Ao Prof. Dr. Elomar Tambara, intelectual ímpar (*primus inter pares*), por seu profundo conhecimento sempre disponível a ser socializado, e seu exemplo de competência e crítica, aliados a uma imensa simplicidade e a um grande coração (e por sua ilimitada paciência para comigo!), de quem tenho o privilégio de ser orientanda e poder contar com sua amizade. Acompanhou-me, encorajou-me, valorizou meu trabalho (‘apesar de ser mulher!...’) e acreditou nele, e, embora muitas vezes com opiniões divergentes, ouviu meus argumentos com paciência, e me introduziu, como pesquisadora, na área da História da Educação, propiciando-me oportunidades de crescimento profissional e pessoal, e uma nova forma de ver e “fazer História”, tornando-se um grande amigo. Professor: pela sua exigência, orientação, paciência e amizade, o meu agradecimento.

À Prof<sup>a</sup> Dra. Eliane Peres, amiga, intelectual competente e solícita, pela confiança que depositou em mim desde o primeiro encontro (ainda antes do teste de seleção para o Mestrado), pelo incentivo, compreensão, tranquilidade e paciência; instigou-me a percorrer os caminhos da pesquisa em relações de gênero e História da Educação, indicando-me e emprestando-me livros e textos que me foram muito úteis, bem como não me deixando desistir do Mestrado quando, por problemas particulares, quase o fiz — Eliane: minha gratidão e carinho!

À Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Stephanou, que acreditou na relevância da temática e dispôs-se a vir de Porto Alegre (da UFRGS) por ocasião da defesa do Projeto de Dissertação, no exame de qualificação, incentivando-me e fazendo-me sugestões pertinentes que possibilitaram a ampliação do meu horizonte na pesquisa, bem como, através de suas falas e textos esclarecedores sobre a relevância da “memória” na História da Educação, desafiou -me a percorrer novos caminhos e a andar “por mares nunca dantes navegados”. Obrigada.

Ao Prof. Mestre Eduardo Arriada, que, de forma solícita, emprestou-me livros e foi sempre receptivo às minhas solicitações, o meu agradecimento.

À Prof<sup>a</sup> Dra. Lúcia Maria Vaz Peres, com quem cursei a disciplina “Imaginário, Cultura e Educação”, como aluna especial, e que me “íntimou” a fazer o teste de seleção do Mestrado. Introduziu-me no estudo do Imaginário, valorizando o poético, o sonho e o devaneio como outra forma de “ver” e produzir conhecimento (transgredindo as convenções formais de construção científica) e abrindo possibilidade de outras formas de “ser” e “estar” no mundo. Obrigada, Lúcia, a tua “íntimação” me trouxe até aqui.

Às colegas da URCAMP/Bagé, Prof<sup>as</sup> Doutorandas Maria de Fátima Cóssio e Rita Cóssio Rodrigues, e Prof<sup>a</sup> Mestre Ana Maria dos Santos, que acreditaram em mim como profissional e me possibilitaram ampliar o trabalho na Universidade, incentivando-me a vencer as dificuldades e a ingressar no Mestrado em Educação. Também estendo meu agradecimento à Psicopedagoga Maria da Graça Aviotti pelo incentivo e insistência para que eu viesse para o P.P.G. – Educação, na UFPEL, e à Prof<sup>a</sup> Maria Diana Fissel Ferrugem, Diretora do Centro de Ciências de Educação, Comunicação e Artes, ao Dr. Adair Teixeira, Diretor do Centro de Ciências Jurídicas, e ao Prof. Mestre Orlando Brasil, Coordenador do Curso de Comunicação Social, da URCAMP/Bagé, pelo incentivo recebido. Amigas e amigos, a vocês o meu carinho!

Às minhas alunas do Programa de formação de Professores em Serviço/ Pedagogia, da URCAMP/Bagé/2003, que prontamente aceitaram ser o *corpus* onde se desenvolveu a pesquisa empírica, respondendo aos questionários, entrevistas e à técnica instigadora que apliquei, confiando em mim a ponto de me relatarem vidas e experiências pessoais e profissionais. Sem vocês, este trabalho não teria sentido!

Ao meu irmão Willian Guedes, ‘Billy’, poliglota, professor de línguas da Universidade, meu crítico e meu amigo, que transpôs para o inglês e o espanhol o meu resumo e, embora muito ocupado, sempre achou tempo e paciência para me ouvir, respeitando-me como pessoa e acreditando no meu trabalho como pesquisadora e como mulher, apesar de, muitas vezes, discordar diametralmente de mim, o que muito me auxiliou. Obrigada, meu irmão.

À minha filha Ricarda, que, na plenitude de sua adolescência, suportou pacientemente as constantes “ausências” da mamãe, quando eu vinha, semanalmente, a Pelotas, e o fato de, estando em casa, “estar sempre ocupada, lendo ou escrevendo”, compreendendo o quanto o Mestrado significava para mim, uma vez que era um sonho que tinha sido acalentado e adiado durante 20 anos.

Ao meu filho (e ex-aluno) Emanuel Antonio, jornalista responsável e ético (e, ao mesmo tempo, meu crítico ferrenho), que, com posições muitas vezes divergentes, exigiu de mim argumentos contundentes, obrigando-me a buscar mais leituras para fazer frente aos nossos “confrontos em família”. Meu filho, pela tua alegria contagiante e entusiasmo peculiares, e pelo teu constante apoio e auxílio, fazendo buscas na Internet, procurando livros e digitando entrevistas junto comigo, o meu agradecimento e carinho.

À minha nora, Valéria, pelo carinho, compreensão, estímulo, companheirismo e auxílio, e porque supriu, junto à Ricarda e ao meu filho, as lacunas deixadas por mim durante este ano e meio. Obrigada!

Ao Uirassu, companheiro e amigo “na primavera ou em qualquer das estações”, que suportou minhas ausências e a pouca atenção que lhe dei neste período e, sobretudo, porque, sendo um típico “gaúcho da fronteira”, abandonou preconceitos arraigados pela sua criação, machista e patriarcal, superando-se e conseguindo me ver como pessoa, profissional e mulher, e, apesar de muitas vezes em posições antagônicas, soube respeitar minhas opiniões (embora com muitas delas não concordasse e não concorde). Essa desconstrução de algumas “verdades” que foram incorporadas e assimiladas durante anos demonstram tua grandeza como pessoa e a certeza de que não me enganei quando escolhi estar ao teu lado, para

seguirmos juntos a trajetória da vida. Eu só poderia amar alguém de quem pudesse me orgulhar! E eu me orgulho de ti!... Obrigada por tudo.

E, por último, mas não por ser de menos importância, e sim, talvez, por ter sido a presença mais decisiva para a consecução deste trabalho, agradeço à minha filha Mauren, bacharel em Direito, intelectual e profissional competente e ética, que, com responsabilidade, carinho e perspicácia, acompanhou todos os passos dessa construção, lendo todos os textos produzidos, fazendo críticas pertinentes, sugerindo correções na redação e no português, e me acompanhando após os seus dias de trabalho intenso na Promotoria, nos fins de semana, e nas longas noites em que eu passei acordada, incentivando-me com o seu habitual: “oh, mãe! Não desiste, não me decepciona!...”, digitando meus textos, orientando-me no uso do computador e, muitas vezes, assumindo o papel de mãe para comigo. Com um imenso e apurado senso de justiça, comungou sempre com a minha indignação no que se refere a todo e qualquer tipo de discriminação, dominação e opressão. Mauren: sem ti, certamente este trabalho não existiria! Reparto contigo todas as conquistas e todas as possíveis vitórias!...

Tenho ainda um agradecimento a fazer: agradeço a Deus por dar-me filhas e um filho e nora compreensivos, competentes, cúmplices, amigos, incentivadores, críticos comprometidos com a equidade e a justiça, e que, desde muito jovens, souberam entender as ausências da mãe sem cobranças, valorizando o meu trabalho e a minha opção de vida comprometida com as “minhas verdades” e que, materialmente, não lhes tem proporcionado retorno algum que valha a pena, mas que, espiritualmente e de forma ética, os farão, certamente, lembrar da mãe como aquela que “não acertou sempre, mas que sempre procurou acertar!...” Filhas e filho: tenho orgulho de vocês!...

## EPÍGRAFE

‘Tem meu filho cinco anos. A doçura  
Dos costumes, o culto da Verdade,  
O respeito à humana criatura,  
Tudo lhe ensino, desde a tenra idade.

A coragem de olhar a vida escura  
E vencer os tropeços da maldade;  
O auxílio ao fraco, o amor à mulher pura,  
E a força onipotente da Vontade.

Meu Deus, em cuja fé meu filho cresce,  
Meu Deus, em cuja mão meu filho ponho,  
Dá-lhe calma, dá-lhe ânimo e saúde.

Que ele, no mundo que ainda mal conhece,  
**Possa dar Vida a quanto foi meu sonho,**  
**E ser o que eu quis ser... e que não pude!”** (grifo meu)

(Valmira Trindade de Bem)

Nota: escrita no interior da 2ª Zona de Pinheiro Machado (zona rural), Fazenda “Três Reis Magos”, em 27/10/1953, para seu filho, Uirassu Trindade de Bem.

## RESUMO

Este trabalho analisa algumas das repercussões da dominação masculina na região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai no processo educacional e na trajetória profissional das “professoras -alunas” que cursaram o “Programa de Formação de Professores em Serviço/Pedagogia” oferecido pela Universidade da Região da Campanha/URCAMP/Bagé/RS em julho de 2003, casadas ou em união estável e que constroem a História da Educação local no presente.

Sabe-se que a dominação masculina é herança da família patriarcal e da sociedade androcêntrica que influenciou significativamente a formação social do gaúcho no século XIX. Verificou-se que esta se estendeu pelo século XX, parecendo abrandar-se no final do século. Entretanto, na região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai esta ainda está presente, em pleno início do século XXI, pelas peculiaridades da região e através da perpetuação do “Mito” do gaúcho. Foram analisadas as relações de gênero (que se dão principalmente no espaço doméstico) e suas repercussões na vida de professoras que constroem a História da Educação regional no presente.

Verificou-se que esta situação se evidencia mais na zona rural, embora também esteja presente na zona urbana dos pequenos e médios municípios da fronteira. A metodologia baseou-se na aplicação de questionários com questões abertas e fechadas, entrevistas semi-estruturadas para captação da “memória” das entrevistadas e aplicação de uma técnica instigadora. Como eixos de pesquisa trabalhou-se com as manifestações do imaginário Sul-Rio-Grandense, a Formação Social do Gaúcho, a Dominação Masculina e suas interfaces na vida das participantes e a construção histórica da sua trajetória na História da Educação. A pesquisa seguiu uma abordagem quanti-qualitativa, com predomínio da qualitativa, sendo os dados analisados de forma descritiva. Percebeu-se a necessidade urgente de estudos sobre relações de gênero na Academia, com vistas à construção de nova História da Educação Regional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dominação masculina – fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai – professoras-alunas – mito do gaúcho – processo educacional – trajetória profissional – História da Educação.

## ABSTRACT

This paper intends to analyse some effects of male dominance on the borderline area between Rio Grande do Sul, Brazil and the Eastern Republic of Uruguay upon the educational processes and professional carriers of such “student-teachers” who were attending the Program for Teacher Formation on the Job in the area of Pedagogy sponsored by the Universidade da Região da Campanha (Southernmost Plains Area University)/URCAMP/Bagé/RS, during the month of July 2003. These subjects were either married or engaged in a stable marital-like union and they are expected to build the present day local History of Education.

It is common knowledge that male dominance is inherited from the patriarchal family unit and the androcentric society that significantly influenced the formation of the “gaucho” society all along the XIXth Century; such a domination process was extended throughout the XXth Century until it began to peter out during the last decades. However, in the borderline area between southern Rio Grande do Sul and northern Uruguay it still makes its presence shown in the first years of the XXIst Century, due to this area peculiarities and by means of the Gaucho myth perpetuation.

Gender relationships (particularly those happening within domestic confines) and their effects upon the lives of such female teachers who actually build present day regional History of Education were analysed. This situation is most evident in the country districts, although it is still present in urban areas, especially in the borderline small to middle-size counties.

The methodology employed was based upon the application of open and closed questionnaires, semi-structured interviews for recording subjects’ memories, along with a reaction-provoking visual technique. Research focal points were the manifestation of Rio Grande do Sul State native imagery, the social build-up of the gaucho culture, and male dominance, along with such interfaces that were built toward participants’ lives and the historical development of their trajectories on the History of Education area.

Research adopted a quanti-qualitative approach, biased toward the qualitative side and data was analysed in a descriptive way. The urgent need for further studies on the gender relationships on Academe to bolster up organized resistance movements leading to the writing of a new local History of Education was perceived.

Keywords: Male dominance / RGS-Uruguayan border / Student-teachers / Gaucho myth / Educational processes / Professional carrier / History of Education

## RESUMEN

El presente trabajo hace un análisis de algunas de las repercusiones de la dominación masculina en la región de la frontera del estado brasileño de Rio Grande del Sur con la República Oriental del Uruguay sobre los procedimientos educativos y las carreras profesionales de las profesoras-alumnas que han cursado el Programa de Formación de Profesores en el Trabajo en el área de Pedagogía, ofrecido por la Universidade da Região da Campanha /URCAMP/ Bagé/ RS en el mes de julio de 2003, siendo que algunas eran casadas y otras participantes de relacionamientos maritales estables, las que se suponen han de construir la Historia local de la Educación en el presente.

Es del conocimiento común que la dominación masculina es una herencia de la familia patriarcal y de la sociedad androcéntrica que influyó significativamente en la formación social del gaucho en el siglo XIX. Se constató que ella se desarrolló por todo el siglo XX, pareciendo que se ablandara al final del siglo. Asimismo, en la región de las fronteras de Rio Grande del Sur con el Uruguay se hace aún presente en el comienzo del siglo XXI, dadas las peculiaridades de la región y la perpetuación del mito del gaucho. Fueron analizadas las relaciones de género (principalmente aquellas que se hallan en los confines de los espacios domésticos) y sus efectos sobre las vidas de las profesoras que construyen la Historia de la Educación en el presente, a nivel regional.

Se verificó que esta situación se evidencia lo más en los distritos rurales, aunque también se haga presente en las zonas urbanas de los pequeños y medianos departamentos de la frontera. La metodología adoptada fue la aplicación de cuestionarios abiertos y cerrados, citas semi-estructuradas para la captación de los recuerdos de las sujetas y el empleo de una técnica de sugerencia visual. Como ejes de la pesquisa se ha trabajado con las manifestaciones del imaginario sur riograndense, la formación social del gaucho, la dominación masculina y sus interfaces con las vidas de las participantes del programa, asimismo que las construcciones históricas del trayecto de ellas en la Historia de la Educación. La pesquisa siguió un abordaje quanti-cualitativo con la predominancia de su aspecto cualitativo y los datos fueron analizados de forma descriptiva. Se ha percibido la necesidad urgente de la realización de estudios sobre las relaciones de los géneros en el ambiente académico para apoyar movimientos organizados de resistencia destinados a atañer la construcción de una nueva Historia de la Educación en la región.

Palabras-clave: dominación masculina / frontera del Rio Grande del Sur con el Uruguay / profesoras-alumnas / mito del gaucho / procesos educativos / trayectos profesionales / Historia de la Educación.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	18
1 O PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SERVIÇO/ PEDAGOGIA – HABILITAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS DA URCAMP/BAGÉ .....	40
1.1 O PFPS da URCAMP/Bagé: criação, objetivos, histórico e generalidades.....	40
1.2 O Perfil das professoras-alunas do PFPS da URCAMP/Bagé – Pedagogia, Habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais, em julho de 2003: identificação do universo de pesquisa .....	45
1.2.1 Estado civil.....	46
1.2.2 Faixa etária predominante .....	47
1.2.3 Local onde passaram a infância.....	47
1.2.4 Local onde passaram a adolescência .....	48
1.2.5 Local de residência atual.....	48
1.2.6 Local onde lecionam.....	49
1.2.7 Profissão do pai .....	49
1.2.8 Profissão da mãe.....	49
1.2.9 Profissão sonhada/desejada pelo pai das professoras-alunas para elas.....	50
1.2.10 Nível de escolaridade do pai .....	51
1.2.11 Nível de escolarização da mãe.....	51
1.2.12 Faixa sócio-econômica em que as professoras-alunas “se consideravam” .....	52
1.2.13 Faixa sócio-econômica da qual se consideram fazendo parte “hoje” .....	52
1.2.14 Nível de escolarização do marido.....	53
1.2.15 Profissão dos maridos .....	53
1.2.16 No momento, o marido está trabalhando?.....	54
1.2.17 Quem recebe o maior salário (ou tem a renda maior)?.....	54
1.2.18 Tens filhos(as)?.....	54
1.2.19 Faixa etária em que começaram a trabalhar .....	55
1.2.20 Começaste a trabalhar antes ou depois de casada?.....	55
1.2.21 Outra ocupação antes do Magistério.....	55
1.2.22 Tiveram algum período somente como donas-de-casa.....	55
1.2.23 Deixaram de estudar por algum tempo .....	57
2 O IMAGINÁRIO .....	60
2.1 O imaginário no viés de Gaston Bachelard e Gilbert Durand.....	60

2.2 Representações do Imaginário sul-rio-grandense.....	69
2.3 Manifestações do Imaginário sul-rio-grandense onde se evidencia a presença da dominação masculina .....	74
3 O GAÚCHO DA FRONTEIRA SUL-RIO-GRANDENSE.....	97
3.1 O Rio Grande do Sul – localização geográfica .....	97
3.2 O Gaúcho Antigo.....	99
3.2.1 Um Pouco de História .....	99
3.2.2 O Termo “Gaúcho” .....	100
3.2.3 Gaúcho – o Tipo Social.....	101
3.2.4 O Mito como Regulador Social.....	109
3.2.5 A Família e as Relações de Poder.....	113
4 A DOMINAÇÃO MASCULINA E A DOMINAÇÃO SIMBÓLICA .....	119
4.1 A dominação masculina – com ênfase no viés de Pierre Bourdieu.....	119
4.2 A Violência Simbólica.....	128
4.3 Masculinidade associada a violência.....	132
4.4 “O amor é dominação?” .....	137
5 AS RELAÇÕES DE GÊNERO .....	140
5.1 Um Breve Olhar sobre a História da Resistência das Mulheres à Dominação Masculina .....	140
5.2 A Escola como Instituidora e Reprodutora das Diferenças .....	148
5.3 Possibilidades .....	150
6 AS “MULHERES -PROFESSORAS” .....	159
6.1 As mulheres-professoras.....	159
7 METODOLOGIA: RELATOS DE VIDA DE PROFESSORAS-ALUNAS DO PFPS DA URCAMP/BAGÉ E SUAS CONEXÕES COM A DOMINAÇÃO MASCULINA E AS REPRESENTAÇÕES DO IMAGINÁRIO DA REGIÃO DA FRONTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL COM O URUGUAI.....	175
7.1 Métodos qualitativos, memórias e narrativas orais .....	176
7.2 O Problema e suas Interlocações com os Achados .....	186
7.2.1 O Problema de Pesquisa, o Objetivo e o Corpus da Análise.....	186
7.2.2 As Categorias que Emergiram dos “Achados”.....	200
8 A RESPOSTA AO PROBLEMA PROPOSTO: ALGUMAS REPERCUSSÕES DA DOMINAÇÃO MASCULINA NA FRONTEIRA RIO-GRANDENSE PARA AS PROFESSORAS-ALUNAS (AS MULHERES-PROFESSORAS) CASADAS OU EM UNIÃO ESTÁVEL E QUE CURSARAM O PFPS DA URCAMP/BAGÉ EM 2003 .....	314
CONCLUSÃO .....	346
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	353
ANEXOS .....	361

## LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – O gaúcho livre .....	78
Fig. 2 – O cavalo em direção ao horizonte, o gaúcho em direção à liberdade. ....	88
Fig. 3 – Abrindo a porteira – o cavalo, como o gaúcho, anseia pela liberdade .....	90
Fig. 4 – O gaúcho e o cavalo .....	91
Fig. 5 – O gaúcho nas lutas pelo território . ....	107
Fig. 6 – O galpão .....	111

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nível de escolarização dos maridos.....	192
Tabela 2 - Situação atual do marido/companheiro (se está trabalhando ou não) .....	193
Tabela 3 - Quem recebe salário/renda maior .....	194
Tabela 4 - Pergunta n° 23 do Questionário .....	224
Tabela 5 - Pergunta n° 24 do Questionário .....	226
Tabela 6 - Pergunta n° 18 do Questionário .....	228
Tabela 7 - Pergunta n° 19 do Questionário .....	229
Tabela 8 - Pergunta n° 13 do Questionário .....	250
Tabela 9 - Pergunta n° 13 do Questionário – Justificativas das Respostas .....	253
Tabela 10 - Pergunta n° 14 do Questionário.....	255
Tabela 11 - Pergunta n° 79 do Questionário.....	267
Tabela 12 - Pergunta n° 76 do Questionário.....	268
Tabela 13 - Pergunta n° 76 do Questionário - Justificativas .....	269
Tabela 14 - Pergunta n° 78 do Questionário.....	271
Tabela 15 - Pergunta n° 53 do Questionário.....	274
Tabela 16 - Pergunta n° 54 do Questionário.....	276
Tabela 17 - Pergunta n° 30 do Questionário.....	277

Tabela 18 - Pergunta n° 31 do Questionário.....	279
Tabela 19 - Pergunta n° 45 do Questionário.....	280
Tabela 20 - Pergunta n° 33 do Questionário.....	281
Tabela 21 - Justificativas das Respostas à Pergunta n° 37 do Questionário .....	286
Tabela 22 - Justificativas das Respostas às Perguntas n° 40 e 41 do Questionário .....	287
Tabela 23 - Pergunta n° 96 do Questionário.....	291

## INTRODUÇÃO

Produzir conhecimentos pelo confronto com posições divergentes, pelo debate, pela desconstrução de algumas verdades acalentadas por anos de história profissional, pela exposição pública de idéias, se causa sofrimento, causa, com maior intensidade, prazer. O prazer de percorrer novos caminhos, de vislumbrar novas possibilidades, de crescer intelectual e pessoalmente.

(Maria de Fátima Cósio)

Este trabalho vem sendo gestado há mais de trinta anos. Embora se saiba do necessário distanciamento entre o objeto de pesquisa e o pesquisador, para que realmente se produza um trabalho científico, não tendencioso, é impossível negar que este trabalho brota das minhas entranhas, gestado com paixão e indignação, sendo “dado à luz” em meio a dores de parto entremeadas de prazer e esperança, e imbuído de um compromisso político na consecução de uma sociedade e uma Educação mais justas, menos excludentes e menos reprodutoras dos interesses dominantes e dos velhos privilégios inculcados pelo discurso “naturalizador” das “diferenças hierárquicas” entre homem e mulher.

Alguns relatos pessoais talvez expliquem as origens deste trabalho:

“Quando conheci meu marido, certa vez, remexendo em velhos papéis, encontrei um amarelado, escuro, com uma letra firme e caligrafia delicada, onde havia um soneto escrito por sua mãe a ele, quando ele completara cinco anos. Indaguei sobre a vida daquela mulher já

falecida, que eu não conheci, e pensei muito no que a levou a escrever aquela poesia... Casada aos dezessete anos, foi morar no interior do município de Cachoeira do Sul/RS, e, querendo muito estudar, foi privada dessa possibilidade pela 'vida de casada', tendo muitos filhos e precisando abrir mão de seus sonhos. Ela queria muito voltar a morar na cidade. Isso só foi possível quando adoeceu, falecendo logo após, bem jovem, aos quarenta e seis anos, deixando duas filhas e seis filhos, um dos quais ainda de colo”.

Dos nove filhos que teve na zona rural, a mais velha, aos dois anos, teve crupe. Sendo uma mulher que lia muito (o que era raro para a época), percebeu que, no campo, não tinha o que fazer com a menina doente: pediu que a levassem para a cidade com a criança. O sogro e o marido, entretanto, decidiram 'não ser necessário'. Naquela noite, a primeira dos nove filhos, a menina faleceu... Que dores contidas, que ânsias de estudar e libertar-se eclodiam, quando escreveu a poesia que coloquei como epígrafe neste trabalho?!...

Uma pessoa cuja história eu conheço, filha de estancieiros ricos da cidade de Pelotas, aos dezesseis anos apaixonou-se pelo capataz da estância. Este 'atreveu-se' em 'pedi-la em casamento', sendo atingido com violência pelo velho relho de cabo de prata do patrão e futuro sogro. Como não fugiu, enfrentando-o com altivez, foi surrado por vários empregados, sendo deixado quase morto à beira de uma estrada, pois 'como aquele peão se atrevera a levantar os olhos para a filha do patrão?!' A jovem foi surrada e trancada no quarto. Cerca de um mês depois, fugiu com o peão, vindo a casar-se com ele e a morar em um rancho, nos arredores de Bagé, no Passo do Salso, onde teve onze filhos. Quando estava prestes à dar à luz a filha mais nova, era uma noite de tempestade. O marido, a cavalo, foi buscar a parteira, mas o rio havia enchido rápido, e ele foi levado pela correnteza da enchente. Ela teve sua criança sozinha. No outro dia, trouxeram-lhe o corpo do marido morto. Juntou os filhos pequenos e, levando com

orgulho a ‘certidão de casamento’ (para provar que ‘havia casado’), bateu às portas do palacete de seu pai, em Pelotas, que não a recebeu (assim como os demais parentes), pois casar com um peão de estância pobre era ‘vergonha demais’ para a Família... Ela, então, entregou cada um dos seus filhos aos padrinhos e, tuberculosa, veio a falecer como indigente na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas”.

Estes são fragmentos de histórias, algumas, entre as muitas que poderia relatar. São como um quebra-cabeças, cujas peças se assemelham a cacos de vidro afiados e que cortam fundo as mãos no momento de “armar -se a figura”...

Estas histórias estavam adormecidas no meu passado. Estas e muitas outras. Até que, em 1999, comecei a trabalhar no Programa de Formação de Professores em Serviço, da Universidade da Região da Campanha – URCAMP, *campus* de Bagé.

Percebi nas alunas (a grande maioria **mulheres**, aliás, como sempre conheci nos cursos de formação de professores: Escola Normal e Pedagogia!), mulheres de meia-idade, maduras, todas na docência das séries iniciais do Ensino Fundamental (exigência do Programa, pois este é ‘em Serviço’), sofridas, algumas precocemente envelhecidas nas longas caminhadas sob o sol e a chuva de suas casas até a Escola, nos mais distantes rincões desta região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, que é a região de abrangência da Universidade, onde o sol é intenso no verão, e o vento, o frio e a geada, no inverno, castigam implacavelmente. Questionei-me, então: essas mulheres serão muito diferentes das outras professoras que estudam nos Programas de Férias? Nos cursos regulares? De onde vêm estas mulheres? O que fazem? Como é sua vida? Como se processa sua docência? Como foi seu processo educacional? Por que são professoras? Como foi ou é sua trajetória profissional??

As lembranças das histórias de outras mulheres, e de muitas mulheres da minha família, “acordaram” e vieram à superfície: mulheres “devotadas”, sofridas, abnegadas, que, esquecendo-se de si, dedicaram-se aos outros membros da família, pelos mais variados motivos, num sofrimento silencioso, digno e conformado. Desde a infância esses fatos me angustiavam. Às interrogações da infância somaram-se as atuais, e me jogaram na busca de respostas.

Por esta razão, lancei-me às leituras, na angústia prazerosa da busca às respostas que me inquietavam desde a meninice. Sempre me perguntei: por que há mais mulheres do que homens na docência das séries iniciais? Isto é um fato recorrente apenas na Região da Fronteira? O fato de viverem na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai acentua as dificuldades visíveis pelas quais passam essas mulheres?

Com o passar do tempo, eu e minhas alunas fomos nos conhecendo mais e elas, informalmente, começam a me relatar suas dificuldades para poder estudar e trabalhar: precisavam de “licença” dos pais e/ou maridos. É o homem da fronteira o “proprietário” de suas mulheres, para lhes “permitir” ou não que estudem e trabalhem? Por que o homem é tido como superior à mulher? Por que o homem “manda” e a mulher “tem” de obedecer? Por que o homem “usufri” e a mulher “tem que se sacrificar” e “abdicar do que deseja”? Por que “quem pode manda e obedece quem precisa”?

Tive uma formação cristã, e desde muito jovem questionava: se “Deus os criou, homem e mulher, iguais em dignidade e direitos”, por que os privilégios para o homem? Por que a mulher tem de abdicar do seu tempo de lazer para “atender o marido”, “servir os filhos”, deixar de estudar ou trabalhar no que gosta para “dedicar-se à família”? Por que “à mulher”, e

o homem não? Por que a “meritocracia” instituída do “sacrifício feminino”, do “sacerdócio da mulher”, da “natural” (naturalizada!) submissão da mulher? Por que a própria Igreja impede à mulher as ordens clericais (pensava eu nos tempos de jovem), mas tem em Maria (mulher) a grande figura da Cristandade? Se Cristo, segundo o relato bíblico, teve seu nascimento anunciado “primeiro” a uma mulher, se o “primeiro” milagre deu -se pela interlocução de Maria (mulher), e se “uma mulher” anunciou aos apóstolos a Ressurreição (e estes não acreditaram na notícia que ela deu, porque ela ‘era mulher’, e foram ao *locus* onde haviam colocado o corpo de Cristo, para só depois desta ‘verificação da verdade’ feita pelos homens acreditarem nela e a divulgarem ao mundo), não seria muita contradição aceitar a subalternidade feminina como institucionalizada pela própria cristandade? Não seria tudo incoerente demais? Mas, durante muitos anos, eu me calei, porque aprendi que as mulheres “deveriam calar”... Contudo, as indagações interiores não calavam: por que aos homens cabe a realização pessoal e profissional, e à mulher cabe apenas a “realização como mãe”? Por que a “melhor profissão para a mulher é o Magistério”, principalmente nas séries iniciais? Por que é preciso ser “mãe” na Escola (e não profissional)? Competência no Magistério seria apenas sinônimo de “extensão da maternidade”? Estas inquietações angustiavam a mim apenas, ou outras mulheres compartilhavam delas??

Durante algum tempo da minha vida, estas perguntas não ousavam procurar respostas. Ficaram submersas, latentes. Entretanto, ao menor descuido afloraram à superfície. A banalizada resposta de que “sempre foi assim” não me parecia justa. Nem cristã. Nem coerente.

Como Guacira Louro diz de si em uma de suas obras, semelhante a ela, eu fui uma menina “dócil, delicada e comportada”. Adquiri uma extrema timidez e insegurança. Mas, aos

poucos, comecei a emergir das sombras, a “usar” apresentar meus argumentos e defendê-los, a me expor, a deixar de ser a “moça bem comportada” que “sempre cumpria as ordens”, sem discutir, e a apresentar ao mundo “poderoso e masculino” a minha resistência. Esta luta não era só minha: era o resgate da justiça e da equidade para “todas as descendentes de Eva”, era a necessidade de um engajamento político que opusesse resistência efetiva e mobilizasse forças para tirar as mulheres da penumbra onde haviam sido condenadas a ficar, se possível, por “toda a eternidade!”...

Quando, em 1999, começou, na URCAMP/Bagé, o PFPS – Programa de Formação de Professores em Serviço – Pedagogia, Habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais, e fui convidada para atuar como docente no Programa, no campo de conhecimento de História da Educação, percebi que a maioria das alunas integrantes do programa, as “mulheres-professoras”, estavam numa faixa etária bem mais avançada do que as alunas da Pedagogia do curso regular. Procurei saber de onde vinham e percebi que um grande número era da zona rural do município e municípios vizinhos, pertencentes à Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai; outras, da periferia de Bagé e/ou da periferia desses municípios. E me indaguei: por que essas mulheres buscavam agora o Ensino Superior? Seria por uma necessidade legal (Lei 9.394/96) ou por que não poderem tê-lo cursado antes? Mas, se não puderam estudar antes, qual o motivo? Seria a situação econômica? A distância de onde residiam até a Universidade? E o que me intrigava ainda mais era: essas mulheres “eram” ou “estavam sendo” professoras?

Com o correr dos dias, observei que algumas pareciam não ter pressa de voltar para casa; outras, “disparavam”, como que assustadas, quando terminavam os períodos de aula.

Após o primeiro fim-de-semana (sábado e domingo sem aulas), na segunda-feira, quando voltaram, muitas delas pareciam mais cansadas do que na sexta-feira anterior. Por quê??...

Através, então, de nossas conversas, fiquei sabendo algumas respostas: ‘Não tenho pressa de voltar para casa, **nem vontade de voltar!**...’ Outra: ‘Tenho que chegar em casa ‘x’ minutos após o horário do término das aulas, **senão meu marido (companheiro) fica brabo comigo e é capaz de ‘não me deixar continuar o curso’**’. Outra: ‘Estou muito cansada: quando cheguei em casa no fim-de-semana, **estava tudo por fazer**: tive que limpar a casa, lavar a louça que estava suja e empilhada, lavar a roupa, deixar a comida pronta para a semana.’ E estas respostas foram se repetindo, sendo muito recorrentes. Algumas falavam baixinho, parecendo ter medo desses desabafos: ‘Ah, se meu marido sabe que eu lhe contei, professora, **a senhora nem sabe o que vai me esperar em casa!**...’ ‘Professora, eu não estudei antes porque o meu pai não deixou!’ ‘Eu não fiz faculdade antes **porque casei e meu marido não deixou.**’ ‘Eu não queria ser professora, mas, se eu quisesse estudar, **tinha que ser o Magistério!**’ A presença da “**permissão**” do **pai** ou do **marido** era muito freqüente. E eu me perguntava: onde estava a autonomia, o poder decisório destas mulheres, a sua cidadania?...

‘Professora, eu não queria ser professora. **Foi meu pai que me obrigou.** Agora, **até que eu gosto...**’ – a opção profissional não foi, então, em muitos casos, uma verdadeira opção, e sim uma “**determinação**” do pai?

‘Professora, eu chego em casa e **tenho que fazer tudo! Meu marido não me ‘ajuda’ em coisa alguma!**’ – o que me permitiu inferir que a participação do marido nos afazeres domésticos era vista como uma **condescendência deste, um “favor” que ele**

**“generosamente”** prestaria à mulher, como se ela não participasse, com o seu salário, para o orçamento doméstico – o que não é visto como favor, mas como colaboração mútua e obrigatoriedade legal pela Constituição Federal de 1988 e pelo Novo Código Civil, art. 1.568.

Em 2000, 2001, 2002, vi os mesmos quadros e ouvi as mesmas estórias. E outras mais: “Às vezes, estou **tão cansada que não tenho tempo de preparar minhas aulas nem de estudar. Aí, na Escola eu improviso.**” “Não marque muitas leituras para o fim -de-semana: **a gente não tem tempo para ler em casa!**” – o que me fez pressupor que a qualidade do trabalho docente desenvolvido certamente deixaria a desejar, pois ficaria, muitas vezes, no “improviso”, e, não havendo o tempo para “muitas leituras”... o que poderia acontecer?? Uma aluna me disse: “Professora, **eu detesto ser professora**, não sei como é que a senhora gosta! **Eu só sou professora porque o meu pai me obrigou!...**”

Estas questões, postas por um grande número de professoras-alunas, reacenderam minha chama de indignação. Eu precisava estudar isto, analisar, conhecer mais, para poder, em conhecendo, auxiliar (ou tentar modificar) situações injustas que pareciam “naturalizadas” e se perpetuavam ao longo da História, desde a inserção da mulher na prática docente (século XIX) até o início do século XXI.

Fez-se imperioso, então, para mim, estudar as relações de gênero e suas interfaces com a Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, permeadas desde a formação social do gaúcho pela dominação masculina, pelo militarismo, pela oligarquia rural e pela família patriarcal, que fez parte do passado, mas que, podia perceber, continuava existindo, mascarada, no tempo presente. E me indagava: é o gaúcho da fronteira um tipo ainda dominador? E, se o é, será por suas origens rudes, marcadas pelas lutas e intempéries? Essas

mulheres têm medo dos pais e maridos. Por quê? De quê? A situação de dominação ainda existe: mas por que continua tão forte? O que contribui para isso? Que **repercussões** essa dominação masculina que é **perceptível** traz para o processo educacional e a trajetória profissional dessas mulheres-professoras que cursam o PFPS da URCAMP/Bagé?

O tema é muito amplo e complexo. Fez-se necessário delimitá-lo, o que foi uma tarefa bastante difícil. Parecia-me que, em delimitando-o, sempre ficaria faltando algo. Mas a delimitação do tema é uma necessidade acadêmica, em vista do tempo de que se dispõe e do propósito de uma Dissertação de Mestrado. (Porém, isso não significa que o assunto não possa ser retomado, sob outros enfoques, sob outros vieses, sob outras variáveis, em trabalhos posteriores, o que, certamente, será feito por mim.)

Elegi, então, como problematização da minha dissertação de mestrado:

*“Quais as REPERCUSSÕES da dominação masculina – ainda presente na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai – no **processo educacional** e na **trajetória profissional** das professoras-alunas casadas (ou em união estável) do Programa de Formação de Professores em Serviço/Pedagogia, habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais, da URCAMP/Bagé, no início do século XXI (ano de 2003)?”*

Justifico a escolha das mulheres casadas (ou em união estável) porque estas são a maioria do universo de professoras-alunas do Programa, e escolhi as três turmas que estavam em andamento, em julho de 2003, para ser o objeto de pesquisa (porque as turmas de 1999 já concluíram o curso e seria muito difícil encontrá-las: ou residem no interior do município ou no dos municípios vizinhos, ficando sem saber como localizá-las, e sabendo que muitas já

foram transferidas de Escola), e as turmas de 2003 se encontrariam todas em Bagé durante o mês de julho, em que o ensino é presencial, tendo representatividade de todas as cidades da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.

Como objetivo geral desta investigação, elegi: “Analisar algumas das repercussões da dominação masculina presente na região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai no processo educacional e na trajetória profissional das professoras-alunas que estavam cursando o PFPS/Pedagogia da URCAMP/Bagé em julho de 2003, casadas ou em união estável.”

Surgiram-me muitas dúvidas quanto ao caminho a percorrer para a investigação, pois o assunto é bastante complexo e difícil de ser delimitado, bem como a abordagem enveredaria pelo caminho da subjetividade para desvendar a história destas professoras. Pensei: poderiam os achados serem generalizados? Certamente não, pelo menos *a priori*; procurei, então, realizar a pesquisa numa abordagem qualitativa. Havia muitas trilhas a seguir: em pleno início do século XXI, a mulher já conquistou espaços no campo pessoal e profissional, adquirindo um grau certo de autonomia e independência (principalmente as que obtêm uma titulação superior ou cursam a Universidade); então, por que estas mulheres, em meio a um curso superior, ainda me pareciam tão submissas, apagadas, subjugadas, dependentes dos homens (pais e maridos)? Esta situação seria confirmada pela pesquisa, havendo características semelhantes (aproximadas) ou diferentes entre as alunas da zona rural e da zona urbana? A Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, por suas peculiaridades, teria influência na manutenção desta relação de dominação do homem em relação à mulher ao longo do tempo? A formação social do gaúcho, o mito do gaúcho, as representações do Imaginário, que subjaz à cultura de qualquer sociedade, influencia esta continuidade de sociedade androcêntrica? O Programa de Formação de Professores em Serviço (PFPS) é um

*locus* propício, pelas características de suas professoras-alunas, para que esta dominação seja tão acentuada? Existe algum tipo de resistência e possibilidades de alteração neste quadro, que, *a priori*, parece quase inalterado e tão conservador, destoando das propostas de cidadania do Terceiro Milênio? Alguma vez elas teriam se detido ou haveriam tido oportunidade para refletir sobre as relações de gênero (que é um assunto ainda recente na Academia e, na nossa região, é uma reflexão que inexiste nos Cursos de Formação de Professores)? Que repercussões a dominação masculina trouxe para a vida destas mulheres, uma vez que se processa notadamente no espaço doméstico? Atingiu seu processo educacional, sua opção preferencial pelo Magistério nas séries iniciais, repercutiu na sua trajetória profissional e na qualidade do seu trabalho docente?

Deparei-me então com outra indagação: que metodologia usar para realizar a pesquisa: entrevistas, relatos orais, narrativas de vida, baseados na memória como um meio de se “fazer História”? Como iria circunscrever, demarcar, restringir a pesquisa, se esta necessita ao mesmo tempo ser delimitada, datada e contextualizada? Ainda me angustiei com outra dúvida: conseguiria realizar o trabalho, *interagindo* em determinados momentos e *mantendo a distância necessária* em outros para atender o caráter científico da pesquisa e analisar os dados sem manipulá-los ou interpretá-los de forma tendenciosa – uma vez que o tema tem muito a ver com minha história de vida?

Mas não podia mais desistir: tornou-se imperioso correr os riscos e ir adiante, procurando dar “vez” e “voz” àquelas que vêm sendo encobertas, silenciadas, que são as anônimas construtoras da educação e da História da Educação neste “garrão do Rio Grande”, onde tudo é impregnado por belezas naturais ímpares, mas onde as mulheres “amam, esperam e sofrem”...

Como respostas provisórias ao problema a que me dispus perquirir, fui buscar a formação social do gaúcho da fronteira, que, na minha visão, instituiu-se historicamente como superior à mulher e continua incentivando esta “superioridade masculina” de vários modos, através das mais variadas representações do Imaginário local, inculcando-a nos *meninos* e cobrando-a nos homens (crianças, adolescentes e adultos), através do “Mito do Gaúcho” e do culto à tradição e aos valores do passado, através de uma educação machista e conservadora. Este gaúcho “naturalizou” a subalternidade e dependência da mulher, inculcando -a no *habitus* que se instituiu, baseado nas diferenças biológicas e no poder econômico, do qual o homem, por uma questão histórica, mantém a hegemonia. As professoras-alunas do PFPS da URCAMP/Bagé (casadas ou em união estável), no início do século XXI (2003), certamente apresentam várias repercussões da dominação masculina, tanto em seu processo educacional como na sua trajetória profissional, tais como: a desqualificação no trabalho docente, a superexploração do trabalho feminino no âmbito doméstico (o que, por consequência, propicia a desqualificação profissional), a dominação masculina que se evidencia mais no espaço doméstico (pais, marido, irmãos), mas *reflete-se* no espaço público (pela falta de autonomia e poder decisório, pelo medo e insegurança, pela falta de liberdade, pela baixa auto-estima, pela escolarização superior tardia e o Magistério das séries iniciais do Ensino Fundamental tido como ‘opção’ profissional mais apropriada para a mulher, sendo, muitas vezes, a única possível). A dominação masculina é mais marcante na zona rural do que na zona urbana, embora também nesta se faça presente (e presença marcante), evidenciando-se em várias manifestações do Imaginário da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e que fazem parte do cotidiano doméstico e público, tais como: literatura, músicas, ditados populares, iconografia e símbolos variados (repercutindo na Escola); e que, *a priori*, a instituição do Mito do Gaúcho, inculcado pelo poder dominante e pelas instituições sociais, tem uma leitura, na atualidade, diferente, para as professoras-alunas (mulheres-professoras),

principalmente aquelas que residem na zona rural, daquela que é realizada pelos homens, inclusive rejeitando de forma tácita o ‘Mito do Gaúcho da Fronteira’, como uma forma de resistência possível, por conviverem com o gaúcho do pampa no cotidiano, conhecerem seus hábitos e atitudes (e sofrerem com eles!) Entretanto, sem com isto ter a intenção de generalizar.

Procurei desenvolver, então, o trabalho através da contextualização da investigação: identificando o PFPS da URCAMP/Bagé, para situar o *corpus* e o *locus* da pesquisa. Incursionei pelos caminhos do Imaginário, procurando na obra de Gaston Bachelard e Gilbert Durand, fundamentar que o poético nas manifestações do Imaginário também são uma forma de produzir conhecimento científico, acreditando que os momentos históricos são subjetivados, expressos de maneira simbólica nas mais variadas formas de representação e discurso, tais como: os ditados populares, as poesias, a música (ex., ‘Morocha’, de Mauro R. Ferreira e Roberto S. Ferreira e outras muito conhecidas – ver Anexo F) e a iconografia (valendo-me de três desenhistas populares da atualidade, conhecidos na região da fronteira, e, neste trabalho, identificados como ‘A’, ‘B’ e ‘C’), para verificar se essas representações, que são, para os homens, instituidoras e reprodutoras do mito do “gaúcho-herói”, “centauro do pampa”, realmente possuem para as mulheres-professoras o mesmo ou outro olhar, diferente da linguagem simbólica proposta pelos homens. Procurei analisar a **Formação Social do Gaúcho**, valendo-me de um Referencial Teórico baseado em Tambara, Coni, Jacques, Reverbel, Pesavento, Zanutelli e outros, que são indispensáveis para se conhecer o gaúcho e as peculiaridades do Rio Grande. Busquei a **Dominação Masculina**, segundo o enfoque de Pierre Bourdieu, com o qual comungo, e procurei fazer uma reflexão sobre as **Relações de Gênero**, segundo Joan Scott, Guacira Louro, Ruth Sabat, Tomaz Tadeu da Silva, Eliane Peres, Marilena Chauí, Montserrat Moreno e outros, detendo-me nos conceitos de

feminização e a feminilização do Magistério, com base nos estudos de Elomar Tambara, Alcía Fernandez, Michel Apple e outros.

Acreditei no potencial da memória individual e coletiva das mulheres-professoras, alunas do Programa de Formação de Professores em Serviço/Pedagogia da URCAMP/Bagé – 2003 (meu objeto de pesquisa empírica), enveredando por um outro modo de fazer história, baseando-me na “memória” sob o olhar de Maria Stephanou, Maria Helena C. Bastos, Paul Thompson, e assim permitindo fossem visibilizadas estas mulheres que ficam incógnitas, à margem da História da Educação, mas que a fazem e a constituem nos mais longínquos rincões anônimos da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, na “Campanha”, no interior, na zona rural e nas pequenas cidades e vilas fronteiriças, na esperança de que estas sejam reconhecidas e legitimadas em seus múltiplos papéis.

As alunas do Programa são todas docentes, atuando nas séries iniciais do Ensino Fundamental, com uma faixa etária média de 30 anos para cima: são poucas as mulheres jovens. Notei, entretanto, um desejo intenso de busca, de (re)construção de conhecimentos, que lhes permitisse uma prática pedagógica mais efetiva e com mais qualidade. Parecem elas querer “aproveitar” *todos os momentos das aulas*, encarando o curso com uma seriedade *sui generis*, procurando viver profundamente cada minuto na Universidade. Não se apresentam desanimadas e não reclamam dos períodos presenciais intensos depois de um ano ou um semestre de trabalho (pois o ensino presencial dá-se sempre em janeiro e julho, épocas em que, em Bagé, as temperaturas são normalmente extremas: é muito o calor abafado no verão e o frio e a chuva intensos no inverno).

Estas mulheres (heroínas anônimas) ficam longe de suas casas, e estão aqui sedentas de conhecimento, sem queixas dos períodos exaustivos de aula (10 h/a por dia, 5 h/a pela manhã e 5 h/a pela tarde), questionando, perquirindo, sugando dos professores sempre mais, com um interesse bem maior até do que muitas das alunas do Curso de Pedagogia regular. Vêm com os rostos queimados pelo sol e pelo vento da vida no campo e as mãos calejadas da lavoura, de trabalhar no campo e em casa, com o excesso dos afazeres domésticos acumulados aos de “corrigir os cadernos das crianças”, preocupando -se porque não dispõem de tempo suficiente para preparar “boas aulas” e/ou “bom material didático”, atendendo muitas vezes turmas multiseriadas, em escolas sem água encanada, luz ou banheiro, tendo de deslocar-se muitas delas ainda em plena madrugada para suas escolas e, muitas, retornando às suas casas apenas ao anoitecer.

Elas me parecem gigantescas na sua humildade, nas lágrimas saudosas dos filhos, no “respeito” (ou medo?) dos maridos que, numa “condescendência generosa”, “permitem” que elas venham para Bagé estudar!!... E, quando retornam às suas casas, a maioria, como a Cinderela da estória, têm que “terminar todas as tarefas” para que, na segunda -feira, muito cedo, ainda madrugada, possam viajar para Bagé e “vir para o baile”...

A pesquisa qualitativa permite uma “tomada de posição” por parte do investigador, “quebrando os limites **artificiais** [grifo meu] entre sujeito e objeto do conhecimento, em nome da objetividade e da neutralidade científicas [...], pressupondo a necessidade de uma tomada de posição política por parte do investigador” (HAGUETTE, 2000, p. 21).

Diz Haguette:

Por trás delas [das questões metodológicas] situa-se, em última instância, sua visão de mundo [a do investigador] ou sua ideologia que fornecerá o substrato de sua crença na forma como a sociedade se mantém, na inevitabilidade desta manutenção ou na possibilidade e necessidade de uma transformação. (HAGUETTE, 2000, p. 18).

A visão de mundo do pesquisador como analista do que “pensa ver”, de intérprete das experiências alheias (dada a complexidade do ‘real’), interfere, certamente, na leitura que ele faz deste ‘real’, pois captar o ‘real’ é uma utopia, bem como a complexidade humana e suas relações em constante movimento impossibilitam a generalização dos “achados” de uma investigação nesta abordagem. Entretanto, alguns fatos relatados e atitudes, levam a perceber uma certa recorrência, que não é essencial à pesquisa, porém se constitui em mais um dado sobre esta. Sabe-se que a mente humana é seletiva, e “o que cada pessoa seleciona para ‘ver’ depende muito de sua história pessoal e de sua bagagem cultural” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 25), assim, as leituras que faço desta investigação são, certamente, influenciadas por minha história pessoal – o que me levou constantemente a organizar, questionar e reorganizar meu trabalho de pesquisa para que não deixasse de ser “um instrumento válido e fidedigno de investigação científica” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 25), para se tornar apenas um trabalho apaixonado e literário de resistência à dominação masculina, à denúncia do arbítrio, calcado no poder econômico e na hegemonia masculina, para ater-se à opção pelos oprimidos, e, no caso, às mulheres oprimidas, em suas múltiplas variáveis de sexo, situação econômica, etnia, e subalternidade socialmente construída (mas ‘naturalizada’) – numa sociedade que instituiu o homem como o “chefe de família”, e o “detentor de poder econômico”, como aquele que possui o seu poder ratificado pela “força que move o mundo” – o capitalismo selvagem subsumido no poder que o dinheiro atribui a quem o possui.

Minhas angústias me levaram a optar por um trabalho compromissado com a justiça e a equidade, mas, ao mesmo tempo, procurando manter o rigor científico, obrigando-me a forçar um distanciamento do objeto de pesquisa em muitos momentos, embora, noutros, interagindo, atingindo e sendo atingida pelo objeto pesquisado. Ficou claro, entretanto, ao final do trabalho, que prevaleceu a consciente opção pelas mulheres oprimidas e o compromisso ético e político de resistência ao *status quo*.

Somente os homens [e as mulheres – complemento meu] que crêem apaixonadamente nos valores e põem em jogo uma vontade apaixonada podem chegar a ser grandes cientistas. (SOMBART, *apud* HAGUETTE, 2000, p. 22)

Optei, sob sugestão do meu orientador, pela aplicação de um questionário a todas as alunas casadas ou em união estável do Programa, para, embora sem generalizar, levantar um perfil destas alunas, quanto à idade, grau de escolarização de seus pais e mães, profissão destes, região de moradia (Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, zona rural ou urbana), situação sócio-econômica, escolaridade, profissão, para poder traçar um estudo que permitisse aproximar ou contrastar as respostas das alunas da zona rural com as da zona urbana, bem como descobrir o porquê do Magistério como profissão preferencial, utilizando-me aqui de uma abordagem quanti-qualitativa, apresentando elementos complementares de validação da investigação realizada, pois a indicação de algumas proporções (‘cerca da metade, a quase totalidade, menos da metade’) oferece subsídios, certamente, para a compreensão e interpretação do objeto de estudo sem, entretanto, servir para generalizá-lo de forma conclusiva e/ou exaustiva.

Em uma turma, a que tive menor carga horária de aulas, e com a qual convivi menos tempo, apliquei uma técnica instigadora, sugerida pela Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Stephanou por ocasião da qualificação, problematizando, pelas representações do Imaginário sul-rio-

grandense, as relações de gênero. Solicitei às que quisessem ser entrevistadas sobre o assunto que, após o horário das aulas, agendassem comigo hora e local para as entrevistas, optando por esta forma especial de interlocução com as entrevistadas (partindo delas e desejo de serem entrevistadas) por considerar a atmosfera de influência recíproca que a entrevista proporciona, e sem querer impor uma invasão de privacidade indesejada, sendo um fator importante na coleta de dados a confiança delas em mim. As entrevistas permitem interpretar gestos, silêncios, rubores, hesitações na fala ou no modo eloqüente de relatar. A entrevista por opção delas me proporcionaria de forma mais espontânea “ver” mais aquilo que me seria dito, negado ou silenciado. Utilizei-me do gravador, como meio de registro, e após cada entrevista, anotei ou gravei (após as falas) as observações que fiz sobre as entrevistadas.

Optei por estas técnicas de coleta de dados variadas, tendo em vista a complexidade do assunto abordado e como uma forma de validar ou não as informações obtidas, numa análise descritiva dos dados, procurando “unidades de sentido” nestes relatos, orais, sem contudo me utilizar de uma construção histórica linear e pontual, embora situada num espaço-tempo presente, procurando registrar e (re)escrever uma história do presente entremeada com o passado (e pude notar, ao final, o quanto este ‘passado’ está ‘presente’!...), reconstituindo fragmentos de vida aparentemente dispersos e fazendo conexões entre passado e presente, desconstruindo a visão de história de vida seqüencial, seriada, hierarquizada e discursiva. Entretanto, consciente da seletividade da memória, e, ao mesmo tempo, procurando extrair dessa seletividade dados relevantes, sabedora de que não existe uma verdade única e que os relatos orais são sujeitos ao momento, ao local em que se dão, a quem se dão, ao instrumento de captação dos dados, à subjetividade de quem fala e de quem ouve, conforme a leitura própria que é realizada naquele momento, na confiança conquistada, nas expectativas de auxílio e “pedidos de socorro” de quem fala ao sujeito/pesquisador que escuta. Sei dos riscos

que se corre com este tipo de pesquisa baseada na memória (mas sei que estes riscos são inerentes a qualquer tipo de pesquisa). E se, por outro lado, reforçam a subjetividade, não a invalidam numa abordagem qualitativa – que é a que me dispus utilizar. Presente e passado se alternam, apresentando uma “versão dos acontecimentos”, e não a “reconstituição” destes.

Quanto às entrevistas, pensei inicialmente em entrevistas semi-estruturadas; mas, optei por um início enfocando o tema (relações de gênero) e deixando as professoras-alunas, depois, livres para falar, sendo a memória, ou melhor, as memórias destas um dos focos da investigação. Utilizei como evocador das memórias dos sujeitos: “como eram (ou como são) as tuas relações como o teu pai?... Como é a tua relação com teu marido?... Com irmãos, filhos homens, alunos homens?... Existiu alguma influência de alguém na tua opção profissional pelo Magistério? Por que decidiste cursar o Programa? Paraste de estudar ou trabalhar por algum tempo? Por quê?”...

Envolvendo processos conscientes e inconscientes, sem compromissos com a fidedignidade de comprovação do real ou ficcional por parte das relatantes (o que seria impossível), mas considerando os “significados” do que foi relatado, procurando verdade s produzidas durante o decorrer do trabalho, procurando a redescoberta dos sentimentos e identidades destas mulheres que vivem no anonimato das escolas e que constroem e reconstroem a História da Educação, a História das Professoras, nos rincões escondidos da fronteira sul-rio-grandense, procurei trazer à superfície essas mulheres submissas, silenciadas, escondidas e esquecidas pela historiografia “oficial”, onde as relações de gênero ainda são permeadas pela dominação, pela exclusão social e pela idéia da superioridade sexista, e onde o homem, o “macho”, é tido como o ser superior, ao qual a mulher deve obediência e submissão. Esta realidade, consubstanciada no Imaginário da região da fronteira do Rio

Grande do Sul com o Uruguai ainda perdura na atualidade. Segundo o discurso da região (Dias, 1998), o gaúcho da fronteira possui características que o distinguem dos demais gaúchos, em decorrência de um estilo de vida marcado pelas lutas em defesa da demarcação do território, pela lida campesina rude, pelo espírito de liberdade, pelo culto aos valores dos antepassados e pela localização geográfica (afastada dos centros mais desenvolvidos) e com um conservadorismo mais intenso, desenvolvendo exacerbadamente o sentimento de posse, decorrente de sua necessidade atávica pela sobrevivência.

Segundo Dias (1998, p. 34):

Quando nos referimos ao gaúcho, esta referência sempre vem acompanhada de características, traços peculiares ao mesmo, a saber: tino, audácia, destreza, rudeza, bravura, sentimento de dignidade, espírito de liberdade, sentimento de posse, **daí originando o machismo** [grifo meu], porque desenvolveram o desejo de impor sua superioridade...

Sabe-se que essa visão foi construída ao longo do tempo, inclusive através da herança judaico-cristã que influenciou a civilização ocidental; entretanto, na zona da fronteira do Rio Grande do Sul, ela é expressa, ainda nos dias atuais, de uma forma acentuada e peculiar. Segundo Dias, graças ao sentimento de domínio sobre tudo e sobre todos, associado à imensidão da planície, o gaúcho foi levado a desenvolver o desejo de impor sua superioridade, o que foi estendido sobre a figura da mulher, que “fazia parte de suas posses e de sua propriedade” (DIAS, 1998, p. 35).

Golin (1987) fala na mulher gaúcha como um ser submisso, vivendo sob o jugo do marido, sendo representada como “mulher adorno”, cuja constatação podia ser vista até mesmo em sua designação como “prenda”.

Segundo Brito (1928, p. 113):

A mulher rio-grandense [...] tem a **virtude da submissão consciente** [grifo meu], acomoda-se bem as condições do marido, a quem ouve e obedece sem constrangimento, **como julga do seu dever** [grifo meu]...

O que causa espécie é que essas “qualidades” inerentes à mulher rio-grandense do século XIX e início do século XX possam vir a ser percebidas (e cobradas da mulher!) ainda hoje, em pleno início do século XXI.

Ao perceber as disparidades entre o discurso oficial de igualdade perante a lei no que se refere aos sexos (pois desde a Constituição Federal de 1988 desapareceu a figura do chefe do casal), o ideal de isonomia e as vivências cotidianas de muitas mulheres da região da fronteira sul-rio-grandense, onde se constata a desigualdade de direitos baseada no critério sexista (havendo inclusive uma disparidade entre a isonomia teórica e legal da igualdade e a prática desse discurso), sinto que emerge a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre as relações de gênero na academia, principalmente na URCAMP/Bagé (onde isto ainda não vem acontecendo).

O trabalho se desenvolverá, inicialmente, dentro de uma abordagem antropológica e sociológica para, em um segundo momento, fazer-se uma análise do tema em sua relação com a História da Educação, a História das mulheres-professoras, o processo educacional e a trajetória profissional destas professoras-alunas que cursaram o Programa de Formação de Professores em Serviço da URCAMP/Bagé, em julho de 2003.

Para esta investigação, faz-se necessário contextualizar o Programa de Formação de Professores em Serviço/Pedagogia da Universidade da Região da Campanha/Bagé, observando quando este foi criado e com quais finalidades, como se dá o seu desenvolvimento

e suas interconexões com as características peculiares da gente e do *modus vivendi* da região da fronteira.

Retornando o que foi dito anteriormente, a pesquisa desenvolve-se em torno de seis eixos: o Programa de Formação de Professores em Serviço e o perfil de suas alunas na URCAMP/Bagé – 2003; o Imaginário e suas representações, como uma das formas de instituir e manter a dominação masculina na região; a formação social do gaúcho da Fronteira e seu *ethos*, fazendo as conexões com a dominação masculina existente no contexto em que a investigação se dá; a dominação masculina e a dominação simbólica com suas repercussões no processo educacional e na trajetória das professoras-alunas do PFPS, realizando-se ainda uma reflexão sobre as mulheres-professoras e as relações de gênero, através de uma metodologia variada e de uma investigação com uma abordagem quanti-qualitativa, cujos achados, após suas interlocuções com o problema de pesquisa, serão relatados de forma descritiva. É difícil, porém, analisar estes eixos de forma fragmentada, pois todos se encontram entremeados, perpassando-se uns aos outros, em uma teia relacional indissociável.

# **1 O PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SERVIÇO/ PEDAGOGIA – HABILITAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS DA URCAMP/BAGÉ**

Em que medida [...] os muitos saberes ajudam a gestar vida antes da morte?

E propiciam uma sociedade na qual todos possam saber?

(Hugo Assmann)

## **1.1 O PFPS da URCAMP/Bagé: criação, objetivos, histórico e generalidades**

Tendo em vista a necessidade de transformar as Escolas em locais que devam fazer frente às exigências do mundo contemporâneo, dentro de um Paradigma Educacional Emergente ou Pós-Moderno, os diferentes países, através das Universidades, vêm realizando grandes investimentos na área de formação, aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional dos(as) professores(as) que contribuem com seus saberes, valores e competências para a (re)construção do conhecimento e de novas práticas sociais menos excludentes e socialmente injustas.

A democratização do ensino e da sociedade passa necessariamente pelos(as) professores(as), sua formação e condições de trabalho, na busca do que tem se configurado

como “professores(as) reflexivos(as)”, capazes de (re)pensar o mundo e de *nele intervir*, profissionais com capacidade de decisão e autonomia, prática de pesquisa, criticidade e qualificação.

No mundo massificado e globalizado em que se vive, a inserção consciente e atuante dos(as) professores(as) nele como sujeitos e como autores significa dotá-los(as) de perspectivas de análise que os(as) auxiliem a compreender os contextos histórico/social/cultural/organizacionais nos quais se processa a atividade docente, como expressão do saber pedagógico. Este acontece numa instituição social historicamente construída – a Escola – e o espaço universitário é o *locus* por excelência para propiciar estas reflexões (reflexões antes da ação, reflexão na ação, reflexão sobre a ação e sobre a reflexão na ação) do fazer pedagógico, como uma prática pedagógica que é, também, eminentemente social.

Toda prática social é determinada por um jogo de forças (interesses, motivações, intencionalidades), pelo grau de consciência de seus atores; pela visão de mundo que os orienta; pelo contexto onde esta prática se dá; pelas necessidades e possibilidades próprias a seus atores e próprias à realidade em que se situam. (CARVALHO & NETTO, *apud* PIMENTA, 1999, p. 45)

Esta prática pedagógica e social é um processo que, ao mesmo tempo, “se reafirma e se supera”, levando o professor a enfrentar problemas novos e, para os quais, deve estar capacitado.

Sabe-se que muitos professores não tiveram oportunidade de cursar a Universidade em tempo oportuno e/ou dentro de um período de oferecimento de cursos superiores em períodos regulares, por falta de condições financeiras ou por estarem no mercado de trabalho nos horários em que os cursos são oferecidos, ou por problemas econômicos e/ou familiares e culturais. Estes sujeitos, entretanto, devem buscar a Universidade para a construção de novos

saberes e a Universidade, dentro de seu fim social, deve possibilitar-lhes um retorno ao espaço acadêmico, para um aprimoramento que lhes possibilite novas visões, inserções e oportunidades.

O Programa de Formação de Professores em Serviço – PFPS, reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC e oferecido pela URCAMP/Bagé, é eminentemente voltado para uma discussão pedagógica atual e social, estimulando a pesquisa, necessária a uma sociedade contemporânea, caracterizada pela postura investigativa frente à realidade; os professores que não puderam cursar antes a Universidade necessitam que esta lhes seja oferecida, de modo que, em ingressando na Universidade, esta lhes propicie compreender o mundo e nele atuar como sujeitos, em um engajamento político que os torne capazes de analisar e (re)pensar as questões pedagógicas e sociais de uma forma emancipatória.

O Programa de Formação de Professores em Serviço tem a característica de suprir estas lacunas com o mesmo nível de qualidade dos cursos regulares, qualificando os sujeitos e permitindo-lhes condições de aprimorar sua prática pedagógica ou habilitá-los a ela.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Federal nº 9.394/96, no artigo 87, parágrafo quarto, estabelece que até o fim da Década de Educação (2006), a admissão de professores terá por base “à habilitação em nível superior ou a formação por treinamento em serviço”.

A obrigatoriedade legal fez com que os Municípios procurassem as Universidades e estas, por conseguinte, organizassem programas de formação em serviço para atender, principalmente, àqueles que estão sediados no meio rural e nos municípios distantes das cidades universitárias. (Documento legal da URCAMP/Bagé sobre o PFPS, p. 26 – Anexo A)

A Universidade da Região da Campanha – URCAMP, cujo *campus* central fica localizado em Bagé – RS, após um estudo detalhado em que ficou evidente o grande número de professores “leigos”, isto é, que possuíam apenas o Ensino Médio completo, e em exercício nas escolas de região de abrangência da URCAMP (ver Anexo A, ‘Documento Legal da URCAMP’, quadro 1, p. 28), obteve, em 1999, autorização do Conselho Nacional de Educação para o oferecimento de um Programa que atingisse os professores da sua área de abrangência que necessitassem dessa oportunidade para qualificação, uma vez que “a Universidade tem como finalidade primordial a produção do conhecimento e o compromisso de estendê-lo a toda a população, para que dele se beneficie, revitalizando e redimensionando seu ensino e sua pesquisa”. (Documento Legal da URCAMP/Bagé sobre o PFPS, p. 28 – Anexo A).

Para colocar em prática o Programa, a URCAMP/Bagé entrou em contato com várias instâncias ligadas ao Ensino Superior, como a Associação de Ensino Superior e Formação Profissional de Ensino (AESUFOPE) e a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais em Educação (ANFOPE), bem como com outras Instituições de Ensino Superior que já possuíam programas semelhantes.

Após estudo de currículo e carga horária, o Programa foi definido como “Programa de Formação de Professores em Serviço – Curso de Pedagogia – Habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental”, iniciando a primeira turma em janeiro de 1999, sendo composto por oito blocos intensivos, presenciais (janeiro e julho), e oito blocos em serviço, durante os semestres letivos, integrados por atividades de docência, pesquisa, reuniões e seminários, destinando-se a professores em serviço, com ensino Médio completo, atuantes em Escolas de Ensino Fundamental, municipais, estaduais e particulares, localizadas

na região de abrangência e influência da URCAMP, notadamente na metade sul do Rio Grande e na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.

O perfil profissional pretendido encontra-se em conformidade com as atuais concepções de ‘professor’ (ver ‘documento legal da URCAMP/Bagé, para o PFPS’ – Anexo A – p. 38/39), tendo como objetivo geral ‘formar profissionais de educação capazes de, crítica e criativamente, repensar a prática pedagógica, em favor de melhores condições de vida para o educando e para a sociedade’ (Documento Legal da URCAMP/Bagé, para o PFPS – Anexo A – p. 39).

Na prática, desde janeiro de 1999, o Programa tem sido procurado por um grande número de professoras (e um reduzidíssimo número de professores), o que confirma a idéia da feminização do magistério e de que este continua sendo visto como um prolongamento do espaço doméstico, principalmente no que se refere às séries iniciais do Ensino Fundamental. Iniciaram, em janeiro de 1999, 150 alunos(as), e concluíram, em dezembro de 2002, 114 alunos(as), quando a URCAMP realizou a primeira colação de grau das duas primeiras turmas do Programa, estando agora, em julho de 2003, em funcionamento, três turmas: uma turma no Bloco 4, com 34 alunos(as), sendo 2 homens e 32 mulheres; uma turma no Bloco 5, composta de 21 alunos(as), sendo 1 homem e 20 mulheres; e a última turma do Programa, Bloco 8, que é constituída por 33 alunos(as), sendo 2 homens e 31 mulheres, perfazendo um total de 83 mulheres e 5 homens (total geral de 88 alunos), num percentual de 94,9% de mulheres para 5,1% de alunos homens.

Em janeiro de 2003, o Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes da URCAMB/Bagé decidiu que estas seriam as últimas turmas do Programa, oferecendo,

entretanto, a partir desta data, o Curso de Férias de Pedagogia, constando dos mesmos semestres, currículo e carga horária do Curso Regular, sendo janeiro e julho presenciais e o restante dos meses com trabalhos e práticas de ensino, não havendo mais a necessidade de os(as) alunos(as) estarem “em serviço” (atuando na docência), uma vez que a procura por esta modalidade foi intensa a partir do final de 2002, passando a existir com essas modificações, para contemplar uma população da zona rural e urbana de Bagé e pequenos municípios vizinhos, que solicitaram as alterações.

O que levou este trabalho a apresentar este capítulo sobre o Programa de Formação de Professores em Serviço – PFPS da URCAMP/Bagé foi o fato de que os questionamentos apresentados nesta investigação foram motivados, como já foi dito, pelas conversas informais realizadas nos corredores da Universidade, onde relatos e desabafos foram feitos pelas professoras-alunas a esta pesquisadora, e nos quais se evidenciava, *a priori*, a presença da dominação masculina como mais uma das muitas dificuldades impostas a estas mulheres que queriam estudar.

## **1.2 O Perfil das professoras-alunas do PFPS da URCAMP/Bagé – Pedagogia, Habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais, em julho de 2003: identificação do universo de pesquisa**

Das 83 mulheres, professoras-alunas do PFPS da URCAMP/Bagé que freqüentaram o Programa em julho de 2003, sete mulheres são solteiras, não se enquadrando nem mesmo na figura jurídica da união estável, e 76 professoras-alunas do Programa são casadas ou se encontram em união estável. Apliquei os questionários a todas as mulheres-professoras, nos dias 9 e 10 de julho de 2003, sendo respondidos parte em um dia e parte no outro, no horário

das 9h às 12h no Bloco 5 e no horário das 13h30min às 15h no Bloco 8, durante os dias 10 e 11. Das 76 mulheres casadas ou em união estável, 3 mulheres (as mesmas) não estiveram presentes às aulas nestes dias da aplicação dos questionários, sendo 73 questionários preenchidos, mais os 7 das mulheres solteiras, num total de 80 questionários.

Como centrei o objeto de pesquisa nas mulheres casadas ou em união estável da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, separei os 7 questionários das mulheres solteiras para um estudo posterior, assim como separei 19 questionários também para estudo posterior (pelo fato de estas mulheres não pertencerem à Região da Fronteira, e sim a outras cidades próximas), restando para interpretação e análise 54 questionários (de mulheres casadas ou em união estável da Região da Fronteira), que são o objeto da pesquisa.

Para análise dos questionários, separei as professoras-alunas da zona urbana e as da zona rural, identificando, das 54 alunas do universo de pesquisa, 31 da zona rural e 23 da zona urbana, sendo, das 23 da zona urbana, 3 divorciadas; destas, 2 estão vivenciando um outro relacionamento amoroso, embora não o configurem como união estável e sim como “namoro”, e tenham respondido os questionários com base nos relacionamentos anteriores ao divórcio (ver Anexo C – Quadro-resumo da análise dos 54 questionários).

### ***1.2.1 Estado civil***

Quanto ao estado civil, apenas 1 professora-aluna da zona rural vive em união estável, as outras 30 professoras-alunas são casadas. Na zona urbana, há 5 professoras-alunas em união estável para 15 alunas casadas, o que já muda o perfil das professoras-alunas, podendo-

se inferir que a figura da união estável é mais aceita na zona urbana do que na zona rural, mais conservadora.

### ***1.2.2 Faixa etária predominante***

Na zona rural, a faixa etária com mais alunas (11) é a de 41 a 45 anos, sendo 8 na faixa dos 36 aos 40 anos e 8 com mais de 45 anos. Na zona urbana, há um equilíbrio, com 4 alunas na faixa dos 26 aos 30 anos, 4 na faixa dos 31 a 35 anos, 5 na faixa de 36 a 40 anos, 5 na faixa de 40 a 45 anos e 2 com mais de 45 anos. No total geral relativo à faixa etária, a maioria das alunas, entre zona rural e zona urbana, tem de 36 a mais de 45 anos: 39 alunas (das 54 que integram o universo de pesquisa). Percebe-se que a faixa etária média é bem superior às alunas do Curso de Pedagogia regular, cuja média é composta de alunas jovens e inexperientes quanto à docência, o que não ocorre com as professoras-alunas do Programa, pois **todas** estão atuando na docência das séries iniciais.

### ***1.2.3 Local onde passaram a infância***

As 31 professoras-alunas da zona rural passaram nela sua infância e as 23 da zona urbana residiram nela durante a infância, o que permite inferir situações e experiências de vida bem diversificadas, pois a zona rural na fronteira se caracteriza ainda pelo pouco povoamento, pelas grandes extensões de terra e pela distância das sedes dos municípios, sendo alguns locais ainda hoje desprovidos de luz elétrica, água encanada ou banheiro. Percebe-se que as alunas que residiram sempre na zona urbana (mesmo a maioria vivendo na periferia) tiveram um convívio maior com outras pessoas, pela proximidade das residências, bem como acesso à luz elétrica, água encanada, banheiro, meios de comunicação – como o

rádio e a televisão (os mais comuns) – convivendo e interagindo com mais pessoas e tendo acesso aos grandes centros urbanos, pelo menos, via meios de comunicação de massa. Certamente as experiências e o *modus vivendi* (embora residindo em municípios pequenos ou de porte médio) não são semelhantes aos das professoras-alunas da zona rural, onde a mulher fica mais presa dentro do lar, ligada aos afazeres domésticos ou no cuidado da horta doméstica e/ou pequenos trabalhos no campo, tendo pouco convívio com outras pessoas e com o mundo exterior, “tirando leite”, “botando as vacas”, cuidando da lavoura e de pequenos animais.

#### ***1.2.4 Local onde passaram a adolescência***

Das 31 professoras-alunas da zona rural, 15 passaram a adolescência na zona rural e 16, parte na zona rural, parte na zona urbana: percebe-se que as que passaram a adolescência na zona rural foram as que começaram a lecionar sem cursar o Magistério ou a Escola Normal (porque esta só existia na zona urbana) e as 16 que passaram parte na zona rural e parte na zona urbana foram as que vieram para as sedes dos municípios para estudar, ficando em casas de parentes ou em colégios de freiras, como internas, pelos dados que se pode obter nos relatos orais.

#### ***1.2.5 Local de residência atual***

31 professoras-alunas residem na zona rural e 23 residem na zona urbana, o que, certamente, lhes dá modos diferentes de ver o mundo.

### ***1.2.6 Local onde lecionam***

31 na zona rural e 23 na zona urbana.

### ***1.2.7 Profissão do pai***

As profissões dos pais das alunas da zona rural se dividem em: 16 agricultores, 8 pecuaristas, 1 guarda sanitário e 6 pequenos produtores rurais<sup>1</sup>, o que leva a perceber que estas profissões são ligadas à terra e à vida no campo. Já as profissões dos pais das alunas da zona urbana são muito variadas, sendo 2 professores, 2 agricultores, 2 comerciários, 2 funcionários públicos, 3 ferroviários, 4 pedreiros e outras.

### ***1.2.8 Profissão da mãe***

Das mães das professoras-alunas da zona rural, 26 são ou foram apenas “donas-de-casa”, sendo que 5 também foram especificadas como, além de donas-de-casa, “agricultoras”. Das professoras-alunas da zona urbana, 18 são ou foram “donas-de-casa”, sendo 1 professora, 1 comerciária, 2 costureiras e 1 de serviços gerais, o que leva a concluir que, das mães das alunas da zona urbana, 5 já participavam do mercado de trabalho, tendo renda própria, o que não ocorreu na zona rural, porque mesmo as que foram identificadas como “agricultoras” não

---

<sup>1</sup> Na Região da Fronteira sul-rio-grandense, tem-se como “agricultores” os homens relacionados ao pl antio e que tem nele sua ocupação principal; “guarda sanitário”, os funcionários do Estado, lotados nas Inspetorias Veterinárias, que fazem o trabalho de fiscalização da sanidade pecuária (vacinação, banho dos animais, controle das fichas dos produtos; “pecuaristas”, os que se dedicam à criação de gado, em glebas de terra, que variam entre as de grande, médio e pequeno porte, relacionadas estas categorias ao tamanho dos animais (pecuária de grande porte significa a criação de bovinos, bubalinos e eqüinos; pecuária de médio porte, criação de ovinos, caprinos e suínos; pecuária de pequeno porte, criação de aves em geral, cunicultura, sericultura, etc.); “pequenos produtores rurais” são os que trabalham em pequenas extensões de terra, geralmente em regime de economia familiar, associando a pecuária à agricultura, à piscicultura e à apicultura, bem como horti-fruti-granjeiros.

eram detentoras de renda própria e sim trabalhavam em conjunto com os maridos na agricultura familiar. Entre as mães das professoras-alunas das zonas rural e urbana, 44 eram ou são “donas-de-casa”, o que significa não terem renda própria nem independência econômica, ficando na dependência dos maridos para seu sustento.

### ***1.2.9 Profissão sonhada/desejada pelo pai das professoras-alunas para elas***

Das 31 professoras-alunas da zona rural, 25 responderam que os pais sonhavam/desejavam que fossem “*professoras*”, 1 veterinária, 2 “boa esposa e dona -de-casa”, 1 “boa esposa e professora”, sendo que uma aluna respondeu: “ele era indiferente a mim”, e outra: “ele não sonhava nada para mim”. Percebe-se que, na zona rural, a profissão preferencial é o “ser professora”, pois esta é tida, principalmente nas séries iniciais, como profissão tipicamente feminina, “extensão do lar” e da “maternidade”, representando um “capital cultural” e “social” (segundo Bourdieu), para os pais e o marido, sendo motivo de “orgulho” destes pelo *status* atribuído ainda hoje na Região da Fronteira, principalmente no interior, à figura da “professora”.

Na resposta de duas alunas da zona rural, nota-se mágoa em relação aos pais, pois, ao colocar “ele era indiferente a mim” e “ele não sonhava nada para mim”, percebe-se a indiferença (ou desprezo) dos pais em relação a estas filhas mulheres. Na zona urbana, predominou também “professora”, entretanto sete alunas colocaram que os pais nunca mencionaram o que sonhavam para elas (se é que sonhavam alguma coisa). Parece que o homem da zona urbana ou se manifesta menos em relação à profissão das filhas, ou pensa que elas devem ter liberdade de escolha, ou, mesmo, estas lhes são indiferentes. Nas respostas da zona urbana, isto não é mencionado com mágoa, o que ocorre com as respostas das

professoras-alunas da zona rural, embora na zona urbana essa situação tenha obtido um número bem mais expressivo (7 para um universo de 23 professoras-alunas). Duas responderam: “qualquer uma, menos professora” – o que leva a perceber que, na zona urbana, o Magistério já não é uma profissão tão desejável como o é na zona rural ou como o foi no passado, seja pelos baixos salários ou porque, nas cidades, a professora perdeu seu *status* com a desqualificação gradativa do Magistério. Outras profissões, tidas antigamente como masculinas, como “bancária” e “advogada”, aparecem com a aprovação dos pais da zona urbana, o que permite inferir uma abertura maior quanto a profissões que eram tidas como “femininas” ou “masculinas” – o que ainda não se verifica na zona rural.

#### ***1.2.10 Nível de escolaridade do pai***

Tanto na zona rural como na zona urbana, predomina a escolaridade dos pais no nível fundamental incompleto (20 pais), seguido de 5 analfabetos e outros, não havendo, na zona rural, nenhum pai com curso superior. Na zona urbana, apesar de 11 pais com o ensino fundamental incompleto e 2 analfabetos, há 4 pais com ensino médio completo e 3 com este incompleto, tendo-se 1 pai com curso superior incompleto e outro com curso superior completo. A escolarização dos pais na zona urbana é mais elevada, o que talvez permita conceder uma maior liberdade às filhas para a sua opção profissional e estilo de vida.

#### ***1.2.11 Nível de escolarização da mãe***

Nenhuma das alunas possui mãe com curso superior, tanto na zona rural como na zona urbana. O fato de estas 54 mulheres hoje estarem cursando a Universidade já aponta um grande progresso no processo de escolarização da mulher de uma geração para outra.

Na zona rural o número de mães analfabetas é um pouco maior do que o dos pais (8 mães para 5 pais), entretanto, na zona urbana, mantém-se a mesma proporção (2 para 2). Há 16 mães na zona rural com o ensino fundamental incompleto, o que leva a perceber que estas mulheres tiveram um início de escolarização formal sem continuarem os estudos depois (talvez porque as escolas na zona rural, em sua grande maioria, vão apenas até a 4ª ou 5ª série do Ensino Fundamental, e o deslocamento para as cidades fosse bem mais difícil na sua geração, mesmo porque elas se casavam mais cedo). Na zona urbana, há 8 mães com o ensino fundamental completo e 6 com o ensino médio completo, embora **nenhuma** com curso superior; entretanto, representam um nível de escolaridade mais elevado, ou por uma maior importância dada à escolarização, ou pela maior facilidade de freqüentar as escolas, estas, na zona urbana, normalmente funcionando com o Ensino Fundamental completo.

#### ***1.2.12 Faixa sócio-econômica em que as professoras-alunas “se consideravam”***

Na zona rural, 15 professoras-alunas responderam que “pensavam fazer parte da classe baixa” e 12, da “média baixa”. Das alunas da zona urbana, 5 responderam “pobre” e 12 se inseriram na “classe média”. Vê-se que o nível sócio-econômico é baixo, o que certamente tem ligação com o nível de escolaridade e com a forma de agir (educação, valores morais, etc.).

#### ***1.2.13 Faixa sócio-econômica da qual se consideram fazendo parte “hoje”***

Na zona rural, 10 responderam “na classe baixa”, 15 na “média baixa” e 5 na “média”, sendo que uma não respondeu. Na zona urbana, 9 responderam “na classe média” e 8, “na média baixa”. Na zona rural, as professoras-alunas se consideraram inseridas em uma faixa

sócio-econômica mais elevada *hoje*, ocorrendo o inverso nas professoras-alunas da zona urbana, que se consideravam na faixa média *e hoje, na média baixa*. Não é, então, o fato de possuírem um salário que remunere a sua força de trabalho que as faz mudar, aos seus próprios olhos, de faixa sócio-econômica, mas o grande peso da desvalorização do salário do Magistério. Já na zona rural, o fato de possuírem um salário próprio (mesmo baixo) é considerado um fator de ascensão para outra faixa sócio-econômica mais elevada.

#### ***1.2.14 Nível de escolarização do marido***

Na zona rural, predomina a escolarização dos maridos com o ensino fundamental incompleto (20), sendo 4 analfabetos. Na zona urbana, predomina o ensino médio completo (10), sendo 3 com curso superior completo. Nota-se que a escolaridade dos maridos das professoras-alunas da zona urbana é superior à escolarização dos maridos na zona rural, sendo que, na zona urbana, nenhum dos maridos é analfabeto – o que leva a supor que, sendo detentores de uma escolarização mais avançada, devem possuir ‘horizontes mais largos’ em relação à inserção da mulher na sociedade atual e de seu papel nela.

#### ***1.2.15 Profissão dos maridos***

Na zona rural, há um predomínio de agricultores (20) e agropecuaristas (8). Na zona urbana, o predomínio também é a pecuária (8), aparecendo várias outras profissões diferenciadas. A Região da Fronteira, na zona rural, se caracteriza pela agropecuária, embora, na zona urbana, apareçam profissões muito diversificadas, sendo impossível agrupá-las por aproximação.

### ***1.2.16 No momento, o marido está trabalhando?***

Na zona rural, obteve-se 30 respostas “sim” e 1 “aposentado”. Na zona urbana, 19 estão trabalhando, 3 não trabalham (ou estão desempregados) e uma resposta foi “mais ou menos”. Percebe-se que as oportunidades de trabalho na zona urbana, para quem tem pouca escolarização, são bem mais escassas, assim como, nas cidades pequenas, a oferta de emprego costuma ser menor.

### ***1.2.17 Quem recebe o maior salário (ou tem a renda maior)?***

Na zona rural, obteve-se 15 respostas “o homem”, e 16 “a mulher”. Já na zona urbana, 14 respostas foram “o homem” com salário maior, 7 responderam “a mulher” e 2 “mais ou menos equivalente”. Percebe-se que, na zona urbana, o salário dos homens é maior do que o das mulheres, embora estes com escolaridade menor do que a delas, o que leva a crer que o Magistério vem tendo seu salário abaixo do de outras profissões para as quais não é exigida a mesma escolarização em nível superior ou nem mesmo o ensino médio.

### ***1.2.18 Tens filhos(as)?***

Todas as professoras-alunas que responderam os questionários têm filhos. Na zona rural, 13 tem filhos e filhas, 7 só tem meninas e 11 tem só meninos. Na zona urbana, 11 tem meninos e meninas, 6 tem só meninos e 6 tem só meninas.

### ***1.2.19 Faixa etária em que começaram a trabalhar***

Na zona rural, 18 das 31 professoras-alunas começaram a trabalhar na faixa de 16 a 20 anos, sendo que, na zona urbana, também o predomínio de entrada no mercado de trabalho ocupa esta faixa etária.

### ***1.2.20 Começaste a trabalhar antes ou depois de casada?***

Na zona rural, 26 das professoras-alunas começaram a trabalhar antes de casadas, o mesmo ocorrendo na zona urbana, onde 17 começaram a trabalhar antes de se casarem. Segundo algumas respostas, pode-se perceber que, se trabalham, é porque “antes de casar” já trabalhavam.

### ***1.2.21 Outra ocupação antes do Magistério***

Na zona rural, 27 responderam que não tiveram outra ocupação antes do Magistério, sendo que 4 disseram trabalhar nas lidas do campo, na agricultura e nas tarefas domésticas. Na zona urbana, 16 afirmaram haver tido outra ocupação antes do Magistério, sendo considerados trabalhos de menor *status*, variados; 7 disseram não ter tido outra ocupação e 1 não respondeu.

### ***1.2.22 Tiveram algum período somente como donas-de-casa***

Na zona rural, obteve-se 23 respostas “sim” contra 8 “não”, e na zona urbana, 12 respostas “sim” contra 11 “não”. No total, das 54 professoras -alunas, 35 tiveram um período

apenas como donas-de-casa. Das que responderam que “sim”, na justificativa, 16 colocaram que tiveram um tempo só como donas-de-casa por razões relacionadas aos filhos, e 15 por “desejo/imposição” dos maridos, sendo que 4 apontaram outros motivos. Na zona rural, há 6 respostas “**porque meu marido não queria que eu trabalhasse**”, 5 “**porque, logo que me casei, meu marido não me deixou trabalhar**”, e, na zona urbana, 3 responderam “**porque meu marido não queria que eu trabalhasse**” ou “**porque quando meu filho nasceu meu marido me fez sair do emprego**”. Percebe-se que estas mulheres, embora grande parte delas com mais escolaridade do que os maridos, deixaram-se subjugar pela vontade destes, “obedecendo”, ou deixando de trabalhar por imposição dos maridos ou porque estavam convencidas de que o cuidado dos filhos que nasciam era atribuição apenas sua.

No caso das respostas negativas (no sentido de que *não ficaram algum período apenas como donas-de-casa*), as justificativas foram: “**não, embora meu marido não quisesse que eu trabalhasse**” (2 da zona rural e 2 da zona urbana); “**não, porque quando eu casei já era professora**” (4 na zona rural e 2 na zona urbana); “**não, porque sempre trabalhei fora, apesar das brigas**” (2, na zona rural); e “**não, porque sempre trabalhei fora e, embora meu marido não quisesse, o meu salário era necessário para o sustento da família**” (5, da zona urbana).

Percebe-se aqui que o trabalho dessas mulheres fora do ambiente doméstico não era desejado pelos maridos, mas, das 31 professoras-alunas da zona rural, 8 lograram impor sua resistência à vontade dos maridos, e, das 23 da zona urbana, 11 lograram fazer o mesmo, ou porque conseguiram se impor, ou porque era uma necessidade financeira para o sustento da família; o que se nota, entretanto, é que **todos** os maridos, por um motivo ou por outro, **não queriam que suas mulheres ocupassem o espaço público no mercado de trabalho**. Isto é

um forte indicativo de que, para estes homens, o “lugar de mulher” ainda é “em casa”, no espaço doméstico, cuidando da casa e dos filhos, onde sua realização profissional não é considerada, nem tida como importante (para eles).

### *1.2.23 Deixaram de estudar por algum tempo*

Na zona rural, 30 professoras-alunas disseram que “sim”, e, na zona urbana, 18 disseram que “sim”. Em caso afirmativo, foi perguntado o tempo que ficaram sem estudar, sendo as professoras-alunas da zona rural as que ficaram mais tempo sem estudar, chegando 9 delas a ficar de 16 a 20 anos sem estudar, e 8 de 11 a 15 anos. Na zona urbana, 6 ficaram de 16 a 20 anos sem estudar, e 6 de 11 a 15 anos. Quanto às outras, os períodos sem estudar foram menores, de 2 a 10 anos.

Questionadas quanto a “por que deixaram de estudar”, as justificativas se assemelham às de “porque tiveram algum tempo sem trabalhar”: porque **casaram**, porque **tinham filhos pequenos**, porque viviam na zona rural, pela situação financeira que não permitia; entretanto, 9 colocaram que “**por desejo do marido**”, 8 “**por imposição do marido**”, 8 “**por medo do marido**” e 4 “**por imposição do pai**”.

Nesta identificação do universo pesquisado, alguns fatores já se delineiam para permitir uma análise posterior:

- a faixa etária média destas professoras-alunas do Programa é de mais de 30 anos;
- há prevalência das mulheres que moram e lecionam na zona rural;
- predominam as profissões do pai ligadas à agropecuária;
- as mães dessas professoras-alunas são, na sua grande maioria, donas-de-casa;

- a profissão tida como preferencial pelos pais para elas foi o Magistério;
- o nível de escolaridade predominante dos pais é o Ensino Fundamental incompleto;
- o nível de escolaridade predominante das mães é o Ensino Fundamental incompleto;
- há mais mães analfabetas do que pais;
- a faixa sócio-econômica na qual se enquadraram foi predominantemente baixa e média baixa;
- o nível médio de escolarização dos maridos é o Ensino Fundamental incompleto;
- a profissão predominante dos maridos, por aproximação, é ligada à agropecuária;
- a maioria dos maridos está trabalhando;
- embora as professoras-alunas tenham um nível de escolaridade superior, em média, ao dos maridos, estes recebem o salário ou tem a renda maior;
- todas as professoras-alunas têm filhos, com predomínio de filhos e filhas (de ambos os sexos);
- a faixa etária média de ingresso no mercado de trabalho foi dos 16 aos 20 anos;
- a grande maioria começou a trabalhar antes de casada (ou antes de viver em união estável);
- a maioria delas não teve outra ocupação remunerada fora do Magistério;
- a grande maioria ficou algum período só como **dona-de-casa**, e isto por razões relacionadas aos **filhos** ou por **desejo/imposição dos maridos**;
- um terço das mulheres-professoras conseguiu resistir à imposição dos maridos e não abandonar seu trabalho, **embora fosse o desejo destes**;
- a quase totalidade **ficou um tempo sem estudar**, sendo que a média de tempo vai dos 11 aos 20 anos sem estudar, sendo os motivos, em sua maioria, atribuídos ao **desejo/imposição dos maridos** e até ao **medo dos maridos**.

Após esta identificação do universo pesquisado, buscou-se entender o porquê deste papel da mulher dentro do contexto sócio-histórico da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, em pleno início do século XXI, procurando-se desvendar os motivos pelos quais tais situações ocorrem e analisar as repercussões que elas trazem para o processo educacional e para a trajetória profissional destas docentes.

## 2 O IMAGINÁRIO

### 2.1 O imaginário no viés de Gaston Bachelard e Gilbert Durand

Só se pode estudar o que primeiramente se sonhou.

*Gaston Bachelard*

O termo “Imaginário” remete a contextos e manifestações diversas, bem como ocorrências também várias, o que atribui a suas representações um caráter múltiplo e heterogêneo, consubstanciado em manifestações tão diferentes como a vida social, a família, os costumes, a tradição, o sagrado, a música, a literatura, os rituais, o trabalho e a violência, sendo o fulcro de toda a comunicação humana, o “índice antropológico” de Gilbert Durand, plural e único, e a “unidade na multiplicidade” conforme E. Morin, sendo a mola propulsora da conduta do *antropos*.

Para Durand (1998), o estudo do Imaginário permite a compreensão dos dinamismos que regulam a vida social e suas manifestações culturais. “Consiste no capital inconsciente dos gestos do sapiens, mas é também o conjunto de imagens e de relações de imagem que constituem o capital pensado do homo sapiens e o universo das configurações simbólicas e organizacionais. Está, pois, subjacente aos modos de pensar, sentir e agir dos indivíduos, culturas e sociedades”. (PORTO, 2000, p. 20-21).

O Imaginário é o produto entre o bio-psíquico e o sócio-cultural, sendo externado pelo símbolo, constituído de elementos arquetípicos e ideativos “huma dupla abertura, remetendo ao duplo caráter da vivência humana: o ontogenético (individual-grupal) e o filogenético (as histórias individuais-grupais que reproduzem a história da espécie)” (PORTO, 2000, p. 21), pois o real evidente é constituído a partir de arquétipos<sup>2</sup>, considerados aqui no sentido de arquétipos culturais<sup>3</sup>, sendo apenas uma parte visível do ‘íceberg’. Segundo Bachelard, “o conhecimento do real é luz que sempre projeta algumas sombras. Nunca é imediato e pleno. As revelações do real são recorrentes. O real nunca é ‘o que se poderia achar’, mas é sempre o que se deveria ter pensado” (BACHELARD, 1986, p. 17).

E hoje, no início do século XXI, hábitos, atitudes, educação, moral, aspectos da vida social, enfim, a cultura, que deveria acompanhar o paradigma da pós-modernidade na Região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, nada mais é do que fruto de um Imaginário arraigado e conservador de uma sociedade patriarcal e machista, que não vem acompanhando a evolução necessária dos novos tempos. Percebe-se isto pela literatura e cultura<sup>4</sup> regional, impregnada de ditados populares depreciativos à mulher, que a ridicularizam e a menosprezam (Dante de Laytano afirma: “A literatura é o espelho do povo”), bem como nas atitudes discriminatórias que são vivenciadas no dia-a-dia.

---

<sup>2</sup> Arquétipos: “padrão originário e originante, *arxé*, princípio, origem, fundamento, modelo [...] protótipo, paradigma [...]. Referimo-nos aqui a arquétipos culturais. Os arquétipos estruturam o modo básico de conhecimento e de agir de uma cultura [...]” (ZANOTELLI, 2000, p. 16)

<sup>3</sup> Arquétipos culturais: “matriz produtora e reprodutora de um modo de ser [...] que é ao mesmo tempo econômico, social e cultural [...]” (ZANOTELLI, 2000, p. 13)

<sup>4</sup> Cultura: “A cultura pode ser identificada de forma precisa, seja por meio das grandes obras da cultura, no sentido restrito do termo, literatura, música, ou no sentido antropológico, os fatos da vida cotidiana, as formas de organização de uma sociedade, os costumes, as maneiras de vestir-se, de produzir, etc.” (MAFFESOLI, M. ‘O Imaginário é uma realidade’. Entrevista a Juremir Machado da Silva. In: *Revista FAMECOS, mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre, Edipucrs, n° 15, 2002, p. 75)

A linguagem do gaúcho tem características próprias, peculiares, oriunda de sua formação cultural heterogênea, caracterizada pela franqueza (considerada até mesmo um pouco rude). Segundo Pires (1999, p. 247), ‘a linguagem é um processo de interação social entre os indivíduos. Sua natureza social torna-a um espaço de conflitos em que, a palavra é o fenômeno ideológico por excelência.’

Uma das manifestações do imaginário é a linguagem, falada ou escrita (e outras tantas linguagens simbólicas, como a postura corporal, gestos, atitudes, silêncios e ironias, entre outros) e o cotidiano da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai é permeado por ditados populares, músicas gauchescas, representações gráficas (iconografia) e poesias, permeadas por expressões que atribuem à mulher uma posição subalterna dominada, típica da sociedade patriarcal, e atribuem ao homem o papel dominante, proeminente, superior e com autoridade ‘naturalizada’ e aceita, ‘desde sempre’ (embora se saiba que é uma ‘construção social’) em relação à mulher.

Segundo Bachelard (1986, p. 18), ‘é impossível anular, de um só golpe, todos os conhecimentos habituais. Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber’, principalmente em uma região saudosista, que vive das glórias do passado.

O Imaginário é expresso em mitos, ritos, linguagem e tantas outras expressões humanas. Segundo Bachelard (1986), o ser humano vive a angústia da finitude e da morte (que não precisa ser necessariamente a morte física, corporal, mas a incapacidade da onipotência); como o sujeito sente-se incapaz de distinguir todos os perigos e deles se proteger, desenvolve atitudes básicas imaginativas (negando estas limitações), que são fruto

do Imaginário individual e local. Na Região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, não é diferente. No Imaginário que constituiu o gaúcho como símbolo rio-grandense, este é tido como invencível e onipotente, senhor da imensidão da planície, “centauro do pampa”, podendo dominar a tudo e a todos, numa negação imagética das limitações humanas. Ele, o gaúcho, é o senhor absoluto de suas propriedades, campos e animais, exercendo uma violência simbólica sobre seus empregados (sua ‘posse!’), e, principalmente, em relação à mulher. Não em seus aspectos evidentes (mesmo porque são negados), mas em sua dimensão simbólica – e como fenômeno social, como função mediadora e organizadora da estrutura social discriminatória e excludente, que ainda vige marcante na região da fronteira sul-rio-grandense.

No imaginário da Região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, impregnada pela dominante postural do gaúcho, que é percebido mediante de sua afirmação de guerreiro, “centauro”, “vigia do pampa”, “brasileiro por opção”, homem livre e “sem cabresto”, que “não se apega a nada” – numa atitude orgulhosa de onipotência, correspondente a uma estrutura heróica, assim criada, justifica-se a agressão individual aos mais fracos: aos animais, ao peão, à mulher. Ele, o homem, é o “todo-poderoso” das paragens verdes, onde, pelo mito da superioridade sexista, torna-se quase divino a seus próprios olhos, imbatível, superior ao tempo, à vida e à morte, que o espreita, tentando com isso ignorá-la ou vencê-la. E, à noite, nas paragens campesinas, quando o silêncio se torna imenso como a planície, tenta superar suas angústias procurando tornar-se senhor absoluto de tudo e de todos, principalmente da mulher, a quem ousa dizer que “protege” como uma forma de dominação “necessária” à sua condição de mulher.

O trágico é minimizado pela negação dos medos e das dificuldades, pelo enfrentamento à morte ou mesmo a negação desta, caracterizando-se pelo dominante sexual, pois o gaúcho é o homem que “tudo pode” na esfera sexual, dominando “todas as fêmeas”, desde as fêmeas dos animais até a mulher (mais uma, entre as outras fêmeas).

Considerando-se que o Imaginário, junto à cultura e à educação, é indissociável, e que estes permeiam toda a ação e intenção humanas, consubstanciando-se no vivido e impulsionando o devir, e que o Imaginário é um tipo de conhecimento de difícil conceituação, podemos, segundo Gilbert Durand, dizer que o Imaginário é o que dá “um fundo de sentido” aos atos e pensamentos humanos.

Segundo Durand, o Imaginário subsume-se no inconsciente coletivo do sujeito, sendo formado por um conjunto de imagens. Está subjacente aos modos de sentir, pensar e agir dos indivíduos, culturas e sociedades, sendo produto da conjunção bio-psíquica e sócio-cultural dos sujeitos, onde desembocam o individual e o grupal, e onde se repete toda a história da humanidade. Expresso em sistemas e práticas simbólicas (como o mito, os ritos, a arte, a ideologia e os símbolos), é visto sem juízos de valor, sempre aberto a novas possibilidades, pois o ser é uma produção contínua de si mesmo e dos outros, dentro de uma produção simbólica. Para Durand, a História/trajetória da humanidade se repete em cada sujeito que se constitui, permitindo-lhe ser, embora sem se constituir num determinante. Na sua concepção de Imaginário, Durand apresenta a presença da imanência (nas relações interpessoais) e da transcendência (a busca do indivíduo pelo sagrado e/ou sacralizado). Sendo simbólica, está presente em todas as sociedades e dentro de cada indivíduo.

Este “Inconsciente coletivo”, este “mundo subterrâneo”, este “porão” que é o Imaginário e que compõe “a complexidade de viver e estar no mundo” (Peres, 2002) é o que subjaz à figura do gaúcho e dá o substrato às relações que se instauraram e que se perpetuam ao longo do tempo no Rio Grande do Sul, pois o pensamento humano é representação, isto é, passa pelas articulações simbólicas onde desemboca e se constrói o Imaginário.

Numa acepção mais antropológica, o imaginário é uma introjeção do real, a aceitação [...] de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois (no qual se pode interferir em maior ou menor grau). O imaginário é uma língua. O indivíduo entra nele pela compreensão e aceitação de suas regras; participa dele pelos atos de fala imaginal (vivências) e altera-o por ser também um agente imaginal (ator social) em situação.

Todo indivíduo submete-se a um imaginário preexistente [...] o imaginário social instala-se por contágio [...] (SILVA, 2003, p. 9 e 13)

Sendo eminentemente simbólico, arcaico, arquetípico, o imaginário é “o estágio preliminar, a zona matricial da idéia” (DURAND, 1992, p. 61), traz em si a história da humanidade, estando presente em todas as sociedades e dentro de cada um, advindo de todos aqueles que compõem os sujeitos, pois “somos muitos”, impregnado pela angústia de um ser que se percebe finito na presença da morte, na insegurança que cada noite traz, no crepúsculo (do dia e da vida), no ocaso e na possibilidade da perda do poder.

Percebe-se o Imaginário sul-riograndese nas suas mais variadas manifestações, nas palavras, gestos, atitudes, crenças, laços que ligam as pessoas pelo que evocam, sendo repetidos e fundando o mito, permitindo compreender a dimensão simbólica que ocorre no cotidiano do gaúcho em suas relações com as lides do campo, o cavalo, a mulher, o que permite a compreensão da vida na região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai no que se refere à regulamentação dos aspectos sociais e suas manifestações no *ethos* do gaúcho – o que vem servindo aos interesses de uma classe dominante – e que vem permitindo a

submissão do homem do campo (que, paradoxalmente, se considera livre e independente!) a uma dimensão de dominação simbólica no cotidiano ao longo do tempo, aos “donos do poder”, não em seus aspectos evidentes, o que seria o óbvio, mas em sua ambivalência potencial e em seu caráter paradoxal, em sua praxis simbólica e como fenômeno social – reproduzindo a ideologia capitalista e a dicotomia entre patrões e empregados, homem e mulher, superiores e inferiores.

Entende-se aqui a dominação simbólica, segundo Bourdieu, como “aquela que se institui por meio da adesão do dominado”, sendo percebida como “natural”, e que se exerce quase sempre invisível.

O efeito da dominação simbólica se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através de esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos do ‘habitus’ e que fundamentam aquém das decisões da consciência e dos conceitos da vontade, uma relação obscura a ela mesma. (BORDIEU, 1999, p. 50)

O Imaginário que subjaz ao mito do gaúcho possuiu (e possui) uma função organizatória para evitar a violência no pampa, como estruturador social, impregnado pelo culto à tradição e aos mitos, como fatos agregadores e apaziguadores de uma reprodução social excludente, participando não só da construção de identidades acomodadas e submissas como, paradoxalmente, forjando a idéia do homem livre, superior à natureza, às intempéries (e a mulher).

O Imaginário, conjunto de imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*, é a raiz de todas as criações do pensamento humano. Embora desvalorizado pelo pensamento ocidental, para Durand é visto como “dinamismo

organizador” (DURAND, 1997, p. 30), tornando-se “...o fundamento de toda a vida psíquica” (DURAND, 1997, p. 30).

Esta visão de mundo, idéia de realidade, e a “convicção de que se encontrará mais no real oculto do que no lado evidente” (BACHELARD, 1986, p. 28), substrato do Imaginário que é a mola propulsora da vida humana, conforme a conceituação de Bachelard e Durand, é o que será trabalhado na busca da compreensão e “evidências” do *ethos* do gaúcho fronteiriço (e a inculcação do gaúcho mitificado nos homens do Rio Grande), buscando-se compreendê-lo e analisá-lo, fazendo com que se reconstrua a História da Humanidade, nesta querência bravia, onde a vida dos indivíduos se repete e, ao mesmo tempo, é única, ímpar e inigualável, impregnada pelo perfume dos matos e da música do vento, do Minuano, que, como o homem, “leva tudo por diante”, inundando os campos e as casas, entrando pelas frinchas das portas e abrindo as janelas, sem pedir licença para entrar. E observar-se-á que, embora inculcado no *habitus*, as professoras-alunas (e muitas mulheres, na atualidade) fazem “outra leitura” desse gaúcho mitificado pelo Imaginário masculino, como uma forma de resistência e/ou tomada de consciência da própria intencionalidade desta inculcação (a justificativa da dominação masculina), sendo um embrião da resistência das mulheres à subserviência que lhes foi imposta durante tanto tempo – e que hoje já não é aceita de uma forma tão pacífica como o foi outrora. Esta outra leitura, por parte das mulheres, sobre as manifestações do Imaginário sul-rio-grandense, não o invalida, ao contrário, ratifica o viés que dele faz Gilbert Durant e a afirmação bachelardiana de que “se encontrará mais no real oculto do que no lado evidente” (BACHELARD, 1986, p. 28), e de que aquilo que “parece” aceito pacificamente por todos, muitas vezes, mascara outras leituras que são feitas da realidade, embora abafadas e silenciadas por aqueles que detêm o poder dominante (pois, detendo o poder econômico, social e político, detêm também a supremacia das idéias. Segundo Louro (1986), sabe-se que

a sociedade, como um todo social, traz dentro de si contradições, que propiciam os movimentos de resistência e os espaços de luta, coexistindo diferentes visões sobre a realidade, mesmo em uma sociedade que se dispôs a instituir a dominação masculina como “naturalizada” pelas diferenças biológicas, através da inculcação.

Durand vê o Imaginário sem necessidade de experimentação ou provas, sendo a busca de sentidos das relações que estão nos sujeitos e das que estes têm com o mundo. Percebe o Imaginário como a “bacia semântica”, o momento de convergência dos *vários significados*, onde há a valorização das pequenas grandes coisas, como a beleza das coisas simples e a valorização dos sentimentos, tomando a imagem (tomada aqui como Imaginário expresso em símbolos e representações) como produto digno do humano e não mais como oposição ao racional, sendo resgatada a sua dignidade. É através dos textos de Durand que se percebe a idéia que permeia as ciências sociais da Pós-Modernidade, que, abandonando o Positivismo, buscam o “reencanto”, que passa pelo Imaginário, tornando -se figurativas, e se fundando em um conhecimento banal “onde sujeito e objeto (de pesquisa) tornam-se um no ato de conhecer”. É a pesquisa participante, onde a investigação “cede diante do Imaginário de um relatante” – que representa uma amostra do grupo social.

Neste trabalho, o Imaginário será abordado segundo a conceituação de Bachelard e Durand, enfatizando-se que tudo o que se nos apresenta no mundo social-histórico está entrelaçado de forma indissociável com o simbólico.

## 2.2 Representações do Imaginário sul-rio-grandense

‘Gaúcho’: figura lendária de herói ou vagabundo? Sabe-se que ‘gaúcho’ é a designação dada ao tipo característico do extremo sul do Brasil.

No Estado do Rio Grande do Sul, no início do século XXI, o gaúcho é o guardião da tradição do pampa, tradição esta que é o apanágio da construção de diferentes identidades sociais. Envolto em crenças que deram origem a mitos, o gaúcho cultiva sua história, sentindo-se enobrecido por ser ‘brasileiro por opção’, através das lutas pela demarcação/expansão de suas fronteiras. Diz-se que a formação histórica, social e política do Rio Grande construiu identidades ímpares no *gaúcho da fronteira*, distinguindo-o dos demais gaúchos.

A localização geográfica, a defesa da territorialidade, a predominância dos índios, espanhóis e portugueses, mormente os portugueses que foram defender as fronteiras, as próprias lides campeiras, o contrabando – tudo isso contribuiu significativamente para a caracterização deste tipo social. (DIAS, 1998, p. 11)

As condições da vida social determinam as características de um grupo, embora as características psicológicas do grupo possam interferir na vida social. Assim, diz o mito, foi-se forjando o Imaginário da Região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, na convivência com o tropel dos cavalos, com o minuano uivando nas frinchas das portas, com o mate amargo sorvido lentamente e que, como um grande abraço, passa de mão em mão, símbolo da hospitalidade rio-grandense.

Neste Imaginário constituído androcêntrico, o homem, o gaúcho, é a forma lendária do herói que luta de peito aberto, que não recua ante as dificuldades, pois foi acostumado na rudeza da lida campesina, nos gritos com o gado, que, sua propriedade, lhe deve obediência.

Das lutas para defender a metade sul assume uma postura corajosa, desconfiada, sempre em guarda, desenvolvendo de forma exacerbada o seu sentimento de posse.

Segundo Dias (1998, p. 27):

“Os homens criados nessas lides rudes e grosseiras eram moços na destreza, maduros no rigor e guapos na ação. O gaúcho foi colocado em contato contínuo com o perigo ou com a morte. [...] Através desses trabalhos arriscados, mostrava sua intrepidez, coragem, perícia, decisão pronta e espírito de união.”

O viver na Região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, a opção por pertencer ao Brasil e não à Espanha, o alto preço pago por esta opção, representada pelas guerras, a bravura exigida para lidar com a natureza e os animais ferozes, a vida ao relento, as geadas do pampa gaúcho, fizeram com que se alimentasse o mito, servindo assim aos interesses de uma elite dominante e como (re)organizador social,, e isso foi sendo incorporado ao inconsciente coletivo da região. Estas características podem ser subsumidas no termo “macho” – ser homem, enfrentar o que vier pela frente, sendo imbuído de um poder que se manifesta sobre a natureza, e se consubstancia num sentimento de domínio, sobre tudo e sobre todos. Especialmente sobre a mulher, sobre quem fazia questão de impor a sua superioridade.

Acostumado a lidar com a terra virgem e indomada (observe-se a terminologia, igual à que se usa para se adjetivar a mulher, ou também a sua montaria), terra na qual colocava sua semente [...] não concebia ou aceitava que a terra tivesse vida própria e que pudesse carecer de bons tratos. (TEIXEIRA, prefácio, *in* DIAS, 1998, p. 5)

A impossibilidade de construir família imposta ao gaúcho primitivo, pela falta de trabalho fixo para poder sustentá-la, passou a ser decantada como sinônimo de liberdade. Ora, isto foi sendo construído também no Imaginário do estancieiro, que tinha posses e podia constituir família, mas ao qual a idéia de desapego sentimental e liberdade era bem mais conveniente: constituíam família, mas não sentiam qualquer compromisso de fidelidade à

esposa; amor e fidelidade foram (e são ainda, para muitos homens) cerceamento à liberdade “natural” cultuada pelo homem da fronteira.

Em pleno início do século XXI, o homem fronteiriço, apegado aos valores do passado, nega-se a conceder “regalias” à mulher, resistindo à sua ascensão social e cultural. As relações do gaúcho com a mulher sofriam no passado “...a influência do tipo de relação do homem que, além de se balizar com o trato da terra bruta e ter que domá-la, tinha que defender-lhe a posse [...] e, de volta para casa, à guisa de pagamento, cobrar-lhe amor carnal e afetivo, que deveria ser pago pela mulher, num misto de afeto e dívida [...]” (TEIXEIRA, prefácio, p. 5-6, *in* DIAS, 1998). Este viés ainda permeia muitas realidades familiares da Região da Fronteira sul-rio-grandense.

A dominação masculina, herança de uma cultura patriarcal, impregnada pelos valores morais pregados pela Igreja Católica, tem ainda resquícios no momento presente em todo o mundo, embora as conquistas pela emancipação feminina já sejam uma realidade. Entretanto, na Região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, na atualidade, os costumes nas relações sociais homem/mulher são de caráter rígido, não havendo as mudanças sociais que já ocorreram nestas mesmas relações em centros urbanos maiores e/ou em outras regiões do país e do mundo.

No Imaginário da Região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, o machismo é visto como natural, como motivo de orgulho, embora muitas vezes negado e não dito, mas plenamente percebido<sup>5</sup>. À mulher foi reservado um papel secundário, ficando à

---

<sup>5</sup> Machismo: segundo Torres (2001), a escritora latina feminista Gloria Anzaldúa, em 1997, afirma que o termo “machismo” teve lugar nas sociedades capitalistas patriarcais, tendo sido uma invenção inglesa para o termo

sombra do marido, como responsável pelo espaço doméstico, tendo como “virtudes” a submissão, a acomodação aos desejos do marido, a obediência, o ficar em silêncio, o servir.

Agora [...] a profecia sucumbe em proveito do patriarcalismo e do machismo, marcados pela ordem, pela lógica, pela negação da sensibilidade, do afeto, da ternura, da paixão, do prazer. Só ao homem cabe o governo, o conhecimento verdadeiro, a direção e o gozo. Só ao homem cabe a propriedade. Dele os filhos herdarão o nome, os bens e o *status*, o poder e o horizonte cultural. (ZANOTELLI et al., 2000, p. 69)

Assim, reforça-se o arquétipo da família gaúcha, no sentido da liberdade do homem e no atrelamento da mulher a uma condição de mãe e guarda da prole, acrescentando-se ainda:

A noção de que a sexualidade é proibida, que só pode ser roubada, e que, para enfrentá-la, como não sobra caminho algum pela legalidade dos proprietários do Estado de Cristandade, só resta ao peão sorver-lhe as migalhas através de uma sociedade de fato, de um encontro casual ou da galhofa zombeteira de sua “liberdade”. (ZANOTELLI et al., 2000, p. 276)

A virgindade até o casamento garantia ao macho a certeza da sucessão legítima à sua propriedade. Reclusa, a moça era educada para a fidelidade e obediência ao seu “senhor e proprietário”, retraída, desinformada quanto à vida sexual, não tinha direito ao próprio corpo nem ao prazer.

---

espanhol “macho”, que designa o “masculino”, aquele que possui as características tidas como “de homem”: força, rudeza, agressividade, sentimento de liberdade e independência, coragem, desapego, e outros tantos estereótipos “masculinos” (ANZALDÚA, apud TORRES, 2001, p. 138). É o resultado da dominação masculina hierarquizada, “produto de ignorância, talvez mesmo de profundas estruturas psicológicas de socialização da família [...] do capitalismo, do patriarcado e do domínio [...]” (ANZALDÚA, apud TORRES, 2001, p. 138). Serve para caracterizar o homem bruto e rude, que deprecia as mulheres, podendo chegar ao ponto até de maltratá-las; considerando-se superior a todos os de outro sexo, sendo o que vence “na força e no grito”, o protótipo do dominador, do tirano – para o qual a mulher é um objeto de uso descartável, que lhe deve obediência e submissão. O termo foi sendo estendido aos homens que, em geral, depreciam as mulheres (ou as maltratam de forma verbal, psicológica ou física), sentindo-se possuidores deste “direito” de dominação, por ser a mulher “um ser inferior”, “propriedade sua”, ou “um ser com pouco ou nenhum valor”. O fato de as mulheres, os negros e as classes populares estarem ao longo do tempo alijadas do exercício da cidadania, discriminadas e excluídas do processo educacional, social, político e econômico, leva Torres (2001) a afirmar que “raça, classe e sexo interagem de maneira bastante decisiva em uma das formas mais patriarcais de domínio masculino, o *machismo*” [grifo meu] (TORRES, 2001, p. 137). Para Torres (2001), a idéia do “machismo” foi atribuída “ao procedimento e atitude dos homens latinos ou chicanos para com as mulheres em geral, amplamente popularizada na mídia [...] Ela faz parte do preconceito folclórico sobre os latinos em geral, em face do pressuposto implícito de que as mulheres latinas e chicanas, queiram ou não queiram, tornam-se cúmplices do comportamento machista dos homens” (TORRES, 2001, p. 137).

A sexualidade espontânea, a sensualidade que o branco vivia com as negras escravas e índias, com as filhas dos agregados, filhas de criação, filhas dos pobres, era ilegal e pecaminosa; é bom lembrar que a legalidade e a moralidade dos atos eram estabelecidos por quem detinha o poder econômico, político e social. (ZANOTELLI *et al.*, 2000, p. 278)

O relacionamento sexual do gaúcho era marcado pelo prazer e libertinagem com as negras e com as índias. À esposa não era permitido nem mesmo o prazer, para permanecer virtuosa como pregava a Santa Madre Igreja.

A sexualidade do gaúcho, sempre transgressão como afirmação, sempre negação da mulher enquanto outro. (ZANOTELLI *et al.*, 2000, p. 287)

Como consequência, o homem deveria renegar seus sentimentos, vencer o medo e a dor. O amor, as relações humanas, as paixões, a sensibilidade, eram desprezadas. O homem tinha que ser rude, ao passo que a mulher, delicada e dócil; ele, tinha de ser mulherengo, para provar sua virilidade, poder e liberdade, enquanto a esposa deveria ser fiel, passiva e assexuada.

O conhecimento destas primeiras vivências é pedra fundamental na construção do imaginário da Região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e de suas mais variadas formas de representações simbólicas e sociais. Muito marcante, forte, consistente, até mesmo pela necessidade de sobrevivência, negado muitas vezes, mas transparecendo nos gestos, falas e atitudes, não acompanhou a evolução da trajetória feminina. Mudou, nas aparências, falas e discursos, no aparato legal, mas está subjacente, adormecido, como as brasas do fogo de chão: ao menor sopro, eleva-se, torna-se labareda, e queima em seu calor rústico e bravo.

Hoje pode-se até tentar negar o machismo característico dos homens da Região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Mas as mulheres, em pleno início do século XXI, conhecem a força da dominação masculina, da dominação simbólica, ‘mais no real oculto do que no lado evidente’ (Bachelard, 1986, p. 18), onde a dor deixa marcas maiores e mais profundas.

### **2.3 Manifestações do Imaginário sul-rio-grandense onde se evidencia a presença da dominação masculina**

A cultura gaúcha e fronteiriça tem características peculiares, sendo muito rica em símbolos e imagens, onde se vislumbram influências da sua formação luso-espanhola junto à miscigenação com o índio e o negro. As manifestações da linguagem oral e escrita misturam heranças populares e eruditas, sendo mais significativos os adágios, os ditados populares, as frases comparativas, os “causos”, as lendas, as quadrinhas e a trova – representações de um conjunto de valores sociais, ideológicos, políticos, morais, que constituem a memória gaúcha, fruto do Imaginário, e, ao mesmo tempo, produzem e reproduzem atitudes que mantêm vivo este mesmo Imaginário, persuadindo as gerações mais novas, pela repetição continuada, a inculcarem esses valores, mantendo-se, de uma forma mais ou menos homogênea, a “identidade” cultural do gaúcho, baseada no mito dominante do “homem -herói”, no qual se assenta (além de, na idéia corrente, da ‘naturalização’ da sociedade androcêntrica) a dominação masculina, reforçando-a nas formações discursivas e nas representações culturais.

Os ditados populares, explícita ou implicitamente, são manifestações simbólicas do Imaginário. Nelas se percebe a idéia vigente da dominação masculina, que procura enfrentar e reagir à chegada de “novos tempos”, pela repetição freqüente, em tom irônico, sério ou de brincadeira, de frases com uma pesada carga emocional e que vão sendo gravadas, inculcadas

e assimiladas no cotidiano, possuindo enorme força no inconsciente de homens e mulheres, e alimentando assim o Imaginário social local.

Para o gaúcho, a montaria é como uma segunda natureza: “o gaúcho a pé não é gaúcho” – o cavalo tem uma importância primordial, pois, na liberdade do pampa, sente-se “um” com o cavalo (vindo daí a metáfora de que o gaúcho é o ‘centauro do pampa’). Tendo um vínculo muito forte com sua montaria, não raro compara a mulher com a égua que, conforme a tradição oral, lhe “serve como montaria e como mulher”, e sobre a qual possui todo o domínio, servindo esta apenas para lhe obedecer.

Alguns dos ditados populares mais usuais na Região da Fronteira com o Uruguai não se encontram escritos: passam de geração em geração pela tradição oral; outros se encontram em obras regionalistas. Estes ditados estão plenos de símbolos e imagens onde se expressa a dominação masculina e se reforça a idéia da superioridade do homem numa sociedade que se construiu androcêntrica por excelência. Outros, encontram-se compilados, integrando obras de cultura regionalista, como no “Adagiário Gaúcho”, de Victor Russomano (1948 -1949...) e no livro “Bruaca”, de Sylvio Echenique (1980).

Alguns ditados populares da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai que são comuns:

- “Cachaça, mulher e bolacha em qualquer parte se acha.”
- “Mulher, cavalo e revólver não se empresta.”
- “Bagual e mulher fo gosa, tem que quebrar o queixo.”
- “Salvo minha mãe e minha irmã, toda mulher é égua e toda égua é mulher.”
- “Peleia como quem dança num surungo de china.”

- “Charla que nem china da fronteira.”
- “Mulher sardenta e cavalo passarinho, alerta, companheiro.”
- “Cobiçada como anca de viúva.”
- “Não há mania nem sogra pra china que não se roga.”
- “Se tiver que cuidar da égua ou da mulher, cuidado da égua, porque tem mais serventia.”
- “Gaúcho não se achica.”
- “Homem que é homem não chora, chia que nem coruja.”
- “Moça e costela, unha com ela.”
- “Na minha casa, quem canta é o galo.”

Como se percebe, as evidências dispensam explicações.

O Imaginário rio-grandense que forjou o atual mito do gaúcho e que o apresenta (de forma distorcida e intencional) como o protótipo do homem livre, e que, por isso, não aspira a um trabalho fixo nem se adapta a este, que não deseja e não constitui família (sendo o ‘don juan’ do pampa), que é folgazão, jogador, tocador de “cordeona”, corajoso, franco, poderoso – sendo esse perfil motivo de orgulho e servindo para inculcação nas gerações futuras – é o que está presente na História rio-grandense, prenhe desta concepção, enaltecendo-a sob as formas mais diversas. A poesia, por seu simbolismo e magia, se presta bem para retratar esta imagem (distorcida e mitificada) do gaúcho que é a que, por interesses específicos, permeia as representações do Imaginário, e é o que a sociedade androcêntrica procura inculcar através da repetição e da persuasão.

Nasceu lá no rincão de “nã o-sei-onde”,  
 E vai passando ao tranco pela vida...  
 Si elle tem rancho um boqueirão o esconde,  
 E essa “bibóca” nunca foi sabida...

Em pleno campo nú, não há quem sonde  
 Como elle sonda uma noite encardida;  
 Farejando junção onde uma china ronde,  
 E onde haja gaita e onde corra bebida...

Não há lugar onde elle “ägüente o banco”...  
 É o horror do trabalho que o domina,  
 E o comissário lhe bombeia o tranco...

Nem mesmo china seu viajar lhe trunca...  
 Não tem querência e vai seguindo a sina  
 De pago em pago e não se aproma nunca.

(Vargas Neto, 1959, p. 19)

Também de Vargas Neto outro poema que retrata o gaúcho como o homem livre, que “não tem rancho, nem china, nem pago”, que não se intimida com a presença da polícia e que vive de momentos de amor rápidos e passageiros:

#### ÍNDIO VAGO

...Quando a polícia um pouco o abandona,  
 Vai ao bolicho se aliviar num trago  
 E afogar as desditas na cordeona.  
 Vê, à noite, a china, por um momento apenas,  
 Nem desencilha o pingo fiel, que o salva,  
 Acolherados pelas mesmas penas.  
 E à madrugada, segue seu fadário  
 De olhos erguidos para a estrela d’alva  
 E ouvidos baixos para o comissário.

(Vargas Neto, 1959, p.17)

Percebe-se que o mito de liberdade e da coragem é uma constante nas representações do Imaginário fronteiriço. Hipólito Lucena (1961, p. 16), poeta bajeense, assim o expressa:

#### GUASCA PELEADOR

Bombeio a vida indiferentemente,  
Bem igualito como encaro a morte!  
Não tenho pai, nem mãe e nem parente,  
Que vivam matutando em minha sorte!...

E quando empandilhado, um insolente  
Me prega o grito, eu mando que se corte!  
Topo a parada com qualquer valente...  
Quanto mais guapo, mais me torna forte!...

Nas carreiras, nas carpas, no bailado,  
O povaréu não fica sossegado!  
Igual matungo em campo com mutuca...

Cochicham, os milicos, em segredo...  
E se vai afastando o chinaredo:  
- Quando apareço de chapéu na nuca!...



**Fig. 1** – O gaúcho livre – *‘Que não tem rancho, nem china, nem pago...’* Desenho a bico de pena – Sérgio Cunha – Santana do Livramento (sem data)

No que se refere à constituição da família e a entregar-se a um amor duradouro isto é visto como ‘fraqueza’, como atitudes ‘índignas da virilidade’. Hipólito Lucena (1961, p. 26) retrata bem o desdém do gaúcho às relações amorosas que envolvam vínculos:

#### AMOR DESFEITO

Com teus carinhos fabricaste um laço,  
Com mil rodilhas, forte, resistente;  
E me prendeste a vida num abraço  
E num beijo de amor, sublime, ardente!...

Querias que eu baixasse o meu cachaço,  
Depois que me prendeste fortemente!  
Mas, cabrestear é cousa que não faço;  
É cousa que não faz a minha gente!...

Gaúcho velho, livre, traquejado,  
Não é matungo magro e desprezado,  
Que qualquer maturranga lhe domina!...

Compreenderás, agora, o meu valor:  
- Separei meu amor do teu amor  
Como divisa de tuna e cina-cina!...

E, se por acaso, chega a ‘dobrar-se’ a um sentimento mais profundo, considera-se ‘sem valor’:

#### GAÚCHO DOMADO

Fui valente, fui guapo, atrevidaço,  
Gaúcho sem querência e sem destino!  
Derrubei muitos guascas, a mangaço;  
Muitos milícios fiz correr, sem tino!...

Esganchado no lombo do picaço,  
Não havia gaúcho mais ladino!  
Nos bailes eu fazia estardalhaço,  
E deixava a chinoca em desatino!...

E, não mal comparando, fui bagual,  
Que nunca sentiu cóscas de buçal,  
Nem nunca alguém pensou-lhe pôr a mão!...

Mas... cuê-pucha! Esta china, o meu amor,

Me fez ficar matungo sem valor...  
E mansito, de rédea solta ao chão!... [grifo meu]

(Hipólito Lucena, 1961, p. 15)

Segundo Bourdieu (1999, p. 67), os homens procuram negar seus sentimentos ou menosprezá-los para preservar a imagem dominante da virilidade, que “como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.”

Ora, sentimentos como a entrega e o reconhecimento do amor são características, construídas dentro do Imaginário androcêntrico, como tipicamente femininas.

Na historiografia rio-grandense (como na História em geral), pouco tem sido relatado sobre a mulher gaúcha.

A mulher é silenciada na imprensa escrita, excetuando-se as revistas femininas e os encartes específicos dos jornais dedicados à sua condição feminina. O sentido desse silêncio remete às características de passividade e submissão, atribuídas às mulheres em nossa cultura.

Tanto o silêncio físico, como a ausência de textos sobre as mulheres, quanto o que chamamos de discurso de gênero, que também é uma forma de silenciamento, pois ao dizer determinadas coisas, emudece outras, são registros da contradição entre certas práticas discursivas e a posição participativa da mulher na sociedade atual. (PIRES, 1999, p. 245)

Este silêncio é significativo. Muito pouco se sabe sobre as mulheres rio-grandenses, principalmente as da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. No livro “História das Mulheres no Brasil”, Joana Maria Pedro, que escreve “Mulheres do Sul”, muito pouco fala sobre elas. Baseando-se nos relatos de Saint-Hilaire, botânico francês que esteve no Brasil de 1816 a 1820 fazendo estudos sobre a flora e a fauna brasileiras, relata as anotações deste e que retratam os costumes do povo, fazendo algumas menções à mulher do Sul, como mulheres “bonitas” e que, “*na ausência dos maridos* [grifo meu], comandavam as

estâncias” (Pedro, 2001). A autora também faz, no texto, alguns relatos sobre a mulher urbana de Porto Alegre, mas da mulher do campo, principalmente a da fronteira, nada é falado.

O pouco que se sabe sobre as mulheres do Sul dá-se pelo relato de viajantes, principalmente Saint-Hilaire e Brackenridge. Este, em seus relatos sobre sua viagem à América do Sul, em 1820, referindo-se ao sul do Brasil, afirma que

“[...] o número de indivíduos masculinos em proporção ao de femininos, não menos que dez para um [...] Azara relata anedotas curiosas de suas mulheres roubadas, e Mawe conta-nos ‘que uma pessoa pode viajar nestas partes por dias seguidos, sem ver ou ouvir falar de uma mulher solteira durante o curso de sua jornada’” (BRACKENRIDGE, *apud* TAMBARA, 2000, p. 229).

Entre os autores atuais, Golin (1987) apresenta a mulher gaúcha como ‘mulher adorno’, baseando-se na etimologia da expressão ‘prenda’, dada à mulher. Para ele a participação da mulher é muito reduzida na estância, sendo esta submissa ao marido e a estância fazendo parte do ‘mundo dos homens’. Já Fonseca (1982) apresenta a mulher gaúcha como “dona absoluta de sua casa”. O fato é que há um silenciamento na historiografia da época sobre as mulheres. Que elas eram em número menor que os homens, que havia mais homens do que mulheres no campo, isso se sabe. Mas quem eram essas mulheres anônimas? A História rio-grandense fala em Anita Garibaldi, catarinense que teve destaque nas lutas do Rio Grande do Sul; Jacobina, em São Leopoldo, líder que se debatia contra a exploração dos pequenos colonos, e Cabo Toco. Mas e as mulheres da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai? De quem se ouviu falar? Eram heroínas anônimas, que pariam seus filhos muitas vezes sozinhas, que guardavam as estâncias nas longas ausências dos maridos nas guerras e revoluções; eram as mulheres que trabalhavam nas estâncias sem receber salário, em troca da comida e da moradia, sendo abusadas sexualmente por patrões e peões. Pergunto: quem fala nelas? Foram tão pouco expressivas ou tiveram pouco espaço para se manifestar? Ou suas

vidas foram consideradas tão sem importância, pela sociedade androcêntrica que se constituiu, que não são dignas nem ao menos de que se fale nelas?

Na literatura do Rio Grande do Sul, destaca-se a obra de Érico Veríssimo, “O Tempo e o Vento”, trilogia que escreveu em 1949 (1ª edição), visibilizando a figura feminina rio-grandense, como a mulher que “amava, sofria e esperava”, como Ana Terra ou Bibiana; entretanto, eram mulheres fortes na sua fragilidade, pois zelavam pelo patrimônio da família, defendiam sua prole e, com heroísmo, defendiam-se sozinhas quando necessário (Veríssimo, 1962); valores tipicamente “femininos”.

Utilizar-se a literatura como uma das manifestações do Imaginário e como possível fonte histórica já foi um ponto polêmico por muito tempo. Hoje, a História se vale da Literatura como um recurso que ilustra uma afirmação sobre o passado, para confirmação de um fato ou idéia.

Segundo Pesavento:

Nos anos 60 e 70 do século XX a Literatura se definia como engajada e militante, portadora de um compromisso definido com o social, cabendo também à História um perfil crítico e politicamente correto, na sua missão de denúncia das injustiças sociais [...] (PESAVENTO, 2003, p. 32)

Sob a ótica atual, as narrativas históricas articulam e aproximam a História e a Literatura, vistas como discursos, procurando entender a História, pois esta e a Literatura “são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade e atribuir/desvelar sentidos [...]” (PESAVENTO, 2003, p. 32)

Embora com compromissos diferenciados, partindo-se da premissa de que “o acontecido é uma construção” (KOSELLECK, *apud* PESAVENTO, 2003, p. 34) – Pesavento

(2003) afirma que tudo o que existe é identificado e expresso pelo pensamento e pela linguagem, sendo “construções sociais” da realidade. A Literatura serve para cruzar dados na recuperação/reconstrução do acontecido para que possa surgir a “verdade possível”, pois o resultado final é “sempre uma versão”, e o *mais próximo possível* do que teria ocorrido um dia. Neste caso, é possível considerar a Literatura como fonte, embora vista com uma certa relatividade. A Literatura permite a compreensão do Imaginário de uma época (sob um dos muitos vieses que este venha a possuir), procurando entender os mistérios que se instituem em uma sociedade, “sociedade esta que, na construção de suas razões e sentimentos, vetores da organização da vida, inventam o passado, a criar uma ancestralidade mítica ideal que responda às necessidades daquele presente, à cata de suas origens” (PESAVENTO, 2003, p. 44).

Considerando-se que a obra de Érico Veríssimo retrata os padrões sócio-culturais da época, do século XVIII ao início do século XX, e que a literatura exprime “a visão dominante da divisão sexual” (Bourdieu, 1995, p. 137), é possível, utilizando-se a obra de Veríssimo, inferir-se as manifestações do Imaginário vigente no Rio Grande do Sul, podendo-se, por analogia, vislumbrar o Imaginário fronteiriço que, segundo a tradição oral, é o “mais machista” do Rio Grande do Sul.

D. Bibiana! Ali estava uma criatura de valor. Com umas duzentas matronas como aquela estaria garantido o futuro da Província. [...] O destino das mulheres naquele fim de mundo era bem melancólico. Não tinham muitos direitos e arcavam com quase todas as responsabilidades. Sua missão era ter filhos, criá-los, tomar conta da casa, cozinhar, lavar, coser e esperar. Difícilmente ou nunca falavam com estranhos e Winter sabia que um forasteiro que dirigisse a palavra a uma senhora corria o risco de incorrer na ira do marido, do pai ou do irmão. [...] Os homens, esses podiam sair em aventuras amorosas, a fazer filhos nas chinocas, nas escravas ou nas concubinas; mas ai de quem ousasse olhar para suas esposas legítimas. Eram estas em sua maioria analfabetas ou de pouquíssimas letras e tinham uma assustadora tendência para a obesidade. Eram tristes e bisonhas, e as contínuas guerras quase não lhes permitiam tirar o luto do corpo; por isso traziam nos olhos o permanente espanto de quem está sempre a esperar uma notícia trágica. [Esta seria a visão do Dr.

Winter, médico alemão, sobre o interior do Continente de São Pedro – complemento meu.] (VERÍSSIMO, 1962, p. 363)

Percebe-se a divisão social do trabalho pelo caráter sexista, bem como se percebe a nítida visão androcêntrica da sociedade, com espaços bem definidos para o homem e para a mulher e posições claras de “quem manda” e “quem obedece”, quem tem direitos e quem não os tem. O relato citado acontece por volta de 1850, revelando a face cruel da sociedade patriarcal para com as mulheres, bem como a situação de guerras e revoluções pelas quais passava o Rio Grande do Sul – o que contribuiu para a formação deste homem inquieto, violento, desconfiado, “sempre alerta”, não permitindo invasões em seu espaço geográfico (o Rio Grande do Sul, sendo ‘brasileiro por opção’) e em sua propriedade (como também sua propriedade era a mulher).

Érico Veríssimo, em “O Tempo e o Vento”, “O Continente”, relata:

O código de honra daqueles homens possuía um nítido sabor espanhol. Falavam muito da honra. No fim das contas o que realmente importava para eles era “ser macho”. Outra preocupação dominante era “hão ser corno”. Não levar desaforo para casa, saber montar bem e ter tomado parte pelo menos numa guerra eram as glórias supremas daquela gente meio bárbara que ainda bebiam água em guampas de boi. E a importância que o cavalo tinha na vida da Província! Para os “Continentinos” o cavalo era um instrumento de trabalho e ao mesmo tempo uma arma de guerra, um companheiro, um meio de transporte; para alguns gaúchos solitários as éguas serviam eventualmente de esposa. [...] Era preciso ter paciência e compreender que aquele era um país novo, ainda na sua primeira infância. Havia nas gentes da Província um certo acanhamento desconfiado que nos homens se transformava num ar agressivo. Falavam alto, com jeito dominador, de cabeça erguida. Entre fascinado e assustado Winter assistia a várias carreiras em cancha reta, e mais de uma vez o haviam chamado para atender algum homem que fora estripado num duelo por causa duma “diferença de pescoço”. [...] Gostava de ver certo tipo de gaúcho que se sentava no chão para jogar cartas e antes de começar o jogo cravava sua adaga na terra, entre as pernas abertas, numa advertência muda ao adversário.

Os lavradores daquela província só agora começavam a conhecer e usar o arado bíblico. (VERÍSSIMO, 1962, p. 363-364)

Esta sociedade “masculina” que se iniciou debaixo da violência certamente deixou traços marcantes no perfil do gaúcho que, para ser entendido como “macho”, se utiliza dela (a violência) como parte dos “signos visíveis da masculinidade”. “Como a honra, ou a vergonha,

seu reverso que, como sabemos, é experimentado diante dos outros –, a **virilidade** tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de **violência real ou potencial**, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’ (BOURDIEU, 1999, p. 65 – grifos meus), instaurando-se assim a cultura da violência masculina.

Sensibilidade, tanto no reconhecimento dos sentimentos como no que se refere à sensibilidade artística, são atributos historicamente tidos como femininos, o que levou Érico Veríssimo a relatar que:

Os ‘homens machos’ da Província de São Pedro pareciam achar que toda a preocupação artística era, além de inútil, efeminada e por isso olhavam com repugnada desconfiança para os que se preocupavam com poesia, pintura ou certo tipo de música que não fossem as toadas monótonas de seus gaiteiros ou violeiros. (VERÍSSIMO, 1962, p. 364)

Bourdieu (1999, p. 26) afirma: ‘Certo erotismo masculino associa a busca do gozo ao exercício brutal do poder sobre os corpos reduzidos ao estado de objetos e ao sacrilégio que consiste em transgredir a lei segundo a qual o corpo (como o sangue) não pode ser senão doado, em um ato de oferta inteiramente gratuito, que supõe a suspensão da violência’ como uma das manifestações da dominação masculina. É o que se percebe na conversa de Licurgo com sua avó:

- Pensa que sou cega, Curgo?
- Pois é verdade. Ismália é minha amásia.
- Vassuncê? Vai se casar, precisa deixar a china. Promete?
- Não!

Seria inútil explicar à avó que ele gostava da prima Alice o suficiente para fazê-la feliz, que a achava bonitinha, prendada, que ia ser boa dona de casa, boa esposa e boa mãe.

A chinoca não pedia nada, não esperava coisa alguma. Gostava dele quase assim como uma cadelinha gosta do dono. Sabia que o rabicho por Ismália nunca poderia influir em sua afeição pela prima nem perturbar-lhe a paz do casamento.

Licurgo conhecera Ismália no rancho dos Carés no fundo duma invernada da estância do Angico. Após longo assédio conseguira levá-la para o mato. Nos

últimos momentos tivera de pegá-la à força. Os gritos da chinoca e dos bugios excitados com a cena era endoidecedor.

Aplacado o desejo, ficara estendido de costas ouvindo o choro manso de Ismália. Sentia vergonha de sua brutalidade.

Saiu do mato resolvido a não ver mais Ismália. Convencido que ela o odiaria, contaria ao pai e este à sua avó Bibiana e imaginava-se respondendo a ela. Fiz e sustento. Mulher é pra isso mesmo. Se não fosse eu havia de ser outro.

A coisa aconteceu da maneira menos esperada.

Após vários dias, estando ele deitado em seu quarto, viu Ismália esgueirar-se pela porta e a china veio enroscar-se a seu lado como uma gata. (VERÍSSIMO, 1962, p. 569)

Também a demonstração do sentimento, vista como atitude tipicamente feminina, é ratificada por Veríssimo:

Curgo sentou-se ao lado da noiva. Andava no ar um cheiro de *toilette* misturado com o de óleo de mocotó que muitas mulheres usavam nos cabelos.

Yacob Geidel reflete ao entrar na igreja – lá estavam aquelas mulheres gordas e peitudas que cheiravam a leite e queijo. E aqueles homens escuros e cabeludos, de mãos rudes e vozes guturais, aquelas bestas que recendiam a suor de cavalo e a esterco.

Licurgo sentiu que devia dizer alguma coisa. Podia cochichar: “A senhora está muito bonita hoje.” Mas continuou calado. A presença da prima lhe causava constrangimento. Detestava pessoas preocupadas em agradar e elogiar os outros. Expressões como “meu querido” lhe pareciam afeminadas. (VERÍSSIMO, 1962, p. 576)

O fato de um homem possuir relações extra-conjugais foi sempre percebido no Rio Grande do Sul como “sinal de sua masculinidade” – para o que contavam, não raras vezes, com o consentimento tácito da esposa, pois era visto como “coisa de homem”. Não só a literatura mais antiga faz estes relatos como “coisa natural”, como também algumas obras atuais. Luiz Coronel, em seu recente livro, “O Cavalo Verde” (2002), embora seja um livro de humor, relata, entre os “causos”, um que bem retrata esta situação:

#### Lágrimas na Sopa

Eta homem bem chegadinho numa carpeta e num reboiço de cobertor. Manta branca, chapéu de feltro, saía para fuzarquiar com as moças que dormem prá fora. E era aquela champanhe pipocando entre risos e guizos.

Chegava em casa, o jornal já estava em baixo da porta. O sininho da sala fazia blim-blim avisando: já vim! Com voz paciente e carinhosa, chamava por Dona Nininha:

- Minha velha, faz um caldo de galinha para nós.

Ela se levantava, lavava o rosto, soprava as brasas do fogão e vinha ter com ele à mesa, trazendo a sopeira fumegante.

Depois de três ou quatro colheradas de sopa, Tio Gumercindo começava a choramingar.

- Nininha, não deixa essas mulheres da vida me roubarem de ti, não deixa!

Como sempre e amanhã também, ela respondia:

- Não deixo, não deixo, meu velho.

E foram vivendo juntos pelo tempo que Deus lhes deu.

Mas que rica mulher, a tia Nininha, que **categoria!** [grifo meu] (CORONEL, 2002, p. 91-92)

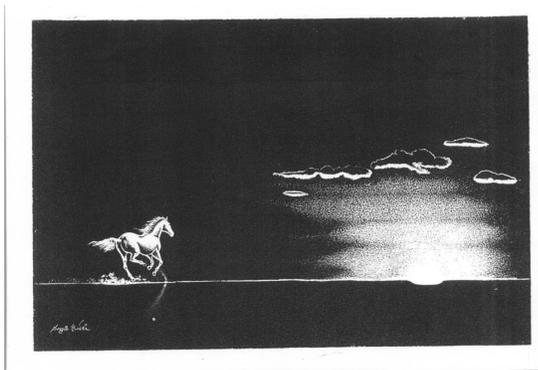
Bourdieu (1995, p. 166) afirma que “a renúncia e a docilidade estão inscritas na mais profunda das disposições constitutivas do *habitus*”. As mulheres, até meados do século XX, eram educadas para aceitar a infidelidade masculina como “natural”. Esta aceitação era vista como uma “qualidade feminina” e como um dos pressupostos de “renúncia e docilidade” inculcadas pelo *habitus*. Bourdieu vê na dominação masculina “o modo como é imposta e vivenciada, o exemplo desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.” (BOURDIEU, 1999, p. 7-8)

A frieza e a crueldade implícitas no conto de Coronel demonstram a violência da dominação simbólica e chantagem emocional efetuada pelo marido: “ou me aceitas ou eu me afasto de ti.” Aparece ainda o apelo ao aspecto “bondoso”, “maternal” e “protetor” da mulher. Cabia, então, a esta, apenas aceitar. Não mudou muito do texto publicado no “Jornal das Moças”, em meados do século XX:

Qual mulher inteligente que deixa o marido só porque sabe de uma infidelidade? O temperamento poligâmico do homem é uma verdade; portanto, é inútil combatê-lo. Trata-se de um fato biológico que para ele não tem importância. (BASSANEZI, 2001, p. 607, citando trecho do ‘Jornal das Moças’, de 17 de abril de 1952)

Aparece de forma clara a diferença biológica como o motivo justificador do comportamento (moral sexual) diferenciado para o homem e a mulher. Segundo Bourdieu (1999), essa ‘naturalização’ das diferenças atribuídas ao masculino e ao feminino pelo critério biológico não passa de uma construção social vinculada no *habitus* por uma visão masculina, androcêntrica, da sociedade e que serve para justificar a dominação masculina que foi instaurada de modo arbitrário, consagrando a ordem estabelecida e fazendo-a crer-se reconhecida e oficial, sem qualquer necessidade de justificação, uma vez que ‘naturalmente’ a posição hierárquica superior ‘é do homem’, procurando manter assim o *status quo*.

Quando se lança um olhar sobre a iconografia rio-grandense, muito comum no espaço doméstico e público, fruto da cultura regionalista e do culto à tradição, tem-se a percepção do culto à liberdade (sua inculcação constante e sua permanência marcante no cotidiano), para seu reforço e manutenção.



**Fig. 2 – O cavalo em direção ao horizonte, o gaúcho em direção à liberdade. Desenho a bico de pena.**

Sérgio Cunha, Santana do Livramento, 2000.

Percebe-se, como traço marcante, a presença do cavalo, que, de uma certa forma, encarna a figura do gaúcho, com sua força, beleza, agilidade e ‘galope para a liberdade’, uma vez que o gaúcho é o ‘centauro do pampa’, e o cavalo, sua montaria, faz com ele ‘um só’, confundindo-se e fundindo-se um no outro.

Segundo Ornellas (1999), tanto no gaúcho, como no árabe e no espanhol percebe-se um fenômeno psicológico a que ele chama de “transposição”:

O gaúcho transpõe para o cavalo todos os cuidados pessoais que a si próprio se dispensa. E é uma injúria pessoal a injúria lançada a seu cavalo [...] Daí o nome que lhe cabe bem – o de *centauro*, pois, de fato, ele reparte sua vida com a vida do cavalo. (ORNELLAS, 1999, p. 236)

O gaúcho, segundo Ornellas (1999), equipara a mulher ao cavalo, e não raro valoriza mais este do que a própria mulher (o que já se constatou pela variedade de ditados populares freqüentes no cotidiano e que sustentam essa afirmação).

“Mi mujer y mi caballo  
Se me fueron para Salta,  
Como mi caballo vuelva,  
Mi mujer no me hace falta.”

(In: ORNELLAS, 1999, p. 253)

É também Ornellas (1999, p. 262) que fala do narcisismo do gaúcho, comparando-o com o narcisismo do beduíno:

Necessita, no culto apaixonado de sua própria superioridade e valentia, contemplar-se cara a cara, no diálogo íntimo de seu amor-próprio exagerado, com o mesmo orgulho e a mesma altanaria com que o gaúcho “se mira” na lâmina de seus arroios murmurantes e no aço espelhado e cortante da sua adaga...

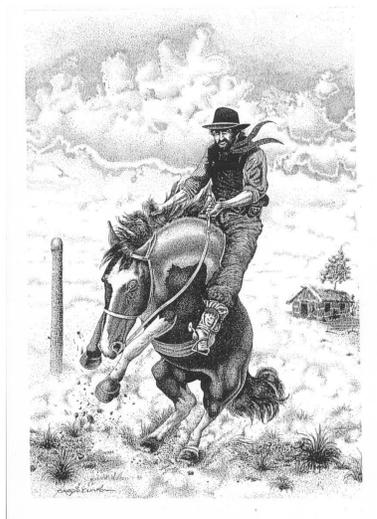
São freqüentes as gravuras e pinturas que associam o gaúcho e o cavalo à liberdade. É o cavalo livre, galopando em direção ao horizonte (fig. 2), é o cavalo troteando pela “porteira aberta” (fig. 3), numa metáfora do “gaúcho que não se prende a coisa alguma”.



**Fig. 3** – Abrindo a porteira – *o cavalo, como o gaúcho, anseia pela liberdade*. Desenho a “bico de pena”.  
Sérgio Cunha, Santana do Livramento (sem data).

O gaúcho, em seu cavalo, sente-se livre e poderoso, senhor do pampa; subjuga a natureza e todos os seres vivos (e, conseqüentemente, a mulher).

O homem e o cavalo são um só, numa simbiose perfeita e com um poder “quase infinito”. O gaúcho a cavalo “tudo pode”. O gaúcho a pé é um “joão -ninguém”...



**Fig. 4 – O gaúcho e o cavalo. Desenho a “bico de pena”. Sérgio Cunha. S. Livramento, 1999**

É comum encontrar-se gravuras, desenhos e pinturas sobre a vida no campo, mas a figura central é sempre o homem. O homem e o cavalo. A mulher é como que fosse inexistente.

Este silenciamento sobre a mulher ocorre não só na historiografia regional e na iconografia, como nas outras manifestações do Imaginário. A mulher, quando aparece, é como subalterna e apagada. Ou então, simplesmente não aparece...

Outro aspecto que subjaz às manifestações do Imaginário gaúcho é a *força* (e a *violência*) do homem, naturalmente (fig. 4).

Quando T. H. Marshall afirmou que, no século XVIII, “todas” as pessoas na Inglaterra eram livres, não explicou que os ingleses adultos livres eram os “homens”, e, se assim o eram, isto se dava pela ‘mercantilização do trabalho feminino e da falta de poder legal das mulheres

nas casas, controladas por práticas patriarcais” (TORRES, 2001, p. 129). Assim aconteceu nas plagas do Rio Grande, visto que a mulher só adquiriu (como, de resto, em todo o Brasil) o direito ao voto na década de 30 do século XX, que continuou legalmente dependente do marido até a década de 60, quando entrou em vigor o Estatuto da Mulher Casada (Lei Federal nº 4.121, de 27/08/1962), deixando esta, então, de ser ‘relativamente incapaz’ para todos os atos da vida civil – sendo que a paridade legal (isonomia) só lhe foi atribuída com a Constituição Federal de 1988 (embora, de fato, ainda se esteja muito longe de sua concretização...)

A mulher, hoje, é considerada legalmente detentora de cidadania. Mas, na prática, nas regiões do interior da Fronteira sul-rio-grandense, principalmente na zona rural, ela realmente é cidadã??

Torres (2001) questiona esta visão de cidadania que se aplicava apenas aos homens, não só na Inglaterra, como no restante do mundo, afirmando o quanto o movimento feminista contribuiu para o projeto democrático de cidadania, pois buscava este, realmente, a igualdade, a liberdade e a cidadania para todos.

Interessante notar que Luís Fernando Veríssimo (1984), à guisa de introdução a ‘Prendas e Antiprendas’ ( *apud* Louro, 1987, p. 9), inicia com a clássica pergunta/afirmação muito usual entre os gaúchos:

**- “Machistas, nós?”**

Justificando a historiografia regional, onde as guerras e revoluções tiveram papel de destaque, onde a sociedade se originou da vida no campo e da família patriarcal e (talvez por isso) tenha se prolongado tanto ao longo do tempo (principalmente no interior), afirma que ‘Em sociedades assim o homem faz da mulher, menos do que um assessor, um *acessório* [grifo meu]’ (VERÍSSIMO, 1984, *apud* Louro, 1987, p. 9).

Luís Fernando Veríssimo apresenta a mulher como subalterna, utilizando como metáfora as danças gaúchas (manifestações outras do Imaginário), onde “os homens sapateiam, batem as esporas, cruzam os facões e brilham enquanto as prendas rodam a saia. Até a roupa do homem é mais elaborada e bonita do que a do seu par” (VERÍSSIMO, 1984, *apud* Louro, 1987, p. 9)<sup>6</sup>. Como, no Rio Grande do Sul, é muito forte o culto à tradição, e este externa a dominação masculina e as relações de gênero, o homem gaúcho cultiva e cultua as “qualidades” masculinas de forma ímpar, o que, de forma arraigada, reflete -se no mundo da Escola e na História da Educação sul-rio-grandense. Segundo Veríssimo (1987), o machismo gaúcho é, além de excludente, um reflexo da vaidade do homem sobre sua virilidade, sendo a prenda “a idealização da fêmea que não se mete” (VERÍSSIMO, *in* Louro, 1987, p. 9). Entretanto, é o mesmo escritor que afirma que o Rio Grande do Sul produziu mulheres “metidas”, as “antiprendas”, que romperam com o “ficar rodando a saia” – o que significa que houve movimentos de resistência, demonstrando a coragem das mulheres gaúchas em tentar romper a dominação, negando, nas palavras de Veríssimo, a “velha lei de que mulher de gaúcho não se mostra: as de casa ficam na cozinha e as outras no chineiro, ou no segredo...” (VERÍSSIMO, 1984, *in* Louro, 1987, p. 9).

---

<sup>6</sup> Pode-se afirmar este fato, através do estudo realizado por Vera Stédile Zattera, sobre os trajes típicos gaúchos, de 1730 até a atualidade (Anexo G).

A prosa e o verso, a iconografia rio-grandense, a literatura clássica e a popular, e a música típica gaúcha, apresentam o homem como o ator, o sujeito da história, o que detém o poder, aquele que é forte (e por isso belo, desejável), e a mulher como subalterna, a figura do espaço doméstico; com esta construção social “naturalizada”, o movimento de resistência tem sido lento e sofrido, principalmente nas regiões do interior da metade sul do Estado, notadamente nas regiões de fronteira, onde, nas épocas antigas, ante as possibilidades de invasão espanhola, os homens ratificaram o apego e a defesa do território, propriedade rio-grandense, “sua”, “do macho”, através da violência. A existência do machismo, em maior ou menor grau, é reconhecida, visível, cultuada e inculcada nos meninos desde o espaço doméstico, e, sendo a Escola um espaço de produção de diferenças, o machismo é reforçado, de forma explícita ou implícita, pelas mulheres-professoras que, embora sofrendo com ele, o reproduzem, numa busca atávica pela “normalidade sexual”, instituidora de diferenças e de exclusão social.

O culto à tradição se expande, por meio dos “C.T.Gs.” (Centros de Tradição Gaúcha), e as músicas típicas e regionalistas estão presentes em todas as emissoras de rádio que, na região da fronteira com o Uruguai, começam suas programações ao alvorecer do dia (por volta das 6h), levando ao ar músicas gauchescas. Muito freqüente é ligar-se o rádio cedo da manhã e ouvir-se “Morocha”, de Mauro R., Ferreira e Roberto S. Ferreira, que, embora já possuindo uma resposta na qual é procurado enaltecer a mulher (e que costuma ser bem menos ouvida), apresenta de forma rude uma síntese da idéia que o homem “gaúcho do interior” (‘gaúcho da fronteira’) faz de si mesmo e da mulher:

Mauro R. Ferreira / Roberto S. Ferreira

Não vem morocha, te floreando toda  
 Que eu não sou manso e esparramo as garras  
 Nasci no inferno, me criei no mato  
 E só carrapato, é que em mim se agarra

Tu te aproxegas, reboleando os quarto  
 Trocando orelha, meu instinto rincha  
 E eu já me paro, todo embodocado  
 Que nem matungo, quando aperta a cincha

Aprendi a domar  
 Amanunciando égua  
 E para as mulher  
 Vale as mesmas regra  
 Animal, te pára  
 Sou lá do rincão  
 Mulher pra mim é como redomão:  
 Maneador nas patas e pelego na cara

Crinuda velha, não escolha o lado  
 Nos meus arreios não há quem peliche  
 Tu inchas o lombo, te encaroço o laço  
 Boto os cachorros e por mim que se abiche

Não te boleias que o cabresto é forte  
 O palanque é grosso: senta e te arrepende  
 Sou carinhoso, mas incompreendido  
 É pra o teu bem, vê se tu me entendes

Aprendi a domar  
 Amanunciando égua  
 E para as mulher  
 Vale as mesmas regra  
 Animal, te pára  
 Sou lá do rincão  
 Mulher pra mim é como redomão:  
 Maneador nas patas e pelego na cara.

Quando as mulheres-professoras, em uma demonstração de resistência, procuram trabalhar em aulas temas como igualdade entre homens e mulheres, lutam contra toda uma realidade adversa. “Morocha” pode ser vista como uma brincadeira, uma zombaria, mas, sendo muito repetida, faz parte (ou acaba fazendo parte) do inconsciente coletivo. (Sendo

executada nas rádios da Região da Fronteira sul-rio-grandense já há bastante tempo, é porque encontra aceitação pela audiência das emissoras.) O mais cruel não é o que ela explicita, mas o que significa, cria e reproduz.

### **3 O GAÚCHO DA FRONTEIRA SUL-RIO-GRANDENSE**

#### **Os Gaúchos**

Quem lhes teria dito que seus ancestrais vieram por um mar, quem lhes teria dito o que são um mar e suas águas.

Mestiços do sangue do homem branco, o menosprezam, mestiços do sangue do homem vermelho, foram seus inimigos.

Muitos não terão ouvido jamais a palavra gaúcho, ou a terão ouvido como uma injúria.

Aprenderam os caminhos das estrelas, os hábitos do ar e dos pássaros, as profecias das nuvens do sul e da lua como um halo.

[...]

Morriam e matavam com inocência.

[...]

Sua cinza imortal está perdida em remotas regiões do continente...

(Jorge Luís Borges)

#### **3.1 O Rio Grande do Sul – localização geográfica**

O Estado do Rio Grande do Sul possui uma área de 282.184 km<sup>2</sup>; seus limites territoriais são: ao norte, com o Estado de Santa Catarina, fazendo divisa a partir do litoral pelo rio Mampituba, pelas encostas dos Aparados da Serra, depois pelo rio Pelotas (um dos formadores do rio Uruguai), seguindo-se por este até a fronteira com a Argentina, cuja divisa é feita ainda pelo rio Uruguai até a confluência do rio Quaraí, onde começa a República Oriental do Uruguai, continuando um vasto trecho de fronteira de terras, para depois o rio

Jaguarão, a Lagoa Mirim e a Barra do Chuí servirem de limitação, completando o perímetro do Estado – e tendo ainda por limite o Oceano Atrântico.

Embora o Estado tenha uma configuração de terras bem distintas (planalto, serras, planuras e coxilhas) e o gaúcho seja o tipo característico de todo o Estado do Rio Grande do Sul, este estudo se aterá mais ao gaúcho da Fronteira, metade sul, que faz limite com o Uruguai – e que conserva características mais marcantes do que os demais gaúchos, do centro, norte ou litoral do Estado, pela distância dos centros urbanos mais desenvolvidos, pela presença do latifúndio e das grandes distâncias entre os conglomerados humanos.

Segundo Flores (1986), o solo, composto, na quase totalidade, por planícies e coxilhas de pouca elevação, prestou-se à criação do gado, possuindo a mesma configuração geológica do Uruguai e da Argentina, o que, por esta e por outras semelhanças, gerou o tipo característico do lugar, o “gaúcho rio-grandense”, que, nas palavras de Reverbel (2002, p. 7), é “integrante da trilogia que caracteriza, com argentinos e uruguaios, o gaúcho sul-americano”.

Interessa-nos analisar neste trabalho o gaúcho típico da metade sul; para tanto, dividir-se-á o Rio Grande do Sul por uma linha imaginária, horizontal, que interliga o rio Ibicuí, em sua foz no rio Uruguai, até o rio Jacuí, em seu desaguadouro no Guaíba, e Lagoa dos Patos e Mirim, chegando ao oceano, e, desta localização, interessa-nos especificamente o homem da fronteira com o Uruguai, a região da Campanha, que se estende para oeste, desde as coxilhas de Bagé e os cerros de Caçapava até Quaraí e Uruguaiana.

## **3.2 O Gaúcho Antigo**

### ***3.2.1 Um Pouco de História***

Nos dois primeiros séculos após o descobrimento do Brasil, a região que hoje é o Rio Grande do Sul não foi considerada de maior importância para as coroas portuguesa e espanhola, uma vez que não apresentava perspectivas de possuir ouro ou prata – o que realmente interessava aos colonizadores. As coxilhas e planícies do atual território do Rio Grande junto à Bacia do Prata apresentavam as mesmas características geológicas e prestavam-se também à criação de gado. Outro motivo que retardou a colonização foi a existência de grande número de índios pampeanos (charruas, minuanos, iarós, guenoas e chauás) muito apegados à defesa de suas terras. O Tratado de Tordesilhas deixou fora dos domínios da Coroa Portuguesa este pedaço de chão. Mas, ao longo do tempo, os portugueses foram descumprindo o tratado e ocupando o território, palco de muitas lutas entre os portugueses e os espanhóis – pois era excelente para a criação do gado e a formação das estâncias.

As margens do Prata também foram sendo ocupadas por espanhóis, dando origem a estâncias e povoações. E, com o passar do tempo, foram chegando mais levas de homens europeus, que vinham para cá sem trazer mulheres. Ora, as índias, eram presa fácil para espanhóis e portugueses, que as estupravam e/ou capturavam, dando origem a um tipo mestiço, português-índio ou espanhol-índio, que resultou no tipo característico da região – o gaúcho.

A Coroa Portuguesa, na época das demarcações do território, resolveu trazer do Rio de Janeiro *mozuelas* (mulheres que possuíam comportamento pouco adequado para a época ou prostitutas), para procriar com os soldados e impedir que estes desertassem, uma vez que o acasalamento com as índias envolvia sempre situações de rapto ou estupro, possibilitando riscos de perder os homens para as lanças e flechas indígenas.

Não se pode negar que as *mozuelas* exerceram, a contento e com desenvoltura, as funções a que foram chamadas a desempenhar, naquelas circunstâncias, atendendo a interesses legítimos da política colonial portuguesa, extremamente carente de contingentes demográficos para povoa os imensos territórios que começavam a ser ocupados e colonizados. (REVERBEL, 1986, p. 51-52)

Destas relações encontra-se também a gênese dos gaúchos.

### **3.2.2 O Termo ‘Gaúcho’**

Muito controvertido em suas origens e significados, o vocábulo “gaúcho” é de origem incerta e perde-se no tempo. Muito tem-se escrito sobre ele, mas, segundo Reverbel (2002, p. 7), “ninguém sabe ao certo se o vocábulo é indígena ou se é transporte e uropeu adaptado a um fato americano”.

Tambara (2000, p. 20) afirma que “...a origem do termo ‘gaúcho’ permanece um mistério. A etimologia do termo tem merecido a atenção de inúmeros investigadores que, entretanto, não chegam a conclusão alguma de forma definitiva.”

Para explicar sua etimologia, há mais de cinquenta hipóteses; poderia ser oriundo do árabe, do espanhol, do francês, do cigano, do português, do araucano, do guarani, entre outras.

Segundo Meyer (*apud* TAMBARA, 2000, p. 21), “a grafia e pronúncia do vocábulo *gauche*, aproxima-se muito da tese defendida por Granada, na Argentina, de que provinha do árabe *cháuche* – cavaleiro, miliciano, herói, homem do campo e do gado.”

Aurélio Porto, também citado por Tambara (2000, p. 21), apresenta a origem do termo “gaúcho” como fazendo parte da linguagem dos índios minuanos – *gauches* – que teria como significado “gente que canta triste” – que é a versão mais conhecida e aceita na Região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.

O fato é que Corominas, no “*Breve Diccionario Etimologico de la Lengua Castellana*” (1961, p. 138), apresenta o seguinte:

*Gaicho. Criollo rural del Rio de la Plata, 1782. Origen incierto; quizá sea lo mismo que guacho ‘huérfano’ (antes uájcha, antes uákcha), pobre, indigente, huérfano, de donde primero guancho y despues gaicho.*

O que importa é que tanto para Tambara (2000, p. 22) como Reverbel (1986, p. 16), o que tem significação é a expressão social, cultural e histórica do gaúcho, bem como os elementos caracterizadores da formação sócio-econômica do pampa e a gênese e continuidade e as evidências das manifestações do Imaginário da Fronteira do Rio Grande do Sul, que permitiu e organizou uma calma aparente nas relações de dominação que ocorreram (e ocorrem) tanto a nível doméstico como nas relações de trabalho.

### **3.2.3 Gaúcho – o Tipo Social**

Jacques (1979, p. 166) define o gaúcho como:

[...] nome que se há dado nas Repúblicas do Rio da Prata (*gaucho*) e no Rio Grande do Sul (gaúcho) a essa classe de indivíduos nômades mestiços, especialmente com o branco e o índio, que outrora existiu valorosa, leal, hospitaleira e cheia de desprendimento [...] vivendo de estância em estância, entregue às lides pastoris primitivas e as lides guerreiras, formando a flor das cavalarias de antanho, muitas vezes entregue ao contrabando [...] denomina-se gaúcho o habitante rural descendente desse tipo forte, destemido nas pejejas e em todos os perigos e nas ardorosas lides pastoris.”

Entretanto, o termo gaúcho, quando começou a ser utilizado, possuía um caráter eminentemente pejorativo. Coni (1969, p. 8) diz que o gaúcho era descrito, no período da colonização espanhola, como *“al vagabundo o changador de ganados, sujeto nómade, pesadilla de estancieros y autoridades en la Banda Oriental del Uruguay, en Entre Ríos, en Santa Fe”*. Também era utilizado para designar *“sujeto ambulante, fugitivo o desertor, sujeto desqualificado [...]”* a quem se referiam como *“éste es un gaucho, que no se le conoce propiedad alguna”* (CONI, 1969, p. 9), estendendo-se o termo ao indivíduo desprovido de propriedades. Mais adiante, Coni, citando Martín de Moussy (1860), faz uma diferenciação entre os peões de estância e os gaúchos:

*Todos los peones de la estancia forman lo que se llama la peonada, es decei, el conjunto de los servidores del campo. [...] Por error se los designa como gauchos, pues, no es a ellos aplicable esta expresión, sino al hombre errante, al vagabundo que no quiere trabajar y no posee sino su ropa y su caballo. El gaucho es el bandido del Plata [...] casi siempre está en guerra con la justicia por el robo de algún caballo, el rapto de una doncella, y sobre todo por un desgraciado cuchillazo, seguido de venganzas o de simple querrela de pulperia.* (CONI, 1969, p. 12)

Moacyr Flores (1986, p.8) diz, ao referir-se ao gaúcho:

A savana que ocupa uma parte da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul denominava-se pampa. Habitada por índios charruas, minuanos, chauás, guenoas e iarós, que viviam da caça, passou a abrigar um novo tipo social, o gaúcho ou gaudério, que, sem pátria e sem lar, era formado por desertores, vagabundos, tanto portugueses como espanhóis, negros e índios, todos marginalizados pela sociedade latifundiária e pecuarista em formação.

Percebe-se que “gaúcho” designava o sujeito pobre, sem propriedades, poder ou posição social ou política, que, sem laços empregatícios, obtinha trabalho nos períodos de safra, nos rodeios, nas tosas, respeitando a propriedade do estancieiro para garantir serviço no período de nova safra. Isto deu origem aos “changadores” (trabalhadores por tarefa certa e com prazo determinado, sem vínculo empregatício duradouro).

O viver sem fazer coisa alguma levou o gaúcho a ser alguém aparentemente despreocupado com o futuro – o que seria um viver gáudio, de despreocupação, de gozo, originando daí o outro nome aplicado aos gaúchos: gaudérios.

Segundo Guarnieri (1967, p. 28), *“és por el año de 1773 que aparece por primera vez en forma literaria la palabra gauderio que por el oriente de la Banda Oriental designa a un personaje nuevo, ‘sin ley y sin rey’, que a menudo suele tener enredos con la justicia de la colonia”*.

Também segundo Guarnieri, o gaudério, nômade como o índio, dono de cavalos, foi disputando com os primeiros estancieiros suas terras. Estes seriam jovens nascidos em Montevideo (GUARNIERI, 1967, p. 30) e pagos vizinhos, tocadores de gaita e cantadores, aceitos em algumas estâncias por este fato, mas que não se acanhavam em furtar um cavalo ou carrear um animal sem a permissão do dono, gostando de festas e bacanais, possuindo um espírito independente.

Guarnieri enfoca que os gaudérios parecem desaparecer quando aparecem os gaúchos (GUARNIERI, 1967, p. 35). *“Las noticias sobre el uno ya se pierden cuando comenzamos a hallar noticias sobre el otro.”* Outros autores apresentam os termos “gaúchos” e “gaudérios”

como sinônimos, como Moacyr Flores em sua “História do Rio Grande do Sul” (1986), sendo a designação para os indivíduos que roubavam gado, pilhadores, andarilhos, e sendo que somente a partir de 1800 o termo “gaúcho” se generalizou, tornando-se gentílico no século XX e designando o homem natural do Rio Grande do Sul<sup>7</sup>.

Saint-Hilaire (‘Diário de Viagem ao Rio Grande do Sul’, 1820), sempre que se refere ao gaúcho, o faz de forma pejorativa: “eram homens sem religião ou moral, na maioria índios ou mestiços”.

Os primeiros homens chamados de gaúchos eram, inicialmente, considerados párias da sociedade. (Hoje, são cantados em prosa e verso, como o homem ideal, mitificado, o modelo, o arquétipo da coragem, da honestidade, da hombridade – construções sociais convenientes de aglutinação na busca de uma identidade regional baseada em um passado supostamente glorioso que permita, pela unidade, fazer frente à discriminação do Poder Central em relação ao Rio Grande do Sul, com conseqüente perda do poder econômico e político do Estado.)

O homem mestiço, meio índio, meio branco, crescia a campo aberto, tendo as estrelas por cobertas e a terra úmida do orvalho por colchão. Era um pária da sociedade: servia para adentrar nas fazendas, roubar gado, ser uma ameaça às moças, e ocasionalmente trabalhar a troco de quase nada (único momento em que tinha serventia, pois sabia as lides campesinas e

---

<sup>7</sup> Essa generalização, entretanto, inicialmente não foi aceita de modo pacífico. Barbosa Lessa (1985) alude que, em 1912, quando a imprensa do Rio de Janeiro começou a chamar os rio-grandenses de gaúchos, o escritor Arthur Toscano saiu em defesa de seus conterrâneos, afirmando não haver sentido na generalização do termo, “pois nem nos clubes gaúchos revivia-se uma tradição que nunca existiu, que é falsa, porque agora, como em todos os tempos e todos os lugares do interior, só se dão às canseiras do campo os campeiros, os peões, homens rudes, que fizeram aprendizagem para tal fim. Em nenhuma reunião ou baile familiar seria tolerada a presença ou a participação de um sujeito vestido à moda gaúcha” (TOSCANO, *apud* LESSA, 1985, P. 47). O gaúcho, segundo Lessa, neste período, era identificado com a classe trabalhadora e não com o estancieiro, o que demonstra de modo claro a hierarquização das relações sociais no campo, pondo por terra a tese da “democracia” existente na vida rural entre patrões e empregados, e deixando clara a divisão hierárquica marcante nas relações

montava como cavaleiro intrépido). Sem ser reconhecido como sujeito de direitos, numa época em que um nome, e uma família proprietária de terras é que atribuíam o *status*, foi-se criando livre e tendo por moral o ‘raciocínio dos corsários. Só é dono das coisas quem tiver condição de defendê-las. A terra, o céu, o vento, a solidão, o cavalo ou o boi selvagem – tudo isto é de ninguém’ (SILVA, 1993, p. 14). Não poderia ser de outra forma. O que, para os donos do poder, significava ‘homens sem religião ou moral e sem lei’.

Ao longo do tempo, porém, com as lutas pela demarcação das terras, foram estes se achegando às tropas militares e, sem medo como haviam crescido, foram se tornando úteis aos interesses dominantes, bons soldados, bons ginetes, lanceiros, milicianos.

Com o passar do tempo, José Hernandez faz surgir ‘Martín Fierro’, através de sua obra literária, e os intelectuais se utilizam do gaúcho para movimentos políticos. Nas Bandas Orientais vão surgindo povoados, arames vão separando os campos, estradas de ferro cortam o pampa, conseguem submeter o índio ou quase exterminá-lo; desaparece o pastoreio nômade. A figura comum do gaúcho começa a desaparecer. Segundo Coni (1969, p. 13):

*...en seguida, poetas y dramaturgos lo trasladan al ruedo del circo y al escenario del teatro; nace un gaucho ideal [grifo meu], adornado de bellas dotes, henchido de simpatia humana, audaz y valiente. El colectivo gauchaje, ínsito de connotaciones bárbaras, cede lugar a gauchada, acto generoso y altruista.*

Para o poder dominante interessou a mudança de sentido. De ladrões e vagabundos a heróis; de desempregados a homens livres ‘que não se apegam a nada’ – o que permitia que continuassem sendo uma mão-de-obra barata e descartável. Despertou-se-lhes o orgulho de ‘filhos desta terra’, homens ‘sem cabresto’, bons cavaleiros, campeiros destros, homens de

coragem – e com este orgulho exacerbado e a noção de liberdade (pois as relações de emprego não lhes permitiam vínculos afetivos ou fixar-se no trabalho), o gaúcho foi-se tornando livre em seu pensamento, e, paradoxalmente, subjugado por uma sociedade excludente e que o fez prisioneiro do acaso e dos períodos “sazonais”.

Seria o gaúcho primitivo um vagabundo, ou seria um fruto de uma sociedade cruel e desumana? Passar de bandido a herói foi uma conquista, ou foi apenas mais uma cartada de interesses dos ‘homens que escrevem a história’? Os gaúchos fronteiriços foram, na realidade, uma classe dominada, produtora de riquezas que guerrearam e trabalharam na construção e identidade do Rio Grande sem possibilidade de ter uma família – porque não tinham condições de mantê-la – o que, no Imaginário social, fez criar o mito do homem sem apego, sem sentimentos, que desdenhava da idéia de constituir família, e para quem a mulher era mais uma fêmea, entre tantas outras que a natureza já possuía. Não se viam como ladrões: a terra, os animais, eram sem dono para seus antepassados; e assim como os índios viviam em liberdade, assim queriam viver... Entretanto, conseguiram sair da vida ao ar livre para trabalharem no galpão da estância e, nas palavras de Silva (1993, p. 27): “...do galpão para a sala do patrão e desta para os salões engalanados e cultivados pela burguesia” – mas o Imaginário de liberdade, altivez, negação de afetos e gestos de carinho, dominação sobre tudo o sobre todos já havia sido consolidado.

É impossível anular de um só golpe todos os conhecimentos habituais. Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber. (BACHELARD, 1986, p. 18)

O processo de transfiguração do gaúcho-pária em gaúcho-aristocrata, cheio de virtudes civis e militares, não foi instantâneo nem uniforme: durou várias décadas, encontrou muitas formulações e teve seu coroamento apenas no século XX, quando a oligarquia precisou aglutinar a seu projeto político as novas forças sociais existentes na Província. (GONZAGA, 1980, p. 118)

---

Gonzaga (1980) afirma que, rastreando o início das origens positivas do gaúcho, esta deu-se por volta de 1835, onde os comandantes revoltosos ofereciam aos gaúchos, além do soldo e da perspectiva de saque, uma relação de “oficial-soldado que era repassada por laços caudilhescos” (GONZAGA, 1980, p. 118), onde se fortaleceram vínculos pessoais e onde surgiram lideranças carismáticas que, despertando o orgulho nas tropas, permitiam que lutassem mais e melhor. Nestas ocasiões, o gaúcho e o peão, pelas relações de amizade, foram sendo influenciados ideologicamente, sendo insuflado o ideal de liberdade (os mesmos com os quais se acenava para os negros) e a glorificação dos valores da vida campeira rude: força, destemor, audácia, habilidade, percebendo-os como “gent e” – o que lhes encheu de brios.



**Fig. 5 – O gaúcho nas lutas pelo território. Desenho a “bico de pena”. Sérgio Cunha (sem data), Santana do Livramento.**

Percebe-se a necessidade emergente de contar com o gaúcho nas forças militares e nos campos (embora com bastante trabalho e mão-de-obra barata). Para a burguesia rural, precisava ele deixar de ser um pária, uma ameaça social, para tornar-se um aliado (fig. 5). Nada melhor que levantar sua auto-estima para que pudesse, em troca de um pouquinho de vaidade, ser manipulado e “domado”, e sua força ser usada não mais contra o sistema que se instalava, mas contra si próprio sem que o percebesse.

Com o passar do tempo, o gaúcho foi-se libertando (ou sendo libertado) da visão pejorativa e passou a ser o tipo representativo regional, pois não era nem estancieiro nem peão, por sua própria indefinição social.

No século XX, a economia e a política rio-grandense sofreram alterações e as lides do campo, na pecuária, por influência das cercas de arame dividindo os poteiros, os banheiros para o gado, a introdução de novas raças, foram tornando-se mais simplificadas. Muitos gaúchos, já considerados agregados das estâncias, foram sendo dispensados. E tendo que sair do seu *habitat* (o campo), vieram engrossar os bolsões de pobreza em volta das cidades, assumindo uma condição saudosista e idílica em relação ao passado – e que servia como (re)organizadora social – surgindo assim o culto à tradição, num saudosismo benigno, acomodado, não-violento, alimentado pelas lembranças de “um tempo perdido que não volta mais!”... E assim foi sendo construído o Imaginário social rio-grandense... E assim foi construída a historiografia rio-grandense, com o enaltecimento de um passado guerreiro e de glórias, onde

...o historiador busca nas lutas fronteiriças com os castelhanos vitórias grandiosas, lances de heroísmo e, dominando o cenário do pampa, ‘verdadeiro campo de batalha’, encontra-se a figura altaneira, viril e destemida do gaúcho, ‘centauro dos pampas’ e ‘monarca das coxilhas’ (PESAVENTO, 1980, p. 69).

Essa forma de encarar o passado, oriunda da vida da fronteira e suas lutas contra os castelhanos pela posse do território, fez com que cada homem estivesse sempre alerta para defender a família, o gado e as terras. Desenvolveu-se o sentimento da nacionalidade. Confundi-se o gaúcho com a oligarquia rural. E a classe dominante assume as “virtudes” do gaúcho: forte, desprendido, cheio de civismo e coragem, livre – visão de mundo que se legitima pelo consenso e serve aos interesses do poder.

### ***3.2.4 O Mito como Regulador Social***

Segundo Durand (1996), “é a repetição, a repetitividade no sentido mais amplo do termo, que funda a ciência e o mito”, e o mito do gaúcho foi sendo construído pelo Imaginário e suas representações “cujo estudo permite a compreensão dos dinamismos que regulam a vida social e suas manifestações na cultura” (Teixeira, 2000, p. 9).

O mito do gaúcho do pampa, tanto o primitivo, com seu sentido pejorativo, como o atual, que o glorifica, certamente tiveram a função de regulação social, com sentidos diferentes, em épocas diferentes, sendo construídos pelo interesse dominante.

Entretanto, é impossível desconhecer que o contato diário com a natureza e os animais, o fato de, desde criança, ver matar os animais, tirar-lhes o couro, a marcação, a castração dos animais a sangue frio, fez com que se habituassem a conviver com o sangue – e, despertando um espírito estóico, aprenderam a sofrer as dores físicas sem reclamar ou gemer.

Com o tempo, o gaúcho se socializa, evolui, mas conserva características básicas: é o apego ao cavalo e ao campo, é o domínio sobre a natureza, é a violência da força física na atividade campeira, é a destreza, a coragem, o desprezo ao perigo e pelos compromissos fixos.

Quanto à busca da identidade política e cultural do gaúcho, os vários autores diferem. Tambara (2000, p. 8) enfoca as duas matrizes, a platina e a brasileira. A “matriz platina” afirma que o gaúcho espanhol veio antes do gaúcho brasileiro e que este adaptou-se aos costumes platinos. A “matriz brasileira” nega as influências advindas do Rio da Prata, afirmando que o gaúcho sul-rio-grandense teve sua gênese nas influências luso-brasileiras e é

resultante da miscigenação com os índios. A gênese perde-se no tempo – o fato é que o gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino mantêm semelhanças pela similitude da colonização, do relevo, do trabalho agro-pastoril, da sua ligação telúrica com o campo, o cavalo e os outros animais.

O gaúcho fronteiriço, de filiação duvidosa, adquiriu um perfil psicológico peculiar: supersticioso, desconfiado, audacioso, destemido, orgulhoso, independente, considerando a rudeza como característica masculina e o desapego a sentimentos amorosos (que considerava uma forma de subjugação), entretanto constituiu-se honesto e hospitaleiro.

Porém, atributos como fanfarrão, preguiçoso, avesso ao trabalho – são elucubrações para justificar a ausência de oferta de trabalho fixo.

O gaúcho não possuía terras e vivia de estância em estância em busca de emprego. Não tinha como constituir família, pois seu emprego era incerto e, se era difícil arrumar trabalho para uma pessoa, muito mais o seria para um indivíduo com mulher e filhos.

Vale ainda salientar e analisar a tão propalada “democracia no campo”, fundada na idéia dos trabalhos campeiros realizados em conjunto pelo estancieiro, seus filhos homens e os peões, mas que, na realidade, nunca existiu, salvo raríssimas exceções, sendo uma forma de mascarar as relações de dominação. O galpão seria o lugar do repouso, da igualdade, onde o chimarrão, sendo sorvido em conjunto, impedia a separação entre empregados e patrão. O galpão, lugar de reunião dos homens na estância, servia para abrigar os empregados, sendo onde se guardam os “apeiros” (apetrechos de montaria), é realizado o fogo de chão, que servia

tanto para assar a carne do churrasco como para aquecer a água para o chimarrão, permitindo, no interno, um lugar mais quente para enfrentar o frio das geadas, antes ou após a lida.

O galpão, (fig.6) até hoje, “não é um lugar próprio para mulher”: é onde “os homens conversam” e onde, ocasionalmente, os pelegos pelos cantos servem de colchão para os encontros furtivos com as empregadas ou agregadas, ou com as “filhas de criação” (o mesmo acontecendo no milharal, no mato, no paiol, ou à beira da sanga na hora de lavar a roupa).



**Fig. 6 – O galpão. Desenho a bico de pena. Áttila Sá Siqueira, Bagé (sem data).**

Este sentimento de igualdade (e de fidelidade do peão ao patrão, a ponto de lutar pelos interesses deste nas revoluções, ou votar segundo a sua indicação) *foi também criado* para acomodar as disparidades sociais existentes no campo. A situação de exploração social foi transfigurada por condições concretas de aparente harmonia e de paternalismo em relação aos empregados.

A vida dos primeiros estancieiros era rústica e frugal (conforme se percebe por relatos de viajantes que percorreram o Rio Grande do Sul); a casa do patrão era simples e as relações

com os empregados aparentemente fraternais: tomavam mate na mesma cuia, vestiam-se de modo semelhante, tomavam água no mesmo riacho. A classe dominante via-se como fraterna, democrática. Pesavento (1980, p.73), porém, cita Pardelhas:

A dominação [...] se apresentava como sendo exercida em função de uma superioridade inata, cultural, moral e de aptidões. Por ser ‘naturalmente superior’, o proprietário era ‘naturalmente senhor’ e tratava seus subordinados com *tolerância e bondade* (grifo meu); estes, por seu turno, obedeciam e assim eram elevados até seus senhores. Neste sentido os ‘elementos inferiores, negros e mulatos buscam aperfeiçoar-se’ – e era poderoso fator de aperfeiçoamento o *espírito democrático rio-grandense* (grifo meu). (PARDELHAS, *apud* PESAVENTO, 1980, p. 73)

Esta concepção faz parte do Imaginário **construído intencionalmente** pela classe dominante, constituída pelos estancieiros e foi incorporado pelos gaúchos, dominados, numa forma evidente da dominação simbólica existente da região da fronteira do RGS com o Uruguai. Dentro deste viés, os gaúchos desenvolveram um sentimento de gratidão pela ‘bondade do patrão’ em fornecer -lhes este trato de ‘compartilhamento’. A gratidão e a fidelidade ao patrão/estancieiro era estimulada, sendo uma forma astuciosa de apaziguar e mascarar as desigualdades e a exploração que havia no campo, bem como era estimulada a idéia do ‘pertencimento’: os gaúchos, categoria subalterna, eram conhecidos, segundo a tradição oral, como ‘pertencentes ao senhor Fulano de Tal ou Coronel’, dizendo -se: ‘Esse é ‘homem’ do ‘Coronel Fulano’’, sendo também chamados ‘gente do Coronel’ ou ‘gente do seu Fulano’ (o que, segundo conversas informais com pessoas que moram no campo, ainda existe até hoje). Em época de eleições, os que sabiam ler, votavam ‘com o seu Fulano’ (o estancieiro ou o ‘Coronel’): era ‘voto certo’, numa fidelidade ingênua, que era vista por estes homens simples, como motivo de orgulho e, paradoxalmente, entendida como parte de sua tão propalada (e inexistente) ‘liberdade’, o que o fazia sentir -se socialmente importante por ser ‘gente do Coronel’, sentindo -se com isso, entre seus pares, participante do prestígio gozado pelo patrão. Em ocasiões de desavenças (rixas) entre esses gaúchos, muitas vezes o ‘ser gente

do seu Fulano de Tal” impedia agressões ou “desrespeitos” maiores, por medo de alguma represália por parte do estancieiro a quem este “pertencia”.

A hospitalidade na casa da Campanha sempre foi uma constante. Um mate, um teto e um prato de comida não eram negados. O galpão sempre foi um espaço acolhedor. E os gaúchos iam se “achegando”: se havia algum serviço o realizavam, até mesmo de forma espontânea, em pagamento pela refeição e o abrigo recebido. Muitos ficavam por períodos maiores, sendo pagos através de um local para pousar e refeições. Terminando o trabalho, ou caindo no desagrado do patrão, ou mesmo não gostando de algo, encilhavam o cavalo e recomeçavam a jornada, até outra estância onde pudessem se abrigar.

### ***3.2.5 A Família e as Relações de Poder***

O indivíduo que detém os meios de poder torna-se capaz de exercer várias formas de domínio, e por meio delas, alcançar os efeitos que deseja.

As relações de poder interferem nas relações sociais, instituindo desigualdades, dividindo as pessoas, genericamente em “superiores e inferiores”.

O poder social está presente nas mais diversas modalidades do relacionamento humano; é a faculdade de alguém impor sua vontade a outrem, estando presente a coercitividade. É o que acontecia (e ainda acontece) dentro de muitas famílias, onde estas reproduzem as relações de poder da sociedade em que vivem.

Na maioria das famílias, cabe ao marido e pai o máximo de autoridade. Da mulher sempre se espera submissão ao marido e dentro de casa ela exerce relativo poder sobre os filhos. (GUARESCHI, 1996, p. 79)

Uma das formas pelas quais se estabelecem as relações de dominação é pelo critério sexista: idéias de que o homem manda mais do que a mulher, e que ao homem são permitidas certas regalias, fazem parte do Imaginário da Região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.

Dentro do processo de socialização primária, o menino já é educado diferente, para ser o chefe, para decidir, para tomar a iniciativa. A menina, para cuidar das coisas da casa, para servir ao marido e cuidar das crianças. (GUARESCHI, 1996, p. 80)

O menino, criado na estância desde cedo em contato com os animais, no campo e no galpão, acostumava-se a vê-los no acasalamento, despertando cedo para a prática sexual. Esta era incentivada pelos homens mais velhos. A bestialidade (zoofilia) tornou-se uma prática comum, e raro era o “guri de campanha” que não recebia de seu pai uma égua, para que o servisse como montaria ou como mulher. A porca, a terneira, também serviam para esta “diversão”, mas a égua era considerada a “melhor companheira”, “melhor e mais útil”. Também, segundo relatos orais de moradores da região, o relacionamento sexual dos peões com as éguas era estimulado pelos estancieiros, uma vez que haviam poucas mulheres no campo: era uma forma de “segurar” o peão na estância e evitar que este saísse à noite, o u nos finais de semana, à “procura de mulher”, e não retornasse ao trabalho ou chegasse tarde no dia seguinte. A masturbação era uma prática recriminada, mas a bestialidade não. Era uma forma de subjugar o outro, de mostrar virilidade, poder, dominação. Estes costumes antigos mantêm-se inalterados na atualidade, na zona rural da Região da Fronteira, segundo vários depoimentos das professoras-alunas entrevistadas.

E se o menino e o homem podem dominar as fêmeas dos animais, podem fazer o mesmo com qualquer mulher; antigamente, as que haviam e que não fossem “a filha do patrão”, cedo já teriam sido estupradas ou abusadas sexualmente, pelo patrão, pelo filho do patrão ou por outro qualquer (o que, segundo relatos orais da pesquisa empírica realizada, ainda são práticas usuais no interior).

Quanto aos laços afetivos, interessante é observar o relato de Brackenridge, ainda em 1820:

Uma circunstância deve ter tido uma influência importante no caráter deles, que é o número de indivíduos masculinos em proporção ao de femininos, não menos de dez para um; poucos deles não tendo qualquer família, é natural esperar-se que sejam, em alguma medida, insensíveis às afeições mais ternas. Azara relata anedotas curiosas de suas mulheres roubadas e Mawe conta-nos “que uma pessoa pode viajar nestas partes, por dias seguidos, sem ver ou ouvir falar de uma mulher solteira durante o curso de sua jornada. (BRACKENRIDGE, 1820, *in*: TAMBARA, 2000, p. 229).

A vida rude do campo era pouco atraente para as mulheres, que, limitadas aos afazeres domésticos, eram sacrificadas pela falta de conforto. Entretanto, a mão-de-obra feminina era também barata, e várias serviçais atendiam o trabalho doméstico sob a orientação da patroa. Hoje, essas serviçais, em função da proteção oriunda da legislação trabalhista, já se tornaram mais escassas, tornando ainda mais raras as mulheres que se fixam no campo. As mulheres, portanto, eram (e ainda são!) escassas na Campanha. A dona da casa e suas filhas ficavam dentro de casa; as mulheres existentes e disponíveis eram disputadas pelos homens, que, não raro, brigavam (“peleavam”) por elas. Como lazer, ocasionalmente, surgiam os bailes em locais esparsos, em casas de famílias, com a presença de gaiteiros, ou nos caramanchões (locais armados com cobertura de palha perto da casa, de chão batido), onde, ocasionalmente, era “derramada água” para não levantar muita poeira, alumado a lampiões de querosene (o

que ocorre ainda hoje em muitos rincões longínquos, pois em vários lugares, em pleno início do século XXI, não há iluminação elétrica, e o tão decantado “progresso” ainda não chegou ao campo, aos locais mais pobres, ainda havendo escolas sem água encanada, luz ou banheiro, e algumas não possuindo nem mesmo latrinas). A falta de conforto foi no passado (e ainda o é no presente) um dos motivos que leva a mulher a não querer se fixar no campo; outro motivo é a falta de escolas para os filhos, pois as poucas que existem, em sua maioria, mantêm apenas o Ensino Fundamental incompleto e são distantes (pois tudo, no interior da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, é ‘logo ali’, só que este ‘logo ali’ implica em longas distâncias). Tudo é grande, tudo é longe. Poucas ainda são as fazendas, hoje, bem aparelhadas com luz e eletrodomésticos, havendo somente nas “grandes estâncias”, que se tornam cada vez mais raras pelo empobrecimento natural dos agropecuaristas da metade sul nas últimas décadas, sem os subsídios dos governos e tendo de arcar com uma pesada carga trabalhista para com o empregado rural. A classe média emigrou do campo, assim como terminaram os posteiros e agregados e já são poucos os “filhos de criação”, que normalmente eram fruto de encontros furtivos dos estancieiros com as empregadas, que ficavam “arranchados”. Sendo mão de obra barata, de pouca ternidade duvidosa, os antigos bastardos tinham a “vista grossa” da estancieira, pois faziam pequenos serviços e eram os “achegos” das estâncias. Hoje, isto ainda acontece, embora em escala bem menor, segundo as entrevistadas.

Ornellas (1999) relata a vida familiar antiga, com as mulheres da classe dominante reclusas no interior das casas, mandando as “criadas” nos afazeres domésticos, orientando a tecelagem da lã nas rocas e fusos, na confecção de roupas e cobertores, na elaboração de comidas e “doces de tachos” (marmeladas, goiabadas), doces típicos da região, a amassar o pão, a cozinhar, lavar e limpar, a fazer a canjica de milho, a farinha de mandioca, o queijo e a manteiga, e até mesmo as velas e o sabão, que tinham fabricação caseira.

Nas horas de folga ou mesmo nos vagares da faina, quando o homem permanecia no rancho, [a mulher] cevava-lhe o mate. Sua personalidade sempre se apagava. E a docilidade de seu caráter deu-lhe sempre um lugar de segundo plano na vida primitiva do lar. Não levantava os olhos para o andante desconhecido e nem mesmo ao vizinho que chegava para a charla costumeira. E as filhas permaneciam no interior da casa, a espiarem pelas frinchas das paredes [...] Fechadas como num harém, temiam a sisudez e a aspereza do pai... (ORNELLAS, 1999, p. 224)

Também Ornellas (1999) relata que o menino imitava o pai, ficando pelos galpões, para aprender *a ser homem*.

Filho das macegas, dizia-se dos filhos espúrios, e nada mais duvidoso, de fato, do que a paternidade de muitos deles [...] Na casa-grande da fazenda, o senhor e os filhos multiplicavam, pelos ranchos vizinhos [...] Na fisionomia do piá-mestiço de branco e índio – confundiam-se os traços hereditários. E o fazendeiro, ao depará-lo, não sabia bem se contemplava ao filho ou ao neto. Pelas dúvidas, amparava-o com o rigoroso pudor da confissão ou do reconhecimento. Quando o referiam, no elogio ou no gabo de uma virtude, respondia, intimamente tocado na vaidade, com a frase comprometedor da escusa: ‘cria da casa’... (ORNELLAS, 1999, p. 224 -225)

Essa realidade do século XIX e início do século XX não mudou muito nas últimas décadas desse século, nem chegou muito diferente no início do século XXI, nos rincões do interior da fronteira. Ainda muitos são os filhos de pais “desconhecidos”. O que mudou é o número de empregadas/serviçais, porque, na primeira oportunidade que estas têm, procuram vir para as cidades, atraídas pelo conforto do progresso e pelas oportunidades de lazer, pela “vida fácil” e, sempre que podem, não retornam para morar no campo. As esposas dos estancieiros, hoje, vão para o campo, a maioria, apenas a passeio; as de classe média, que casam com pequenos agricultores ou pequenos proprietários rurais, ou procuram vir para as cidades, ou voltam para lá professoras, não se atendo à vida enclausurada dos tempos passados, e procurando lutar para levar um pouco de conforto à vida no campo. Os próprios homens, não sendo proprietários, na primeira oportunidade que possuem vêm para as cidades, propalando-se um êxodo rural cada vez maior. Muitos pequenos proprietários acabam vendendo suas propriedades por não poderem mantê-las produtivas e, sem qualificação

profissional, acabam em subempregos urbanos. Mas uma constante, nestes homens que vêm para as cidades, é a “saúde do campo”, dos anos de “liberdade” da vida ao ar livre. Cultuando a tradição e vivendo do passado, do saudosismo, prendem-se mais às glórias e lembranças dos tempos antigos (reais ou não) do que às perspectivas do futuro. Vivem no presente, mas são homens do passado, vivendo das glórias de seus heróis, seus antepassados, sem construírem sua própria história, e vivendo das histórias dos pais e avós.

Não raro é filiar-se aos CTGs (Centros de Tradição Gaúcha) – importantes para manter viva a tradição, embora mitificada. É a alimentação do Imaginário. É a necessidade de mantê-lo vivo. Em suas conversas, os homens fogem da dura realidade do presente, ficando a rememorar fatos gloriosos, que, envolvidos pelo mito, servem de consolação e como apaziguadores da desigualdade social no campo e no “paraíso perdido” (que não foi paraíso), mas onde se sentiam livres, onipotentes e soberanos. Muitos não se adaptam nas cidades, com suas luzes e brilhos ilusórios, mas, tendo-se desfeito do pouco que possuíam, não conseguem mais voltar para o campo – ou acabam voltando para lá como empregados. E, muitas vezes, sem a mulher e as filhas, que se negam a voltar, pois a vida urbana as coloca em contato com a possibilidade de uma relativa independência, que lá não conheciam.

## **4 A DOMINAÇÃO MASCULINA E A DOMINAÇÃO SIMBÓLICA**

Uma das formas fundamentais do exercício da dominação é roubar de um sujeito o seu direito à palavra, o direito de pensar em voz alta. Quando se rouba de alguém o direito à palavra, esse roubo de um grupo ou classe social não é casual, ele é um exercício de dominação. Então é muito importante que as mulheres falem, que falem das mulheres para as mulheres... Essa é uma tarefa política muito importante.

(Marilena Chauí)

### **4.1 A dominação masculina – com ênfase no viés de Pierre Bourdieu**

A dominação masculina, presente na ordem estabelecida de todas as sociedades contemporâneas, perpetua-se ao longo do tempo sendo percebida como aceitável e/ou “natural”, como uma decorrência da diferença biológica entre os sexos, “inscrita há milênios na objetividade das estruturas sociais e na subjetividade das estruturas mentais” (Bourdieu, 1995, p. 133), instaurando diferenças de atitudes entre homens e mulheres.

No momento em que se fala em diferenças, pressupõe-se que existem identidades diferentes. “Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas.” (WOODWARD, 2000, p. 8, *apud* SILVA) A identidade é relacional: depende, para existir, que exista outra identidade, fora dela, diferente

dela, mas que possibilite fornecer as condições necessárias para que esta exista: “a identidade é marcada pela diferença [...] A diferença é sustentada pela exclusão [...] A identidade é marcada por meio de símbolos”, sendo que “a construção da identidade é tanto simbólica como social” (WOODWARD, 2000, p. 9-10).

Silva (2000, p. 74-75) também afirma que “identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência [...] As afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre identidade [...] ‘ela’ não é o que ‘eu sou’” (SILVA, 2000).

Historicamente, “os homens tendem a construir posições -de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência” (WOODWARD, 2000, p. 10). Como os homens detém o poder e utilizam seus parâmetros (masculinos) para colocá-los em oposição a uma outra identidade (feminina), certamente, esta, que os padrões masculinos colocam como oposta, será considerada desvalorizada; a identidade é um dado relacional, sendo a diferença estabelecida por uma “marcação simbólica” relativa a outras identidades, vinculadas a condições sociais e materiais que produzem, pela sua oposição, à exclusão social e às desvantagens materiais, influenciando para construí-las (as identidades e as diferenças) o nível psíquico que, junto com o simbólico e o social, é necessário para que os sujeitos “assumam” as identidades e diferenças, incorporando-as e externando-as através de representações, práticas simbólicas e significados, nos quais o “masculino” se constituiu como o parâmetro universal, e o “feminino” como “o outro”, o “excluído”, o “diferente” – gerando-se nesta dicotomia binária relações de poder, em que o “masculino” é quem define “quem é incluído e quem é excluído”.

A dominação masculina implica, necessariamente, em uma submissão do sujeito que se encontra no outro pólo da relação, resultante “daquilo que eu chamo violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecido reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 1999, p. 7-8).

A dominação masculina é tanto mais cruel quando se exerce no interior do espaço doméstico, na vida privada, onde ao homem cabe o poder e a dominação e à mulher a submissão, a obediência, a exclusão – espaço este que deveria ser permeado pela franqueza, pela harmonia, pelo respeito recíproco, por momentos de felicidade, e que se transforma numa arena, à semelhança do Circo Romano, onde indivíduos “lutam contra leões”, numa luta desigual e desumana porque envolve sentimentos e quebra de confiança.

A dominação masculina, entretanto, não se exerce apenas no espaço doméstico: outras instituições sociais, como a Escola, a Igreja, o Estado, são lugares de elaboração e de imposições destes princípios de dominação, que se estendem aos mais variados aspectos da vida social.

A visão que se tem das sociedades é permeada por uma estrutura histórico-social formada por esquemas inconscientes de percepção e de apreciação eminentemente androcêntricos. As diferenças sexuais, biológicas, têm servido para justificar, por si sós, a supremacia masculina, gerando oposições impregnadas de “determinações” hierárquicas entre o masculino e o feminino, tais como “al to/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, reto/curvo (e falso), seco/úmido” (BOURDIEU, 1999, p. 16), sendo o movimento para o alto associado ao masculino, bem como aqueles considerados superiores, os mais importantes, e os para

baixo, os inferiores ou menos importantes, associados ao feminino, sendo este o subalterno, presentes na natureza e sendo assim interpretados.

Silva (2000, p. 86) afirma que:

Basear a inferiorização das mulheres [...] nalguma suposta característica natural ou biológica não é simplesmente um erro ‘científico’, mas a demonstração de uma eloqüente grade cultural sobre uma natureza que, em si mesma, é – culturalmente falando, silenciosa. As chamadas interpretações biológicas são, antes de serem biológicas, **interpretações** [grifo meu], isto é, elas não são mais do que **a imposição de uma matriz de significação** [grifo meu] sobre uma matéria que, sem elas, não tem qualquer significado.

A divisão entre os sexos aparece, baseada nas ‘interpretações’, como ‘naturalizada’, como ‘normal e natural’, inevitável. Entretanto, esta visão dicotômica é arbitrária, *socialmente construída*, para produzir a legitimação da dominação masculina, interpretando ‘os efeitos simbólicos da legitimação [...] a fatores que decorrem da representação mais ou menos consciente e intencional (‘ideologia’, ‘discurso’, etc)’ (BOURDIEU, 1999, p. 18).

Bourdieu (1999) também afirma que a força da ordem masculina ‘dispensa justificação’, sendo a ‘visão androcêntrica’ sem necessidade ‘de se evidenciar em discursos que visem a legitimá-la’ (*op. cit.*, p. 18), e, entretanto, Merllié (*apud* BOURDIEU, p. 19), afirma: ‘os traços femininos são percebidos apenas como presentes ou ausentes’, e que a ordem social tende a ratificar a dominação masculina na ordem social, na divisão social do trabalho, na estrutura dos espaços sociais (designando alguns espaços como masculinos e outros como femininos), aplicando-se a diferença hierarquizada a todas as coisas do mundo e aos próprios corpos, construindo a ‘diferença entre os sexos biológicos’, baseada na relação arbitrária da dominação dos homens sobre as mulheres, sendo a divisão anatômica entre os

órgãos sexuais vista como “justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros” (BOURDIEU, 1999, p. 20).

A virilidade como “questão de honra” e prova de potência sexual, e que é “esperada de um homem que seja realmente homem”, se situa “na lógica da proeza, da exploração, do que traz honra” (Bourdieu, 1999, p. 29), do que estabelece superioridade, diferença pró-dominância, atitude masculina, indiferença à dor, indiferença a “sentimentalismos”, direito de posse, de liberdade (ou libertinagem moral) para “conquistas” amorosas, o que é motivo de “orgulho” e afirmação da virilidade. Em tudo, o oposto é “próprio da mulher”.

Os dominados tem seus pensamentos e percepções “de conformidade com as estruturas mesmas da relação de dominação que lhes é imposta, e seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão” (BOURDIEU, 1999, p. 22) – o que leva as mulheres a possuírem uma visão negativa do seu próprio sexo, uma vez que o parâmetro masculino é tomado “como a medida de todas as coisas”.

O próprio ato sexual implica uma relação de dominação: “**possuir sexualmente** [grifo meu] [...] é dominar no sentido de submeter a seu poder, mas significa também enganar, abusar ou, como nós dizemos, ‘possuir’ (ao passo que resistir à sedução é não se deixar enganar, não se deixar ‘possuir’)” (BOURDIEU, 1999, p. 29). Homens e mulheres construíram visões diferentes sobre as relações amorosas, posto que os homens, na maioria das vezes, entendem-na “com a lógica da conquista [...] Também porque o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de posse” (BOURDIEU, 1999, p. 30). As mulheres são “socialmente preparadas” para viver as relações amorosas sob o prisma da afetividade, como uma demonstração ou decorrência do amor. A

mulher, no ato sexual, “se entrega”, ao passo que o homem “à possui”, numa demonstração clara de afirmação de dominação.

A “simulação do orgasmo” (prática comum a muitas mulheres) nada mais é, para Bourdieu, do que mais uma prova da submissão feminina:

O gozo masculino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar: assim Catherine Mackinnon sem dúvida tem razão de ver na ‘simulação do orgasmo’ (*faking orgasm*) uma comprovação exemplar do poder masculino de fazer com que a interação entre os sexos se dê de acordo com a visão dos homens, que esperam do orgasmo feminino uma prova de sua virilidade e do gozo garantido por essa forma suprema de submissão. (BOURDIEU, 1999, p. 30)

Sendo as mulheres educadas para agradar aos homens, nada mais lógico dentro desta visão do que simular o prazer para atestar a virilidade masculina do parceiro e o seu direito de dominação, ratificando assim a submissão (embora, mais uma vez, à custa do direito ao prazer e à felicidade).

Woodward (2000, p. 32) afirma que “à forma como vivemos nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidas por meio de sistemas dominantes de representação”. Sendo o feminino “o outro”, o “excluído”, o “dominado”, o “inferior”, assim, qualquer atitude em um homem que assuma alguma das características construídas socialmente como femininas (ternura, demonstrações afetivas, gestos carinhosos, o choro, o cuidado das crianças, os afazeres domésticos) é considerada humilhante, como uma afronta ao protótipo da masculinidade, também socialmente construído, e, conseqüentemente, uma possibilidade de abalo ao seu “poder”, uma vez que a idéia de sexualidade traz implícita a noção de poder.

A incorporação dos valores androcêntricos aos vigentes nas sociedades se dá por um trabalho de inculcação e construção simbólica constante e permanente, através de um trabalho de socialização para o qual colaboram todas as instituições sociais, permeadas de discursos e práticas simbólicas presentes na educação, na religião e em toda a vida social e incorporadas ao cotidiano de várias formas, visíveis e invisíveis, cumprindo, pela repetição, seu trabalho de inculcação, inclusive pelas várias manifestações do Imaginário social, construído segundo a ótica androcêntrica (embora podendo ser passível de outras leituras, na atualidade, por algumas mulheres).

“A visão dominante da divisão sexual exprime-se nos discursos tais como os ditados, os provérbios, os enigmas, os cantos, os poemas ou nas representações gráficas [...]” (BOURDIEU, 1995, p. 137). Estando presente em todos os aspectos da vida social, de forma explícita ou subliminar, invadem as regiões do subconsciente e do inconsciente, atingindo o Imaginário e integrando-o, bem como estando presente em todas as suas manifestações.

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural, ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais. **A identidade e a diferença são criações sociais e culturais** [grifo meu]. (SILVA, 2000, p. 76)

Se são os sujeitos que criam a identidade e a diferença, é ainda Silva (2000) que afirma que estas são criadas por meio de “atos de linguagem”. Valendo -se de Derrida, afirma que “o signo carrega sempre não apenas o traço daquilo que ele substitui, mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, precisamente da diferença.” (SILVA, 2000, p. 79)

As relações de poder e a idéia da hegemonia masculina são impostas pela linguagem: a linguagem tende a universalizar o masculino, pois o termo “homem” é tomado como

sinônimo de ‘humanidade’; expressões correntes como: ‘isto é coisa de mulher’ têm o sentido de menosprezo e inferioridade; e assim muitas outras que integram a linguagem cotidiana, em quase todas as línguas.

É Silva (2000), ainda, que afirma:

A eficácia produtiva dos enunciados [...] ligados à identidade depende de sua incessante repetição. [...] É de sua repetição e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato lingüístico desse tipo tem no processo de produção da identidade. (SILVA, 2000, p. 94)

Expressões como ‘mulher é burra’, ‘mulher não pensa’, ‘isso é coisa para homem’ vão se constituindo hierarquizadas no inconsciente, fazendo parte do Imaginário, bem como os conselhos maternos: ‘menina tem que ser discreta’, ‘tem que falar baixo’, ‘tem que obedecer: primeiro ao pai, depois ao marido’, ‘homem sabe mais do que mulher’, ‘teu pai é quem decide’ – criam o preconceito desfavorável contra o feminino, que é instituído na ordem das coisas.

Os ditados populares, manifestamente valorizando as ‘qualidades masculinas’ e menosprezando ou ridicularizando as femininas, os cantos e poemas da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, enaltecendo orgulhosamente a ‘independência afetiva do gaúcho’ e suas ‘conquistas amorosas’, parecem estar na ‘ordem das coisas’ e tomar o homem como ‘ser universal’, que é aquele ‘que está socialmente autorizado a sentir -se portador da forma total da condição humana’ (BOURDIEU, 1995, p. 137)

Quanto mais o discurso afirma e reafirma a Dominação Masculina, tanto mais este se inscreve nos corpos e nas mentes, possibilitando nas mulheres, nas palavras de Bourdieu (1999), o aparecimento da ‘impotência aprendida’, onde estas incorporam, por exemplo, que

têm mais dificuldades para cálculos, para dar marcha a ré em automóveis, que são mais frágeis, que as carreiras técnicas ou científicas não servem para elas (e sim o Magistério, o Serviço Social, e outras para as quais ‘as mulheres foram feitas’, segundo a ótica masculina) e as mulheres, incorporando essas afirmações, cada vez mais as confirmam, como se as ‘profecias pessimistas’ em relação a elas só pudessem se confirmar. Bourdieu então afirma: ‘ela (a mulher) esquece que a ‘diferença’ só surge quando se assume sobre o dominado o ponto de vista do dominante e que aquilo mesmo de que ela pretende se diferenciar (...) é produto de uma relação histórica de diferenciação’ (BOURDIEU, 1999, p. 79).

Sobre a eficácia dessa inculcação constante do “preconceito desfavorável” afirma ainda Bourdieu (1995, p. 141):

A eficácia simbólica do preconceito desfavorável socialmente instituído na ordem social deve-se, na verdade, em grande parte, ao fato de que ele mesmo produz sua própria confirmação, ao atuar como *self-fulfilling prophecy*, pela mediação do *amor fati* que leva as vítimas a se dedicarem e se devotarem ao destino ao qual estão de qualquer modo socialmente destinadas...

Esta “destinação” que “parece” inevitável busca suas origens num passado histórico comum e justificador. Entretanto, tem a ver é ‘com a questão da utilização dos cursos da História, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. [...] Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição...’ (HALL, 2000, p. 109)

Quando se analisa as identidades (socialmente construídas), percebe-se que elas se constituem em relação a outras identidades, sendo relativizadas pelo que ‘não é’. Entre essas construções, as mais comuns aparecem sob a forma de ‘oposições binárias’ – formas extremas de marcar as diferenças. Derrida, citado por Woodward (2000, p. 50), argumenta

que “à relação entre os dois termos de uma oposição binária envolve um desequilíbrio necessário de poder entre eles”. Segundo Cixous, também citada por Woodward (2000, p. 51), a distribuição desigual de poder entre dois termos concentra-se nas divisões de gênero, argumentando que essa oposição de poder é a base das divisões sociais entre homens e mulheres, sendo que, nesses dualismos, um dos termos é sempre mais valorizado do que o outro, visto como o “desviante” ou “de fora”. As mulheres são associadas aos sentimentos/emoções; os homens, à racionalidade. As mulheres são construídas “como aquilo que os homens **não são** [grifo meu]”. Ora, se ela (a mulher) é “o outro” e o homem é o “eu”, o “eu” (homem) é o parâmetro: portanto o correto, o ideal, o superior é ele, o homem, e de sua visão e do seu ponto de vista se darão todas as relações.

#### **4.2 A Violência Simbólica**

A dominação masculina reúne tudo aquilo de que precisa para se instituir: uma hegemonia universalmente aceita que se objetiva nas estruturas sociais e

...nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais, históricos, que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. (BOURDIEU, 1999, p. 45).

Isto significa a visão androcêntrica das sociedades e que “as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidos esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica” (BOURDIEU, 1999, p. 45).

Quando Bourdieu se refere à violência simbólica, não significa que minimize a violência física, sofrida por muitas mulheres. Nem que esta violência simbólica seja ‘meramente ‘espiritual’’, sem deixar marcas ou produzir efeitos reais (embora não as produza no aspecto físico, material, as produz no aspecto psicológico, capaz de deixar marcas tão ou mais profundas do que as deixadas pela violência física).

O que Bourdieu (1999, p. 46) afirma é que “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de auto-depreciação ou até autodesprezo sistemáticos [...]”, o que conduz a perceber que a violência simbólica “se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante [...] não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação” (BOURDIEU, 1999, p. 47) – o que faz com que esta relação de dominação seja vista e aceita como natural, como incorporada, sendo que se exerce quase sempre invisível.

#### A violência simbólica

...impõe uma coerção que se institui por intermédio do reconhecimento extorquido que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante na medida em que não dispõe, para o pensar e para se pensar senão de instrumentos de conhecimento que tem em comum com ele e que não são senão a forma incorporada da relação de dominação. (BOURDIEU, 1995, p. 142).

Aparece claramente nas relações de parentesco, nos laços afetivos, nas relações entre os cônjuges, no “respeito” aos mais velhos. É a submissão incorporada como natural, onde o dominado, muitas vezes, se coloca na posição de “devedor” àquele que o domina, aplicando a si mesmo o ponto de vista do dominante, o preconceito desfavorável a si próprio – o que o leva a aceitar tacitamente a dominação – propiciando a auto-exclusão.

Essa inculcação é tão forte que exclui as possibilidades de transgressão: as condutas censuradas, impostas às mulheres, produzem maneiras de ser permanentes, maneiras de se submeter à vontade e ao juízo dominante, que, se esquivando da consciência e da vontade, mantêm-se com e pelas censuras sociais impostas.

Por esta razão, Bourdieu (1995, p. 146) afirma que “é isto que faz com que a liberação das vítimas da violência simbólica não possa se dar por decreto”. Afirma que “o peso do *habitus* não é do tipo que se pode suprimir por um simples esforço de vontade, baseado numa tomada de consciência libertadora” (BOURDIEU, 1995, p. 146). Isto leva muitas mulheres a, tomando consciência da violência simbólica da qual são vítimas, continuarem sob o seu jugo, pela força do *habitus*, que lhes impede de adotar uma conduta diferente. Essa incorporação/inculcação é tão forte que se reflete no corpo físico: é a postura corporal, a timidez, a ansiedade, o abrir mão de suas posturas decisórias e pensamentos para vir a ser o reflexo do que pensa o seu companheiro, é a pouca naturalidade no espaço público, é a dependência.

O efeito da dominação/violência simbólica se dá não na esfera da consciência, mas “através de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos do *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma” (BOURDIEU, 1999, p. 50). Assim, a lógica da dominação só pode ser compreendida se for possível atentar-se para os efeitos duradouros que “à ordem social exerce sobre as mulheres”: a força simbólica se exerce sem coação física, mas é de tal monta que assume emoções corporais, paixões e sentimentos, provocando a anulação do “eu”. A idéia da inferioridade e da exclusão social da mulher,

instaurada entre os sexos, está na base de toda a ordem social: as mulheres são vistas como objetos cuja função é contribuir para a perpetuação do poder atribuído aos homens.

Por isso Bourdieu (1999, p. 54) afirma que

...pelo fato de o fundamento da violência simbólica residir não nas consciências mistificadas que bastaria esclarecer, e sim nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem, só se pode chegar a uma ruptura de relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica tem com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o ponto de vista dos dominantes.

Assim se percebe que o *habitus* (as disposições) são inseparáveis das estruturas que as produzem e reproduzem.

Vê Bourdieu que o viés da inferioridade feminina faz com que a mulher seja vista como objeto, como símbolo “cujo sentido se constitui fora dela”, e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico masculino. Isto tem como implicações valores (que são atribuídos ao feminino, tais como a reputação da mulher, a importância social atribuída à sua família), valores simbólicos que a transformam, de capital social em capital simbólico, e que pode ser assumido pelo homem, através das alianças ou trocas, pelo casamento, aumentando (ou não) o capital social e simbólico deste. É a ordem simbólica transformada em “virtudes”. É o lucro simbólico que elas podem trazer. (Isto permite entender o ciúme doentio de muitos homens em relação à esposa, que consideram sua posse.) A diminuição do valor simbólico que as mulheres possam vir a ter é uma forma de diminuir o capital social masculino, sendo este um dos motivos de tantas exigências em torno da esposa, principalmente naqueles aspectos que constituem “as características” e as “virtudes” tipicamente femininas.

### 4.3 Masculinidade associada a violência

Segundo Bourdieu (1995), assim como as mulheres são vítimas de um processo de socialização que as diminui/nega, tendo por “virtudes” a abnegação, a resignação e o silêncio, “os homens são também prisioneiros e, insidiosamente vítimas, da representação dominante, ainda que essa esteja perfeitamente de acordo com os seus interesses” (BOURDIEU, 1995, p. 157).

Os homens são continuamente levados a provar a sua masculinidade, tanto que para elogiar um homem basta chamá-lo de “homem, é um homem” – o que por si já ilustra sua posição hierárquica superior, seus poderes e privilégios inerentes ao “ser homem”.

A socialização diferencial, predispondo os homens a amar os jogos de poder e as mulheres a amar os homens que os jogam, o carisma masculino é, em parte, o charme do poder, a sedução que a posse do poder exerce, por si, sobre corpos cuja própria sexualidade é politicamente socializada. (BOURDIEU, 1995, p. 166)

Manter este *status* viril implica em manter uma série de posturas falsas, como negar sentimentos ou escondê-los, não demonstrar emoções, manter-se como o mais forte, agir dentro da lógica racional, enfim, uma série de exigências que, em muitas ocasiões, se tornam impossíveis, resultando em uma carga, estando os homens sempre.

...testados em situação de afirmar diante dos demais sua virilidade pela verdade de sua violência, isto é, fora de todas as ternuras e de todos os enternecimentos desvirilizantes do amor, e manifestar de maneira ostensiva a heteronomia de todas as afirmações da virilidade, sua dependência com relação ao julgamento do grupo viril (BOURDIEU, 1999, p. 66).

Isto faz crescer o medo de perder a estima ou o respeito do grupo masculino. Segundo Bourdieu, muitas das manifestações de coragem nada mais são do que formas de covardia,

baseadas no medo de perder sua posição social, procurando salvaguardar sua reputação viril (o que não impede, muitas vezes, que exerçam sua força contra os mais fracos, entre os quais, a mulher). Para Bourdieu, “a virilidade é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 1999, p. 67).

Esta idéia de masculinidade associada à violência, presente em todas as sociedades, faz parte do inconsciente coletivo, construído no início da História da Humanidade, permanecendo vivo em todas as gerações. Bourdieu afirma que este

...inconsciente histórico ligado, portanto, não a uma natureza biológica ou psicológica, e a propriedades inscritas nesta natureza, como a diferença entre os sexos segundo a psicanálise, mas a um *trabalho de construção propriamente histórica* [grifo meu] – como aquele que visa a produzir o desligamento do menino do universo feminino – e, por conseguinte, suscetível de ser modificado por uma transformação de suas condições históricas de produção. (BOURDIEU, 1999, p. 69)

Este “inconsciente coletivo” de que fala Bourdieu é o que Bachelard e Durand denominam de Imaginário – é o “porão”, o “subsolo”, que sustenta todas as idéias e que subjaz às falas, aos discursos, às ações, às culturas.

Este Imaginário androcêntrico que se manifesta e, embora negado, se trai, transparecendo junto à cultura e à Educação rio-grandense (como também nas outras sociedades), aqui achou solo fértil para crescer e sedimentar-se, uma vez que o gaúcho “sem lei e sem rei”, acostumado à liberdade do pampa, quando foi reabilitado à categoria de “herói”, manteve o ideal de liberdade e desapego sentimental como características da sua altivez.

Se o homem é livre, a mulher, que é “ò outro”, certamente não o será; se o homem domina a natureza e todas as suas fêmeas, a mulher será mais um entre os seres dominados; se a glória do gaúcho é montar em seu cavalo, “enfrená-lo”, esporeá-lo, e dirigir-lhe o andar do passo e para onde vai, o mesmo será feito à mulher, esse ser subalterno, que lhe deve obediência, fidelidade, silêncio. Se o Imaginário androcêntrico encontrou campo fértil em outras sociedades, mais fértil ainda encontrou nestas plagas, onde o culto ao passado, integrante do *ethos* do gaúcho, é constante, e onde esse homem-gaúcho mitificado é endeusado como herói, “dono da verdade”, sempre “ò certo”, o “que sabe”, o “que manda”, e, mesmo sendo servido pela mulher, esta lhe deve “ser agradecida”, porque ele “se deixou servir”.

A superioridade atribuída ao homem se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexista do trabalho social, da representação androcêntrica da reprodução biológica e social. Como, no campo, o macho é fisicamente mais forte, sendo um reprodutor para várias fêmeas, este fato é presente nas conversas de homens, na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, sendo tomado o exemplo dos animais (irracionais e sem sentimentos de afeto) para justificar perante as mulheres a “incapacidade” de o homem ser fiel, pois “até os animais não o são”... As mulheres vêm-se envolvidas por estes esquemas de pensamento, que incorporam as relações de poder, e, embora sofrendo com elas, é muito comum reproduzi-las no cotidiano. A disputa dos machos pelas fêmeas, suas lutas pela sua posse, também são vistas pelo homem da Campanha Rio-Grandense como motivo para “pelear” por uma mulher e, em ganhando -a, tê-la como “propriedade”, pois lutou por ela, assim, pagando -lhe o preço (e ela nada mais é do que uma, e sua, ‘mercadoria’).

A violência física também se encontra presente na Região da Fronteira, contra a mulher, e não se pretende negá-la. Entretanto, a violência/dominação simbólica é a mais presente, é a que objetiva a experiência subjetiva das relações de dominação, sendo a mais freqüente e a mais cruel (e a menos visibilizada ou possível de ser juridicamente provada e/ou denunciada), sendo percebida como “natural”, com a idéia da desvalorização da mulher, exercendo-se quase sempre no interior do espaço doméstico e das relações familiares, com uma aceitação tácita por parte da mulher (e das filhas) de que o homem assuma a postura dominante e decisória na vida do casal.

Percebe-se que o homem, para se auto-afirmar, deve possuir “a idéia de homem”: virilidade, força, mando, gerenciamento, em suma, poder. À mulher, “sexo frágil”,

...as constantes ocultas que geram um “natural” construído, de escolhas orientadas, que tem **o masculino como medida de todas as coisas** [grifo meu] e a própria ordem social como imensa máquina simbólica, que ratifica a dominação masculina na divisão social do trabalho e na divisão do trabalho sexual, na estruturação do espaço, do tempo e do corpo. (BOURDIEU, 1999 p. 17)

E assim a mulher se violenta freqüentemente para agradar ao homem. E o homem a violenta mais, para que ela, mais insegura e mais medrosa, mais se violente, formando um círculo vicioso que a torna mais frágil, mais impotente e mais submissa.

O próprio corpo da mulher sofre uma constante violência simbólica: tendo ela crescido e tendo sido educada “para agradar ao marido”, e vendo -se pelo “olhar masculino”, procura uma perfeição de beleza inatingível (porque se ela não estiver bela, certamente ele, ‘como homem’, terá o direito de procurar outra que esteja dentro dos padrões de beleza ‘masculinos’), muitas vezes pondo em risco sua saúde e integridade física e emocional.

A probabilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo (forma característica da experiência do ‘corpo alienado’), o mal-estar, a timidez ou a vergonha são tanto mais fortes quanto maior a desproporção entre o corpo socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e as reações dos outros. (BOURDIEU, 1999, p. 80)

A Dominação Masculina, que construiu as mulheres como objetos, ‘tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica [...] objetos receptivos, atraentes, disponíveis [...] sorridentes, simpáticas, atenciosas, **submissas** [grifo meu], discretas e, até mesmo, apagadas” (BOURDIEU, 1999, p. 80).

Estes fatos, aliados à insegurança masculina, frente ao fato de que a mulher o supere seja lá no que for, tem consistido num dos impedimentos para que as mulheres, principalmente as casadas, possam estudar, trabalhar, ou voltar a estudar e trabalhar. A mulher, tendo acesso ao conhecimento e aos saberes que um retorno à Escola, principalmente ao mundo acadêmico, propicia, será um ‘ser pensante’ ao qual se tornará mais difícil fazer calar-se ou tornar-se aquele “animalzinho dócil e submisso”, que “corre à frente de casa à chegada do homem, seu amo, dono e senhor”. Uma escolarização maior pode proporcionar um trabalho melhor remunerado, e como, normalmente, os homens associam poder econômico a respaldo ao poder autoritário que exercem (e que deve ser ‘masculino’), não querem aceitar que a mulher os supere, vendo na conquista deste espaço uma ameaça ao seu ‘poder’ institucionalizado. É o jargão popular “quem pode, manda, quem precisa, obedece” – que foi inculcado nas mentes masculinas durante séculos, onde eles, os homens, eram o ‘provedor do lar’, o ‘chefe da família’.

A dominação masculina encontra um de seus melhores suportes no desconhecimento, que favorece a validação, ao dominante, de categorias de pensamento engendradas na própria relação de dominação. (BOURDIEU, 1999, p. 98)

A sociedade androcêntrica (e a dominação simbólica) geraram, em muitas mulheres, o sentimento de que, se estudarem, se crescerem profissionalmente, certamente estarão fadadas ao “fracasso no lar”, como se o sucesso e o fracasso **do** lar dependesse apenas e unicamente delas. É uma forma sutil da violência simbólica, muito cruel e muito presente. Uma, entre muitas outras: ameaças veladas e não ditas, desprezo calculista e frio para com os mais nobres sentimentos femininos, palavras ferinas nos momentos de raiva, ironias que procuram sempre ferir e humilhar a mulher... A violência vai dos gritos masculinos no espaço doméstico aos socos nos objetos, das ameaças de agressão corporal (até o momento em que as ameaças se efetivam, e a vergonha impõe o seu silêncio). E a mulher perdoa, porque foi educada para aceitar, compreender, “manter o lar”, e perdoar... E tudo recomeça.

#### **4.4 “O amor é dominação?”**

Bourdieu (1999) questiona o amor: seria ele a *única* exceção à “lei da Dominação Masculina” ou ele seria a “forma suprema, a mais sutil e mais invisível” desta dominação e desta violência? É o amor que leva as mulheres a amarem aquele que as domina e as violenta? O amor é “dominação aceita, não percebida como tal e praticamente reconhecida, na paixão, feliz ou infeliz?” (BOURDIEU, 1999, p. 129)

Bourdieu também coloca que “o misterioso envolvimento do amor pode também se exercer sobre os homens [...] fazendo-os esquecer dos deveres ligados à sua *dignidade social* [grifo meu], determinando uma inversão na relação de dominação [...]”, sendo esta “condenada como uma falta contra a natureza e destinada, como tal, a reforçar a mitologia androcêntrica” (BOURDIEU, 1999, p. 130).

Afirma Bourdieu (1999), entretanto, que, quando se instaura o amor, surge uma trégua nas relações de dominação, cessando a “visão masculina”. Com o advento do amor, Bourdieu afirma que surge o “milagre da não-violência, que torna possível a instauração de relações baseadas em total reciprocidade e autorizando o abandono e a reciprocidade de si mesmo; o milagre do reconhecimento mútuo, que permite, como diz Sartre, sentir ‘justificado o próprio existir’” (BOURDIEU, 1999, p. 130 -131). Quando o amor existe, traz o desinteresse do domínio, gerado pela “felicidade de fazer feliz”, onde há o encantamento pelo outro, a doação de si mesmo, instaurando relações duradouras. Esse amor existe, embora não em todos os relacionamentos, baseado na suspensão da luta pelo poder simbólico, onde “há o reconhecimento mútuo pelo qual cada um se reconhece no outro e o reconhece também como tal” (BOURDIEU, 1999, p. 132), propiciando um estado de fusão e comunhão onde

...dois seres podem ‘perder-se um no outro’ sem se perder [...] onde um entrega livremente sua liberdade a um dono que lhe entrega igualmente a sua, coincidindo com ele em um ato de livre alienação indefinidamente afirmado (através da repetição, sem redundâncias, do ‘eu te amo’) (BOURDIEU, 1999, p. 132).

Bourdieu acredita nesse amor em que haja abdicação da intenção de dominar de ambas as partes, baseado no reconhecimento mútuo, na confiança, na reciprocidade, em uma “unidade social elementar, indivisível, simbólica” (BOURDIEU, 1999, p. 132), e onde cai por terra o poder de rivalizar, concorrer, dominar.

Mas “o corte com a ordem comum não se realiza de um só golpe e de uma vez por todas” (SACHA WEITMAN, *apud* BOURDIEU, 1999, p. 130). A busca por esse amor pleno de simbolismo e de significados não é comum, *mas não é inexistente*. O que é preciso é que ele possa ser vivido em sua plenitude, tanto por homens como por mulheres, sem que, com isto, se percebam diminuídos, ou que tenham medo da entrega, pois pela possibilidade da vivência da plenitude do amor vale a pena correr os riscos.

Faz-se necessário buscar as convergências. A imagem conceitual precisa desembocar numa produção de sentidos que não precisam ser, necessariamente, antagônicos. É preciso que se repense a teia de relações, onde homem e mulher, côncavo e convexo, se completem numa unidade onde não é preciso perder a identidade. Assim como o pensamento linear e o sonho se completam, homem e mulher podem (re)construir o Imaginário da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, sem reproduzir a dominação, mas na busca de uma harmonia em que se permita ao homem ser homem, à mulher ser mulher, numa constatação de que sentimentos, afeto, carinho, amor, são inerentes à alma humana, e que o sonho e o devaneio fazem parte do Imaginário, dando sentido às ações e intenções, e que:

O amor, a sexualidade, não se explicam, nem tomam sentido, apenas pelo masculino ou pelo feminino, ou por um consórcio de ambos: o sentido está antes e depois, abaixo e acima de ambos, transcende-os e os integra. (ZANOTELLI, 2000, p. 293)

## 5 AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Há alguém que toma as coisas na mão cheia  
e as escorre entre os dedos, como areia:  
escolhe, entre as rainhas, as mais belas  
e as faz em branco mármore esculpidas  
(há música real a adormecê-las),  
coloca então seus reis ao lado delas,  
feitos também de pedras parecidas.

Há alguém que toma as coisas na mão cheia  
e as quebra, como a espadas de mau ferro.  
Não é um estranho: em nosso sangue habita,  
e é nossa vida, em nós nela palpita.  
E, embora a ouvir contra ele tanta grita,  
não posso crê-lo autor de nenhum erro.

(Rainer Maria Rilke)

### 5.1 Um Breve Olhar sobre a História da Resistência das Mulheres à Dominação Masculina

Em 1949, Simone de Beauvoir publicou a obra *Deuxième Sexe (O Segundo Sexo)*, onde afirma que “*não se nasce mulher: torna-se mulher*”. É uma referência histórica e teórica para as reflexões contemporâneas sobre a mulher, sendo a primeira obra coerente sobre a sexualidade feminina e sendo ela a pioneira nos debates sobre questões sexuais e emancipação da mulher.

Rebatendo o essencialismo da natureza biológica feminina, na qual a mulher era destinada apenas ao papel de mãe, informa que o “tornar-se mulher” é determinado pelos aspectos sócio-culturais e pela educação.

Afirmando que o conceito da “mulher” é construído como o “outro” em relação ao paradigma dominante (que é o ‘masculino’), afirma também que este paradigma colocou a mulher em uma situação de inferioridade em relação ao homem.

A mulher é um produto elaborado pela civilização. [...] A mulher não se define nem por seus hormônios nem por misteriosos instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências estranhas, o seu corpo e a sua relação com o mundo. (BEAUVOIR, 1949, p. 494)

Beauvoir afirma que *é possível* a mulher libertar-se da subalternidade, e, segundo Pires,

...não a igualdade total, visto suas sexualidades serem diferentes: as relações com o próprio corpo, com o corpo do(a) parceiro(a), com os filhos, jamais serão idênticas. Essas diferenças biológicas, entretanto, não devem servir para justificar as desigualdades sociais (PIRES, 1999, p. 266).

Segundo Louro (2001), no final do século XIX e início do século XX surgiram manifestações de mulheres contra a discriminação e exclusão que estas sofriam: este movimento foi chamado “sufragismo” (pois as mulheres reivindicavam o direito de votar, de ser cidadãs), e passou a ser reconhecido como “a primeira via” do feminismo.

A década de 60 trouxe novos acontecimentos políticos que contaram com a presença da mulher, refletindo-se nos movimentos feministas, denunciando a sociedade vigente, com fortes resquícios do patriarcalismo baseado na “naturalização” da condição de “mulher”. A

partir daí, os espaços femininos se ampliaram: acesso à educação, às profissões (antes tidas como ‘masculinas’), o domínio e a reapropriação do próprio corpo (com a criação da pílula anticoncepcional), e o direito ao prazer. Mas a discriminação e a dominação masculina continuaram, tanto no espaço doméstico, como no social, político, econômico e cultural, onde as mulheres eram minoria e olhadas com desconfiança. No final da década de 60 é que realmente toma corpo o movimento denominado “segunda onda” do feminismo, onde, “além das preocupações sociais e políticas, irá este se voltar para as construções propriamente teóricas. No âmbito do debate [...] será engendrado e problematizado o conceito de gênero” (LOURO, 2001, p. 15).

Em maio de 68, as feministas francesas “perceberam que a discriminação sexual se dá por meio de uma *violência simbólica* [grifo meu] que silencia a voz das mulheres, excluindo-as de produzir. De propor e decidir”. (PIRES, 1999, p. 267). O movimento rebate o termo “feminista” e assume a assunção do termo “feminino”, como “metáfora da alteridade, propondo a questão da diferença como uma questão cultural de construção da linguagem” (PIRES, 1999, p. 267).

Nos Estados Unidos, surgem críticas para desmistificar a hegemonia androcêntrica, propondo uma escrita feminina, que exponha a mulher à visibilidade.

As posições feministas dos anos 60 e 70 colocaram a mulher na posição de sujeito, sujeito político, histórico e crítico.

A década de 80, caracterizada pelo pensamento pós-modernista, introduz o conceito de “gênero” (abrangendo não só o masculino e o feminino, mas o ‘plural’ – todas as

orientações/opções sexuais), enfatizando o caráter sócio-histórico-cultural das questões de sexo, fazendo emergir discussões, tornando visível o oculto, fazendo uma releitura histórica e buscando compreender as construções das identidades – e trouxeram esses estudos para dentro das Universidades.

O silêncio, a invisibilidade da mulher e a discriminação são denunciados, assim como a violência simbólica em todas as esferas, culminando com a violência doméstica.

A expressão “gênero” assume uma conotação *relacional*, entre homens e mulheres: rejeita o determinismo biológico e “passa a envolver valores construídos socialmente que não dizem respeito unicamente às mulheres, mas a femininos e masculinos” (SABAT, 2001, p. 16).

Sabe-se que esse “processo de aprendizagem do masculino e do feminino se processa de forma variável em diferentes tempos e diferentes sociedades, o que demonstra o caráter mutável da condição de gênero” (PERES, 1995, p. 58). Conforme o espaço-tempo, as conotações de “ser homem” ou “ser mulher” são modificadas. Há uma diversidade social e uma complexidade de fatores integrantes de “masculino” e “feminino”, podendo -se falar em “masculinos” e “femininos”, numa visão de pluralidade, pois não há uma única forma, n o tempo e no espaço, de ser homem ou ser mulher. Segundo Scott (1995, p. 87), “a categoria de gênero, usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro das diferenças”, onde a classe social, a raça/etn ia, a religião, a escolaridade, impedem a generalização, inviabilizando uma forma homogênea de ser homem ou mulher: há sempre a necessidade de contextualizar para poder refletir sobre gênero.

Segundo Peres (1995, p. 55), “analisar o funcionamento de uma sociedade negligenciando as relações de gênero é fazer uma análise incompleta” e que “a pluralidade, a diversidade e a diferença dos atores sociais, bem como a própria dinâmica e a complexidade social, apenas recentemente têm sido objeto de maior atenção e cuidado da teoria e da pesquisa histórica” (op. cit.), sendo que “os homens e as mulheres são o resultado da história e do mundo social em que estão inseridos” (op. cit.).

Percebe-se que as identidades sexuais são construídas pelas representações culturais, sendo instituídas por relações de poder que se estabeleceram pelo padrão dominante, que têm o masculino como parâmetro, impondo normas de comportamento e “naturalizando” as relações/posturas/enquadramentos que são construídos como naturalizados e “normais”. A masculinidade, entretanto, também foi uma construção social, assim como a feminilidade, e, segundo autores pós-modernistas, assim também ocorre com a homo/heterossexualidade. Entretanto, serão abordadas, neste trabalho, as relações de gênero apenas no que se refere à construção mais usual, de “masculino” e “feminino”, uma vez que este busca investigar as repercussões da dominação masculina em relação ao processo educacional e à trajetória profissional das mulheres-professoras da região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, casadas (ou em união estável), do Programa de Formação de Professores em Serviço da URCAMP/Bagé em 2003. Os outros enfoques, mais abrangentes, com outras variáveis, além das que são tratadas para compreensão do objeto de pesquisa empírica, ficarão para estudos posteriores, que certamente virão.

Segundo Louro (2001), o contexto de transformações oriundas do final da década de 60 (sociais e políticas) possibilitou que as militantes feministas levassem para o espaço

acadêmico os “estudos sobre a mulher”, sendo o grande objetivo “tornar visível aquela que fora ocultada” (LOURO, 2001, p. 17).

Há muito tempo as mulheres das classes populares exerciam atividades fora do lar, dirigidas e controladas por homens. Gradativamente “essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades eram [...] de apoio, de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação” (LOURO, 2001, p. 17).

Lentamente, as estudiosas feministas, por meio dos estudos iniciais, denunciam as desigualdades nos mais variados campos e organizam-se em grupos ou núcleos de estudo, ficando, entretanto, restritos a “grupos”. Tiveram, porém, a ousadia e o mérito de transformarem as “menções à mulher” em temas centrais, em tornar visível a figura feminina que a História oficial teimou em ocultar. Estes primeiros Estudos Feministas, no dizer de Louro (2001), foram feitos com “paixão” e sem neutralidade, com um caráter eminentemente político, problematizando o saber acadêmico, transgredindo, e com a “pretensão” da mudança.

Foi estudado o corpo, o prazer, a vida das mulheres. Estes estudos precisavam mais do que descrições: era preciso explicar e teorizar. Um viés foram as teorizações marxistas; outro, as da psicanálise; outro os ligaram às características biológicas. Estes diferentes viéses de perspectivas analíticas tinham um ponto em comum: a emancipação da mulher e a luta pela justiça social.

Ao argumento de que homens e mulheres são biologicamente diferentes e que essa diferença é “natural” – o que justificaria a desigualdade social – contrapôs-se o argumento de

que “é a forma como essas características são representadas *ou valorizadas* (grifo meu), aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico” (LOURO, 2001, p. 21); introduzindo-se o pensamento de que o masculino e o feminino são construções sociais, emerge, daí, o conceito de *gênero*.

Segundo Scott (1995, p. 75),

...o termo ‘gênero’ torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. ‘Gênero’ é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

E que assume um caráter eminentemente relacional, não podendo existir através de um estudo que os considere homem e mulher (ou melhor, ‘homens’ e ‘mulheres’) ‘separadamente’. Devido aos contextos múltiplos em que se dão as relações de gênero, não se pode dizer que há ‘homem’ e ‘mulher’, e sim ‘homens’ e ‘mulheres’, segundo as relações de gênero articuladas com classe social e raça/etnia, pois o compromisso com os oprimidos, segundo Scott (1995), envolve, no mínimo, esses três eixos, sobre os quais as desigualdades de poder se organizam<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Entretanto, nesta investigação, sem querer dar-se a ela um caráter reducionista, e consciente de que há muitas realidades nas quais a dominação masculina se processa, procurar-se-á enfatizar, por necessidade acadêmica, os estudos no foco da polaridade ‘homem-mulher’, na dominação masculina, tomando-se os outros eixos (classe social, etnia, nível de escolaridade, faixa etária, residência na zona rural ou urbana) como possíveis variáveis, embora se saiba da necessidade de articular as relações de gênero, dentro de um contexto sócio-histórico-político e econômico (e até mesmo religioso!) que serve de ‘pano de fundo’ onde se dão as análises e discussões desta pesquisa. Não se tem a pretensão de generalizar, nem de estabelecer categorias para explicar o contexto das professoras-alunas do Programa ou da sociedade rural ou urbana em que estas estão inseridas como um todo. O que se deseja é compreender quais as repercussões da dominação masculina, presente na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, neste universo de pesquisa constituído pelas alunas do Programa – em seus aspectos dinâmicos e específicos, localizados em um espaço-tempo: a Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai no início do século XXI; e se a História da Educação não tem propiciado espaço para visibilizar estas mulheres que fazem Educação e que têm sido ‘obcultadas’ ou ‘esquecidas’ pela historiografia oficial (uma vez que as dificuldades de acesso à escolarização, a impossibilidade de muitas possuírem uma opção profissional, a superexploração do trabalho feminino no espaço doméstico, a desqualificação na sua trajetória

O conceito de gênero se adapta aos estudos das Ciências Sociais, da História, da História da Educação. No termo gênero estão inscritos, segundo Louro (1995), o social, o biológico e o cultural. Em gênero se percebe “que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico [...] construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes [...] gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imensa nas instituições sociais [...]” (LOURO, 1995, p. 103).

E a Educação e a História da Educação apresentam um discurso “do” masculino, “ho” masculino, ratificando a dominação hegemônica da sociedade androcêntrica, que tem no masculino o parâmetro de todas as coisas, e o que não se encontra no masculino é o “outro”, o “diferente”, o “subalterno”, o “hão -eu”.

Os estudos pós-estruturalistas, que emergiram dos movimentos do final dos anos 60, permitem ver que as mulheres precisam combater a discriminação em várias frentes, pois o poder não se origina de uma única fonte; tornam possível perceber que a linguagem não é apenas “uma representação da realidade feita pelos sujeitos, mas sim *constituidora* [grifo meu] dos sujeitos e da realidade” (LOURO, 1995, p. 110). É dele (pós-estruturalismo) que advém a proposta de “desconstrução” dos “princípios fundantes sobre os quais se construíram os tradicionais sistemas de pensamento” (LOURO, 1995, p. 110), procurando “desconstruir” as “oposições binárias”, que sustentavam os sistemas metafísicos (homem/mulher, bom/mau).

Entretanto, os instrumentos de análise pós-estruturalista são polêmicos, e o feminismo se identifica também com teorias sociais modernas em muitos aspectos (universalidade,

---

profissional, faz parte de um processo discriminatório e de uma dominação mais amplos), este é o momento de permitir que elas sejam lembradas e visibilizadas, permitindo-lhes que ocupem um espaço, que por direito é seu.

utopia libertária, emancipação feminina), e não há uma identificação total com as teorias pós-modernas. Mas essa discussão exige, certamente, uma abordagem mais profunda, que não é o tema da investigação deste trabalho. (Entretanto, não se pretende, em hipótese alguma, reforçar uma postura conservadora em relação ao tema).

## **5.2 A Escola como Instituidora e Reprodutora das Diferenças**

A Escola tem servido, ao lado da construção e produção de conhecimento, como o *locus* do controle social, da ‘normalização’ sexual e da normatização das características tidas como masculinas e femininas. Todo comportamento desviante é visto como “anormal” e, se “anormal”, passível de repressão, repressão e “encaminhamento à normalidade”.

Ao se realizar uma análise histórica da História da Educação e das mulheres-professoras por uma perspectiva de gênero, implica ela numa opção política, que pressupõe uma intervenção necessária na consecução de uma possibilidade emancipatória para as mulheres. Isto se torna possível (embora não fácil) no momento em que se pensa levar para dentro da Universidade as discussões de gênero. Para tanto, é necessário possibilitar reflexões sobre as relações de gênero, procurando visibilizar as mulheres-professoras, e buscando permitir que elas *se percebam* como sujeitos históricos e que, da submissão, consigam emergir para o patamar da igualdade de direitos, não sendo reprodutoras inconscientes de práticas discriminatórias e excludentes que reforcem a dominação masculina e a sociedade androcêntrica.

---

Segundo Louro, “à escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer; ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas.” (LOURO, 2001, p. 58)

Símbolos, modelos, linguagens, posturas, livros didáticos, brincadeiras, “constituem distintos sujeitos” (LOURO, 2001, p. 58), separando o masculino do feminino, hierarquizando o masculino como a “ordem das coisas”, o “natural”. Ensina-se o “certo”, e o “errado” é abominado. Ensina-se a “preferir”, modos de sentar e andar; educa-se o corpo “masculino” e o corpo “feminino”. A Escola disciplina. O sexismo, o racismo e o etnocentrismo estão presentes, de forma velada ou não. A linguagem é internalizada; as diferenças são instituídas e fixadas pelo dito e o não dito. O “homem” é o parâmetro universal. A História reforça isto; a Educação Física também; os meninos devem ser “o homem que não chora”, o “homem em miniatura”; a menina, o protótipo da delicadeza e sensibilidade; é a presença da diferença, da desigualdade e, conseqüentemente, do poder subjacente.

As mulheres-professoras precisam, certamente, apurar o olhar para perceber as relações de poder que permeiam a escola e revisar sua prática docente, para que, pelo menos nela, possa haver uma possibilidade de intervenção social que busque uma sociedade possível, mais justa e menos excludente – e que esta prática procure não instituir nem reforçar as injustiças e a exclusão social que permeiam a realidade de uma sociedade que se constituiu injusta para com a mulher.

### 5.3 Possibilidades

A dominação masculina, produto de um ‘trabalho histórico de eternização’ (BOURDIEU, 1999, p. 105), se mantém ao longo do tempo. Não basta, no presente, apenas descrever-se os avanços e as transformações que vem ocorrendo com as mulheres nos últimos tempos, pois, mesmo através de conquistas como o acesso à Educação e ao Mercado de Trabalho, a Dominação Masculina se mantém, embora mascarada e negada, e a violência simbólica vem deixando marcas indeléveis em mulheres adultas ou meninas. A *diferenciação* entre homens e mulheres que a História e as Instituições Sociais como a Família, a Igreja, a Escola e o próprio Estado produziram e vêm reproduzindo – através da inculcação constante no *habitus*, nas representações cotidianas do Imaginário (ou, no dizer de Bourdieu, ‘sobre as estruturas históricas do inconsciente’) – não são possíveis de ser aniquiladas em um curto espaço de tempo. Mas a História é passível de mudanças.

Para Bourdieu, ‘a maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina *não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível* [grifo meu]’ (BOURDIEU, 1999, p. 106) – para tanto, contribuiu muito o trabalho crítico do Movimento Feminista, o que levou a ‘evidência’ da supremacia masculina a ser questionada e passível de modificação (embora, talvez, a longo prazo).

A divisão binária das diferenças, que coloca homens e mulheres em situação de oposição, com a dominação masculina institucionalizada (embora histórica e socialmente aceita), começou a ser questionada.

Irigaray (1985, *apud* WOODWARD, 2000, p. 52) questiona a diferença masculina/feminina como oposição: “Os homens e as mulheres têm sexualidades diferentes, mas **não opostas** [grifo meu]”. Derrida (*apud* WOODWARD, 2000, p. 53) também sugere uma alternativa à rigidez das oposições binárias.

As teorias culturais contemporâneas chamam a atenção para a construção social do que se entende por gênero e/ou sexualidade, questionando também as oposições binárias na construção de identidades destes.

Judith Butler (1999), *apud* Silva (2000, p. 95), afirma que é possível romper com as identidades hegemônicas: “a repetição pode ser interrompida. A repetição pode ser questionada e contestada. É nessa interrupção que residem as possibilidades de instauração de identidades que não representem simplesmente a reprodução das relações de poder existentes.” Neste caso, a identidade e a diferença seriam vistas como questões políticas. É o que Silva (2000, p. 100) chama de “a diferença do *múltiplo* e não do diverso”. É o que Bourdieu afirma, quando diz que a ordem injusta da dominação só pode ser transformada por uma ação política, que leve em conta todos os efeitos da dominação (gênero, etnia/raça, classes sociais).

Na realidade, no início do século XXI, a igualdade formal entre homens e mulheres tem servido para dissimular a dominação simbólica que as mulheres ainda vêm sofrendo, e a discriminação. No mercado de trabalho, as mulheres possuem remunerações menores do que as dos homens; as posições de mando que ocupam são geralmente em áreas subalternas ou com pouco poder, devendo estar comprometidas com a aparência física, que “deve ser agradável”, mas afastando qualquer conotação sexual; se as mulheres trabalham em um local

onde não possam manter uma “aparência bela”, têm a auto-estima abalada pela aparência a que o trabalho as reduz; enfim, os homens continuam a dominar o espaço público e o poder, e as mulheres ainda têm como opção profissional preferencial a Educação (como prolongamento do lar), os Serviços Sociais e/ou os universos de produção simbólica (como a literatura, as artes, o jornalismo e as profissões em que possam se valer da beleza física ou aliá-la a outro trabalho, como atrizes, modelos, etc).

É importante que se desmistifique e se desvele esta realidade, não apenas para confirmá-la ou mantê-la pela pura constatação do que acontece e porque acontece – mas para possibilitar a tomada de consciência e a mobilização das “vítimas” da dominação masculina e da violência simbólica, numa resistência que produza modificações no *status quo*. Não se quer *justificar* o estado presente da condição feminina (ou o que foi no passado) mostrando, segundo Bourdieu (1995, p. 174), “em que e como as mulheres são tais como são, isto é, *tais como o mundo social as fez* [grifo meu]”, para contribuir para a perpetuidade da dominação, mas sim para, através do conhecimento desta e dos mecanismos que a sustentam e a reproduzem, propiciar-lhes meios de, entendendo-a, mobilizarem-se para, numa ação política conjunta, combatê-la, exterminá-la ou, pelo menos, minimizá-la.

“Essa ação de desvelamento tem tanto mais chances de ser eficaz, simbólica e praticamente, quanto mais ela se exerce a propósito de uma forma de dominação que repousa quase que exclusivamente sobre a violência simbólica, isto é, sobre o desconhecimento [...]”, e isto ocorre não em nível de consciência “do corpo”, já que “os corpos nem sempre compreendem a linguagem da consciência [...] já que não é fácil romper a cadeia contínua das aprendizagens inconscientes [...]” (BOURDIEU, 1995, p. 174-175).

Bourdieu (1995) afirma que somente através de uma *ação coletiva* que vise “organizar uma *luta simbólica* capaz de pôr em questão praticamente todos os pressupostos tácitos da visão falonarcísica do mundo” (BOURDIEU, 1995, p. 175) é que se poderá propiciar a

ruptura das estruturas incorporadas, atingindo o Imaginário, e as manifestações deste, e neste, tanto na visão dos dominados como na dos dominantes, para que se rompa o instituído e se possibilite uma nova construção histórica e social.

“Se a violência simbólica conduz o mundo é porque os jogos sociais [...] são de tal maneira feitos” (BOURDIEU, 1995, p. 175) que o homem se insere neles e é tomado por eles, pela sua conveniência.

A dominação masculina instaurou-se como o paradigma dominante, impregnada pelo autoritarismo, nutrindo-se da violência simbólica e das estruturas mentais e sociais que criou; portanto, a libertação feminina só poderá ocorrer quando surgir um movimento político, oriundo do seu **reconhecimento** desta dominação e contando com a participação/apoio dos dominantes – pois “a sexualidade [...] é efetivamente uma *invenção histórica* [grifo meu], mas que se efetivou progressivamente à medida que se realizava o processo de diferenciação dos diferentes corpos e de suas lógicas específicas” (BOURDIEU, 1999, p. 123).

Segundo Bourdieu (1999), as “mudanças visíveis que afetaram a condição feminina mascaram a permanência das estruturas invisíveis” (BOURDIEU, 1999, p. 126); o sucesso das mulheres é associado ao fracasso no lar – ou as mulheres renunciam ao sucesso profissional e optam pelo sucesso no lar ou vice-versa. Parece que a elas não é permitido o sucesso em ambos os espaços (esse sucesso é prerrogativa masculina!), mas, certamente, esta situação não vai perdurar para sempre.

As frentes de luta a serem enfrentadas pelas mulheres em prol de sua emancipação efetiva são amplas e complexas. Abrangem fatores externos e visíveis (óbvios), assim como outros bem mais sutis, ocultos (e, por isto, bem mais difíceis).

As lutas femininas travadas, além de se darem nas esferas social, profissional e doméstica (bastante hostis), ainda precisam se dar em um outro nível, talvez o mais difícil: *dentro das próprias mulheres*, contra a servidão ideológica em que o Imaginário social as constituiu.

É preciso que as mulheres aprendam a lição, que compreendam que os limites para sua liberdade estão nas suas forças. Daí porque é muito importante começar em si própria, libertando-se do peso dos preconceitos e das normas seculares. (LOBO, 1983, p. 40)

A discriminação, o sentimento de menos-valia, a instituição da subalternidade, inculcadas nas mulheres desde a infância, pela família, Igreja, Escola, meios de comunicação, desde as formas mais sutis às mais óbvias, provocam situações de cobranças e conflitos internos, propiciando uma luta mais difícil e mais cruel. É a luta contra o “inimigo interno”, enfocada por Cóser (1990), que afirma que, para mudar a situação da mulher, não basta a emancipação política e a igualdade econômica, mas um rompimento com a servidão ideológica instituída *dentro delas mesmas e “naturalmente” aceita* (inculcada pelo *habitus*).

Outro fator que dificulta a luta pela emancipação das mulheres e o exercício pleno de sua liberdade é o *medo*.

Às mulheres foi inculcado o medo: foram constituídas socialmente como inseguras, despreparadas, “não estando à altura do homem”, sendo aquelas que devem se colocar no “lugar de quem não sabe”, portanto “não são aptas” para falar em público, para assuntos

importantes ou discursos políticos, para argumentar ou reivindicar, pois estes são ‘territórios masculinos’. Sua fala, quando ‘busa’ argumentar, é abafada pelo grito do ‘mais forte’, do homem, que não lhes permite ocupar este espaço. (E, se ela o ocupa, percebe o risco de ser vista como uma ameaça para o companheiro, e, como tal, sendo fadada à possibilidade de viver sozinha.) Ela foi constituída para ficar no silêncio, no sussurro, no encoberto, no invisível; para dar ‘suporte’ ao homem, ser o ‘sustentáculo da família’; não o sujeito, mas o ‘esteio’ do sujeito (masculino) e que não está destinada a aparecer, assim como ocorre no trabalho doméstico (e no seu órgão sexual, que é reentrância).

Cóser (1990), analisando o medo nos humanos, informa que este não se dá do mesmo modo entre homens e mulheres: eles (os homens) são treinados e socializados milenarmente a enfrentá-lo estoicamente; elas, para se sentirem incapazes *antes mesmo de tentar*; relata Cóser (1990) que vários trabalhos acadêmicos apresentam as dificuldades que as mulheres possuem para assumir determinados espaços de comando, de poder e de fala pública. Embora acusadas de ‘falarem muito’ e de ‘tagarelar’ pelos homens, as falas a que estes se referem são falas descompromissadas, inconsistentes, queixumes, ‘lamúrias’, ‘vazias de conteúdo sério’ – ‘falas de mulher’ – a que os homens nem se dão ao trabalho de ouvir: ‘não passam de ruído’. A fala consistente, argumentativa, debatedora, pública, é difícil para as mulheres, que foram condenadas a ‘um espaço pré-fixado do sufoco e do silêncio sem canais de expressão. [...] O feminino constituído como inversão da experiência real das mulheres, como dominação que as fazia silenciar.’ (PAOLI, 1985, p. 66-67)

Entretanto, o espaço escolar, a sala de aula, embora um *locus* bastante controlado, permitiu que a mulher pudesse, timidamente, começar a falar. Lentamente, passou da Escola a atuar no sindicato, e chegou à participação política (entretanto, em número muito menor do

que os homens e menos expressivo). Processo lento, longo e difícil, que exigiu *arrojo* (qualidade que entra em conflito com as características ‘ditas’ femininas). Difícil aprendizado, pois a mulher foi educada e domesticada para o altruísmo, a abnegação e a obediência, impregnada pela meritocracia da renúncia, do sacrifício e do silêncio.

Entretanto, as lutas mais árduas talvez sejam as que se travam *dentro da própria mulher e do seu espaço doméstico*. E estes conflitos internos e submissões domésticas desembocam e se reproduzem no cotidiano escolar, instituindo e reforçando as diferenças de gênero e produzindo formas variadas de discriminação e exclusão social, repercutindo de forma negativa no processo educacional e na trajetória profissional de muitas mulheres. Encontram-se indícios disto na estrutura da escola, que cria, sustenta e mantém as diferenças entre o masculino e o feminino, nos livros didáticos, na desvalorização do Magistério (especialmente quando atribui a educação, nas séries iniciais, às mulheres, e sendo estas mal remuneradas), à hierarquização, ainda hoje existente nas profissões e papéis tidos como ‘masculinos’, na própria linguagem (que toma o masculino como parâmetro universal), no discurso das professoras (que sofrem com a dominação masculina mas que a reproduzem no cotidiano), e que subjaz nas manifestações do Imaginário, transparecendo nos mais variados aspectos e momentos, ora de forma clara, ora de forma mais sutil, criando, instituindo e mantendo o *habitus* dominante e androcêntrico – e que a mulher reproduz consciente ou inconscientemente, por estar milenarmente introjetado.

O medo e os fatores internos são tão fortes que muitas mulheres, aparentemente sabedoras e conscientes da realidade, da hierarquia injusta nas relações de gênero, emancipadas economicamente, com um bom nível cultural e intelectual, bem sucedidas profissionalmente, quando se percebem no espaço doméstico (ou na presença do

companheiro) assumem uma postura submissa, subalterna, de coadjuvante. É o medo da perda: é preferível subsumir-se no outro (no ‘seu homem’) do que perdê-lo, pois, além do medo da solidão, aparecem o medo e a vergonha de ser “abandonada”, “deixada”, ser uma mulher “mal-amada” – o que induz a uma ainda maior discriminação: além de “ser mulher”, ainda não conseguiu “segurar o seu homem” – atestando mais uma às muitas “incapacidades” que foi levada a possuir.

A Constituição Federal pune o preconceito e a discriminação racial como crime inafiançável. Entretanto, o preconceito e a discriminação contra a mulher não foi contemplado pela Carta Magna (embora esta assegurasse ao homem e às mulheres os mesmos direitos).<sup>9</sup>

Possibilidades de reverter a manutenção e a reprodução da dominação masculina existem. Mas é necessário um movimento organizado que atinja várias frentes, o que só poderá ser conseguido a longo prazo, iniciando-se com momentos de reflexões sistematizadas, com grupos de estudo e de pesquisa nas Universidades, nos Cursos de Formação de Professores, nos meios de comunicação, atingindo assim várias instituições sociais e a população em geral, sendo a Escola o *locus* onde este deve ser gestado e posto em prática. Da Escola deverá partir para as famílias e dentro delas, em conjunto com elas, assumir-se um compromisso político e social conjunto, sério, compromissado com a justiça social (não só em relação à mulher, mas a todos os tipos de discriminação e preconceito) para extirpar da Humanidade a exclusão e as diferenças sociais, a escravidão do consumismo, a busca do poder a qualquer preço, onde o sujeito subjuga o outro sujeito, num individualismo sórdido e numa competição desleal.

Acredita-se que a prática da solidariedade e da fraternidade, do espírito comunitário baseado na eqüidade, no amor sem dominação, na amizade desinteressada, no respeito mútuo, no compartilhamento de um conhecimento (re) construído de forma ética e que possua um fim social, no poder democratizado e participativo, é que se poderá gestar uma sociedade digna dos homens e mulheres do século XXI, tanto nos grandes centros urbanos, como nos mais afastados rincões do interior da Região da Fronteira, deixando o gaúcho de “cantar as glórias do passado” (reais ou não) para se ater à construção de um presente que permitirá um futuro onde haja vez, voz e lugar para todos. Esta talvez seja uma visão romântica e utópica. Talvez... Mas faz-se necessário crer e buscá-la. Caso contrário, a vida perde o sentido. Sem liberdade, respeito, valorização e oportunidades iguais ao acesso de todos, não se tem por que viver.

---

<sup>9</sup> Este assunto está sendo explorado por esta pesquisadora através da produção de um texto para a Revista Jurídica Semestral do Curso de Direito, da URCAMP/Bagé, cujo título é: “Mulheres e Homens: Direitos Iguais??”, 1º Semestre de 2004.

## 6 AS “MULHERES-PROFESSORAS”

Tenho sido aluna e professora. Sou mulher [...]

Como aluna vivi a experiência de ter sido agredida, de não ser respeitada, nem entendida ou escutada em minha originalidade. Experimentei também o ser violentada por mandados [...] que significavam que o ser “boa aluna” com ser submissa, obediente, caprichosa e estudiosa [...] Durante muito tempo submeti-me a tais mandados e até consegui ser a melhor aluna das escolas pelas quais passei. Logo pude ver à custa de que cerceamentos, anulações e sofrimentos em minha própria criatividade. [...]

Como professora [...] conheci a dor quando – não querendo repetir modelos repressivos que eu havia sofrido – tentava uma modalidade diferente e recebia [...] rechaço ou indiferença. [...]

Por ser mulher, estou atravessada por determinantes culturais que impõem um modelo de feminilidade no qual a mulher, se quer ser feminina [...] deve ser submissa, obediente, passiva, agradável, dizer sempre sim, sorrir, calar e nem sequer perguntar. [...]

Por ser mulher tive e tenho que seguir realizando *um trabalho expulsante de falsos mandados* para detectar as verdadeiras agressões; e para poder perceber o quanto é mais agressiva a falta de respeito pela autoria, a desvalorização, a humilhação e o sarcasmo encoberto que me dirigem continuamente como mulher e como professora.

(Alicia Fernández)

### 6.1 As mulheres-professoras

O Magistério foi um dos primeiros campos profissionais que se abriu para as mulheres, sendo considerado, principalmente no que se refere à educação infantil, um prolongamento da maternidade.

A tarefa de ensinar foi inicialmente masculina, mas, com a urbanização e a industrialização, abriram-se para os homens novos campos de trabalho – e o crescente poder do Estado sobre a escola desagradou aos homens, pois aumentou a regulamentação e a normatização na atividade de ensinar tornando-a menos autônoma – o que a deixou menos atraente para os homens; as mulheres se adaptaram bem a esse modelo de trabalho, pois já estavam acostumadas a viver debaixo do controle no espaço doméstico, e o controle estatal sobre a Educação não lhes causou estranheza.

Em meados do século XIX, no momento histórico em que o Estado assumiu a Educação, interferindo nela e propiciando que as classes populares a ela tivessem acesso, houve necessidade de aumentar o contingente de professores, e o Estado tomou a si o ônus de sua remuneração, aumentando sua folha de pagamento em “gastos com a Educação” (e assumindo o controle ideológico desta); a mão de obra docente, em decorrência, precisou tornar-se mais barata. As mulheres sujeitaram-se a trabalhar por salários menores do que os dos homens, uma vez que este era um espaço profissional que se abria para elas, e que lhes dava um certo *status*, e, ao mesmo tempo, o salário recebido pelas professoras de classe média, na maioria das vezes, não tinha o compromisso do sustento da família, que cabia historicamente aos homens, assumindo para elas o caráter de uma renda suplementar.

O Magistério, principalmente para as séries iniciais, passou a ser incorporado como profissão feminina e considerado uma extensão da “maternidade” e do “ambiente familiar”.

Às professoras foi inculcado que deveriam se constituir em *modelos* para as crianças, sendo dóceis, obedientes, apagadas (reprodutoras inquestionáveis da ideologia capitalista dominante), “vocacionadas”, percebendo o magistério “como sacerdócio”, “extensão do lar”, uma vez que estas se constituíram como “animal doméstico” (e a escola era a extensão deste

espaço); deveriam ser professoras “prendadas”, possuindo “boas maneiras”, “moral ilibada”, constituindo-se como pessoas de posturas submissas, acatando ordens (e trabalhando por um custo bem menor) e reproduzindo em seus alunos a postura de obediência às autoridades constituídas, reprimindo todo tipo de contestação.

O contexto histórico dominante, aliado ao fato de que as mulheres reuniam (e ainda reúnem, com poucas exceções) as características necessárias à manutenção do *status quo*, criou e reproduziu a ideologia da domesticidade feminina, tornando o magistério para as séries iniciais um prolongamento da maternidade, o *locus* de doação, altruísmo e submissão – fator de regulação social e apaziguamento, que mascarava as injustiças e a exclusão social a que a mulher (e as classes populares)<sup>10</sup> eram submetidas.

A relação do Magistério com o trabalho feminino foi bem aceita, pois a escola era vista como uma extensão do espaço doméstico, e o trabalho com as crianças adequava-se às “virtudes femininas”, de paciência, carinho, docilidade, espírito maternal.

As subjetividades femininas foram construídas por todos os meios de uma época (literatura, construções científicas, músicas, etc.) para serem guardiãs da afetividade e garantir um modo adequado para educar as crianças (futuros cidadãos da pátria) de forma a serem mais facilmente governáveis. (COSTA, 1995, p. 169)

A questão da afetividade e sensibilidade são atributos reconhecidos até hoje como femininos; nos homens, salientam-se e valorizam-se as características como a lógica, a

---

<sup>10</sup> Classes populares – o conceito de classes populares “é tomado neste trabalho [...] como a possibilidade de analisar uma população que não era homogênea entre si, mas que possuía uma identidade comum: grupos sociais de poder econômico baixo [...] e com suas culturas estigmatizadas e desvalorizadas” (PERES, 1995, p. 15)

independência, a decisão. Isto reforça a idéia de que o trabalho docente, principalmente com crianças, é considerado “próprio para mulher”.

Segundo Costa (1995), as visões sobre o feminino, na profissão docente, estão impregnadas pelos estereótipos sociais das famílias e dos próprios estudantes. As meninas são estimuladas a serem professoras, inclusive incentivadas pelas famílias, na infância, a “brincar de professora”, o que não ocorre em relação aos meninos, que são incentivados a outras brincadeiras que os conduzirão, posteriormente, a outras definições profissionais.

Na atualidade, a imensa maioria do corpo docente das escolas é constituído por mulheres e, aos homens, cabe a preferência pela direção e cargos de chefia. As escolas tendem a se organizar em torno da liderança masculina, e o trabalho feminino é para a sala de aula. Entretanto, isso deve ser visto como uma construção social, e não como algo “natural”, pois “tudo o que diz respeito a gênero remete a um ‘natural’ construído interessadamente no social” (COSTA, 1995, p. 161).

Apple, realizando uma análise histórica das relações de gênero e controle administrativo, informa que este aumentou sobre a prática docente à medida em que aumentou o contingente feminino no Magistério, servindo a uma eficaz forma de controle social:

Estruturando os postos de modo a aproveitar os estereótipos de papéis sexuais sobre a submissão feminina à norma e à autoridade masculina, e sobre a suposta capacidade masculina de gerir mulheres, a administração escolar urbana pode aumentar seu poder de controlar currículos, estudantes e pessoal. [...] A diferença de gênero forneceu um meio importante de controle social. (APPLE, 1995, p. 62)

Criada e justificada estava assim, a permanência de homens, no Magistério, a ocupar os cargos de chefia e os papéis de direção, cabendo às mulheres a docência. Percebe-se assim, por este fato e por outros, o quanto a escola vem servindo de instrumento de controle social e de reprodução da dominação e da sociedade androcêntrica.

Sabe-se que o controle estatal e masculino sobre a educação e as mulheres docentes não ocorreu, porém, sem resistência – muitas lutas foram travadas para mudar essas relações de opressão, não se podendo considerar as mulheres apenas como seres passivos (embora toda a construção social e inculcação para que isto se efetivasse); apesar da divisão sexual e social do trabalho, surgiram vários movimentos para desafiar as relações de dominação doméstica e profissional, no sentido de transformar a situação e as identidades pessoais e profissionais das mulheres. Seus esforços certamente ainda não obtiveram os resultados esperados, mas, seguramente, não foram em vão.

Como já foi dito, as fortes estruturas androcêntricas do Imaginário gaúcho, a formação social deste e a historiografia regional reservaram à mulher um papel obscuro na História e na História da Educação do Rio Grande do Sul. Neste espaço (como nos outros em geral), a mulher aparece como a guardiã do espaço doméstico, sendo a Escola vista como um prolongamento deste espaço – o que justificaria a mulher poder ocupá-lo.

O Imaginário rio-grandense e suas várias manifestações, principalmente na fronteira do Brasil com o Uruguai, forjou o gaúcho como um tipo social sempre “*em guarda*”, pronto para atacar os invasores de seu território; um tipo de instintos e sentimentos fortes, impregnado de força e valentia, sentimentos de liberdade, dignidade e superioridade.

As mulheres foram educadas para obedecer e acatar ordens. E as mulheres-professoras foram educadas para “seguir orientações”, “acatar determinações superiores”, “manter a ordem e a disciplina na Escola”, cumprir o “papel social de professoras ‘dedicadas’ e ‘vocacionadas’” – o que veio ao encontro dos interesses do contexto sócio-político-econômico dominante no Rio Grande do Sul, desde o século XIX até quase o final do século XX (quando as contestações a esta postura na Educação começaram a surgir).

A Escola burocrática começa imediatamente a inculcar nos professores em formação os valores da conformidade, impessoalidade, tradição, subordinação e lealdade burocrática. (SARMENTO, 1999, p. 64)

Instituiu-se, então, e efetiva-se a educação de crianças como “trabalho feminino”. A Escola emerge como um espaço amplo para a imposição de relações de poder, de reprodução cultural e social e de dominação masculina. Criam-se “verdades”, regras e padrões – como “naturais” e absolutos – numa tentativa eficiente de controle social dos mais fortes sobre os mais fracos através da educação, que se prestava para esta inculcação.

Nossas construções de realidade não são livremente feitas, mas são moldadas pelos interesses de poder da sociedade, nós construímos nossa consciência dentro dos limites das práticas discursivas e regimes de verdade moldados pelo poder. (KINCHELOE, 1997, p. 45)

E a escola serve como espaço de exercício do poder, através da difusão da ideologia capitalista, e positivista, instituindo e alimentando o Imaginário social androcêntrico, na busca de apaziguar os conflitos que poderiam emergir das distorções existentes entre o emprego, o capital e o trabalho.

Até a metade do século XIX, no Rio Grande do Sul (como no restante do Brasil), havia aulas diferenciadas para os meninos e as meninas, sendo que, para os meninos, as

escolas eram em maior número. Acreditava-se que, às meninas, bastava o aprendizado das “prezadas domésticas”, como coser, bordar, marcar, tomar conta da casa (tocar piano, para as classes abastadas), enfim, prepará-las para ser “boas esposas e mães”, uma vez que o objetivo de vida para estas devia ser o casamento e a maternidade. As escolas e os conteúdos ministrados nelas eram diferenciados para meninos e meninas, sendo dirigidos à preparação dos papéis que homens e mulheres deveriam ocupar futuramente na sociedade. Disciplinas que envolvessem “maior raciocínio”, como geometria, aprofundamento em matemática, cálculos, e outras que pudessem propiciar à mulher um conhecimento que lhes possibilitasse o ingresso nas profissões industriais e científicas, tidas como “masculinas”, eram ministradas para os meninos, pois à mulher não devia abrir-se a possibilidade de vir um dia a querer ser uma “concorrente do homem”.

Segundo Tambara (2002, p. 70):

Na medida em que havia um processo de discriminação em relação à educação da mulher, disso decorria que as mulheres eram segregadas do processo de ensinar e que, quando o faziam, apresentavam um processo de ensino/aprendizagem extremamente precário.

Com o decorrer do tempo, mais aulas femininas foram se instalando, até que surgiram as aulas mistas – o que possibilitou às mulheres conquistarem mais espaço na educação.

A profissionalização do Magistério primário por meio dos cursos Normais instituiu-se, mas se constituiu em uma profissão “de segundo nível”, “embora para as mulheres fosse um espaço que se abria, tanto de possibilidades profissionais como para um avanço social” (TAMBARA, 2002, p. 67).

Segundo Louro (1987), no período colonial, apenas as mulheres escravas participavam da força produtiva, sendo esta sem qualquer qualificação profissional – o que justificava a inexistência da preocupação com a educação dessas mulheres. As mulheres da classe dominante aprendiam prendas domésticas, boas maneiras, educação moral, artes (pintura, piano, canto) e um pouco de matemática e português. As mulheres da classe média moviam-se no espaço doméstico, conhecendo nele as primeiras letras (quando muito) e aprendiam a contar, dedicando-se às tarefas domésticas: coser, bordar, enfim, trabalhar com agulhas.

No período da Independência, houve uma parca preocupação governamental com a instrução feminina, restrita ao primário (numa escola de currículos diferenciados para meninos e meninas), e em classes separadas, sem o acesso destas ao ensino secundário oficial (LOURO, 1987).

Nos momentos finais do Império, surgiram as “Escolas Normais” para aquelas que desejavam (ou necessitavam) de uma profissão – o Magistério – procurado pela classe média, sendo a Escola Normal da Província de São Pedro (Rio Grande do Sul) criada em Porto Alegre, no dia 05 de abril de 1869 (que seria a origem do Instituto de Educação), tendo sua ideologia fundada no Positivismo. A sociedade brasileira e gaúcha passava neste período por transformações (desenvolvimento da agricultura, do comércio, com instalação das primeiras fábricas e alguns movimentos políticos e operários), começando a ser debatida a co-educação dos sexos (LOURO, 1987), sendo reivindicada a equiparação do curso Normal aos demais cursos secundários (LOURO, 1987, p. 15). A Escola Normal da Província é suprimida em 1901, sendo substituída por um Colégio Distrital, com duas seções separadas, para moças e rapazes. Adquirindo uma grande importância para a educação feminina, em 1906, deixa de ser

o Colégio Distrital e passa a se chamar Escola Complementar, em nível secundário, mantendo-se até 1929” (LOURO, 1987).

Aos poucos, a atividade feminina, eminentemente doméstica, passa a estender-se a uma atividade profissional no espaço público, o Magistério primário, para aquelas que “precisavam” trabalhar – atingindo de modo precípua as mulheres de classe média, permitindo uma possibilidade de profissionalização para estas, e considerando-se o Magistério primário como uma extensão da tarefa de mãe, uma extensão do espaço doméstico.

Com o advento da República, surge o “entusiasmo pela educação, e o analfabetismo é visto como a maior doença do país” (LOURO, 1987, p. 15), sendo buscadas soluções para minorar esta situação.

No interior do Rio Grande do Sul, no tempo das guerras e revoluções, as mulheres ocuparam ocasionalmente espaços masculinos, segundo alguns autores, tais como o cuidado das estâncias nas longas ausências dos maridos, o que terminava com o retorno destes, voltando elas ao lugar submisso e subalterno que lhes era destinado (embora outros autores neguem esta ocupação provisória do espaço masculino, dizendo que quem as assumia eram os administradores das estâncias), sendo levadas a colocar em segundo plano quaisquer projetos de estudo ou desenvolvimento pessoal; a educação se dava em casa, era o aprender a ler e escrever, com ênfase no modelo de mulher/mãe, mulher/boa esposa, mulher/prendada, sendo que, para muitas filhas de estancieiros (no período da Colônia ao Império) era dispensável a “cultura letrada” (LOURO, 1987, p. 23). Neste período, os estudos mais avançados eram realizados na Europa, mas só para os *meninos*. No Rio Grande do Sul, moças educadas na

Corte (Rio de Janeiro) eram consideradas como um grande avanço (e isto era raro!), trazendo estas uma visão cultural mais larga para o espaço social/institucional do Rio Grande do Sul.

Com a chegada das ordens religiosas femininas, estas trouxeram uma maior possibilidade de educação formal para as mulheres (LOURO, 1987), mas para as da classe dominante, com a preocupação na formação moral. Entretanto, algumas dessas ordens preocuparam-se com o atendimento das meninas órfãs, para evitar que estas, ao crescer, se ocupassem com a “vida fácil” (a prostituição).

A preocupação com a instrução feminina aparece na Constituição de 1824, em nível formal e nacional, em classes/escolas separadas dos meninos, para as “primeiras letras”, sendo lecionadas por professoras mulheres. Abriu-se assim a possibilidade de um estudo formal para as meninas e um espaço profissional para as mulheres no Brasil (e no Rio Grande do Sul), as *mulheres-professoras*.

Segundo Louro (1987), os liceus, ginásios e academias ficaram para os homens, pois

...Já que o saber, o dominar informações, confere *poder*, é importante que isto seja privilégio do setor dominante [grifo meu]. Na contraposição [...] educação envolvia a doutrinação da mulher sobre o seu lugar na sociedade; ou seja, algumas informações lhes eram permitidas, é claro, *mas envolvidas pelas funções e papéis a elas recomendados* [grifo meu] (LOURO, 1987, p. 26).

Na visão positivista do século XIX, a mulher era percebida como uma complementaridade do homem (visão dominante também na República), sendo ela considerada responsável ‘pelos homens do amanhã’. Deveriam possuir menos instrução (pela sua ‘inabilidade’ natural ao uso do raciocínio, bem como para evitar as possíveis inovações ‘perturbadoras da ordem’, que poderiam surgir dentro da sociedade). Por outro lado, no

momento em que às mulheres coube a educação das crianças, caberia a elas a inculcação, nestas, da ideologia dominante, que deveria ser reproduzida sem se questionada, pela repetição, dentro da “disciplina e da ordem”.

Ao se instalarem as aulas mistas, permitindo-se às mulheres a docência no ensino primário, teve destaque a exigência de uma “moral ilibada” por parte destas professoras. Abrindo-se esta possibilidade profissional para as mulheres de classe média, esta coincidiu com a consolidação, na província (final do século XIX), de um “processo de construção ideológica no qual foram relegados à mulher alguns espaços públicos, entre os quais se destacam a atividade em obras de benemerência vinculadas principalmente às irmandades religiosas, e, de modo especial, à docência no ensino elementar” (TAMBARA, 2002, p. 72). Neste período, “consolida-se a idéia da professora como vocacionada, o que era tido como indispensável à atividade do Magistério” (TAMBARA, 2002, p. 72).

Este caráter “vocacionado” do Magistério possibilita que a remuneração dos professores diminua ainda mais, uma vez que se torna ligada ao “altruísmo”, à “abnegação”, ao “sofrimento” – características tidas como eminentemente femininas, e que, como tais, foram-se incorporando à profissão, sendo que esta se feminizou, e o trabalho feminino público (tal como no espaço doméstico) não teve “valor de troca”. Então, além de ser uma profissão que se constituía feminina (com características femininas e com remuneração condizente a ‘trabalho feminino’ e de menos valor), e embora possuindo um certo prestígio social, foi sendo abandonada, paulatinamente, pelos homens, que não aceitavam com bons olhos o controle exercido sobre a Escola pelo Estado, o que representava a perda de autonomia e poder e cerceamento da sua liberdade. Nas posições de chefia, nos cursos secundários

(‘posições de homem’), isto ainda era tolerável e possível de ser suportado, afinal significava poder, mando, autoridade. Mas na docência, não.

A criação da Escola Normal como resposta a uma necessária qualificação profissional aliou e reforçou a idéia da ‘vocação’ ao Magistério profissional. E, sendo voltada para a mulher de classe média – pois, segundo Tambara (2002), a mulher proletária ou campesina ocupava um papel na esfera pública através de sua força de trabalho e sem a necessidade de escolarização, e a mulher da elite ‘não precisava do Magistério para não se limitar a esfera privada’ (TAMBARA, 2002, p. 75) – foi reforçado seu papel de educadora, transferindo-se ‘do’ espaço doméstico ‘para’ a escola formal. Sendo que ‘à profissão passou a ser vista como uma vocação, tanto quanto a mulher era vocacionada à maternidade’ (TAMBARA, 2002, p. 75), o que, segundo Tambara, ‘explica em muito, o desprestígio em termos profissionais que, por muito tempo, a profissão de professora primária apresentou’ (TAMBARA, 2002, p. 75).

Ao passar o Magistério primário a ser ‘vocacionado’, torna-se ‘missão’, sendo associado a ‘sacerdócio’, ‘sacrifício’, passando a mulher a ser vista como a ‘educadora por excelência’. ‘Transfere-se para a carreira do Magistério uma concepção de mortificação e ascetismo que ‘naturalmente’ não lhe são inerentes, mas *construções sociais* [grifo meu]’ (TAMBARA, 2002, p. 76). O que institui a ‘professora primária’ foi baseado em um processo de dupla exclusão: ‘exclusão social via salário e de exclusão biológica subentendida na vocação da mulher para o trabalho docente’ (TAMBARA, 2002, p. 82).

Tambara (2002) considera o processo de *feminilização* do Magistério primário ainda mais importante do que o de sua *feminização*. A feminilização deu-se pela

...Incorporação das características feminis pelo docente e não pela assunção de características profissionais inerentes ao exercício da docência pela mulher. [...] Uma feminilização, *obviamente histórica e socialmente construída* [grifo meu], que acaba por encobrir toda a categoria independentemente do gênero (TAMBARA, 2002, p. 83).

Surge assim a figura da “mulher -professora” como assexuada, dependente, não -cidadã, abnegada, imbuída de doação, tendo o Magistério como profissão sacrificial – e o “sacrifício”, o “altruísmo”, faziam parte da tão propalada “meritocracia feminina”, incentivada pelos detentores do poder. Segundo Tambara (2002), um “perfil profissional” como este, em uma sociedade predominantemente machista como a do rio Grande do Sul, “somente coadunava -se com a mulher” (TAMBARA, 2002, p. 87).

Segundo Fernández (1994, p. 8), a professora ocupa “um lugar paradoxal de ‘senhorita virgem e mãe’”. É a “segunda mãe”, mas assexuada, permanecendo virgem como o modelo de mulher pregado pela Santa Madre Igreja.

O início do século XX apresenta explicações psicológicas para justificar as diferenças na educação e/ou no tratamento social dado a homens e mulheres. A idéia agora não era de que o homem fosse superior à mulher, mas que “tinham atributos naturais diferentes” (LOURO, 1987, p. 29). “As mulheres *eram* [grifo meu] naturalmente dóceis, submissas, sensíveis, dependentes, e os homens, fortes, agressivos, independentes. Elas intuitivas, pacientes e minuciosas; eles, lógicos, organizadores, criativos, mais capazes de generalização e síntese” (LOURO, 1987, p. 29). Estes fatos “naturais” levavam os homens à esfera pública, às decisões e chefias. Às mulheres, ao oposto. Percebe-se o “natural socialmente construído” sendo internalizado para justificar a dominação masculina (e da classe dominante!) uma vez mais.

A figura ideal da mulher-professora se caracterizava pela “conduta irrepreensível”, que se externava em figuras assexuadas, soturnas, pouco sorridentes, como se à mulher-professora fosse proibido o prazer e a alegria. Como as freiras-professoras, envolvidas em seus soturnos e escuros hábitos, a jovem professora devia manter-se “à distância” de seus alunos, primando pela ordem e a disciplina, mas procurando ser, ao mesmo tempo e paradoxalmente, o “prolongamento da casa, a segunda mãe”, mantendo -se fiel à idealização de um Magistério vocacionado e sofrido, neutro e impessoal.

Até meados do século XX construiu-se o perfil sócio-profissional do Magistério, caracterizado pela feminização e feminilização. Segundo Tambara (2002, p. 94),

...ocorreu o estabelecimento de estratégias ideológicas de feminilização associadas a mecanismos políticos voltados a estimular a desqualificação profissional consubstanciados, em especial, na cosmovisão dominante: a positivista e, a rigor, no princípio da liberdade profissional.

Louro (1987) ressalta que a imagem feminina de mulher foi se transformando, quanto mais se aproximavam as décadas finais do século XX. Entretanto, afirma, “a idéia de que o trabalho não doméstico para a mulher deve ser transitório, ou descaracterizado de sua importância [...] persistiu” (LOURO, 1987, p. 102).

Percebe-se o quanto a Escola tem sido contraditória ao longo do tempo, constituindo-se em um espaço de luta e sendo permeada pelo poder, sendo nela incentivada a submissão por parte das mulheres (tanto como das classes populares), mas ela também permitiu que se constituíssem os espaços de resistência, embora em forma de transgressão. Acentuou a Escola as diferenças hierárquicas com a supremacia do masculino e prestou-se à dominação, mas também foi um dos primeiros espaços públicos que se abriu para as mulheres, as “mulheres-professoras”, que, com seus movimentos de resistência, longa e sofridamente, vêm saindo do

obscurantismo, da sombra, da reentrância, para ocupar um lugar de visibilidade que incomoda aos homens e, muitas vezes, os atordoa, pela possibilidade e concretização da perda do poder hegemônico que, como água, quanto mais procuram segurá-lo e prendê-lo, mais escorrega por entre os dedos de suas mãos.

No final do século XX, na região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai expandiu-se o Ensino Fundamental nas cidades do interior e no interior dos municípios. Fez-se necessária a escolarização superior para as professoras, para atender à norma legal vigente (Lei Federal nº 9.394/96). Um grande número de mulheres-professoras voltaram a ser alunas, através dos Programas de Formação, em nível de graduação, que várias Universidades colocaram à disposição destas docentes. Assim aconteceu na URCAMP/Bagé (e em muitas outras).

Muitas destas professoras, agora “professoras-alunas”, haviam parado de estudar a longos anos, construindo um saber profissional mais baseado na prática, na experiência, na socialização. Sabe-se que “os saberes tendem a ser construídos pela realidade educacional preexistente” (CÓSSIO, 1999, p. 126), e um grande número destas mulheres-professoras vieram de formações impregnadas pela hegemonia do parâmetro masculino para todas as coisas. Como já foi dito, são oriundas das cidades da região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, são constituídas mulheres dentro da visão androcêntrica de sociedade e educação, colocando-se partícipes de relações desiguais vividas no seu processo de educação doméstica, escolar e profissional. Poucas tiveram a possibilidade de vivenciar ações reflexivas que lhes pudessem fazer perceber as condições de inferioridade impostas ao feminino – e assim se pudessem contrapor à discriminação evidente (ou não) contra a mulher na atividade docente, familiar e social.

Questiono: estas mulheres-professoras vêem as diferenças entre o “feminino” e o “masculino” como “naturalizadas” ou conseguem vê -las como “construções sociais”? Fazem alguma conexão entre a formação social do gaúcho da fronteira e a dominação masculina existente na região? E, principalmente, que repercussões esta dominação masculina trouxe ao seu *processo educacional* e à sua *trajetória profissional*? Ou não trouxe repercussões??

É o que pretendo verificar, com a presente investigação.

**7 METODOLOGIA: RELATOS DE VIDA DE PROFESSORAS-ALUNAS DO PFPS  
DA URCAMP/BAGÉ E SUAS CONEXÕES COM A DOMINAÇÃO MASCULINA E  
AS REPRESENTAÇÕES DO IMAGINÁRIO DA REGIÃO DA FRONTEIRA DO RIO  
GRANDE DO SUL COM O URUGUAI**

**Poema ao Oralista**

Empresta-me sua voz...  
Dá-me pela palavra, que é sua, o direito de ser eu:  
Permita-me contar como foi, como vejo, ou pelo menos como vi.  
Deixe-me dizer,  
não como aquele que faz da saudade um projeto de vida  
nem da memória um exercício.

Tenho uma história, minha, pequena, mas única.  
Pergunte-me o que quiser, mas deixe-me falar o que sinto  
Dir-lhe-ei minha verdade como quem talha o passado  
flanando sobre dores e alegrias  
Contar-lhe-ei o que preciso como alguém que anoitece depois  
da aventura de auroras e tempestades,  
como alguém que destila a emoção de ter estado.  
Farei de meu relato mais que uma oração, um registro.  
Oração e registro simples, de indivíduo na coletividade que nos une.

Empresta-me sua voz e letra para dizer que provei o sentido da luta,  
para responder ao poeta que "sim", que valeu a pena e que a alma é  
enorme

Empresta-me o que for preciso:  
a voz, a letra e o livro  
para dizer que experimentei a vida e que, apesar de tudo,  
também sou história.

(José Carlos Sebe Bom Meihy)

## 7.1 Métodos qualitativos, memórias e narrativas orais

A pesquisa empírica deu-se numa abordagem qualitativa, utilizando-se como metodologia questionários, entrevistas semi-estruturadas e uma técnica instigadora, e a análise dos dados será descritiva.

Optou-se pela pesquisa qualitativa porque ela enfatiza “às especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”, e presta-se a “situações nas quais a evidência qualitativa é usada para captar dados psicológicos que são reprimidos ou não facilmente articulados, como atitudes, motivos, pressupostos” (HAGUETTE, 2000, p. 64).

Na abordagem qualitativa, o pesquisador faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, se necessário, reformulados, buscando a descoberta de novas relações e novas formas de entendimento e interação com a realidade. A ênfase é dada ao processo, no que está ocorrendo, e não só no produto ou resultados finais; o pesquisador é um instrumento principal na coleta e análise dos dados.

Foi escolhida a entrevista, pois, segundo Alves-Mazzotti (2001), “por sua natureza interativa, a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários”. Nas entrevistas qualitativas semi-estruturadas, o entrevistador faz perguntas específicas, mas deixa também que o entrevistado responda com seus próprios termos. O investigador está interessado em “compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana” (ALVES-MAZZOTTI, 2001, p. 168). As entrevistas visam a

aprofundar as questões e esclarecer os possíveis problemas observados, sendo enfatizado o princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado.

Optou-se ainda por aplicar um questionário com questões abertas e fechadas a todas as alunas do Programa, para poder-se compor o perfil do objeto de pesquisa (as três turmas do PFPS/Pedagogia da URCAMP/Bagé em julho de 2003), e fazer com ele uma triangulação de dados, na busca da construção do conhecimento científico do objeto de estudo e do fato pesquisado, sem que, em momento algum, houvesse a pretensão de esgotar o tema, mas sim, analisá-lo e interpretá-lo à luz do embasamento teórico obtido na pesquisa bibliográfica realizada antes da pesquisa de campo e procurando-se não induzir quaisquer respostas. O questionário aplicado às professoras-alunas permitiu contrastar as respostas das professoras-alunas da zona rural com as da zona urbana, verificando-se que, na zona rural, alguns fatos se dão de forma mais acentuada do que na zona urbana, bem como leva a inferir, após a análise dos mesmos, que, quanto mais isoladas as pessoas vivem, quanto menos escolarização possuem, mais dificuldade têm em aceitar a emancipação feminina.

Dos questionários, foi possível elaborar os dados quantitativos da pesquisa que, embora se dando numa abordagem qualitativa, indicam recorrências e permitem perceber, na mesma temporalidade, visões um pouco diferenciadas de uma mesma realidade. O pesquisador, portanto, pode-se utilizar dos métodos ou qualitativo ou quantitativo, ou ainda quanti-qualitativo, dependendo de qual percebe como “mais adequado para cada tipo de objeto de estudo: os métodos quantitativos supõem uma população de objetos de observação comparável entre si e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser” (HAGUETTE, 2000, p. 63).

Os dados quantitativos permitiram ver o quanto o fenômeno da dominação masculina ainda está presente na vida das professoras-alunas do PFPS, bem como o fato de este ser mais acentuado na zona rural do que na zona urbana. Os dados qualitativos, obtidos através das entrevistas (que acabaram se expandindo e se transformaram em memórias e narrativas), forneceram “subsídios dentro dos limites da dimensão contemporânea, uma vez que se baseiam em depoimentos gravados de atores sociais que recorrem à sua experiência e memória para recompor fatos acontecidos no âmbito de sua temporalidade” (HAGUETTE, 2000, p. 63).

Pode-se dizer que a redescoberta das narrativas apresenta-se hoje como porta de acesso ao conhecimento dos sujeitos, dos atores sociais, aos seus processos de interação e aos elementos simbólicos e culturais, seus e de seu entorno.

Não se trata de romper com os paradigmas científicos da modernidade apenas para dar conta de uma exigência acadêmica da atualidade teórica e metodológica, mas por uma necessidade própria do tipo de investigação empreendida neste trabalho, na busca do que é relevante na vida destas professoras-alunas, numa interação dinâmica entre passado e presente.

Pesquisas que falam sobre as professoras, a partir de elementos observáveis, mensuráveis, e generalizam prescrições ou diagnósticos acerca da trajetória destas e do trabalho docente, não encontram mais espaço de legitimidade porque simplesmente ignoram os sujeitos de quem falam; falam sobre eles, mas não a partir deles.

Sarmiento (1994) salienta a importância dos métodos autobiográficos como forma de recuperar a “voz” dos professores, referindo-se à inadequação dos métodos tradicionais de pesquisa:

A linguagem que temos tido para falar acerca do ensino não tem sido apenas inadequada, mas sistematicamente enviesada contra a principal forma de expressão da voz dos professores. O reconhecimento disto tem dado origem a esforços para apresentar o conhecimento dos professores nos seus próprios termos, tal como ele decorre da cultura dos professores e das escolas. Num certo sentido, a investigação do pensamento do professor constitui uma concepção em desenvolvimento sobre a voz e uma tentativa para dar voz aos professores. (SARMENTO, 1994, p. 126)

As metodologias tradicionais tornaram-se insuficientes para compreender a subjetividade do mundo das professoras. Nesse esforço por “ouvir a voz” e por tentar “dar voz” às professoras, recorreu-se à memória pessoal e ao método das narrativas.

O método das narrativas defende que a Educação é a construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais e que os professores (tal como os alunos) são contadores de histórias e personagens das suas próprias histórias e das histórias dos outros.

As histórias ou relatos de vida permitem reconstruir, numa estrutura narrativa (o modo como o sujeito sente o mundo), as experiências mais significativas que aconteceram no passado e se mantêm para serem recordadas. Estas, assim, são elementos valiosos no processo de reflexão do professor e de compreensão da vida docente.

A respeito da importância do método de narrativas, relatos de vida ou depoimentos, Garcia (1998, p. 576) indica que a recuperação da memória dos professores nos ajuda a

...1) entender a perspectiva atual em que vive o professor de nosso tempo; 2) formar a identidade dos docentes, seus comportamentos e papéis; 3) combater a entropia que tende a dominar muitos educadores, sendo que a recuperação da memória pode ter uma função catártica e libertadora, enquanto busca de sentidos para as coisas que já se passaram; 4) compreender que a recuperação da memória revelará o sentido de evolução da escola, as inovações, mudanças, permitindo aclarar melhor o presente e facilitando os caminhos para o futuro.

Segundo Stephanou (palestra realizada na UFPEL, em dezembro de 2003), sabe-se que a memória é falha, seletiva, não é História: são “pistas”, podendo-se dizer que é um dos elementos principais de que a História vai se utilizar para fazer “uma” das muitas leituras do passado, assim como do presente. Mas serve para refletir sobre os “sentidos” do vivenciado, analisando o cotidiano dos simples, onde também se faz História; é uma forma de fazer emergir aquelas que permaneceram no anonimato, fazendo a Educação e a História da Educação.

Este trabalho não pretende chegar a generalizações; mesmo porque se sabe que a memória é “uma” forma de apresentar “uma verdade”, com significações e ressignificações, permitindo-se o sujeito lembrar aquilo com que pode conviver e sabendo-se que pode omitir o que lhe parece insignificante ou insuportável, envolvendo processos conscientes e inconscientes. Entretanto, em uma abordagem qualitativa, interessa saber “como” e “porquê” uma pessoa significa alguma coisa como verdade, pois não há uma fronteira nítida entre o real e o ficcional, podendo deixar muito a transparecer nas hesitações, nos silêncios (pausas), nos esquecimentos, no tom de voz, na posição corporal e gestual. Nesta redescoberta de sentimentos e identidades, emergem determinados símbolos, representações que são a expressão do sujeito que fala, o que permite inferir como se refletem no sujeito “concepções, ações e, portanto, ‘realidades’” (RANGEL, 1998, p. 116) – onde “o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo” (ABRAHÃO, 2003, p. 79).

Sabe-se ainda que, utilizando-se a memória como metodologia, esta se dá dentro de um contexto, socialmente construído, onde estão presentes a emoção e as subjetividades – o que não permite generalizações, mas sim compreender o fenômeno em estudo, o que poderá até “permitir uma generalização analítica” (ABRAHÃO, 2003, p. 79), embora e principalmente sabendo-se que tentamos “capturar o fato sabendo-o *reconstruído* [grifo meu] por uma memória seletiva, intencional ou não” (ABRAHÃO, 2003, p. 79).

Thompson (s.d., p. 272) afirma que “falar sobre o passado pode despertar memórias dolorosas, que, por sua vez, despertam sentimentos intensos, que, fortuitamente, podem afligir um informante”.

Sabe-se, também, que “onde se dá” a narrativa e “para quem se dá” esta narrativa pode ter influência no que é narrado, com base na interação e no clima de confiança recíproca entre o sujeito que fala e o sujeito que ouve. (Por esta razão, não *escolhi* as alunas que entrevistei: após dizer-lhes que faria entrevistas sobre relações de gênero, *convidava* as que quisessem para participar, portanto, ‘elas’, as professoras-alunas, se inscreveram e ‘me’ escolheram para fazer seus relatos.)

Consciente do caráter parcial da verdade que tentei trazer à tona e sabendo ser impossível exprimir o real em toda a sua diversa complexidade, pela dificuldade do tema abordado e sem querer invadir a privacidade das professoras-alunas do Programa, obtive 33 professoras inscritas para as entrevistas; pela exigüidade do tempo, limitei-me a analisar as primeiras doze que se inscreveram.

Além dos questionários e das entrevistas, apliquei, em uma das três turmas do Programa, uma técnica instigadora, utilizando-me do gravador, de transparências para retroprojeter (com poesias sobre o gaúcho e desenhos de artistas populares da Fronteira, bem como da letra e música de ‘Morocha’, uma música muito comum na Região), como mais uma forma de provocar discussões e reflexões sobre o tema.

A aplicação do questionário a todo o universo pesquisado (as três turmas do Programa em funcionamento na URCAMP/Bagé) deu-se em julho de 2003, sendo aplicado parte em um dia e parte em outro, com a preocupação de não cansar as alunas por ser um questionário com 100 questões. Para surpresa, verificou-se que, na última questão, em aberto, onde se solicitava que opiniões, sugestões e relatos que elas julgassem ser importantes para o tema fossem colocados, 33 alunas (de um total de 54) preencheram (além de fazer vários relatos), dizendo que, para elas, este teria sido o primeiro e único momento que lhes foi proporcionado para fazer uma reflexão sobre sua vida, seu processo de escolarização e sua trajetória profissional, imbricadas com as relações de gênero que permearam e permeiam suas histórias de vida. Outras colocaram nunca haver refletido nem ouvido falar sobre “relações de gênero”. Agradeceram por estes momentos de reflexão e sugeriram que outros momentos lhes fossem proporcionados para refletir sobre o tema, *inclusive sugerindo que o estudo das relações de gênero fosse ‘incluído no currículo dos cursos de formação de professores’, ‘principalmente no curso de Pedagogia, como uma disciplina regular’, e solicitando cursos de extensão e/ou palestras que possibilitassem ampliar essas reflexões.*

A escolha para as entrevistas deu-se, como já foi dito, através de um convite, para aquelas alunas que tivessem interesse em ser entrevistadas, solicitando-lhes que agendassem com a pesquisadora, após os períodos de aula, horário e local; foi passada uma folha em

branco para que colocassem o nome das interessadas, dia, hora e local. Causou surpresa o grande número de professoras-alunas que se inscreveu, sendo que o local solicitado foi a própria Universidade, no horário noturno, após as aulas. Foi impossível entrevistá-las todas, sendo realizadas apenas doze entrevistas, sendo, em média, duas em cada noite. Lamentando não poder atendê-las todas, foi-lhes explicado que minha intenção é que este trabalho possa ter uma continuidade (talvez para uma Tese de Doutorado) e que, em assim sendo, possivelmente iriam ser convidadas para novas entrevistas e/ou narrativas ou histórias de vida.

Nas entrevistas, como já mencionei, a idéia era seguir um roteiro semi-estruturado, porém, pelo modo espontâneo como se deram, jorrando narrativas de vida como se fossem uma represa de água há muito contida e onde se abrem as comportas, optou-se apenas por pedir que falassem sobre relações de gênero, suas relações com pais, maridos, irmãos e alunos, homens em geral, **da e na** Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, relatando o que considerassem importante. As informações foram preciosas, as entrevistas, longas, com quase duas horas de duração em média, tomando-se um mate, num clima de confiança recíproca, com avanços e recuos, sem uma ordem cronológica ou linear, numa verdadeira catarse, onde as fitas no gravador foram trocadas várias vezes, verdadeiros depoimentos (com pedidos de ajuda), enquanto a pesquisadora, silenciosa, ouvia, anotava observações interessantes, como rubor, hesitações, raiva, irritação e lágrimas. Não foi delimitado o tempo da entrevista, o que acabou enveredando, pela memória, para histórias de vida, onde o colóquio foi conduzido pelas narradoras, e as emoções que transpareceram permitiram captar o não-explícito e o não-dito – sendo um instrumento riquíssimo que foi posteriormente analisado, junto aos achados nos questionários e na técnica aplicada, mas valorizando-se muito as narrativas e a memória das professoras-alunas, pois o desejo era que “se vissem” como autoras, sujeitos históricos de suas próprias vidas, sendo -lhes possível

visibilizarem-se como sujeitos de direito, de serem respeitadas como mulheres e como cidadãs, proporcionando-lhes vez para serem ouvidas e dando-lhes espaço para voz, para que pudessem falar.

Segundo Tambara (2000, p. 83):

Temos que reconhecer que nossos temas [...] emergem com significação e representam uma efetiva contribuição ao conhecimento histórico, particularmente da História da Educação.

Assim, temas como, a alegria, a dor, o sonho, a cama [...] o gênero, a morte, a sexualidade, o medo [...] a linguagem, os gestos, a fala, o silêncio, a leitura, a raiva, a ansiedade, a doença, etc., são abordados sob pontos de vista os mais díspares e sob enfoques os mais heterogêneos.

Tambara enfatiza, entretanto, que esses novos temas não devem ser desvinculados da realidade contextual em que se dão, nem apenas se caracterizarem como “confirmações” da realidade e sem um comprometimento político. “O que é preciso saber, é o que a História da Educação tem a contribuir em relação a um mundo baseado em estruturas permeadas por injustiças e como este pode ser transformado” (TAMBARA, 2000, p. 85).

Este comprometimento político subjaz à análise e interpretação dos “achados”, através das várias metodologias utilizadas que permitiram que se (re)construíssem as repercussões da dominação masculina no Processo Educacional e na Trajetória Profissional das professoras-alunas do PFPS da URCAMP/Bagé, embora se saiba que nenhum resultado é definitivo, mas sim “um processo de reconstrução e valoração provisórios que de correm de um processo de investigação sempre composto de fragmentos” (TAMBARA, 2000, p. 85), na união das peças de um grande quebra-cabeças, mas que, após montado, pode ficar sujeito a outras leituras.

Os resultados da análise dos achados na pesquisa empírica dar-se-ão de forma descritiva, entretanto, apoiando-se em quantificações dadas por aproximação dos dados encontrados nos questionários, procurando contrastar-se, embora não seja a problematização inicial, mas como um dado complementar que subjaz ao trabalho, as “verdades” das professoras-alunas da zona rural e da zona urbana, verificando-se semelhanças ou dessemelhanças, aproximações ou afastamentos mais ou menos acentuados, sendo enfatizada a predominância de dados descritivos, transcrições de narrativas, presença ou ausência de dados, observando-se como se refletem e produzem concepções e ações, portanto, ‘realidades’.

Pela presença de idéias (procurando-se notar a constância e o compartilhamento), foi possível identificar como as professoras-alunas percebem (e expressam) a dominação masculina associada ao *ethos* do gaúcho da fronteira sul-rio-grandense, e as repercussões que dessa associação decorreram (e ainda decorrem) para seu processo educacional e sua trajetória profissional, propiciando que hoje estejam integrando o PFPS, e vendo essa associação imbricada com a escolarização de seus pais e maridos (ou companheiros), a “naturalização” do “masculino” e “feminino”, a mitificação do gaúcho (percebida como construção social ‘que não é real’ – palavras de uma aluna – não correspondendo à *sua* visão do gaúcho real, com o qual convivem), emergindo de maneira acentuada a presença da violência (física e verbal), numa sociedade machista com fortes resquícios patriarcais e eclodindo de forma marcante e decisiva a repressão e a violência sexual no âmbito doméstico como uma das muitas formas da dominação masculina e que traz repercussões tanto para seu processo educacional como para sua trajetória profissional (e notadamente nesta).

Comungando, com Tambara (2000, p. 86), da idéia de que é “inerente à História da Educação um alcance prático”, no final desta pesquisa buscar-se-á que ela não se torne apenas “mais um” trabalho acadêmico para a obtenção do grau de ‘Mestre em Educação’, mas que sirva de subsídio e apresente alternativas viáveis para fortalecer um processo de resistência e, ao menos, um embrião de mudança do *status quo*, servindo de esclarecimento, tomada de consciência, não só para o universo acadêmico de abrangência da URCAMP/Bagé, como também para a categoria profissional das professoras-alunas do PFPS e das “mulheres-professoras” da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.

## **7.2 O Problema e suas Interlocações com os Achados**

### ***7.2.1 O Problema de Pesquisa, o Objetivo e o Corpus da Análise***

Quando elegi como problematização de minha Dissertação de Mestrado “Quais as REPERCUSSÕES da dominação masculina – ainda presente na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai – no Processo Educacional e na Trajetória Profissional das professoras-alunas do PFPS/Pedagogia, Habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais da URCAMP/Bagé, no início do século XXI (julho de 2003)”, sabia da complexidade do tema a ser abordado, da sua grande abrangência e de sua forma multifacetada. Entretanto, quando me lancei à pesquisa empírica, percebi que seria impossível (pelo tamanho do universo pesquisado e pela complexidade da metodologia variada que utilizei, e considerando a multiplicidade possível de ‘repercussões da dominação masculina’ no processo educacional e na trajetória profissional das professoras-alunas do PFPS), e tornar-se-ia inviável enumerar “todas” as repercussões. Tive necessidade, então, de reformular o problema de pesquisa, centrando o foco da investigação em “**algumas repercussões** da dominação masculina”. O

tema, então, ficou assim problematizado: *“A dominação masculina, ainda presente na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, tem trazido algumas repercussões para o processo educacional e a trajetória profissional das professoras-alunas casadas (ou em união estável) e que cursam o PFPS/Pedagogia, Habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais da URCAMP/Bagé, em julho de 2003?”*

O objetivo desta pesquisa foi, então, *“Investigar se a dominação masculina, ainda presente na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, tem trazido algumas repercussões para o processo educacional e a trajetória profissional das professoras-alunas casadas (ou em união estável) que cursam o PFPS/Pedagogia, Habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais da URCAMP/Bagé em julho de 2003, e, se tem trazido, analisá-las.”*

Parto do princípio de que a dominação masculina ainda **está** presente na Região da Fronteira, em pleno início do século XXI da Era Cristã, e que o espaço social/cultural em que as professoras-alunas do Programa se constituíram como mulheres é permeado por representações do Imaginário androcêntrico que institui, inculca e mantém a dominação masculina desde a formação social do gaúcho da fronteira até o presente, permeando as relações de gênero, tanto no espaço doméstico como no espaço público, de forma explícita ou implícita (através da dominação simbólica) – e que, certamente, esta dominação masculina tem trazido as mais variadas repercussões na vida destas mulheres (assim como na de muitas outras, mas que não são o objeto de pesquisa desta investigação). Enfatizo ainda que a dominação masculina não é um fato que ocorre ainda hoje *apenas* na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, em termos de Brasil e de mundo; mas, tendo em vista o que motivou este trabalho, e a investigação dar-se nesta região e neste espaço-tempo – e a Região da Fronteira possuir características marcantes e peculiares, centro aqui as afirmações

do meu trabalho. Através da pesquisa, pude constatar ainda que a realidade da fronteira é ainda diferenciada, sendo a dominação masculina mais acentuada na zona rural do que na zona urbana, imbricando-se com fatores tais como classe social (com predomínio da classe média baixa e da classe baixa) e sujeitos com pouca escolarização (analfabetos, homens com predominância do Ensino Fundamental incompleto) – embora não seja inexistente na classe alta ou em pessoas com escolarização superior. Percebi também ser mais acentuada entre as famílias ligadas a atividades campesinas, ou a C.T.Gs, mas o que não exclui famílias onde as profissões são as mais variadas e vivem ou tiveram suas origens nesta metade sul do Rio Grande. A relação da dominação masculina com etnias diversas não foi considerada para este trabalho.

Consideradas as várias alternativas de coleta de dados, optei pelo questionário, aplicado a todas as professoras-alunas presentes nos três blocos do PFPS da URCAMP/Bagé em julho de 2003, casadas ou em união estável – o que me permitiu identificar o perfil das professoras-alunas do Programa, bem como a identificação do universo de pesquisa (ver item 1.2 deste trabalho, páginas 45 a 59).

Para que fosse possível contrastar os dados que apresento na identificação da amostra, foi questionado o local onde as alunas residiram e onde residem, onde trabalham atualmente (zona rural ou zona urbana) e outras informações, que permitiram uma aproximação por semelhanças ou dessemelhanças entre as professoras-alunas classificadas na categoria de “professoras -alunas do PFPS da zona rural” e “professoras -alunas do PFPS da zona urbana”. Esta categorização não foi prevista inicialmente, nem constou como parte do problema inicial, mas, como constava nos dados de identificação, com a análise dos questionários, acreditei ser importante e senti a necessidade de ressaltar esta multiplicidade dentro do universo

pesquisado, pois permitiu aproximações mais semelhantes em algumas respostas dadas pelas alunas das zonas rural e urbana, caracterizando uma relativa identidade de respostas e do grupo pesquisado.

Cóssio (1999, p. 101) afirma que:

A formação da identidade tem, sem dúvida, um caráter individual, subjetivo e singular. É, a rigor, o que diferencia um sujeito de outro. Entretanto, quando tratado no campo profissional, assume uma dimensão de coletivo, de aproximação entre as pessoas que pertencem a um dado grupo ocupacional, sem, no entanto, homogeneizarem-se.

Freire (1994, p. 93) diz que a identidade “é a relação dinâmica, processual do que herdamos e do que adquirimos na cultura, no meio social”.

Essa forma de pensar semelhante (mas não homogênea) entre as professoras-alunas da zona rural e as professoras-alunas da zona urbana manifesta-se notadamente em várias etapas da pesquisa empírica, tanto nos dados quantitativos como naqueles onde as questões são abertas e se dão numa análise qualitativa e descritiva.

Comprovou-se o fato de que estas mulheres vêm em busca de uma Escolaridade Superior em uma faixa etária bem diversa da composta por alunas do curso regular de Pedagogia, em que mais de dois terços são alunas bem jovens, normalmente recém saídas do Magistério ou de outro curso de Ensino Médio, sem experiência profissional – o que não ocorre com estas, pois todas estão na docência do Ensino Fundamental, que é uma das exigências do Programa, e a faixa etária média encontra-se entre 36 e “mais de 40 anos”.

Das professoras-alunas da zona rural, 51,61% passaram parte da adolescência na zona urbana, provavelmente para que pudessem cursar o Ensino Médio, uma vez que este é quase inexistente no interior (zona rural) dos municípios. Das professoras-alunas da zona urbana pesquisadas, todas residiram sempre na zona urbana – o que lhes permitiu, certamente, um grau um pouco maior de autonomia, tendo em vista o maior convívio com outras pessoas e o maior acesso aos meios de comunicação – o que permite o contato com centros maiores e outras posturas de vida, menos conservadores.

Quanto à profissão dos pais das professoras-alunas, pode-se perceber que 96,77% dos genitores das professoras-alunas da zona rural possuem ou possuíram atividades ligadas às lides do campo (agricultores, pecuaristas e pequenos produtores rurais). Já os pais das professoras-alunas da zona urbana possuem ou possuíram as mais diversas profissões, sendo apenas 8,60% “agricultores”, portanto, ligados ao campo. Essa heterogeneidade profissional, entretanto, em relação aos pais, pouca diferença fez, pelas respostas que se obteve, inferindo-se que a postura tradicional e conservadora destes deu-se mais pela “filiação” ao “mito do gaúcho”, à escolarização ou à época em que foram criados, do que mesmo ao fato de residirem na zona urbana ou rural.

As profissões das mães se equivalem, tanto na zona rural como na zona urbana: na zona rural, 83,87% das mães foram ou são “donas -de-casa”, e, na zona rural, 78,26% o foram ou são. Em todo o universo pesquisado, 81,48% das mães tiveram ou tem sua ocupação apenas no lar, seguindo o modelo conservador e tradicional de que “mulher é para dentro de casa”, bem ao estilo gaúcho e patriarcal da “família da fronteira”.

Os pais tinham como “sonho” (profissão preferencial para as filhas) o Magistério. Na zona rural, a preferência da profissão das filhas como “professora” obteve um percentual de 80,64%, para 43,47% dos pais da zona urbana. Essa disparidade pode ter-se dado em virtude da desvalorização, na zona urbana, do Magistério, tanto em relação ao *status* como em relação ao nível salarial, ou pelas outras opções profissionais que a zona urbana oferece. Entretanto, são suposições.

Quanto à escolarização dos pais, tanto na zona rural como na zona urbana, o predomínio foi de “ensino Fundamental incompleto”: 64,51% na zona rural e 47,82% na zona urbana. Entretanto, os pais analfabetos na zona rural perfazem 16,12%, enquanto na zona urbana são 8,69%. Sabe-se que os meninos, na zona rural, não eram muito estimulados a estudar, pela dificuldade, distância ou inexistência de escolas, pois eram considerados mão-de-obra barata (sem ônus) para a subsistência da família, principalmente na primeira metade do século XX.

Outro fator interessante de se notar é que, na zona rural, houve um decréscimo de alunas que se consideravam na classe baixa e um acréscimo de alunas que se consideravam na média baixa, aparecendo a “classe média” – o que pode ter se dado em função dos casamentos, pois a grande maioria já fazia parte do mercado de trabalho antes de casar.

Já na zona urbana, houve um decréscimo na “classe pobre”, aparecendo a classe “média baixa”, mas surgindo um decréscimo na “classe média” – o que é peculiar na zona urbana, tendo em vista a perda do poder aquisitivo e o achatamento da classe média ao longo das últimas décadas, pela política econômica dos governos, bem como pelos baixos salários do Magistério em relação a alguns índices do passado.

Considero interessante apresentar, em forma de tabela, os dados sobre o nível de escolarização dos maridos, para que se possa visualizar melhor os dados obtidos, sem, no entanto, ter com ela a preocupação estatística (assim como as demais que serão apresentadas).

**Tabela 1 - Nível de escolarização dos maridos**

Escolaridade	Zona rural	Zona urbana
Analfabetos	12,90%	—
Ensino Fundamental incompl.	64,51%	8,69%
Ensino Fundamental compl.	6,45%	17,39%
Ensino Médio incompleto	6,45%	13,04%
Ensino Médio completo	6,45%	43,47%
Ensino Superior incompleto	—	4,34%
Ensino Superior completo	—	13,04%
Não responderam	3,22%	—

Como se vê na Tabela 1, na zona rural predominam os maridos (ou companheiros) com o Ensino Fundamental incompleto, havendo um número razoável de analfabetos e nenhum com curso superior.

Na zona urbana, predominam os maridos (ou companheiros) com o Ensino Médio completo, sendo que 4,34% ao menos ingressaram no Curso Superior e 13,04% possuem Curso Superior completo.

Essa heterogeneidade na escolarização dos maridos (ou companheiros) da zona rural em relação aos da zona urbana pode ter influência em determinadas atitudes tomadas por estes, um pouco menos conservadoras que puderam ser constatadas nas relações de gênero em família no decorrer da pesquisa, mas não descaracterizou em muito a presença da dominação masculina no espaço doméstico, como seria de se esperar.

Profissões predominantes dos maridos: na zona rural, 96,77% das profissões dos maridos são as típicas do interior da Região da Fronteira: agropecuaristas, agricultores e trabalhadores rurais. Na zona urbana, 34,78% são pecuaristas (sendo as outras tão variadas que não foi possível agrupá-las nem por aproximação – ver Anexo B: identificação do universo pesquisado em porcentagens). A diversidade profissional também não propiciou que as relações de dominação no âmbito doméstico fossem muito diferentes das manifestações da zona rural, embora, friso, um pouco menos autoritárias.

No item sobre “se o marido/companheiro está trabalhando atualmente”, obteve-se as seguintes respostas (apresentando-as em forma de tabela para facilitar a visão de contexto):

**Tabela 2 - Situação atual do marido/companheiro (se está trabalhando ou não)**

Resposta	Zona rural	Zona urbana
Sim	96,77%	82,60%
Não	3,22% (aposentado)	13,04%
‘Mais ou menos’	—	4,34%

Nas respostas da Tabela 2, o “mais ou menos” não foi especificado. Verifica-se que, na zona rural, quem não trabalha é porque já está aposentado, o que não ocorre na zona urbana, havendo 13,04% de maridos/companheiros desempregados, o que leva a perceber que são as mulheres *as únicas responsáveis pelo sustento da família*. Os motivos de não estarem trabalhando não foram pesquisados no questionário.

Questionadas quanto a “quem recebe o salário (ou tem a renda) maior”, obteve-se como respostas:

**Tabela 3 - Quem recebe salário/renda maior**

Resposta	Zona rural	Zona urbana
O homem	48,38%	60,86%
A mulher	51,61%	30,43%
Mais ou menos equivalente	—	8,69%

Pela Tabela 3, infere-se que, com o predomínio (embora em pequena proporção) de mulheres da zona rural recebendo salário maior do que o dos homens, é compreensível que estes se sintam inseguros e insatisfeitos quanto à vinda das mulheres para a Universidade (uma vez que, numa sociedade originariamente patriarcal, o homem era o provedor da família e o chefe do casal, ocupando em tudo um lugar superior ao da mulher), inclusive porque o término do Curso Superior acentua não só a disparidade da escolarização entre o casal como a possibilidade de um acréscimo salarial para as mulheres pelos planos de carreira do Magistério.

Na zona urbana, o salário ou renda maior é o dos maridos/companheiros, que, mesmo com menor índice de escolarização, percebem ou obtêm uma renda maior do que a das mulheres, o que comprova desvalorização salarial que vem sofrendo o Magistério, ratificando a idéia corrente na região de que, nem sempre para obter um bom salário é preciso estudar mais – o que é dito muitas vezes para as professoras nas escolas pelos alunos que não querem estudar: “ô meu pai não estudou e ganha mais do que a senhora. Por que eu preciso estudar??” Mais uma vez percebe-se a desvalorização do trabalho feminino e da docência nas séries iniciais, o que certamente é comentado na casa das crianças, sendo que, na Região da Fronteira, os meninos jamais são incentivados pelos pais a serem professores das séries

iniciais, uma vez que esta é tida como “profissão feminina” e “extensão do lar” – e o “lar” é o “espaço das mulheres”, por excelência.

Pode-se perceber que a grande maioria das professoras-alunas, tanto na zona rural como na zona urbana, iniciaram a trabalhar antes de casadas, sendo que, na zona rural, em um percentual de 83,87%, e na zona urbana, 73,91%. Pelas questões posteriores, pude verificar que muitas delas *só continuaram ou estão trabalhando porque já haviam iniciado a trabalhar antes do casamento* e, para muitas delas, *continuar lecionando foi uma dura batalha doméstica*, muitas vezes só obtendo a continuidade do trabalho por uma necessidade de, com seu salário, complementarem o orçamento familiar deficitário.

Quero deixar claro que, tanto na zona rural como na zona urbana, o trabalhar e continuar estudando *não obteve uma aceitação pacífica por parte de seus maridos e companheiros* e que, mesmo sendo educadas para a obediência e a submissão, essas mulheres *conseguiram abrir brechas e apresentar resistência à dominação masculina*, e, com raras exceções, se possuem hoje uma trajetória profissional, isso se deve a um *grande espírito de luta* contra a dominação masculina existente e contra a inculcação. Mesmo no *habitus* da supremacia da sociedade androcêntrica. Não se deixaram sufocar, embora sofrendo uma grande dose de violência física e/ou simbólica, tanto na zona rural como na zona urbana, o que, apesar das dessemelhanças em muitos aspectos, de uma certa forma as identifica.

Nóvoa (1992, p. 14), ao conceituar identidade, diz que “não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão.” Neste sentido, ousei penetrar neste espaço de lutas e conflitos, procurando perceber os momentos e os elementos mais

significativos em que se deu essa construção, ancorada nos momentos de resistência, nos obstáculos encontrados que não as fizeram desanimar, pelo contrário, serviram como desafio para que os superassem, embora dentro dos limites do possível.

Questionadas quanto a terem tido alguma outra profissão antes do Magistério, 87,09% da zona rural colocaram que “não”, enquanto na zona urbana, 69,56% responderam que “sim”. As 12,90% que tiveram outra ocupação antes do Magistério, na zona rural, foram todas ligadas ao campo, aos afazeres domésticos e à lida campeira mais simples, ao redor “das casas”, como “botar as vacas” (juntar as vacas para perto ‘das casas’, separando -as dos terneiros, para, no dia seguinte, tirar-se o leite antes de os terneiros mamarem), “catar gravetos”, trabalhar na atividade familiar, nas pequenas lides do campo (sempre perto ‘das casas’) ou na agricultura, “debaixo das vistas da família” (pai e mãe). Estas “outras ocupações”, entretanto, não lhes permitiram experiências diferenciadas, uma vez que o ambiente no qual se deram foi o mesmo.

As alunas da zona urbana, que tiveram “outra ocupação” antes do Magistério, estas foram muito variadas, desde atividades ligadas à Escola, como “servente escolar”, “secretária de escola”, a “doméstica”, “babá” e outras (ver Anexo C – análise dos questionários.) Pode-se perceber que experienciaram outras situações de trabalho, o que é enriquecedor como experiências de vida, embora em profissões tidas como de segundo nível.

Das professoras-alunas da zona rural, 74,19% tiveram um período só como “donas -de-casa”, e da zona urbana, 52,17% o tiveram. Quanto aos *motivos* destes períodos só como “donas -de-casa”, tanto na zona rural como na zona urbana, as respostas foram agrupadas por

aproximação, *sendo semelhantes*. Tanto na zona rural como na zona urbana (apresento os percentuais das duas zonas juntas), as respostas afirmativas foram justificadas em torno de:

- ‘Sim’, por razões relacionadas aos filhos: 45,71%;
- ‘Sim’, por desejo/imposição dos maridos: 42,85%;
- ‘Sim’, por outros motivos : 11,42%.

As respostas negativas, isto é, que ‘não tiveram algum tempo só como donas -de-casa’, tanto na zona rural como urbana, nas justificativas, giraram em torno de:

- ‘Não, *embora contrariando o marido*’ – 21,05%;
- ‘Não, porque *quando me casei já era professora*’ – 42,10%;
- ‘Não, *apesar das brigas*’ – 10,52%;
- ‘Não, porque era necessário, *apesar da oposição do marido*’ – 26,31%.

Percebe-se que o não viver apenas dentro do espaço doméstico não foi do agrado dos maridos. Vejo nestas mulheres a vontade forte de legitimação da sua autonomia, e, embora todas elas tendo filhos, filhas, filhos e filhas, ficou claro que, mesmo sem contar com o apoio dos maridos/companheiros, não deixaram de trabalhar, não ficando na dependência econômica destes e lutando pela conservação do espaço que haviam conquistado. Certamente estas mulheres tiveram filhos para atender, trabalhos domésticos a realizar em um clima familiar de desagrado/desaprovação por parte dos maridos – o que não deve ter sido fácil, provavelmente, mas que, paulatinamente, foi-lhes abrindo espaços para outras conquistas.

Questionadas quanto a se tiveram de parar de estudar por algum tempo, das professoras-alunas da zona rural, 96,77% responderam que “sim”, e 78,26% de professoras - alunas da zona urbana também responderam afirmativamente. Questionadas quanto ao tempo que pararam de estudar, tanto nas respostas das professoras-alunas da zona rural como nas da zona urbana, os períodos se equivalem, quanto à faixa de tempo sem estudar:

Zona rural: de 11 a 15 anos – 26,66%;

de 16 a 20 anos – 30%.

Zona urbana: de 11 a 15 anos – 33,33%;

de 16 a 20 anos – 33,33%.

As outras faixas de tempo são variadas.

Esta questão na identificação do universo de pesquisa solicitava uma justificativa, englobando os três aspectos: “se pararam de estudar, por quanto tempo pararam e por quê”.

No caso afirmativo (de terem deixado de estudar por algum tempo), as justificativas das professoras-alunas, tanto da zona rural como da zona urbana, puderam ser reunidas por aproximação, uma vez que *se apresentaram semelhantes*:

“Sim, porque me casei” – 8,33% do universo de pesquisa.

“Sim – por razões relativas aos filhos e/ou a ter de viver na zona rural e ter de cuidar dos filhos” – 16,66%;

“Sim – por desejo do marido” – 18,75%;

“Sim – por *imposição* do marido” – 16,66%;

“Sim – por *medo* do marido” – 16,66%;

“Sim – pela situação financeira” – 10,41%;

“Sim – por *imposição* do pai” – 8,33%;

“Sim” – alegaram outras razões – 4,16%.

Pude perceber que as razões relativas ao casamento, ao cuidado dos filhos (atribuição ‘eminentemente feminina’), ao “desejo” do marido, à “imposição” do marido, ao “medo” do marido, por “imposição” do pai, correspondem a uma porcentagem expressiva de 86,27% do universo de pesquisa. As alunas que responderam que “não deixaram de estudar” (1 da zona rural e 5 da zona urbana) perfazem um total de 11,11%. Estas não justificaram a resposta.

Pude constatar que a resistência das mulheres à repressão e à dominação masculina existente ficou clara no que se refere a *continuarem no mercado de trabalho*, o que já não ocorreu na continuidade de seu processo educacional, talvez pelo aspecto econômico (o fato de trazer seu salário para casa para integrar a renda familiar) proporcionar uma melhor aceitação por parte dos maridos e/ou companheiros. Talvez eles (ou elas) não encararam a resistência à descontinuidade dos estudos como encaravam a trajetória profissional, vista como uma necessidade econômica. Ou porque “resistir” em duas frentes de luta ao mesmo tempo é bastante mais complexo. Continuar estudando poderia ser visto como uma forma de “diletantismo”, ao passo que continuar trabalhando renderia “lucros” para a família... São questões que ficarão em aberto, para investigações posteriores...

## ***7.2.2 As Categorias que Emergiram dos “Achados”***

### **7.2.2.1 Primeira categoria de análise: as professoras-alunas e a relevância de cursar o PFPS: possibilidade de resistência e realização de sonhos**

Para dar conta do problema de pesquisa, procurei um referencial teórico que informasse o que é o Programa de Formação de Professores em Serviço da URCAMP/Bagé e quem são as professoras-alunas que frequentam o Curso – que são o objeto de pesquisa.

Procurei então saber, através da pesquisa empírica:

- Por que essas mulheres estão “agora” cursando o Programa (julho de 2003), já que me pareceram em uma faixa etária mais avançada do que as alunas do Curso Regular? Esta será uma das repercussões da dominação masculina no seu processo educacional?

A primeira coleta de dados deu-se através da aplicação do questionário a duas turmas do Programa, sendo que, na 3ª turma, apliquei uma Técnica Instigadora, antes da aplicação do Questionário (que foi posteriormente aplicado).

A Técnica Instigadora constou da apresentação, às alunas, de gravuras, poesias e da letra da música “Morocha”, enfim, várias representações do Imaginário, carregadas de expressões simbólicas e pesada carga emocional.

**I. Coloquei as gravuras sobre o GAÚCHO nas transparências do retro-projetor e pedi que as alunas prestassem bem atenção nelas. Não adiantei coisa alguma sobre o assunto.**

**Quando terminei de passar as gravuras, pedi que comentassem alguma coisa em relação a elas:**

- São gravuras sobre o gaúcho.
- São gravuras em que aparece o gaúcho, ele aparece forte, dominador, ligado ao cavalo.
- Como sempre!!
- Não, “como sempre” seria “ligado à égua!!” (risos)
- Na nossa região o homem é sempre assim, como apareceu aí, forte, poderoso, livre, dominador!
- Mandão!!
- Metido a besta!!
- “Se achando”! Sim, porque eles pensam que são os “tais”!

Ficou claro que a zoofilia, comum na zona rural, é de conhecimento geral; fizeram uma leitura do gaúcho como “forte”, “dominador”, “mandão” (o que foi confirmado depois pelas respostas dadas ao questionário e nos relatos, o que leva a perceber que esta é a leitura que as professoras-alunas fazem do gaúcho (com o qual convivem). Percebi que a ligação do gaúcho com o cavalo é bem conhecida.

Perguntei-lhes:

**Vocês conhecem gravuras sobre a mulher gaúcha?**

- Ah, não! É muito difícil aparecer!
- É raro.
- A gente quase não vê.
- Mas aí, quando aparece, é como a “prenda”, a mulher do lar.
- Ela é toda “delicadinha”, certinha, obediente, feminina.
- É, e se aparece é toda vestida de prenda, “cheia de babados e rendinhas”!
- O que aparece mais é o gaúcho.
- E ela não aparece montada no cavalo.
- É mais fácil “o cavalo aparecer montado nela!” (risos)
- Só quando é em fotos é que a mulher aparece à cavalo.
- E isso mesmo é mais recente, mais agora.

As professoras-alunas demonstram perceber o ocultamento da mulher nas manifestações do imaginário local e visibilizam que, quando esta aparece, aparece ligada ao espaço doméstico, com características tidas como “femininas”. Quando uma das professoras - alunas falou que “é mais fácil o *cavalo* aparecer *montado* nela”, deixou perceber que, apesar

da brincadeira, é pacífica a idéia de que o homem “monta” na mulher, isto é, tem (ou quer ter) domínio sobre ela.

Provoquei:

**Vocês acham que esse gaúcho das gravuras ainda existe ou já desapareceu?**

- Ah, professora, “esse” não desaparece!...
- O homem continua sempre o mesmo, “mandão”, “metido”, acha que pode mandar na mulher e nas filhas. Ainda mais aqui!
- Pensa que manda na gente que nem manda no cavalo dele!
- Ou na égua....(risos)
- Ele é o “tal”, é o forte, ele é quem sabe.
- Tanto que nem pode chorar nem sentir dor. eles se “arrebentam” mas não se “dobram”...
- O nosso homem da fronteira é muito estúpido. Principalmente os que vivem no campo. É um homem rude. Mesmo quando eles vem morar na cidade, se moraram muito tempo no campo, parece que isso fica impregnado neles. Os da cidade também são, mas parece que não é tanto.
- Mas aí, quando estudam, melhora um pouco.

Perguntei:

**Por que será que isso acontece?**

- É por causa do machismo. Os pais são machistas e as mães também. É, professora, *a mulher é tão machista quanto o homem.*

Fica claro que elas acreditam que o gaúcho “mandão e metido não desaparece”, isto é, o gaúcho, mesmo com o avançar do tempo, na atualidade, não perde ou não procura perder as características que teve no passado (ou pensa ter tido).

Elas vêem o gaúcho como o que “manda” na mulher e filhas, como no tempo da família patriarcal. A ligação à égua aparece outra vez, provocando risos e sendo do domínio de todas (sendo que as professoras-alunas da turma são algumas da zona rural e outras da zona urbana). O orgulho do gaúcho novamente aparece, bem como a resistência estoica à dor; consideram o homem do campo “estúpido”, no sentido de “rude”, indicando que as características dele se conservam, mesmo quando vem morar na cidade (demonstrando o

quanto é forte a sua ligação com a tradição do campo). Percebem que, quando este homem rude estuda, torna-se mais “educado”, isto é, menos rude. Acreditam que o machismo ainda está presente e que as mulheres são tão machistas quanto os homens. (É estranho este fenômeno: a mulher sofre com o machismo, mas o reproduz na educação de seus filhos e alunos. Talvez porque creiam nas diferenças entre homem e mulher como “naturalizadas” – ou porque têm receio de que os filhos não venham a ser tão viris quanto o modelo que se espera deles, o que torna claro que há um forte preconceito contra os homossexuais).

Indaguei:

**Por quê? [As mulheres são machistas]**

- Por causa da criação que tiveram.
- Por que têm medo de criar maricas.
- Quanto menos estuda, mais machista a mulher e o homem são.
- Mas até mesmo quando estuda, no fundo, a mulher cria os homens machistas.

Na justificativa da resposta isto se torna mais explícito. Ligam a baixa escolarização a um machismo mais acentuado, vendo-o como característica do homem rude, sem estudo, sem trato social.

Perguntei:

**Essa criação de que vocês falam traz conseqüências na vida escolar?**

- Claro, os guris se acham superiores às gurias.
- Não querem se misturar.
- Principalmente se é na zona rural.
- E depois, a gente é que sofre. A gente luta contra o machismo, mas quando a gente vê, a gente está fazendo diferenças entre menino e menina. A gente foi criada assim e é difícil mudar, embora a gente tente, porque afinal todos têm os mesmos direitos.

No processo educacional informal das crianças, fica clara presença da diferença sexista e a idéia de que os homens se acham, desde pequenos, superiores às mulheres, ‘principalmente na zona rural’. Reconhecem que ‘elas mesmas fazem diferença entre a educação dos meninos e a das meninas’, e que tendem a reproduzir o modelo de educação com que foram criadas (pois esses conceitos já foram internalizados). Sabem que é necessário mudar, mas pouco fazem nesse sentido.

Questionei:

**Na vida de vocês, esse machismo que vocês dizem que ainda existe trouxe alguma consequência?**

- Claro, de uma forma ou de outra.

- Para a gente, para a mulher, *sempre tudo é mais difícil*, principalmente em *lugar pequeno, onde todo mundo cuida da vida de todo mundo*.

- A gente, desde pequena, *teve mais compromissos em casa que os irmãos*. Eles lidavam no campo, mas depois chegavam em casa e queriam tudo nas mãos.

- Eles saíam e *a gente ficava em casa*.

- Até para namorar foi complicado. Não era como é hoje. Os pais tinham medo que a gente *ficasse falada*, davam *muita importância para a opinião dos outros*. Até para estudar era complicado, porque a gente morava longe, a escola era longe, e a gente, para *andar sozinha*, era complicado. A gente *também tinha medo*.

Reconhecem que o machismo traz consequências (repercussões) para a vida das mulheres em sociedade e que sempre foram discriminadas em relação aos irmãos, que desde cedo se acostumaram a ter privilégios como fato “natural” ao sexo masculino. O fato de as escolas serem longe de casa e muitas morarem na zona rural também dificultou seu processo educacional, pois muitas tiveram de andar longas distâncias e tinham medo. O medo aparece muitas vezes: medo dos perigos, medo do desconhecido, medo do pai, medo dos maridos, um medo difuso e constante que emerge em vários momentos de suas falas. Ficou clara a idéia da preocupação com a opinião alheia (‘todo mundo cuida da vida de todo mundo’), o que é muito comum na zona rural ou em localidades pequenas. E se percebe que o “medo” foi inculcado e incorporado de muitas formas.

**II. Coloquei, no retro-projetor, poesias sobre o gaúcho, de Vargas Neto e Hipólito Lucena (ver páginas 77 a 80), e pedi que não falassem nada, só lessem as poesias. Depois, pedi que se dividissem em grupos e, dando cópias das poesias para cada grupo, pedi que discutissem sobre elas e escrevessem alguma coisa, analisando e/ou criticando, solicitando-lhes que colocassem se o que aparecia nas poesias sobre o gaúcho ainda poderia ser considerado atual ou era uma coisa já superada. Após as discussões, solicitei-lhes que apresentassem o que haviam discutido.**

#### **Grupo 1:**

Para o gaúcho, a mulher é comparada com um animal. Há uma repressão dos sentimentos. O macho não deve demonstrar os sentimentos e é autoritário, é bruto, não é polido, mas no fundo é um solitário. Para o homem, mulher é tudo igual. O macho é tido como destemido, valoriza a liberdade, usa a razão e não o coração. “Ele é macho com as mulheres e submisso ao patrão”. O homem se sente desprezível a seus próprios olhos quando ama, porque ele não gosta de ter paradeiro. As poesias têm uma conotação machista, sendo que a mulher é desconsiderada sob todos os aspectos, econômico, político e social, e isso ainda acontece hoje. No aspecto econômico, a mulher não deve se meter nos negócios do homem, isto é, ele não compartilha com ela seus compromissos econômicos, é independente, e a mulher só vai saber pelo vizinho; a mulher não faz compras no mercado, ela não tem autonomia, nem quando cozinha: tem que fazer o que ele quer.

No que se refere aos assuntos políticos, para o homem a mulher não pode ter opinião própria, vota no candidato ou no partido que ele quer, e não participa de reuniões. No social, a mulher só sai quando o marido vai junto, sozinha “não tem por que sair”. Muitas vezes, não sai porque o homem a proíbe. Receber visita em casa, só quando ele estiver em casa. A mulher é proibida de ter amigos homens. E quanto a amigas mulheres, mesmo assim, o homem procura dominar, escolhendo as amigas e sempre desconfiando de que a gente fale mal deles.

Quanto à relação sexual, ele não quer saber se ela está disposta ou não, “parte para cima, tipo animal”, a mulher chora de raiva e ele acha, ainda, que é de prazer. Lamentavelmente, estamos no Terceiro Milênio e ainda existem homens desse tipo. Coitados, não têm culpa, pois seu comportamento vem de berço, herda comportamentos estereotipados, conservadores. Muitos jovens, ainda hoje, expõem idéias de que o homem é o centro de tudo. No dia em que a mulher se desfizer dos preconceitos que a reprimem, e dos monstros que nós mesmas construímos, seremos mais felizes, pois somos parte desse Universo onde vivemos e também somos importantes.

#### **Grupo 2:**

O gaúcho, nas poesias, é retratado “como o homem sem querência e que mulher nenhuma é capaz de prender”.

É um andarilho, incapaz de criar raízes. Vê a “china” como algo mais em sua vida. Se caracteriza (*sic*) por ser bom bebedor, muito trabalhador e muito farrista. Se um gaúcho se apaixonou, ele faz de tudo para resistir. A mulher é figura pejorativa (*sic*), que, com o passar do tempo, tenta conquistar seu espaço, procurando sensibilizar esse homem xucro e selvagem para ver se ele se “àquerencia” e percebe a importância da “china” em sua vida doméstica. O que aparece nas poesias ainda é bem atual.

**Depoimento oral de uma das alunas do grupo:** “Minha mãe, em Encruzilhada do Sul, contava que meu avô contratava um professor homem para ensinar os seus irmãos, meus tios, mas as meninas, minha mãe e as irmãs dela, não podiam participar da aula. Minha mãe queria muito aprender e ficava atrás da porta da sala da casa onde era a aula, escutando e espiando pelas frestas da madeira, com um livro velho na mão, e toda vez que o professor ensinava as letras ela procurava no livro e ficava soletrando também. Aí, começou a juntar as letras e formar

palavras. Hoje, ela diz que o que aprendeu foi desta maneira, e ela sabe ler bem e escrever. Eles eram dez irmãos, cinco homens e cinco mulheres, mas que nunca contou ao pai dela que sabia ler. Então, quando eu nasci, ela fez questão que eu estudasse, embora o meu pai complicasse um pouco.”

#### **Grupo 3:**

Nós discutimos as poesias e chegamos à conclusão que: “mulher é como espora, o homem tem duas, uma fica em casa e a outra fora. Dizem que há casos diferentes e contraditórios, mas nós desconhecemos e quando a gente pergunta, todas caem fora e não querem responder. Há quem diga que a mulher é um tesouro, mas difícil de encontrar; se um homem acha o seu, tem que trancar num esconderijo para ela lá ficar. Hoje, a mulher mudou um pouco e é vista diferente. Já gosta de falar, mas muitas também gostam de apanhar. Há mulheres diferentes, ficam escandalizadas e até descontentes quando ouvem isso, mas aceitam, sem reivindicar, o seu amor descontente.” A gente vê que a mulher mostrada na televisão não corresponde ao modelo de mulher que vive no interior.

#### **Grupo 4:**

Após fazer uma análise das poesias, podemos dizer que elas parecem ter sido escritas hoje, pois ainda predomina o machismo, principalmente no interior, no campo e nas cidades pequenas, inferiorizando a mulher, desprezando a vida familiar e o próprio pago, pois o homem gaúcho prioriza a vida solitária, procurando a distração nos botecos e nas rodas de gaita e compartilhando muito pouco com a mulher. Nota-se, porém, que apesar dessa vida aparentemente desprezada de qualquer apego, ele é extremamente dominador, sente necessidade do sexo oposto, mas quer dominar, mandar e possuir.

#### **Grupo 5:**

Após a discussão das poesias, percebe-se que nelas o homem é visto como forte e valente, exercendo domínio sobre a mulher, que era considerada como objeto, tanto para o trabalho quanto para o prazer. Aos poucos, a gente vê que hoje houve uma pequena mudança, onde os homens já deixam transparecer seus sentimentos, mas continuam machistas, não se dobram às paixões, pois isso é sinônimo de fraqueza para o gaúcho.

Aparece claramente a percepção das professoras-alunas da comparação da mulher com um animal (a égua) pelo gaúcho; de que há uma repressão para que ele não externar os sentimentos; consideram o gaúcho “bruto”, mas também solitário. Acreditam que, para o homem, “as mulheres são todas iguais”; o homem é destemido, valorizando a liberdade e usando mais a razão do que o coração (os sentimentos).

Ao colocar que o homem é “macho com as mulheres e submisso ao patrão”, isto significa que a “coragem” do gaúcho é posta em dúvida, pois, para elas, ele se submete ao poder e “manda” na mulher, que é “mais fraca”, como numa válvula de escape. Percebem que

o homem não quer se apegar à mulher, sendo machista a ponto de não querer que a mulher se intrometa em seus negócios, e desprezando a opinião feminina. Para elas, o homem é independente e livre, enquanto a mulher não tem autonomia – e isto acontece ainda hoje. A mulher não tem opinião política, “tendo que” acompanhar o homem em suas preferências políticas (ou calar-se...), é dominada pelo homem, que é ciumento, não concebendo (nem ‘concedendo’) que a mulher possa vir a ter amigos homens. Para elas, o homem as vê ainda como “sua propriedade”, sem vontade própria, sendo subalterna a ponto de ter que “obedecer”.

Quanto ao relacionamento sexual, o gaúcho é bruto, sendo que a mulher deve se submeter a ele, estando sempre pronta para o sexo, não interessando o seu prazer nem possuindo direito sobre seu próprio corpo. E até os homens jovens pensam assim. Pelo que aparece, o machismo e a idéia de liberdade do homem, são ainda bem atuais. Uma aluna contou que o pai não queria que ela estudasse e que a mãe só pode aprender a ler escondido.

São conscientes de que a mulher só vai se libertar quando se “desfizer dos preconceitos” e dos “monstros que nós mesmas construímos”.

Concluem que, para o homem, ter mais de uma mulher é coisa tida como “natural”. Colocaram que há mulheres que gostam de ser dominadas e que as mulheres mostradas na televisão não correspondem ao modelo de mulher que vive no interior, na Região da Fronteira.

Acreditam que a mensagem das poesias é tão atual que elas parecem escritas hoje. Enfatizam que o gaúcho é dominador em relação à mulher, que é considerada objeto.

Acreditam que houve uma pequena mudança nos homens, mas que, na essência, continuam os mesmos.

Estas respostas, cruzadas com os questionários respondidos pelos três blocos, se confirmam, assim como com os depoimentos escritos e entrevistas. Confirma-se a evidência da dominação masculina e o reconhecimento da existência do machismo muito forte ainda na atualidade.

**III. As alunas foram colocadas num grande grupo em círculo. Coloquei uma transparência com a letra da “Morocha” (Ferreira), e coloquei a música. Após boas gargalhadas, perguntei o que elas pensavam a respeito da música.**

- Ah, é bem assim, mesmo! Se a gente deixa, só leva ‘pelegada’ na cara (*sic*)!
- É, mas as vezes, não tem de ‘deixar’, e a gente acaba levando, afinal, ele é o mais forte.
- E como os homens gostam dessa música!
- Eles cantam para a gente, como brincadeira, mas, no fundo, é o que eles querem mesmo dizer.
- Mas que o gaúcho compara a mulher com a égua, compara! Quanto mais no campo o homem vive, mais machista ele é. Quanto menos estuda, mais machista. E eles não querem deixar de ser.
- Claro, é bom para eles! (risos)
- Tem a ‘Resposta da Morocha’, mas vê se para esta eles dão bola...
- Até no C.T.G., o que a gente vê é a estrutura machista e patriarcal do campo. A gente vai dançar no C.T.G. e tem que ser “só a prenda”.
- Claro, eles são sempre o ‘patrão’!
- O espaço da Fronteira é masculino. Quem tem que se adaptar é a gente.
- É por isso que tem muita mulher revoltada. No fundo, os homens são inseguros, principalmente se a gente estuda.

A música suscitou risadas e foi recebida num clima alegre – tornou a aparecer a comparação com a égua, ‘naturalizada’ e aceita, e a idéia de que a pouca escolarização reforça o machismo. Para elas, a estrutura do C.T.G. é tida como conservadora e machista, e as professoras-alunas percebem que o espaço da fronteira é masculino, mas apontam que os homens são inseguros, principalmente quando a mulher estuda mais do que eles. Dados estes que foram confirmados pelos outros obtidos.

**IV. Como fechamento, coloquei para as alunas que só um movimento organizado de conscientização e resistência, a longo prazo, poderá modificar essa situação, tanto na escola como na família, sendo necessário diálogo (quando possível) e uma postura não excludente e discriminatória por parte da mulher em relação às outras mulheres, numa atitude política e engajada pela justiça social, pela inclusão de todos na escola e sem reproduzir, nós, as mulheres, a dominação masculina.**

As alunas bateram palmas e disseram o quanto foi bom poder falar sobre esse monte de coisas que estava trancado na garganta e que, antes, ninguém lhes havia oportunizado ou dado importância para falar neste assunto. Uma disse que parecia ter feito uma terapia, que estava mais leve e que reconhecia o quanto tinha errado na educação dos filhos e com os alunos. “A gente riu, se divertiu, mas na verdade conseguimos falar sobre coisas que a gente nunca tinha falado em grupo. Conseguimos nos divertir com nosso sofrimento e percebemos que ele não é só nosso, quase todo mundo passa por isso. Pode ter certeza, professora, pode levar vários anos, mas que a gente vai mudar, vai.”

Estas observações também foram apresentadas nos questionários, ratificando o quanto foram valorizados estes momentos de reflexão e desabafo.

Julio (1962, p. 37) assim refere-se ao namoro do gaúcho:

Nos seus namoros, o homem quer, antes de tudo, aparecer, suplantar, evidenciar-se. Não admite competidores. Sobre o pingô bem aperado, com o lenço ao vento, nem pensa que há outras pessoas no mundo. Resolve vencer e, a bala ou pacificamente, avança. [...] até na delicadeza o campeiro é orgulhoso. Ele se faz melíflu, porém lembra à amada que nada, nem ninguém, o suplanta.

Em outro trecho, Julio diz:

O gaúcho, em sua poesia, apresenta a mulher inferior ao seu cavalo. [...] até hoje o gaúcho mostra a simpatia pelos afazeres do campo e desgosto por tudo que é de casa. [...] A melhor prova está em que o rio-grandense faz do amor empresa de espavento, onde suas qualidades se põem à luz. A mulher, para a sua vaidade, deve servir e calar. Obedecer, é a missão que ele lhe traça. (JULIO, 1962, p. 39)

Com estas idéias e ideais, o gaúcho se constituiu independente (livre!), dominador. Comparando a mulher à égua, é vaidoso e orgulhoso. À mulher não deve coisa alguma: esta sim, deve servi-lo e obedecer.

O questionário aplicado foi extenso (100 questões), sendo aplicado em dois dias de aula (ver anexo C). Após a análise de todas as respostas dos questionários, selecionei algumas das questões que dessem conta das categorias analíticas abordadas no referencial teórico. Embora tenha realizado uma análise quantitativa de todas as questões fechadas – Anexo C – fiz a análise das questões abertas em uma abordagem qualitativa, para ter uma visão pormenorizada da vida de cada uma dessas mulheres e, ao mesmo tempo, poder verificar em qual contexto espaço-social-cultural-temporal se constituíram como mulheres; também para conferir os dados, verificando se a mesma professora-aluna não respondeu questões semelhantes de modo contraditório ou divergente, e se todas viviam em contextos semelhantes ou não.

Das 54 mulheres que responderam o questionário aplicado, na questão nº 1, de múltipla escolha, onde questioneei ‘por que resolveste cursar o PFPS?’, obtive as seguintes respostas:

- 53 assinalaram que “queriam continuar estudando” – as 23 da zona urbana e 30 das 31 da zona rural;
- 46 assinalaram também que voltaram a estudar por ser uma exigência da Lei Federal nº 9.394/96 (sendo 26 da zona rural e 20 da zona urbana);
- 20 assinalaram, ainda, que “é porque o curso é mais barato” (15 da zona rural e 5 da zona urbana);
- 40 assinalaram também que “foi uma conquista em relação ao consentimento do meu marido (27 mulheres da zona rural – 87,9% do universo da zona rural – e 13 mulheres da zona urbana – 56,52% desse universo, num total geral demonstrativo

de que 74,7% das professoras-alunas consideravam vir estudar em Bagé uma “conquista” em relação aos maridos, o que permite inferir que eles não possuíam esse desejo ou não concordaram pacificamente com essa atitude.

A quase totalidade queria continuar estudando. A obrigatoriedade legal levou-as a ter um motivo para lutar por essa conquista para garantir seus empregos – e, conseqüentemente, um pouco de autonomia. A grande maioria já havia ficado sem estudar por longo tempo. Muitas já haviam parado de trabalhar por questões ligadas ao cuidado da família ou a desejo/imposição dos maridos e, pelo que se infere, foi difícil recomeçar a trabalhar, pois muitas já haviam colocado, inclusive, que têm “medo” do marido.

Constituíram-se mulheres numa sociedade machista e com fortes resquícios patriarcais, características marcantes até hoje da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Mas, mesmo assim, conseguiram efetivar sua resistência, e, aos poucos, reconquistar o lugar que haviam conquistado, ou conquistar, pela primeira vez, o “seu” espaço. Por isso, embora cansadas, apresentaram alegria nas aulas, desejo e sede de (re)construir conhecimentos e sempre aprender mais (desde que ‘não precisassem levar leituras para fazer em casa?...).

Louro (1986, p. 161) afirma que “o saber, o dominar informações, confere poder” – e isto não é interessante aos maridos destas mulheres, que, a maioria tendo um nível de escolaridade inferior, sentem-se diminuídos em relação a elas. E isto se assemelha, tanto na zona rural como na urbana, neste caso, criando, neste aspecto (como em alguns outros), uma certa “identidade” entre as professoras -alunas do PFPS da zona rural e da zona urbana.

Em busca da relevância de poder continuar estudando e cursar o PFPS para as professoras-alunas, como uma forma de realização de sonhos e possibilidades de resistência, valho-me de alguns trechos das entrevistas realizadas.

Trechos da entrevista com Rosa<sup>11</sup>, 40 anos (zona urbana):

Meu marido e eu combinamos não ter filhos, porque a gente não tinha (como não tem até hoje) quase nada. Aí eu quis fazer Pedagogia, mas não tinha dinheiro. Mandei pedir pra o meu pai, mas ele não mandou: “como é que uma mulher ia sair de noite pra estudar? Casada, tem que cuidar do marido”. Além do mais, ele estava bravo porque eu era balconista. Ele não entendia que, se eu era professora, como é que eu não estava dando aula. Ora, eu não dava aula porque eu não tinha conseguido, claro! Passou o tempo e saiu concurso no Município. Eu passei e fui lecionar na periferia, até bem perto de onde eu morava. Aí quis fazer Pedagogia, mas engravidei. Meu marido achava bobagem fazer faculdade: tive dois filhos, duas meninas. Na primeira, até que meu marido aceitou bem, mas na outra gravidez ele queria um menino. Nasceu guria. Ele aceitou melhor do que eu pensava, mas dizia que tínhamos que ‘ir até o guri’. Eu queria estudar e sabia que, se me enchesse de filhos, ia ficar cada vez mais difícil. Aí, começamos a brigar. As gurias cresceram, estudaram. Uma queria ser professora, a outra advogada. Dessa, ele tirou da cabeça: as duas tinham que ser professoras. Eu gosto de ser professora, mas até hoje não sei se era o que eu queria ou se fui induzida. Quando as gurias eram pequenas, ele não me deixou fazer faculdade porque elas eram pequenas. Depois, porque “estavam mocinhas”. E o tempo foi passando. Uma fez Magistério, a outra, debaixo de brigas, não fez – fez o outro 2º Grau. Eu procurava deixar as gurias mais livres. Menti muitas vezes pra o marido pra conseguir deixar as gurias “viverem”. Aí, elas foram pra a Pedagogia, as duas. Era o que ele queria. A que queria ser professora, gostava. A outra, não. Uma terminou o curso, a outra, desistiu. Arrumou emprego num escritório. Foi uma briga de faca: “um escritório de contabilidade, cheio de homem”, dizia ele. Mas as gurias têm boa cabeça. Foi com muita dificuldade que a gente pagou a faculdade. Quando começou o curso de férias, eu me entusiasmei – é agora!! Assim eu fico de noite em casa, e nas férias o curso é de dia. Aí ele dizia que não ia ficar em casa enquanto eu estudava: as gurias trabalhavam – quem ia fazer as coisa em casa? Ora, eu trabalhando, dando aula, sempre fiz de noite e as gurias me ajudam. Aí elas deram a maior força. Então, ele disse que eu queria era passear, que estava velha pra estudar, que ele não ia me ajudar em nada: “todo mundo sabe o que é ir pra a faculdade: é só pra arrumar ‘encosto’”. Mas eu disse que estava velha, e se antes eu nunca tinha colocado “enfeite” na cabeça dele, agora é que não ia botar. Aí ele vendeu o carro e disse que o dinheiro tinha que ser junto pra comprar outro. Mas as gurias me disseram: “deixa de bobagem, mãe, vai que nós te ajudamos a pagar!” E eu vim. Mas cada vez é um incômodo. Ele ficou mais exigente. Então eu entesei: “se eu perder o emprego, porque até 2006 todas as professoras têm que ter faculdade, aí tu te vira, e paga tudo sozinho em casa”. Não deu outra: parou de incomodar. Está emburrado, só, e já me disse que só falta eu “inventar de fazer um Pós”. E eu vou fazer, mas vou deixar pra dizer pra ele depois. No fundo, ele se sente humilhado, porque uma das gurias tem faculdade, a outra trabalha no escritório e diz que vai fazer Economia ou Contabilidade, e eu estou na faculdade. Ele não quer ficar por baixo, sabe como é homem, tem que ser o “maioral”.

<sup>11</sup> Os nomes apresentados nas entrevistas são todos fictícios, para preservar a privacidade das professoras-alunas do programa.

Percebe-se a luta, a resistência e a perseverança dessa mulher para poder estudar e hoje cursar o Programa. Quantos anos teve de esperar? Houve a falta de dinheiro, mas houve também o desinteresse do pai, que podia pagar, e, por uma atitude autoritária e machista, não permitiu nem a auxiliou. Vê-se, claramente, a discriminação quanto a profissões onde a mulher possa estar exposta ao contato com outros homens e com o público em geral. Contando com o auxílio das filhas, já adultas, a existência do Programa tornou viável o sonho de estudar desta mulher – mas não teve uma aceitação pacífica por parte do marido. Foi um ato de resistência à dominação masculina. E de persistência. Ela afirma que “gosta de ser professora”, mas que até hoje não sabe se realmente era o que queria ou se “foi induzida”.

No início da entrevista, Rosa informou que, quando criança, o pai sempre foi muito autoritário, discriminando-a pelo fato de ser mulher, e que, quando terminou o primário, foi “mandada para a cidade pelo pai, para a casa de uma tia, para que cursasse o Magistério – porque ela **‘ia ser professora’**”...

A busca pelo Ensino Superior, também, foi uma longa luta para Diane (e continua sendo...) Trecho da entrevista com Diane – 45 anos – zona urbana:

O tempo passou e eu soube da Pedagogia de férias: vim fazer, ninguém me conhecia, fui bem tratada. Agora estou terminando. Fui visitar o meu pai: minha mãe morreu. Ele não quis falar comigo. [...] Um dos meus irmãos me disse que o pai não queria falar comigo porque eu trabalhava na rua e lugar de mulher é dentro de casa. [...] Agora eu gostei dum cara (nessa idade!) e fui morar com ele: mas eu disse que não ia deixar de estudar. Ele me disse que, “trabalhar, tudo bem”, mesmo porque ele é um cara pobre, mas “estudar não, ainda mais noutra cidade”. Eu pensei em deixar o curso, porque eu gosto dele. Mas depois de tudo o que eu passei, não posso deixar. Quando eu voltar pra casa, não sei o que me espera. Estou com medo. Eu disse pra ele que, se não terminar o curso, eu perco o emprego, e aí, “como é que vamos viver??” Ele faz “changa”. Mas ele ficou de mal comigo. Telefonei e falei com os guris: eles disseram que o (...) não pára em casa, que está bebendo. Que cabeça eu tenho pra estudar?? É por isso que eu sou nervosa assim. [...] Eu não posso deixar que o medo nem o passado me tirem do Magistério. E não quero perder o único cara

de que gostei na minha vida. Eu ligo pra casa, se ele atende o telefone, vê que sou eu, ele não fala comigo. [*Choro.*] Mas eu não vou desistir.”

Para esta professora-aluna, também o PFPS foi a solução para que pudesse continuar estudando. Embora de outro município da Região da Fronteira, percebe-se que o pai considerava a mulher (a filha) para “dentro de casa”. O pai não queria que ela, em criança, fosse para a escola, mas a mãe, que era analfabeta, e “sonhava em ter sido professora”, insistiu e conseguiu que ela fizesse o primário. Quando concluiu, o pai tirou-a da escola, arranjando-lhe um casamento aos 17 anos, mas, segundo ela, “eu não gostava dele”.

É a primeira vez que Diane vem cursar um Bloco Presencial do PFPS em Bagé. Ela começou em outra cidade e veio com transferência. Simpatizou comigo e, desde que chegou, tem me procurado. Percebe-se que é uma pessoa nervosa, insegura, que chora com facilidade e sente remorsos porque a mãe morreu e não pôde cuidar dela porque estava estudando (contra a vontade do pai). Às mulheres, além das proibições e dos medos, ainda é inculcada uma série de culpas e remorsos... “Tinha que ter pensado nos outros, e não em mim!”, diz, chorando...

Após 15 dias em Bagé, Diane foi para casa no fim-de-semana, e, quando voltou, com olhos tristes informou que o “cara” de quem ela gostava “foi em bora”. Mas ela não ia desistir do Curso... Deve ter sido uma escolha bastante difícil, mas demonstra que a dominação masculina existente está encontrando resistência, à custa, às vezes, de muito sofrimento...

A busca de muitas professoras por uma melhor formação profissional lhes possibilita tornarem-se reflexivas e ter ousadia para vencer paradigmas conservadores e tomar atitudes que lhes façam, embora ainda timidamente, valorizar-se e valorizar sua própria vida, como mulheres, como pessoas, como sujeitos de direitos.

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos, de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA, 1992, p. 25)

Situação semelhante foi vivida por Magali (que cursa o Programa em Bagé desde o início). Trecho da entrevista com Magali – 45 anos – zona rural:

Eu não tenho liberdade para sair. Prá estudar aqui foi uma luta. Sempre dependo do “sim” dele [do marido]. Ele não queria que eu viesse estudar em Bagé, porque disse que não ia ficar em casa cuidando dos filhos. Aí eu disse que ia acabar perdendo o emprego. Então aí ele deixou. Quando eu chego em casa, as vezes ele adiantou alguma coisa, porque antes eu chegava e tava tudo sujo. Aí eu disse que não ia conseguir me formar se ele não fizesse alguma coisa para me ajudar. A mulher tem uma jornada dupla de trabalho, tem que dar aula e fazer o serviço. Ele trabalha e tem dinheiro, mas ele ganha duas vezes por ano, como agricultor. Aí eu não sei do dinheiro dele. Aí eu pago [as contas], mas tinha que ser o que ele quer. Agora, que estou estudando, eu aprendi a negociar, e fico negociando com ele no que usar o meu dinheiro. O dele é só dele.

A vida social é um espaço onde se confrontam diferentes formas de poder. Numa relação familiar em que, de um lado, predomina a força bruta, física, socialmente instituída como legítima, a do homem, e no outro pólo da relação a mulher, a esposa, como subalterna, obediente, passiva, fisicamente mais fraca, instaura-se e se perpetua a relação de dominação. No momento em que a mulher consegue trabalhar, obtendo uma relativa autonomia econômica (num sistema injusto onde ‘ter’ é ‘poder’) e estuda, alargando seus horizontes de pensamento crítico e gerando a possibilidade de tornar-se reflexiva, vem a ser capaz de tomar decisões, embora sem para isso ter de “impor” sua opinião, mas sim adquirindo a capacidade de argumentar.

O PFPS tem como objetivo problematizar, fazer pensar, achar possíveis soluções, possibilitar a argumentação, permitindo às professoras-alunas formas mais autônomas de perceber o mundo e a nele relacionar-se.

Devido ao fato de os professores não serem ensinados a pensar em termos críticos, em termos de expor tacitamente os pressupostos de suas práticas e convicções diárias, tornam-se enfraquecidos. (KINCHELOE, 1997, p. 40)

O Programa tem propiciado práticas reflexivas e argumentativas que vêm fortalecendo a autonomia das professoras-alunas, não só quanto à sua prática pedagógica, mas também quanto à sua própria situação como sujeitos históricos atuantes no mundo e capazes de a nele intervir.

Estas mulheres que, no primeiro bloco presencial, pouco falavam, no decorrer das vivências e das práticas superam-se continuamente – o que, certamente, além de o sonho de “cursar a Faculdade” tornar -se uma realidade, vem servindo para fortalecer as situações de resistência (embora ainda, infelizmente, não em todas) e sua inserção efetiva e política na sociedade.

Os teóricos da Pedagogia Crítica enfatizam o papel político dos cursos de formação de professores como um espaço de produção de alternativas contra-hegemônicas, “como parte de um projeto político mais amplo de luta social em geral” (GIROUX, 1997, p. 198).

Para este autor, a contra-hegemonia afirma a lógica da crítica, mas também refere-se a possibilidades, à criação de novas relações sociais, e a mudanças. Mudanças estas que venham a possibilitar uma sociedade onde as relações sociais sejam mais justas.

Se a dominação masculina instaurada na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai tem trazido repercussões negativas para a vida das mulheres e das professoras-alunas do PFPS, por outro lado, vem possibilitando que sejam abertas brechas nessa

dominação por estas mesmas mulheres, e o Programa vem servindo de escopo para as atitudes e os movimentos de resistência, embora isolados e assistemáticos, mas auxiliando-as a se “des”-vendarem e a ocuparem seus espaços na luz, emergindo das sombras.

#### **7.2.2.2 Segunda categoria: as manifestações do Imaginário sul-rio-grandense como fomento da dominação masculina (mas sendo possíveis outras leituras...)**

Segundo Silva (2003, p. 50), “ho imaginário, nunca há verdade, pois tudo nele é invenção, narrativa, seleção, bricolagem, modo de ser no mundo. [...] Mas ninguém existe fora de um imaginário. Assim, o imaginário não é a vida, mas uma forma de vida, um espírito de época, uma atmosfera existencial [...]”

Os sujeitos vivem impregnados pelo imaginário que se manifesta através de símbolos, palavras, literatura, poesias, músicas, iconografia. Transparece no dissenso vivencial de cada um. “Todo indivíduo submete-se a um imaginário preexistente. Todo sujeito é um inseminador de imaginários” (SILVA, 2003, p. 9). Pode-se dizer que o imaginário é uma rede onde se tecem as teias da vida, com sensações que são compartilhadas.

Durand traz o imaginário ao trajeto antropológico, enquanto Bachelard o percebia como um ordenador discursivo, em aspectos filosóficos, procurando “ver” o pensamento fora dos limites da razão. Durand fala em um trajeto antropológico, a “bacia semântica” (encontro de águas), estabelecendo um “lago de significados”. Agregando leituras de vida, visões do real, este (o imaginário) emana do real e se torna elemento propulsor das pulsações vitais. Segundo Silva (2003, p. 12), “sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar estar no mundo”. É o imaginário a força que impulsiona os indivíduos e os grupos,

sendo que o ‘imaginário social instala-se por contágios [...] A construção do imaginário individual se dá por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si)’ (SILVA, 2003, p. 13).

Segundo Silva (2003), o imaginário social produz um sentimento de pertencimento, mas afirma que a autonomia dos sujeitos não desaparece, uma vez que ‘o imaginário não é um determinismo’ (SILVA, 2003, p. 13).

Percebe-se que o imaginário social, entretanto, pode ser *induzido*, para que os sujeitos de uma mesma sociedade compartilhem valores agregantes, criando laços sociais e, segundo Foucault (1977), é um mecanismo de práticas de sujeição dos indivíduos (por meio dele, do imaginário social), possibilitando controle social, moldagem, sem o uso da força física. Introjeto o imaginário social, de forma induzida, este cria comportamentos condicionados, semelhante à visão do *habitus* de Bourdieu, sendo construção social intencional e ‘normalizadora’ de uma sociedade, pelas características identitárias que evoca. Entretanto, segundo Silva (2003, p. 26), ‘à manipulação exige a passividade do destinatário’.

O Imaginário social da Região da Fronteira sul-rio-grandense constitui-se androcêntrico, mitificando a figura masculina do ‘gaúcho’ como heróica e ‘índomável’, servindo, através de suas variadas manifestações e símbolos, como instituidora, reprodutora e mantenedora desta hierarquia sexista. (Como assim também o foi em muitos outros lugares.) Enfatizo que o Imaginário social androcêntrico instituído possuiu e possui estas funções em toda parte; entretanto, o que reafirmo é que, no momento em que os movimentos de resistência a ele se dão pelos movimentos feministas e pelo estudo das relações de gênero de forma marcante e efetiva nos grandes centros urbanos e meios acadêmicos/intelectuais –

desconstruindo o determinismo da superioridade masculina como hegemônica – isto ainda não acontece na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Nota-se isto principalmente na zona rural, limitando-se a experiências isoladas de resistência aqui ou ali, de modo informal, desigual, desorganizado, sendo que desta possibilidade de resistência, muitas mulheres desta região ainda não imaginam sequer que exista.

Quanto mais uma mulher viver reclusa, dentro do lar, ‘rainha do lar’ (pergunto: como ‘rainha do lar’, se a dominação masculina também está presente nas relações domésticas?!), sem acesso ao conhecimento, sem poder estudar ou trabalhar, mais passiva será, possibilitando uma maior manipulação. O imaginário institui, reproduz e mantém sua intencionalidade por meio de suas manifestações simbólicas, mesclando persuasão, manipulação e sedução. Quanto maior o número de mensagens simbólicas que atinjam os sujeitos e sejam incorporados por este em seu subconsciente, quanto mais variadas e freqüentes estas mensagens forem, mais se dá o fenômeno da inculcação. Quanto mais alienada e desinformada for a pessoa, mais fácil se dará a inculcação, que possibilitará uma maior manipulação, pois a passividade, sem o processo dialético da racionalidade e da argumentação bem fundamentada, mais facilita a submissão, aliada esta a um fenômeno histórico e arquetípico da dominação masculina sobre a mulher ao longo do tempo como institucionalizada e inscrita na “ordem natural das coisas” e reforçado pela herança judaico-cristã do Ocidente.

Na Fronteira sul-rio-grandense a linguagem é androcêntrica (como na maioria das línguas, sistematizadas por gramáticos e lingüísticos homens, naturalmente!), os heróis mitificados são os homens, as pouquíssimas mulheres de quem se fala (Anita Garibaldi, ‘Cabo Toco’) são visibilizadas porque “assumiram posturas de homem”, e a literatura, a poesia, a

música e a iconografia popular enaltecem o homem. E, além de enaltecer o homem, como se não bastasse, ridicularizam e menosprezam a mulher, os sentimentos e a fidelidade (pois estes são considerados atributos tidos como ‘femininos’).

A partir da segunda metade do século XX, criaram-se os Centros de Tradições Gaúchas para manter viva a tradição e reacenderem, por necessidade política, o sentimento de “gauchismo”. Este se expandiu e multiplicou, sendo uma forma clara de fomento ao “mito do gaúcho”, como perpetuação do imaginário androcêntrico procurando, ainda hoje, manter algumas características das tradicionais “famílias patriarcais” da Fronteira do Rio Grande, os estancieiros, de onde saíam os coronéis da Guarda Nacional, Intendentes, Delegados, as altas patentes da Brigada e outras autoridades. Cândido Pires de Oliveira, escritor baixeense, em sua obra “Alma, Terra e Sangue” (2003, p. 237 -238), relata que, até o início do século XX,

...a família [...] era um verdadeiro clã, incluindo parentes, compadres, afilhados, amigos, dependentes, ex-escravos e mais uma legião imensa de agregados, submetidos à autoridade indiscutível, temida e venerada do ‘Patriarca’.

Ele possuía o direito de controlar a **vida** e as **propriedades** [grifo meu] de sua mulher e filhos; ainda era ele o venerando senhor que encarnava todas as virtudes e qualidades [...] E quem era esse Patriarca? Era o grande senhor rural, proprietário de terras, onde se plantavam as bases da economia brasileira: criações de gado e lavouras [...] Os líderes camponeses a tudo controlavam, com sua mão de ferro [...]

Este modelo de família patriarcal foi muito forte nesta região da Fronteira, e, aliada ao militarismo que originou as primeiras cidades da fronteira, fortaleceu o autoritarismo familiar representado na figura do pai (ou do marido) e que teima em perdurar até hoje. Este viés é constante e visível nas manifestações/representações do imaginário local – por esta razão, não há interesse por parte dos homens em que as mulheres estudem, porque, adquirindo conhecimento, tornar-se-ão mais difíceis de ser manipuladas, e, convivendo com outras mulheres, poderão alargar seus horizontes e fazer outras leituras desse imaginário que serve à inculcação do *habitus*.

Representações/manifestações do Imaginário da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai:

Esta região é pródiga em cultivar a memória e a tradição. Nas periferias das cidades multiplicam-se os “C.T.Gs.”, sendo alguns freqüentados por uma elite econômica e a grande maioria por pessoas das classes populares, conservando em sua organização a estrutura patriarcal que se encontrava nas estâncias. Cultua-se o “gaúcho” – mas o gaúcho mitificado. Oliveira (2003) diz que, após as décadas de 30/40, começou o êxodo rural, indo as famílias dos estancieiros para as cidades, em busca de escolas para os filhos. Estes estudavam, voltavam para o campo, mas, quando seus filhos começavam a crescer, voltavam para as cidades, com o pretexto da educação dos filhos, e acabavam retornando ao campo só ocasionalmente, ficando as propriedades entregues a capatazes e a peões, o que propiciou a decadência das grandes estâncias. O “progresso” das cidades atraía os homens do campo, que mudaram o estilo de vida, e modernizaram a vida rural, segundo este autor, descaracterizando-a.

Com estas coisas ficou sepultada a verdadeira tradição daqueles gaúchos, ricos e pobres. [...] Aquilo que tentam reviver nos C.T.Gs. é algo meritório, mas sentimos que é gélido e fictício. (OLIVEIRA, 2003, p. 252)

Com as “facilidades” da vida cidadina e o aumento do consumismo, a chegada da televisão, dos eletrodomésticos, criaram-se outras necessidades, e o gaúcho veio do campo “è mudou muito: o gaúcho vestiu bombachas e montou no seu pingô, para cultivar apenas a memória e teatralizar aquilo que foi: uma quimera apenas!” (OLIVEIRA, 2003, p. 234) – o que reforça a artificialidade existente nos “C.T.Gs.” em nome da preservação da tradição

gaúcha. Mas o homem, originário do campo, quer “reviver os tempos de glória”, quer “sentir - se o patrão”, “estancieiro”, herói – sendo os “C.T.Gs.” muito freqüentados pelas classes populares, como fomentadores do “gauchismo” em uma visão que reforça a sociedade androcêntrica e patriarcal, onde “ter” era sinônimo de “*ser*” e “*poder*”. Os homens se projetam nos “heróis”, iludindo -se assim, e, nos “C.T.Gs.”, “vivendo” um tempo de glória que lhes mitiga as misérias do cotidiano e alimenta nos filhos, netos e mulheres a perpetuação da dominação masculina na Fronteira sul-rio-grandense.

No último quesito do questionário aplicado (a questão aberta, de nº 100, onde solicitei contribuições/depoimentos sobre o tema e que pudessem enriquecer o trabalho – ver Anexo C), uma aluna colocou:

Professora, o gaúcho usa a pilcha tida como “oficial” no CTG e a original, que o homem gaúcho usava mesmo no campo. Mas a pilcha da mulher foi “planejada”, é tida como “oficial”, mas é falsa, a “prenda gaúcha” não se vestia assim. Foi planejado para se adequar à bombacha, para ficar bonito. O vestido de prenda que se usa nos CTGs é uma imitação da moda francesa que se usava na época do século XIX. É tudo muito falsificado. Também os cargos de *status* nos CTGs são muito difíceis para a mulher: para ser 1ª prenda tem que fazer uma série de provas. E, para o homem ser “patrão” ou ter outros cargos importantes, basta ser “escolhido” pela maioria. Não precisa ter conhecimento, só influência. Ele é o PATRÃO, a mulher dele não manda nada, aí sim, como era antigamente. O CTG reflete a hierarquia que havia no campo, entre o fazendeiro e os peões. Outra coisa que também é errada: o pessoal fala no Galpão do CTG (o salão). O certo seria “Rancho”, porque as mulheres não entravam no galpão. O galpão era só para os homens. Agora inventaram uns CTGs que a “patroa” é mulher, mas são muito poucos e tem encontrado muita resistência. É errado, também, porque a mulher não mandava besteira nenhuma. As avós da gente contavam bem como era. (RESPOSTA Nº 33 À 100ª QUESTÃO – ALUNA DA ZONA RURAL)<sup>12</sup>

Luís Fernando Veríssimo (*apud* Louro, 1987, p. 9) afirma: “há mais educativo que nossas danças tradicionais, em que os homens [...] brilham enquanto as prendas rodam a saia.

<sup>12</sup> As 33 alunas que complementaram o último quesito do questionário (questão nº 100 – ver anexo D) não têm como ser identificadas ao serem mencionadas ou ao ter suas respostas transcritas neste trabalho, porque o questionário solicitava que NÃO SE IDENTIFICASSEM de forma alguma. No momento em que passei a analisar os questionários, à medida que esta questão aparecia respondida, fui numerando, pela ordem de análise, como resposta nº 1, 2,..., indo assim até a resposta nº 33. As únicas coisas que posso identificar é se são

Até a roupa do homem é mais elaborada do que a de seu par.” Fazendo uma análise histórica da Iconografia e da vestimenta do gaúcho, Vera Stedile Zattera (1995, p. 42, 68, 100, 140, 150 e 172), em sua obra ‘Gaúcho: Iconografia (Séculos XIX e XX)’, apresenta a evolução do vestuário gaúcho, de 1730 até a época atual, do estancieiro e da estancieira, e do peão e da mulher rural (ver Anexo G), onde realmente se verifica que a roupa do homem sempre foi mais elaborada do que a da mulher. Outro detalhe que sempre foi muito preservado foi ‘os aperos’ do gaúcho e ‘os aperos’ de seu cavalo, que, quanto mais garboso, bem tratado e com melhores arreios (antigamente usando-se muito a prata – *Brasil: Histórias, Costumes e Lendas*, Editora Três, São Paulo [s.d.]), mais lhe era atribuidor de *status*, pois assim se adornavam as montarias dos estancieiros antigos (e muitos, ainda hoje, descendentes da velha oligarquia rural, os ostentam, em ocasiões especiais, como desfiles do ‘Dia do Gaúcho’ – 20 de Setembro – e outros, e não raro encontram-se como ornamento nas casas das ‘famílias tradicionais’ da região). O cavalo é, na atualidade, ainda tão importante para o homem que vive, teve ou tem suas origens no campo, que duas professoras-alunas apresentaram os seguintes relatos sobre o ponto a que chega a importância dada ao cavalo:

Minha irmã, o marido trocou ela por uma semana com o irmão dele pra ficar com o cavalo dele, porque ele não tinha como pagar o cavalo. Ela só chorava, mas foi. Voltou toda machucada, não podia nem caminhar. Um homem pode fazer isso com a mulher? Não tem lei que proteja? (RESPOSTA N° 18 À 100ª QUESTÃO – ALUNA DA ZONA RURAL)

Outra aluna relatou um fato semelhante:

Eu tenho uma conhecida que o marido trocou ela por um cavalo. Ele queria a égua do outro e deu a mulher em troca: a mulher é considerada ainda propriedade do homem. E ai dela que não fosse com o outro! Ainda bem que não tinham filhos. Eu conheço muitos homens que moram na zona rural e às vezes não tem o que comer, mas andam bem pilchados (como se fossem fazendeiros, patrões). E o cavalo com ótimos arreios. No fundo, todo o gaúcho tem vontade é de ser o fazendeiro, o patrão, o que manda. A mulher é só uma coisa ‘sem vontade’, não é gente, ainda hoje. (RESPOSTA N° 33 À 100ª QUESTÃO – ALUNA DA ZONA RURAL)

---

professoras-alunas da zona rural ou zona urbana, faixa etária, etc., enfim, os dados que constam na Identificação da Amostra – ver anexo C.

Realmente, coisas que parecem estórias, são História!

Um bom cavalo (ou égua!), com bons arreios, são manifestações do Imaginário androcêntrico do “mito do gaúcho” como *poderoso!*... E isto ainda no final do século XX e início do século XXI!...

A linguagem é uma das manifestações do imaginário, sendo, nesta região, os termos tradicionalistas muito simbólicos, é uma linguagem “masculina”. A linguagem por si só é androcêntrica e *homem* “serve para designar tanto o indivíduo do sexo masculino quanto toda a espécie humana” (LOURO, 1997, p. 66-67), e “às armadilhas da linguagem atravessam todas as práticas escolares” (LOURO, 1997, p. 68). Aqui, estes indicativos da dominação masculina são marcantes, até mesmo na designação “gaúcho” e “prenda”. Percebe -se isto claramente incorporado, pois as professoras-alunas vêem no termo “prenda” a presença dos atributos tidos como “femininos”, sendo indissociáveis da designação usada para identificar a mulher gaúcha. Para que se possa visualizar melhor esta afirmação, apresento as respostas em forma de tabela:

**Tabela 4 - Pergunta nº 23 do Questionário**

23. Na tua opinião, porque a mulher gaúcha é denominada “prenda”?		
Zona rural	Zona urbana	Total
Porque é prendada, tem vários <b>dotes domésticos</b> 15	Porque é <b>prendada</b> , tem vários <b>dotes domésticos</b> 10	Por ser “prendada”, cuidar dos afazeres domésticos e é submissa ao marido 31
Porque tem virtudes 5	Porque <b>tem virtudes</b> 1	Por ter virtudes 6
Porque ela “é uma jóia preciosa e possui um <b>dono</b> ” 1	Porque ela <b>cuida das prendas domésticas</b> 2	Por ser uma “jóia”/prêmio/ presente para o homem, que fica sendo seu “dono” 7
Porque ela cuida das <b>prendas domésticas</b> 2	Porque ela é um “ <b>prêmio</b> ” para o homem 2	Pela educação tradicional e opressora que ela recebeu
Porque ela é um “ <b>prêmio</b> ”	Pela <b>educação tradicional e opressora que ela</b>	

para o homem	2	<b>recebeu no passado</b>	1	no passado	1
Porque ela é <b>“um presente dado pelo pai ao marido”</b>	1	Porque ela é <b>“doce, meiga, prendada”</b>	1	Por ser “doce, meiga, prendada”/frágil e	
Porque ela é <b>“doce, meiga, prendada”</b>	2	Porque é <b>frágil e delicada</b>	2	delicada	5
Deve se relacionar com o <b>“prender”, porque o gaúcho é muito possessivo e prende muito a mulher</b>	1	Porque ela é <b>submissa ao marido e fica fazendo os afazeres do lar</b>	2	Deve se relacionar com “prender”/presa pelo marido”	2
Porque “presa” é um <b>“objeto”</b> que o gaúcho <b>“ganha” e fica sendo o “dono”</b>	1	Não sei	2	Não sei	2
Porque ela é <b>“presa pelo marido e tem que estar sempre ‘pronta’ para ele”</b>	1				
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>Total</b>	<b>54</b>

Pode-se inferir que as professoras-alunas tem uma visão bastante conservadora da mulher gaúcha, da “presa”, de conformidade com o que lhes foi inculcado pelo *habitus* e faz parte das representações androcêntricas do Imaginário gaúcho. Entretanto, *uma* das professoras-alunas *indica* em sua resposta que “é pela *educação tradicional e opressora* que ela recebeu no passado”. É “uma” em um universo de pesquisa de cinquenta e quatro: mas, felizmente, existe uma, que certamente consegue visualizar a construção social da dominação masculina (por meio da educação). Entretanto, questiono quando ela se refere à “educação do passado”, pois, pelo que se percebe, esse tipo de educação é muito mais “presente” do que passado. Nota-se, porém, aqui uma outra leitura desta representação do imaginário: é um embrião de resistência. E as representações do imaginário são sujeitas a outras leituras...

Na pergunta n° 24 do questionário, pedi as características do gaúcho, e pude perceber que, para estas mulheres-professoras, a maioria de classes populares, um grande número delas vivendo na zona rural e outras em pequenas cidades da Fronteira, e convivendo com o gaúcho

rural ou de origem rural, há uma predominância de características **negativas** do gaúcho sobre as positivas, e que esta forma de ver é mais acentuada na zona rural do que na urbana. Acredito ser porque as professoras-alunas da zona rural convivem com este gaúcho no cotidiano e as outras, embora convivam também com eles, freqüentam mais a “C.T.Gs.” e incorporam mais a visão mitificada do gaúcho. Entretanto, pela convivência no dia-a-dia, os atributos negativos são também predominantes. também, para que se possa visualizar melhor as respostas dadas, apresento-as em forma de tabela.

**Tabela 5 - Pergunta n° 24 do Questionário**

24. Na tua opinião, quais são as características do gaúcho? (Obs.: as alunas sempre apresentaram mais de uma característica.)		
Zona rural	Zona urbana	Total
Homem com hábitos sadios 1	Dócil, amável e familiar 1 Homem que ama a terra 1	Homem com hábitos sadios 1
Homem simples e hospitaleiro, que tem muito apego à família 1	Homem apegado à tradição 1 Homem que gosta da vida simples 1	Homem simples e hospitaleiro, que tem muito apego à família/que gosta da vida simples/ 4
<b>Falso; homem que desvaloriza a mulher</b> 1	Humano e alegre 1	hospitaleiro 4
Homem que <b>debocha e desvaloriza a mulher</b> 1	Hospitaleiro 2	Homem que desvaloriza a mulher 2
<b>Ignorante e grosseiro</b> 2	<b>‘Empinado’ e grosseiro</b> 1 <b>‘Metido a macho’</b> 5	Ignorante e grosseiro/ 5
(Continuação) 24. Na tua opinião, quais são as características do gaúcho? (Obs.: as alunas sempre apresentaram mais de uma característica.)		
Zona rural	Zona urbana	Total
Homem que <b>‘ganha no grito ou na cinta’</b> 1	<b>Rude</b> 6 <b>Desajeitado</b> 1	grosso/’empinado’ e grosseiro/rude/desajeitado/ 7
‘Tá sempre <b>tentando provar que é macho’</b> 1	Valente 2 <b>Machista</b> 5	grosseiro/sincero e bruto/ ríspido 7
Valente 8	<b>Grosseiro</b> 4	<b>33</b>
<b>Machista</b> 12	<b>Preconceituoso</b> 1	Homem que ‘ganha no grito ou na cinta’/insensível/ 13
<b>Grosso</b> 14	Guerreiro 1	bruto/brabo/agressivo e 15
<b>Insensível</b> 2	Sincero e bruto 2	‘bagual’/’quer domar até a mulher’ 4
<b>Cultiva a tradição</b> 5	<b>Autoritário</b> 1	<b>10</b>
<b>Bruto</b> 1	<b>Ríspido</b> 3	‘Tá sempre tentando provar que é macho’/machista/ 4
Honesto e trabalhador, mas <b>desconfiado e ciumento</b> 2	<b>Egoísta e mandão</b> 3	gosta de música gaudéria e 7
Gosta de música gaudéria e <b>é um bobo ‘metido a macho’</b> 1	<b>Auto-suficiente</b> 3 Corajoso, <b>mas egoísta e insensível</b> 2	é ‘metido a macho’/ autoritário/egoísta e 10
	Forte 4	mandão <b>31</b>

Tem caráter, mas é <b>muito arrogante</b>	2	<b>“Adora andar pilchado”</b>	1	Valente/guerreiro/auto-suficiente/corajoso, mas egoísta e insensível	<b>16</b>
Ligado ao cavalo	1	<b>Mandão</b>	3	Cultiva a tradição/homem que ama a terra/homem apegado à tradição/’adora andar pilchado”	8
Forte	5	<b>Orgulhoso</b>	4	Honesto e trabalhador, mas desconfiado e ciumento/tem caráter, mas é muito arrogante	<b>4</b>
Brabo	1	Bonito	1	Ligado ao cavalo	1
Orgulhoso, com gênio forte e com opinião	2	<b>Orgulhoso: mesmo quando sabe que está errado, “não se dobra”</b>	3	Forte	9
<b>Agressivo e ‘bagual”</b>	4			Orgulhoso, com gênio forte e com opinião/orgulhoso: mesmo quando sabe que está errado, “não se dobra”/orgulhoso	<b>9</b>
<b>“Quer domar até a mulher”</b>	1			Dócil, amável e familiar	1
				Humano e alegre	1
				Preconceituoso	1
				Bonito	1
<b>Total</b>	<b>69</b>	<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>Total</b>	<b>132</b>

Alguns homens consideram “positivos” estes atributos que as mulheres apresentam como “negativos” e até se orgulham deles, considerando-os como o protótipo do “macho”. São as diferentes visões suscitadas pelo imaginário: o homem faz delas “virtudes a serem cultivadas”; as mulheres, vêm como “defeitos”. Embora a intencionalidade construída socialmente pelos homens sobre estas características seja a de virtudes do “gaúcho macho”, as mulheres, que sofrem com esse “machismo”, já conseguem visibilizar e verbalizar uma opinião divergente, embora, nem sempre, consigam enfrentá-los para, junto a eles, manifestar a sua opinião.

É muito comum, na Região da Fronteira, nas ruas, nas praças, nos remates de gado, nas feiras, artistas/desenhistas populares apresentarem seus trabalhos (arte popular) para comercialização. O motivo é sempre o mesmo: o gaúcho mitificado, o “taura”, o “cuera”, em uma mistura de português/espanhol (espanhol latino-americano), com este viés de “macho”.

Os desenhos apresentam os gaúchos ligados ao cavalo e à vida campesina. A mulher é inexistente nesses desenhos. Ou quase. Em aparecendo, é a “china”, ligada ao espaço doméstico ou ao “bolicho” (a ‘venda’, armazém da Campanha), ou então ao “chinedo” (cabaré, prostíbulo, como as ‘damas da noite’, ‘mulheres da vida’). A mulher, quando é visibilizada, é menosprezada. Esses desenhos, transformados em quadros, são ornamento freqüente nas residências, tanto nas classes populares como na elite, com a diferença que, nas classes abastadas, são desenhos ou pinturas mais elaboradas (versando sobre o mesmo tema). Esses quadros com motivos gaúchos da arte popular estão no espaço privado e público, nas casas, nos restaurantes, nos bares, nas repartições públicas, nas escolas da Fronteira. (Utilizei, para demonstrar as afirmações que faço, o trabalho de três desenhistas populares, com faixas etárias diferentes, de três cidades diferentes da Fronteira sul-rio-grandense – Anexo E). Nestes desenhos, o homem gaúcho é sempre apresentado como forte, lutador, invencível. Enfim, é a alimentação constante do mito.

Quando questionei as alunas sobre como elas “vi am” o gaúcho na iconografia popular, as respostas que predominaram não foram as mais favoráveis ao “símbolo do herói”. Também para que melhor possam ser visualizadas, apresento-as em forma de tabela:

**Tabela 6 - Pergunta nº 18 do Questionário**

18. Quando observas quadros, desenhos ou pinturas que se refiram ao gaúcho, como ele aparece?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Forte	7	Forte	6	Forte	13
<b>Peleador</b>	5	Valente	4	Peleador	5
Valente	5	<b>Machão</b>	2	Valente	9
<b>Machão</b>	5	Nas lides do campo	3	Machão	7
<b>Nas lides do campo</b>	8	<b>Feio e com cara de mau</b>	1	Nas lides do campo	11
<b>Homem sem estudo e rude</b>	1	<b>Superior/com ar de superioridade</b>	3	Homem sem estudo e rude	1
Domando	3	Imponente	4	Domando	3

<b>Rude</b>	7	<b>Rude</b>	6	Feio e com cara de mau	1
<b>Grosso</b>	4	Junto com o cavalo	12	Superior/com ar de	
Junto com o cavalo	16	Sempre sozinho com o		superioridade	3
Sempre sozinho com o		cavalo ( <b>não aparece com a</b>		Imponente	4
cavalo ( <b>não aparece com a</b>		<b>mulher</b> )	4	Rude	13
<b>mulher</b> )	5	Bravo	2	Grosso	4
<b>“Poderoso”</b>	4	Pilchado	6	Junto com o cavalo	28
Pilchado	8	Honesto	1	Sempre sozinho com o	
Sempre é um cara forte e a		<b>Autoritário</b>	5	cavalo (não aparece com a	
cavalo	1	Muitas vezes aparece		mulher)	9
<b>Autoritário</b>	4	ridicularizado	1	Bravo	2
<b>Valentão</b>	5	Bonito	1	<b>“Poderoso”</b>	4
				Pilchado	14
				Honesto	1
				Sempre é um cara forte e a	
				cavalo	1
				Autoritário	9
				Muitas vezes aparece	
				ridicularizado	1
				Valentão	5
				Bonito	1
<b>Total</b>	<b>88</b>	<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>Total</b>	<b>149</b>

Parece claro que as professoras-alunas têm uma leitura diferente destas representações do imaginário. E não acredito ser esta visão estereotipada ou preconceituosa, porque elas “vivem com eles” no cotidiano. Procurei saber se desenhos de “prendas” são tão numerosos quanto os do gaúcho, e como ela “aparece” na iconografia popular. Confirma-se aqui o que foi respondido em relação ao termo “prenda”. Para facilitar a visualização, apresento a tabela:

**Tabela 7 - Pergunta nº 19 do Questionário**

19. Conheces quadros, desenhos ou pinturas em que apareça a mulher gaúcha?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim (16,13%)	5	Sim (17,39%)	4	Sim (16,66%)	9
Não (83,87%)	26	Somente os de C.T.G.		Somente os de C.T.G.	
		(26,8%)	6	(11,11%)	6
		Não (56,52%)	13	Não (72,22%)	39
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>Total</b>	<b>54</b>

- Se conheces, como ela é representada? (Algumas alunas apresentaram mais de uma alternativa)

Zona rural		Zona urbana		Total
Vestida <b>de prenda</b>	2	Como <b>prenda</b>	10	Vestida de prenda/como prenda
Como <b>prenda e junto com o homem que a protege</b>	1	Graciosa, <b>dócil e submissa</b>	1	12
<b>Dócil e submissa</b>	2	Em festas e bailes gaúchos	3	Como prenda e junto com o homem que a protege
		<b>‘Muito bem comportada’</b>	1	1
				Dócil e submissa/graciosa, dócil e submissa
				3
				Em festas e bailes gaúchos
				3
				‘Muito bem comportada’
				1
Total	5	Total	15	Total
				20

A idéia da ‘proteção masculina’ está incorporada ao inconsciente coletivo das mulheres, assim como a submissão e o modelo de ‘mulher’ como aquela que é ‘bem comportada’. Essa inculcação, pelo *habitus*, de que a mulher precisa ser ‘protegida’, reforça nas mulheres o ‘preconceito desfavorável’ de que fala Bourdieu, tornando-as certas de que são ‘incapazes’, ou, pelo menos, ‘não capazes’ para muitas coisas. E a certeza da necessidade de proteção já as reforça como sujeitos submissos e dependentes.

Em relação ao mito do gaúcho, certamente, as respostas evidenciaram uma visão de ‘homem gaúcho’ diferente da visão que os homens gostariam que as mulheres tivessem deles, ou melhor, eles gostariam que elas tivessem ‘esta visão’, mas vista como ‘positiva’, como ‘qualidades’ inerentes ao ‘macho’ e que lhe atribuem um *status* superior. Nos meninos, estas ‘virtudes’ são inculcadas desde cedo (até mesmo pelas próprias mães, que têm muito medo de criar filhos ‘maricas’ e depois serem ‘responsabilizadas’ pelos maridos por isso) e, sendo influenciados no cotidiano com tantas representações do imaginário androcêntrico, tendo o homem como ‘superior’ e a mulher como ‘subalterna’, ‘coadjuvante’, ‘guardiã do espaço doméstico’, ‘preche’ de ‘virtudes femininas’, certamente o irão incorporar e reproduzir. E, certamente, como ‘natural’, naturalizando assim a discriminação, não só com a mulher, mas também com as minorias étnicas, as classes populares, os homossexuais, os analfabetos e outros.

Stephanou (2002), em seu artigo ‘Propaganda e Educação Sanitária no Rio Grande do Sul, nos Anos de 20 e 30’, já se referia à força da propaganda (utilizada sempre com uma intencionalidade definida), desde àquelas primeiras décadas do século XX. No texto, referia-se à propagação da Educação Sanitária, mas, por analogia, pode-se transpor certas idéias para a intencionalidade das manifestações do Imaginário sul-rio-grandense. Referindo-se à propaganda da época que enfatizava os benefícios da “consciência sanitária” e da educação sanitária por vários meios de comunicação – cinema, artes visuais, cartazes, desenhos, jornais, periódicos – proporcionando uma grande circulação das idéias propugnadas e por vários meios, de forma sistemática e contínua, e afirma que

...o apelo visual se mostrava, já nessa época, recurso pedagógico de múltiplas vantagens: impressionar os sentidos, falar por si só, substituir a escrita, chamar atenção, vulgarizar os preceitos. Os cartazes [...] foram particularmente difundidos nesse período. Permitiam articular duas modalidades de propaganda: a escrita e a visual e, nessa medida, podiam atingir a qualquer público, letrado ou não, indistintamente. Por serem veiculados em locais de intensa circulação, atingiam a um grande número de pessoas... (STEPHANOU, 2002, p. 12)

Conhecendo-se o poder persuasivo da propaganda, tanto explícita como subliminar, sabe-se o que de inculcação (de forma consciente e/ou inconsciente) a presença do gaúcho “macho”, forte, violento, independente, livre, nessa iconografia popular freqüente e constante, faz com a cabeça dos meninos e adolescentes, ainda mais tendo o exemplo e o apoio dos pais e avós. A iconografia popular sobre a figura mítica do gaúcho é uma forma de propaganda que serve à inculcação do mito, podendo atingir a qualquer público, principalmente aos iletrados e às classes populares.

As músicas gaúchas, executadas nos “C.T.Gs.” e nas emissoras de rádio locais, também enfatizam a figura do “macho”. Questionadas sobre quais músicas gaúchas conhecem, entre outras – do mesmo estilo – “Morocha” alcançou um percentual de 70,37%

entre as mais conhecidas, sendo que *uma* professora-aluna da zona urbana colocou ao lado da resposta: “meu marido vive cantando para mim”. Revendo o início do questionário, percebi que a atividade profissional deste marido era a pecuária. Esta música expressa claramente a comparação que o gaúcho faz da mulher com a égua. Achei importante também citar mais duas músicas: “Não podemo se entregá pros home” (sic), letra de Humberto Zanatta e música de Francisco Alves e Francisco Scherer, cantada pelo já falecido Leopoldo Rassier, muito bonita; cito algum trechos: “...Pois lutar é a marca do campeiro”, onde as façanhas heróicas são narradas, e, embora não desfaça da mulher, não a menciona: há um silenciamento intencional sobre a presença da mulher na construção do Rio Grande! (Ver Anexo F.)

Interessante também refletir sobre a música “Campesina”, letra de Sérgio Napp e música de Mário Barbará, cantada por Mário Barbará (ver Anexo F), que faz um “elogio” à mulher campesina, enaltecendo-a por dedicar-se às lidas da casa, levantar-se de madrugada, limpar, lavar, cozinhar, preparar o mate para o homem, e num determinado momento, diz:

Foge o riso, enrola o sonho, esfrega os olhos,  
 Torce a vida, bate o medo, esfola as mãos.  
 [...]  
 Que mulher valente, buena companheira,  
 Me repara a casa e me enfeita a cama...  
 [...]  
 Nada mais lhe cabe em seu pequeno mundo...  
 [...]

A mulher, então, é elogiada nesta música por anular-se, por viver “dedicada para o homem”, por “perder o riso”, os sonhos, ter medo, machucar -se. É a meritocracia do sofrimento feminino, é a apologia da dedicação da mulher ao homem, mérito socialmente construído! E aceito e valorizado. Cruel ainda é a afirmação “nada mais lhe cabe em seu *pequeno mundo*” – o “mundo” da mulher é pequeno, pois deve ater -se ao espaço doméstico, trabalhando sempre “para o seu peão...” sem vontade, sem desejo, sem lazer, sem prazer, sem

falar, sem retrucar, esvaindo-se a vida, murchando precocemente, prisioneira de um destino que lhe é imposto e tendo sido educada para aceitá-lo com resignação.

Quanto à Literatura regionalista (também impregnada pela visão androcêntrica), elas muito pouco a conhecem – o que significa que lêem pouco, ou por falta de costume, ou por falta de acesso a livros, *ou por falta de tempo* (pela dupla jornada de trabalho constante que são obrigadas a enfrentar).

O “Analista de Bagé”, de Luís Fernando Veríssimo, e o livro e músicas da “Casa das Sete Mulheres” foram os mais citados como conhecidos, talvez em decorrência da minissérie da Rede Globo, homônima, e que é a emissora de maior alcance na região. Apenas *uma* leu as obras de Érico Veríssimo. Alguns poetas regionalistas foram citados como conhecidos, e entre os citados todos têm como tema o enaltecer o gaúcho e as “qualidades do macho”. “Meus Pagos” e “De Fogão em Fogão”, do poeta bajeense Hipólito Lucena, também foram citados (embora por apenas duas alunas), e nas músicas ainda despontaram autores/cantores como Luiz Marengo, músicas do “Tchê Barbaridade” e do “Gaúcho da Fronteira”.

Muito citados pelas professoras-alunas foram os ditados populares, bastante frequentes na Fronteira e que permeiam as conversas do cotidiano, sendo conhecidos e repetidos pelos adultos e crianças, inclusive na Escola. Os mais citados foram:

- “Gaúcho a pé é como china sem cama.”
- “Gaúcho que é macho não tem medo de nada.”
- “Gaúcho bom cultiva a tradição.”
- “O gaúcho é grosso que nem tampa de poço.”

- “Gaúcho que é macho não chora, chia que nem coruja.”
- “Cavalo, mulher e revólver, não se empresta.”
- “Gaúcho que é macho não come mel, come abelha.”
- “Nego bom não se mistura.”
- “Quem faz o cavalo é o dono.”
- “O gaúcho mulherengo é que nem cachorro que come ovelha, para endireitar, só matando.”
- “Quem joga e anda em égua não se aperta.”
- “Gaúcho que não teve gonorréia até os quinze anos, ou não é gaúcho ou é *puto*.”
- “O gaúcho é mais e mpacado que burro guacho.”
- “Gaúcho de calça reta fica mais fresco que água de cacimba.”
- “Índio taura, guampa torta, entra e sai em qualquer porta.”
- “O olho do dono engorda o cavalo.”
- “Cavalo dado não se olha os dentes.”
- “Colhudo que não relincha quando vê égua, ou não é macho, ou quer trégua.”
- “Gaúcho macho é valente e grosso.”
- “Tanto aquece a lã de ovelha como o cobertor de orelha.”
- “Na minha casa quem canta é o galo.”
- “Sou gaúcho bom, gaúcho macho! Comigo é bala no bucho e o buraco é mais embaixo!”
- “Pro gaúcho, mulher é que nem biscoito: uma vai e vem dezoito.”
- “Gaúcho macho e grosso não come carne, rói osso.”
- “Gaúcho rico é mais cobiçado que anca de viúva.”
- “Gaúcho é mais grosso que cintura de sapo.”
- “Bater aspas é assunto de touro.”

- “Gaúcho bom tá sempre com a barraca armada.”
- “O olho do dono é que engorda o boi.”
- “No gaúcho que é macho a mulher não manda.”

Como se pode ver, a masculinidade é associada à violência, à força, à rusticidade, sendo muitas vezes repetidos, sem reflexão sobre seu caráter machista, instituidor e mantenedor de práticas autoritárias, discriminatórias e excludentes em relação à mulher. E assim, repetidos de forma irrefletida, vão possibilitando que sejam incorporados ao cotidiano.

Questionadas sobre ditados populares que fizessem referência à mulher gaúcha, os mais citados foram:

- “Se tiver que escolher entre a égua e a mulher, escolho a égua, que tem mais serventia.”
- “Mulher, cachaça e bolacha, em qualquer lugar se acha.”
- “Bagual e mulher fogosa, tem que quebrar o queixo.”
- “Salvo minha mãe e minha irmã, toda mulher é égua, e toda égua é mulher.”
- “Pro gaúcho, mulher é que nem pipoca: impossível comer uma só.”
- “Mulher de gaúcho fica no segredo: ou na cozinha, ou no chinedo.”
- “Mulher quando fica viúva é igual a lenha verde: chia, chi a, mas pega fogo.”
- “Panela velha é que faz comida boa.”
- “Mulher de gaúcho tem que esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque.”
- “Égua da minha marca não refuga pastor.”
- “Mulher é como cobra: amarra o sapo com os olhos.”

- “É a primeira égua que me nega o estribo.”
- “Lá detrás daquele cerro/ tem um pé de carrapicho/ já te botei os arreio/ só falta botá o rabicho.”
- “Mulher e bateria não se emprestam: uma volta cheia, e a outra, vazia.”
- “Mulher de gaúcho não fala: pia.”
- Sim, conheço, mas não me lembro agora – só sei que são sempre depreciando ou humilhando a mulher.

Que imagem de “mulher” é essa? Humilhada, desrespeitada, tratada como objeto, propriedade do homem, submissa e dócil, sem “vez” nem “voz”, semelhante à égua e tendo “menos serventia do que ela”! Que homem é esse, que só respeita a mãe e as irmãs (quando as respeita!)?...

Muitas outras manifestações deste imaginário androcêntrico poderiam ser citadas, mas acredito que, com estes, tenho indicadores suficientes para anunciar que as manifestações do imaginário reproduzem o desejo e os sentimentos do “verdadeiro” representante destas plagas: “o gaúcho macho” – pois só ele existe, só ele tem valor, só ele é capaz de atos de bravura heróica, “só ele” construiu o Rio Grande do Sul. Entretanto, do mesmo modo que muitas mulheres repetem sem refletir sobre esses ditados populares, outras os questionam, apresentando as “suas versões de verdade” sobre o gaúcho do campo, com o qual convivem diuturnamente.

Também afirmar-se que “o gaúcho é grosso”, grosseiro, rude, é apenas um dos lados da moeda: nem “centauro dos pampas”, nem “grosseiro”: é o fruto de uma educação machista que o constituiu assim. Acostumado a gritar com o gado, habituou-se a falar alto; tendo de castrar, curar os animais, laçar, domar, carnear os animais, habituou-se a ver sangue e a

atitudes violentas (até mesmo para defesa pessoal, no campo), que foram incorporados ao logo do tempo. E essas atitudes masculinas não são prerrogativas apenas do gaúcho: existem “à lo largo” por todo este Brasil interiorano, onde homens e mulheres não evoluíram. O gaúcho, entretanto, por sua formação histórica, tem uma “justificativa” para ter-se instituído assim... A dominação masculina aqui tem algumas peculiaridades, por ter-se constituído o arquétipo do mito do gaúcho, presente no simbolismo que envolve tudo no Rio Grande, na ânsia de liberdade, grande como o pampa gaúcho, na masculinidade associada à violência, nas lutas para garantir o seu chão junto aos castelhanos e pela ocultação e silenciamento da mulher na historiografia e na História Oficial. Essa masculinidade associada à violência e o desapego aos afetos são tão nefastos para as mulheres como o são para os homens, pois, pelo orgulho exacerbado que lhes foi inculcado, escondem sentimentos e gestos de ternura, não demonstram dor ou tristeza, numa exigência de posturas anti-naturais que acabam, muitas vezes, afastando a companheira e destriundo a vida em família. Inclusive, submetendo-se muitas vezes a perigos e que seriam desnecessários, como uma obrigação de afirmar a sua masculinidade. Uma das alunas relatou-me, informalmente, que o marido, que tem pele muito clara e é pecuarista, trabalhando muitas vezes ao sol, recusa-se a utilizar filtro solar, por considerar “coisa de mulher”...

### **7.2.2.3 Terceira categoria: o gaúcho da fronteira sul-rio-grandense sob o viés das professoras-alunas do PFPS da URCAMP/Bagé – 2003**

Segundo Varela, em sua obra ‘Rio Grande do Sul – Descrição Physica, Histórica e Econômica’, 1º volume, de 1897, o homem do Rio Grande desse tempo (final do século XIX) era hospitaleiro, generoso e sóbrio:

A natureza da industria exercida pelo rio-grandense, que o habitua com a vista do sangue, e a continua guerra na fronteira activou naturalmente, e de muito, os impulsos de destruição, o que fez do nosso patricio, um homem capaz de grandes violencias, quando offendido, sendo por isso commum dizer o mais manso delles, logo que se susceptibilisava: *Não me pisem no poncho!* e caso não fosse observada com respeito a prevenção do gaúcho, partia este como um raio sobre aquelle que o magoava: si seu braço não era detido, á offensa seguia-se o castigo, que muitas vezes era a morte. (VARELA, 1897, p. 380-381)

Também, segundo ele, esse homem era bondoso, franco, de hábitos guerreiros, corajoso e audaz, leal, disciplinado e altruísta.

Segundo Varela (1897, p. 385), ‘o Riogrande [*sic*] é o primeiro paiz do mundo para seus filhos [...] e o que fez dizer a Netto: - ‘o Brazil é dos brasileiros... e esta pátria querida é dos riograndenses. A elles, só a elles, compete dirigir seus destinos.’ (VARELA, 1897, p. 386)

Este apego à terra perdura desde aqueles tempos até a atualidade, sendo cultivado o ‘gauchismo’, pois, em qualquer outro Estado brasileiro que os gaúchos se encontrem, reúnem-se, criando ‘C.T.Gs.’ e instituído núcleos onde reverenciam as glórias do passado e procuram manter acesa a chama da tradição, buscando conservar um sentimento de pertencimento ao Rio Grande e uma relativa identidade. É comum ouvir-se dizer: ‘Sou brasileiro, mas antes de tudo sou gaúcho!’

Percebe-se aqui a presença do ‘capital social’ de que fala Bourdieu (1998, p. 67 -68):

Os lucros que o pertencimento a um grupo proporcionam estão na base da solidariedade que os torna possível. [...] Como os clubes seletos, são espessamente arranjados com vistas a *concentrar o capital social* e obter assim o pleno benefício do efeito multiplicador implicado pela conceituação e assegurar os lucros proporcionados pelo pertencimento – lucros materiais como todas as espécies de serviços assegurados por relações úteis, e lucros simbólicos tais como aqueles que estão associados à participação num grupo raro e prestigioso.

Ser gaúcho, nos outros Estados brasileiros, atribui um *status* superior, pois os gaúchos da atualidade vivem dos ‘louros’ que obtém da visão mitificada do gaúcho, que lhes proporciona um certo respeito, pela ‘coragem, postura e valentia’, e porque, junto ao mito, foi incorporado o estereótipo de homem trabalhador, vencedor, batalhador e honesto.

Segundo Varela (1897, p. 390),

...o homem da época tinha o espírito voltado para a mulher. Por ella, esmerava o laço republicano de seu lenço tricolor, graciosamente caído sobre as espaldas; por ella, cuidava do vestuário; era ainda pensando em ser agradável aos olhos da que lhe captivava o coração, que adereçava, conforme a fortuna lhe permitia, o brioso cavallo, atando-lhe a cauda, para que tivesse mais garbo e belleza. Prompto assim, procurava approximar-se da casa de sua dama...

O hábito de enfeitar-se, ele, o homem, para a mulher, fazia já, desde aquela época, parte de seus hábitos. Como o pavão, abrindo em leque suas penas multicoloridas para atrair as fêmeas, o homem do Rio Grande aliava a vaidade da vestimenta à vaidade pelo seu cavalo, bem arreado, e à vaidade da sua valentia. (Claro, Varela refere-se aqui à elite, aos estancieiros. Mas estes hábitos foram sendo imitados, na medida do possível, pelos peões e pelos gaúchos... forjando o mito.) Os meninos cresciam tendo os homens como exemplo e eram incentivados a segui-los, sendo precocemente tratados como homens, dormindo fora do corpo da casa, perto dos empregados, para aprender a não ter medo e enfrentar os perigos, e para irem-se desapegando “das saias da mãe” (hábito que perdurou até meados do século XX). A faca (da mais simples à de cabo de prata trabalhado) fazia parte da indumentária do ‘piá’, que cedo aprendia a montar, laçar, usar o relho, dominar os animais (e ‘usar’ as fêmeas...) Costumes ancestrais, pouco falados, mas que chegaram até o presente e se mantêm.

Trechos da entrevista com Zu (54 anos – zona rural):

**A criação dos meninos e das meninas era igual? A maneira de serem tratados era igual?**

R – Não, a criação não era igual. As meninas eram criadas meio como bonecas, em casa, e os meninos eram criados numa vida rude, inclusive dormiam em quartos fora do corpo da casa, enquanto eu tinha um quarto na casa para mim.

**E os meninos e as meninas brincavam com os mesmos brinquedos?**

R – Não, os meninos tinham brinquedos específicos de menino. Nós brincávamos de boneca, principalmente. Os meninos brincavam com gado de osso, aprendiam muitas vezes cedo a lida de campo, treinavam laço vaca parada com cavalete, jogavam o tejo, jogavam carta, coisas desse tipo no momento de lazer. E futebol alguma coisa também. As meninas não. Nós brincávamos basicamente com brinquedos de boneca.

**E tu nunca viste os meninos na tua época de infância brincarem com brinquedos de menina, de boneca?**

R – Nunca vi. E se visse certamente seria motivo de escárnio por parte de todos.

**Por que?**

R – Porque havia o conceito de que menino brincava com brinquedo de menino, masculino. E brinquedo de boneca era específico de meninas. Porque se considerava que aquilo ali para as meninas é um exercício para a maternidade, para as lidas da casa.

Vê-se que a criação da década de 50, na zona rural, mantém características conservadoras, com um enorme distanciamento entre homens e mulheres desde a infância. Os meninos eram criados sem afago, sem ternura e sem carinho: isso era tido como “coisa para mulher”. (É claro que, ao crescerem e constituírem família, só poderiam repetir este modelo. Minha intenção não é ‘acusar’ os homens, mas, através desta análise, desmistificar o ‘real’ que foi ‘socialmente construído’).

Em outro trecho da entrevista com Zu (54 anos – zona rural), questionada se os meninos usavam “faca na cintura” e sabiam manejá -la, ela responde:

[Com 11 ou 12 anos] Eles usavam faca, que era considerada até um instrumento de trabalho. Todo menino de muito tenra idade já usava faca, já fazia parte da indumentária gaúcha e do trabalho. Era uma necessidade. E o revólver, eles ganhavam um revólver quando tinham 10, 11 anos de brinquedo, com espoleta. E eles usavam com orgulho.

Os meninos eram tratados como homens, e “cobrados” como homens. A educação, ainda no final do século XX, foi bem diferenciada para meninos e meninas, na zona rural, e, em pleno início do século XXI, na zona rural, ainda é vista com restrições a interação que a Escola procura proporcionar entre os alunos e as alunas em sala de aula.

Algumas professoras-alunas colocaram como respostas complementares à pergunta nº 50 do questionário ('50. Os meninos brincam com os mesmos brinquedos ou fazem brincadeiras do mesmo jeito que as meninas?'): 'Muitas mães e pais não querem que os meninos sentem junto com as meninas na aula ou façam os trabalhos em grupo juntos, ou que brinquem juntos, porque a 'natureza' dos meninos é diferente da 'natureza' das meninas'; 'para os guris não serem chamados de 'maricas''; 'os pais não gostam, porque os filhos vão ficar 'maricas''. Por outro lado, os pais e mães das meninas não querem que 'elas se 'acheguem' aos guris', porque 'a menina é mais delicada e o guri mais agressivo'; 'os guris são mais violentos'; 'o guri tem mais malícia'.

Algumas relatam que 'o pai tem medo que a menina namore os guris. A mãe diz que, se ele sonha, tira ela da escola', e que 'os guris vão machucar as gurias'.

Neste relato, nota-se clara a diferença de educação e de tratamento, em casa, para as meninas, em relação aos irmãos:

*O meu pai sempre tratou diferente os meus irmãos e nós. A gente sempre morou na campanha. Os meus irmãos tinham cavalo e até um trator que o pai deu pra eles, e nós não. Eu e minha irmã sempre fomos discriminadas, até mesmo pela mãe, que até hoje a gente não é querida pela mãe: os preferidos são os meus irmãos, são sempre os preferidos. Eu não tenho uma relação de carinho nem com o meu pai nem com a minha mãe, não sei se é por causa disto, não tem abraço, não tem beijo. A minha mãe sempre foi submissa ao meu pai, fazia tudo para agradar ele, ela tinha medo do meu pai e como ele gostava mais dos guris ela também gostava. Isso que a gente – eu e a minha irmã – é que ficávamos ali, ajudando ela. Nunca pra nós teve nada, nem mesmo um carinho da parte dela. Na minha infância eu nunca vi ninguém discutindo em casa: o pai mandava e deu. Às vezes a mãe descarregava em nós, as gurias, parecia que nos odiava. O que o pai decidia tava decidido. (Trechos da entrevista com CRISTINA, 38 anos, zona rural.)*

Neste caso, ou para agradar ao marido, ou por achar que os 'filhos homens' eram mais importantes, até a mãe discriminava as filhas. Nota-se uma criação rude, sem carinho, até mesmo por parte da mulher (da mãe). O que esta relação conjugal suscitou nas filhas foi a tristeza, a revolta, o reforço da menos-valia nas meninas. Talvez a mãe 'descarregasse' nas filhas porque 'se via' nelas. Ou para provar ao marido que concordava em tudo com ele.

Esta criação diferenciada faz-se realidade até o presente, pois as professoras-alunas mais jovens também relatam a educação diferenciada. A preferência aos filhos homens aparece nitidamente, tanto que uma aluna relata:

**Eu fui a primeira filha. Meu pai é homem de rodeio, de cavalo. Na minha infância eu andava sempre junto a ele. Eu fui criada como um guri. *Eu me vestia de guri e tinha jeito de guri.* Na maioria das coisas eu participava junto com o meu pai. O convívio com a minha mãe, na minha infância, foi muito pouco. Depois nasceu minha irmã. Essa era ‘da mãe’. Quando eu tinha mais ou menos 11 anos, o pai adotou ‘meu irmão’, com a mesma minha idade. Aí começaram os problemas: aí meu pai levava ele e me deixava em casa. Aí eu chorei e reclamei muito até ele me dar atenção de novo. Depois de algum tempo, melhorou um pouco, assim... aí ele deixou um pouco o meu irmão de lado. *Eu não sei se era porque eu tava ficando mocinha, com jeito de mulher.***

Eu morava na campanha. Vinha uma kombi que nos pegava e levava até a escola na cidade, mais ou menos 20 km até a escola. Nos levava e nos trazia. Assim eu estudei e fiz até o Magistério. Quando tinha aula de tarde, eu ficava na casa de parentes.[Porque aí ela tinha que vir para a cidade.] [...] Na escola, *eu dou a maior força pros guris e as gurias*, pra vida campeira, pro CTG. Mas eu acho que eu fiquei *mais com jeito de homem do que de mulher*. E isso, às vezes, me incomoda. Mas eu não sou ‘sapatão’, não. Só que *não tenho muito jeito com criança*: eu fui criada ‘meio macho’: *sem isso de muito carinho, muito abraço, muito beijo*. Eu sou assim, meio ‘estupidona’ com as crianças, não tenho muito jeito. Falo alto, sou brigona, *essas coisas assim ‘de homem’*, sem muito desenho, sem muito enfeite, sem florzinhas. *Já ouvi mães dizerem que eu tenho que dar aula só para guri*. Os guris me adoram, eu jogo futebol com eles. *Mas não sei lidar com as meninas*. Acho até que elas tem medo de mim. O meu marido sabe que, quando eu não estou em aula eu sou peão parelho com ele. *Esse negócio de cuidar da casa é ‘um saco’*. Eu disse prá ele, *eu te ajudo no campo, mas em casa tu me ajuda*. Eu sei que ele gosta de dizer que a mulher dele é professora. Mas se eu quisesse trabalhar noutra coisa, a gente ia ‘ter que quebrar pau’. A sorte é que eu trabalho numa escola perto. Se fosse longe, eu acho que aí complicava. Aí ele ia ficar sem o ‘peão’. quando eu venho prá Bagé estudar, eu digo prá ele que, *se a coisa apertar, as éguas estão aí no campo mesmo, afinal, elas são ‘prá isso mesmo’*. *Das éguas eu não tenho ciúme*. Mas se ele ‘pegar mulher’, eu ‘capo’ ele (risos). *Afinal, qual é o guri de campanha que já não transou com uma égua?? Que diferença faz uma vez mais??* (Trechos da entrevista com BIANCA, 29 anos, zona rural)

Percebe-se que esta professora-aluna internalizou uma nítida diferença entre ‘trabalho de homem’ e ‘trabalho de mulher’ (sendo este associado à delicadeza e às lidas domésticas). Suas características de decisão, coragem, lides campesinas, são vistas como ‘masculinas’: ela gosta, constituiu-se assim, mas vive num conflito de identidade, porque gosta de ‘coisas de homem’. O marido ‘ac eita’ que ela seja professora porque a escola onde trabalha é perto da casa, e a profissão, ‘professora’, é profissão ‘de mulher’, para a qual ela acredita ‘não ter

muito jeito”, porque “hão faz muito enfeite, nem muita florzinha”. É a presença da *feminilização* do Magistério, que é abordada por Tambara (2002, p. 83):

Mais importante do que a feminização do ensino primário foi o processo de feminilização do exercício de sua docência quando consolidou-se o processo de identificação entre a natureza feminina e a prática docente do ensino primário.

O processo ocorreu, a rigor, por uma incorporação de características feminis pelo docente [...] Uma feminilização, obviamente histórica e socialmente construída, que acaba por encobrir toda a categoria independentemente do gênero.

Mais adiante, Tambara afirma, referindo-se ao perfil ideal de “professora”: “Tal perfil profissional [abnegação, sofrimento e doação] obviamente, em uma sociedade com as características da gaúcha à época [final do século XIX até a 1ª metade do século XX], somente coadunava-se com a mulher.” (TAMBARA, 2002, p. 87)

A mulher “tinha” e “teria de ter” as características femininas “naturais”, inerentes a seu sexo (embora socialmente construídas). Essa “feminilização” do Magistério infantil perdura até a atualidade, pois esta professora-aluna está em conflito porque “foi criada como homem” e as mães acham que “ela deveria dar aulas só para gurus”, uma vez que não é considerada “feminina” – e o gaúcho da Fronteira, ainda na atualidade, preza muito o fato de que a mulher apresente as “características femininas” (principalmente a submissão!), pois o “capital cultural” da esposa faz parte do “**seu**” *capital social*.

O marido se “orgulha” de ter uma esposa “professora”. Dentro da sociedade capitalista, na zona urbana, o Magistério infantil (principalmente por ser exercido pela mulher) é pouco valorizado, porque, por sua associação a elas, não é considerado um “trabalho produtivo” – é uma extensão do lar. Entretanto, na zona rural, onde o nível de escolarização é bem menor, ele representa o “capital cultural” de que fala Bourdieu (1999),

pois poucos conseguem terminar o Ensino Médio e a professora, na zona rural da Região da Campanha, ainda ocupa um papel privilegiado, pois a maioria das mulheres ocupa-se dos afazeres domésticos cansativos e infundáveis, mas, por não possuírem um “valor de troca”, não são considerados de valor – assim como a mulher, esse ser subalterno e “frágil”, em tudo o “diferente” do homem.

Esta aluna relata que, quando criança, foi “vestida de menino” e valorizada pelo pai por suas características tidas como “masculinas”. No momento em que “ficou mocinha”, ou melhor, as modificações físicas a deixaram com “jeito de mulher”, não podendo negar seu sexo, o pai a desprezou e “trocou -a” por um “irmão de criação”.

Também aqui esta professora-aluna relata que foi criada sem “muito carinho, muito abraço e muito beijo”. Parece que esta educação mais distanciada fisicamente dos pais e mais rude não evolui, seguindo os velhos modelos da antiga família patriarcal, baseada no “respeito” (medo!) e no distanciamento entre as crianças e os adultos, pelo autoritarismo dos pais.

Outro fato a destacar é a aceitação da zoofilia como “natural”: “das éguas eu não tenho ciúme”! O sexo é tido como prazer físico, não relacionado a sentimentos (para o homem). Se a mulher não estiver presente, “as éguas servem”.

Também nesta relação se nota a participação da mulher nas lidas campeiras (agindo como homem) e o marido “ajudando” nas tarefas domésticas, como uma forma de repartir o trabalho e auxiliarem-se mutuamente, mas conservando-se nítidas as diferenças entre “o que é de homem” e “o que é de mulher”. Neste caso, o homem participa das tarefas domésticas.

As “realidades” de convivência diária narradas pelas mulheres que convivem com os gaúchos, de classe média e/ou classes populares, no dia-a-dia, não se coadunam muito com a idéia idílica do gaúcho mitificado, do “herói do pampa”, que é “destemido” ao enfrentar o mais forte ou seu igual, mas é autoritário e arrogante com a mulher (não que esta seja mais fraca ou ‘desigual’, mas sim porque assim foi educada e assim se constituiu ‘mulher’ nesta visão sexista da superioridade masculina instituída como ‘natural’). E me pergunto: que herói é este que “decide por”, “grita”, usa de violência, obriga, impõe, em relação à mulher? Por julgá-la “sua propriedade” ou a “parte mais fraca na relação”?...

Em uma das complementações/contribuições (questão aberta do questionário), li:

Professora: meu marido vive fazendo troça de mim. Quando eu chego em casa e digo que estou cansada, ele diz: ‘cansada de que? De conversar? Sim, porque tu só chega ali e fica conversando com as crianças! Ou então de ‘reuniãozinha’, batendo papo com as outras professoras, quando não fica conversando com pai e mãe de aluno... Quem cansa sou eu. Tu corta lenha? Tu tira leite? Tu planta? Isso é que é serviço!’. (RESPOSTA Nº 9 À 100ª PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO APLICADO – ALUNA DA ZONA RURAL)

Esta professora-aluna relata a desvalorização do seu trabalho – trabalho de mulher – pelo homem da zona rural, pelo homem do campo. O trabalho da mulher, neste caso, *nem como professora* é valorizado. Será por ser uma atividade tida como “feminina”? Ou o marido é inseguro “porque ela sabe mais do que ele?” Este desprezo inculca o “preconceito desfavorável” de que fala Bourdieu, instaurando insegurança e o sentimento de menos-valia. Quem tem valor, quem “trabalha”, é ele, o homem, e “trabalho” é o trabalho braçal que envolve força física – o que, na visão “dele”, ates ta a “superioridade masculina” pelas diferenças biológicas. Segundo Scott (1995), a sociedade androcêntrica legitima o “poder”

masculino e justifica a supremacia deste por meio das “diferenças” biológicas pró -homem. E, se homens e mulheres são diferentes, e se o homem é “superior biologicamente”, devem homem e mulher ter direitos, obrigações, restrições e recompensas diferentes, e freqüentemente, desiguais (neste entendimento androcêntrico).

Entretanto, o fato de os homens e as mulheres fazerem trabalhos diferentes não equivale a dizer que se trabalho, na realidade, é desigual em valor. A “supervalorização” do trabalho masculino advém da legitimação da “autoridade” masculina, que é atribuidora de ‘poder’, e também porque o Magistério é mal remunerado (baix o poder econômico); e o trabalho doméstico não é remunerado: é tido como “obrigação da mulher”. Portanto, a “esposa -professora”, neste caso, não é tida como capital cultural nem social pelo marido.

#### Outra colocação:

Professora: a mulher, principalmente na Campanha, foi criada com medo e grito. Poucas mães da gente se animavam a levantar a cabeça. O mais, era só pontapé no garrão. Meu marido repete muito: “Te achica, mulher, te achica”. A senhora sabe o que isto quer dizer? “Te acomoda, te quieta”. É ter que ficar como “Chica”<sup>13</sup>, mas na minha zona da fronteira, esse “Chica” não significa ‘pequena’; significa ‘china’, e as “chinas” são pagas para obedecer ao homem e fazer tudo o que ele quer. Por isso que homem gosta de mulher de cabaré: porque lá eles pagam e mandam e, porque pagam, elas têm que obedecer. Aí, com a gente, querem fazer o mesmo. Meu marido diz que ele é o “querendão”: aquele que ‘todas querem’. Por isso, “querendão”, termo muito comum na zona rural na fronteira. Depois de responder o questionário eu comecei a me dar conta dum monte de coisa... e eu não vou me “achicar”. (RESPOSTA N° 7 À 100ª PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO APLICADO – ZONA RURAL)

Neste depoimento emerge clara a idéia de que “quem paga, manda” (verifica -se que ‘as ‘chinas’ são pagas para obedecer [...] porque lá eles pagam e mandam’). A supremacia do poder econômico se instaurou de tal forma, como outra categoria que “naturaliza” o abuso do poder e a dominação para quem o possui, que ultrapassa as relações de gênero; entretanto, o

poder econômico, aliado e integrando a dominação masculina, é mais um forte componente da sua ‘legitimação’. O mesmo advém da família patriarcal, onde o homem, pelo casamento, se ‘apropriava’ da mulher e de ‘seus bens’, que passavam para o seu poder, administrando-os com autonomia plena. Mesmo porque, a mulher ‘não teria capacidade para geri-los’...

Aparece aqui, também, a ‘valentia’ do gaúcho, que é vista como ‘autoritarismo’, e demonstrada não só pelas atitudes violentas, como também pelas atitudes irônicas e zombeteiras em relação à mulher. O gaúcho, pelo que se pode ver, é visto como vaidoso e orgulhoso, o que explica algumas colocações das professoras-alunas, como ‘ele se acha ‘o tal’’, ‘superior’, ‘mandão’, procurando humilhar a mulher sempre que tem uma oportunidade. E estas professoras-alunas que passam hoje por isso já presenciaram situações semelhantes vivenciadas por suas mães.

A zombaria e as críticas dos maridos levam as mulheres ao medo e à insegurança:

Professora, eu me sinto muito envergonhada na frente do meu marido. Quando chega gente (visita) *eu nem falo*, porque *tudo o que eu digo tá errado* e o que os *outros dizem tá sempre certo*. Meu marido vai atrás do que os outros dizem. Aí faz negócios ruins (ele trabalha com gado). Mas ele não deixa eu dar opinião, diz que *não tenho que me meter nos negócios dele*. Esses tempos, ele queria dar palpite sobre as minhas aulas. Tem umas coisas que ele sabe errado e ele quer que eu ensine assim, do jeito que ele sabe, para os alunos. Eu fico quieta, faço que concordo. Eu sei que é covardia, mas *se eu não fico quieta ele me agride aos gritos e diz que eu não sei nada*. Que ele e a gente dele é que sabem. Aí ele quer ensinar coisas erradas para meus filhos, superstições, machismo, essas coisas. Quando eu posso eu digo DEPOIS pros guris que ‘*hão é bem assim*’, ‘*que o pai é de outra época*’. Mas *sempre que ele pode diz: ‘hão vai atrás da tua mãe, ela só diz besteira*’. Esses tempos ele foi na escola e ficou rondando a minha aula. Eu vi, mas fiz que não vi. Quando cheguei em casa e perguntei, ele disse que foi ‘*pra ver ser eu andava com macho*’. Ora, professora, eu disse pra ele que ‘*tou velha pra essas coisas*’. Ele me disse que o que ele queria mesmo era *ouvir as besteiras que eu ensino para as crianças, os ‘modernismos’ – e que é por isso que a gurizada ‘tá tudo louco*. É por causa das *professoras que nem tu, que vão pra faculdade e acham que são gente*’. Mas *eu nem falo em casa*, professora. Agora eu estou dando aula e sempre cuidando

---

<sup>13</sup> ‘Chica’, no espanhol da Fronteira com o Uruguai, significa ‘pequena, menina’. ‘China’ significa a prostituta, a mulher de ‘vida fácil’, a ‘mestiça de comportamento duvidoso’. [Nota da pesquisadora]

pra ver se ele não tá escutando pra *depois debochar de mim em casa*. (RESPOSTA Nº 10 À 100ª PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO APLICADO – ALUNA DA ZONA RURAL)

Percebe-se ciúme, cerceamento da liberdade e do direito de a professora-aluna expor suas opiniões (direito assegurado pela Constituição Federal de 1988), direito ético e legal. Procurando inculcar um sentimento de insegurança na esposa, percebe-se a “*insegurança*” do marido que, com menos escolarização, procura “provar” a ela que ela não sabe coisa alguma e que ela está sempre errada. O que se percebe é que o marido não aceita o fato de a mulher possuir um nível de escolarização superior ao dele e, sentindo-se humilhado com isso, procura humilhá-la para deixá-la insegura.

Também foi colocado:

Professora, esses dias uma colega de trabalho me contou que o marido dela estava conversando com o meu e me fez um monte de elogios, que tinha muito orgulho porque eu era professora. Por que ao invés dele fazer elogio de mim para os outros, ele não faz um dia um elogio pra mim? Eu disse que não acreditava, mas ela me afirmou que era verdade. Eu ficaria tão feliz se ele me visse como pessoa e não só como *a mulher que é a propriedade dele*. (RESPOSTA Nº 11 À 100ª PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO APLICADO – ALUNA DA ZONA URBANA)

Aqui tem-se um caso típico de valorização do capital cultural da mulher pelo marido. Bourdieu (1999, p. 69) informa que o capital social “[...] a esse capital coletivamente possuído [...] cada agente deve participar do capital coletivo, simbolizado pelo nome de família [...] na medida em que suas ações, suas palavras e sua pessoa honrarem o grupo [...]” Este capital social da família é enriquecido pelo capital cultural de um ou mais membros de seu grupo. “Ser professora” e “estar cursando a faculdade” ainda representam um capital cultural e social elevado para as classes populares. Entretanto, o gaúcho é tão orgulhoso (e inseguro!) que elogia sua esposa para os outros (valorizando-se assim também a ‘si’ e ao ‘seu’ grupo familiar), mas não possui a humildade de reconhecer, perante a esposa, esse “orgulho” que sente dela.

As críticas e reclamações dos homens às mulheres parecem ser muito frequentes:

Eu queria que o meu marido trabalhasse e estudasse como eu. Aí eu tenho certeza que ele não ia ‘cantar de galo’ em casa. Ia cansar e não ia ter tempo para ficar me enchendo, reclamando e não fazendo nada, só dormindo, ficando na frente da TV e batendo papo. [...] (RESPOSTA N° 14 À 100ª PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO APLICADO – ALUNA DA ZONA URBANA)

Pelo que se infere, este marido “poderia” trabalhar, mas, pelo que foi colocado, parece não se dispor a isso. Entretanto, embora não participe do orçamento familiar ou das atividades domésticas, ainda se “autoriza” o direito de reclamar da esposa.

Observe-se alguns trechos das entrevistas realizadas:

Eu cresci no interior. Meu pai não me deixava nem andar a cavalo, porque não era coisa pra mulher. Meus irmãos tinham cavalo e gado. Eu não tinha nada. Meu pai e minha mãe sabiam ler e escrever, mas não tiveram muito estudo. Eu ia a pé pra a escola. Era só eu e a mãe de mulher. Meus irmãos iam a cavalo. Meu pai dizia que se “*a menina abrisse demais as pernas podia acontecer uma coisa muito ruim*”. Ele não deixava eu tomar canjica nem sopa com colher grande (de sopa). Dizia que eu ia ficar com a *boca grande e mulher tem que ter boca pequena, falar baixo e aprender a obedecer, primeiro ao pai, depois ao marido*. Minha mãe era uma pobre coitada: dizia “amém” pra tudo. *Quando eu menstruei, meu pai quis me tirar da escola: eu não entendia porquê*. (Trecho da entrevista com ROSA, 40 anos, zona rural)

Eu morava no interior. Meu pai era muito mais velho que minha mãe. Ele sabia ler e escrever, *ela não. Ela queria que eu estudasse. O pai não queria*. Dizia que mulher aprende a ler *pra escrever pra namorado*. Minha mãe sonhava que eu fosse professora, ela queria ter sido professora, mas não pode estudar. Lá pelos meus 10 anos, abriu uma escola na zona rural, meio perto, “logo ali”, como se diz no campo, mas na verdade era longe. *Meu pai brigou muito com a minha mãe, até que me deixou estudar*. Ele ia me levar a cavalo e me buscar. Às vezes ele chegava na meia-tarde pra me buscar e eu ficava com fome. A gente até que vivia bem em casa, mas ele não me deixava ir sozinha. *Ele achava feio eu andar a cavalo, “montada”*; ia resmungando. Ele era muito bravo, *nós tínhamos medo dele*. Todos os meus irmãos tinham cavalo, os três. Era só eu de mulher. *Aí eu chegava e tinha que ajudar a mãe; então eu comeci a ensinar ela a ler escondido dele*. Um dia ele descobriu e *surrou nós duas. Eu queria fugir de casa, mas tinha pena da minha mãe: ela cozinhava, lavava, limpava a casa, capinava e plantava na horta, “botava” as vacas, tirava leite, fazia queijo e manteiga. Tudo isso eu sei fazer*. Aí terminei o primário. Não tinha o ginásio lá. Quando eu tinha 17 anos, o meu pai me arrumou um namorado muito mais velho do que eu. Em seguida eu me casei, mas eu não gostava dele. (DIANE, 45 anos, zona rural)

Pelos relatos acima, pode-se observar que as mulheres (filhas ou esposas) não demonstram ter orgulho ou carinho por estes gaúchos agressivos, rudes e autoritários. Além de incutir medo, provocam rancor, ressentimento. E eu me pergunto: onde estão as atitudes corajosas e viris? No surrar e gritar com a mulher e as crianças? Se o nível de escolarização fosse outro, as atitudes seriam as mesmas? Se a classe social fosse composta por mais ‘patrões’ e menos ‘trabalhadores’ (classes sociais diversas), seria diferente? Ou não? São perguntas para as quais me disponho a investigar as respostas em outros trabalhos.

Com este tipo de convivência e cruzando as narrativas com as respostas nos questionários, verifiquei, mais uma vez, que os aspectos negativos lembrados e citados são preponderantes. As respostas me parecem “desabafos”.

Solicitei as professoras-alunas que respondessem se, na opinião delas, o gaúcho da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai possui semelhanças ou tem caracteres diferentes dos outros gaúchos. Obtive as seguintes respostas:

**Tabela 8 - Pergunta n° 13 do Questionário**

13. Tu achas que o gaúcho da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai tem características iguais ou diferentes das dos outros gaúchos?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim, diferentes (90,32%)	28	Sim, diferentes (86,95%)	20	Sim, diferentes (88,88%)	48
Não, iguais (3,22%)	1	Não, iguais (13,04%)	3	Não, iguais (7,40%)	4
Não respondeu (6,45%)	2	Não respondeu (0%)	-	Não respondeu (3,70%)	2
Total	31	Total	23	Total	54

Pode-se verificar que, tanto na zona rural como na zona urbana, a grande maioria afirma que “o gaúcho da Fronteira” *tem características diferentes* das dos demais gaúchos. Isto inclusive faz parte do imaginário local, pois mais lutas se deram na Fronteira, as cidades

da região até bem pouco tempo contavam com grandes contingentes militares, foram consideradas “zona de segurança nacional”, sendo “homeados” os seus prefeitos por longo tempo. O militarismo, a estrutura patriarcal da oligarquia rural formada pelos estancieiros (que, ao mesmo tempo, a grande maioria se constituía em altas patentes da Guarda Nacional/Brigada), associadas às invasões constantes pelos castelhanos, o contrabando, a urdidura da Política dominante em criar o mito do gaúcho com fins políticos subjacentes e “assumir” as suas “qualidades”, o mito da “democracia do campo” (onde ‘todos’ trabalhariam juntos, patrões e peões), serviram para instituir a fidelidade e a “servidão” dos peões e agregados ao patrão. Aqueles se orgulhavam de “trabalhar bem, ser macho, ser elogiado” pelo estancieiro. Contribuíram também o isolamento social, o clima com temperaturas extremas no inverno e no verão, a geada e o Minuano, as lendas heróicas repetidas incansavelmente, como instituidores para a criação do mito do “centauro do pampa”, que, acostumado à intempérie e a enfrentar o serviço em plena madrugada (noite ainda), tornou-se rude, com a pele crestada pelos rigores do clima, convivendo com a violência do gado, com a matança dos animais, com a retirada do couro, com a castração, com o sangue, tornou-se bem mais insensível. Se tinham o direito de castrar e “usar” os animais, podiam, também, de forma consciente ou inconsciente, “castrar” a mulher, tirando -lhe a voz. Elocubrações? Talvez... Mais questionamentos para pesquisas posteriores.

À medida em que o trabalho de análise e cruzamentos de dados iam se aprofundando, com detalhes mais ricos emergindo das formas variadas que usei para a coleta de dados – como recurso para confirmar ou não as respostas obtidas, dada a complexidade do assunto – ou mesmo para obter mais detalhes nestes achados, mais me questionava: quem eram, como e onde viviam as mulheres da Província, principalmente as do interior, da zona rural? Quem são hoje as professoras-alunas do Programa, que, em muitos aspectos, me parecem ainda hoje

(principalmente nas regiões mais afastadas da zona rural), viver de modo semelhante ao das mulheres que viveram nesta mesma região no século XIX e início do século XX? Que alterações a chegada do século XXI trouxe para seu cotidiano?

Com o desenvolvimento das análises, verifico que muitas mulheres vivem de modo semelhante ao das duas avós e bisavós em muitos aspectos, vivendo como elas, ocultadas e submissas, sem vez e sem voz. Entretanto, não se tem a pretensão de generalizar, pois cada situação tem as suas particularidades (o que não poderia ser diferente), e estas são as ‘verdades delas’, as que ‘elas apresentaram’. Não tenho a ingenuidade de ter os relatos como ‘a verdade’ (e sim como ‘uma’ verdade) ou crer que “não houve” exageros nos relatos. Mas, se houve, não tenho por que vê-los como “intencionais” (mesmo porque há uma recorrência). O que vejo, entretanto, é que muitas dessas professoras-alunas tiveram de se falar de subterfúgios e de argumentos, tais como “a necessidade de manter o emprego”, “o curso é de dia”, “o curso é nas férias”, “meu salário vai melhorar”, para conseguir “licença” dos maridos para estudar, abrindo brechas na dominação masculina, num movimento isolado de resistência corajosa, aqui e ali, para realizarem seus sonhos e vir atrás de mais conhecimento, desejosas de aprimorar suas práticas pedagógicas e melhorar suas aulas.

Verifico também que são *estas professoras-alunas* que convivem com os “gaúchos” de hoje e que fazem uma leitura bem diferente do mito cultuado pelo folclore e pelos “C.T.Gs.” sobre o “centauro do pampa”.

No questionário, indaguei às professoras-alunas se o “gaúcho da fronteira seria igual ou diferente dos outros gaúchos”, indagando o “porquê”. Para visualizar -se melhor as justificativas, apresento-as em forma de tabela:

Tabela 9 - Pergunta nº 13 do Questionário – Justificativas das Respostas

13. Tu achas que o gaúcho da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai tem características iguais ou diferentes das dos outros gaúchos? <i>Por quê?</i>		
(Em caso de resposta afirmativa – algumas alunas apresentaram mais de uma justificativa)		
Zona rural	Zona urbana	Total
O gaúcho da fronteira é <b>mais machista e mais ‘grosso’</b> 2	Aqui eles <b>se assumem como gaúchos</b> 2	Por ser mais machista e/ou mais “grosso” e/ou rude 11
Porque, como vivem gritando com os animais, <b>acham que podem gritar com todo mundo</b> 2	Porque os gaúchos do centro e norte do Rio Grande do Sul <b>são mais cultos e evoluídos</b> 2	Porque, como vivem gritando com os animais, acham que podem gritar com todo mundo 2
Porque aqui eles são <b>‘mais metidos a macho’; desde a linguagem até a vestimenta</b> 2	Porque os gaúchos da <b>metade norte do Estado são mais evoluídos e menos rudes</b> 2	Por ser mais tradicional/preconceituoso/conservador 18
Porque o gaúcho da fronteira é mais <b>preconceituoso e tradicional</b> , e sofre muito a influência do Uruguai 2	Porque os da <b>fronteira</b> são muito <b>“grossos”</b> 1	Pela educação que receberam 2
Porque é mais <b>conservador</b> 6	Por causa do <b>machismo</b> , que <b>é muito forte aqui</b> 3	Porque os que vivem em outras regiões do Estado são mais evoluídos/cultos 6
Porque se preocupam muito com a <b>tradição</b> 4	As características do <b>gauchismo</b> daqui são <b>mais acentuadas, até no jeito de falar da fronteira</b> 2	Porque parece que “estão sempre em pé de guerra” 1
Pela <b>educação</b> que receberam 2	Porque são conservadores e fazem questão de <b>demonstrar que são ‘machos’</b> 3	Porque são muito orgulhosos 4
Porque, quando vivem nos <b>centros maiores, são mais evoluídos</b> 2	Porque <b>cultuam</b> muito a <b>tradição, que é muito conservadora</b> 3	Aqui eles se assumem como gaúchos/as características tradicionais são mais fortes 4
Porque não sei, mas <b>‘sei que é diferente’, é mais ‘machão’</b> 1		
Porque aqui eles fazem questão de <b>‘mostrar que são o dono de tudo, até da mulher e dos filhos’</b> 2		
(Continuação) 13. Tu achas que o gaúcho da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai tem características iguais ou diferentes das dos outros gaúchos? <i>Por quê?</i> (Em caso de resposta afirmativa – algumas alunas apresentaram mais de uma justificativa)		
Zona rural	Zona urbana	Total
Porque parece que <b>‘estão sempre em pé de guerra’</b> 1		
Porque são muito <b>orgulhosos</b> 4		

Subtotal	30	Subtotal	18	Subtotal	48
Em caso de resposta negativa:					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque não conheço os outros	1	Não justificaram	4	Porque não conheço os outros	1
				Não justificaram	4
Subtotal	1	Subtotal	4	Subtotal	5

Obs.: a professora-aluna que não respondeu também não apresentou justificativa.

Alguém poderia afirmar que são ‘mulheres recalcadas’. Algumas, até, talvez o sejam.

Mas todo esse número, tão representativo do universo de pesquisa, assim o seria?...

Essas mulheres, que *convivem* com o gaúcho, se o chamam de “grosso” é porque, certamente, têm ferida por eles a sua sensibilidade. Parece-me clara também a noção de “poder” associada à “propriedade”, ao “ter”, e que estes homens, preocupados em demonstrar sua virilidade, parecem esquecer-se de que “heroísmo” e “virilidade” não significa menosprezar, espezinhar, machucar – que é uma das coisas que, de uma certa forma (e sem ser reducionista), institui uma certa “identidade” entre essas mulheres, embora não se deva generalizar nem considerar “suas verdades” como “a realidade”. Mas me parecem indicativos fortes da existência de um gaúcho que procura não demonstrar sentimentos, nem permitir “busadias” à mulher. Portanto, percebo que existem ainda hoje, no início do século XXI, gaúchos exercendo plenamente (e de maneira ‘naturalizada’) a dominação masculina no espaço doméstico.

Questionadas quanto às características da “mulher gaúcha da região da fronteira”, pareceram-me como ‘naturalizadas’ as “qualidades femininas”: elas, professoras, em sua grande maioria, não demonstraram reconhecer estas “virtudes femininas” como construções sociais e sim como uma decorrência da “condição feminina subalterna”, levando-me a acreditar que “se projetaram” nas respostas dadas.

Para que se possa visualizar melhor (sem contudo ter qualquer preocupação estatística, e sim poder proporcionar uma densidade de compreensão destas informações), apresento as respostas em forma de tabela:

**Tabela 10 - Pergunta n° 14 do Questionário**

14. Na tua opinião, quais são as características da mulher gaúcha da região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai? (Obs.: as alunas colocarem sempre mais de uma característica.)					
Zona rural		Zona urbana		Total	
<b>Submissa</b>	10	Submissa	5	Submissa	15
<b>Boa dona-de-casa</b>	7	Boa dona-de-casa	4	Boa dona-de-casa	11
<b>Dócil</b>	5	Dócil	2	Dócil	7
<b>Dependente</b>	3	Dependente	1	Dependente	4
<b>Medrosa</b>	5	Medrosa	4	Medrosa	9
<b>Indecisa</b>	5	Indecisa	1	Indecisa	6
<b>Obediente</b>	5	Obediente	3	Obediente	8
<b>Prendada</b>	5	Prendada	2	Prendada	7
<b>Reprimida</b>	4	Reprimida	2	Reprimida	6
<b>Corajosa</b>	1	Corajosa	3	Corajosa	4
<b>Com dotes culinários</b>	5	Com dotes culinários	2	Com dotes culinários	7
<b>Perseverante</b>	1	Perseverante	3	Perseverante	4
<b>Omissa</b>	5	Omissa	2	Omissa	7
<b>Delicada</b>	1	Delicada	4	Delicada	5
<b>Quieta</b>	5	Vaidosa	1	Quieta	5
Mal vestida	3	<b>Recatada</b>	2	Mal vestida	3
Uma mulher que <b>sempre acaba concordando com o marido</b>	4	<b>Machista</b>	2	Uma mulher que sempre acaba concordando com o marido	4
Bonita e inteligente	3	Educada e decidida	2	Bonita e inteligente	3
<b>Paciente</b>	2	<b>Meiga</b>	5	<b>Alegre</b>	1
Uma mulher que <b>trabalha fora de casa e ainda ajuda</b>		<b>Forte</b>	1	Paciente	2
				Uma mulher que trabalha fora de casa e ainda ajuda o	
(Continuação) 14. Na tua opinião, quais são as características da mulher gaúcha da região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai? (Obs.: as alunas colocarem sempre mais de uma característica.)					
Zona rural		Zona urbana		Total	
<b>o marido nos afazeres do campo</b>	2			o marido nos afazeres do campo	2
<b>Oprimida</b>	1			Oprimida	1
<b>Calma e “do lar”</b>	3			Calma e “do lar”	3
<b>Ciumenta e desconfiada</b>	1			Ciumenta e desconfiada	1
<b>Insegura</b>	4			Insegura	4

Trabalhadora	5		Trabalhadora	5	
Frágil	1		Frágil	1	
Sensível	2		Sensível	2	
‘Não fala quase na frente do marido, porque sempre ele fala mais alto’	3		‘Não fala quase na frente do marido, porque sempre ele fala mais alto’	3	
			Vaidosa	1	
			Recatada	2	
			Machista	2	
			Educada e decidida	2	
			Meiga	5	
			Alegre	1	
			Forte	1	
Total	101	Total	52	Total	153

No momento em que as características da mulher gaúcha da Região da Fronteira estão de conformidade com as características da ‘prenda’, infere -se que a mulher gaúcha ‘tem’, ‘possui’ essas características incorporadas, de submissão, domesticidade, silêncio, dependência, que confirmam outras respostas anteriores e as colocações da grande maioria das narrativas. O que leva a inferir que a mulher gaúcha e a ‘prenda’ se confundem, fundindo-se na ‘mulher’ construída socialmente com características femininas ‘naturalizadas’ pelo imaginário androcêntrico hegemônico.

Cruzando as respostas destas questões com as de nº 93 do Questionário (ver Anexo C), onde perguntei ‘se o homem e a mulher já nascem com características diferentes’, ficou muito evidente a idéia da ‘naturalização’ das diferenças, uma vez que mais da metade das alunas colocaram que ‘sim’, justificando que ‘a mulher já nasce mais delicada e sensível’; ‘o homem é mais agressivo e racional, e a mulher é mais delicada, sensível, mais ‘emocional’; ‘o homem é mais violento e tem o instinto sexual mais forte’ – e questionadas sobre ‘quais são as características ‘femininas’ (questão nº 88 do Questionário – ver anexo C)<sup>14</sup>, emergiram

<sup>14</sup> Apresentei questões versando praticamente sobre o mesmo tema, *intencionalmente*, para verificar se haveria concordância ou divergência entre as respostas da aluna que preenchia o questionário, para analisar se as respostas dadas seriam coerentes ou se haveria divergências nas respostas dadas pela mesma aluna. Pode

as seguintes respostas: “carinhosa”, “delicada”, “fiel”, “dócil”, “sonhadora”, “paciente”, “submissa”, “frágil”, “até no sexo é diferente”. Como colocaram o oposto como características “masculinas”, fica evidenciada a “naturalização” do “masculino” e do “feminino” no inconsciente coletivo destas mulheres. E um “masculino” e “feminino” em muito semelhantes aos dos paradigmas de “masculino” e “feminino” do fim do século XIX e início do século XX... *Mas reforço o que foi dito anteriormente, mais acentuada esta visão na zona rural do que na zona urbana.*

Também pela tabela acima mencionada, verificou-se que algumas professoras-alunas da zona urbana colocaram que a mulher da fronteira é “machista” (2 professoras -alunas), “educada e decidida” (2 professoras -alunas), “forte” (1 professora-aluna), o que leva a inferir que um número muito pequeno (mas existente!) consegue perceber possibilidades de resistência; e que a mulher da fronteira *também* é machista, pois educa os filhos reproduzindo o modelo dominante, sendo que duas alunas vêem a possibilidade de *decisão* nas mulheres e percebem que esta é *forte* para não sucumbir ao “padrão de vida existente”. Pude perceber (ou ler nas entrelinhas) que há um forte conteúdo denunciativo em suas respostas, o que implica em uma percepção de possibilidades (embora ainda remotas, talvez) de mudanças no *status quo*. Mas as professoras-alunas urbanas visibilizam a possibilidade de resistência que a opressão propicia. Talvez não saibam é o “como”.

Para Burstov (1992, p. 16), “a resistência está arraigada na existência da mulher por si mesma [...] estratégias de resistência podem começar na construção de relacionamentos de solidariedade entre as mulheres...”; e Grossi & Aginsky (2001, p. 29) afirmam que “a resistência de uma mulher à opressão também está ligada ao processo de conscientização e

---

verificar que a quase totalidade das respostas de cada questionário manteve a mesma linha de pensamento do início ao fim, havendo coerência nas respostas dadas, o que as confirma.

fortalecimento”. O fato é que só através de uma análise e da possibilidade de visualização e verbalização da dominação masculina é que se oportunizará a “construção de relacionamentos de solidariedade” que propiciarão o fortalecimento dos movimentos de resistência. Na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, com esta investigação da situação das professoras-alunas do PFPS, estou procurando dar o primeiro passo...

#### **7.2.2.4 Quarta categoria: a dominação masculina na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e suas interfaces: a dominação simbólica, a violência, o medo, a submissão, a insatisfação sexual e o ‘preconceito desfavorável’**

Em ‘Cenas de um Casamento Sueco’, Ingmar Bergman (1975) apresenta as ‘Palavras de Marianne’:

...não sei quem sou. Nem um pouco. Eu sempre fiz aquilo que as pessoas me disseram para fazer. Que me lembre, ao longo dos tempos, sempre fui obediente, conformada, o mais bem educada possível. Pensando bem, acho que tive algumas explosões violentas de personalidade ainda menina. Mas recordo-me também que a mãe punia todas essas escapadas das convenções com dureza exemplar. Toda a minha educação e de minhas irmãs estava baseada no princípio segundo o qual devíamos ser agradáveis [...] Nunca cheguei a pensar: o que é que eu quero. Mas sempre: o que é que eles querem que eu queira. (BERGMAN, 1975, p. 95-96)

Poucas mulheres, ainda, têm estes momentos de lucidez, na fronteira sul-riograndense, para refletirem sobre isso. O protótipo humano é masculino. A imagem do ser humano, ao ser mentalizada, é masculina, como indica a maioria das palavras que designam globalmente os dois gêneros. A criança constrói, junto às identidades de gênero, as representações dos papéis de gênero. Para os meninos é considerado pejorativo ser comparado a uma mulher; para a menina, ser comparada ao bom desempenho das “qualidades masculinas” é tomado como um elogio. Diz-se de uma mulher decidida, responsável, corajosa: “ela é o ‘homem’ da casa”. As meninas, desde cedo, buscam participar do “mundo

masculino”. A masculinidade se define pelo negativo ou negação da feminilidade. Os meninos são preparados para a vida, para competir e vencer no espaço público. As meninas devem ser contidas, desencorajadas a enfrentar desafios, preparadas para negar seu prazer, para o espaço doméstico, para agradar o homem, para fazer-se bonita (à custa de qualquer sacrifício), para vir a ser “mãe”. Os meninos não são educados para ser “pais”, eles são preparados para “serem homens”, não falharem, não desapontarem, não terem medo. O menino, obrigado a seguir um modelo superexigente de masculinidade, recorre ao “mito do herói”, como uma possibilidade de liberação das pressões. Cria-se no afastamento afetivo, neutralizando emoções por medo de regras e tensões de competição. Aprende que a profissionalização e a independência econômica são superiores (e devem preceder) a uma entrega amorosa. Recorre a fantasias de onipotência, de sonhos heróicos, de lutas por ideais. A menina sonha também, mas foi educada para sonhar com modelos de passividade, beleza, bondade, “pelo príncipe que a definirá como pessoa” (FASSA e ECHENIQUE, 1992, p. 51). Por milênios, as meninas, jovens e mulheres foram reprimidas, constituindo-se como mulheres em meio a preconceitos e negações, sua sexualidade como propriedade do homem – a quem deve submissão e dedicação, num papel de servidão.

No Brasil, a Abolição da Escravatura libertou os negros. A mulher, sempre que o homem puder, conservará como escrava: condenada a servi-lo, agradá-lo, a não cair na maledicência para não manchar a honra do pai ou do marido. A moral hipócrita de até meados do século XX impôs a divisão homens/conquistadores e mulheres/recatadas, impondo também a discriminação mulheres/respeitáveis e mulheres/levianas. As “respeitáveis” não devem buscar o prazer, mas sim proporcionar prazer e alegria aos homens, “guardando-se” puras e assexuadas. Para ser mãe ou, quando muito, no espaço público, professora. “O homem é

incentivado ao sucesso no amor e à posse sexual, não ao amor propriamente dito” (FASSA e ECHENIQUE, 1992, p. 55). Aprende-se a “ser homem” e a “ser mulher”.

Fassa e Echenique (1992) afirmam que se criam mecanismos de recompensas e punições de tal monta, que a maioria das pessoas crê estar exercendo a “sua própria vontade”, sem se dar conta de que essa vontade é condicionada, manipulada e socialmente construída. O homem é levado ao individualismo, a pensar sempre primeiro em si mesmo. A mulher é levada à meritocracia da renúncia e do sofrimento: quanto mais se anular pelo marido, pela família, mais “méritos” terá. E assim se instaurou a dominação masculina, possibilitando a “superioridade” sexista do homem como hegemônica, criando -se uma postura “natural” que foi socialmente construída por séculos, para naturalizar a opressão e a dominação por parte dos homens, baseada na oposição dos sexos, e relegando a mulher à submissão, como “decorrência natural” de sua diferença biológica, que a constituiu “frágil” e “dependente do homem”.

No século XX, surgem os movimentos feministas, procurando dar à mulher o direito de ter voz e opções políticas, participar do processo produtivo, votar. Elas lutam pelo seu lugar em um mundo masculino. A masculinização do mundo, com o conseqüente estabelecimento do homem como exponencial da humanidade, levou à masculinização da mulher que, para ser pessoa, precisou reforçar suas características masculinas. E a mulher entrou no “mundo dos homens” em desvantagem: precisou assumir a competição e conquistar o poder – mas este fato produz na mulher a sensação de inadequação: desconfia do homem e sua entrega a ele é contaminada pelo medo, e a posse dela por ele passa a ser vivenciada como violência.

A linguagem constrói significados e institui, reproduz e mantém diferenças, prestando-se à manipulação inconsciente – que pode vir a tornar-se consciente –, controla os grupos dominados, naturaliza relações desiguais. Repete a supremacia hegemônica androcêntrica, criando nas mulheres o “preconceito desfavorável”, onde ela é subsumida pelo masculino. A partir das décadas de 60 e 70, os movimentos reivindicatórios tomam força, a mulher entra no mercado de trabalho, mas continua sendo a responsável pela administração da casa, a harmonia do lar e a educação dos filhos. Ao trabalho no espaço público junta-se a “dupla jornada de trabalho”: a do espaço doméstico, pois o homem se recusa a assumir as tarefas ditas “femininas”. E a mulher continuou dependendo da aprovação dos maridos, da aquiescência deles, para tomar decisões, não conseguindo gerir sua vida com autonomia, uma vez que seu subconsciente ainda a acusa quando se afasta do lar para estudar e/ou trabalhar, pois a figura da “mãe” no espaço doméstico é considerada insubstituível. São valores contraditórios que se sobrepõem dentro da mulher, ora um, ora outro. Todos estes esquemas de pensamento fazem parte da dominação simbólica, uma das muitas interfaces da dominação masculina, que permeia, além do espaço doméstico, o espaço escolar. Gerou-se o paradoxo de que, se a mulher é bem sucedida no espaço público, não conseguirá sê-lo no espaço privado. E vice-versa. O homem aceita a mulher enquanto esta aceita ser o seu “complementar”, identificando-a a ele. Caso ela não o sirva com dedicação, “ele” a trocará por outras. É a ameaça tácita, não explícita, mas constante.

Os “estudos da mulher” passam aos estudos das relações de gênero, em especial a partir dos estudos de Joan Scott, expostos no artigo: “Gênero, uma categoria útil de análise histórica” (1995).

O gênero transformou-se, a partir daí, numa categoria de análise de extrema importância, indo além dos estudos das feministas. Questiona-se a dominação masculina, tendo “gênero” o sentido relacional, necessitando -se estudar as “feminilidades” em relação às “masculinidades”, e estas imbricadas em outras categorias, como classe social e raça/etnia, onde as relações de gênero estão envolvidas, afetando e sendo afetadas por elas. Os estudos das relações de gênero questionam a hierarquização sexista e convencional de dividir a sociedade em espaço público, masculino, e espaço privado, feminino, discordando da tese das “diferenças biológicas” para justificar a supremacia androcêntrica e sustentando que as características tidas como “femininas” ou “masculinas” não são inerentes à condição humana, mas são construções sociais, historicamente criadas e determinadas, para justificar a hegemonia masculina. Dessa forma, para que se analise as relações de gênero, é necessário que se perceba a dominação masculina em um processo mais amplo do que a relação dicotômica homem/mulher, mas se visualize homens e mulheres, que “estão” e “são” no mundo dentro de uma complexa rede de imbricações, sendo o constituir-se “mulher” ligado ao plural, pois há múltiplos grupos étnicos, classes sociais, níveis culturais, espaços geográficos e temporalidades diferentes. “Essa unidade – centrada no sexo – e diversidade simultânea tem confundido muitos pesquisadores que tentaram fazer um estudo mais sério sobre a mulher” (ROCHA COUTINHO, 1994, p. 17).

Repito porém que, sem querer generalizar ou fazer reducionismos, o universo pesquisado neste trabalho são as professoras-alunas do PFPS/Pedagogia da URCAMP/Bagé em 2003, que, de uma certa forma, sem perderem suas identidades, possuem um certo caráter identitário pelo contexto em que se constituíram como mulheres e como vivem e o que fazem – em uma região eminentemente composta de peculiaridades marcantes e sob representações semelhantes de um Imaginário social que possibilita e justifica a dominação masculina.

Ao ser “naturalizada” a postura da mulher, do feminino, como “frágil, passiva, dócil e submissa”, eivada de afetividade, a racionalidade ficou sendo um atributo masculino. Se “ele” pensa, “ele” decide. Ligou-se a propriedade de bens ao poder (‘quanto mais tenho, mais mando’), e se o homem é quem detinha a posse dos bens e da terra (pois a mulher, legalmente, era considerada ‘relativamente incapaz para todos os atos da vida civil’, anteriormente à Lei Federal nº 4.121/62 – Estatuto da Mulher Casada), dependia dele também economicamente e de sua aquiescência para a tomada de decisões. Dela era o espaço doméstico, mas a propriedade material do espaço doméstico era dele. Então, ela poderia ‘reinar no lar’, mas não ‘mandar, dispor, ordenar, decidir’. O conhecimento era dos homens, as normas sociais e culturais ditadas por eles – o que impediu, por muito tempo, às mulheres terem sua própria identidade.

Oliveira (1980, p. 43) diz: “Não temos identidade, somos uma imagem refletida no espelho dos homens. Como encontrar a identidade se, no espelho, uma imagem já está impressa para sempre, a imagem que os homens têm de nós?...”

O que se complementa no poema ‘Eros e Psiquê’, de Fernando Pessoa:

[...] Conta a lenda que dormia  
 Uma princesa encantada  
 A quem só despertaria  
 Um infante, que viria  
 De além do muro da estrada.  
 [...]  
 E, se bem que seja obscuro  
 Tudo pela estrada fora,  
 E falso, ele vem seguro,  
 E vencendo estrada e muro,  
 Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,

À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão e encontra a hera,  
E vê que ele mesmo era  
A princesa que dormia.

(FERNANDO PESSOA. ‘Eros e Psiquê’.  
Obra Completa. Rio de Janeiro:  
Nova Aguilar, 1986)

A dominação masculina, a supremacia hegemônica do homem, pode dar-se de formas diversas. A violência física sobre os corpos das mulheres é uma. A violência simbólica é outra, menos perceptível aparentemente. Esta dá-se dentro do espaço doméstico e pode não deixar marcas visíveis (ou pode deixar). O espaço doméstico encobre a dominação masculina e, durante anos, o aparato legal até mesmo a justificou. Impossível de denunciar, porque difícil de provar, seria um crime de ação penal privada, que se move por conta do ofendido, e não do Estado por meio da figura do Promotor de Justiça. Mas, sendo difícil de provar, como, quem sofre a violência simbólica (utilizada, às vezes, inclusive para garantir a impunidade da própria violência física) dentro do espaço doméstico vai denunciar? O Novo Código Civil, que entrou em vigor em janeiro de 2003, assegura direitos legais iguais ao homem e à mulher. Assegurar direitos é uma coisa. Cumprir e fazer cumprir é outra. Até a Constituição Federal de 1988, o homem era o “cabeça do casal”, o “chefe da família”. Com a Constituição de 1988 essa figura se desfaz. Homem e mulher têm a chefia da família, ambos com os mesmos direitos e deveres. Mas na prática não é o que ocorre: as mulheres desconhecem seus direitos e, se os conhecem, não sabem como exigí-los. Raras são as cidades da Fronteira, do interior, que possuem Delegacias da Mulher. Bagé, com cerca de 120.000 habitantes, não a possui. E assim outras, que são a grande maioria. Mesmo as lesões corporais, provocadas pela violência física doméstica, costumam não ser denunciadas, pela vergonha, pelo medo do ofensor, pelo descaso e ironia que essas mulheres têm de passar quando vão relatar a ocorrência nas Delegacias de Polícia. Mais difícil ainda é procurar a Justiça contra os crimes de violência simbólica, que se processam quase invisíveis e, quando não se enquadram em calúnia, injúria,

difamação, ou crimes contra a honra, não podem ser punidos, porque não são tipificados pela lei (e ‘não há crime sem lei anterior que o defina’ – é o Princípio da Reserva Legal, previsto no art. 1º do Código Penal Brasileiro).

O racismo é punido, pela Constituição Federal, como crime inafiançável. Mas a violência simbólica, a dominação masculina, ficam impunes... A prisão perpétua não existe no Brasil. Mas, quantas mulheres não vivem prisioneiras dentro de seu espaço doméstico, sem direito de decisão, de defesa, de denúncia, de voz??...

Através da pesquisa empírica, pude constatar que a dominação masculina está muito presente na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. E está expressa tanto na violência física quanto na violência simbólica.

Durante a análise dos questionários, pude verificar que as mulheres da zona rural ‘conhecem’ mulheres que têm medo do marido por suas atitudes violentas, físicas e/ou verbais (pergunta n° 69 do questionário). Não poderia fazer esta pergunta de modo direto, mas pude perceber que ‘elas’, pelo menos a grande maioria delas, têm medo dos maridos, o que foi confirmado nas questões abertas, no depoimento final e nas entrevistas.

Muitas complementaram esta pergunta (n° 69), que era fechada, escrevendo, ao lado:

- Sim, e muitas;
- Sim, ‘eu sou uma delas’;

- Sim, eu venho fazer a faculdade aqui, mas “sempre quando volto estou com medo”, não sei como meu marido vai me receber em casa/sim, eu faço faculdade e tudo, mas “tenho medo das atitudes/reações do meu marido” (várias complementaram neste sentido, sendo aqui apresentadas por aproximação as complementações);
- Sim, porque eles é que detém o poder econômico, e "manda quem pode e obedece quem precisa"/sim, porque dependem deles financeiramente e eles são "prevalcidos"/sim, porque a casa onde moram é deles (várias colocaram estas observações, também aqui agrupadas por aproximação).

A existência do “medo” (que demonstra insegurança, subalternidade, submissão) é muito presente nas falas das professoras-alunas e aparece nos diversos instrumentos de coleta de dados que utilizei.

Também aqui aparece clara a idéia do poder econômico associado ao mando e à dominação. No momento em que as professoras-alunas colocaram que tem medo dos maridos porque “eles” *detém o poder econômico*, porque as mulheres que tem medo ou são agredidas *dependem do marido financeiramente*, porque *a casa de moradia pertence aos maridos* (e, por isso, elas tem medo do marido, pela necessidade do apoio financeiro ou por elas não possuírem independência econômica, explicitada no ditado popular ‘manda quem pode e obedece quem precisa’), fica evidente a associação de dominação com poder econômico. São os resquícios da velha sociedade patriarcal que teimam em não desaparecer.

Questionei as professoras-alunas quanto a conhecerem mulheres a quem o marido agride física ou verbalmente, e obtive as seguintes respostas, que, para tornar mais “visíveis”, apresento em forma de tabela:

**Tabela 11 - Pergunta n° 79 do Questionário**

79. Conheces mulheres a quem o marido agride fisicamente ou verbalmente?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim (96,77%)	30	Sim (82,60%)	19	Sim (90,74%)	49
Não (3,22%)	1	Não (17,04%)	4	Não (9,26%)	5
Total	31	Total	23	Total	54

E muitas complementaram, escrevendo ao lado:

- Conheço, sim, e muitas!
- Sim, as agressões verbais e os gritos com a mulher são muito frequentes, e a violência verbal é pior do que a física;
- Sim, e “eu sou uma delas” (esta observação foi colocada por várias professoras - alunas ao lado da resposta);
- Sim, o meu marido está sempre me agredindo verbalmente, zombando, “enticando” (*sic*) ou reclamando. Só não se animou ainda a me bater (Várias colocaram esta observação, e aqui as respostas foram reunidas por aproximação).

Outro dado que se evidencia nos achados e que as alunas colocaram é que, frequentemente, seus maridos não querem “que elas se metam em seus negócios”; o que leva a pensar que eles acreditam que “mulher não sabe pensar”, muito menos decidir. “Eles” se consideram os responsáveis pelo sustento da família (entretanto, contam com o salário ‘delas’

para o orçamento doméstico), mas, mesmo assim, se acham no direito de decidir o que se refere a eles, o que se refere a elas e o que se refere a ambos.

Sabe-se que determinadas experiências vividas na infância tendem a se repetir em nossa vida adulta, muitas vezes como uma reprodução inconsciente ou subconsciente do que foi vivido. Eu queria saber o que as professoras-alunas tinham vivenciado na infância quanto à autoridade paterna. Perguntei, então, qual era a autoridade maior em casa. Para que se visualize melhor as respostas, apresento-as em forma de tabela:

**Tabela 12 - Pergunta n° 76 do Questionário**

76. Quando eras criança, a autoridade maior em casa era a do pai ou a da mãe?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Do pai (83,87%)	26	Do pai (78,26%)	18	Do pai (81,48%)	44
Da mãe (6,45%)	2	Da mãe (8,69%)	2	Da mãe (7,40%)	4
De ambos (9,67%)	3	De ambos (13,04%)	3	De ambos (11,11%)	6
Total	31	Total	23	Total	54

Verifica-se que a autoridade do pai era predominante, embora, em alguns casos, fossem *ambos* a autoridade (e as que colocaram 'a mãe' justificaram com o fato de ela ser viúva). Quando pedi a justificativa da resposta anterior, obtive os seguintes resultados, que apresento de forma quantitativa, mas que serão analisados de forma qualitativa e descritiva:

Tabela 13 - Pergunta n° 76 do Questionário - Justificativas

Justificativas das respostas no sentido de que a maior autoridade era a do pai		
Zona rural	Zona urbana	Total
Porque meu pai era muito violento 3	Porque meu pai era muito violento 2	Porque meu pai era muito violento/porque minha mãe tinha medo do meu pai 15
(Continuação) Justificativas das respostas no sentido de que a maior autoridade era a do pai		
Zona rural	Zona urbana	Total
Porque só ele trabalhava e, como ele sustentava a casa, dizia que era ele quem mandava 4	Porque só ele trabalhava e, como ele sustentava a casa, dizia que era ele quem mandava 2	Porque só ele trabalhava e, como ele sustentava a casa, dizia que era ele quem mandava/o problema era o fator econômico: ele sustentava a casa, então quem mandava era ele 11
Porque minha mãe tinha medo do meu pai 6	Porque minha mãe tinha medo do meu pai 4	Porque o pai era o chefe da família 7
Porque o pai era o chefe da família 4	Porque o pai era o chefe da família 3	Porque o pai era o chefe da família 7
A mãe sempre deixou claro que quem mandava era o pai 2	O problema era o fator econômico: ele sustentava a casa, então quem mandava era ele 3	A mãe sempre deixou claro que quem mandava era o pai 2
Porque ele era homem e minha mãe achava que o homem pode tudo 2	A mãe se submetia a tudo o que meu pai queria 2	Porque ele era homem e minha mãe achava que o homem pode tudo 2
O problema era o fator econômico: ele sustentava a casa, então quem mandava era ele 2	Porque não tinha outra alternativa 2	A mãe se submetia a tudo o que meu pai queria 3
A mãe se submetia a tudo o que meu pai queria 1		Porque não tinha outra alternativa 4
Porque não tinha outra alternativa 2		
Subtotal 26	Subtotal 18	Subtotal 44
Justificativas das respostas no sentido de que a maior autoridade era a da mãe		
Zona rural	Zona urbana	Total
Porque ela era viúva 2	Porque ela era viúva 1	Porque ela era viúva 3
Porque meu pai era muito calmo -	Porque meu pai era muito calmo 1	Porque meu pai era muito calmo 1
Subtotal 2	Subtotal 2	Subtotal 4
Justificativas das respostas no sentido de que a maior autoridade era de ambos		
Zona rural	Zona urbana	Total
Ambos queriam mandar e, por isso, viviam sempre brigando 2	Minha mãe era muito calma e tinha paciência com meu pai. Aí, acabava conseguindo alguma coisa 2	Ambos queriam mandar e, por isso, viviam sempre brigando 2
Minha mãe era muito calma e tinha paciência com meu pai. Aí, acabava	Não justificou 1	Minha mãe era muito calma e acabava conseguindo alguma coisa 3

conseguindo alguma coisa	1			Não justificou	1
Subtotal	3	Subtotal	3	Subtotal	6

Pude perceber que o ambiente doméstico das professoras-alunas foi tumultuado, crescendo vendo o pai como a autoridade suprema e a mãe como um ser apagado, sem voz, sem opinião. Segundo Stey e Werba (2001, p. 77),

Os agressores das mulheres se encontram muito mais dentro de casa do que fora delas. Esses dados reforçam também a idéia de que a violência sempre passa por uma relação de subordinação e dominação, na qual *o homem sente-se no direito de educar, corrigir e, se necessário, castigar física, psicológica e sexualmente a mulher* [grifo meu].

Sendo o homem, o marido, o sucessor “natural” do “patriarca”, nada mais plausível aos seus olhos do que ele continuar sendo a autoridade máxima dentro do espaço doméstico.

Questionei as professoras-alunas quanto ao lazer: a maioria concorda que a mulher “deve tirar um tempo para si” – mas pude perceber que não tiram, pois se sentiram culpadas ou “cobradas” pelo marido e pela família, que já assimilou que a “mãe” deve ser essa pessoa abnegada, despersonalizada e sem direitos, que deve estar sempre pronta para atendê-los. É a meritocracia da abnegação, tão incorporada que, como uma segunda natureza, é difícil desembaraçar-se dela.

Para tornar mais fácil uma análise das respostas, apresento em forma de tabela:

Tabela 14 - Pergunta n° 78 do Questionário

78. Tu achas que a mulher deve tirar um tempo só para ela (lazer, passeios, descanso), uma vez que trabalha e estuda e o tempo disponível é pouco para ser dedicado à família?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim (96,77%)	30	Sim (100%)	23	Sim (98,14%)	53
Não (3,23%)	1	Não (0%)	-	Não (1,86%)	1
Total	31	Total	23	Total	54
Justifica tua resposta – ‘sim’					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim, a mulher está sempre trabalhando, mas o homem não reconhece e, se ela fala em descansar, ele fica brabo	3	Sim, a mulher está sempre trabalhando, mas o homem não reconhece e, se ela fala em descansar, ele fica brabo	2	Sim, a mulher está sempre trabalhando, mas o homem não reconhece e, se ela fala em descansar, ele fica brabo/sim, mas o marido acha que a mulher não se	
(Continuação) 78. Tu achas que a mulher deve tirar um tempo só para ela (lazer, passeios, descanso), uma vez que trabalha e estuda e o tempo disponível é pouco para ser dedicado à família? Justifica tua resposta – ‘sim’:					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque a mulher trabalha em casa e fora. Precisa de um tempo só para si	2	Porque a mulher trabalha em casa e fora. Precisa de um tempo só para si	1	cansa, e, se ela pensa em descansar, ele fica chateado/brigando	9
Porque a mulher tem de cuidar de si própria - só que na realidade isto não acontece	4	Porque a mulher tem de cuidar de si própria - só que na realidade isto não acontece	1	Porque a mulher trabalha em casa e fora. Precisa de um tempo só para si	3
Porque a mulher não pode nem deve ser sempre anulada. Ela se estressa e aí não faz nada certo. Só que a gente nunca tira esse tempo	9	Porque a mulher não pode nem deve ser sempre anulada. Ela se estressa e aí não faz nada certo. Só que a gente nunca tira esse tempo	4	Porque a mulher tem de cuidar de si própria - só que na realidade isto não acontece/sim, só que a maioria das mulheres não tem tempo nem de se olhar	
Sim, mas é muito difícil, porque a mulher sempre coloca a família em primeiro lugar	2	Sim, mas é muito difícil, porque a mulher sempre coloca a família em primeiro lugar	4	no espelho/sim, só que a grande maioria não tira/não faz isso/sim, mas a maioria não consegue nem sequer pensar, nem tirar	18
Sim, só que a grande maioria não tira/não faz isso	2	Sim, só que a maioria das mulheres não tem tempo nem de se olhar no espelho	1	Porque a mulher não pode nem deve ser sempre anulada. Ela se estressa e aí não faz nada certo. Só que a gente nunca tira esse tempo	13
Sim, mas a maioria não consegue nem sequer pensar, nem tirar	4	Sim, só que a grande maioria não tira/não faz isso	3	Sim, mas é muito difícil, porque a mulher sempre	
Sim, mas se a mulher tira, fica com remorso	3	Sim, mas a maioria não consegue nem sequer			
Sim, mas o marido acha que					

a mulher não se cansa, e, se ela pensa em descansar, ele fica chateado/brigando	1	pensar, nem tirar Sim, mas o marido acha que a mulher não se cansa, e, se ela pensa em descansar, ele fica chateado/brigando Sim, precisamos de um pouco de paz e de privacidade	3 3 1	coloca a família em primeiro lugar Sim, mas se a mulher tira, fica com remorso Sim, precisamos de um pouco de paz e de privacidade	6 3 1
Subtotal	30	Subtotal	23	Subtotal	53
Justifica tua resposta – “não”					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque a gente mal vê os filhos, e, aí, ficaria com remorso	1	-		Porque a gente mal vê os filhos, e, aí, ficaria com remorso	1
Subtotal	1	Subtotal	-	Subtotal	1

Todas são conscientes de que podem usufruir do direito ao descanso e lazer. Entretanto, não o fazem, porque “aprenderam” que o marido e a família “vêm sempre em primeiro lugar”. Se saem com a família para algum passeio, “a responsabilidade é da mulher, de arrumar e desarrumar as coisas ou as malas”; no passeio ou viagem, continua “atendendo a família” – e muitas vezes retorna mais estressada do que quando foi.

O sentimento de culpa, inculcado nas mulheres, também é uma forma de violência e dominação simbólica.

A violência contra as mulheres tem suas raízes na crença de que a dominação é um modo de sobrevivência possível. O patriarcado instituiu uma ordem de dominação. Assim, os homens, em todas as classes sociais e mesmo com as conquistas do feminismo dos últimos anos, beneficiam-se amplamente e têm privilégios bastante concretos com esse sistema de dominação: afazeres domésticos, a educação dos filhos são feitos em todos os lugares, na maioria dos casos, de forma gratuita pelas mulheres quando não pelas meninas. Em qualquer lugar os meninos e os homens têm mais “valor” do que as mulheres. Com o objetivo de impor esse sistema de exploração e opressão, o mais antigo e aquele que é o mais perenizado entre

todos, e de forma a mantê-lo em vigência, a violência ou a ameaça estabelecidas (hierarquização, submissão, obediência, etc.) da Região da Fronteira desenvolveu-se tendo como sustentáculo essa hierarquização dos indivíduos segundo seu sexo. Nesse contexto, a alteridade é vista e construída mais como uma ameaça mais do que como uma riqueza. Assim, a necessidade de dominar para sobreviver, a vontade de manter os privilégios inerentes ao estatuto do opressor levam ao emprego da violência como afirmação da masculinidade e como ferramenta para a manutenção da dominação. Cria-se desta forma uma verdadeira solidariedade entre os homens para que essa situação perdure. Enquanto não quisermos discutir estas realidades e encará-las de frente, enfrentá-las, mesmo à custa de riscos e perdas, não conseguiremos eliminar a violência contra as mulheres.

A dominação sexista normalmente se define em função do sistema econômico dominante, do modo de produção vigente. O modo de produção capitalista coexiste portanto com a dominação patriarcal que lhe era anterior e a utiliza para seu maior proveito. Os regimes ditos “socialistas” também coexistiram com o patriarcado e a experiência histórica das mulheres com relação a esse tipo de sociedades convenceu-as de que a mudança para um regime “progressista” não criou paralelamente e de maneira automática uma igualdade e a erradicação da violência contra elas. Evidentemente, as mulheres estão presentes em todas as classes sociais. No emprego assalariado, a maioria em trabalho precário, flexível, em tempo parcial, ou desempregadas. São elas que fazem ainda praticamente todas as tarefas domésticas gratuitamente. Esses espaços de vulnerabilidade suplementares podem ser tanto zonas sensíveis ao aumento da violência como a dificuldade maior para dela escapar.

Da mesma maneira, as discriminações racistas fragilizam as mulheres de forma considerável. Esses diferentes modos de opressão se conjugam, se interpenetram e se

reforçam mutuamente. Entretanto, uma análise mais profunda sobre estes aspectos ficará para estudos posteriores.

Notei também o quanto é acentuada a criação do preconceito desfavorável nas mulheres. Por exemplo: elas se julgam “incapazes” para dirigir carr os porque “eles as criticam muito quando estão na direção”, ou porque são “eles os donos do carro”, com raras exceções.

Explicito as respostas, na tabela seguinte, inclusive para que se possam contrastar as respostas dadas pelas professoras-alunas da zona rural e urbana:

**Tabela 15 - Pergunta n° 53 do Questionário**

53. A família tem carro?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim (22,59%)	7	Sim (73,92%)	17	Sim (44,45%)	24
Não (77,41%)	24	Não (26,08%)	6	Não (55,55%)	30
Total	31	Total	23	Total	54
Se tem, quem o dirige?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
A mulher	-	A mulher	-	A mulher	-
Ambos	1	Ambos	6	Ambos	7
O homem	6	O homem	11	O homem	17
Zona rural		Zona urbana		Total	
Subtotal	7	Subtotal	17	Subtotal	24
Justifica tua resposta – “ambos”:					
Mas quando saímos juntos é ele quem dirige	1	Mas quando saímos juntos é ele quem dirige	6	Mas quando saímos juntos é ele quem dirige	7
Subtotal	1	Subtotal	6	Subtotal	7
Justifica tua resposta – “o homem”:					
Porque ele é "o homem"	1	Porque ele é "o homem"	2	Porque ele é "o homem"	3
Porque ele é o dono	1	Porque ele é o dono	1	Porque ele é o dono	2
Porque ele tirou carteira: eu fiz o curso, mas ele não me deixou tirar a carteira	1	Meu marido e meu filho (eles dizem que mulher é muito barbeira)	1	Meu marido e meu filho (eles dizem que mulher é muito barbeira)	1
Porque eu não sei dirigir e ele não me deixa aprender	1	Porque só ele tem carteira	2	Porque só ele tem carteira	2
		Porque ele tirou carteira: eu		Porque ele tirou carteira: eu	

Porque ele diz que mulher não dirige carro	1	fiz o curso, mas ele não me deixou tirar a carteira	1	fiz o curso, mas ele não me deixou tirar a carteira	2
Porque ele sempre me critica e diz que não sei dirigir direito	1	Porque eu não sei dirigir e ele não me deixa aprender	2	Porque eu não sei dirigir e ele não me deixa aprender	3
		Porque ele diz que eu não dirijo bem	2	Porque ele diz que mulher não dirige carro	1
				Porque ele diz que eu não dirijo bem	2
				Porque ele sempre me critica e diz que não sei dirigir direito	1
Subtotal	6	Subtotal	11	Subtotal	17

Tanto na zona rural como na zona urbana, mesmo quando “ambos” dirigem, a prerrogativa de dirigir o carro quando saem juntos é do “homem”. Elas se acreditam “barbeiras”, pois são criticadas de não dirigir bem, ou porque ele é o “homem”, portanto, o “chefe”, ou “não deixa” a mulher dirigir o carro: é “dele”.

Quanto à participação no orçamento familiar, 2 alunas colocaram que é o marido que sustenta a família. Das outras, *todas* participam das despesas domésticas, de uma forma ou de outra. Em alguns casos, o marido é quem decide o que fazer com o dinheiro de ambos; em outros, a mulher assume as despesas da casa (mas, no caso da mulher, deter o ‘poder econômico’ não lhe confere poder algum, porque o marido continua a decidir). Duas colocaram que é o “marido” que sustenta a família: em alguns casos, para a mulher é conveniente “ficar na dependência econômica” do marido: é mais cômodo. Nestes casos (naturalmente, desde que não se trate de desejo/imposição do marido, mas sim de acomodação da mulher), ela também não tem o direito, no meu entender, de reivindicar “direitos iguais”. “Direitos iguais” (conforme a Constituição Federal de 1988) referem -se a “direitos” e a “deveres” iguais.

Exemplifico através da tabela:

Tabela 16 - Pergunta n° 54 do Questionário

54. Como é administrada a renda familiar?		
Zona rural	Zona urbana	Total
Juntam o dinheiro e dali sai para todas as despesas numa conta única 10	Juntam o dinheiro e dali sai para todas as despesas numa conta única 2	Juntam o dinheiro e dali sai para todas as despesas numa conta única 12
(Continuação) 54. Como é administrada a renda familiar?		
Zona rural	Zona urbana	Total
As despesas são divididas: um se encarrega de umas e outro de outras 8	As despesas são divididas: um se encarrega de umas e outro de outras 5	As despesas são divididas: um se encarrega de umas e outro de outras 13
O marido decide o que fazer com o dinheiro de ambos 9	O marido decide o que fazer com o dinheiro de ambos 2	O marido decide o que fazer com o dinheiro de ambos 11
É o marido que sustenta a família -	É o marido que sustenta a família 2	É o marido que sustenta a família 2
Tu é que decides o que fazer com o teu dinheiro, e ele é que decide o que fazer com o dele 2	Tu é que decides o que fazer com o teu dinheiro, e ele é que decide o que fazer com o dele 7	Tu é que decides o que fazer com o teu dinheiro, e ele é que decide o que fazer com o dele 9
<i>Outra opção - qual?</i>	<i>Outra opção - qual?</i>	<i>Outra opção - qual?</i>
Eu é que sustento a família: eu assumo todas as despesas 1	Às vezes um empresta para o outro 1	Às vezes um empresta para o outro 1
Não respondeu 1	Minha parte não fica só para mim 1	Minha parte não fica só para mim/ele decide o que fazer com o "meu dinheiro" e o dele "some" 2
	Ele decide o que fazer com o "meu dinheiro" e o dele "some" 1	Eu é que sustento a família: eu assumo todas as despesas 3
	Eu é que sustento a família: eu assumo todas as despesas 2	Não respondeu 1
Total 31	Total 23	Total 54

Algumas, complementaram a resposta, dizendo:

- Eu sou responsável pelo sustento da casa. O dinheiro dele é só dele. Se eu não tenho dinheiro para dar para ele, ele enfurece. Até o que eu compro para os filhos tem que ser escondido, eu tenho que "roubar de mim mesma" – o autoritarismo e a dominação do marido é a tal ponto que ela tem de dispor do que é seu "escondido": está implícita a presença do medo;

- Porque alguém tem de trabalhar e sustentar a família. *Não posso deixar meus filhos com faltas;*
- Ele sempre me pede “emprestado” e diz que depois me paga, só que eu nunca vejo a cor do dinheiro;
- Eu tenho que dar um dinheiro para ele, porque ele diz sempre que está precisando.

Essas mulheres, além de participarem do orçamento familiar, muitas delas entregarem seus salários para os maridos, ainda tiveram que “pedir licença” para vir cursar a Faculdade!

Para confirmar (ou não) as respostas, insisti em “casos em que o marido manda na mulher”. Então, questionei e obtive os resultados apresentados na seguinte tabela (que permitem uma forma de visualização mais objetiva para posterior análise):

**Tabela 17 - Pergunta n° 30 do Questionário**

30. Conheces casos em que o marido manda na mulher?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Vários (83,87%)	26	Vários (86,95%)	20	Vários (85,18%)	46
Poucos (16,12%)	5	Poucos (13,05%)	3	Poucos (14,81%)	8
Nenhum (0%)	-	Nenhum (0%)	-	Nenhum (0%)	-
Total	31	Total	23	Total	54
Se conheces, por que isso acontece?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque ele é que é o mandão	2	Porque ele é que é o mandão	-	Porque ele é que é o mandão/porque a maioria dos homens se acha dono da mulher	5
Porque eles são violentos e a mulher tem de se submeter	2	Porque eles são violentos e a mulher tem de se submeter	-	Porque eles são violentos e a mulher tem de se submeter/porque a mulher tem medo do marido/por medo de perder o marido ( <i>medo</i> )	12
Porque a mulher tem medo do marido ( <i>medo</i> )	3	Porque a mulher tem medo do marido ( <i>medo</i> )	3		
Porque as mulheres são mais humildes/são muito submissas	2	Porque as mulheres são mais humildes/são muito submissas	1		
Porque a maioria dos homens se acha dono da		Porque a maioria dos homens se acha dono da			

mulher	2	mulher	1	submissas	3
Porque ele sustenta a casa e acha que, por isso, pode tudo ( <i>poder econômico</i> )	4	Porque ele sustenta a casa e acha que, por isso, pode tudo ( <i>poder econômico</i> )	2	Porque ele sustenta a casa e acha que, por isso, pode tudo/porque a mulher depende financeiramente do marido/ porque meu marido ganha mais do que eu e acha que pode me mandar	
Porque a mulher depende financeiramente do marido ( <i>poder econômico</i> )	3	Porque a mulher depende financeiramente do marido ( <i>poder econômico</i> )	5		

(Continuação) 30. Conheces casos em que o marido manda na mulher? Se conheces, porque isso acontece?

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque a mulher se deixou dominar/não se valoriza -	Porque a mulher se deixou dominar/não se valoriza 6	( <i>poder econômico</i> ) 21
Insegurança dos homens -	Insegurança dos homens 1	Porque a mulher se deixou dominar/não se valoriza 6
Porque é assim: primeiro, manda o pai, e depois, o marido 2	Porque é assim: primeiro, manda o pai, e depois, o marido -	Insegurança dos homens 1
Porque meu marido ganha mais do que eu e acha que pode me mandar ( <i>poder econômico</i> ) 5	Porque meu marido ganha mais do que eu e acha que pode me mandar ( <i>poder econômico</i> ) 2	Porque é assim: primeiro, manda o pai, e depois, o marido 2
Porque os homens desvalorizam as mulheres 2	Porque os homens desvalorizam as mulheres -	Porque os homens desvalorizam as mulheres 2
Porque acham que a mulher “só sabe cuidar dos filhos” 1	Porque acham que a mulher “só sabe cuidar dos filhos” 1	Porque acham que a mulher “só sabe e cuidar dos filhos” 2
Por medo de perder o marido ( <i>medo</i> ) 3	Por medo de perder o marido ( <i>medo</i> ) 1	
Total 31	Total 23	Total 54

E, na tabela abaixo, apresento o inverso do questionamento:

Tabela 18 - Pergunta n° 31 do Questionário

31. Conheces casos em que a mulher manda no marido?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Vários (0%)	-	Vários (0%)	-	Vários (0%)	-
Poucos (38,71%)	12	Poucos (39,14%)	9	Poucos (38,89%)	21
Nenhum (61,29%)	19	Nenhum (60,86%)	14	Nenhum (61,11%)	33
Total	31	Total	23	Total	54
Se conheces, porque isso acontece? – resposta “poucos”					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Quando ela ganha mais do que ele/quando ela estuda e trabalha, tem o seu dinheiro e aí ele não manda nela/quando a mulher trabalha e tem independência econômica, aí ela se impõe ( <i>poder econômico</i> )	7	Por ciúmes	2	Por ciúmes	2
Quando ela tem mais instrução	2	Quando ela ganha mais do que ele/quando ela estuda e trabalha, tem o seu dinheiro e aí ele não manda nela/quando a mulher trabalha e tem independência econômica, aí ela se impõe ( <i>poder econômico</i> )	4	Quando ela ganha mais do que ele/quando ela estuda e trabalha, tem o seu dinheiro e aí ele não manda nela/quando a mulher trabalha e tem independência econômica, aí ela se impõe ( <i>poder econômico</i> )	11
(Continuação) 31. Conheces casos em que a mulher manda no marido? Se conheces, porque isso acontece? – Resposta “poucos”					
Zona rural		Zona urbana		Total	
A mulher tem que “tomar as rédeas da casa quando o marido ‘bebe’ e não faz nada”	3	Porque essas mulheres é que são inteligentes	2	Porque essas mulheres é que são inteligentes	2
		Porque tem homens que gostam de ser dominados, é raro mas existe	1	Porque tem homens que gostam de ser dominados, é raro mas existe	1
				Quando ela tem mais instrução	2
				A mulher tem que “tomar as rédeas da casa quando o marido ‘bebe’ e não faz nada”	3
Subtotal	12	Subtotal	9	Subtotal	21

Entra aqui, de novo, a questão econômica associada ao poder. Quem detém o poder econômico se autoriza a ter poder. E os maridos querem que elas ganhem mais, porque se beneficiam com isso, mas ao mesmo tempo se tornam mais inseguros, e, portanto, mais dominadores, estabelecendo-se um círculo vicioso. Entretanto, pelas respostas dadas, a

mulher se utiliza do poder econômico como “suporte de autoridade” muito menos do que o homem. Outra coisa que ficou evidente foi a presença do medo na vida das mulheres (violência simbólica) de os maridos as abandonarem (ou darem motivo para serem traídas). O abandono de uma mulher pelo marido, na Região da Fronteira, serve de motivo para “comentários” desagradáveis e discriminação, o que vai ser confirmado pelas entrevistas e pela complementação dada à última resposta do questionário. Para visualizar melhor as respostas, apresento a seguinte tabela:

**Tabela 19 - Pergunta n° 45 do Questionário**

45. Alguma vez te sentiste na obrigação de fazer alguma coisa que não querias porque sentiste uma ameaça velada de que se não fizesses ele te deixaria ou procuraria outra?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim (80,64%)	25	Sim (47,82%)	11	Sim (66,66%)	36
Não (19,36%)	6	Não (52,18%)	12	Não (33,33%)	18
Total	31	Total	23	Total	54
Algumas alunas complementaram a resposta da seguinte maneira:					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque ele disse que, se eu não fizesse, ele me matava	1	Só na relação sexual	3	Porque ele disse que, se eu não fizesse, ele me matava	1
"E muitas vezes"	12			"E muitas vezes"	12
Sim, na relação sexual	5			Na relação sexual	8
Subtotal	18	Subtotal	3	Subtotal	21

Aqui começa a aparecer a relação sexual, evidenciando-se como um dos fatores da dominação masculina. Para ter uma idéia clara de quem decide em casa, perguntei se já tinham ouvido alguma mulher dizer a um filho “teu pai é quem decide”. Percebi, pelas respostas, que elas responderam baseadas na “sua” realidade familiar. Uma resposta me chamou a atenção: “Por medo de assumir a responsabilidade, aí ela transfere para o marido”. Seria medo da *responsabilidade*, ou seria *medo* da responsabilidade? Nestas situações, é cômodo para a mulher jogar ao pai o poder decisório, porque se esquivava perante os filhos.

Sabe-se que este fato acontece. Mas percebi que a maioria *não detém o poder decisório*.

(Como suas mães não detinham...) Visualiza-se melhor pela tabela:

**Tabela 20 - Pergunta n° 33 do Questionário**

33. Já ouviste alguma mulher dizer a um filho: ‘teu pai é quem decide’?					
Zona rural		Zona urbana		Total	
Freqüentemente ouvi (90,32%)	28	Freqüentemente ouvi (78,26%)	18	Freqüentemente ouvi (85,80%)	46
Raramente ouvi (9,68%)	3	Raramente ouvi (21,74%)	5	Raramente ouvi (14,20%)	8
Nunca ouvi (0%)	-	Nunca ouvi (0%)	-	Nunca ouvi (0%)	-
Total	31	Total	23	Total	54

Apareceram como justificativas da resposta ‘freqüentemente’:

- Na minha casa, não que eu diga, mas é sempre o meu marido que diz que quem decide é ele – 1 resposta;
- Porque ele é o chefe da família/porque o homem é quem decide o que os filhos e a mulher devem fazer/porque o pai ainda é o ‘modelo’: é ele quem decide/porque o poder decisório ainda é do homem/porque ele (o homem) é que tem a ‘última palavra’/porque a palavra final é sempre do homem/porque quem manda é o homem – 16 respostas;
- Porque meu pai sempre me mandou (em mim e na mãe), e eu digo isso até mesmo sem querer/porque meu pai sempre decidia e, quando eu vejo, estou dizendo isso – 8 respostas;
- Para não haver briga entre o casal - 4 respostas;
- Porque a mulher tem *medo* de discordar do marido/porque a mulher tem *medo* de mandar uma coisa e depois o marido mandar outra/ por *medo* de assumir a responsabilidade, aí ela transfere a responsabilidade/a mãe empurra para o pai

porque *não pode* decidir sozinha/ para não ter que enfrentar o companheiro se ele discordar da decisão dela – 17 respostas.

Apareceram como justificativa da resposta ‘raramente’:

- Por medo do marido – 1 resposta;
- Por estratégia da mulher – 1 resposta;
- Porque, para alguns homens, sempre quem decide é ele – respostas.

Aqui reforça-se a “naturalização” da autoridade masculina como o “chefe do casal”, o “chefe da família”. Uma das coisas que o gaúcho da fronteira faz que são de frisar em suas provas de virilidade é a sua intensa atividade sexual, para a qual são “necessários” muitos “encontros proibidos”. Para Zanotelli (2000, p. 292), “a mulher ‘como objeto de cama e mesa’, como objeto de prazer é instrumento de desejo, idéia profundamente machista, determinará a história do feminino nos dois últimos séculos e marcará também o Rio Grande do Sul.”

Como a sexualidade faz parte do mito do “centauro do pampa”, que é meio homem, meio animal, meio gaúcho e meio cavalo (com o qual, o reprodutor, o gaúcho se identifica), cedo começa a preocupar-se com a iniciação sexual do filho “macho”. O gaúcho da fronteira “não leva desaforo para casa”, não aceita ironias ou ofensas. Mas, em momentos “pacíficos”, pode até aceitá-los; menos ser, ou ter alguém na família, “corno” ou “veado”. Zeloso e ciumento da mulher, irmãs e filhas, é freqüentador assíduo de “cabarés”, ainda hoje, que lhe atribuem *status* de macho. Não raro é perderem-se fortunas em bordéis, onde ontem o “coronel” e hoje os “descendentes” dele e das famílias tradicionais, em determinadas noites, “fecham as boates” e para lá vão com seus amigos. Há uma grande preocupação em demonstrar a virilidade dos filhos. Questionei se as professoras-alunas já haviam visto algum

pai ficar preocupado porque o filho estava demorando a iniciar sua vida sexual. 90,32% das professoras-alunas da zona rural e 60,86% das professoras-alunas da zona urbana (77,77% do total) responderam que sim. Entre outras, foram apresentadas as seguintes justificativas para essa resposta:

- Porque os homens precisam provar para os outros que o filho é macho que nem eles; porque ele quer saber se o filho é normal; porque tem medo que ele não se interesse por mulher/porque o pai tem medo que o filho seja "bicha"; conheci um pai que mandava os filhos para os cabarés; a mulher deve casar virgem e o homem não deve casar virgem (' senão, tem até piada' ).

Cruzando esta questão com uma das entrevistas, é interessante ressaltar um trecho da entrevista com Zu, 54 anos, zona rural, confirmando esta idéia que, principalmente na zona rural, é muito forte:

*Era comum os patrões se relacionarem com as empregadas, mesmo casadas?*

R – Isso, já na minha época, não era comum. O que eu ouvia, antigamente, era comum, mas na minha época, não.

*Tu achas que os meninos que foram criados na tua época, na Campanha, tratavam a mulher como alguém igual ou como alguém inferior?*

R – Eu acho... que os meninos, da forma como foram criados... Tratavam a mulher como uma espécie de uma princesa que estava numa redoma, separada, que merecia todo o respeito, e que não se podia jamais molestá-la, em situação nenhuma.

*Mas isso seriam as meninas de classe média e de classe alta?*

R – Sim, as meninas “de família”, naturalmente. Agora, havia aquelas chamadas “frutas do mato” que eram aquelas meninas mais humildes e tal, que eram tratadas como pessoas iguais e tudo mais, mas eu acho que não havia uma intenção de desrespeito não. O que havia era em relação àquelas empregadas que já eram, como se chamava, “da vida”. Então em relação a essas é que havia uma liberdade. Agora, em relação às meninas [‘de família’], sempre houve respeito.

[...]

*E tu achas que as mulheres são machistas?*

R – Eu acho que as mulheres, no fundo, são mais machistas do que os homens. E elas que incutem, muitas vezes, nos próprios filhos desde pequenos esse machismo.

*E em que momento tu achas que isso pode ser percebido?*

R – Eu, muitas vezes, percebi mesmo que a mãe é que muitas vezes estimulava o filho a passear, chegar tarde e a se envolver. Inclusive, conheci mulheres que contratavam conhecidas que viessem até sua casa e eram estimuladas para que pousassem e tivessem relacionamento com seus filhos, coisa que com as filhas não acontecia.

*E tu achas que esse tipo de educação traz alguma repercussão na vida escolar?*

R – É, eu acho que isso sempre traz uma repercussão na vida escolar porque esse machismo, se ele existe e principalmente a mãe incute, isso fica arraigado nas pessoas e a criança vai levar para a escola, os professores se estiverem contaminados por esse machismo também vão colaborar com isso e até fortalecer esse tipo de sentimento.

[...]

*E como era a vida sexual dos homens na Campanha?*

R – O menino na Campanha, naturalmente, convive com a natureza. Então é levado a convivência com a peonada, os peões, que são pessoas rudes e com pouca educação. Então ele se habitua a ver na própria natureza os animais fazendo sexo e também se cria fazendo sexo com animais e acha aquilo muito natural e é, até de certa forma, estimulado pelos homens adultos.

*Essa ligação, essa comparação que o gaúcho faz da mulher com a égua, o que tu terias a dizer a respeito disso?*

R – Bom, o gaúcho... basta dizer que o dono da casa, o patrão jamais andava em égua. Certamente para evitar que houvesse alguma maledicência qualquer em relação a qualquer coisa. Entre os peões era comum sair em égua, era um desejo que eles tinham sair em égua, principalmente à tardinha. Isso porque a égua substituía muitas vezes a falta da mulher, que era comum na Campanha. Embora os meninos, principalmente, se valessem depois de uma certa idade era comum ter relações com as empregadas. Dormiam, geralmente, em peças na rua. E isso facilitava bastante esse tipo de relação.

*E não surgiam gravidez indesejadas?*

R – Era comum acontecer gravidez indesejada e muitas vezes os filhos nasciam e não sabiam de quem eram.

[...]

*Tu conheces algum ditado popular sobre o gaúcho?*

R – Têm muitos. Por exemplo: ‘Cachaça, mulher e bolacha em qualquer parte se acha’. Isso era comum se dizer. ‘Toda mulher é égua e toda égua é mulher’, coisas desse tipo assim, não me recordo nesse momento de outros ditados. Isso era comum se fazer. Por exemplo, uma comparação da égua com a mulher era muito comum.

*E tu não percebes aí uma relação de superioridade do homem em relação à mulher?*

R – Depende do ângulo que se olha. Eu não vejo assim como uma dominação totalmente em relação à mulher. Eu não vejo pelo lado de dominação, eu vejo como algo natural que tava arraigado ao indivíduo, ao homem. Ele misturava as coisas. Mas eu acho que não era uma coisa feita por mal, ou, pelo menos, conscientemente não.

*Tu achas que um caso extraconjugal é uma coisa natural para o homem?*

R – Não, eu acho que um caso extraconjugal na verdade é uma agressão, tanto para o homem quanto para a mulher. Depende da formação de cada um, mas na minha opinião é uma agressão.

*E essa história que os homens dizem que uma relação aqui e outra ali não deixa marca e não interfere no sentimento que tem com a esposa. Qual é a tua opinião?*

R – Eu acho o seguinte: o relacionamento, dizer que não interfere no sentimento, eu acho que isso é muito relativo, não é uma coisa que possa se dizer

que é um lugar comum. Em determinados casos eu até acredito que um relacionamento esporádico fora, que não afete. Mas eu continuo dizendo que eu entendo como uma agressão, sempre.

[...]

*O casamento do teu pai e da tua mãe foi adiado. Por quê?*

R – O casamento foi adiado, segundo me consta, porque ele tinha tido uma doença venérea muito forte e não tava perfeitamente curado. Então o médico disse que ele precisava ficar bem bom para que não houvesse risco nenhum, não só de contaminação, como para que não pudesse afetar os futuros filhos.

*Era comum naquela época os rapazes terem doenças venéreas?*

R – Naquela época não só era comum como era até bonito. O rapaz tinha que ter uma doença venérea para provar que conhecia mulher e que era homem.

*Os pais faziam algum tipo de cobrança, mesmo que fosse numa maneira velada, quando o rapazinho custava a ter iniciação sexual?*

R – Eu acredito que sim. Pelo que eu sei era motivo de orgulho pros pais quando o rapaz saía de casa e descobriam que ele andava com mulher.

*Era comum os pais levarem os filhos em cabarés?*

R – Não, isso não me consta que os pais levassem os filhos em cabarés. Agora, o que se sabe, é que os filhos freqüentarem cabarés era motivo de orgulho para os pais. (Entrevista com ZU, 54 anos, zona rural)

Este relato me parece bastante simples, demonstrando fatos do cotidiano da zona rural e que pouco são falados, mas que são História. Relatam uma visão de mundo de trinta a quarenta anos atrás. Segundo conversas informais com as professoras-alunas depois das entrevistas, perguntei a algumas outras como eram esses fatos, e como são hoje. As respostas que obtive, em tom zombeteiro, ou com um sorriso: “Não mudou muito, professora! Não mudou!” e relataram:

...A mãe que educa os guris ela tem que ensinar eles a ser macho. Não tem muita frescura de beijo e abraços pros guris. E a mãe sabe que os guris andam transando com as terneiras, as éguas e as porcas. É todo mundo faz que não vê, que não sabe. Mas até a mãe sabe! Agora, depois de “pegar mulher”, aí sim, né, professora, aí não dá.” (BIANCA).

Dessas relações dos patrões com as empregadas, nasciam os “filhos de criação”, que contavam até com a concordância da patroa, porque era aí que elas provavam prá outras (e eles pros outros) que o marido dela era macho! (NEUZA)

E, professora: quanto mais filho, mais macho! (MADÁ)

E aí também tinham bastante gente pra trabalhar de graça! E os “caras” não ficavam abandonados! Hoje é que a gente é cheia de frescura, na cidade. Mas *no campo a coisa continua como era*. Os alunos da gente até contam! (BIANCA)

Questionei se as professoras-alunas já haviam ouvido algum homem dizer que estava traindo a mulher porque “estava solteiro”, isto é, sua mulher não estava em casa, estava longe ou viajando. Das 54 professoras-alunas, 68,51% responderam que “sim, freqüentemente” (74,99% na zona rural e 60,86% na zona urbana), e 22,22% responderam que “sim, raramente” (16,12% na zona rural e 30,43% na zona urbana). Entre as justificativas das respostas “sim, freqüentemente” e “sim, raramente”, obtive as seguintes, que, para tornar mais fácil o entendimento, apresento em forma de tabela:

**Tabela 21 - Justificativas das Respostas à Pergunta nº 37 do Questionário**

Zona rural	Zona urbana	Total
Eles alegam que a mulher saiu e não deu atenção para ele 2	Eles alegam que a mulher saiu e não deu atenção para ele 2	Eles alegam que a mulher saiu e não deu atenção para ele/que procuram "fora" 6
Porque no homem o instinto sexual é mais forte 7	Porque no homem o instinto sexual é mais forte 4	porque não têm "em casa" 6
Eles dizem que "não podem ficar sem mulher" 5	Eles dizem que "o que os olhos não vêem, o coração não sente" 3	Porque no homem o instinto sexual é mais forte/porque "não podem ficar sem mulher" 19
Porque ele diz "sou homem, eu posso" 4	Eles dizem que "não podem ficar sem mulher" 3	Eles dizem que "o que os olhos não vêem, o coração não sente" 3
Porque já vi os homens comentarem isso com os outros homens 1	Ele alega que "estava carente" 1	
(Continuação) Justificativas à pergunta nº 37 do Questionário:		
Zona rural	Zona urbana	Total
Porque isso faz parte da educação machista: o homem longe da mulher é "homem liberado" 1	Porque ele diz "sou homem, eu posso" 2	Ele alega que "estava carente" 1
Porque homem não pode ver "rabo de saia" 1	Porque isso faz parte da educação machista: o homem longe da mulher é "homem liberado" 3	Porque ele diz "sou homem, eu posso" 6
Eles alegam que são muito "machos" 2	Eles alegam que procuram "fora" porque "não têm em casa" 2	Porque já vi os homens comentarem isso com os outros homens 1
Eles alegam que são homens, e "homem não pode ficar sem sexo" 5	Eles alegam que são homens, e "homem não pode ficar sem sexo" 1	Porque isso faz parte da educação machista: o homem longe da mulher é "homem liberado" 4
		Porque homem não pode ver "rabo de saia" 1
		Eles alegam que são muito "machos" 2
		Eles alegam que são homens, e "homem não pode ficar sem sexo" 6
Subtotal - "sim" 28	Subtotal - "sim" 21	Subtotal - "sim" 49

Quanto à resposta “não”, obtive a justificativa de que elas “não ouviram, mas sabem que eles dizem isso uns para os outros” (3 respostas).

Perguntei se elas já haviam ouvido algum homem dizer que, se a esposa adoece e não pode manter relações sexuais por algum tempo, ele teria o direito de procurar outras mulheres, pois, afinal, ele é homem, e não “pode ficar sem fazer sexo”. 7,40% das professoras-alunas responderam que “nenhum” (sendo 17,39% das professoras -alunas da zona urbana e “nenhuma” das professoras -alunas da zona rural), 31,48% responderam que “poucos” (16,12% da zona rural e 52,17% da zona urbana) e 61,11% responderam que vários (83,87% da zona rural e 30,43% da zona urbana). Perguntei se já haviam ouvido o mesmo de alguma mulher. Todas as respostas foram “não”. Para as duas questões, apareceram as seguintes justificativas, que se visualizam melhor na tabela abaixo:

**Tabela 22 - Justificativas das Respostas às Perguntas nº 40 e 41 do Questionário**

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque, para a mulher, sexo é "com amor", e para o homem, não	6	Porque, para a mulher, sexo é "com amor", e para o homem, não/porque,
Porque homem não pode viver sem sexo	1	"quando a mulher gosta dum homem, ela só quer fazer sexo com ele, e, se ele não pode, ela espera"/
Porque a mulher é mais compreensiva com o marido	4	porque seria absurdo uma mulher gostar de um homem e fazer sexo com outro, só "sexo por sexo" 15
Porque a mulher aprendeu a ser fiel	3	Porque homem não pode viver sem sexo/porque, para a maioria das pessoas, o homem tem que satisfazer sempre que quiser as suas necessidades sexuais e a mulher, não (não precisa) 11
Porque, "quando a mulher gosta dum homem, ela só quer fazer sexo com ele, e, se ele não pode, ela espera"	1	Porque a mulher é mais compreensiva com o marido/porque a mulher aprendeu a ser fiel/porque o homem acha a traição normal, e a mulher, não 22
Porque o homem acha a traição normal, e a mulher, não	6	Porque as mulheres são mais submissas 3
Porque as mulheres são mais submissas	2	Porque a mulher tem medo de uma reação violenta do marido 1
Porque "algumas mulheres têm medo de uma reação violenta do marido, que batam nelas ou até as mate, e os homens não têm medo da mulher, porque ela é	1	Porque, para a maioria das pessoas, o homem tem que satisfazer sempre que quiser as suas necessidades sexuais

fisicamente mais fraca Porque, para a maioria das	1	e a mulher, não (não precisa) Porque seria absurdo uma	5	
mulheres têm medo de uma reação violenta do marido Porque uma mulher, quando ama, ama de verdade, e faz qualquer sacrifício pelo homem, mas o homem não faz nenhum sacrifício pela mulher. Ele só exige, não abre mão de nada e quer sempre estar "ele" bem	2	mulher gostar de um homem e fazer sexo com outro, só "sexo por sexo" Porque uma mulher, quando ama, ama de verdade, e faz qualquer sacrifício pelo homem, mas o homem não faz nenhum sacrifício pela mulher. Ele só exige, não abre mão de nada e quer sempre estar "ele" bem	2	1
Total	31	Total	23	Total
				54

Questionei, também, se as professoras-alunas já viram, na prática, o homem e a mulher terem a mesma liberdade sexual. Obtive 90,74% de respostas “não” (96,77% na zona rural e 82,60% na zona urbana). Entre as alunas que responderam “sim”, apareceram as seguintes justificativas:

- Quando há um acordo/ consenso; quando a mulher é mais liberada, mesmo que seja criticada por isso; quando o marido é um "corno manso", mas isso é raro (*sic*).

Entre as que responderam “não”, obtive as seguintes justificativas:

- Porque o homem tem o instinto sexual mais forte do que a mulher; porque a mulher é educada para casar e amar, e o homem é educado para "fazer sexo", e a mulher, para se “preservar sexualmente”; porque, para o homem, é "normal a traição, porque ele é homem"/porque o homem pode tudo; por causa da moral; por causa do machismo/da cultura machista; porque, quando a mulher é mais livre, é discriminada pelas outras mulheres e até os homens "que transam com ela não a respeitam"; uma mulher, conforme o caso, até pode aceitar a traição do homem, mas o homem não aceita a traição da mulher/porque a mulher, às vezes, perdoa, e

aí eles ficam "fazendo e se achando"; às vezes, é um casamento de aparência, e o homem tem "casos" fora de casa, e a mulher se acomoda ou tem "medo de enfrentar ele"; sexo é "coisa para homem. Mulher tem que se submeter à vontade do marido, na cama ou fora dela."

A idéia de aceitar a traição/infidelidade masculina é vista ainda hoje como "natural" e "perdoável". É o sexo desligado do amor, é o prazer pelo prazer. Para a mulher, o sexo é tido como uma "demonstração", uma "decorrência" do amor. É o paradigma da sociedade androcêntrica e da moral instituída pelos homens. As mulheres, em meados do século XX, eram aconselhadas a fazer "vistas grossas" à infidelidade do marido, até mesmo por meio de livros, revistas e periódicos. Na atualidade, a "moda" é o "ficar", é a relação sem compromisso. Mas nas pequenas cidades da Região da Fronteira, mais acentuadamente no interior, ainda vige uma moral mais conservadora (para as mulheres, é claro!) O homem, a exemplo da família patriarcal, "pode tudo", e "ter casos" é visto como sinal de masculinidade (que é preciso 'provar' perante os outros homens e mulheres).

Perguntei às professoras-alunas se elas achavam que o homem tinha o instinto sexual mais forte do que a mulher. 83,33% responderam que "sim" (96,77% da zona rural e 65,21% da zona urbana). Como justificativas das respostas "sim", obtive, entre outras, as seguintes:

- *Por sua atitude machista (aqui há uma visibilização do machismo); porque o homem age por instinto/porque a natureza dele é assim/"devido à sua necessidade"/porque eles dizem que na natureza também é assim – "há um touro para um monte de vacas" (aparece aqui a "naturalização" da diferença sexual pelos aspectos biológicos, inclusive sendo feitas comparações com os animais, que não amam, agem por instinto); porque ele foi criado pensando assim/pelo tipo de*

cultura/depende da educação; porque ele é mais forte e violento; porque o homem é razão e a mulher é emoção; porque o homem raramente se contém/ porque a mulher aprende a se controlar e o homem, não; porque, para o homem, "qualquer hora é hora"/ porque o homem está sempre pensando em sexo e vendo sexo em tudo; porque eles nunca se contentam com uma mulher só, sempre tem que ter outra.

*Torna-se evidente a "naturalização" das diferenças entre os sexos, mais uma vez.*

Entre as respostas "não", obtive as seguintes justificativas:

- O homem tem é mais liberdade sexual/incentivo dos pais para mostrar que é "macho"; *depende da educação* (aqui há um des-vendamento da situação. Duas alunas percebem que "a educação" faz a diferença).

A grande maioria das professoras-alunas acredita que o homem tem, "naturalmente", o instinto sexual mais forte, o que justifica as relações extraconjugais, não percebendo que também isto é uma construção social.

Interessou-me saber qual a idéia que as professoras-alunas tem de "machismo". As respostas obtidas foram as seguintes, que apresento em forma de tabela:

Tabela 23 - Pergunta n° 96 do Questionário

96. O que tu entendes por 'machismo'? (Algumas alunas apresentaram mais de uma resposta)		
Zona rural	Zona urbana	Total
É o homem que não ajuda nada em casa 3	É o homem que não ajuda nada em casa 2	É o homem que não ajuda nada em casa 5
É aquele que menospreza a mulher 3	É aquele que menospreza a mulher 1	É aquele que menospreza a mulher/que não dá valor à mulher 9
É o homem "metido a besta" 2	É o homem que não dá valor à mulher 4	É o homem "metido a besta"/que se acha forte, poderoso e auto-suficiente/que pensa que tem poder e por isso pode tudo/é uma idéia de posse e de poder 19
É o homem que não dá valor à mulher 1	É um homem que se acha forte, poderoso e auto-suficiente 2	É um homem grosseiro, mal-educado, mandão e possessivo 8
É um homem que se acha forte, poderoso e auto-suficiente 4	É uma idéia de posse e de poder 4	É o desrespeito e a grosseria do homem 3
É um homem grosseiro, mal-educado, mandão e possessivo 8	É um homem grosseiro, mal-educado, mandão e possessivo 5	É o homem que pensa que tem poder e por isso pode tudo 5
É o desrespeito e a grosseria do homem 3	É o desrespeito e a grosseria do homem 4	É o homem prepotente 3
É o homem que pensa que tem poder e por isso pode tudo 5	É um homem racional, sem sensibilidade 4	É a atitude do homem grosso e ignorante, que não evoluiu 4
É o homem prepotente 3	É o homem que pensa que tem poder e por isso pode tudo 2	É aquele homem que pensa que sabe tudo, mas, na verdade, não evoluiu 35
É a atitude do homem grosso e ignorante, que não evoluiu 4	É o homem dominador 3	É um homem racional, sem sensibilidade 4
É aquele homem que pensa que sabe tudo, mas, na verdade, não evoluiu 4	É o homem prepotente 2	É o homem dominador/prepotente/que gosta de mandar 15
É o que eu vivo em casa 9	É a atitude do homem grosso e ignorante, que não evoluiu 6	É o que valoriza a "superioridade masculina" 4
	É aquele homem que pensa que sabe tudo, mas, na verdade, não evoluiu 6	
(Continuação) 96. O que tu entendes por 'machismo'? (Algumas alunas apresentaram mais de uma resposta)		
Zona rural	Zona urbana	Total
É o homem que gosta de mandar 3	verdade, não evoluiu 1	
	É o que eu vivo em casa 7	
	É o homem que gosta de mandar 4	
	É o que valoriza a "superioridade masculina" 4	
Total 52	Total 55	Total 107

Questionei, também: “tu achas que, em nossa região, o machismo ainda está presente?”, obtendo 100% de respostas “sim”. Entre as justificativas das respostas, surgem as seguintes:

- Sim, e sempre estará; sim, a gente vivencia isso; sim, pelos modos e palavras com que eles se dirigem às mulheres/pelas atitudes que eles tomam; sim, faz parte da cultura; sim, porque inclusive dizem que se a mulher consegue galgar um cargo mais alto é porque passou por muitas camas; sim, aqui na fronteira é horrível. Na Serra, já não é tanto; sim, porque até as mulheres são machistas; sim, sendo reforçado pela família; sim, porque, na maioria das vezes, a mulher espera do homem atitudes de homem (machistas); tem muito homem que não aceita a opinião da mulher.

A idéia do gaúcho da fronteira associada ao machismo é muito forte. O gaúcho é machista e faz questão de ser e de demonstrar que é, sendo motivo de orgulho. Tudo isto faz parte do *ethos* do gaúcho, sendo fomentado pelas representações do Imaginário social das mais diversas formas, e inculcado desde cedo nos meninos.

Perguntei se os homens se preocupam com a satisfação sexual da mulher. Obtive 9,29% de respostas “sempre” (3,22% da zona rural e 17,39% da zona urbana), 35,18% de respostas “às vezes” (32,25% da zona rural e 39,13% da zona urbana) e 55,55% de respostas “raramente” (64,51% da zona rural e 43,47% da zona urbana).

Todos esses fatos são impregnados pelo Machismo (Dominação Masculina e Simbólica) da Região da Fronteira.

Sexualidade machista, a do gaúcho?

Para muitos, o gaúcho é tido como machista. O conceito que dele se faz, Brasil afora, é o de um homem profundamente honesto, franco, mas rústico, rude, altivo, “grosso”, sem lapidação e sensibilidade cultural burguesa; andarilho e sem querência; encantado por sua prenda que ele furtivamente emprenha num baile de ramada, e vai embora, porque o “homem não se prende a nenhuma mulher”. De poucas palavras, desconfiado, brigador, esquivo e pouco amigo da polícia... Entrecruzado com outras etnias, o gaúcho hoje é visto também como hospitaleiro. (ZANOTELLI, 2000, p. 297)

Cruzando as respostas dos questionários com as entrevistas e os relatos, percebe-se que há uma certa identidade entre estas professoras-alunas, tanto as da zona rural entre si, como as da zona urbana (embora estas tenham uma visão um pouco menos conservadora) e entre as da zona rural e da zona urbana, no que se refere à dominação masculina (física ou simbólica), à idéia de como vêem o gaúcho, ao machismo e ao medo dos pais e maridos. Pude notar, entretanto, que a insatisfação sexual também é muito forte, sendo mais acentuada na zona rural (talvez porque sejam mulheres mais acanhadas e menos informadas, ou porque a atitude dos homens seja mais rude e desprovida de carinho, dissociando o amor da prática sexual, pelo que pude inferir).

Trechos da entrevista com Carmen, 44 anos, zona urbana:

*Tu já ouviste algum homem dizer que ele pode dar uma “escapadinha”, que ele pode pular a cerca, porque é coisa de homem?*

R. - Já, claro. Muitos. Geralmente o homem pode, a mulher não.

[...]

[O meu pai]... no lado sexual eu ouvi várias vezes ele dizer “olha, o homem pode, e a mulher, a mulher não, mas pela sociedade”... Ele não era, eu não vejo o meu pai como eu vejo os meus filhos, e eu acho que vejo um reforço de machismo nos meus filhos.

Trechos da entrevista com Madá, 52 anos, zona urbana:

*E tu achas que, na prática, nas decisões, a mulher decide tanto quanto o homem?*

R – Eu acho que sim, mas aqui na nossa região tem que ter a última palavra do homem.

[...]

*E o que tu entendes por masculinidade? O que é um homem macho?*

R – Homem macho é aquele que manda em casa, quer mandar em tudo. É ele que tem que escolher as coisas. Se a mulher quer escolher alguma coisa tem que consultar com ele primeiro, para ver se ele dá a palavra final.

*Quais são as características que tu entendes que são femininas?*

R – Olha, pra mim a mulher é mais dedicada para a casa, porque mesmo trabalhando fora ela se preocupa com a casa, com os filhos e com o próprio marido.

[...]

*E tu achas que o Magistério para séries iniciais é mais uma profissão para homem ou para mulher?*

R – Na minha opinião eu acho que é para mulher, a mulher é bem mais dedicada, ela tem luz maternal, acho que ela trata as crianças com mais amor.

[...]

*E por que tu achas que tem mais professoras do que professores nas séries iniciais?*

R – Porque a mulher é mais dedicada para a criança, acho que devido a parte como mãe. Ela é mais carinhosa e tem mais paciência. O homem não tem paciência que a mulher tem para lidar com as crianças, principalmente nas Séries Iniciais e Educação Infantil.

Percebi mais uma vez que as professoras-alunas consideram o feminino e o masculino como naturalizados e não como construções sociais. Por esta razão, “elas” acreditam ser o Magistério Infantil uma opção predominantemente feminina, pois se coaduna com a maternidade.

Pensam que os homens não têm condições psicológicas e/ou afetivas para serem professores das séries iniciais. Acreditam realmente que a passividade, a afetividade, a submissão, a calma são características femininas, sendo a mulher o oposto do homem. Entretanto, na zona urbana, algumas professoras ventilam a possibilidade de “depende da educação”, mas um número muito restrito. Muitas enfatizam que NÃO QUERIAM SER PROFESSORAS, MAS TIVERAM que ser porque o pai as OBRIGOU. Outras, o pai não queria que fizessem o final do Ensino Fundamental e o Ensino Médio porque teriam de vir

para Bagé e ficar em internatos de freiras ou casas de parentes (o que achavam ‘perigoso’). Na zona urbana, muitas das professoras-alunas não ‘optaram’ por ser professoras, foram também obrigadas pelos pais, e uma da zona rural acredita piamente que a mulher DEVE/TEM que ser professora, pois É A PROFISSÃO PARA MULHER! Uma outra coisa que ficou clara: muitos maridos deixaram-nas vir cursar o Programa porque elas disseram que corriam o risco de perder o emprego ou reduzir salário e este argumento foi contundente. Um grande número comentou que vir cursar o Programa as deixa alegres, porque se sentem em liberdade, e o curso lhes serve de terapia. Houve muitas respostas semelhantes nestes termos, tanto na zona urbana como na zona rural.

Trechos da entrevista com Eleonora – 46 anos – zona rural:

Falar sobre a vida da gente é complicado. Eu nasci aqui em Bagé e morei sempre no mesmo bairro, aqui na zona norte. Tenho só um irmão. Tu sabes, ‘hé’, a minha mãe era professora, ela fez... não era o Normal, era um outro curso que ‘dava’ para lecionar. Mas aí ela casou e veio morar com o meu pai em Bagé, porque ele era daqui. Ela engravidou em seguida e aí o meu pai ‘fez ela’ deixar de lecionar porque tinha que cuidar de mim e do meu irmão. Ela tinha um sentimento por isso – isso que o meu pai era um homem que tinha estudado... Depois que eu cresci, eu entusiasmei ela para dar aula. Mas aí ela ‘tava’ com mais de 40 anos e não podia mais fazer concurso. Ela ensinava a gente em casa a fazer as tarefas. Ela me dizia que queria muito que eu fosse professora, mas sempre dizia baixinho: ‘vê se não inventar de casá... (sic)

Vê-se aqui a idéia de **casamento associado a prisão**, a falta de liberdade. Para ter sucesso profissional, a mulher não poderá casar, ou, se casar, não poderá ter sucesso. Teria de ser feita uma opção.

Continuação da entrevista com Eleonora, 46 anos, zona rural:

Bem, quando eu ia terminar o Ginásio, eu queria fazer o Normal e o Científico. E dava: o Normal, o Magistério, era de dia na Escola Estadual XV... e o 2º grau que eu queria era no ‘Estadual’, ali,

onde hoje é o... Mas aí eu tinha que fazer de noite. Aí eu falei com uma conhecida, que ia fazer de noite, e o pai dela tinha carro, e ia vir levar a gente. Aí eu falei com a mãe e ela achou bom, mas meu pai ficou ‘fulo’: ‘Filha minha não estuda de noite. Tu vai ser professora: só fazer o tal de Normal não chega?’. Só que eu não sabia bem se queria ser professora. Eu tava dividida.

[...]

Tinha o Normal das freiras, mas o nosso, do Estado, era bem bom. Foi difícil porque tinha muito material, muita ‘bobagenzinha’. E eu consegui dar conta do recado. O brabo, Berenice, foi quando eu me formei. Eu até que gostei muito de fazer o Normal. Naquele tempo era um ‘baita curso’: A gente aprendia tudo que precisava para ser mulher. Até ‘boas maneiras’ dentro da ‘Economia Doméstica’ ou da ‘Puericultura’, já nem me lembro. Aí eu queria fazer faculdade, mas de que jeito? Cara como é, até hoje é... E emprego? Não tinha concurso, só contrato. Aí eu consegui, falei com o seu... e consegui um ‘contrato fechado’. Tu te lembrás que tinha, ‘hé’? Mas era pra Campanha, tinha que ficar lá. E aí o meu pai não deixou eu ir. Eu chorava e a mãe chorava, mas não adiantou. E eu tinha que trabalhar. Aí eu saí e ‘me virei’, cons egui trabalhar num escritório, e acertei tudo escondido do meu pai. Quando tava tudo certo, eu disse para ele que eu queria trabalhar para pagar a faculdade. Ele não deixou. Ele disse: ‘Isso não é serviço pra mulher; escritório é coisa pra homem. Tu tem que trabalhar como professora, afinal não é pra isso que tu estudou?’ (ELEONORA, 46 anos, zona rural)

Neste caso, o pai, além de **não deixar** a mãe trabalhar, não podia deixar a filha ‘estudar a noite’. Os cursos noturnos mistos eram tidos como ‘perigosos’. Vê -se que ela não ‘é’ professora; ela ‘está’ professora. Mas acabou ‘gostando’...

*Por que tu achas que tiveste tanta dificuldade para que pudesses fazer a faculdade?*

Ah! É por causa do machismo. A gente não é tão velha assim, mas no nosso tempo de moça era difícil tudo. Hoje, as gurias têm mais liberdade para trabalhar e estudar. Só que elas pensam que podem fazer tudo. Só que os caras depois ficam falando delas. O ‘home’ é um bicho medonho.

Antes, mulher não era gente. Mas pior era no tempo da minha mãe. Se bem que a gente era muito ‘tapada’. A escola hoje ensina o que não ensinava antes: sexo, drogas, métodos anticoncepcionais. Essas coisas até eu já falo pras crianças.

*E tu estás estudando no Programa hoje por quê?*

Bem, porque eu sou ‘cabeçuda’ que nem o meu pai e disse que não ia morrer sem fazer faculdade. Era o sonho da minha mãe. Hoje eu dou aula e estudo. Sou independente. [...] E eu consegui vir pra faculdade, porque o Programa é mais barato, é nas férias. Mas se o meu marido fosse vivo, não dava. Ele dizia que preferia ter casado com uma doméstica do que com uma professora. Que eu nunca tinha tempo para atender ele: ou era atendendo os guris ou preparando aula e corrigindo prova ou limpando a casa. Ele ficava brabo, mas bem que ele gostava do

dinheiro que eu ganhava. (Trecho da entrevista com ELEONORA, 46 anos, zona rural)<sup>15</sup>

Esta aluna afirma que só pode fazer a faculdade porque o marido “morreu”. E se percebe, em várias entrevistas, nos questionários e nas complementações das respostas destes, que os homens “gostam do” e “gastam o” dinheiro das mulheres. O “orgulho” do gaúcho serve então só para o que lhe convém...

Trecho da entrevista com Magali, 40 anos, zona rural:

O gaúcho é forte, rústico, valente. A mulher sempre em casa, muito prendada. Meu irmão tinha tudo. Eu sofri muito, fui criada diferente, brincando dentro de casa, de boneca. Foi muito difícil para estudar. Meu pai queria que eu fosse professora, só podia ser professora – é a profissão para mulher.

O homem é macho – forte, valente, destemido. A mulher é meiga, delicada. Minha mãe era muito humilde. Ela era braba com a gente, mas quem mandava era o pai.

Até hoje o homem e a mulher não tem os mesmos direitos: no salário, no mandar. Mesmo a mulher na chefia é abnegação. O homem manda e a gente tem que obedecer.

A minha relação, hoje, com o meu marido, já foi pior. Hoje até que ele está menos ruim. Ele é agricultor e ele que mandava no meu dinheiro. Quando eu casei já era professora e ele é que mandava no meu dinheiro. Agora com o meu curso de Pedagogia, eu dei um basta. Chega. Mas ele sempre dá um jeito de fazer com que eu gaste o meu dinheiro onde ele quer, ele faz conta e eu tenho que pagar. Quando eu quero usar o dinheiro para mim, já está comprometido com as contas dele. Ele sempre conta com o meu e a gente, para não ficar devendo, não é... aí eu pago. (MAGALI, 40 anos)

O pai, neste caso, só admitia que a filha fosse professora, porque era profissão de mulher; o pai era a autoridade (aos moldes da família patriarcal). Aqui também o marido “gostava” e “gastava” o dinheiro que ela recebia, inclusive comprometendo o dinheiro do

---

<sup>15</sup> Observação: esta aluna adoeceu, mandando atestado médico, e não compareceu nos dias da aplicação do

salário dela em contas sem que ela soubesse. Se a **“mulher é propriedade do gaúcho”**, o **“que ela tem, então, também é dele”**. Uma das alunas comentou comigo que, “qu ando as irmãs dele casavam, ela disse que o pai dava uma ponta de gado. Mas que, quando eu casei, eu não trouxe nada. Professora, é só o que falta, no final dos anos 80, quando eu casei, a mulher ter que ter ‘dote’ para casar!”

Esta entrevistada declarou que o “machismo” impede o homem de ser carinhoso até nas relações sexuais, sendo que ela não sente prazer. Muitas outras colocaram ou deram depoimentos semelhantes, se sentiam “usadas” pelo marido: eles usavam o dinheiro delas, o trabalho delas (na escola e nos afazeres domésticos) e depois ainda as “usavam” na cama, sem preparo e sem preocupação com o carinho e a sua satisfação sexual: “Ele vem tipo bicho...”

Outro trecho da entrevista com Magali, 40 anos, zona rural:

O machismo ainda existe muito forte. A gente vê até no sexo, a gente tem que fazer mesmo quando não quer, tem que ser do jeito que ele quer, na posição que ele quer. Se a gente não tem vontade, tem que fazer. A gente como mulher nunca tem o direito de escolher no sexo. Eu sofri muito, tive que fazer sexo quando queria e quando não queria. Na cama é brabo. Ele nunca se preocupou com a minha satisfação sexual. Eu falei com ele, ele ficou brabo e disse que antes nenhuma tinha se queixado. Por isso que ele gostava de pagar para fazer sexo, porque aí era como ele queria. Mas que eu sou mulher dele, e tenho que fazer o que ele quer, na cama e fora dela. Aí eu vim a Bagé e fui numa psicóloga. Eu nunca tive um orgasmo com ele. Ele enfurecia, me tratava mal e depois queria carinho na cama. Mas era só eu que tinha que dar carinho. Ele vinha feito bicho. Eu achava que tava doente, tava ficando meio louca, não conseguia dar aula direito. Ele dizia que eu é que tinha problema. Aí a psicóloga me mandou na ginecologista: não tinha nada. Tenho dois filhos sem sentir prazer. Eu fui ficando nervosa, ansiosa, porque eu também queria, mas nunca ficava satisfeita. Aí, depois eu chorava, ficava com raiva dele, chorava baixinho, toda a noite. Aí eu ia trabalhar de olho inchado, sem dormir, e o meu trabalho não rendia. Eu olhava pras meninas, pra minha filha,

---

questionário, no final do bloco (por isto, na identificação do universo que respondeu o questionário, não apareceu “viúva” como estado civil.

e dizia: isso eu não quero para elas. A psicóloga disse que eu sou dona do meu corpo, mas ele é muito brabo e violento, e eu tenho medo dele. Uma vez eu falei em me separar, aí ele disse que eu ia matar o meu pai e a minha mãe se me separasse. E outra vez disse que me matava, porque ele é bom de cama, eu que não sou. Aí as vezes eu tô dando aula e saio para chorar. Eu tenho vergonha de contar isso para outras pessoas, muito menos minha mãe, que já é velha e não fala sobre isso. (MAGALI, 40 anos)

A hora do sexo, a posição do sexo, tudo é decidido pelo homem, gerando problemas psicológicos que, juntos e somatizados, fazem as mulheres até adoecerem e criarem aversão ao sexo. Esta aluna, durante a entrevista, tremia muito; foi um desabafo que saiu aos ‘supetões’, como se ela estivesse assustada, parecendo uma criança ferida.

Continuação da entrevista com Magali:

Eu queria estudar antes, mas ele não deixou. Mas agora meu filho e minha filha já tão maiores. E ele só deixou porque eu disse que podia perder o emprego. Eu hoje gosto de ser professora. Mas não sou feliz. Se a gente não tá feliz, o trabalho da gente não é bom. A gente tem que estar em paz para dar uma aula boa, tem que ser bem tratada. Eu estou sempre em conflito, é uma batalha diária. O dinheiro é pouco, é um monte de criança para atender e eu ainda não posso decidir o que faço da minha vida. Não posso sair nem conversar com ninguém, não decido meu dinheiro e não sou feliz na cama. (MÔNICA, 40 anos)

Aqui ela demonstra não ter poder decisório, o pai era autoritário e o marido também, mas isto é visto como “coisa de homem”. “Sem ser feliz, como trabalhar bem?...” Este é um fato recorrente: muitas professoras-alunas fizeram esse tipo de observação, não como uma desculpa para um trabalho ruim, mas como uma constatação.

Trechos da entrevista com Branca, 29 anos, zona rural:

O Magistério era a melhor escolha em nível de profissão, segundo o meu pai. Então nem ele nem a minha mãe tiveram objeção nenhuma. Mas acho que ele teria gostado mais se eu pendesse pra área de Veterinária e ficasse lá fora, no campo, com ele. Quando eu quis ter o meu primeiro namorado, o meu pai ficou “de cara” comigo porque aí eu já não queria fazer muitas coisas com ele, andar a cavalo, trabalhar no campo, por causa do namorado. Mas ele acabou aceitando (aí que eu achei bom ter o meu irmão de criação). O meu pai sempre mandou em tudo. A mãe era só dona de casa. Mas se ela quisesse ir na cidade, ele impedia (hoje se sabe porquê, hoje eu sei que meu irmão de criação é meu irmão mesmo, com uma mulher que ele tinha na cidade). Nunca eu vi eles discutirem. A mãe sempre concordava. (BRANCA, 29 anos)

O pai era autoritário e “prendia” a mãe dentro de casa para que não o visse com mulheres. **Teve** que ser professora.

Trechos da entrevista com Roselaine, 38 anos, zona rural:

Eu morava pra fora. Meu pai era caminhoneiro. Minha mãe trabalhava de sol a sol, na horta, na roça, tirando leite. Eu era pequena e ajudava. Meu pai viajava e quando voltava só queria “descansar”. Ele era muito bonito. Aí ele chegava e humilhava minha mãe, que ela era feia, que não se cuidava. Que as mulheres por onde ele andava eram melhores. Pra mim ele não dava bola. Toda vez que ele viajava a gente ficava em paz. Ele dizia que quando viesse ia trazer dinheiro. Mas quando chegava sempre tinha uma desculpa e a mãe é que tinha que dar dinheiro para ele. Meu irmão era menor que eu. Aí ele começou a cuidar do serviço da rua. Mas a mãe e eu, a gente se virava. Aí meu irmão foi estudar e eu fiquei com a mãe. O pai, quando chegava, dizia que mulher não precisava estudar. Uma vez, quando ele chegou, a mãe disse que eu também queria estudar e ela achava justo. O pai ficou todo brabo. Mas aí, depois de muito, ele disse que, se eu quisesse, teria que ser professora. Então eu vim morar na casa da minha avó. Meu pai continuava no caminhão. Aí eu descobri que ele tinha outra mulher aqui na cidade. A minha vó era mãe do meu pai e achava natural. Eu não contei pra mãe, mas fiquei com mais nojo do meu pai. (ROSELAINÉ, 38 anos)

O pai era mulherengo; **teve** que ser professora; o pai utilizava o dinheiro da mãe. A avó paterna achava natural o filho ser mulherengo.

Trechos da continuação da entrevista com Branca, 29 anos, zona rural:

Eu e o meu marido nos damos bem. A gente mora na campanha também. Eu moro longe do meu pai e da minha mãe. Mais perto é onde mora o pai dele. Com o meu marido eu não tenho problemas graves. Ele me apoiou para eu vir para Bagé estudar. Primeiro a gente viu bem o lado financeiro: se dava para ele pagar o curso, a faculdade, a viagem, a estadia. O pai dele me apoiou a continuar os estudos.

Mas o machismo ainda existe, professora. Lá fora, principalmente. A mulher não pode isso, não pode aquilo, por esse lado ainda há muito. Lá na campanha quando falavam nas professoras, a primeira coisa que vinha na mente era esse tipo de coisa mesmo. As professoras todo mundo cuidava: elas trabalhavam, recebiam dinheiro. Se fizesse isso ou aquilo diferente, todo o mundo aí falava delas. Até do jeito de vestir. Não podiam fumar, usar roupa justa, decotada ou curta. Senão o povo já falava. A mulher não tem a mesma liberdade do homem. A sociedade ainda diz que a mulher tem que ser dona de casa, tem que se dedicar pro marido, cuidar da casa e dos filhos. Tem que “aquecer a barriga no fogão e esfriar no tanque”. (BRANCA, 29 anos)

Neste caso, o marido apoiou para que estudasse, o que raramente foi relatado pelas professoras-alunas. Como ela tem 29 anos, o marido deve ser jovem também. No lugar onde ela mora, as pessoas cuidam da vida dos outros e as professoras são alvo de maledicência.

Continuação da entrevista com Roselaine:

Quando eu terminei o Magistério, comecei a trabalhar. Eu queria fazer Pedagogia. Minha avó disse que o meu pai podia pagar, que ele tinha dinheiro. Mas ele não quis nem falar comigo.

Aí eu conheci o meu marido. É um cara pobre. Mas eu gostava dele e quando eu casei meu pai não foi ao casamento. Meu marido me disse que a gente trouxesse a mãe. Ela tava doente e veio morar com a gente. Aí meu pai e ela venderam o campinho. Meu irmão foi pro quartel. Ele pegou o dinheiro e não deu nada pra mãe. A mãe queria aí se separar dele, mas não tinha coragem. Minha vó era contra. Ele adoeceu e a outra mulher não quis cuidar dele. Aí ele foi pra minha

casa e minha mãe cuidou dele, mas nunca mais dormiu no mesmo quarto com ele. Quando ele melhorou, foi embora. Mas ele não falava comigo. Disse pro meu marido que eu era uma cobra, metida a dar lição de moral porque era professora. Minha vó morreu, ele pegou um bom dinheiro e gastou tudo com mulher. Aí adoeceu de novo e voltou para minha casa. A mãe cuidou dele. Nunca mais eu vi a minha mãe sorrir. [...]Eu disse pro meu marido que tinha sabido do curso de férias. Se ele não me deixasse fazer, eu deixava ele. Ele disse que aí ele e o meu pai iam me dar uma surra e que se eu fosse fazer o curso ele tirava minha filha e ia embora com meu pai no caminhão e queria ver como eu ia viver, pagar faculdade e ficar sem a filha. Que eu queria era ser vagabunda. Aí ele saiu de casa. Eu não conseguia dar aula direito. Eu tinha medo de chegar e não encontrar minha filha; eu pagava uma guria pra ficar com ela. Depois dum tempo, meu marido voltou: disse que o meu pai tinha tirado o dinheiro dele e ido embora. Eu disse que ele podia voltar, mas que só com a condição de eu estudar. Aí eu vim para o curso e trazia minha filha junto e ela e eu ficávamos na casa duma amiga. Me contaram que eu saía para o curso de férias e ele botava uma mulher pra dentro da minha casa. Quando eu voltei, apertei com ele e ele disse que era verdade. Eu andava meio louca: foi naquele bloco que eu só chorava. Meu irmão veio com minha mãe: aí a gente conversou, meu irmão disse que ia falar com ele, que ia dar nele. Meu irmão é grande, mas não pode se encrencar por causa do quartel. Mas foi falar com ele e eu fui junto. Depois de muita briga, a gente se ajeitou. No princípio eu até sentia nojo dele, me lembrando que ele tinha andado com vagabunda. Ele dormia no quarto da minha filha. Aí ele adoeceu, eu cuidei dele e a gente passou a se entender melhor. Mas eu não consigo estar bem com ele na cama, me dá nojo. [...] Professora, desculpa o desabafo. Será que é só eu que não dei sorte com homem? Com o pai e com o marido? Ainda bem que eu não tenho filho homem. Até os guris, no colégio, eu não consigo tratar com o carinho que devia. Acho que tudo que é homem não presta e que eles vão ser iguais quando crescerem. Eu sei que to falhando, como mulher e como professora (choro). Ô professora, o que é que eu faço?? (ROSELAINÉ, 38 anos)

Uma vida familiar conflituosa, depois um casamento conflituoso pela interferência do pai. Os problemas familiares influem e extrapolam o espaço doméstico, influenciam o espaço público, influenciando na qualidade da trajetória profissional, tanto que ela não consegue tratar de um modo igual os meninos e as meninas.

Trechos da entrevista com Cris, 38 anos, zona rural:

Quando eu quis estudar foi brabo. Meu pai não queria que eu fosse professora. Ele obrigou todos nós a estudar até a oitava série. Ele nos levava, 20 km, para estudar. Depois, a gente estudava se quisesse. Ele achava que lugar de mulher é dentro de casa, ser boa de cozinha, fazer limpeza, cuidar dos filhos. (CRIS, 38 anos)

Trechos da entrevista com Rose, 36 anos, zona urbana:

Meu pai não queria que eu fosse professora. Queria que eu tirasse contabilidade, porque assim eu ia ficar trabalhando com ele. Mulher dele, filha dele, jamais trabalharia fora. Meu pai mandava, mandava e minha mãe dizia amém. Ela nunca me defendeu. (ROSE, 36 anos)

Estas duas alunas são exceção: o pai de cada uma delas não queria que fosse professora, só dona-de-casa. Foi difícil conseguir estudar.

Continuação da entrevista com Cris, 38 anos, zona rural:

Eu acho que os alemães são tão machistas como os gaúchos daqui, embora tenham vindo de tão longe. Eles se adaptaram aos costumes daqui, que adotaram os costumes do lugar: meu tio quer pão novo todo dia em casa e minha tia passa o dia na volta do fogão. Tenho outra tia que não pode abrir a boca em casa, ela nem fala, ele é que decide, manda e desmanda. Eu vejo o gaúcho como o “dono”, desde o saber, até a mulher e tudo. Nos CTGs eles agem como se fossem os donos de tudo. [...]Eu não podia falar com ninguém. Até dos meus alunos maiores ele tinha ciúme... Mas, se ele beber ou fizer alguma coisa, eu me separo. Eu fui criada na Igreja, “casamento é pra sempre”, mas eu me separo se eu descobrir que ele me trai. [...]Nas músicas gaúchas só aparece o homem. Eu não conheço música gaúcha que fale na mulher. Só a da Berenice, mas não fala muito bem da mulher. O gaúcho é sempre imponente, valente, forte, esplendoroso. Não se preocupa com a satisfação sexual da mulher. Nós, lá em casa, sim, a gente conversa muito sobre isso.No princípio não, mas agora sim. Eu tenho problema em questão de sexo: pela criação. Ele se preocupa, então, em os dois se satisfazerem. Mas são muito poucos os homens daqui que pensam assim. É cada um por si. Meu pai um dia disse que ele queria transar e a mãe não queria, ele tava furioso e falou

alto e a gente ouviu. Mas, de repente ela não tinha o seu desejo satisfeito. O pai é que falou pra mim sobre sexo, sobre menstruação, e não foi bom isso. Ele criou em mim uma coisa em relação ao homem, que não foi bom pra minha cabeça. Sexo é sujo, homem tem sempre má intenção com a mulher. Não foi bom pra minha cabeça. A mãe não falava nisso, tudo era feio. O pai falava, mas ele me ensinou a não gostar de sexo, que isso era coisa pra vagabunda, prostituta.

Tu vê, hoje eu tenho que falar em sexo pras crianças, mas como eu vou falar numa coisa que eu considero suja, ruim, que deve ser só pra ter os filhos? No fundo é assim que eu penso, eu não consigo me libertar. Quando eu vejo, eu estou dizendo que ‘mulher tem que obedecer’, embora eu não concorde com isso. Eu não consigo falar direito em sexo, em reprodução, com as crianças; nem quando as meninas maiores me perguntam alguma coisa. Eu não sei lidar com a minha sexualidade, como é que vou falar nisso pras crianças em aula? Quando eu vejo eu estou dizendo que ‘isso é feio, aquilo é feio’. Eu sei que não é, mas eu não consigo aceitar. Eu não consigo falar em sexo nem com meus filhos, que dirá em aula. E eu estou com a quarta série. Mas eu não consigo (choro). Eu aprendi com o meu pai que tudo é muito sujo. Eu não consigo falar em reprodução humana nem animal – é difícil para mim.

Queria só te agradecer, Berenice, por esta oportunidade de desabafo (choro). Eu nunca falei isso pra ninguém. Tem horas que eu não sei o que fazer da minha vida. Eu sofro de enxaqueca; o médico disse que acha que é emocional, que tem que ter uma causa. Tem dias que eu estou dando aula e tenho que sair, parece que eu vou explodir de dor de cabeça e de nervosa. Tudo é feio, eu me acho suja e sempre fico sexualmente insatisfeita; depois de fazer sexo eu fico nervosa, com mau humor, dor de cabeça. Isso reflete em toda a minha vida. E no meu trabalho é certo que sim. As vezes eu tenho que faltar às aulas. O que é que eu faço?? (CRIS, 38 anos)

A insatisfação sexual, que se dá no espaço doméstico, tem repercussões no espaço público, na trajetória profissional, causando problemas sérios para o trabalho das professoras-alunas, como dificuldades para falar em sexo, indisposições físicas, etc. Junto com a dominação masculina se verifica a discriminação e a malícia em relação ao sexo, com repercussões para toda a vida.

Continuação da entrevista com Rose, 36 anos, zona urbana:

O meu marido me ajuda com o dinheiro, mas a casa, os filhos, a comida, tudo é comigo. A louça até que ele lava, a roupa é a máquina que lava, se tiver que lavar uma roupa no tanque é comigo, porque aí que alguém saiba que ele me ajuda em alguma coisa. Isso ele nega sempre. Um tênis dum filho, no tanque, ele não lava, porque ele diz que se alguém souber ou ver, vão dizer que ele é “mandado pela mulher”.

Quando eu era criança minha mãe nunca deixou eu brincar com meninos. Menina brinca com menina. Eu morei um tempo com minha avó. Eu tenho medo de cavalo até hoje, porque “andar a cavalo é coisa de guri”. Me assustavam e eu tenho medo até hoje. Subir em árvore também é coisa pra menino. Menina é delicada, não podia sair de dentro de casa.

Quando eu quis namorar foi uma luta braba. Meu pai não admitia o meu casamento. Ele me prometeu o que eu quisesse para eu não casar, porque meu marido era pobre e não tinha as condições financeiras que ele queria. Que eu só ia passar trabalho, que casamento era brabo. Ele queria que eu ficasse em casa. Mas eu casei. Mas os homens são mais violentos: eles quando não agredem a mulher fisicamente, agredem pelos gritos, pelo medo, é verbal. (ROSE, 36 anos).

Nas entrevistas, aparece claramente que as mães e os pais dos alunos não querem que os meninos brinquem com as meninas. Ainda hoje, há um preconceito muito grande em relação à interação, na Escola ou fora dela, entre meninos e meninas.

Continuação da entrevista com Rose, 36 anos, zona urbana:

Tu vê, a maioria de quem tá em cargo de chefia na nossa região é homem. Mulher muito poucas. Vereadoras, empresárias, muito poucas. Prefeita, nenhuma. Não conheço. Na escola, somos todas mulheres. Nas brincadeiras, os meninos vão prum lado e as meninas pro outro. Se a gente fala pra eles se misturarem, eles dizem que as mães recomendam que não é pra se misturar. Até nos trabalhos em grupo. Se a gente insiste em misturar, depois as mães vêm e reclamam. Tu sabes que às vezes as mães vão pra cuidar o recreio? Para ver ser as meninas não tão junto com os meninos. As meninas já vêm bem avisadas que é “menina com menina”. (ROSE, 36 anos)

Continuação da entrevista com Cris, 38 anos, zona rural:

Na nossa cultura, o homem é forte, rústico, ele manda, ele sabe tudo. O homem aqui do sul se tornou um mito. É todo-poderoso. Muitas mulheres querem se tornar independentes e não conseguem. As mulheres são submissas. E se, na escola, um menino é muito educado, já vem aquele rótulo: “Ah, aquele ali têm problemas. Tem que encaminhar, ele é ‘bichinha’”. Ele fica discriminado porque é educado. (CRIS, 38 anos)

Nas complementações das respostas do questionário, também apareceram:

Quando se desconfia que se tem um aluno homossexual, o que a gente deve fazer? Me dê uma dica. (RESPOSTA N° 22 À QUESTÃO N° 100 DO QUESTIONÁRIO APLICADO)

Quando o pai ou a mãe chega na Escola e diz que a filha NÃO BRINCA COM GURIS, senão sai da Escola, o que é certo fazer? (RESPOSTA N° 22 À QUESTÃO N° 100 DO QUESTIONÁRIO APLICADO)

Na região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, a virilidade masculina é muito valorizada, tanto que o gaúcho demonstra um preconceito acentuado em relação aos homossexuais, que também são considerados “diferentes”, e, além de diferentes (‘o outro’ do parâmetro masculino, que é o parâmetro universal), ainda são acrescidos do fator “desviante”, da “anormalidade”. Assim como a identidade é marcada pela diferença, a diferença é sustentada pela exclusão. E a relação de exclusão envolve poder, incluindo o poder para definir quem é “incluído” e quem é “excluído”.

Silva (2000, p. 32) afirma que “a forma como vivemos nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação”. Ora, o sistema dominante é o de que o sujeito que nasce, biologicamente, com órgãos sexuais masculinos deve possuir uma postura socialmente constituída e aceita como “masculina”, com as características do “macho” – portanto, quem não se coaduna com esses padrões é considerado como desviante. O homossexualismo é

condenado na região da fronteira, e o gaúcho faz questão não só de ser como de “demonstrar” que é “macho”. Por esta razão, a Escola “se preocupa” quando, principalmente os meninos (a preocupação com as meninas é menor, porque estas são menos evidenciadas) apresentam posturas tidas como “femininas”, que são consideradas “desvios de comportamento”. A Escola da fronteira então não só produz e procura acentuar as diferenças sexistas, como também pune, critica e procura modificar esses comportamentos considerados “desviantes”, pois não os aceita. Muitas vezes, até são criadas situações embaraçosas, através de zombarias por parte de colegas e até de professoras (o que não significa, entretanto, que o homossexualismo seja inexistente). Ocorre, portanto, na Escola, segundo Louro (2001, p. 63), uma verdadeira “fabricação dos sujeitos”, isto é, uma fabricação da “naturalização” do feminino e masculino, segundo padrões preestabelecidos. “E, quando ocorre uma situação oposta à esperada [...] devemos nos ‘preocupar’, pois isto é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando ‘desvios’ de comportamento?” (LOURO, 2001, p. 64) É o que, normalmente, acontece: as famílias são chamadas, os pais comunicados e convidados a buscar o auxílio de psicólogos. Ou então a Escola se omite de enfrentar esse fato porque não se sente preparada para tal, em um “ocultamento ou a negação dos/as homossexuais [...] o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da ‘norma’” (LOURO, 2001, p. 67-68). Mas a sexualidade está presente na Escola, quer queiramos ou não.

Louro (2001) enfatiza que as Escolas costumam ainda hoje falar em sexo de forma distanciada, sem ligações com o prazer, dentro de um falso moralismo puritano, bem como as famílias apresentadas como “normais” são as do modo tradicional heterossexual. Acredita ela que se deveria apresentar “à heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade [...] como formas do exercício da sexualidade ligadas à cultura e à época em que as pessoas

vivem”, dando-se “grande atenção à dimensão do prazer na sexualidade [...] na auto-estima e no respeito aos outros” (LOURO, 2001, p. 136).

Também é Louro (2003, p. 41), referindo-se a este tema, que diz: “mais do que nunca nos percebemos vulneráveis, sem algum preparo para enfrentar os choques e os desafios que aparecem em toda a parte” – e completa, afirmando que “a verdade é plural [...] ela é definida pelo local, pelo particular, pelo limitado, temporário, provisório” (LOURO, 2003, p. 51), e que nós, educadores, “precisamos nos voltar para práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade, a universalidade e a unidade do centro [do ‘normal’] e que reafirmem o caráter construído, movente e plural de todas as posições” (LOURO, 2003, p. 51).

Depois desta análise teórica baseada em Louro, consciente do Imaginário androcêntrico em que se vive na Região da Fronteira, não é de se estranhar que as professoras-alunas sintam-se inseguras em relação ao tema – e peçam socorro. Como posso auxiliá-las? Pedi-lhes que se informassem sobre o assunto, proporcionei-lhes bibliografia pertinente, e solicitei que agissem com honestidade e sinceridade depois de preparadas pelas leituras teóricas para enfrentar esses assuntos. Disse-lhes ainda que eu não poderia dizer-lhes o que “é o certo”, mas que lhes diria a “minha verdade”, honesta e sinceramente, agindo com naturalidade em um mundo de constantes mudanças, e, certamente, sem julgar ou condenar quem quer que seja – sendo isto o mais importante para mim. Após suas leituras (indiquei-lhes vários autores, inclusive posturas religiosas variadas), disse-lhes que agissem com honestidade, fiéis àquilo em que acreditam, pois nada soa mais falso e faz mais mal do que posturas hipócritas, tanto conservadoras quanto progressistas. Essas, todos percebem e fazem mal a todos. Faz-se necessário, porém, uma análise desta situação dentro das Escolas e com esclarecimentos à comunidade escolar.

Nesta entrevista (a seguir), esta aluna relata suas dificuldades: não poder trabalhar, não poder ir a um médico porque o marido é muito ciumento. Este também não a deixava preparar as aulas e virava os filhos contra ela.

Trechos da entrevista com Nilza, 50 anos, zona rural:

Meu pai disse sempre que eu tinha jeito de menino. Eu trabalhava feito bicho. A gente morava na campanha. Eu estudei tarde. Meu pai disse que, se eu quisesse, poderia ser professora. Mas só até eu casar, depois eu tinha que cuidar do marido. Quando eu casei, meu marido queria só ter filho homem, mas hoje parece que ele é mais amigo da filha mulher. O gaúcho, quando coloca a bombacha, sempre se acha valente. O machismo no gaúcho é muito forte. Eu sei que tem ainda muita mulher que o marido não deixa sair de casa, nem falar com outros homens, nem por necessidade alguma. O macho é eles e eles decidem. Meu pai mandava na minha mãe e o meu marido manda em mim. Quando eu casei, eu só segui ser professora de teimosa. Ele dizia que tinha combinado com meu pai e que eu não ia mais trabalhar porque não precisava. Ele mandou a empregada embora, e exigia a casa muito limpa, almoço e janta na campanha, fogão a lenha, tudo é difícil. Eu ficava até tarde da noite trabalhando. Aí ia preparar aula e ele me chamava pra cama. Chegava do campo e queria tudo nas mãos. Na escola eu tinha uns alunos grandes, ele tinha ciúme dos guris (que podiam ser meus filhos). Se um pai fosse falar comigo eu não podia nem contar. Ganhei meus filhos com parteira. Passei mal, mas ele disse que em médico eu não ia. Às vezes eu chegava na escola tão cansada que só tinha vontade de dormir. Era classe multiseriada. Foi um tempo brabo. Ele queria saber porque eu queria dinheiro. Eu disse que não trabalhava por causa do dinheiro, que dava aula porque gostava. Ele disse que me pagava para eu não ir trabalhar. Não aceitei. Vivi anos “debaixo do mau tempo” em casa. Aí ele dizia pros meus filhos que eu queria me livrar deles, por isso eu dava aula, que eu cuidava dos filhos dos outros e não dos meus. Botou empregada de novo, mas quem tinha que pagar a empregada era eu. Eu só consegui fazer a faculdade porque meus filhos, que hoje são adultos e moram na cidade, disseram que eu tinha que vir, que eu tinha esperado a vida inteira. E é meus filhos que tão pagando a faculdade pra mim.

Eu cansei de dar aula chorando. Mas na aula eu me esquecia dos problemas de casa. Eu não quero me aposentar. Eu só sou feliz dando aula. (NILZA, 50 anos)

É visível a presença do preconceito e da discriminação. Esta enfatiza que meninas “não devem” com meninos; que, no interior, há uma grande preocupação com os “comentários maldosos” dos outros e que a dominação masculina que esta aluna sofreu (e sofre) repercutiu em seu processo educacional e até hoje atrapalha sua trajetória profissional (pela dificuldade que encontra para estudar e preparar suas aulas).

Com tudo isso cria-se e reforça-se o preconceito desfavorável nas mulheres, que é inculcado pela repetição constante de qualidades negativas que baixam a auto-estima e internalizam nas mulheres o sentimento de menos-valia.

#### **7.2.2.5 Quinta categoria – relações de gênero: as diferenças naturalizadas e as possibilidades de resistência**

Legitimada a “naturalização” do “masculino” e do “feminino” pelas instituições sociais e ratificada pela Escola, a supremacia hegemônica androcêntrica se instaurou e naturalizou. Os homens procuraram prender as mulheres em casa, tentando impedir que estudassem e trabalhassem, porque, segundo as professoras-alunas:

“Eles acham que lugar de mulher é em casa; estudar é ‘botar dinheiro fora’; eles alegam que eu sair de casa prejudica os filhos; porque não querem que as mulheres sejam independentes;” uma aluna disse ter ouvido do marido: “Eu preferia ter casado com uma doméstica do que com uma professora: a doméstica sempre ia estar em casa para me atender.”

Relataram que os maridos as culpam por eventuais problemas que surjam em casa, ou com os filhos, quando elas estão ausentes, para trabalhar ou estudar. Uma delas colocou ‘EU ACHO que LUGAR DE MULHER É EM CASA. O fato da gente trabalhar e estudar só

piorou para nós.” Um número reduzido de professoras-alunas disseram que os maridos não podem fazer cobranças, porque, se não estudarem ou trabalharem, “não têm como levar dinheiro para dentro de casa”.

Um dado muito forte que emergiu dos achados foi a interferência/exigência de seus pais (o pai, o homem) para que fossem ‘professoras’. Muitas colocaram no questionário que não foi “opção profissional”, foi “exigência do pai, porque o Magistério É A PROFISSÃO IDEAL PARA A MULHER” e porque a mulher, para trabalhar fora, só podia “se fosse professora”. Outras relataram as lutas que tiveram de travar no espaço doméstico, porque o pai queria que fossem “donas -de-casa”, “não precisavam estudar”, chegando uma a dizer que o pai afirmava que “mulher decente tem que ficar dentro de casa”.

Algumas disseram que “optaram” pelo Magistério porque “gostam de crianças”, sendo que algumas realmente acreditam que o Magistério É profissão própria (ou a melhor profissão) para a mulher.

Ficou clara a influência paterna (com raras exceções) na preferência profissional pelo Magistério, sendo que uma professora-aluna colocou: “E eu tinha outra escolha??”, e outras, “o meu pai me OBRIGOU”.

As justificativas ‘pelo Magistério’ são todas ligadas às virtudes consideradas tipicamente “femininas” e que são “essenciais à profissão”.

Muitas relataram que seus maridos “não as deixariam ter outra profissão que não fosse o Magistério”, pelos mesmos motivos apresentados pelos pais.

Quando questionei sobre a preferência dos maridos quanto ao primeiro filho, a grande maioria colocou que foi por “meninos” (ver pergunta n° 59 do Questionário – Anexo C).

Também ficou muito evidente, por parte dos maridos (e pais), as diferenças na educação dos filhos e das filhas, bem como a associação do trabalho no espaço doméstico como “próprio para mulheres”, sendo que muitos homens não querem que os filhos auxiliem nas lides da casa com medo de que tenham, com isso, sua “masculinidade” abalada. Todos estes fatores acentuam as “diferenças” entre homens e mulheres, entre o que é “masculino” e o que é “feminino”, instaurando uma “naturalização” para aquilo que é inculcado pelo *habitus*, acreditando a maioria (inclusive as professoras-alunas) que homens e mulheres já nascem com características diferentes.

“Alguns” maridos auxiliam em “algumas” tarefas domésticas (ver pergunta n° 63 do Questionário – Anexo C), entretanto isto é realizado como “favor” ou “condescendência”.

Ao mesmo tempo, percebem que “foram educadas para ser meninas, com modos de meninas”, para “obedecer primeiro ao pai e depois ao marido”, sendo isto “inerente à condição de mulher”.

Percebem, porém, sem ou com pouco embasamento teórico, que esta situação precisa mudar e que a mulher “deve” ter os mesmos direitos que o homem, pois a dominação masculina e a opressão têm trazido repercussões nefastas (e injustas) à sua vida cotidiana, principalmente no que se refere ao seu processo de escolarização (não poder estudar o que queriam, ter de parar de estudar) e na sua trajetória profissional (tendo pouco tempo para preparar suas aulas, tendo que adiar seus estudos por imposição do pai ou dos maridos).

Sabem que é preciso resistir e mudar, mas, como já mencionei, parecem não saber como. Grossi e Aginski (2001, p. 28-29) dizem que “a resistência ainda permanece enquanto possibilidade”, e que as mulheres precisam “reconhecer as forças sistêmicas que as oprimem como também desafiar a idéia de que sua falta de poder reside somente no nível de si própria, como indivíduo” (GROSSI E AGINSKI, 2001, p. 28-29). Estas mulheres vem demonstrando que, embora muitas sem consciência disto, estão apresentando resistência à dominação, no momento em que enfrentam os maridos para poder estudar e/ou trabalhar.

Os movimentos de resistência tornam-se mais fortes e efetivos quando os sujeitos “têm” consciência deles. Grossi e Aginski (2001, p. 39) enfatizam a necessidade “de que as mulheres submetidas à violência [...]” se apropriem “de novos conhecimentos sobre elas próprias, ampliem sua compreensão do mundo e criem a possibilidade de transformar as pressuposições de certeza sobre o modo como vivem” – conscientes de que não são impotentes nem precisam ser passivas, mas sujeitos históricos, portanto, passíveis de (re)construir novos caminhos. Libertando-se da “síndrome da impotência aprendida” (Grossi e Aginski, 2001, p. 40), acreditando ser possível uma luta por justiça social, cidadania e garantia dos Direitos Humanos.

## **8 A RESPOSTA AO PROBLEMA PROPOSTO: ALGUMAS REPERCUSSÕES DA DOMINAÇÃO MASCULINA NA FRONTEIRA RIO-GRANDENSE PARA AS PROFESSORAS-ALUNAS (AS MULHERES-PROFESSORAS) CASADAS OU EM UNIÃO ESTÁVEL E QUE CURSARAM O PFPS DA URCAMP/BAGÉ EM 2003**

Quando a contradição sexual que opõe macho e fêmea for superada, todas as outras, por este fato, estarão dominadas.

(Gaston Bachelard)

Ao elaborar a problematização deste trabalho, questionando sobre algumas repercussões da dominação masculina ainda presente na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai para o processo educacional e a trajetória profissional das professoras-alunas do PFPS da URCAMP/Bagé em 2003, não imaginei que um campo tão vasto se abrisse à minha frente, nem que este assunto tivesse tão boa receptividade entre as professoras-alunas como teve.

Fiz um questionário vasto e minucioso, procurando detalhes que me dessem pistas para partilhar dos percalços destas mulheres e de sua caminhada até aqui, no intuito de promover-lhes um momento de reflexão sobre elas mesmas no turbilhão de vida em que se encontram.

Meu interesse era conhecer esse outro lado do cotidiano dessas mulheres, com as quais eu me encontrava durante dois meses, todos os anos, em janeiro e julho, e ouvia fragmentos de histórias de vida que me inquietavam, faziam-me admirá-las cada vez mais. Notei, desde o início, que elas queriam falar e precisavam falar. Precisavam de alguém que as visse e ouvisse. E que lhes desse voz.

Nas duas tardes em que trabalhei com cada turma, meia tarde cada dia, vendo-as, concentradas, responderem ao questionário, observando-as, sérias, algumas com lágrimas nos olhos, e, limpando furtivamente as lágrimas, dizerem “desculpa, professora, não é nada!”, fiquei pensando no número imenso de mulheres, por este Brasil afora, que não têm quem as ouça, quem fale com elas e lhes dê voz.

Quando eu dizia: “Se vocês quiserem, saiam um pouco, depois voltem, para não ficar cansativo”, elas me respondiam: “Mas não está cansativo, prof essora. Quer um mate?” A cuiá ia passando e um silêncio profundo envolveu a sala. Em um determinado dia, a coordenadora do Curso abriu a porta e, vendo o silêncio e a concentração das alunas, perguntou-me: “Estás fazendo prova?” (Estranhando, e ficando curiosa com os rostos sérios das minhas alunas.)

No final da primeira tarde, cada uma guardou seu questionário no envelope para o dia seguinte e foram se despedindo. Perguntei-lhes se não estava cansativo. Elas me disseram: “Estou adorando!”, “pena que nunca tenha tido essa oportunidade antes”, “ah! saf aliviada!” No outro dia, situação semelhante ocorreu, e o mesmo foi se repetindo nas três turmas. As que tinham agendado entrevistas para o horário da noite perguntavam onde ia ser, disse-lhes a sala. Perguntei quanto tempo queriam para descansar, entre o turno da tarde e a entrevista. Elas responderam: “Nós não estamos cansadas. Já podemos começar.” Tomamos um café no

bar, e acertamos: enquanto uma era entrevistada, a outra ficava no bar ou na Biblioteca. E no momento das entrevistas as palavras jorraram em torrentes. Muitas choraram relatando sua vida e dificuldades. Muitas pediram socorro, outras informações sobre os direitos da mulher. Prometi-lhes que faria um projeto propondo um curso de extensão ou um seminário sobre relações de gênero. Mas o tempo foi passando e o período de aulas chegando ao fim, e não consegui entrevistá-las todas. Prometi-lhes que, no próximo bloco, voltaríamos a nos encontrar e que elas seriam ouvidas. Após a entrevista, na ida para casa, íamos conversando, ou melhor, eu ia ouvindo e a que estava comigo seguia falando... “Mas isto não é pra gravar, professora!...”

Surpreendi-me ao analisar os questionários, pois quando cheguei na última questão, em que eu pedia para me relatarem coisas que achassem que poderiam contribuir para uma pesquisa sobre relações de gênero, 33 das 54 professoras-alunas responderam, e a maioria com longas respostas; algumas anexaram folhas de caderno ao bloco do questionário. Outras sugeriram, solicitando que a URCAMP propiciasse cursos de extensão, palestras, seminários sobre relações de gênero, que fossem palestrantes falar sobre o assunto nas escolas e nas comunidades rurais. Outras colocaram que nunca haviam tido uma oportunidade como essa para refletir sobre sua vida, um momento calmo para pensar e repensar. Outras colocaram que iam tomar atitudes diferentes, pois, pelas respostas que haviam dado, pela trajetória que já haviam construído, tinham realmente condições de ser respeitadas como pessoas. Só o fato de responder o questionário já fez com que elas se *des*-vendassem. Considerei importante colocar no trabalho algumas das sugestões que foram dadas e das observações que as alunas fizeram (sem, entretanto, identificá-las, pois no questionário eu havia solicitado que não houvesse qualquer tipo de identificação. Torno a dizer que esta resposta, a de nº 100, está numerada de 1 a 33 pela ordem em que foi feita a análise dos questionários respondidos):

Obrigada por esta oportunidade. É por isso que eu pedi mais folhas. A senhora quando ler, vai saber quem sou eu. Sou aquela que chorou (estou chorando) durante o trabalho. Mas foi muito bom falar sobre isso. Eu estou aliviada, tirei um peso de cima de mim. Pode botar no seu trabalho, mas sem botar o meu nome. Amanhã, se der, me dê um apoio, um conselho. Tomara que, assim como para mim, este momento que nunca foi proporcionado no meio escolar, sirva para aliviar e mostrar uma luz no fim do túnel. Obrigada. Valeu!. (RESPOSTA N° 3 À 100ª QUESTÃO)

Puxa professora, eu achei este trabalho super legal! A gente fez uma reflexão sobre a vida. A gente nunca tem tempo de pensar na gente e aqui a gente pode refletir. A senhora achou que a gente ia cansar, mas não, foi muito legal. Com este trabalho me dei conta do quanto sou submissa. E o quanto isso me faz mal. Vou repensar meu jeito de trabalhar com os meninos e as meninas. Vou lutar para diminuir o machismo. Eu sei que é difícil, porque a nossa cultura e a nossa educação foi feita pra gente obedecer. Mas tá errado, não é justo. Foram duas tardes muito boas. Converse sobre isso com a gente; é disso que a gente precisa, coisas práticas, do dia-a-dia. Só assim a gente pode tentar melhorar um pouco a justiça, a exclusão da mulher e a opressão. (RESPOSTA N° 4 À 100ª QUESTÃO)

Percebi o quanto estes momentos em que silencieiei e elas puderam pensar e escrever, revendo-se em suas vidas, tendo tempo e calma para isto, foi importante para elas. A quanto tempo gostariam de falar sobre si mesmas? Isoladas nas pequenas escolas da zona rural, trabalhando dois turnos na escola e à noite fazendo as tarefas domésticas, ouvindo filhos e marido, vindo nas férias para a Universidade, que necessidade tinham de desabafar! De “se” pensar!

Professora, nós mulheres aprendemos a não nos valorizar, a não nos dar importância. A gente se acostumou baixando a cabeça. Aí os homens fazem a gente de capacho e limpam as botas com barro em cima de nós. A gente condena o machismo, mas a gente faz igual entre filhos e filhas, alunos e alunas. E acaba se acomodando. Respondendo o questionário, pude perceber nas entrelinhas o quanto minha vida em casa e na escola tem sido prejudicada por conceitos antiquados da nossa região. A gente foi criada numa sociedade injusta, que valoriza o homem, o rico, o branco, as pessoas da cidade, os que tem estudo. E a gente, sem querer, reforça isso. Esse questionário parece um alerta: lendo tudo o que eu botei, parece que fiquei vendo melhor a vida. A gente tem medo de perder o companheiro e acaba se anulando. Mas vai mudar! Foram duas tardes muito legais. Obrigada. (RESPOSTA N° 5 À 100ª QUESTÃO)

Esta aluna apresenta uma leitura crítica de uma realidade excludente que, pude perceber, ia passando por ela sem que ela se apercebesse. Neste momento de reflexão, ela ‘viu-se’.

Professora Berê: nunca tinha sido proporcionado para mim fazer uma retrospectiva de vida. Esses assuntos de casa, sobre machismo, a gente não fala. A gente aprendeu ‘que roupa suja se lava em casa’. Mas como foi bom escrever sobre isso!

Fica uma sugestão: dê um curso sobre o machismo, ou incluam esse assunto como uma disciplina na Pedagogia. A gente precisa verbalizar, discutir, para poder se ver e mudar. Os Cursos de Formação não entram nos aspectos práticos da vida da mulher. E a gente se submete, fica desunida, e não se dá conta que isso é um problema geral. Ta na hora de encarar essas discussões sobre a relação homem-mulher de frente. Foi muito bom, mas não pode parar aqui. A gente não foi preparada para lidar com isso com os alunos. E muitas vezes a gente não sabe o que fazer. Pense nisso! E com carinho! Um beijão”. (RESPOSTA N° 8 À 100ª QUESTÃO)

Percebi, com esta aluna, a possibilidade de incluir o estudo das relações de gênero nos Cursos de Formação. Pelas conversas que tive com elas depois, no corredor da Universidade, percebi que nunca leram textos sobre esse assunto. As escolas isoladas, a dificuldade de adquirir livros ou tomar contato com uma bibliografia específica, até mesmo para ser debatido nas reuniões de escola, são empecilhos nesse sentido. É uma oportunidade para que se insira o tema, que, certamente, integra os paradigmas atuais de cidadania.

Professora, eu, e tenho certeza que outras, gostaríamos que a senhora falasse nesse assunto do machismo em aula, que a gente conseguisse ser mais informada, para saber quais são os nossos direitos em casa. (RESPOSTA N° 14 À 100ª QUESTÃO)

Eu acho que deveria ter cursos nas comunidades explicando o papel do homem e da mulher na família, pro homem não se sentir tão superior e a gente viver tão humilhada e sofrida. Como é que uma pessoa cansada e sofrida vai dar uma aula boa? De onde a gente vai tirar ‘criatividade’? (RESPOSTA N° 15 À 100ª QUESTÃO)

A vida no espaço doméstico reflete-se no espaço público. Aprendi (e ensinei por muito tempo) que os problemas da professora ficam do lado de fora da porta da sala de aula. Mas a

vida me ensinou que essa dicotomia não existe. O que deve existir é o esforço para não apresentar um trabalho de baixa qualidade, sem preparo, ou “descarregar” nos alunos os problemas que se tem. Aprendi que o equilíbrio emocional é essencial para a professora, que ela não pode “misturar” as coisas. Mas a experiência me ensinou que trabalhar em aula com um filho doente ou com cólicas menstruais jamais permitirá o mesmo entusiasmo do que o trabalho realizado quando as “coisas estão bem, os filhos estão ótimos e a saúde perfeita”. O que é importante é o esforço a ser feito por um trabalho de qualidade, e até mesmo dizer para os alunos: “Hoje eu não estou bem. Preciso de ajuda!”

Analisando questionários, entrevistas e técnica aplicada, vi o quanto essas mulheres são corajosas, verdadeiras heroínas anônimas, para virem estudar nas férias, após a dupla jornada de trabalho que realizam, uma na escola, e a outra em casa, a maioria delas sendo cobradas em ambos os locais, exigidas e desvalorizadas.

Gostaria de solicitar encaminhamento sobre os direitos da mulher casada.  
(RESPOSTA N° 19 À 100ª QUESTÃO)

Gostaria que nos cursos de formação fossem abordadas as Relações de Gênero. (RESPOSTA N° 20 À 100ª QUESTÃO)

Gostaria que a Pedagogia nos preparasse para trabalhar as questões sexuais com as crianças. A gente fala na parte biológica, mas a gente sente vergonha e não fala à vontade. (RESPOSTA N° 21 À 100ª QUESTÃO)

Ainda existe o preconceito para falar em sexo, tanto para crianças quanto para adolescentes. Fala-se na parte anatômica e biológica, mas não se fala em sentimentos, em amor, em prazer, em alegria, em fruição. É preciso que a Universidade, nos Cursos de Formação, preocupe-se mais com a afetividade, com a ternura. Fala-se em novos paradigmas educacionais, mas o discurso, na prática, continua o mesmo.

Gostaria que nos Cursos de Formação de Professores se estudasse Relações Humanas, o Estatuto da Criança e do Adolescente e os direitos da mulher casada. (RESPOSTA N° 24 À 100ª QUESTÃO)

Outra sugestão importante para os Cursos de Formação. Ao se estudar Políticas Educacionais e Legislação sobre Educação, é uma necessidade estudar e discutir o ECA.

Por que a URCAMP não faz palestras nas comunidades do interior procurando esclarecer os pais? Ou a SMEC? A gente fica em conflito e angustiada, entre o que a gente sabe que é o certo e o que a gente 'tem' que fazer. Em 30 anos, parece que a nossa região não mudou, parece que parou no tempo. (RESPOSTA N° 29 À 100ª QUESTÃO)

Que bom que a gente tivesse outras oportunidades como esta para repensar a vida que a gente leva! E, como a senhora diz, a senhora nos mostra várias portas, agora é só escolher uma delas, abrir e escolher o caminho. Legal! (meio sofrido, porque remexe com a gente, mas muito legal). (RESPOSTA N° 6 À 100ª QUESTÃO)

Muito bom esse trabalho. É difícil botar certas coisas pra fora, mas que alivia, alivia. Fale desses assuntos em aula, de modo geral, e nos oriente. Vai ser muito legal. Nós adoramos a senhora! Muitos beijos (RESPOSTA N° 16 À 100ª QUESTÃO)

Em outras respostas/complementações, surgiram assuntos muito pesados, como o da dominação masculina expressa na violência física e simbólica, através de ameaças de morte. Como é possível que, em pleno início do século XXI, as mulheres tenham que se sujeitar a isso?

Nesta questão percebe-se clara a violência e a dominação masculina: a violência chega ao ponto de o marido bater na mulher, mulher mãe de seus filhos e professora!

Percebe-se que a professora-aluna está vivenciando um conflito entre o que ensina e o que, por medo, se sente obrigada a suportar. Um ambiente doméstico que é um capo de

batalha, e a educação reprodutivista do “ser obediente”. As professoras -alunas têm consciência de que seu trabalho não é tão bom quanto deveria.

Quando meu marido tem os ataques de brabeza, chega a me bater. Aí eu vou marcada para a escola, com roxões. Os alunos me perguntam e eu digo que caí. Como eu vou ensinar eles a falar a verdade, se eu minto? Como vou ensinar a ser críticos se eu sou submissa? Mas se eu quiser me separar dele ele já disse que me mata, porque ele “não é homem pra ser deixado”. A senhora já viu uma professora vivendo assim dar uma aula boa? A gente quer mais é chorar e ficar quieta, mas tem que chegar alegre e sorrindo. E os alunos percebem esse fingimento. E aí a gente está ensinando eles a serem obedientes (como a gente foi criada). Até que ponto isso é bom? É para isso que dizem que as professoras são tudo recalçadas: além de mal-pagas, sem alegria e mal comidas (desculpe o termo). Desabafar é preciso... (RESPOSTA N° 16 À 100ª QUESTÃO)

É claro que esta situação não ocorre apenas na Região da Fronteira: ela ainda acontece em muitos lugares, mas aqui parece legitimada, como naturalizada, como um dos “direitos do marido”. E eles, muitas vezes, contam o que fazem com as mulheres, nos “bolichos”, como sinal de masculinidade!

Por que uma mulher separada do marido é motivo de zombaria na Campanha? Os caras acham que podem meter a mão com ela. Se ela ri, é vagabunda. Se está sempre séria, é recalçada. Se é professora e é solteira é mal-amada. Até os guris maiores debocham. Eu ouvi um aluno dizer pra uma professora solteira: “Vai botar um macho nesse corpo. Aí pode ser que tu deixe de ser tão chata”. (RESPOSTA N° 25 À 100ª QUESTÃO)

Percebi que vivíamos numa sociedade machista no dia que resolvi me separar do meu marido, pois fui casada durante oito anos, vivendo um casamento fracassado, sendo traída. Muitas vezes ele me batia e ameaçava em me matar se eu me separasse dele.

Enquanto eu consegui manter este casamento – eu menti pensando no meu filho, pois pensava que as coisas poderiam melhorar. E as pessoas que estavam de fora sempre comentavam: “Coitada, trabalha, sustenta a casa e ainda é traída pelo marido”.

Mas hoje que consegui me libertar deste casamento fracassado, sem amor e comecei a me relacionar com pessoas, a sair para festas, bailes, etc., estas mesmas pessoas falam: “Que horrível. Uma mulher separada, professora, com filhos, saindo, namorando, onde estamos?”

Foi neste momento que vi que as próprias mulheres são machistas, pois não aceitam que outras consigam se libertar do machismo da sociedade. (RESPOSTA N° 27 À 100ª QUESTÃO)

Só o fato de vir estudar em Bagé é motivo para comentários maldosos, como “ela vai arrumar outro homem, deixou do marido; que mulher é essa que está

sempre viajando e saindo para fora de casa?!” (RESPOSTA N° 1 À 100ª QUESTÃO)

As mulheres costumam ser tão implacáveis com as outras mulheres que nem parece que a grande maioria está em situação semelhante: nas cidades do interior, “todos cuidam da vida de todos”. Estas mulheres, sofridas, ainda são motivo de escárnio em sua cidade porque vêm para Bagé estudar. Pelo fato de serem mulheres. Se fossem homens, “estariam aprimorando sua carreira”.

A proteção legal à mulher, tardiamente, vem sendo reconhecida. Segundo Negrão (2001), apenas em 1995, na Conferência das Nações Unidas para a Mulher, realizada em Beijing, na China, é que se firmou o conceito de que “a violência contra a mulher viola os direitos humanos”. Este enunciado foi resultado dos Movimentos Feministas, que, em 1993, conseguiram inserir na Conferência dos Direitos Humanos de Viena a afirmação e o reconhecimento de que “os direitos das mulheres são direitos humanos”.

A partir de 1995, a ONU (Organização das Nações Unidas) elaborou o seguinte texto: “É violação dos direitos humanos todo e qualquer ato baseado no gênero que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual, psicológico ou em sofrimento para a mulher, inclusive ameaça de tais atos, coação ou privação arbitrária da liberdade, podendo ocorrerem em público ou na vida privada.” (NEGRÃO, 2001, p. 9)

Nas complementações seguintes, emerge muito clara a presença do “medo”:

Gostaria de me livrar do meu “machista”, mas não faço porque tenho medo dele. (RESPOSTA N° 2 À 100ª QUESTÃO)

Professora, a gente sabe que tem um monte de coisa errada. Mas a gente tem medo de ir à luta para mudar. Quando uma mulher se liberta, levanta a cabeça, até mesmo as outras mulheres condenam e nos aconselham a manter a calma para não perder o marido. Minha mãe dizia: “ruim com ele, pior sem ele”. Mas o fato é que a gente tem que ser respeitada como pessoa. Se eu não for respeitada, como é que eu vou ser cidadã? Como é que eu vou falar em cidadania pros alunos, se eu não vivo isso em casa? Aí fica difícil, é uma baita hipocrisia. Fica tudo difícil. Tem

horas que as suas perguntas deram um nó na minha cabeça: aí eu comecei a me ver como num espelho, a minha situação de verdade. (RESPOSTA N° 6 À 100ª QUESTÃO)

Aqui aparece referência ao medo, junto ao conflito que é criado entre a situação vivenciada e a teoria. O conceito de cidadania não se ensina: cidadania se vive. Elas perguntaram (e eu pergunto): Como possuir uma vivência cidadã na Escola e não viver como cidadã no espaço doméstico? Que “machos” são estes que não respeitam um ser humano pelo fato de “ser mulher”? A decantada honestidade, honradez, vale para os estranhos, somente?...

...Por exemplo, apesar de possuírem certos direitos perante a lei (igualdade formal) muitas mulheres são freqüentemente impedidas de exercerem-nos em razão de constrangimentos baseados em classe, raça, gênero, etc. Para ilustrar: uma mulher pode ter o *direito de dar queixa (sic)* contra seu marido maltratante, mas ao fazê-lo pode colocar em risco o *status* de guardiã dos filhos. [...] Ela tem o direito de firmar uma queixa oficial, mas ao fazê-lo pode colocar em risco seu emprego, de cuja renda habitualmente sua família depende. Ela tem o direito de deixar um companheiro maltratante. No entanto, se assim o fizer [...] arrisca ser retirada de seu sistema familiar [...] e uma vez deixando-o, ele pode, em retaliação [...] colocar seriamente em risco [sua vida] e a possibilidade de permanecer com as crianças. [...] Opressão assim se refere a todas as formas de controle que impedem o completo avanço e o preenchimento das metas de um indivíduo. Mais que isso, indivíduos experienciam diferentes formas de opressão de acordo com o seu “lugar social”. (GRO SSI e AGUINSKY, 2001, p. 19)

Ele não valoriza o serviço que eu faço. Eu trabalho de manhã e de tarde e almoço na escola. Quando chego, ta o serviço todo esperando por mim. Ele descansa, eu faço a lida, deixo a comida pronta, deixo a roupa lavada e estendida. Se ele chega (porque ele sempre chega em casa primeiro do que eu) e vê que vai chover, não é capaz de recolher nem a roupa. Quando eu termino tudo é que vou preparar aula para o outro dia. Como é que eu vou ter ânimo? É as crianças brigando, é ele se queixando. Eu sento e levanto, sendo e levanto. Não consigo nem me concentrar. Não tem como fazer um material didático bom com esse clima em casa. Se tem feriado ou é domingo, aí eu procuro adiantar as aulas. Eu sei que não ta certo, mas o que eu vou fazer? Quando me deito, estou caindo de sono. Aí ele quer sexo. Eu estou cansada, não fico disposta. Então ele diz: “Bueno, se eu pular a cerca, não te queixa!”.

Isso é vida, professora? Aí eu chego e, mesmo que eu me cuide, acabo descarregando nos alunos. Aí eu venho pra cá estudar nas férias e vejo que tudo o que eu faço está errado. Eu me esforço, mas é brabo. Agora o dinheiro que eu boto pra dentro de casa ele acha bom. Aí ele não reclama. (RESPOSTA N° 9 À 100ª QUESTÃO)

Meu marido é até um bom companheiro. Ele me ajuda até em casa. Mas sexo tem que ser quando ele quer, e do jeito que ele quer, queira eu ou não. Professora, o marido tem o direito de exigir o sexo sempre? Não tem lei que proteja a mulher?

Minha irmã, o marido trocou ela por uma semana com o irmão dele pra ficar com o cavalo dele, porque ele não tinha como pagar o cavalo. Ela só chorava, mas foi. Voltou toda machucada, não podia nem caminhar. Um homem pode fazer isso com a mulher? Não tem lei que proteja? (RESPOSTA N° 18 À 100ª QUESTÃO)

Aqui se percebe que a dupla (ou tripla) jornada de trabalho pela qual as mulheres passam traz cansaço, e o cansaço (e certamente outras situações desagradáveis) gerou o desinteresse pelo sexo. Os maridos não participam das tarefas domésticas, ficando estas a cargo da mulher, além do trabalho na Escola. As exigências ou falta de compreensão do marido, relações que se dão no espaço doméstico, *repercutem* no espaço público, na trajetória profissional dessas mulheres, propiciando um trabalho de menor qualidade, aliado ao cansaço, à desesperança, à frustração. A dominação masculina, através da violência física ou simbólica, que atinge essas mulheres, repercute na sua prática docente, assim como repercutiu no passado no seu processo educacional e repercute ainda hoje, pois quando retornam do Programa para suas casas não têm estímulo nem ânimo para estudar.

Eu me criei ouvindo e vendo o meu pai bater na minha mãe e dizer que podia fazer o que quisesse com ela e os filhos, pois quem mandava ali era ele e tínhamos que ficar quietos para que ele não nos colocasse para a rua.

E quando consegui me livrar de meu pai, tive que agüentar um casamento fracassado, pois a educação que minha mãe verdadeira e minha mãe de criação me deram era que uma mulher deveria ter um único homem e se submeter a tudo para ter uma família. E então, mesmo sustentando minha casa, continuei a ouvir estas frases. Minha mãe me ensinou que os homens podem tudo, porque 'eles são homens, e o homem é o chefe da família'. (RESPOSTA N° 31 À 100ª QUESTÃO)

Quando a violência contra a mulher se consolida no âmbito das relações domésticas, principalmente nas relações conjugais, a situação é muito delicada. O direito de maus tratos à mulher fazia parte dos direitos do patriarca. Hoje, a mídia, a educação e a própria sociedade estão procurando "desnaturalizá-la". Entretanto, não é fácil a sua desincorporação, principalmente quando as pessoas já vivenciaram na infância situações de dominação e estas foram tidas como naturais. Bourdieu enfoca que o maior problema para a libertação das mulheres é a luta que elas têm de travar dentro delas mesmas.

Grossi e Aginsky (2001) informam que estas relações de dominação são de origem patriarcal e possuem um cunho político. Esta dominação ultrapassa o gênero, e se estende a outras minorias, indo desde “os maus tratos físicos, sexuais, emocionais, econômicos e espirituais; isolamento imposto; uso de ameaças e intimidações; e o uso de crianças como garantia da manutenção das relações de subordinação” (GROSSI e AGUINSKY, 2001, p. 23). Junto a isto ainda há, nas cidades do interior e na Região da Fronteira, um preconceito arraigado de que o casamento deve ser “até que a morte os separe”, e, nas separações, sempre as mulheres são alvos de maledicência. Em se tratando de “professoras”, “educadoras”, “formadoras de crianças e jovens”, há uma repercussão e elas sofrem uma perseguição ainda maior. Chega um momento em que a mudança se impõe, mas não é tão fácil como parece aos que estão do lado de fora. “Ser oprimido significa ausência de escolhas” (GROSSI e AGUINSKY, 2001, p. 19). Às vezes o risco de uma decisão envolve outros riscos que poderão ser piores (ou não). Foucault (*apud* GROSSI e AGUINSKY, 2001, p. 31) assume que “a resistência só é possível para sujeitos livres, isto é, sujeitos que enfrentam o campo das possibilidades, numa série de opções”. Mas estas mulheres possuirão “uma série de opções”??

A resistência está ligada também ao processo de conscientização, procurando reconhecer a situação de dominação como opressora. Por esta razão, acredito nos movimentos de reflexão, esclarecimento, conhecimento de direitos que venham a possibilitar a união e o fortalecimento das minorias oprimidas, para que, podendo vislumbrar possibilidades, consigam organizar-se em movimentos de resistência.

Algumas professoras-alunas colocaram que “vir para o curso é uma terapia”; apesar de estudar, ou com muito calor ou com muito frio, mal-acomodadas, talvez sejam estes os únicos momentos em que obtém um pouco de paz e liberdade.

Professora: um dia eu estava cansada de dar aula, fazer o serviço de casa, e não tinha disposição pra fazer sexo. Aí o meu marido disse que preferia mil vezes ter casado com uma doméstica do que com uma professora. A senhora acha que eu tenho estímulo para estudar? Eu sei que é bom pro meu crescimento pessoal e profissional, mas se eu estou aqui hoje é de teimosia. Ele só me deixou vir porque eu disse que ia perder o emprego. Como eu sinto falta da minha mãe: ela sempre me incentivou. Um dia eu vou arrumar coragem e dar uma reviravolta na minha vida. Aí tenho certeza que a qualidade do meu trabalho vai ser bem melhor. (RESPOSTA N° 12 À 100ª QUESTÃO)

Os homens desvalorizam (ou não valorizam) a busca de conhecimento das mulheres porque temem que o conhecimento traga alargamento dos horizontes dessas mulheres, bem como temem o seu convívio com outras mulheres, as “professoras da Universidade”, que são “modernas” – e que possam alertar ou modificar a idéia da submissão incorporada. Como a “mulher do gaúcho vai **saber** mais do que ele?” Ele, em tudo, tem de ser superior.

A senhora nunca ouviu a maioria das mulheres dizer que, se pudessem, seriam homens? Eu se pudesse seria, porque aí ia poder tomar as minhas decisões sem ter que dar satisfações a ninguém. A gente às vezes é tão maltratada em casa que não tem vontade de voltar. Eu, se pudesse, ia pra escola em domingos e feriados. Lá eu faço o que gosto e as crianças são carinhosas comigo. Pra mim, estudar aqui e trabalhar é uma terapia. É esse trabalho que fez botar pra fora um monte de coisas que estavam entaladas na garganta. Foi muito bom: foi uma oportunidade ótima de revisão na minha vida e reflexão. Ainda bem que tenho os meus filhos e os meus alunos, senão eu seria a pessoa mais infeliz do mundo. (RESPOSTA N° 13 À 100ª QUESTÃO)

Certa vez, quando adolescente, eu li em algum lugar que “Lar é ter um lugar para onde voltar”... Quando a mulher não tem o “seu lugar”, não se sente “com vontade de voltar”; sendo mulheres de meia idade, que aspirações podem ter para o futuro? Como encarar a terceira idade que se aproxima? Junta-se a isso os distúrbios causados pela menopausa, a situação financeira precária, os baixos salários do Magistério, o desejo de comprar um livro,

mas ter de optar por adquirir o remédio ou o alimento. Tudo isso certamente traz desconforto, ansiedade e depressão. Manter um trabalho de qualidade laborando manhã e tarde, retornando à noite para uma imensa quantidade de trabalho acumulado, não receber uma palavra de estímulo ou carinho, certamente não trará condições de por em prática aquilo que se procura construir no Programa. Junta-se ainda o medo, o preconceito e a repressão sexual:

Quando eu era pequena, um dia meu pai chegou mais cedo para me buscar na escola. Eu estava sentada do lado de um menino. Ele entrou na sala de aula, xingou a professora, dizendo que ela não era “uma mulher de confiança e decerto nem era decente porque deixava os guris e as gurias ficarem juntos”. Me arrancou pelo cabelo, não me deixou nem juntar meu material. Me deu um monte de tapas, que meu nariz ficou sangrando. Ele gritava e dizia que eu era “tarada” e que a professora também era “tarada e cafetina”. Aí eu não fui à Escola. Ele foi em... onde estava o Secretário de Educação e fez tanta fofoca até que tiraram ela. Aí foi outra, que parecia meio machorra, até bigode tinha e só gritava. Mas essa era boa (pro meu pai) e garantiu pra ele que era guri numa fila e guria noutra. Até no recreio era em horário separado. Aí já fazia um mês (ou mais) que eu não ia. Aí eu pude ir de novo, com muita vergonha, mas todos na comunidade diziam que ele tava certo.

Hoje, quando na minha aula eu junto as crianças, parece que sempre vai chegar alguém e me condenar. Tem mães que vão no recreio “cuidar” as gurias para que não brinquem com os guris. Aí a gente mantém o preconceito, não consegue que as crianças interajam direito. Eu e as gurias estamos sempre com medo. A gente quer fazer o que é certo, o que a gente aprende aqui, mas não dá professora, e a culpa não é nossa. (RESPOSTA N° 29 À 100ª QUESTÃO)

Essas pessoas vivem isoladas do mundo. Talvez por isso, ou pela própria educação conservadora, percebi que é muito presente, na zona rural, a repressão sexual.

Segundo Chauí (1991, p. 11), analisando ela a palavra “*reprimir*”, entre seus muitos significados, alguns são: “dissimular, violentar, oprimir, tyrannizar, impedir pela ameaça ou castigo, castigar, punir”, ou pode ser considerada ainda o “efeito desse ato”. Chauí considera que, na repressão, existem procedimentos, portanto, visíveis e invisíveis – e que o sentido de repressão muda bastante quando passa a significar opressão, violência, enfim, dominação.

‘Neste caso, reprimir é exercer ação pela força, submetendo o reprimido. É violentar a natureza de alguma coisa ou alguém’ (CHAUÍ, 1991, p. 13). Diz Chauí que ‘à repressão é um fenômeno sutil de interiorização das proibições e interdições internas, vividas por nós sob a forma de desagrado, vergonha, sofrimento e dor’ (CHAUÍ, 1991, p. 13). Enfim, aquilo que é internalizado, incorporado, e que produz repercussões na vida das pessoas. Nas palavras de Bourdieu, corresponderia àquilo que nos é inculcado pelo *habitus*.

A ‘repressão sexual’, segundo Chauí, seria ‘a existência de proibições, punições, permissões e recompensas concernentes a algo, que seria puramente natural’ (CHAUÍ, 2001, p. 15). A repressão sexual seria a passagem do natural/biológico do sexo para sua existência como fenômeno cultural ou histórico. Torna-se então ‘aquilo de que se deve ter vergonha’ (CHAUÍ, 2001, p. 16). Aquilo que é preciso reprimir, ocultar. A moral judaico-cristã instituiu o sexo prazeroso como pecado, como transgressão, institucionalizando por séculos a repressão sexual, onde este só serve para a reprodução da espécie, após o casamento e sem a característica do prazer, principalmente para as mulheres. Estas têm como função a maternidade, ‘servir’ aos seus maridos, tendo -se de reprimir a libido (energia ou pulsão sexual). A imagem da professora constituiu-se como assexuada: o Magistério é extensão da maternidade, mas a mãe é ‘virgem’. Assim o era tido na sociedade patriarcal. Assim chegou na Região da Fronteira. E assim ‘ficou’ na zona rural e ainda em algumas pequenas cidades da Fronteira. A mulher seria ‘naturalmente passiva’ sexualmente. O homem, ‘naturalmente ativo’. A mulher ‘de família’, a mulher ‘decente’, não teria libido, ou deveria tê-la sufocada, pois ser ‘ativa’ sexualmente não se coadunava com a figura da mãe. O homem, ‘naturalmente’ ativo, ‘precisava’ dar vazão à sua libido, e isto o fazia, nos primeiros tempos do Rio Grande, com as negras escravas ou com as índias, depois com as empregadas da estância, as filhas das empregadas, as mulheres dos agregados que moravam ‘de favor’. Mais

tarde, nos cabarés freqüentados pelas altas rodas da elite, pelos estancieiros e coronéis. Hoje, com a pílula anticoncepcional e as mudanças nos costumes, os cabarés perderam em muito para as “garotas de programa”, ou as “conhecidas” mais livres, que não “cobram pelo que fazem” (mas ganham presentes...). E a mulher das cidades grandes ou de porte médio já vivencia uma sexualidade ativa, exigindo seu direito ao prazer.

Nas pequenas cidadezinhas da Fronteira ou na zona rural, estes “modernismos” são vistos com maus olhos: a evolução dos hábitos das mulheres vem se dando lentamente, ainda há famílias com uma prole numerosa, principalmente nas classes populares e na zona rural. O sexo prazeroso para a mulher ainda é visto como transgressão à moral. (Entretanto, não estou aqui fazendo a apologia das trocas de parceiros, ou o sexo irresponsável, desprovido de sentimentos e/ou envolvimento emocional e/ou familiares. Faço uma análise do que percebi nas entrevistas, nos sorrisos tímidos e/ou nos rostos ruborizados.) A mulher passiva sexualmente foi uma construção social, e não é um fato “natural”. Assim como os homens serem violentos, belicosos, autoritários também não é uma característica “natural” do masculino. Os “atributos” masculinos e femininos foram construções sociais, que permeiam as representações do imaginário social das classes dominantes. A antropóloga Margareth Mead, citada por Chauí (1991), relata estudos em três diferentes sociedades, mostrando que, numa delas, homens e mulheres foram educados para ter as características tidas como “femininas” pela civilização ocidental; em outra, homens e mulheres foram educados para assumirem comportamentos tidos, para ambos, como “masculinos”; e ainda, em uma outra, os homens foram educados com as características tidas como “femininas” e as mulheres com as tidas como “masculinas”, que foram internalizadas e incorporadas, o que prova que essas características não são inatas à alteridade biológica, e sim construídas socialmente conforme o interesse das classes dominantes, não sendo universais, e variando no tempo e no espaço.

Aqui, nestas plagas do Sul, ao “centauro do pampa” é permitida a liberdade, ser meio racional, meio irracional, valer-se da força, dominar a égua, dominar a mulher. E esse paradigma permanece:

Sou professora, tenho seis filhos, trabalho manhã e tarde e estudo nas férias, e pretendo no próximo ano trabalhar também à noite. Sou eu que sustento a casa, comida, roupa, remédio, estudo, pago luz, ninguém me ajuda com nada. Meu marido é muito agressivo, já me bateu milhares de vezes, tenho minha família longe daqui, não tenho quem me defenda, meus vizinhos de perto tem medo dele. Muitas vezes ele põe todos pra fora de casa. Se não fugirmos, ele nos bate, agora ta prometendo até me matar com um tiro na cabeça. Acho que ele já não fez isso porque meu filho sempre me defende, ele já é um rapaz.

Já chamei a família dele, vieram, levaram ele 10 dias, mandaram de volta, não fizeram nada. Agora, eu tenho que agüentar, já estou nessa vida há 25 anos, cada dia pior. Mas eu sou uma pessoa que me preocupo muito com o que os outros pensam, e tenho muito medo dele, um primo dele matou a mulher com 26 facadas; o outro matou a mulher com três tiros.

Quando ele sai eu entro em pânico, porque sei que vai beber. Eu não saio com ele, muitas vezes ele queria me bater dentro do ônibus, me chamava de vagabunda no meio de estranhos, ele sempre me coloca pra baixo, quase morro de vergonha.

Há alguns anos atrás ele falou pra minha irmã que ia me matar e me jogar no rio, ia atar uma pedra no meu corpo e jogar numa parte bem funda que nunca ninguém ia me achar, e ia mentir que eu tinha fugido com alguém. Hoje ele me convidou para ir pescar de canoa no Rio [...]. Eu não fui, me lembrei da história, ficou para irmos amanhã, tenho medo. Ele é capaz de fazer alguma coisa e mentir pros meus filhos que eu caí na água e me afoguei. Minha vida é muito difícil, perdi toda minha juventude por alguém que não merece, que já me humilhou muito e me trata quando ta bêbado como uma prostituta, daí pra pior. Sou muito humilhada e o pagamento por eu sustentar ele, e os filhos dele. Rezo todos os dias pra Deus proteger meus filhos de uma desgraça. (RESPOSTA N° 26 À 100ª QUESTÃO)

Após ler esta resposta, pensei: ‘Como uma mulher pode entrar, assim, diariamente, em uma sala de aula, de manhã e de tarde?? Como se sente na hora de voltar para casa?? Como prepara suas aulas?? Como dorme à noite? Como encara seus alunos, que certamente sabem como é sua vida?? E está aqui, na minha sala de aula. Não consigo identificá-la. Todas passaram esta tarde alegres, trabalhando em grupo e apresentando trabalhos. Não faltou ninguém. ‘Ela’ está aí. Quem será??...’

Após o período da aula, “ela” veio conversar comigo: aconselhei -a a ir à Defensoria Pública e procurar entrar em contato com os Alcoólicos Anônimos e com o Conselho Tutelar. Ela me disse: “O tempo mais feliz é que eu tenho é quando estou aqui, estudando, aprendendo. Eu fico sem pensar. Eu gosto das minhas aulas. Elas não são ruins, porque eu me esforço. Mas eu gostaria que fossem bem melhores, porque as crianças merecem!”

Após esta conversa, eu pensei: quantas professoras moram em Bagé, têm acesso fácil à Universidade e não têm este entusiasmo e interesse. Ela é uma pessoa alegre aqui no Programa. Fala com desenvoltura, embora fosse muito quieta nos primeiros blocos. Não falta às aulas, não deixa de fazer os trabalhos, sugere, argumenta, participa das aulas... Anotei: por trás de cada rosto alegre, quanta história de vida. Contou-me que o pai a “obrigou” a ser professora. Mas ela não se arrepende. “Gosta do que faz.” Está parando numa pensão aqui perto. Pediu-me livros emprestados. Disse que vai lê-los à noite, enquanto está aqui em Bagé. “Eu quero me separar dele, mas tenho medo dele. E tenho medo que ‘pegue mal pra mim’, que sou professora, que eu seja separada. Sei de uma, lá em [...], que até perdeu o contrato porque se separou e o marido saiu dizendo que ‘ele’ é que se separou dela, porque ela era muito *puta*. Aí, terminou o ano, e a SMEC não renovou o contrato dela...”

No momento em que o marido da outra professora disse que “*ele* é que se separou dela”, fica claro que o homem não admite que a mulher o deixe. “Ele” pode “deixar da mulher” (*sic*), mas não admite ser “deixado” (*sic* – foram as palavras delas).

Este depoimento veio em folhas anexadas a um dos questionários preenchidos e devolvidos:

Professora, eu estou com quase 40 anos e só apanhei duas vezes na vida, quando criança. A primeira foi assim: a gente morava na campanha e meu irmão foi para o quartel. Eu gostava muito dele e sentia muita saudade. Nas férias, ele veio nos visitar; aí, quando eu vi que ele chegou eu pulei no colo dele, me abracei e beijei ele no rosto, feliz da vida. Meu pai entrou na sala e me arrastou do colo do meu irmão aos tapas. Me levou para o quarto, pegou o relho e me surrou tanto que eu não conseguia mais nem chorar. Minha mãe viu tudo e ficou quieta, ela tinha medo do meu pai. Meu pai gritava e esperneava, dizendo: ‘Sua vagabunda, sua putinha: onde se viu se agarrar em homem? É porque tu é vagabunda mesmo. Nunca mais quero te ver agarrada em macho’. Minha mãe só dizia baixinho: ‘mas ele é o irmão dela’. Meu pai deu uma bofetada na mãe, que saiu do quarto. Fiquei trancada até de noite no quarto, sem comer nem beber. No outro dia, meu irmão foi embora (e levou muitos anos até que eu visse ele de novo, porque depois do quartel ele arrumou emprego na cidade). Sabe que idade eu tinha? Seis anos. Eu nunca mais me esqueci.

A outra vez foi numas férias, quando meus tios e primos foram nos visitar. Eu fiquei muito contente, porque não tinha ninguém para brincar. Nós tínhamos quase a mesma idade. Me recomendaram (o pai) que não brincasse com os guris, porque ‘era feio e perigoso’. Eu não entendia. Eles, os dois, brincavam e eu ficava olhando, de longe. Aí, um dia meu pai e meu tio foram camperear e a minha mãe e a tia tavam fazendo pão. Eu fui pra trás da casa, eles tavam brincando com bola e me convidaram para brincar. Eu disse que com bola eu não podia brincar, era ‘brinquedo de menino’. Aí eles tinham levado uns soldadinhos e me convidaram para brincar de guerra. A gente sentou no chão e ficou brincando um tempão. Eu tava muito feliz e nem vi o tempo passar, nem ouvi o barulho dos cachorros quando o pai e o tio chegaram. Só ouvi aquele grito dentro de casa: ‘Mulher, cadê a...’. Eu gelei. Fiquei tão apavorada que fiquei parada de medo. Meu pai apareceu e me arrancou do brinquedo pela orelha. Me levou pro quarto, ele tava com o relho na mão e me bateu. Bateu tanto que eu me urinei. Aí ele dizia: ‘Sua égua no cio! Eu já não te disse que não era pra andar com macho?!’. Minha mãe ficou quieta, aparvalhada, olhando. Minha tia entrou e disse: ‘Mas eles são primos dela!’. Meu pai respondeu: ‘Eu sei que são. Mas não tem nenhuma prima minha que eu não tenha comido! Eu sei bem o que eu fazia com elas. Não te mete’. Aí já deu briga (minha tia era irmã dele). Meu tio não gostou do gritado e acabaram indo embora no outro dia. Levou anos pra eu ver meus primos e tios outra vez. Sabe que idade eu tinha, professora? Sete anos, arrecém tinha feito. Por causa disso, meu pai não deixou eu ir para a Escola naquele ano. Depois de dois anos é que eu fui estudar. Aí ele me levava a cavalo e ia me buscar. Dizia pra professora que se me visse ‘junto com macho’, me tirava da escola. Por isso que hoje eu sou essa ‘bicho do mato’. Quase não falo e tenho vergonha de tudo. Eu me casei com quase 30 anos, virgem e com medo de homem. Até agora eu não consigo fazer um carinho no meu marido, parece que se eu faço, meu pai vai aparecer e me surrar, me chamando de vagabunda (eu acho que só casei porque ele morreu). Nunca mais consegui dar um beijo no meu irmão, nem nos meus primos. Fora a vergonha que eu fiquei.

Agora, na Escola, eu vejo que trato as meninas com mais carinho que os meninos. Não é por mal, é que eu não consigo tratar igual. Eu me esforço.

Professora, eu sou traumatizada, tenho medo de falar com homens. Fiquei arredia. Eu nunca dei ou recebi um beijo ou um abraço do meu pai. Eu nunca falei isso pra ninguém, nem pro meu marido. Ele reclama que eu sou fria. Não consigo falar de reprodução para as crianças, nem de sexo. Sei que, nesta área, meu trabalho deixa a desejar.

Professora, desculpe o desabafo. Eu tinha que falar porque agora estou mais aliviada. Eu não me animo a falar isso, mas escrever eu me animo. Que professora sou eu, que não consegui falar de coisas ‘naturais’ para os alunos e não consigo dar beijos nos meninos?

Este depoimento me deixou preocupada e triste. Uma menina de 6 anos apanhar porque foi no colo do irmão e porque estava brincando com os primos. A violência física do pai, as palavras maldosas despertaram naquela menina sentimentos que, hoje, mais de 30 anos depois, ainda trazem repercussões para sua trajetória profissional: discrimina os meninos, não consegue tratá-los de modo igual e com o mesmo carinho que as meninas – o que, certamente, desqualifica sua trajetória profissional. O medo e a violência, as ameaças, ficaram inscritos em seu corpo, refletindo-se na sua vida sexual/conjugal. Foi criada sem proximidade física e cresceu tendo “medo” dos homens. Ficou dois anos sem estudar, o que atrasou seu processo educacional, e até hoje vive com medo, atormentada pelos fantasmas da infância. Presenciou a mãe ser agredida sem reagir, como se apanhar do marido fosse “normal”. A violência física e simbólica e a linguagem rude tornaram-na um “bicho do mato”. No final do curso, ela se identificou, acanhada, envergonhada. Aconselhei-a a ir a um psicólogo, pois há dois na cidade onde mora, mas ela disse que “tem vergonha de contar”. Aconselhei -a a contar para o marido e conversar claramente com ele. Ela relatou que o marido é “bom para mim, me trata bem. Ele foi criado na cidade, Tem o 1º Grau. Ele me ajuda em casa, porque eu tenho muita dor de cabeça. Às vezes eu não posso ir para a aula, porque me dói tanto a cabeça que eu tenho que ficar no escuro.” Provavelmente, somatizou os fatos de sua infância. Chorou muito quando conversei comigo. Disse-me que eu podia relatar na pesquisa, mas que ela não se animava a falar com o gravador ligado: “ficava muito nervosa”. É uma ótima aluna, embora não se ja extrovertida, fala quando necessário e tem bons argumentos. Tem um potencial ótimo para ser uma excelente professora. Entretanto, a violência do pai, após 30 anos, ainda traz repercussões para o seu trabalho docente.

Grossi (2001, p. 104-105) informa que

...homens agressores da esposa ou companheira [ou filhas] agem baseados em estereótipos criados e apoiados como um todo que reforça a dominação masculina e a submissão feminina; em geral, possuem baixa auto-estima e procuram reforçar sua auto-imagem por meio de jogos masculinos de poder; possuem tendência narcisística, centrando-se nas suas necessidades pessoais somente e revelam imaturidade, não se responsabilizando por seus atos.

Aquele que deveria amar a esposa e cuidar dos filhos acaba tornando-se o seu pior inimigo. Certamente, um homem desses, se fosse denunciado, não respeitaria as medidas jurídicas cautelares de afastar-se do lar e, seguramente, tornaria a vida da mulher e da filha ainda piores. Grossi (2001) informa que estudos revelam que o agressor não consegue viver sem sua ‘propriedade’ para dominar e agredir, física ou verbalmente, e que, em 1998, no Rio de Janeiro foi realizada uma pesquisa cuja estatística demonstrou que cerca de 90% das vítimas de violência conjugal foram assassinadas após terem rompido a relação. Acredita ela que uma das medidas que poderiam alterar o quadro de dominação masculina seria, além de campanhas de esclarecimento, intervenções grupais com os agressores. Acredita também que há uma necessidade urgente de que se desenvolva uma cultura de responsabilidade social pelo fenômeno, que não ocorre isolado, mas em vários locais do país, com predomínio nas classes populares.

Minaio (1994, p. 7) confirma que

É hoje praticamente unânime a idéia de que a violência não faz parte da natureza humana e que a mesma NÃO TEM RAÍZES BIOLÓGICAS [grifo meu]. Trata-se de um complexo e dinâmico fenômeno social, mas SEU ESPAÇO DE CRIAÇÃO [grifo meu] é a vida em sociedade.

Entretanto, no meio desses relatos, há outros que falam de resistência.

Passei por vários problemas, meu pai nunca respeitou minha mãe, teve várias amantes, eu quieta, pois achava que o assunto era entre eles.

Por isso, a minha relação com meu marido é diferente. Direitos iguais. Se “sonhar” que ele faça algo, farei o mesmo, mesmo que ele me mate. Se eu chego a descobrir e ter certeza, eu faço. (RESPOSTA N° 30 À 100ª QUESTÃO)

Minha mãe sempre me disse que o fato dela ser de outro tempo não muda nada: a mulher sempre teve que obedecer ao marido. Meu marido está sempre dizendo que pode tudo, porque ele é homem, é ele quem manda porque ele é o dono da casa. Minha mãe sempre teve o lado pior da vida. Envelheceu sofrendo.

Meu marido quantas vezes diz essas frases, quando há tempo de discutir sobre o assunto, ficamos horas debatendo, nenhum quer perder pro outro. Mas eu provo pra ele como ele não é o galo.

Pode até ser o dono, mas quem limpa, deixa tudo bonitinho? Ele viveria sem eu? Quando ele diz que “quem manda aqui sou eu”, eu debocho dele. E começo a perguntar: “Então, o que eu faço agora? Pra onde eu posso olhar? Posso pegar tal coisa? Posso lavar a roupa?”. Aí ele fica bravo. E acaba concordando que está errado.

Mas os homens nunca vão entregar os pontos, vão lutar até o final. E as mulheres também não podem abrir mão disso! Tem que lutar. (RESPOSTA N° 32 À 100ª QUESTÃO)

Eu enfrento meu marido. Ele me bate e dou-lhe pau. Só que depois ele some por uns quantos dias e eu fico remoendo: por onde será que anda? Correndo atrás de china, isso é certo, porque nunca bota dinheiro dentro de casa, quem paga tudo sou eu. Mas casamento é pra sempre, né? Eu sou muito católica e acho que se separar é pecado. Eu tenho pena das meninas, das minhas filhas e das alunas. Eu penso que tudo isto vai acontecer com elas, porque homem é bicho que não muda. Os guris já são agressivos desde pequenos, são os machões em miniatura. E as meninas seguem que nem nós, sendo tudo umas bocas-abertas. Eu queria ter nascido homem: o homem tem mais liberdade, é mais valorizado, tem mais oportunidade. Não tem compromisso com casa, comida, família. O homem chega e tem tudo pronto. A gente é que dá duro. Depois dizem que a mulher é a parte fraca. Fraca porque eles são mais fortes fisicamente e nos abafam. Professora, deveria ter uma disciplina específica sobre isso no magistério. Quanta mulher boa anda por aí passando trabalho – e depois já chegam na escola tão sofridas e cansadas que são um trapo. Só quem é feliz é a mulher que não se casa. (RESPOSTA N° 17 À 100ª QUESTÃO)

Nestes três depoimentos existe a resistência das mulheres à dominação. A primeira, reivindica por “direitos iguais”. A segunda, discute com o marido, enfrenta -o e argumenta. Vê-se que considera marido e mulher como pólos antagônicos, mas onde deve ser instaurado um campo de luta, com forças iguais. E o marido “acaba concordando que estava errado”. A terceira parte para a violência física: “ele me bate e eu dou -lhe pau”. Mas tem visões muito conservadoras do casamento, por motivos religiosos (que devem ser respeitados). Acredita,

entretanto, na “naturalização” de características femininas e masculinas, como se a violência não fosse aprendida, inculcada pelo *habitus* e reforçada pelo imaginário androcêntrico, assim como a passividade o é nas meninas. Percebe que “à mulher que passa trabalho” t em sua trajetória profissional e, conseqüentemente, sua prática pedagógica prejudicada pelo cansaço e sofrimento – possuindo a dominação masculina, que se processa no espaço doméstico, repercussões no espaço público.

Das 54 professoras-alunas, 33 complementaram o questionário, apresentaram sugestões e fizeram relatos de suas vidas. Vinte e uma deixaram em branco: ou não tinham nenhum fato relevante para registrar (o que significa que levam uma vida mais ou menos dentro do esperado por elas no que se refere às relações de gênero, ou que estavam satisfeitas, ou que não tinham sugestões a dar, ou ainda, se tinham algo com que contribuir, esse algo não conseguiu vir à tona e ser verbalizado). Trinta e três professoras-alunas também se inscreveram para as entrevistas, sendo que só pude realizar as doze primeiras. Algumas falaram mais sobre o tema, espontaneamente. Outras, mais tímidas, talvez, tive que provocar os assuntos. Não acredito que as que se inscreveram para as entrevistas fossem as mesmas que complementaram as respostas com histórias de vida, pelo menos não foram as 12 que entrevistei, porque os relatos das entrevistas não coincidem com os depoimentos escritos.

Depois de cruzar todos estes dados, pude concluir que a dominação masculina ainda existe na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, em pleno início do século XXI, e que as professoras-alunas do PFPS, casadas (ou em união estável), da URCAMP/Bagé – 2003, sofreram várias repercussões desta dominação masculina, tanto em seu processo educacional como em sua trajetória profissional.

Enumerar todas as repercussões seria impossível, pois são muitas as variáveis que influíram em cada caso. Assim como impossível seria a generalização, pois cada caso é um caso e as repercussões que surgiram para uma não são, necessariamente, as mesmas que surgiram para outras. Entretanto, é possível juntá-las por aproximação, porque há uma relativa identidade entre as repercussões que ocorreram para as professoras-alunas que residem na zona rural e as que residem na zona urbana, e entre as que residem nas duas zonas, rural e urbana.

Partindo da identificação do universo de pesquisa, pude constatar que são mulheres em uma faixa etária mais elevada, todas atuando na docência das séries iniciais do Ensino Fundamental, com experiência de anos em docência, casadas ou em união estável, todas tendo filhos e morando na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, num contexto semelhante, de classes populares, trabalhando na zona rural ou na periferia das pequenas cidades da fronteira, algumas mesmo de Bagé, que freqüentam a Universidade em janeiro e julho de forma presencial, a maioria lecionando em dois turnos, chegando em casa e tendo ainda de ocupar seu lugar de “donas -de-casa” no espaço doméstico. Pude visualizá-las como mulheres sofridas, mas extremamente interessadas na busca de novos saberes e (re)construção de conhecimentos. Constatei que a dominação masculina permeia todos os espaços da fronteira, mas, para essas mulheres, dá-se mais evidente no espaço doméstico, no âmbito da família, e se exerce através de um pai ou marido que se sente autorizado pela sociedade androcêntrica em que se vive a exercer essa autoridade/autoritarismo, bem como pelas representações do Imaginário machista e patriarcal que permeia toda a teia de relações que se processam nesta região. Esta dominação masculina, que se dá mais no âmbito doméstico, tem repercussões no espaço público, afetando essas mulheres de várias maneiras e de modos diversos. Questões a que não me havia atido no início da pesquisa foram emergindo ao longo

desta, como a presença do medo sob os mais variados ângulos, a violência física, a repressão sexual e a malícia nas atitudes das crianças. Pude perceber que quanto maior a escolaridade dos homens, menos acentuada é a dominação masculina (embora exista e os homens façam questão de demonstrá-la e exercê-la). Constatei a presença do machismo, e o quanto as mulheres também são machistas e responsáveis pelo continuísmo dessa situação.

As repercussões da dominação masculina atingem tanto o processo educacional como a trajetória profissional destas professoras-alunas, atingiram no passado e atingem no presente.

Como algumas das repercussões da dominação masculina no **processo educacional** das professoras-alunas do PFPS (casadas ou em união estável) e que cursaram o Programa em julho de 2003, pude observar, após o cruzamento dos dados obtidos na pesquisa:

- Estas mulheres enfrentaram muita dificuldade para poder cursar as últimas séries do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, principalmente as da zona rural, porque no interior a maioria das escolas oferecia somente até o final do antigo primário, ou, mais recentemente, até a 4ª ou 5ª séries do Ensino Fundamental. Após, tinham de vir para a cidade, ficar em casa de parentes ou em internatos para meninas.

Tiveram, por começar cedo a trabalhar, pouco tempo e dinheiro para se dedicarem aos estudos – mas todas tiveram muita força de vontade, e superaram os obstáculos. Para cursar a Universidade, *tiveram de enfrentar pais e maridos* (repercussão da dominação masculina em seu processo educacional), em movimentos isolados de resistência. Algumas começaram o Ensino Superior, e, pelo casamento ou a chegada dos filhos, *tiveram que parar de estudar*. Para estudar, *dependeram da ‘licença/permissão’ dos pais e/ou maridos*. Os maridos, em

geral, *não as estimularam (pelo contrário, por vezes, desestimulam) nem valorizaram seus estudos*, mesmo porque estes representam, no viés dos maridos, uma *ameaça à estabilidade do casamento* (e, a fundo, à própria dominação masculina), além de, pelo afastamento das mulheres de suas casas, “*deixarem de ser atendidos*”, ou se considerarem “*mal servidos*” pelas mulheres.

Outra repercussão da dominação masculina no processo educacional foi o processo de conquista lento que tiveram de percorrer para obter “licença” para estudar, muitas a custo de discussões, outras debaixo de ameaças, *vindo a cursar a Universidade em faixa etária bem mais avançada* que a costumeira, já na faixa etária da maturidade.

A falta de estímulo continua existindo, embora elas “percam” suas férias para poderem estudar – sofrendo críticas constantes por parte dos maridos e recriminações, bem como *sendo cobradas por eventuais problemas que venham a ocorrer em casa*, com os filhos ou outros.

Por imposição/desejo dos maridos, tiveram de esperar muito tempo para cursar a Faculdade.

Os irmãos tiveram mais vantagens e tempo do que elas quando crianças para estudar, bem como foram discriminadas pelos pais.

Muitas, em função da dominação masculina, sofreram violência física quando crianças, apanharam, sofreram castigos físicos, foram segregadas de brincar com meninos. Essas situações de medo e humilhação certamente também tiveram repercussão em seu processo educacional, gerando insegurança, timidez, baixa auto-estima, e outros.

A dominação masculina exercida pelos pais criou nelas o “preconceito desfavorável” e baixa auto-estima, tornando-as medrosas, inseguras, tímidas, tendo vergonha de falar em público. Aprenderam desde muito cedo e internalizaram que as mulheres têm de ser obedientes, submissas, ter atitudes “femininas”, ficando algumas traumatizadas pelas atitudes dos pais e/ou maridos, não sabendo ser carinhosas, tendo “vergonha de participar das aulas”.

Quanto à trajetória profissional, também a dominação masculina trouxe várias repercussões:

- A escolha da profissão – a *opção profissional preferencial pelo Magistério*, na grande maioria, foi *decisão, orientação ou imposição do pai* – entretanto, outras tiveram de enfrentar o pai para poder cursar ou Magistério ou o Ensino Médio, porque “*lugar de mulher é em casa*”. Outras foram constituídas para serem donas-de-casa, e para poder trabalhar fora do lar também tiveram que “enfrentar” pais e maridos.

Grande parte delas acumula o Magistério em dois turnos com os afazeres domésticos, resultando em *dupla jornada de trabalho*, não tendo tempo para preparar suas aulas ou fazer cursos de qualificação. Pela dominação masculina exercida pelos maridos, *chegam cansadas nas escolas*, sem estímulo ou entusiasmo – mas tentam trabalhar com uma prática pedagógica significativa e atraente para os alunos.

Outra repercussão da dominação masculina na sua trajetória profissional é *o conflito entre o que aprendem em relação a autonomia e cidadania e o que vivenciam no espaço*

*doméstico*: falta de autonomia e poder decisório, sendo humilhadas e tendo o seu trabalho desconsiderado e desvalorizado.

Várias apresentaram *dificuldades para falar em sexo com seus alunos* pela situação de repressão sexual que vivenciam.

A *baixa auto-estima* por não poder decidir sobre o próprio corpo e a *falta de prazer nas relações sexuais* as torna *irritadiças, nervosas e ansiosas*, o que se reflete em seu trabalho docente, diminuindo-o assim em qualidade.

Pelo que viveram, muitas *discriminam meninos e meninas*, “*naturalizando*” as diferenças sexistas e reproduzindo em aula conceitos machistas nos quais foram educadas.

A superexploração do trabalho pela dupla jornada desqualifica sua atuação docente.

O silenciamento a que foram reduzidas lhes tira a naturalidade e a espontaneidade em sala de aula.

O medo dos pais e maridos as torna inseguras, com pouca coragem para divergir, emitir opiniões e argumentar – o que é necessário para uma boa prática docente.

O Magistério é tido como a profissão feminina por excelência, sendo este tido como “*vocação*”, “*doação*” e “*sacerdício*” – e não como profissão. A postura submissa e a meritocracia feminina do sofrimento e abnegação instituída (particularmente em relação ao

Magistério) colaboram para a aceitação por parte delas da *desvalorização da profissão, inclusive em relação a salários*.

Tendo sido educadas acreditando que homens e mulheres têm características diferentes em função das diferenças biológicas (o feminino e o masculino como ‘naturalizados’), transmitem e vivenciam isto com os alunos; algumas percebem que são construções sociais, mas isto está tão inculcado pelo *habitus* que, segundo elas, “quando se dão conta, em sala de aula estão *reproduzindo este modelo*”.

Possuem uma visão diferente da que é cultuada em relação ao mito do gaúcho, mas quando percebem, *estão se utilizando de discursos conservadores e superados em sala de aula*.

Muitas vezes são obrigadas a chegar na escola sem preparar as aulas, *trabalhando ‘ho improviso’* com as crianças – o que certamente não propicia uma boa prática docente.

Quanto às repercussões da dominação masculina na trajetória profissional, reproduzo aqui algumas falas:

- “Não consigo tratar igual meninos e meninas.”
- “Não consigo falar sobre sexo como u ma coisa natural para os alunos.”
- “Se eu não for respeitada, como vou ser cidadã?” e “como vou falar em cidadania se eu não vivo isso?” (RESPOSTA N° 6 À 100ª PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO APLICADO)

- “A gente não foi preparada para falar sobre sexo e relações de gênero com os alunos.” (RESPOSTA N° 8 À 100ª PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO APLICADO)
- “A desvalorização da profissão do Magistério por parte do marido me arrasa.”
- “Não tenho tempo de preparar um material didático. Cansada, como vou ter ânimo para um bom trabalho??” (RESPOSTA N° 9 À 100ª PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO APLICADO)
- “Ele [o marido] quer dar palpite nas minhas aulas.” (RESPOSTA N° 10 À 100ª PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO APLICADO)
- “Ele [o marido] fica ‘rondando’ a escola por ciúme dos pais dos alunos.”
- “Meu marido diz que eu ensino ‘modernismos’ para as crianças.”
- “O Magistério para mim é uma terapia ocupacional.”
- “Como uma pessoa cansada e sofrida vai dar uma aula boa? De onde vai tirar criatividade?”
- “Como vou ensinar meus alunos a falar a verdade se eu minto (apanhei do marido e digo que me machuquei)?” (RESPOSTA N° 16 À 100ª PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO APLICADO)
- “Como vou ensinar os alunos a serem críticos se sou submissa em casa?”
- “Como trabalhar bem se estou sempre com medo do meu marido?”
- “Devo ensinar obediência aos alunos... Até que ponto?”
- “Chego na escola tão sofrida e cansada que sou um ‘trapo’.”
- “Como trabalhar bem se tenho medo que meu marido me mate?”
- “O medo da repressão do marido me traz insegurança para trabalhar em aula.”
- “Estou sempre com medo. A gente quer fazer o que é certo, o que aprende aqui, mas não dá. O marido faz de tudo para me atrapalhar!”

- “Como vou falar em sexo para as crianças se eu o considero sujo e ruim?”
- “Eu não sei lidar com a minha sexualidade: como vou falar de sexo em aula?”
- “Sinto dor de cabeça: depois de fazer sexo fico nervosa, com mau humor. Isso se reflete na minha vida e no trabalho.”
- “Fui criada como homem. Fiquei meio ‘estupidona”.

Quando Bourdieu (1995, p. 143) afirma que

“não é possível dar conta da violência simbólica, que é uma dimensão de toda dominação e que constitui o essencial da dominação masculina, sem fazer intervir o *habitus* e sem colocar, ao mesmo tempo, a questão das condições sociais das quais ele é o produto e que são, em última análise, a condição oculta da eficácia real dessa ação aparentemente mágica”;

percebe-se o quanto o *habitus* tem uma importância fundamental na construção e manutenção da dominação simbólica que envolve toda a dominação masculina.

O *habitus*, segundo Bourdieu (1999, p. 64), é a “lei social incorporada”, por meio de inculcações sucessivas, “funcionando como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade” (BOURDIEU, 1999, p. 45).

Sabe-se que este trabalho de inculcação se dá de várias maneiras, entre as quais a repetição constante e indefinida de algo que se teve ou quer ter como verdade, para que passe a incorporar o imaginário social. É esta inculcação que permite “que o passado se perpetue na longa duração da mitologia coletiva” (BOURDIEU, 1999, p. 135), permitindo que a dominação masculina, pregada pela herança judaico-cristã da família patriarcal rio-grandense – e acatada como “natural” – se instaurasse e perpetuasse, embora um pouco mais abrandada, nos dias atuais.

A idéia dominante da divisão social pelo critério sexista androcêntrico “expressa-se nos discursos tais como ditados, provérbios, cantos, poemas ou nas representações gráficas” (BOURDIEU, 1999, p. 137), e é muito freqüente na cultura e no folclore sul-rio-grandense que são perpassados pelas manifestações do imaginário, de forma implícita (simbólica) ou explícita.

As manifestações do imaginário se dão pela inculcação constante. As mulheres aceitam a dominação instaurada, mas vêem o gaúcho com outro olhar, não mitificado (como nos ‘C.T.Gs.’), mas o gaúcho rude, em sua convivência com elas no dia-a-dia, na zona rural, na Campanha.

Há, para as mulheres, principalmente da zona rural, uma “desmistificação” do “mito do gaúcho”.

## **CONCLUSÃO**

A humanidade chega ao Terceiro Milênio da Era Cristã. Ao adentrarmos no século XXI, com um progresso científico e tecnológico inimaginável há duas ou três décadas, encontramos as pessoas, paradoxalmente, convivendo com situações discriminatórias e excludentes. A ciência moderna, responsável pelo progresso material, não se mostrou capaz de exterminar as desigualdades sociais e tem servido como instrumento de poder, para legitimar a opressão e a dominação.

Ao chegar ao final deste trabalho, acredito ter encontrado as respostas às minhas indagações iniciais e ao a objetivo que me propus. Não cheguei a generalizações, nem era este o meu objetivo (nem serviria para uma pesquisa que se deu numa abordagem quanti-qualitativa). Acredito, isto sim, ter conseguido analisar algumas das repercussões da dominação masculina (que ainda é presente na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, em pleno início do século XXI) no processo educacional e na trajetória profissional das professoras-alunas do PFPS da URCAMP/Bagé no ano de 2003.

Como já foi dito anteriormente, neste trabalho não há a preocupação em basear a análise em indicadores numéricos (quantitativos) refletidos em parâmetros estatísticos em

momento algum. Se apresentei dados quantificados, minha intenção foi, isto sim, de proporcionar uma densidade de compreensão de uma série de informações extremamente complexas, variadas e subjetivas, e possibilitar a visualização de um contraste (ou não) entre os achados que obtive com as professoras-alunas da zona rural e os que obtive entre as professoras-alunas da zona urbana, procurando apresentar as análises de modo descritivo, numa abordagem qualitativa.

Acredito ter apresentado indicativos contundentes de que a dominação masculina ainda existe na Região da Fronteira, embora não seja peculiaridade única da região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, pois esta ainda existe em várias regiões do Brasil e do mundo. Acredito, isto sim, que nesta região da fronteira ela é mais acentuada do que nos grandes centros urbanos, nas metrópoles e nas zonas mais desenvolvidas do Rio Grande e do Brasil.

A Região da Fronteira cultua as tradições gaúchas intensamente, e o mito do “gaúcho da fronteira” é exacerbado. As manifestações do imaginário androcêntrico, que subjaz à cultura e educação do gaúcho, sendo destas indissociável, são permeadas pelas representações da dominação masculina em suas mais diversas formas, fazendo uma propaganda massiva do mito do gaúcho, o Centauro dos Pampas, detentor de poder indiscutível sobre todas as coisas, inclusive sobre a mulher. A Região da Fronteira sul-rio-grandense mantém essas características comuns, tanto na zona rural como na urbana (embora de forma mais acentuada naquela do que nesta), dando ao homem as prerrogativas herdadas do patriarcado e tendo na antiga oligarquia rural o seu padrão referencial (oligarquia esta que forjou o mito do gaúcho e nele se subsumiu quando lhe foi conveniente), mantendo e cultuando os ideais de liberdade, coragem, ousadia, intrepidez e desapego a sentimentos amorosos ou “sentimentalismos”.

Constatai que a ligação do homem ao cavalo é intensa, originando-se daí a metáfora do ‘centauro’: o gaúcho assumiu as características deste, em força, galhardia e erotismo; pela inculcação do *habitus*, ‘naturalizou’ o feminino e o masculino com características opostas e definidas, dando ao homem o poder, a decisão, o mando, e à mulher, a sensibilidade, a delicadeza e o silêncio.

As diferenças sexuais vêm servindo para a reprodução das relações de dominação ao longo dos tempos. Ao ingressar no mercado de trabalho, as diferenças sexistas são legitimadas: a mulher será encaminhada para o ‘serviço feminino’, e/ou a ocupar o mesmo trabalho do homem, a tendência é que a remuneração seja menor. E, sendo mantidas as hierarquias de poder, vivendo-se numa sociedade que convive com a dominação no seu cotidiano, em relações autoritárias, que necessariamente conduzem à exclusão e à injustiça social.

Além da presença da dominação masculina e das diferenças hierárquicas que esta institui, pude verificar que as repercussões que ela traz para as mulheres e que se dão de modo mais evidente no espaço doméstico, no âmbito familiar, extrapolando este, e repercutindo no espaço público, notadamente no processo educacional destas mulheres e em sua trajetória profissional. Entretanto, no processo da pesquisa empírica, percebi que estas repercussões ocupam também de modo marcante outros espaços da vida destas mulheres, como a intimidade, a vida sexual e até mesmo sua saúde e sua integridade física (conseqüência da violência física e simbólica que sofrem ou sofreram, em decorrência da dominação masculina).

Emergiu ao longo da pesquisa a evidência de que, quanto menor é o grau de escolaridade do homem, mais ele procure afirmar-se, dominando a mulher, como uma forma de auto-defesa e auto-afirmação, seja ‘impondo-lhe’ a prática sexual, seja desvalorizando seu trabalho docente ou sua inquietante busca pela (re)construção de novos saberes e novos conhecimentos (que se constituem, para eles, como ameaça ao seu poder hegemônico). Visualizei no gaúcho da fronteira preconceito, rejeição a tudo o que parece “feminino” e medo da traição/infidelidade da esposa, bem como do questionamento da sua virilidade a ou de seus filhos: a supremacia do “macho” não pode ser contestada ou questionada em qualquer aspecto. Para alguns homens, entretanto, o fato de suas esposas estudarem na Universidade é visto como atribuidor de *status* (pois ela é ‘sua’), como capital cultural passível de valor. Percebi que o poder econômico ainda é tido como justificativa do autoritarismo e do Poder, nos seus mais variados aspectos.

Dentro do objetivo de analisar algumas repercussões da dominação masculina no processo educacional, encontrei a necessidade de a mulher, ainda hoje, precisar conseguir “licença” do pai ou marido para estudar; ter sido obrigada a parar de estudar por algum tempo; adquirir medo de falar em público e de defender seus pontos de vista em aula; a fixação do preconceito desfavorável e a meritocracia do sofrimento, da submissão e do silêncio para as mulheres. Salienta-se ainda o fato de estas mulheres só poderem cursar a Universidade numa faixa de idade mais avançada (em função dos desejos/imposições dos maridos).

Dentro das repercussões da dominação masculina na trajetória profissional, percebi a opção preferencial pelo Magistério como, ainda, a mais indicada para a mulher, por ainda ser considerada como extensão do lar e profissão ‘feminina’; vi a superexploração do trabalho da

mulher pela dupla jornada de trabalho que esta é obrigada a cumprir, e a desqualificação do trabalho docente pelo cansaço, pela falta de tempo para ler, estudar e preparar aulas; constatei que muitas mulheres vão trabalhar com medo: de que o marido vá até a escola e a humilhe; de que o marido cumpra as ameaças tácitas ou explícitas que lhe faz; e pude perceber a inculcação da insegurança pela situação de menos-valia a que são conduzidas, pelo medo de separar-se do marido e ter de enfrentar suas represálias ou preconceitos que venham a prejudicá-la pessoal e profissionalmente.

Percebi, durante o processo empírico, que, apesar de tudo isso, as mães destas professoras-alunas não cursaram faculdade, e elas estão numa Universidade, o que é um grande avanço em “uma” geração; que muitas delas apresentam resistência à dominação masculina, embora em movimentos isolados, e que os momentos em que estão na Universidade são bem aproveitados, são momentos de prazer e “terapia”.

Constatei também que a maioria desconhece seus direitos legais e não tinha ainda lido ou estudado alguma coisa sobre relações de gênero – e que esse assunto lhes despertou bastante interesse; elas, inclusive, sugeriram que a Universidade propiciasse seminários, palestras e cursos de extensão sobre o tema e que o estudo das relações de gênero fosse incluído como disciplina (campo de conhecimento) regular nos Cursos de Formação de Professores, tanto em nível médio como superior.

A dominação masculina, o machismo, não é exclusiva da Região da Fronteira sul-riograndense. Mas aqui achou terra fértil para florescer e se manter pelas peculiaridades já mencionadas do gaúcho fronteiro.

Achei interessante que estas mulheres que convivem no cotidiano com o gaúcho possuem outro olhar sobre o mito do gaúcho, vendo-o mais próximo do homem rude e autoritário com quem convivem no dia-a-dia, e que as mulheres da zona rural possuem uma visão mais negativa do gaúcho do que as da zona urbana. E percebi uma sede imensa de conhecimento para tornar melhores suas práticas pedagógicas, apesar de todos os prejuízos que lhes são causados pela dominação masculina...

Quando apliquei os variados instrumentos de pesquisa, percebi interesse, atenção e alívio nos desabafos. Nas entrevistas, as professoras-alunas falaram muito, demonstrando que precisavam de um momento para ser ouvidas.

Encerrando, posso afirmar a recorrência, a incidência, a permanência do Imaginário – permeado pela dominação masculina – existente no século XIX e XX influenciando o presente e repercutindo de forma marcante no início do século XXI, sendo um ‘passado’ presente.

E eu espero que a contribuição deste trabalho seja apontar para a permanência desse Imaginário que, seguramente, ainda influencia o processo educacional e a prática pedagógica das professoras, uma vez que a dominação masculina ainda persiste.

Mas acredito que não baste a visibilização da persistência da dominação masculina: é necessário que se alarguem os horizontes, para que a resistência à dominação masculina se torne possível e organizada, e a sociedade se torne menos excludente e injusta. Este trabalho, se não obtiver um resultado prático, de nada valeu. De nada adiantou ouvir as professoras-

alunas, possibilitando que estas se *des*-vendassem, se isto não lhes puder abrir, ao menos, uma possibilidade ou esperança de mudança. Tomar consciência de determinadas situações e nada fazer talvez seja mais injusto do que mantê-las nas sombras da inconsciência. Lá, escondidas, elas incomodam menos (embora *incomodem*). É necessário abrir-lhes possibilidades pelas quais sintam que vale a pena viver, aproveitando esta chama de entusiasmo que ainda resta. É preciso dar-lhes vez e voz, mas também possibilitar-lhes encontrar um caminho e abrir novas picadas no mato, para poder ver o céu e as estrelas. Se elas não chegarem a percorrer novos caminhos de resistência, pelo menos que se lhes possa proporcionar caminhos para atravessar, de modo que a alteridade de sexo as leve ao prazer, à vida, à alegria, à plenitude, de sorte que sejam respeitadas, valorizadas, tenham vontades, assumam decisões, corram riscos, se machuquem, talvez, mas encontrem apoio para sair da inércia, do obscurantismo e do silêncio em que a dominação masculina as colocou, para que se vejam como sujeitos históricos, com possibilidades de autonomia, construtoras também deste Rio Grande, as heroínas do cotidiano...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, Narrativas e Pesquisa Autobiográfica. *História da Educação*. Publicação Semestral. Pelotas: FAE/UFPEL, n° 14, set. 2003.

ALVES-MAZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais*. São Paulo: Pioneira, 2001.

ANDALZÚA, Glória, apud TORRES, Carlos Alberto. In: *Democracia, Educação e Multiculturalismo*. Petrópolis: Vozes, 2001.

APPLE, Michael. *Trabalho Docente e Textos: Economia Política das Relações de Classe e de Gênero em Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ASSUNÇÃO, Fernando O. *El Gaucho, su Espacio y su Tiempo*. Montevideo: ARCA, 1969.

BACHELARD, Gaston. *A Formação do Espírito Científico: Contribuição para uma Psicanálise do Conhecimento*. Traduzido por: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

\_\_\_\_\_. *O novo espírito científico*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1986.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. 2v.

BERGMAN, Ingmar. Palavras de Marianne. In: *Cenas de um Casamento Sueco*. [s.l.]: Nórdica, 1975. p. 95-96

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. *Educação e Realidade/Cadernos de Educação*. Publicação semestral. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, n° 02, jun./dez., 1995. p. 133-184.

\_\_\_\_\_. *A Dominação Masculina*. Traduzido por Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRACKENRIDGE, H.M. Viagem à América do Sul (1820). *In*: TAMBARA, Elomar (org.) *Viajantes e Cronistas na Região dos Gaúchos*: século XX. Pelotas: Seiva Publicações, 2000.

BRASIL. *Constituição Federal*. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Código Civil*. Organização dos textos, notas remissivas e índices por Juarez de Oliveira. 9.ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

BRASIL. *Código Penal*. Organização dos textos, notas remissivas e índices por Juarez de Oliveira. 30.ed. São Paulo: Saraiva, 1992.

BRASIL. Lei Federal nº 4.121, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre a situação jurídica de mulher casada (Estatuto da Mulher Casada). *In*: *Diário Oficial da União*, Brasília, 3 set. 1962.

BRASIL. Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1996.

BRITO, S. *Trabalhos e Costumes do Gaúcho*. Porto Alegre: ERUS, 1928.

BURSTOW, B. *Radical feminist therapy*: working in the context of violence. Newbury Park, CA: Sage, 1992.

CARVALHO & NETTO, apud PIMENTA, Selma Garrido (org). *Saberes Pedagógicos e Atividade Docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual*: essa nossa (des)conhecida. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CONI, Emilio A. *El gaúcho*: Argentina – Brasil – Uruguay. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1969.

COROMINAS, Joan. *Breve Dicionario Etimologico de la Lengua Castellana*. Madrid: Grenados, 1961.

CORONEL, Luís. *O Cavalo Verde*. Porto Alegre: Mecenaz, 2002.

CÓSER, Silvana Leal. E no Princípio era o Verbo...: Ou Reflexões sobre a Relação das Mulheres com a Fala e a Política. *Educação e Realidade*. Publicação Semestral. Porto Alegre: UFRGS, nº 2, v.15, jul.-dez. 1990.

CÓSSIO, Maria de Fátima. *Construção da identidade profissional: o papel dos cursos de formação de professores*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1999.

COSTA, Marisa C. Vorraber. *Trabalho Docente e Profissionalismo*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

- DIAS, Maria H.S.S.M. *O Gaúcho de Bagé: Mito ou Realidade*. Bagé: URCAMP, 1998.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do Imaginário*. Traduzido por Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *As estruturas antropológicas do Imaginário*. Apud PORTO, Maria do Rosário *Tessituras do Imaginário*. Cuiabá: EdUNIC, 2000.
- ECHENIQUE, Sylvio da Cunha. *Bruaca*. Bagé, RS: CECOM/URCAMP, 1980.
- FASSA, Bebeth e ECHENIQUE, Marta. *Poder e amor: a micropolítica das relações*. São Paulo: Aleph, 1992.
- FERNÁNDEZ, Alicia. *A Mulher Escondida na Professora*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.
- FONSECA, A.V. *Formação do Gaúcho*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*. São Paulo: Olho D'Água, 1994.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas Técnicas para o Trabalho Científico*. 12.ed. Porto Alegre: 2003.
- GARCIA, Regina L. *A Professora Investigadora e o Processo de Produção de Novos Conhecimentos sobre a Prática Pedagógica*. [s.l.]: ENDIPE, 1998. p. 285-302.
- GIROUX, Henry. O Pós-Modernismo e o Discurso da Crítica Educacional. In: SILVA, Tomaz T. (org.) *Teoria Educacional Crítica em Tempos Pós-Modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GOLIN, T. *Por Baixo do Poncho: Contribuição à Cultura Gauchesca*. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GONZAGA, Sergius. As Mentiras sobre o Gaúcho: Primeiras Contribuições da Literatura. In: BOEIRA, Nelson, CHAVES, Flávio Loureiro e DACANAL, José Hildebrando (orgs.) *Rio Grande do Sul: Cultura e Ideologia*?. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- GROSSI, Patrícia e AGUINSKY, Beatriz. Por uma nova ótica e uma nova ética na abordagem da violência contra as mulheres nas relações conjugais. In: GROSSI, Patrícia e WERBA, Graziela (orgs.) *Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- GUARNIERI, Juan Carlos. *El Gaucho: Atraves de Testimonios de su Tiempo*. Montevideo: Florensa & Lafon. 1967.

HAGUETTE, Teresa M. F. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. Quem Precisa de Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

IRIGARAY apud WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma Introdução Teórica e Conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: União de Seguros Gerais, 1979.

JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao Pensamento Epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

JULIO, Silvio. *Literatura, folclore e lingüística da área gauchesca do Brasil*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1962.

KINCHELDE, J. L. *A Formação do Professor como Compromisso Político: Mapeando o Pós-Moderno*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KOSELLECK, Reinhart. Le Futur du Passé. Apud PESAVENTO, Sandra Jatahy: O Mundo como Texto: Leituras da História e da Literatura. *História da Educação*. Publicação Semestral. Pelotas: FAE/UFPEL, n° 14, set. 2003.

LOBO, Elizabeth S. Emma Goldman. *Encontro Radical*. Publicação. São Paulo: Brasiliense, n° 41, 1983.

LOURO, Guacira. Gênero, História e Educação: Construção e Desconstrução. *Educação e Realidade*. Publicação semestral. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, n° 2, v.20, jul.-dez. 1995.

\_\_\_\_\_. *Gênero, Sexualidade e Educação*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1987.

\_\_\_\_\_. *Prendas e antiprendas: uma História da Educação feminina no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1986.

\_\_\_\_\_. Currículo, Gênero e Sexualidade. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana (orgs.) *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LUCENA, Hipólito. *Meus Pagos*. Bagé, RS: Gráfica Cidade dos Meninos, 1961.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAFFESOLI, M. *O Imaginário É uma Realidade*. Porto Alegre. Revista Famecus, Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre, EDIPUCRS, n° 15, 2002, p. 75. Entrevista concedida a Juremir Machado Silva.

MERLLIÉ, D. “Le sexe de l’écriture, notes sur la perception sociale de la feminite”. Apud BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

MINAIO, M. C. S. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Caderno de Saúde Pública*. n° 10, p. 7-8, [s.l.] [s.ed.] 1994.

NEGRÃO, Telia. Prefácio. In: GROSSI, Patricia e WERBA, Graziela (orgs.) *Violências de Gênero*: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

NÓVOA, António (org.) *Os Professores e sua Formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Cândido Pires de. *Alma, terra e sangue*: fragmentos da História das Palmas - Bagé. Bagé: Gráfica Instituto de Menores, 2003.

OLIVEIRA, Rosiska. As Mulheres em Movimento. In: FREIRE, Paulo et al. *Vivendo e Aprendendo*. Experiências do IDAC em Educação Popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e Beduínos*: a Origem Étnica e a Formação Social do Rio Grande do Sul. 4.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

PAOLI, Maria Celia. Mulheres: Lugar, Imagem e Movimento. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Publicação. Rio de Janeiro: Zahar, n° 4, 1985.

PARDELHAS, Margarida. O Povo Rio-Grandense. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Historiografia e Ideologia. In: BOEIRA, Nelson et al. (Orgs.). *Rio Grande do Sul: Cultura e Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PAULA CARVALHO, José Carlos de. *Antropologia das Organizações e Educação*: um Ensaio Holonômico. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

PERES, Eliane T. *Templo de Luz*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1995. Dissertação de Mestrado, 1995.

PERES, Lúcia Maria. *Texto*. Pelotas: UFPEL, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Historiografia e Ideologia. In: BOEIRA, Nelson, CHAVES, Flávio Loureiro e DACANAL, José Hildebrando (orgs.) **Rio Grande do Sul: Cultura e Ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

\_\_\_\_\_. O Mundo como Texto: Leituras da História e da Literatura. *História da Educação*. Publicação Semestral. Pelotas: FAE/UFPEL, n° 14, set. 2003.

- PIMENTA, Selma Garrido (org.). *Saberes Pedagógicos e Atividade Docente*. São Paulo: Cortez, 1999.
- PIRES, Vera Lúcia. Discurso e Gênero: sob o Signo da Contradição, a Identidade e a Resistência do Sujeito e do Sentido. In: *Letras de Hoje*. Publicação. Porto Alegre: n° 2, v.34, jun. 1999. p. 243-284
- PORTO, Maria do Rosário Silveira. Imaginário e Cultura: Escorrências na Educação. In: PORTO, SANCHES TEIXEIRA, FERREIRA SANTOS & BANDEIRA (orgs.): *Tessituras do Imaginário*. Cuiabá: EdUNIC, 2000.
- RANGEL, Mary. A Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso como Opções Metodológicas na Pesquisa de Representação Social. *Cadernos de Educação*. Publicação Semestral. Pelotas: FAE/UFPEL, jul.-dez. 1998.
- REVERBEL, Carlos. *O Gaúcho*: Aspectos da sua Formação no Rio Grande e Rio da Prata. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos*: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RUSSOMANO, Victor. Adagiário Gaúcho. *Província de São Pedro*. Revista Trimestral. Porto Alegre: Publicação Globo, n° 13, 1949.
- SABAT, Ruth. Pedagogia Cultural, Gênero e Sexualidade. In: *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis: n° 1, v.9, 2001.
- SACHA WEITMAN apud BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Traduzido por Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.
- SÃO PAULO. Secretaria de Cultura. *Brasil*: História, Costumes e Lendas. São Paulo: Editora Três, [s.d.]. p. 34-35
- SARMENTO, Manuel Jacinto. *A Vez e a Voz dos Professores*: contributo para o estudo da cultura organizacional da escola primária. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- SCOTT, Joan. Gênero, uma Categoria Útil de Análise Histórica. In: *Educação e Realidade*. Publicação semestral. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, n° 2, v.20, jul.-dez. 1995.
- SILVA, José Wilson da. *O Gaúcho – Germe de uma Nação*. Porto Alegre: Gráfica CEUE, 1993.
- SILVA, Juremir Machado da. *As Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOMBART, citado como epígrafe por HAGUETTE, Teresa M. F. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

STEPHANOU, Maria. *Narrativas e História Oral*. Pelotas, UFPel, 11 dez. 2003. Palestra.

\_\_\_\_\_. Propaganda e Educação Sanitária no Rio Grande do Sul nos anos 20 e 30. In: *História da Educação*. Publicação Semestral. Pelotas: ASPHE/FAE/UFPEL, abr. 2002. p. 8-16

STREY, Marlene e WERBA, Graziela. Longe dos olhos, longe do coração: ainda a invisibilidade da violência contra a mulher. In: GROSSI, Patrícia e WERBA, Graziela (orgs.) *Violências e Gênero*: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TAMBARA, Elomar (org.) *Viajantes e Cronistas na Região dos Gaúchos*: século XIX. Pelotas: Seiva Publicações, 2000.

\_\_\_\_\_. Problemas Teórico-Methodológicos da História da Educação. In: SAVIANI, Demeval; COMBARDI, José Claudinei e SANFELICE, José Luís (orgs.) *História e História da Educação*: o Debate Teórico-Methodológico Atual. 2.ed. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 2000.

\_\_\_\_\_. Profissionalização, Escola Normal, Feminização e Feminilização: Magistério Sul-Rio-Grandense de Instrução Pública – 1880/1935. In: HYPOLITO, Álvaro M., VIEIRA, Jarbas dos S., GARCIA, Maria Manuela (orgs.). *Trabalho Docente*: Formação de Identidades. Pelotas: Seiva, 2002.

TEIXEIRA, José Brasil. Prefácio. In: DIAS, Maria Helena S.S.M.O. *O Gaúcho de Bagé*: Mito ou Realidade. Bagé: URCAMP, 1998.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. Apresentação. In: PORTO, Maria do Rosário *et al.* *Tessituras do Imaginário: Cultura e Educação*. Cuiabá: EdUNIC, 2000.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*: História Oral. [s.l.], Paz e Terra, [s.d.].

TORRES, Carlos Alberto. *Democracia, Educação e Multiculturalismo*. Petrópolis: Vozes, 2001.

TOSCANO, Arthur. In: LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Nativismo*: um Fenômeno Social Gaúcho. Porto Alegre: L&PM/Coleção Universidade Livre, 1985.

URCAMP – UNIVERSIDADE DA REGIÃO DA CAMPANHA. *Documento Oficial do Programa de Formação de Professores em Serviço*. Normatização do PFPS/Pedagogia, Habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais. Bagé: URCAMP/CECOM, 1999.

VARELA, Alfredo. *Riogrande do Sul*: descrição physica, histórica e econômica. Pelotas e Porto Alegre: Echenique & Irmão, Livraria Universal, 1897.

VARGAS NETO. *Tropilha Crioula e Gado Xucro*: Versos Gauchescos. Porto Alegre: Globo, 1959.

VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento*. 3.ed. Porto Alegre: Globo, 1962.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Prendas e Antiprendas. Jornal Zero Hora, 08 mai. 1984. *In*: LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e Antiprendas: uma Escola de Mulheres*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1987.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma Introdução Teórica e Conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZANOTELLI, Jandir João, et al. *Rio Grande do Sul: Arquétipos Culturais e Desenvolvimento Social*. Pelotas: EDUCAT, 2000.

ZATTERA, Vera Beatriz Stedile. *Gaúcho: Iconografia (Séculos XIX e XX)*. Porto Alegre: Pallotti, 1995.

## **ANEXOS**

ANEXO A – Documento Legal da URCAMP/Bagé sobre o PFPS

ANEXO B – Identificação do universo pesquisado: gráficos e porcentagens

ANEXO C – Quadro-resumo da análise dos 54 questionários (31 da zona rural, 23 da zona urbana e totais)

ANEXO D – Resultado quantitativo (em porcentagens) das questões fechadas mais significativas do questionário – gráficos e porcentagens)

ANEXO E – Desenhos sobre o gaúcho – Identificação dos autores e fotocópias de trabalhos de três desenhistas populares da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai contemporâneos – e que só trabalham com temas gaúchos: um artista de Bagé (A. S. S.), um de Santana do Livramento (S. C.) e outro de Dom Pedrito (A. A.)

ANEXO F – Cópia da letra das músicas: “Campešina”, “Não podemo se entregá pros home” (sic) e “Sucessão”

**ANEXO A**

**DOCUMENTO LEGAL DA URCAMP/BAGÉ SOBRE O PFPS**

**FUNDAÇÃO ÁTILA TABORDA**  
**UNIVERSIDADE DA REGIÃO DA CAMPANHA - URCAMP**  
**PROGRAMA DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES EM SERVIÇO CURSO DE**  
**PEDAGOGIA – HABILITAÇÃO EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS DO**  
**ENSINO FUNDAMENTAL**

**5.6 FUNDAMENTAÇÃO DA PROPOSTA**

**5.6.1 FUNDAMENTOS LEGAIS**

No ano de 1996, mais precisamente em 14 de dezembro, a Lei nº9.424, que dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, sai artigo sétimo, afirma que os recursos oriundos desse Fundo, incluída a complementação da União, quando for o caso, serão utilizados pelos Estados, Distrito Federal e Municípios, assegurados, pelo menos, sessenta por cento para a remuneração dos profissionais do magistério, em efetivo atividades no ensino fundamental público.

Em seu parágrafo único é mencionado que nos primeiros cinco anos, a contar da publicação dessa Lei, será permitida a aplicação de parte dos recursos da parcela do sessenta por cento, prevista, na capacitação de professores leigos, aos quais é assegurado um prazo de cinco anos para a obtenção da habilitação necessária ao exercício das atividades docentes.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, conta em seu artigo 61, inciso primeiro, que um dos fundamentos da formação de profissionais da educação reside na associação entre teorias e práticas e na possibilidade do que seja feita, também, em serviço e inciso segundo, que possibilita o aproveitamento de experiências anteriores em instituição de ensino e outras atividades.

O artigo 81 da mesma Lei aponta para a possibilidade de se organizar cursos experimentais em Instituição de Ensino, obedecidas as atas disposições próprias.

O artigo 87, parágrafo terceiro, inciso terceiro, onde é determinado que cada Município e, supletivamente, o Estado e a União realizou programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isso, os recursos da educação à distância e parágrafo quarto, onde é estabelecido que até o fim da Década da Educação a

admissão de professores terá por base a habilitação em nível superior ou a formação por treinamento em serviço, respaldam legalmente o programa em questão.

A obrigatoriedade legal fez com que os municípios procurassem as Universidades e, as Universidades, por conseguinte, organizassem programas para professores para, principalmente, aqueles que estão sediados no meio rural e nos municípios distantes das cidades universitárias.

Esses professores, em grande número, face ao dispositivo legal, precisarão recorrer a centros de formação de professores, onde, de forma direta, poderão ser discutidos os processos pedagógicos atuais, suas práticas pedagógicas, os problemas, enfrentados a sua natureza, as alternativas tomadas no enfrentamento de situações problemáticas, as condições de trabalho, as características e relações históricas que ocorrem em suas comunidades, entre outros assuntos.

### **5.6.2 NECESSIDADE SOCIAL DO PROGRAMA**

Tem-se observado, nesses últimos anos, um número crescente de professores, com apenas, o Ensino Médio completo, atuando no Ensino Fundamental no Estado do Rio Grande do Sul.

No ano de 1991 foi registrado um número de 4.633 professores em serviço com o 1º grau completo e 39.774 com o segundo grau completo ministrando aulas de 1ª a 8ª séries, nesse Estado (MEC / INEP, 1997).

GATTI (1996), através de um diagnóstico sobre a formação do magistério, em 1993, concluiu que 18.400 professores com o Ensino Médio completo, habilitação magistério, e, 2.262, sem casa habilitação, exerciam atividades de 1ª a 4ª séries, perfazendo um total de 20.662 professores em serviço atuando no ensino de 1ª a 4ª séries.

Foi, também, observado que 2.658 professores em serviço, com o Ensino Médio completo, habilitação magistério e 813, sem a habilitação mencionada, estavam em efeito exercício de suas funções no ensino de 5ª a 8ª séries, totalizando 3.471 docentes.

Considerando-se o Ensino Fundamental, em sua globalidade, pode-se observar que o número de professores em serviço, com o Ensino Médio completo, alcançou a cifra de 24.133 professores, no ano de 1993.

Após rápida análise dos dados anteriormente apresentados, pode-se observar uma queda em número de professores em serviço, atuantes no Estado do Rio Grande do Sul,

entre 1991 e 1993. Entretanto, foi constatado, no ano de 1996, um total de 41.457 professores em serviço, com o Ensino Médio completo, 1.410, com o Ensino Fundamental completo e 628, com o Ensino Fundamental incompleto, ministrando aulas no Ensino Fundamental, elevando aquele total para 43.495 professores em serviço no Estado do Rio Grande do Sul (MEC /INEP, 1997).

A docência, nas Escolas de Ensino Fundamental na Região de Abrangência e de Influência da URCAMP, RS, face a ausência de professores habilitados, é exercida por professores denominados “leigos” ou “em serviço”, isto é, aqueles que possuem apenas o Ensino Médio completo.

Justifica-se, ainda, tal Programa:

a) pelo compromisso da URCAMP, através de seus Cursos Formadores de Educadores, com a Educação Básica, tendo como preocupação fundamental a compreensão da necessidade de garantir a todos o direito à educação, qualificar o Ensino Fundamental e valorizar o magistério;

b) pela necessidade de se atender as constante solicitações das administrações municipais e estaduais para que a Universidade ofereça oportunidade de formação o/eu aperfeiçoamento de seu corpo docente;

c) pelo crescimento significativo de professores em serviço, com segundo grau completo, atuando em escolas do Ensino Fundamental na Região de Abrangência da URCAMP;

d) pela dificuldade de contar, essas escolas, com professores habilitados e, ainda, capazes de fazer de sua prática pedagógica um espaço de investigação e de produção do conhecimento;

e) pela necessidade de se experimentar uma proposta metodológica de curso de formação de professores pesquisadores de sua realidade e capacitados para organizar suas escolas em consonância com os problemas de suas comunidades e com os parâmetros educacionais atuais.

A Universidade da Região da Campanha, em 8 de junho de 1999, obteve parecer favorável pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação para o funcionamento do Programa de Formação para Professores das Redes Públicas de Ensino da região de abrangência e de influência da URCAMP, Estado do Rio Grande do Sul. Esse Programa que visa habilitar plenamente professores em serviço ou Pedagogia — habilitação Educação infantil e Séries iniciais do Ensino Fundamental e tem como embasamento legal o

artigo 81 e no artigo 61, inciso II da LDB, tem seu funcionamento dividido em 8 blocos intensivos (janeiro e julho, com 200 h/a cada) e 8 blocos em serviço (março a junho e de agosto a dezembro, com 100 h/a cada), estendendo-se de janeiro de 1999 a dezembro de 2002, em seus sete campi universitários localizados no Estado do Rio Grande do Sul.

### **5.3 OBJETIVOS DO PROGRAMA**

#### **5.3.1 OBJETIVO GERAL**

O presente programa visa habilitar plenamente em Pedagogia — Habilitação Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, professores em serviço, com Ensino Médio completo, atuantes em Escolas de Ensino Fundamental, municipais e estaduais, localizadas na zona de abrangência e de influência da Universidade da Região da Campanha, Estado do Rio Grande do Sul, face às exigências legais.

#### **5.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Aos alunos-professores selecionados para ingressarem no Programa serão possibilitados:

- a análise, bem conduzida de sua prática pedagógica;
- o estudo sobre as teorias de ensino e aprendizagem e suas implicações na prática pedagógica;
- o estudo de metodologias do Ensino Fundamental e Médio, pertinentes ao curso oferecido;
- recursos técnicos e teóricos para analisar o currículos de suas escolas vislumbrando uma maior flexibilidade e atendimento às demandas.
- sistematização de linhas gerais dos programas de Ensino Fundamental e Médio, conforme a habilitação do curso;
- a formação profissional suficientemente consistente que garanta aos alunos-professores um processo continuado de formação;
- a contribuição para o desenvolvimento da pesquisa relativa á formação do aluno-professor e ao processo de ensino e aprendizagem, utilizando-a como instrumento.

## **ANEXO B**

# **IDENTIFICAÇÃO DO UNIVERSO PESQUISADO: GRÁFICOS E PORCENTAGENS**

## **I – Identificação do universo pesquisado em porcentagens:**

Professoras-alunas da Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai – **54** (obs: 54 = 100%)

Zona Rural – 31 professoras-alunas = **57,40% do universo pesquisado**

Zona Urbana – 23 professoras-alunas = **42,59% do universo pesquisado**

### **Estado Civil**

Professoras-alunas da Zona Rural (31 = 100% da zona rural, 57,40% do total)

Divorciadas: **0%**

Casadas: **96,77%**

Em união estável: **3,22%**

Professoras-alunas da Zona Urbana (23 = 100% da zona urbana, 42,59% do total)

Divorciadas: **13,04%**

Casadas: **65,21%**

Em união estável: **21,73%**

### **Idade**

Maior número do total de alunas na faixa etária dos 36 a mais de 45 anos

Professoras-alunas da Zona Rural: **87,09%**

Professoras-alunas da Zona Urbana: **52,17%**

Total: **72,22%** na faixa de 36 a mais de 45 anos.

### **Local onde residiram mais tempo na infância**

Professoras-alunas da Zona Rural - na zona rural – **100%**

Professoras-alunas da Zona Urbana – na zona urbana – **100%**

### **Local onde passaram a adolescência**

Professoras-alunas da Zona Rural:

Na zona rural – **48,38%**

Parte na zona rural, parte na zona urbana: **51,61%**

Na zona urbana: **0%**

Professoras-alunas da Zona Urbana:

Na zona rural: **0%**

Parte na zona rural, parte na zona urbana: **0%**

Na zona urbana: **100%**

### **Local de residência atual**

Professoras-alunas da Zona Rural – na zona rural - **100%**

Professoras-alunas da Zona Urbana – na zona urbana - **100%**

**Local onde leciona**

Professoras-alunas da Zona Rural – na zona rural – **100%**

Professoras-alunas da Zona Urbana – na zona urbana – **100%**

**Profissão do pai**

Professoras-alunas da Zona Rural: “agricultor”, “pecuarista”, “pequeno produtor rural” – **96,77%**

Professoras-alunas da Zona Urbana: profissões variadas, sendo **8,6%** “agricultores”.

**Profissão da mãe (predominante)**

Professoras-alunas da Zona Rural: Donas de casa – **83,87%**

Professoras-alunas da Zona Urbana: Donas de casa – **78,26%**

Total: mães “donas de casa” – **81,48%**

**Profissão (predominante) que os pais sonhavam para as professoras-alunas**

Professoras-alunas da Zona Rural: professora – **80,64%**

Professoras-alunas da Zona Urbana: professora – **43,47%**

Total: **66,66%**

**Nível de escolaridade do pai (predominante)**

Professoras-alunas da Zona Rural:

Fundamental incompleto – **64,51%**

Analfabetos – **16,12%**

Professoras-alunas da Zona Urbana:

Fundamental incompleto – **47,82%**

Analfabetos – **8,69%**

Total: **57,40%** com fundamental incompleto.

**Nível de escolaridade da mãe (predominante)**

Professoras-alunas da Zona Rural:

Fundamental incompleto – **51,61%**

Fundamental completo – **12,90%**

Analfabetas – **25,80%**

Professoras-alunas da Zona Urbana:

Fundamental incompleto – **21,73%**

Fundamental completo – **34,78%**

Analfabetas – **8,69%**

OBS: mães das professoras-alunas com Ensino Superior, incompleto ou completo, são inexistentes, tanto na zona rural como na zona urbana.

**Quanto à faixa sócio-econômica da qual a professora-aluna pensava fazer parte (predominante)**

Professoras-alunas da Zona Rural:

Baixa – **48,38%**

Média baixa – **38,70%**

Professoras-alunas da Zona Urbana:

Pobre – **21,73%**

Média – **52,17%**

OBS: nenhuma professora-aluna da zona rural ou urbana respondeu classe média alta ou classe alta.

**Quanto à faixa sócio-econômica da qual a professora-aluna pensa fazer parte hoje (predominante)**

Professoras-alunas da Zona Rural:

Baixa – **32,25%**

Média baixa – **48,38%**

Média – **16,12%**

Professoras-alunas da Zona Urbana:

Pobre – **17,39%**

Média baixa – **34,78%**

Média – **39,13%**

Totais entre zona rural e zona urbana):

Baixa – **18,51%**

Pobre – **7,40%**

Média baixa – **42,59%**

Média – **25,92%**

Não responderam – **5,55%**

OBS: nenhuma professora – aluna, tanto da zona rural como urbana, respondeu classe média alta ou classe alta.

**Nível de escolarização do marido**

Professoras-alunas da Zona Rural:

Analfabetos – **12,90%**

Fundamental incompleto – **64,51%**

Fundamental completo – **6,45%**

Médio completo – **6,45%**

Médio incompleto – **6,45%**

Superior incompleto – **0%**

Superior completo – **0%**

Não responderam – **3,22%**

Professoras-alunas da Zona Urbana:

Analfabetos – **0%**

Fundamental incompleto – **8,69%**

Fundamental completo – **17,39%**

Médio incompleto – **13,4%**

Médio completo – **43,47%**

Superior incompleto – **4,34%**

Superior completo – **13,4%**

Não responderam – **0%**

OBS: no total, a escolarização predominantemente é: fundamental incompleto (**40,74%**) e médio completo (**22,22%**)

#### **Profissão do marido (predominantes)**

Professoras-alunas da Zona Rural: **96,77%** - “agronegociaristas”, “agricultores” e “trabalhadores rurais”.

Professoras-alunas da Zona Urbana: **34,78%** - pecuaristas. As outras profissões são muito variadas, não sendo possível agrupa-las, nem por aproximação.

#### **Questionadas quanto a, se no momento estão trabalhando, obteve-se:**

Professoras-alunas da Zona Rural:

Sim – **96,77%**

Não (aposentadas) – **3,22%**

Professoras-alunas da Zona Urbana:

Sim – **82,60%**

Não – **13,4%**

“Mais ou menos” – **4,34%**

#### **Quanto a quem recebe o salário (ou tem a renda maior)**

Professoras-alunas da Zona Rural:

Homem – **48,38%**

Mulher – **51,61%**

Mais ou menos/equivalente – **0%**

Professoras-alunas da Zona Urbana:

Homem – **60,86%**

Mulher – **30,43%**

Mais ou menos/equivalente – **8,69%**

#### **Quanto ao sexo dos filhos**

Professoras-alunas da Zona Rural:

Meninos e meninas – **41,93%**

Meninas – **22,58%**

Meninos – **35,48%**

Professoras-alunas da Zona Urbana:

Meninos e meninas – **47,82%**

Meninas – **26,08%**

Meninos – **26,08%**

OBS: todas as alunas têm filhos.

**Idade predominante com que as alunas começaram a trabalhar:**

Professoras-alunas da Zona Rural: “De 16 a 20 anos” – **58,06%**

Professoras-alunas da Zona Urbana: “De 16 a 20 anos” – **60,86%**

**Quanto a terem iniciado a trabalhar antes ou depois de casadas:**

Professoras-alunas da Zona Rural: “antes de casadas” – **83,87%**

Professoras-alunas da Zona Urbana: “antes de casadas” – **73,91%**

*Questionadas quanto a ter tido outra ocupação antes do Magistério, obteve-se a seguinte resposta*

Professoras-alunas da Zona Rural:

Não – **87,9%**

Sim - **12,90%**

Professoras-alunas da Zona Urbana:

Não – **30,43%**

Sim – **69,56%**

OBS: As professoras-alunas que tiveram “outra ocupação” na zona rural, estas eram todas ligadas ao trabalho no campo.

As professoras-alunas que tiveram “outra ocupação” na zona urbana, foram muito variadas: “atividades em escolas”, “doméstica”, “babá” e outras.

**Tiveram alguns períodos só como donas de casa**

Professoras-alunas da Zona Rural: “sim” - **74,19%**

Professoras-alunas da Zona Urbana: “sim” – **52,17%**

Quanto aos “porquês” dos períodos só como “donas de casa”, tanto na zona rural como na zona urbana as respostas foram agrupadas, por aproximação, sendo semelhantes, girando em torno de:

“Sim, por razões relacionadas aos filhos” – **45,71%**

“Sim, por desejo/imposição dos maridos” – **42,85%**

“Sim, por outros motivos” – **11,42%**

As respostas negativas tiveram como justificativa:

“Não, embora contrariando o marido” – **21,05%**

“Não, porque quando me casei já era professora” – **42,10%**

“Não, apesar das brigas” – **10,52%**

“Não, porque era necessário, apesar da oposição dos maridos” – **26,31%**

**Quanto a se tiveram de deixar de estudar por algum motivo**

Professoras-alunas da Zona Rural: “sim” - **96,77%**

Professoras-alunas da Zona Urbana: “sim” – **78,26%**

Quanto ao tempo que tiveram de deixar de estudar, tanto na zona rural como na zona urbana, predominaram as faixas de “11 a 15 anos” e “16 a 20 anos”.

Professoras-alunas da Zona Rural:

De 11 a 15 anos – **26,66%**

De 16 a 20 anos - **30%**

Professoras-alunas da Zona Urbana:

De 11 a 15 anos – **33,33%**

De 16 a 20 anos – **33,33%**

Em caso afirmativo, o “porquê” de deixarem de estudar, tanto na zona rural como na zona urbana, foram reunidas por aproximação e predominância, uma vez que foram apontadas razões semelhantes.

“Porque me casei” – **8,33%**

“Por razões relativas aos filhos e/ou a viver na zona rural” – **16,66%**

“Por desejo do marido” – **18,75%**

“Por imposição do marido” – **16,66%**

“Por medo do marido” – **16,66%**

“Pela situação financeira” – **10,41%**

“Por imposição do pai” – **8,33%**

“Outras razões” – **4,16%**

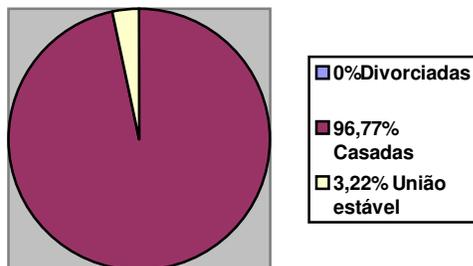
Observações: razões relativas ao casamento, aos filhos, ao “desejo” do marido, à “imposição” do marido, por “medo” do marido, por “imposição” do pai, correspondem a uma percentagem de **86,27%**.

QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PROFESSORAS-ALUNAS DO PFPS DA  
URCAMP/BAGÉ – 2003

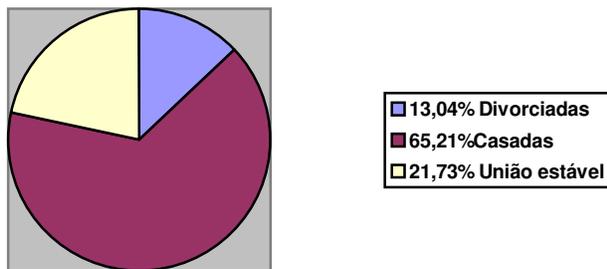
IDENTIFICAÇÃO DO UNIVERSO PESQUISADO

- Estado Civil

Professoras-alunas da Zona Rural (31=100% da zona rural, 57,40% do total):

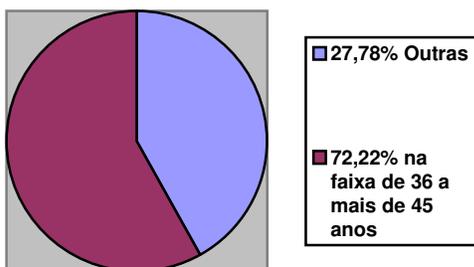


Professoras-alunas da Zona Urbana (23=100% da zona urbana, 42,59% do total):



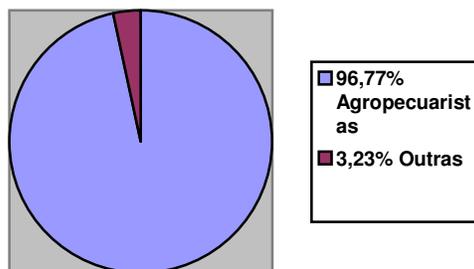
- Idade:

Total de Professoras- alunas na faixa etária dos 36 a mais de 45 anos, zona rural e zona urbana.

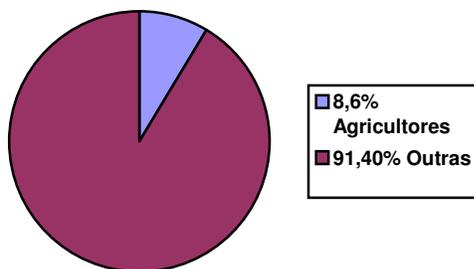


- Profissão do Pai:

Professoras- alunas da Zona Rural: "agricultor", "pecuarista", "pequeno produtor rural":

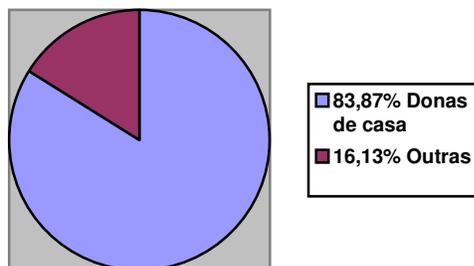


Professoras- alunas da Zona Urbana – profissões variadas:

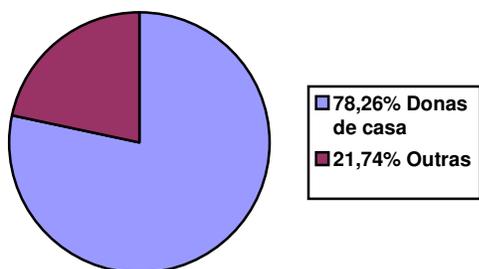


- Profissão da mãe (predominante):

Professoras- alunas da Zona Rural – mães donas de casa:

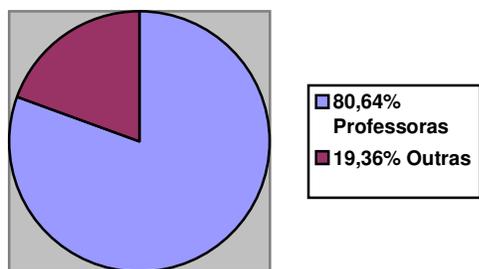


Professoras-alunas da Zona Urbana - mães donas de casa:

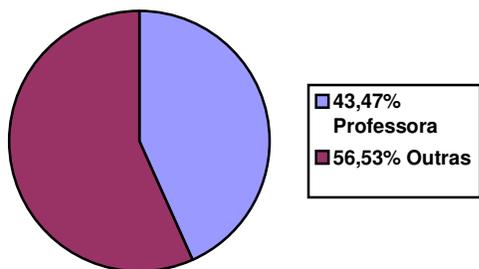


- Profissão (predominante) que os pais sonhavam para as professoras-alunas:

Zona rural:

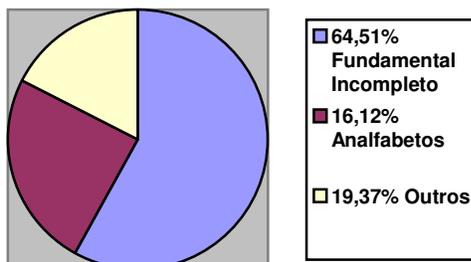


Zona urbana:

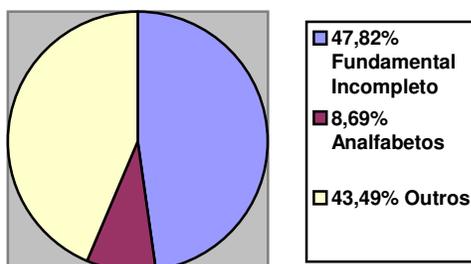


- Nível de escolaridade do pai (predominante):

Professoras-alunas da zona Rural:

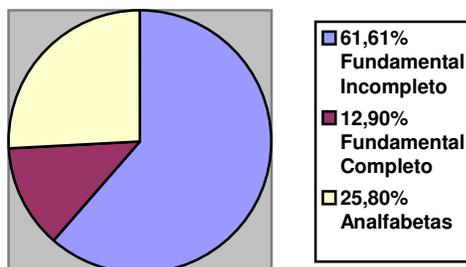


Professoras-alunas Zona Urbana:

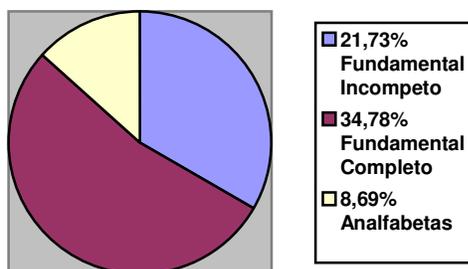


- Nível de escolaridade da mãe (predominante):

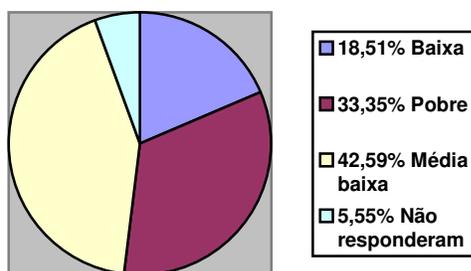
Professoras- alunas da zona Rural:



Professoras- alunas da zona urbana:



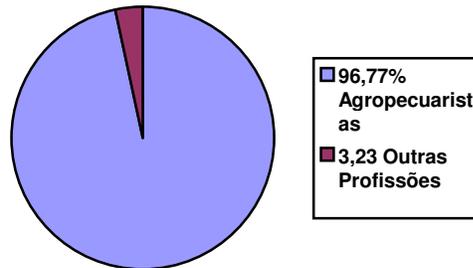
- Quanto a faixa sócio-econômica da qual a professora aluna pensa fazer parte hoje (predominante - totais entre Zona Rural e Zona Urbana):



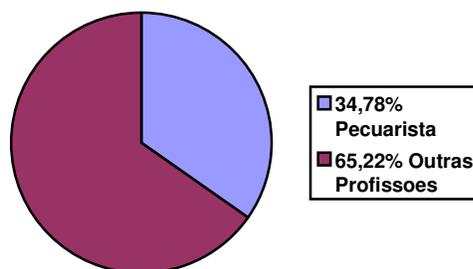
- Profissão do marido (predominante):

Professoras-alunas da Zona Rural: “agropecuaristas”, “agricultores” e trabalhadores rurais:

▣

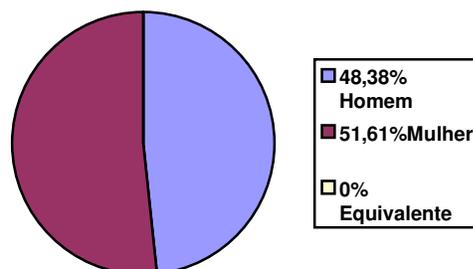


Professoras- alunas da Zona Urbana: “pecuarista”.

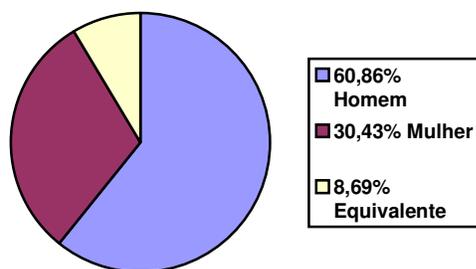


- Quanto a quem recebe o salário (ou tem a renda maior):

Zona rural:

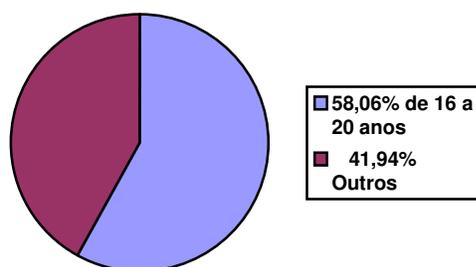


Zona urbana:



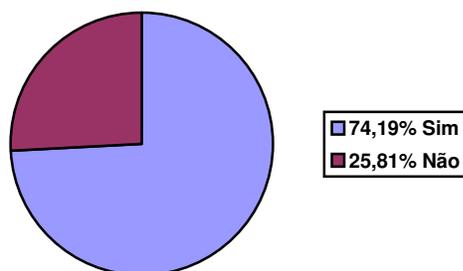
- Idade predominante com que as alunas começaram a trabalhar:

Zona rural:

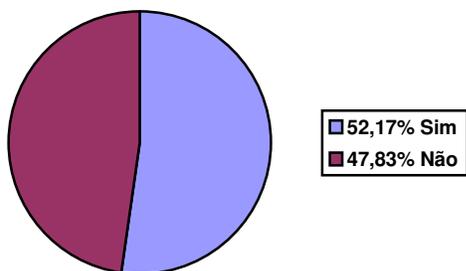


- Professoras-alunas que tiveram alguns períodos só como donas de casa:

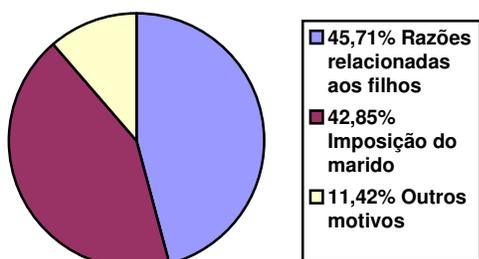
Zona rural:



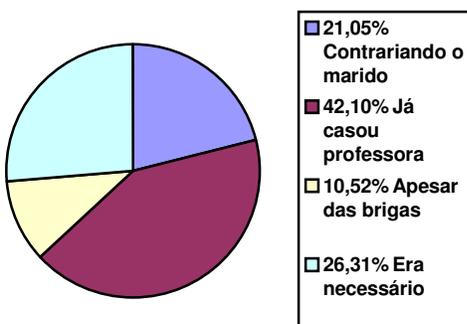
Zona urbana:



- Quanto aos “porquês” dos períodos só como “donas de casa”, as respostas da zona rural e as da zona urbana foram agrupadas, por aproximação, por serem semelhantes, girando em torno de (respostas ‘sim’):



As respostas negativas tiveram como justificativas:



**ANEXO C**

**QUADRO-RESUMO DA ANÁLISE DOS 54 QUESTIONÁRIOS**

**(31 DA ZONA RURAL, 23 DA ZONA URBANA E TOTAIS)**

**ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS**  
**TURMAS DO PFPS - URCAMP - BAGÉ**  
**em julho de 2003**

Bloco 4 - 34 alunos - sendo 2 homens - 32 mulheres  
Bloco 5 - 21 alunos - sendo 1 homem - 20 mulheres  
Bloco 8 - 33 alunos - sendo 2 homens - 31 mulheres  
Total: 88 alunos            5 homens    83 mulheres

Das 83 mulheres:

Solteiras - 7

Casadas ou em união estável - 76

Das 76 mulheres casadas ou em união estável:

Não estavam presentes - 3

Responderam os questionários: 73

Das 73 que responderam os questionários:

Não são da Região da Fronteira - 19

São da Região da Fronteira - 54

Questionários analisados: 54 mulheres, casadas ou em união estável, que são da Região da Fronteira.

**Universo de pesquisa:** 54 mulheres alunas-professoras do PFPS - Programa de Formação de Professores em Serviço da URCAMP/Bagé; questionários aplicados em julho de 2003 (durante 02 dias).

Destas 54 mulheres:

- 33 se ofereceram para ser entrevistadas, após o preenchimento dos questionários, sendo que, pela exigüidade do tempo, foram entrevistadas as primeiras doze;
- Total das entrevistas: 12 mulheres, todas casadas ou em união estável.

Destas 54 mulheres: com 20 (do Bloco 5), apliquei uma técnica, e depois os questionários.

Destas 54 mulheres: apenas 3 são divorciadas, não havendo nenhuma viúva.

Separei, das 54 mulheres da Região da Fronteira (casadas ou em união estável), as que são da zona rural e as que são da zona urbana.

Separei outros 19 questionários respondidos por mulheres casadas ou em união estável que não são da Região da Fronteira (são todas de zona urbana de pequenas cidades do interior), e que não integram o universo de pesquisa.

**Análise dos questionários das 54 mulheres casadas ou em união estável da Região da Fronteira:**

*I. Identificação da amostra:*

	Zona rural		Zona urbana		Total	
Moras ou moraste na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai?	Sim	31	Sim	23		
	Não	-	Não	-		
	Total	31	Total	23	Total	54
Estado civil	Divorciadas	-	Divorciadas	3	Divorciadas	3
	Casadas	30	Casadas	15	Casadas	45
	Em união estável	1	Em união estável	5	Em união estável	6
	Total	31	Total	23	Total	54
Idade	Até 25 anos	-	Até 25 anos	3	Até 25 anos	3
	De 26 a 30 anos	-	De 26 a 30 anos	4 (sendo 2 divorciadas)	De 26 a 30 anos	4
	De 31 a 35 anos	4	De 31 a 35 anos	4 (sendo 1 divorciada)	De 31 a 35 anos	8
	De 36 a 40 anos	8	De 36 a 40 anos	5	De 36 a 40 anos	13
	De 41 a 45 anos	11	De 41 a 45 anos	5	De 41 a 45 anos	16
	Mais de 45 anos	8	Mais de 45 anos	2	Mais de 45 anos	10
	Total	31	Total	23	Total	54
Local da infância	Na zona rural	31	Na zona urbana	23	Total	54
Local adolescência	Na zona rural	15	Na zona rural	-	Na zona rural	15
	Uma parte na zona rural e uma parte na zona urbana	16	Uma parte na zona rural e uma parte na zona urbana	-	Uma parte na zona rural e uma parte na zona urbana	16
	Na zona urbana	-	Na zona urbana	23	Na zona urbana	23
	Total	31	Total	23	Total	54
Local da residência atual	Na zona rural	31	Na zona urbana	23	Total	54
Local onde leciona	Na zona rural	31	Na zona urbana	23	Total	54
Profissão do pai	Agricultor	16	Não soube informar	1		
	Pecuarista	8	Militar	1		
	Guarda sanitário	1	Serralheiro	1		
	Pequeno produtor rural	6	Radiotécnico	1		
			Pedreiro	4		
			Ferrovário	3		
			Eletricário	1		
			Funcionário público	2		
	Zona rural		Zona urbana		Total	

Profissão do pai (continuação)		Comerciário	2			
		Guarda noturno	1			
		Frentista	1			
		Motorista	1			
		Professor	2			
		Agricultor	2			
	Total	31	Total	23	Total	54
Profissão da mãe	Dona-de-casa	26	Dona-de-casa	18	Dona-de-casa	44
	Agricultora	5	Professora	1	Professora	1
			Comerciária	1	Outros	9
			Costureira	2		
			Serviços gerais	1		
		Total	31	Total	23	Total
Qual a profissão que teu pai sonhava para ti?	Professora	25	Professora	10	Professora	36
	Veterinária	1	Não sei, nunca mencionou	7	Dona-de-casa	4
	Boa esposa e dona de casa	2	Qualquer uma, menos professora	2	Não sabe/não sonhava nada/indiferente	9
	Boa esposa e professora	1	Dona-de-casa	2	Qualquer uma, menos professora	2
	Ele era indiferente a mim	1	Bancária	1	Outras	3
	Ele não sonhava nada para mim	1	Advogada	1		
		Total	31	Total	23	Total
Nível de escolaridade do pai	Analfabeto	5	Analfabeto	2	Analfabeto	7
	Fund. incompleto	20	Fund. incompleto	11	Fund. incompleto	31
	Fund. completo	4	Fund. completo	1	Fund. completo	5
	Médio incompl.	1	Médio incompl.	4	Médio incompl.	5
	Médio completo	1	Médio completo	3	Médio completo	4
	Sup. incompleto	-	Sup. incompleto	1	Sup. incompleto	1
	Sup. completo	-	Sup. completo	1	Sup. completo	1
		Total	31	Total	23	Total
Nível de escolaridade da mãe	Analfabeto	8	Analfabeto	2	Analfabeto	10
	Alfabetizada em casa	2			Alfabetizada em casa	2
	Fund. incompleto	16	Fund. incompleto	5	Fund. incompleto	21
	Fund. completo	4	Fund. completo	8	Fund. completo	12
	Médio incompl.	1	Médio incompl.	2	Médio incompl.	3
	Médio completo	-	Médio completo	6	Médio completo	6
	Sup. incompleto	-	Sup. incompleto	-	Sup. incompleto	-
	Sup. completo	-	Sup. completo	-	Sup. completo	-
	Total	31	Total	23	Total	54
Tu pensas que fazias parte de qual faixa sócio-econômica?	Baixa	15	Baixa	-	Baixa	15
	Pobre	1	Pobre	5	Pobre	6
	Classe popular	1	Classe popular	-	Classe popular	1
	Média baixa	12	Média baixa	4	Média baixa	16
	Média	2	Média	12	Média	14
	Não respondeu	-	Não respondeu	2	Não respondeu	2
		Total	31	Total	23	Total

	Zona rural		Zona urbana		Total		
E hoje, em qual faixa sócio-econômica te classificas?	Baixa	10	Baixa	-	Baixa	10	
	Pobre	-	Pobre	4	Pobre	4	
	Média baixa	15	Média baixa	8	Média baixa	23	
	Média	5	Média	9	Média	14	
	Não respondeu	1	Não respondeu	2	Não respondeu	3	
	Total	31	Total	23	Total	54	
Nível de escolarização do marido	Analfabeto	4	Analfabeto	-	Analfabeto	4	
	Fundamental incompleto	20	Fundamental incompleto	2	Fundamental incompleto	22	
	Fundamental completo	2	Fundamental completo	4	Fundamental completo	6	
	Médio incompleto	2	Médio incompleto	3	Médio incompleto	5	
	Médio completo	2	Médio completo	10	Médio completo	12	
	Sup. incompleto	-	Sup. incompleto	1	Sup. incompleto	1	
	Sup. completo	-	Sup. completo	3	Sup. completo	3	
	Não respondeu	1	Não respondeu	-	Não respondeu	1	
		Total	31	Total	23	Total	54
	Profissão do marido	Inseminador	1	Bombeiro	1		
Agropecuarista		8	Instalador				
Agricultor		20	hidráulico	1			
Trabalhador rural		2	Mecânico	3			
			Pecuarista	8			
			Comerciário	1			
			Comerciante	1			
			Ronda	1			
			Bibliotecário	1			
			Advogado	1			
			Motorista	2			
			Eletricitário	1			
			Médico	1			
			Segurança	1			
		Total	31	Total	23	Total	54
No momento, ele está trabalhando?	Sim	30	Sim	19	Sim	49	
	Não - aposentado	1	Não	3	Não - aposentado	1	
			"Mais ou menos"	1	Não	3	
					"Mais ou menos"	1	
	Total	31	Total	23	Total	54	
Quem recebe o salário (ou tem a renda) maior?	Homem	15	Homem	14	Homem	29	
	Mulher	16	Mulher	7	Mulher	23	
	Mais ou menos equivalente	-	Mais ou menos equivalente	2	Mais ou menos equivalente	2	
		Total	31	Total	23	Total	54
Tens filhos?	Meninos	11	Meninos	6	Meninos	17	
	Meninas	7	Meninas	6	Meninas	13	
	Meninos e meninas	13	Meninos e meninas	11	Meninos e meninas	24	
	Não tem filhos	-	Não tem filhos	-	Não tem filhos	-	

	Total	31	Total	23	Total	54
	Zona rural		Zona urbana		Total	
Com que idade começaste a trabalhar?	De 12 a 15 anos	1	De 12 a 15 anos	4	De 12 a 15 anos	5
	De 16 a 20 anos	18	De 16 a 20 anos	14	De 16 a 20 anos	32
	De 21 a 25 anos	6	De 21 a 25 anos	2	De 21 a 25 anos	8
	De 26 a 30 anos	5	De 26 a 30 anos	2	De 26 a 30 anos	7
	Mais de 30 anos	1	Mais de 30 anos	1	Mais de 30 anos	2
	Total	31	Total	23	Total	54
Começaste a trabalhar antes ou depois de casada?	Antes	26	Antes	17	Antes	43
	Depois	5	Depois	6	Depois	11
	Total	31	Total	23	Total	54
Antes do Magistério, tiveste outra ocupação?	Sim	4	Sim	16	Sim	20
	Não	27	Não	7	Não	34
	Total	31	Total	23	Total	54
Qual?	Trabalhava no campo	2	Comerciária	3	Atividades na zona rural	4
	Trabalhava na agricultura	1	Balconista	2	Atividades em escola	3
	Tirava leite, "botava" as vacas, "catava graveto", ajudava na cozinha e na limpeza da casa	1	Babá	4	Doméstica/babá	5
	Nenhuma	27	Servente escolar	2	Outras	7
			Secretária de escola	1	Não respondeu	1
			Doméstica	1	Nenhuma	34
			Secretária de escritório	1		
		Música	1			
		Não respondeu	1			
		Nenhuma	7			
	Total	31	Total	23	Total	54
Tiveste algum período só como dona-de-casa?	Sim	23	Sim	12	Sim	35
	Não	8	Não	11	Não	19
	Total	31	Total	23	Total	54
Por quê (em caso de resposta afirmativa)?	Porque tive que cuidar dos filhos	5	Porque fui morar em outra cidade e tinha filhos pequenos	1	Razões relacionadas aos filhos	16
	Porque tinha ganho nenê	4	Porque tinha ganho nenê	3	Por desejo/imposição do marido	15
	Porque, logo que me casei, meu marido não me deixou trabalhar	5	Porque estava aguardando a minha nomeação	1	Apontou outros motivos	4
	Porque casei e optei por me dedicar ao lar	2	Porque, quando meu filho nasceu, meu marido me fez sair do emprego	1		
	Porque cuidava da casa, tropeava, tirava leite, ajudava no campo e tinha que cuidar dos filhos	1	Porque tinha filhos pequenos e não fazia questão de trabalhar	2		
	Porque meu marido não queria que eu		Porque, quando casei,			

	trabalhasse 6	fui morar numa cidade do interior onde não	
	Zona rural	Zona urbana	Total
Por quê? (em caso de resposta afirmativa – continuação)		tinha onde estudar ou trabalhar 1 Porque meu marido não queria que eu trabalhasse 3	
	Subtotal 23	Subtotal 12	Subtotal 35
Por quê (em caso de resposta negativa)?	Não, embora meu marido não quisesse que eu trabalhasse 2 Não, porque, quando me casei, já era professora 4 Não, porque sempre trabalhei fora, apesar das brigas 2	Não, embora meu marido não quisesse que eu trabalhasse 2 Não, porque, quando me casei, já era professora 4 Não, porque sempre trabalhei fora, e, embora meu marido não quisesse, o meu salário era necessário para o sustento da família 5	Não, embora meu marido não quisesse que eu trabalhasse 4 Não, porque, quando me casei, já era professora 8 Não, apesar das brigas 2 Não, porque era necessário, apesar da oposição do marido 5
	Subtotal 8	Subtotal 11	Subtotal 19
Deixaste de estudar por algum tempo?	Sim 30 Não 1 Total 31	Sim 18 Não 5 Total 23	Sim 48 Não 6 Total 54
Em caso afirmativo, quanto tempo?	2 a 5 anos 2 6 a 10 anos 5 11 a 15 anos 8 16 a 20 anos 9 21 a 23 anos 6 Subtotal 30	2 a 5 anos 3 6 a 10 anos 1 11 a 15 anos 6 16 a 20 anos 6 21 a 23 anos 2 Subtotal 18	2 a 5 anos 5 6 a 10 anos 6 11 a 15 anos 14 16 a 20 anos 15 21 a 23 anos 8 Subtotal 48
Em caso afirmativo, por quê?	Porque me casei 2 Porque ganhei nenê 3 Por ter filhos e morar na zona rural 5 Por falta de dinheiro 1 Porque casei e meu marido não me deixava estudar 8 Porque meu marido achava que estudar era bobagem 5 Porque meu marido não deixava, e eu sempre tive medo dele 4 Porque meu marido não queria e é muito violento 2	Porque me casei 2 Porque a cidade era pequena e não tinha o que estudar 1 Pela situação financeira 4 Porque tinha que cuidar dos filhos e o marido não queria que eu estudasse (eu já saía para dar aula em um turno) 4 Por comodismo 1 Porque o meu pai não deixou 4 Porque meu marido não deixava e eu sempre tive medo	Porque me casei 4 Por razões relativas aos filhos e/ou a viver na zona rural 8 Por desejo do marido 9 Por imposição do marido 8 Por medo do marido 8 Pela situação financeira 5 Por imposição do pai 4 Outras razões alegadas 2

		dele	2	
	Subtotal	30	Subtotal	18
			Subtotal	48

II. Questionário propriamente dito:

1. Quando resolveste cursar o PFPS, foi por quê? (Podes marcar mais de uma resposta)

Zona rural		Zona urbana		Total	
Queria continuar estudando	30	Queria continuar estudando	23	Queria continuar estudando	53
Exigência da Lei nº 9.394/96	26	Exigência da Lei nº 9.394/96	20	Exigência da Lei nº 9.394/96	46
O curso era mais barato	15	O curso era mais barato	5	O curso era mais barato	20
Foi uma conquista em relação ao consentimento do meu marido	27	Foi uma conquista em relação ao consentimento do meu marido	13	Foi uma conquista em relação ao consentimento do meu marido	40

2. Teus pais te incentivaram a ser professora, ou alguma outra profissão não faria diferença?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	25	Sim	10	Sim	35
(sendo que 15 responderam: 'e só professora!')					
Não	2	Não	4	Não	6
Não fazia diferença	4	Não fazia diferença	9	Não fazia diferença	13
Total	31	Total	23	Total	54

3. Por quê?

- Em caso de resposta "sim" (por aproximação) – algumas apresentaram mais de uma justificativa:

Zona rural		Zona urbana		Subtotal	
E "só professora"	15	Meu pai me "obrigou" a fazer o Magistério	6	Por imposição do pai	39
Meu pai "exigiu" que eu fizesse o Magistério	8	Era o sonho do meu pai ter uma filha professora	3	Por desejo do pai	11
Porque o Magistério é a profissão ideal para a mulher	5	Minha mãe queria que eu fosse professora, porque ela queria ter sido e não pode, e o meu pai achava que era a profissão ideal para a mulher (mas não deixou minha mãe estudar)	1	Por ser considerada profissão ideal para a mulher pelo pai	6
Porque "eu acredito" que o Magistério é a profissão ideal para a mulher	2			Por acreditar ser a profissão ideal para a mulher	2
Eu ser professora era o sonho do meu pai	8				
Porque meu pai achava que mulher "só podia ser professora"	10				
Subtotal	48	Subtotal	10	Subtotal	58

- Em caso de resposta “não” (por aproximação):

Zona rural	Zona urbana	Subtotal
Meu pai hoje se orgulha de eu ser a única professora da família (mas, na época, ele não queria) 1	Meu pai não gosta de professoras. Foi um desgosto imenso, por causa do salário baixo 1	O pai não aceitava que fosse professora, mas hoje se orgulha disso 1
Meus pais só queriam que eu trabalhasse: para eles, estudar não era importante 1	Queriam que eu fosse qualquer coisa, menos professora 2	Os pais não consideravam o estudo importante 1
	Minha mãe queria que eu fosse professora, mas meu pai queria que eu fosse advogada 1	Por causa dos baixos salários 1
		O pai/os pais desejavam outra profissão 3
Subtotal 2	Subtotal 4	Subtotal 6

- Em caso de resposta “não fazia diferença” (por aproximação):

Zona rural	Zona urbana	Total
“Minha mãe, sim; meu pai, não; ele dizia que ‘mulher decente tem que ficar dentro de casa’” 1	Meus pais nunca disseram se eu deveria estudar ou não (nunca me incentivaram a estudar) 5	Porque, na verdade, o pai queria que ela não trabalhasse fora 1
Minha mãe queria muito que eu estudasse, independente da profissão 1	Para eles, eu era indiferente (o incentivo para estudar era para meus irmãos) 2	A mãe queria que ela estudasse 1
Meus pais queriam que eu estudasse, mas tinha que ser ‘curso de mulher’ 1	Meus pais nunca opinaram sobre minha profissão 2	Queriam que ela fizesse um ‘curso de mulher’ 1
Para eles, era indiferente eu estudar ou não 1		Por indiferença/por não opinarem/por não incentivarem 8
		Porque o incentivo para o estudo era para os irmãos homens 2
Subtotal 4	Subtotal 9	Subtotal 13

4. Teu marido te incentiva a estudar mais (fazer outros cursos, mesmo que sejam fora da cidade em que resides)?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim 5	Sim 7	Sim 12
Não 26	Não 16	Não 42
Total 31	Total 23	Total 54

- Por quê?

- Em caso de resposta afirmativa (por aproximação):

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque, se eu estudar mais, meu salário será melhor 3	Porque, se eu estudar mais, meu salário será melhor 3	Para que o salário seja melhor 6
Porque assim garanto o meu	Porque sabe que é	Para garantia do

emprego	1	importante para mim	2	emprego	2
Porque sabe que, se eu não estudar, posso perder o emprego	1	Porque sabe que eu gosto do que faço	1	Por ser importante para ela/para sua realização pessoal	4
		Porque se importa com minha realização pessoal	1		
Subtotal	5	Subtotal	7	Subtotal	12

- Em caso de resposta negativa (por aproximação):

Zona rural		Zona urbana		Total	
Ele alega que a minha ausência prejudica meus filhos (que precisam de mim)	4	Ele pensa que devo ficar em casa, cuidando da família	2	Por alegar que prejudica os filhos	4
Porque ele não se interessa pelas coisas que eu gosto	1	Porque é egoísta	1	Por desinteresse/egoísmo	2
Porque nem eu tinha interesse em estudar	2	Porque não gosta que eu saia de casa	1	Por desinteresse de ambos	2
Porque, para ele, a mulher é para a lida da casa e cuidar dos filhos	5	Porque tem ciúme	4	Por achar que “lugar de mulher é dentro de casa”	14
Ele sempre briga muito comigo quanto eu venho para estudar	2	Porque ele não quer que eu seja independente	2	O marido briga e/ou é violento quando ela vai estudar	5
Porque eu já sou professora e ele acha “besteira” estudar mais	1	Porque ele acha que “lugar de mulher é em casa”	1	Por achar que é “besteira” estudar	2
Porque ele é muito violento, eu tenho que me “abaixar” para ele e foi muito difícil conseguir sair para estudar	3	Porque não gosta que eu saia da cidade sem ele	2	Por ciúme/porque gosta de mantê-la dentro de casa, “sob seu olhar”/porque acha que ela “não pára em casa”	7
Porque, quanto mais tempo eu ficar em casa, mais estarei “sob o olhar dele”	1	Porque ele diz que era melhor ter casado com “uma doméstica do que com uma professora”	1	Por medo da opinião dos outros	1
Porque “lugar de mulher é dentro de casa”	4	Porque “isso de estudar é besteira”	1	Porque não quer que ela seja independente/que ela saia da cidade sem ele	4
Porque “eu não paro em casa”	2	Porque “lugar de mulher é dentro de casa. Mulher metida a estudar fica besta”	1	Porque acharia melhor “ter se casado com uma doméstica do que com uma professora”	1
Porque “b que os outros vão dizer?”	1				
Subtotal	26	Subtotal	16	Subtotal	42

5. Se optasses por outra profissão (como brigadiana, motorista de táxi, cobradora de ônibus, frentista), qual seria a reação do teu marido?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Aceitaria só se fosse muito		Aceitaria	4	Aceitaria	4

necessário <b>Não</b> <b>29</b>	2 <b>aceitaria</b>	Aceitaria com restrições 2 Não sei: meu marido não liga para as coisas que eu faço 1 Não aceitaria 15 Primeiro, “morreria de susto”, e depois, “ficaria uma fera”, e, é claro, não aceitaria 1	Aceitaria com restrições/ se fosse muito necessário 4 Não sabe, porque ele não liga para o que ela faz 1 <b>Não</b> <b>aceitaria</b> <b>45</b>
Total	31	Total	23
		Total	54

- Por quê? (Em caso de resposta negativa)

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque é muito machista 8	Ficaria preocupado com o que os outros iriam falar 3	Por ser muito machista 11
Ele me “corria de casa” 3	“Nem pensar!” 4	Ele a “correria de casa”/ se separaria dela 4
Ele me “mataria”, porque não gosta que eu tenha contato com outras pessoas, principalmente do sexo oposto 2	Porque é muito machista 3	Por ciúme 7
Porque ele acha que mulher só pode ser dona- de-casa e, quando muito, professora 7	Ele se separaria de mim 1	Por achar que mulher só pode ser dona-de-casa ou professora 15
Na Campanha, só dona-de- casa ou professora 5	<b>Ele é muito ciumento</b> <b>5</b>	Prefere “passar fome” a deixá-la trabalhar em outra coisa 1
Meu marido prefere “passar fome” do que deixar a mulher trabalhar em outra coisa 1		Por medo da opinião dos outros 3
Meu marido só aceita que eu seja professora 3		<b>“Nem pensar”</b> 4
Subtotal	29	Subtotal
		16
		Subtotal
		45

6. Teu marido acha que existem certas profissões que são “próprias para mulher”?

Zona rural	Zona urbana	Total
Não respondeu 1	Não sei 3	Não sabe/não respondeu 4
Sim 27	Sim 14	Sim 41
Não 3	Não 6	Não 9
Total	31	Total
		23
		Total
		54

- Se acha que sim, quais? (Algumas apresentaram mais de uma resposta)

Zona rural		Zona urbana		Total	
Dona-de-casa	2	Professora	14	Apenas dona-de-casa	16
Professora e dona-de-casa	24	Dona-de-casa	14	Professora (ou professora e dona-de-casa)	39
Professora, dona-de-casa e parteira	1	Enfermeira	2	<b>Outras profissões</b>	
		Dançarina	1		
		Ginecologista	1		
		Médica de crianças	1	<b>5</b>	
Subtotal	27	Subtotal	33	Subtotal	60

- Por quê? (Em caso de resposta afirmativa – algumas apresentaram mais de uma resposta)

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque é muito machista	9	Porque a mulher não pode tirar o trabalho que é do homem	2	Por ser muito machista	16
Porque tem coisas que “é só para macho”	2	Porque meu marido, mesmo sustentado por mim, acha que lugar de mulher é em casa	2	Porque “tem coisas que é para macho”/“o macho é mais capaz”/porque a mulher não tem força física para certos trabalhos/porque a mulher é o sexo frágil/ a mulher não tem capacidade para certas coisas	9
Porque mulher só pode ser professora	5	Porque mulher só pode ser professora	8	Porque mulher só pode ser professora	13
Porque mulher tem de ser dona-de-casa e, quando muito, professora	14	Porque a mulher é o “sexo frágil” e, como tal, só deve cuidar de crianças. Então, só pode ser professora	3	Porque mulher tem de ser dona-de-casa e, quando muito, professora	14
Porque mulher não tem força física para trabalhos pesados	2	Porque, por ex., a mulher nunca poderia ser “mecânica”, porque “não entende de motor”	1	Porque meu marido, mesmo sustentado por mim, acha que lugar de mulher é em casa	2
Porque o “macho é mais capaz”	1	Porque é muito machista	7	Porque a mulher não pode tirar o trabalho que é do homem	2
		Porque “à mulher trabalhar junto com muito homem não dá certo”	1	Porque “à mulher trabalhar junto com muito homem não dá certo”	1
Subtotal	33	Subtotal	24	Subtotal	57

- Por quê? (Em caso de resposta negativa)

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque depende da necessidade econômica	1	Ele acha que, se a mulher quiser, pode ter qualquer		Depende da necessidade/ depende	3

Se a gente precisa, tem que fazer qualquer coisa	1	profissão, desde que não envolva força	2	Ele acha que, se a mulher quiser, pode ter qualquer
Zona rural		Zona urbana		Total
Não, porque tudo depende	1	Ele acha que a mulher pode ter qualquer profissão, mas que cálculos e cargos de chefia são para homem	3	profissão, desde que não envolva força
		<b>Não justificou</b>	<b>1</b>	Ele acha que a mulher pode ter qualquer profissão, mas que cálculos e cargos de chefia são para homem
				Não justificou
Subtotal	3	Subtotal	6	Subtotal
				9

7. Por que optaste pelo Magistério?

Zona rural	Zona urbana	Total			
Porque meu pai queria e foi o que eu consegui	9	Não foi por opção, foi porque meu pai me obrigou	5	Por desejo/influência do pai	11
Porque gosto de crianças	2	Por influência do meu pai	2	Por gostar de crianças	9
Porque meu pai "exigiu"	2	Porque fiz teste vocacional	2	Por imposição do pai	10
Porque é profissão própria para mulher	2	Porque sempre foi o meu sonho	2	Por ser profissão própria para mulher/a melhor profissão para mulher	3
Porque é a melhor profissão para a mulher	1	Procurei outro emprego, mas não consegui e aí voltei a dar aula	1	Por gostar da profissão	11
Porque sempre brinquei de dar aulas e porque gosto da profissão	8	Porque foi uma forma de me rebelar contra meu pai	1	Por falta de opção	7
Por falta de opção	5	Porque era o único curso que meu pai me deixou fazer	3	Por ter feito teste vocacional	2
"E eu tinha outra escolha?"	1	Porque gosto de crianças	7	Por ser uma forma de se rebelar contra o pai	1
Por vocação: precisei quase fugir de casa para poder estudar o Magistério	1				
Total	31	Total	23	Total	54

8. Se teu marido recebesse um excelente salário, mesmo assim ele te deixaria trabalhar fora de casa?

Zona rural	Zona urbana	Total			
Sim	3	Sim	11	Sim	14
Não	26	Não	4	Não	30
Não sei	2	Não sei	8	Não sei	10
Total	31	Total	23	Total	54

- Por quê?

- Em caso de resposta afirmativa:

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque eu não ia agüentar ficar só em casa. Ele só	Porque eu já disse para ele que não deixo de trabalhar.	Porque não ia agüentar ficar só em casa/ficaria

teria que deixar Porque ele sabe que, se eu ficasse só em casa, eu ia ficar ‘enlouquecida” Porque, quando casei, eu disse que trabalhar, para mim, era muito importante	1 1 1	Quando casei, impus esta condição Porque ele sabe que eu detesto fazer o serviço da casa (eu preciso sair, ‘respirar’), e aí eu iria ficar ‘insuportável” Porque, eu não estando sempre em casa, é melhor para ele Porque sabe que é importante para mim Acho que deixaria, depois de ‘uma dúzia de brigas” Porque ele sabe que eu não nasci ‘pra dondoca” Não justificaram	1 1 1 3 1 1 1 3	“enlouquecida” ou “insuportável” Porque foi o ajustado quando do casamento Por conveniência para ele de ela não estar sempre em casa Porque sabe que é importante para ela Deixaria, mas “depois de uma dúzia de brigas” Porque “ele sabe que eu não nasci ‘pra dondoca” <b>Não justificaram</b> <b>3</b>	3 2 1 3 1 1 1
Subtotal	3	Subtotal	11	Subtotal	14

- Em caso de resposta “não” (algumas apresentaram mais de uma justificativa):

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque tem ciúme	Porque tem ciúme	Por ciúmes
6	2	8
Porque lugar de mulher é cuidando “das panelas e dos filhos”	Porque mulher trabalhar fora se não precisa “é porque quer fugir da responsabilidade da casa, que é obrigação da mulher”	Porque “lugar de mulher é em casa” Por machismo
5	2	18 5
Porque lugar de mulher é em casa	Porque lugar de mulher é dentro de casa	Porque, “por ele, eu não iria para a cidade nunca” Porque consideraria que ela estaria “fugindo da responsabilidade da casa”
7	4	1 2
Porque ele é muito metido a “macho” e acha que o homem é que tem de sustentar a casa	Porque ele só me deixa trabalhar porque é preciso	Porque ele só a deixa trabalhar por ser preciso
1	4	4
Porque é muito machista		
4		
Porque é melhor para ele que eu fique só em casa		
2		
Porque, por ele, eu não iria para a cidade nunca		
1		
Subtotal	Subtotal	Subtotal
26	12	38

- Em caso de resposta “não sei”:

Zona rural	Zona urbana	Total
------------	-------------	-------

<b>Não justificaram</b> <b>2</b>	Só se fosse no Magistério Se o Magistério fosse mais bem pago, acredito que sim	2 1	Não justificaram Só se fosse no Magistério Se o Magistério fosse mais bem pago, acredito que sim	2 1
	Só se ser professora desse “estadus” ( sic)	1		Só se ser professora desse “estadus” ( sic)
<b>Subtotal</b> <b>2</b>	<b>Subtotal</b>	<b>4</b>	<b>Subtotal</b>	<b>6</b>

9. Se tua situação financeira fosse ótima, mesmo assim continuarias a ser professora das séries iniciais?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	27	Sim	18	Sim	45
Não	2	Não	5	Não	7
Não sei	2	Não sei	-	Não sei	2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>Total</b>	<b>54</b>

- Por quê?

- Em caso de resposta afirmativa:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque gosto de ensinar	4	Porque gosto de ler e de estudar	1	Porque gosto de ensinar	7
Porque é uma realização só minha	1	Porque prefiro trabalhar com crianças	5	Por gostar da profissão/sentir-se realizada	9
Porque é a única coisa que eu sei fazer	4	Porque gosto de ensinar	3	Porque é a única coisa que eu sei fazer	4
Porque posso ajudar as pessoas	4	Porque me sinto realizada	1	Porque posso ajudar as pessoas	4
Porque adoro trabalhar com crianças	5	Porque gosto de crianças	1	Porque “agora” gosto do que faço	6
Porque é uma “extensão do lar”	2	Porque não consigo ficar sem trabalhar e ter o meu dinheiro	2	Por gostar de crianças/de trabalhar com crianças	12
Porque me sinto realizada	1	Porque “agora” gosto do que faço	5	Pela independência financeira	3
Pelo prazer de dar aula para crianças	1				
Porque gosto do que faço	3				
Porque “agora” gosto do que faço	1				
Porque estou conquistando minha independência financeira	1				

Subtotal	27	Subtotal	18	Subtotal	45
----------	----	----------	----	----------	----

- Em caso de resposta ‘não’:

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque não foi uma opção minha, eu fui obrigada a ser professora	Porque exige muita responsabilidade	Porque ser professora não foi uma opção minha
2	1	5
	Porque ser professora não foi uma opção minha	Porque exige muita responsabilidade
	3	1
	Porque o salário é péssimo	Porque o salário é péssimo
	1	1
Subtotal	Subtotal	Subtotal
2	5	7

- Em caso de resposta ‘não sei’:

Zona rural	Zona urbana	Total
Não justificaram	-	Não justificaram
2		2
Subtotal	-	Subtotal
2		2

10. Na tua opinião, porque há mais professoras do que professores nas séries iniciais?  
(Obs.: algumas justificativas englobaram mais de um aspecto)

Zona rural	Zona urbana	Total
Devido ao machismo	Devido ao péssimo salário	Devido ao machismo/ preconceito dos homens/ preconceito das famílias/ por acharem ser profissão de mulher
10	1	36
Porque as mulheres são mais dóceis	Porque os homens só querem ser professores dos cursos superiores	Porque as mulheres são mais dóceis/pacientes/ delicadas/carinhosas/agem com o coração/têm mais jeito com crianças
3	1	21
Porque as mulheres são mais pacientes	Por causa do machismo	Pelo instinto maternal/por ser considerada mãe ou “mãezona”
3	7	12
Porque a mulher é mais delicada	Porque as mulheres são mais pacientes	Porque os homens não levam o estudo a sério
3	2	1
Porque é uma profissão para mulheres	Por causa do preconceito dos homens	Porque os homens são rudes e não sabem lidar com crianças
5	2	1
Pelo instinto maternal	Pelo instinto maternal	Porque os homens são rudes e não sabem lidar com crianças
4	2	1
Porque os homens não levam o estudo a sério	Porque os homens acham que é profissão de mulher	Devido aos baixos salários/ à desvalorização da profissão
1	5	3
Porque os homens são rudes e não sabem lidar com crianças	Porque a mulher é considerada mãe e por isso cuida melhor de crianças	
1	5	
Mesmo que um homem queira ser professor, ele não vai ser, por causa do medo de que os outros o chamem de ‘bicha’	Porque a mulher tem mais jeito com as crianças	
1	5	
Porque mulher age com o coração, e o homem, com a razão	Porque não há incentivo das famílias	
1	1	
Porque paga pouco	Porque é uma profissão pouco valorizada	
1	1	
Porque as mulheres são	Porque as mulheres são naturalmente ‘mãezonas’	
	1	

mais carinhosas	4		
Porque os homens não querem que seus filhos sejam professores de crianças	4		
Zona rural		Zona urbana	Total
Subtotal	41	Subtotal	33
		Subtotal	74

11. Uma das preocupações da Escola parece ser o incentivo e o reforço, nos meninos, das características masculinas, tais como liderança, poder decisório, incentivo ao pensamento lógico, ao exercício da cidadania, a ter coragem e a enfrentar a dor e o perigo; e, nas meninas, é o incentivo à sensibilidade, ao respeito, à gentileza, a um temperamento dócil e gentil, a ser amorosas e carinhosas. Isto realmente vem acontecendo? Justifica a tua resposta.

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim	28	Sim 48
Não	1	Não 4
Não respondeu	2	Não respondeu 2
Total	31	Total 54

- Por quê?

- Em caso de resposta afirmativa:

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque prevalece a educação diferenciada para meninos e meninas	5	Porque prevalece a educação diferenciada para meninos e meninas/porque a escola procura ensinar/ incentivar as diferenças de gênero 14
Porque a escola procura ensinar os meninos como eles têm de agir para ser homens, e as meninas, como serem "femininas"	5	Porque a gente até deixa os meninos atrás porque eles não param quietos 4
Porque a gente até deixa os meninos atrás porque eles não param quietos	4	Porque a Escola deve seguir as normas da sociedade e da família/porque as famílias gostam que seja assim/é nossa obrigação com as crianças e com a família 14
Porque a Escola deve seguir as normas da sociedade e da família	4	Por medo do homossexualismo 5
Sim, com as meninas a gente ensina a ter modos de menina. Com os guris a gente não se preocupa tanto, eles são "meio baguais"	1	Pelo machismo da escola/ das professoras/porque "a igualdade fica só na conversa" 11
Isso acontece na maioria das escolas, porque as famílias gostam que seja assim	2	
Porque a Escola incentiva a masculinidade e a feminilidade, tem medo de		
	Porque a educação dos meninos é diferente da educação das meninas	2
	Porque, desde a fila de entrada, os meninos ficam atrás e as meninas na frente. A diferença a gente faz desde a entrada	1
	Porque a Escola é uma continuação da família	4
	Porque há muitas professoras machistas e inculcem nos meninos que eles são diferentes, são "homens"	5
	Sim, é uma obrigação da gente com as crianças e com a família	2
	Sim, porque a Escola reproduz as idéias da família e da sociedade	2
	Porque na prática as coisas não mudam e a "igualdade" fica "só na conversa"	2
	Sim, porque muitas pessoas estão apavoradas com os	

“criar homossexuais”	3	homossexuais	2	
Zona rural		Zona urbana		Total
Porque a Escola continua sendo machista	4			
Subtotal	28	Subtotal	20	Subtotal 48

- Em caso de resposta negativa:

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque não dá tempo nem para observar esses valores	1	1
	Hoje pouco, antes era mais acentuado 2	Porque não dá tempo nem para observar esses valores 1
	Porque isso depende muito da professora 1	Hoje pouco, antes era mais acentuado 2
		Porque isso depende muito da professora 1
Subtotal	1	Subtotal 3
		Subtotal 4

- Obs.: as que não responderam a questão também não apresentaram justificativa.

12. Quando um menino ou uma menina possui atitudes consideradas fora dos “padrões” normais esperados para o seu sexo (por exemplo, o menino com características delicadas, e a menina com temperamento agressivo), o que a Escola faz?

Zona rural	Zona urbana	Total
A escola não sabe lidar com isso	1	3
A escola não faz nada	1	4
A escola procura chamar os pais e encaminhar para um psicólogo ou médico	11	18
Observa a criança e fala com a família	2	7
Há repercussão quando é menino, porque isso não é considerado “coisa de homem”	2	7
A escola procura alguma maneira de demonstrar o que é certo para cada sexo	4	8
Os colegas “debocham” e os professores não fazem nada (tem até alguns que tentam “fazer eles voltar ao normal”)	1	8
A escola procura alertar a		1
	A escola não sabe lidar com isso 2	A escola não sabe lidar com isso 3
	A escola não faz nada 3	A escola não faz nada 4
	A escola deve tentar integrar 4	A escola procura chamar os pais e encaminhar para um psicólogo ou médico 18
	A escola chama os pais e procura encaminhar a um psicólogo 7	Observa a criança e/ou alerta a família/conversa com os pais porque “não aceita diferenças” 7
	Às vezes até as professoras fazem comentários maldosos e “rotulam” a criança 2	Surge preconceito dentro da escola/até por parte das professoras e/ou colegas 8
	A escola procura obrigar a entrar no “modelo padrão” 3	A escola tenta “mostrar o que é certo para cada sexo”/ modificar a situação, de alguma maneira/procura obrigar a entrar no “modelo padrão” 8
	A escola procura conversar com os pais porque “não aceita as diferenças” 1	A escola acha que a criança tem um problema sério 1
	“Hoje não me assusta nem me surpreende: o importante é ser feliz” 1	A escola deve tentar

família A escola tenta mudar suas atitudes de alguma forma	4 1		integrar	4
Zona rural		Zona urbana		Total
A escola acha que a criança está com um problema sério Por parte dos colegas há muito preconceito A escola discrimina	1 2 1		“Hoje não me assusta nem me surpreende: o importante é ser feliz”	1
Total	31	Total	23	Total

13. Tu achas que o gaúcho da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai tem características iguais ou diferentes das dos outros gaúchos?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim	28	Sim 20
Não	1	Não 3
Não respondeu	2	Não respondeu -
Total	31	Total 23

- Por quê?

- Em caso de resposta afirmativa:

Zona rural	Zona urbana	Total
O gaúcho da fronteira é mais machista e mais “grosso”	Aqui eles se assumem como gaúchos	Por ser mais machista e/ou mais “grosso” e/ou rude
2	2	11
Porque, como vivem gritando com os animais, acham que podem gritar com todo mundo	Porque os gaúchos do centro e norte do Rio Grande do Sul são mais cultos e evoluídos	Porque, como vivem gritando com os animais, acham que podem gritar com todo mundo
2	2	2
Porque aqui eles são “mais metidos a macho”, desde a linguagem até a vestimenta	Porque os gaúchos da metade norte do Estado são mais evoluídos e menos rudes	Por ser mais tradicional/ preconceituoso/ conservador
2	2	18
Porque o gaúcho da fronteira é mais preconceituoso e tradicional, e sofre muito a influência do Uruguai	Porque os da fronteira são muito “grossos”	Pela educação que receberam
2	1	2
Porque é mais conservador	Por causa do machismo, que é muito forte aqui	Porque os que vivem em outras regiões do Estado são mais evoluídos/cultos
6	3	6
Porque se preocupam muito com a tradição	As características do gauchismo daqui são mais acentuadas, até no jeito de falar da fronteira	Porque parece que “estão sempre em pé de guerra”
4	2	1
Pela educação que receberam	Porque são conservadores e fazem questão de demonstrar que são “machos”	Porque são muito orgulhosos
2	3	4
Porque, quando vivem nos centros maiores, são mais	Porque são conservadores e fazem questão de demonstrar que são “machos”	Aqui eles se assumem como gaúchos/as características tradicional são mais fortes
	3	4
	Porque cultuam muito a tradição, que é muito	

evoluídos	2	conservadora	3	
Zona rural		Zona urbana		Total
Porque não sei, mas “sei que é diferente”, é mais “machão”	1			
Porque aqui eles fazem questão de “mostrar que são o dono de tudo, até da mulher e dos filhos”	2			
Porque parece que “estão sempre em pé de guerra”	1			
Porque são muito orgulhosos	4			
Subtotal	30	Subtotal	18	Subtotal 48

- Em caso de resposta negativa:

Zona rural		Zona urbana		Total
Porque não conheço os outros	1	Não justificaram	4	Porque não conheço os outros 1
				Não justificaram 4
Subtotal	1	Subtotal	4	Subtotal 5

- Obs.: a que respondeu “não sei” também não justificou sua resposta.

14. Na tua opinião, quais são as características da mulher gaúcha da região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai? (Obs.: as alunas colocaram sempre mais de uma característica.)

Zona rural		Zona urbana		Total	
Submissa	10	Submissa	5	Submissa	15
Boa dona-de-casa	7	Boa dona-de-casa	4	Boa dona-de-casa	11
Dócil	5	Dócil	2	Dócil	7
Dependente	3	Dependente	1	Dependente	4
Medrosa	5	Medrosa	4	Medrosa	9
Indecisa	5	Indecisa	1	Indecisa	6
Obediente	5	Obediente	3	Obediente	8
Prendada	5	Prendada	2	Prendada	7
Reprimida	4	Reprimida	2	Reprimida	6
Corajosa	1	Corajosa	3	Corajosa	4
Com dotes culinários	5	Com dotes culinários	2	Com dotes culinários	7
Perseverante	1	Perseverante	3	Perseverante	4
Omissa	5	Omissa	2	Omissa	7
Delicada	1	Delicada	4	Delicada	5
Quieta	5	Vaidosa	1	Quieta	5
Mal vestida	3	Recatada	2	Mal vestida	3
marido	4	Machista	2	Uma mulher que sempre	
Bonita e inteligente	3	Educada e decidida	2	acaba concordando com o	
Paciente	2	Meiga	5	marido	4
		Alegre	1	Bonita e inteligente	3
Zona rural		Zona urbana		Total	
Uma mulher que sempre acaba concordando com o		Forte	1	Paciente	2
Uma mulher que trabalha fora de casa e ainda ajuda o marido nos afazeres do campo	2			Uma mulher que trabalha fora de casa e ainda ajuda o marido nos afazeres do campo	2
Oprimida	1			Oprimida	1
Calma e “do lar”	3			Calma e “do lar”	3
Ciumenta e desconfiada	1			Ciumenta e desconfiada	1
Insegura	4			Insegura	4
Trabalhadora	5			Trabalhadora	5
Frágil	1			Frágil	1
Sensível	2			Sensível	2
“Não fala quase na frente do marido, porque sempre ele fala mais alto”	3			“Não fala quase na frente do marido, porque sempre ele fala mais alto”	3
				Vaidosa	1
				Recatada	2
				Machista	2
				Educada e decidida	2
				Meiga	5
				Alegre	1
				Forte	1
Total	101	Total	52	Total	153

15. Conheces algum ditado popular que faça referências ao gaúcho?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	31	Sim	22	Sim	53
Não	-	Não	1	Não	1
Total	31	Total	23	Total	54

- Em caso de resposta afirmativa, quais? (As alunas em geral indicaram mais de um ditado)

Zona rural		Zona urbana		Total	
‘Buenas! E aqui me acho: eu corto trança de china e boto guampa em macho’	1	‘Buenas! E aqui me acho: eu corto trança de china e boto guampa em macho’	-	‘Buenas! E aqui me acho: eu corto trança de china e boto guampa em macho’	1
‘Gaúcho sem faca e espora é que nem mulher sem calça’	1	‘Gaúcho sem faca e espora é que nem mulher sem calça’	-	‘Gaúcho se m faca e espora é que nem mulher sem calça’	1
‘Gaúcho a pé é como china sem cama’	2	‘Gaúcho a pé é como china sem cama’	-	‘Gaúcho a pé é como china sem cama’	2
‘Gaúcho que é macho não tem medo de nada’	2	‘Gaúcho que é macho não tem medo de nada’	-	‘Gaúcho que é macho não tem medo de nada’	2
‘Gaúcho bom cultiva a tradição’	4	‘Gaúcho bom cultiva a tradição’	-	‘Gaúcho bom cultiva a tradição’	4
Zona rural		Zona urbana		Total	
‘O gaúcho é mais faceiro que égua com dois potrilhos’	1	‘O gaúcho é mais faceiro que égua com dois potrilhos’	-	‘O gaúcho é mais faceiro que égua com dois potrilhos’	1
‘O gaúcho é grosso que nem tampa de poço’	6	‘O gaúcho é grosso que nem tampa de poço’	5	‘O gaúcho é grosso que nem tampa de poço’	11
‘Gaúcho que é macho não chora, chia que nem coruja’	14	‘Gaúcho que é macho não chora, chia que nem coruja’	-	‘Gaúcho que é macho não chora, chia que nem coruja’	14
‘Cavalo, mulher e revólver, não se empresta’	12	‘Cavalo, mulher e revólver, não se empresta’	-	‘Cavalo, mulher e revólver, não se empresta’	12
‘Gaúcho que é macho não come mel, come abelha’	13	‘Gaúcho que é macho não come mel, come abelha’	-	‘Gaúcho que é macho não come mel, come abelha’	13
‘Gaúcho é feio que nem traseiro de ovelha’	1	‘Gaúcho é feio que nem traseiro de ovelha’	-	‘Gaúcho é feio que nem traseiro de ovelha’	1
‘O gaúcho é bicho macho’	2	‘O gaúcho é bicho macho’	-	‘O gaúcho é bicho macho’	2
‘O gaúcho é atirado que nem rebenque velho’	1	‘O gaúcho é atirado que nem rebenque velho’	-	‘O gaúcho é atirado que nem rebenque velho’	1
‘Nego bom não se mistura’	7	‘Nego bom não se mistura’	-	‘Nego bom não se mistura’	7
‘Quem faz o cavalo é o dono’	5	‘Quem faz o cavalo é o dono’	-	‘Quem faz o cavalo é o dono’	5
‘O gaúcho mulherengo é que nem cachorro que come ovelha, para endireitar só matando’	8	‘O gaúcho mulherengo é que nem cachorro que come ovelha, para endireitar só matando’	-	‘O gaúcho mulherengo é que nem cachorro que come ovelha, para endireitar só matando’	8

“Quem joga e anda em égua não se aperta” 11	“Quem joga e anda em égua não se aperta” -	“Quem joga e anda em égua não se aperta” 11
“Gaúcho que não teve gonorréia até os 15 anos, ou não é gaúcho ou é <i>puto</i> ” 7	“Gaúcho que não teve gonorréia até os 15 anos, ou não é gaúcho ou é <i>puto</i> ” -	“Gaúcho que não teve gonorréia até os 15 anos, ou não é gaúcho ou é <i>puto</i> ” 7
“O gaúcho é mais empacado que burro guacho” 5	“O gaúcho é mais empacado que burro guacho” -	“O gaúcho é mais empacado que burro guacho” 5
“O filho do patrão é mais cheio que bolsa de <i>puta</i> ” 2	“O filho do patrão é mais cheio que bolsa de <i>puta</i> ” -	“O filho do patrão é mais cheio que bolsa de <i>puta</i> ” 2
“Gaúcho de calça reta fica mais fresco que água de cacimba” 4	“Gaúcho de calça reta fica mais fresco que água de cacimba” -	“Gaúcho de calça reta fica mais fresco que água de cacimba” 4
“Índio taura, guampa torta, entra e sai em qualquer porta” 4	“Índio taura, guampa torta, entra e sai em qualquer porta” -	“Índio taura, guampa torta, entra e sai em qualquer porta” 4
“Vira -bosta não bota no meu ninho” 3	“Vira -bosta não bota no meu ninho” -	“Vira -bosta não bota no meu ninho” 3
“O olho do dono engorda o cavalo” 14	“O olho do dono engorda o cavalo” -	“O olho do dono engorda o cavalo” 14
“Boi lerdo bebe água suja” 4	“Boi lerdo bebe água suja” -	“Boi lerdo bebe água suja” 4
“Gaúcho que é macho engole osso, porque tem	“Gaúcho que é macho engole osso, porque tem	“Gaúcho que é macho engole osso, porque tem
Zona rural	Zona urbana	Total
confiança no <i>cu</i> ” 1	confiança no <i>cu</i> ” -	confiança no <i>cu</i> ” 1
“Cavalo dado não se olha os dentes” 5	“Cavalo dado não se olha os dentes” -	“Cavalo dado não se olha os dentes” 5
“Cavalo e mulher só dá pra conhecer quando estão debaixo” 1	“Cavalo e mulher só dá pra conhecer quando estão debaixo” -	“Cavalo e mulher só dá pra conhecer quando estão debaixo” 1
“Colhudo que não relincha quando vê égua, ou não é macho ou quer trégua” 6	“Colhudo que não relincha quando vê égua, ou não é macho ou quer trégua” -	“Colhudo que não relincha quando vê égua, ou não é macho ou quer trégua” 6
“Gaúcho é o macho de caracu” 2	“Gaúcho é o macho de caracu” -	“Gaúcho é o macho de caracu” 2
“Gaúcho macho é valente e grosso” 7	“Gaúcho macho é valente e grosso” -	“Gaúcho macho é valente e grosso” 7
“Tanto aquece a lã de ovelha como o cobertor de orelha” 8	“Tanto aquece a lã de ovelha como o cobertor de orelha” -	“Tanto aquece a lã de ovelha como o cobertor de orelha” 8
“Na minha casa quem canta é o galo” 17	“Na minha casa quem canta é o galo” 11	“Na minha casa, quem canta é o galo” 28
“Ninguém é perfeito: só santo. Lugar de santo é no Céu. Homem sem defeito não é homem.” 1	“Ninguém é perfeito: só santo. Lugar de santo é no Céu. Homem sem defeito não é homem.” -	“Ninguém é perfeito: só santo. Lugar de santo é no Céu. Homem sem defeito não é homem.” 1
“Cavalo de Comissário não perde a corrida” 2	“Cavalo de Comissário não perde a corrida” -	“Cavalo de Comissário não perde a corrida” 2
“Mais cheio que penico em	“Mais cheio que penico em	“Mais cheio que penico em

baile de campanha” 2	baile de campanha” -	baile de campanha” 2
‘Cavalo maneado t ambém pasta” 3	‘Cavalo maneado também pasta” -	‘Cavalo maneado também pasta” 3
‘Sou gaúcho bom, gaúcho macho! Comigo é bala no bucho e o buraco é mais embaixo!” -	‘Sou gaúcho bom, gaúcho macho! Comigo é bala no bucho e o buraco é mais embaixo!” 5	‘Sou gaúcho bom, gaúcho macho! Comigo é bala no bucho e o buraco é mais embaixo!” 5
‘Me enxerga vestido de lã e pensa que eu sou ovelha” -	‘Me enxerga vestido de lã e pensa que eu sou ovelha” 2	‘Me enxerga vestido de lã e pensa que eu sou ovelha” 2
‘O gaúcho é que nem pataço de porco” -	‘O gaúcho é que nem pataço de porco” 2	‘O gaúcho é que nem pataço de porco” 2
‘Pro gaúcho, mulher é que nem biscoito: uma vai e vem dezoito” -	‘Pro gaúcho, mulher é que nem biscoito: uma vai e vem dezoito” 7	‘Pro gaúcho, mulher é que nem biscoito: uma vai e vem dezoito” 7
‘Gaúcho macho e grosso não come carne, rói osso” -	‘Gaúcho macho e grosso não come carne, rói osso” 6	‘Gaúcho macho e grosso não come carne, rói osso” 6
‘Quem muito se abaixa o <i>cu</i> lhe aparece” -	‘Quem muito se abaixa o <i>cu</i> lhe aparece” 2	‘Quem muito se abaixa o <i>cu</i> lhe aparece” 2
‘Gaúcho pilchado é mais enfeitado que cemitério no dia de finados” -	‘Gaúcho pilchado é mais enfeitado que cemitério no dia de finados” 1	‘Gaúcho pilchado é mais enfeitado que cemitério no dia de finados” 1
‘Gaúcho macho é mais bueno que dinheiro achado” -	‘Gaúcho macho é mais bueno que dinheiro achado” 1	‘Gaúcho macho é mais bueno que dinheiro achado” 1
Zona rural	Zona urbana	Total
‘Gaúcho rico é mais cobiçado que anca de viúva” -	‘Gaúcho rico é mais cobiçado que anca de viúva” 4	‘Gaúcho rico é mais cobiçado que anca de viúva” 4
‘Gaúcho é mais grosso que cintura de sapo” -	‘Gaúcho é mais grosso que cintura de sapo” 6	‘Gaúcho é mais grosso que cintura de sapo” 6
‘Gaúcho é mais grosso que dedo de gringo” -	‘Gaúcho é mais grosso que dedo de gringo” 2	‘Gaúcho é mais grosso que dedo de gringo” 2
‘Gaúcho é mais metido do que dedo em nariz de piá” -	‘Gaúcho é mais metido do que dedo em nariz de piá” 4	‘Gaúcho é mais metido do que dedo em nariz de piá” 4
‘O laço, a faca e as esporas são as armas do gaúcho” -	‘O laço, a faca e as esporas são as armas do gaúcho” 1	‘O laço, a faca e as esporas são as armas do gaúcho” 1
‘Gaúcho mais metido que pulga em costura” -	‘Gaúcho mais metido que pulga em costura” 2	‘Gaúcho mais metido que pulga em costura” 2
‘Mulher de gaúcho vive com as orelha murcha e as pata presa” -	‘Mulher de gaúcho vive com as orelha murcha e as pata presa” 1	‘Mulher de gaúcho vive com as orelha murcha e as pata presa” 1
‘Gaúcho com dinheiro fica alegre que nem calhandra em varal de charque” -	‘Gaúcho com dinheiro fica alegre que nem calhandra em varal de charque” 1	‘Gaúcho com dinheiro fica alegre que nem calhandra em varal de charque” 1
‘Bater aspas é assunto de touro” -	‘Bater aspas é assunto de touro” 4	‘Bater aspas é assunto de touro” 4
‘Cangalha nova em burro velho mata na certa” -	‘Cangalha nova em burro velho mata na certa” 2	‘Cangalha nova em burro velho mata na certa” 2
‘Gaúcho bom tá sempre	‘Gaúcho bom tá sempre	‘Gaúcho bom tá sempre

com a barraca armada” -	com a barraca armada” 3	com a barraca armada” 3
“Moça querendona e guapa, peala até com a ilhapa” -	“Moça querendona e guapa, peala até com a ilhapa” 1	“Moça querendona e guapa, peala até com a ilhapa” 1
“O olho do dono é que engorda o boi” -	“O olho do dono é que engorda o boi” 4	“O olho do dono é que engorda o boi” 4
“O gaúcho macho é grosso que nem dedo destroncado” -	“O gaúcho macho é grosso que nem dedo destroncado” 5	“O gaúcho macho é grosso que nem dedo destroncado” 5
“No gaúcho que é macho a mulher não manda” -	“No gaúcho que é macho a mulher não manda” 5	“No gaúcho que é macho a mulher não manda” 5
“Gaúcho não aqueita a água pra outro tomar mate” -	“Gaúcho não aqueita a água pra outro tomar mate” 2	“Gaúcho não aqueita a água pra outro tomar mate” 2
Sim, conheço, mas agora não me lembro -	Sim, conheço, mas agora não me lembro 1	Sim, conheço, mas agora não me lembro 1
Total 189	Total 90	Total 289

16. Conheces algum ditado popular que faça referência à mulher gaúcha?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim 31	Sim 23	Total 54
Total 31	Total 23	Total 54

- Em caso de resposta afirmativa, quais? (As alunas em geral apontaram mais de um ditado)

Zona rural	Zona urbana	Total
“Se tiver que escolher entre a égua e a mulher, escolho a égua, que tem mais serventia” 18	“Se tiver que escolher entre a égua e a mulher, escolho a égua, que tem mais serventia” 6	“Se tiver que escolher entre a égua e a mulher, escolho a égua, que tem mais serventia” 24
“Mulher, cachaça e bolacha, em qualquer lugar se acha” 20	“Mulher, cachaça e bolacha, em qualquer lugar se acha” 11	“Mulher, cachaça e bolacha, em qualquer lugar se acha” 31
“Moça e costela, unha com ela” 10	“Moça e costela, unha com ela” 6	“Moça e costela, unha com ela” 16
“Bagual e mulher fogosa, tem que quebrar o queixo” 17	“Bagual e mulher fogosa, tem que quebrar o queixo” -	“Bagual e mulher fogosa, tem que quebrar o queixo” 17
“Salvo minha mãe e minha irmã, toda mulher é égua, e toda égua é mulher” 26	“Salvo minha mãe e minha irmã, toda mulher é égua, e toda égua é mulher” 20	“Salvo minha mãe e minha irmã, toda mulher é égua, e toda égua é mulher” 46
“Pro gaúcho, mulher é que nem pipoca: impossível comer uma só” 7	“Pro gaúcho, mulher é que nem pipoca: impossível comer uma só” -	“Pro gaúcho, mulher é que nem pipoca: impossível comer uma só” 7
“Mulher de gaúcho fica no segredo: ou na cozinha, ou no chinedo” 6	“Mulher de gaúcho fica no segredo: ou na cozinha, ou no chinedo” 5	“Mulher de gaúcho fica no segredo: ou na cozinha, ou no chinedo” 11
“Mulher quando fica viúva é igual a lenha verde: chia, chia, mas pega fogo” 7	“Mulher quando fica viúva é igual a lenha verde: chia, chia, mas pega fogo” -	“Mulher quando fica viúva é igual a lenha verde: chia, chia, mas pega fogo” 7

“Panela velha é que faz comida boa”	4	“Panela velha é que faz comida boa”	6	“Panela velha é que faz comida boa”	10
“Mulher de gaúcho tem que esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque”	7	“Mulher de gaúcho tem que esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque”	7	“Mulher de gaúcho tem que esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque”	14
“Lugar de prenda é na cozinha”	2	“Lugar de prenda é na cozinha”	-	“Lugar de prenda é na cozinha”	2
“Amor de china é como fogo em faxina”	2	“Amor de china é como fogo em faxina”	-	“Amor de china é como fogo em faxina”	2
“Égua da minha marca não refuga pastor”	6	“Égua da minha marca não refuga pastor”	-	“Égua da minha marca não refuga pastor”	6
“Mulher é como cobra: amarra o sapo com os olhos”	4	“Mulher é como cobra: amarra o sapo com os olhos”	-	“Mulher é como cobra: amarra o sapo com os olhos”	4
“China que ao arroio vai é filho que fica sem pai”	2	“China que ao arroio vai é filho que fica sem pai”	-	“China que ao arroio vai é filho que fica sem pai”	2
“Mulher é como lenha verde: resiste, geme, mas acaba prendendo fogo”	1	“Mulher é como lenha verde: resiste, geme, mas acaba prendendo fogo”	-	“Mulher é como lenha verde: resiste, geme, mas acaba prendendo fogo”	1
“Não há pior pealo que o da saia da china”	1	“Não há pior pealo que o da saia da china”	-	“Não há pior pealo que o da saia da china”	1
Zona rural		Zona urbana		Total	
“É a primeira égua que me nega o estribo”	6	“É a primeira égua que me nega o estribo”	-	“É a primeira égua que me nega o estribo”	6
“Lá detrás daquele cerro/ tem um pé de carrapicho/ já te botei os arreio/ só falta botá o rabicho”	5	“Lá detrás daquele cerro/ tem um pé de carrapicho/ já te botei os arreio/ só falta botá o rabicho”	-	“Lá detrás daquele cerro/ tem um pé de carrapicho/ já te botei os arreio/ só falta botá o rabicho”	5
“Tempo composto à noite e mulher que foi de outro, olho nele e olho nela”	4	“Tempo composto à noite e mulher que foi de outro, olho nele e olho nela”	-	“Tempo composto à noite e mulher que foi de outro, olho nele e olho nela”	4
“Quando se pega na rabiça do arado tem que se ir até o fim do rego”	2	“Quando se pega na rabiça do arado tem que se ir até o fim do rego”	-	“Quando se pega na rabiça do arado tem que se ir até o fim do rego”	2
“Aquela china é pior que coruja de banhado: vive pousando de pau em pau”	1	“Aquela china é pior que coruja de banhado: vive pousando de pau em pau”	-	“Aquela china é pior que coruja de banhado: vive pousando de pau em pau”	1
“Mulher e bateria não se emprestam: uma volta cheia, e a outra, vazia”	-	“Mulher e bateria não se emprestam: uma volta cheia, e a outra, vazia”	6	“Mulher e bateria não se emprestam: uma volta cheia, e a outra, vazia”	6
“Mulher é como circo: o melhor está dentro do pano”	-	“Mulher é como circo: o melhor está dentro do pano”	5	“Mulher é como circo: o melhor está dentro do pano”	5
“Mulher de gaúcho não fala: pia”	-	“Mulher de gaúcho não fala: pia”	5	“Mulher de gaúcho não fala: pia”	5
“Mulher é mais falsa que cobra engambelando	-	“Mulher é mais falsa que cobra engambelando	-	“Mulher é mais falsa que cobra engambelando	-

sapo”	-	sapo”	3	sapo”	3
“Rabo de saia é precipício para homem”	-	“Rabo de saia é precipício para homem”	1	“Rabo de saia é precipício para homem”	1
“Mulher e barro, tem que quebrar pelo meio”	-	“Mulher e barro, tem que quebrar pelo meio”	2	“Mulher e barro, tem que quebrar pelo meio”	2
“Mulher e cola de cachorro abanam, abanam, mas nunca têm lado”	-	“Mulher e cola de cachorro abanam, abanam, mas nunca têm lado”	1	“Mulher e cola de cachorro abanam, abanam, mas nunca têm lado”	1
“Vaca de rodeio não tem touro certo”	-	“Vaca de rodeio não tem touro certo”	2	“Vaca de rodeio não tem touro certo”	2
“Beleza não bota mesa: conheço muito campo feio que dá boa aguada”	-	“Beleza não bota mesa: conheço muito campo feio que dá boa aguada”	1	“Beleza não bota mesa: conheço muito campo feio que dá boa aguada”	1
Sim, conheço, mas não me lembro agora – só sei que são sempre depreciando ou humilhando a mulher	-	Sim, conheço, mas não me lembro agora – só sei que são sempre depreciando ou humilhando a mulher	1	Sim, conheço, mas não me lembro agora – só sei que são sempre depreciando ou humilhando a mulher	1
Total	158	Total	88	Total	246

17. Teus alunos conhecem ditados populares sobre o gaúcho?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	31	Sim	20	Sim	51
		Não sei	3	Não sei	3
Zona rural		Zona urbana		Total	
Total	31	Total	23	Total	54

18. Quando observas quadros, desenhos ou pinturas que se refiram ao gaúcho, como ele aparece?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Forte	7	Forte	6	Forte	13
Peleador	5			Peleador	5
Valente	5	Valente	4	Valente	9
Machão	5	Machão	2	Machão	7
Nas lides do campo	8	Nas lides do campo	3	Nas lides do campo	11
Homem sem estudo e rude	1	Homem sem estudo e rude	-	Homem sem estudo e rude	1
Domando	3	Domando	-	Domando	3
Feio e com cara de mau	-	Feio e com cara de mau	1	Feio e com cara de mau	1
Superior/com ar de superioridade	-	Superior/com ar de superioridade	3	Superior/com ar de superioridade	3
Imponente	-	Imponente	4	Imponente	4
Rude	7	Rude	6	Rude	13
Grosso	4	Grosso	-	Grosso	4
Junto com o cavalo	16	Junto com o cavalo	12	Junto com o cavalo	28
Sempre sozinho com o cavalo (não aparece com a mulher)	5	Sempre sozinho com o cavalo (não aparece com a mulher)	4	Sempre sozinho com o cavalo (não aparece com a mulher)	9
Bravo	-	Bravo	2	Bravo	2

‘Poderoso’	4	‘Poderoso’	-	‘Poderoso’	4
Pilchado	8	Pilchado	6	Pilchado	14
Honesto	-	Honesto	1	Honesto	1
Sempre é um cara forte e a cavalo	1	Sempre é um cara forte e a cavalo	-	Sempre é um cara forte e a cavalo	1
Autoritário	4	Autoritário	5	Autoritário	9
Muitas vezes aparece ridicularizado	-	Muitas vezes aparece ridicularizado	1	Muitas vezes aparece ridicularizado	1
Valentão	5	Valentão	-	Valentão	5
Bonito	-	Bonito	1	Bonito	1
Total	88	Total	61	Total	149

19. Conheces quadros, desenhos ou pinturas em que apareça a mulher gaúcha?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim	5	Sim
		Somente os de C.T.G.
Não	26	Não
Total	31	Total

- Se conheces, como ela é representada? (Algumas alunas apresentaram mais de uma alternativa)

Zona rural	Zona urbana	Total
Vestida de prenda	2	Como prenda
Como prenda e junto com o homem que a protege	1	Graciosa, dócil e submissa
Dócil e submissa	2	Em festas e bailes gaúchos
		‘Muito bem comportada’
Total	5	Total

20. Conheces poesias, músicas e obras literárias que enalteçam as virtudes do gaúcho?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim	31	Sim
Não	-	Não
Total	31	Total

- Se conheces, quais? (Algumas alunas apontaram mais de uma alternativa)

Zona rural	Zona urbana	Total
‘Prenda minha’	1	‘Prenda minha’
Todas as do Luiz Marengo	17	Músicas do Luiz Marengo
		Algumas do Tchê
Total	17	Total

	<i>Barbaridade</i>	<i>Músicas do Tchê</i>
As do Tchê Barbaridade 8		
As do Gaúcho da Fronteira 14	6	<i>Barbaridade</i>
‘Morocha’ 21	Músicas do Gaúcho da	14
‘Morocha’ – ‘eles adoram, vivem cantando’ 2	Fronteira 7	Músicas do Gaúcho da
‘Homem é tudo igual’ 4	‘Morocha’ 14	Fronteira 21
Muitas músicas tradicionalistas 6	‘Morocha’ – ‘meu marido vive cantando para mim’ 1	‘Morocha’ 38
‘Negrinho do Pastoreio’ 1	‘Morocha não, respeito sim’ 1	‘Morocha não, respeito sim’ 1
‘Céu, Sol, Sul’ 6	Muitas músicas tocadas e cantadas no C.T.G. 5	‘Homem é tudo igual’ 4
Hino Rio-Grandense 19	‘Céu, Sol, Sul’ 4	Muitas músicas tradicionalistas/cantadas no C.T.G. 11
‘O Analista de Bagé’ 6	Hino Rio-Grandense 4	‘Negrinho do Pastoreio’ 1
‘A Casa das Sete Mulheres’ (todas as músicas) 16	‘O Analista de Bagé’ 5	‘Céu, Sol, Sul’ 10
‘À beira do fogo’ 2	O livro ‘A Casa das Sete Mulheres’ 2	Hino Rio-Grandense 23
Sei muitas, mas agora não me lembro 2	As músicas da minissérie ‘A Casa das Sete Mulheres’ 3	‘O Analista de Bagé’ 11
	Os livros do Érico Veríssimo 1	O livro/as músicas da minissérie ‘A Casa das Sete Mulheres’ 21
	‘De fogão em fogão’ 1	‘À beira do fogo’ 2
	‘Meus Pagos’ 1	Livros de Érico Veríssimo 1
	Sei muitas, mas agora não me lembro 4	‘De fogão em fogão’ 1
		‘Meus Pagos’ 1
		Sei muitas, mas agora não me lembro 6
Zona rural	Zona urbana	Total
Total 125	Total 71	Total 196

21. Conheces poesias, músicas e obras literárias que enalteçam as virtudes da mulher gaúcha?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim 5	Sim 3	Sim 8
Não 26	Não 20	Não 46
Total 31	Total 23	Total 54

- Se conheces, quais? (Algumas alunas apresentaram mais de uma alternativa)

Zona rural	Zona urbana	Total
‘Mulher pampeana’ 2	‘Cabo Toco’ 1	‘Mulher pampeana’ 2
‘Cabo Toco’ 3	‘Prenda Minha’ 2	‘Cabo Toco’ 4
‘Prenda’ (Jayme Caetano Braun) 1	‘Chinoquinha’ 2	‘Prenda’ (Jayme Caetano Braun) 1
	São em menor número 4	

‘Prenda Minha’ Músicas do Luiz Marengo ‘Panela véia é que faz comida boa’	4 1 1	A mulher gaúcha é muito ‘apagada’	1	‘Prenda Minha’ Músicas do Luiz Marengo ‘Panela véia é que faz comida boa’ ‘Chinoquinha’ São em menor número A mulher gaúcha é muito ‘apagada’	6 1 1 2 4 1
Total	12	Total	10	Total	22

22. Na tua opinião, quem tem mais destaque na região, na política, nas empresas, nos sindicatos: o homem ou a mulher?

Zona rural	Zona urbana	Total			
O homem	31	O homem	22	O homem	53
A mulher	-	A mulher	-	A mulher	-
Ambos	-	Ambos	1	Ambos	1
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta:

Zona rural	Zona urbana	Total			
Porque os homens e as mulheres são machistas	5	Porque os homens são mais intelectuais	3	Porque os homens são mais intelectuais	3
Porque nossa região é muito machista	4	Porque os homens e as mulheres são machistas	4	Por causa do machismo dos homens e das mulheres da região	23
Porque as mulheres são inibidas	2	Porque nossa região é muito machista	3	Porque a mulher não luta pelo seu espaço	1
Zona rural	Zona urbana	Total			
Porque as mulheres não têm a mesma chance	2	Porque a mulher não luta pelo seu espaço	1	Porque a mulher só consegue espaço se for <i>muito competente</i> , o que não é a regra geral	1
Porque a nossa cultura é muito machista	5	Porque a mulher só consegue espaço se for <i>muito competente</i> , o que não é a regra geral	1	Porque as mulheres são inibidas	2
Por causa do preconceito: aqui, é o homem que ‘manda’	6	Porque as mulheres não têm a mesma chance	2	Porque as mulheres não têm a mesma chance	4
Porque os homens não acreditam na capacidade das mulheres	4	Porque a nossa cultura é muito machista	2	Por causa do preconceito/ discriminação, inclusive da própria mulher	9
Porque a mulher é discriminada na nossa		Porque os homens não acreditam na capacidade das mulheres	3	Porque os homens não acreditam na capacidade das mulheres	7

região	1	região	1	Porque o homem é mais valorizado	3
Porque o homem é mais valorizado	2	<i>Porque o homem é mais valorizado</i>	1		
		A mulher é tão preconceituosa que diz que ‘mulher não vota em mulher’	1		
Total	31	Subtotal	22	Subtotal	53

- Obs.: a aluna que respondeu “ambos” não justificou sua resposta.

23. Na tua opinião, por que a mulher gaúcha é denominada ‘prenda’?

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque é prendada, tem vários dotes domésticos	Porque é prendada, tem vários dotes domésticos	Por ser ‘prendada’, cuidar dos afazeres domésticos e é submissa ao marido
15	10	31
Porque tem virtudes	Porque tem virtudes	Por ter virtudes
5	1	6
Porque ela “é uma jóia preciosa e possui um dono”	Porque ela cuida das prendas domésticas	Por ser uma ‘jóia’/prêmio/ presente para o homem, que fica sendo seu “dono”
1	2	7
Porque ela cuida das prendas domésticas	Porque ela é um “prêmio” para o homem	Pela educação tradicional e opressora que ela recebeu no passado
2	2	1
Porque ela é um “prêmio” para o homem	Pela educação tradicional e opressora que ela recebeu no passado	Por ser ‘doce, meiga, prendada’/frágil e delicada
2	1	5
Porque ela é “um presente dado pelo pai ao marido”	Porque ela é “doce, meiga, prendada”	Deve se relacionar com “prender”/presa pelo marido”
1	1	2
<i>Porque ela é “doce, meiga, prendada”</i>	Porque é frágil e delicada	Não sei
2	2	2
Deve se relacionar com o “prender”, porque o gaúcho é muito possessivo e prende muito a mulher”	Porque ela é submissa ao marido e fica fazendo os afazeres do lar	Não sei
1	2	2
	Não sei	
	2	
Zona rural	Zona urbana	Total
Porque “prenda” é um objeto que o gaúcho “ganha” e fica sendo o “dono”		
1		
Porque ela é ‘presa pelo marido e tem que estar sempre ‘pronta’ para ele”		
1		
Total	Total	Total
31	23	54

24. Na tua opinião, quais são as características do gaúcho? (Obs.: as alunas sempre apresentaram mais de uma característica)

Zona rural	Zona urbana	Total
Homem com hábitos sadios 1	Dócil, amável e familiar 1 Homem que ama a terra 1	Homem com hábitos sadios 1
Homem simples e hospitaleiro, que tem muito apego à família 1	Homem apegado à tradição 1 Homem que gosta da vida simples 1	Homem simples e hospitaleiro, que tem muito apego à família/que gosta da vida simples/ 4
Falso; homem que desvaloriza a mulher 1	Humano e alegre 1 Hospitaleiro 2	homospitaleiro 4
Homem que debocha e desvaloriza a mulher 1	‘Empinado’ e grosseiro 1	Homem que desvaloriza a mulher 2
Ignorante e grosseiro 2	‘Metido a macho’ 5	Ignorante e grosseiro/ grosso/’empinado’ e grosseiro/rude/desajeitado/ grosseiro/sincero e bruto/ ríspido 33
Homem que ‘ganha no grito ou na cinta’ 1	Rude 6 Desajeitado 1	Homem que ‘ganha no grito ou na cinta’/insensível/ bruto/brabo/agressivo e ‘bagual’/’quer domar até a mulher’ 10
‘Tá sempre tentando provar que é macho’ 1	Valente 2 Machista 5	‘Tá sempre tentando provar que é macho’/machista/ gosta de música gaudéria e é ‘metido a macho’/ autoritário/egoísta e mandão 31
Valente 8	Grosseiro 4	Valente/guerreiro/auto-suficiente/corajoso, mas egoísta e insensível 16
Machista 12	Preconceituoso 1	Cultiva a tradição/homem que ama a terra/homem apegado à tradição/’adora andar pilchado’ 8
Grosso 14	Guerreiro 1	Honesto e trabalhador, mas desconfiado e ciumento/tem caráter, mas é muito arrogante 4
Insensível 2	Sincero e bruto 2	
Cultiva a tradição 5	Autoritário 1	
Bruto 1	Ríspido 3	
<i>Honesto e trabalhador, mas desconfiado e ciumento</i> 2	Egoísta e mandão 3 Auto-suficiente 3 Corajoso, mas egoísta e insensível 2	
Gosta de música gaudéria e é um bobo ‘metido a macho’ 1	Forte 4 ‘Adora andar pilchado’ 1	
<i>Tem caráter, mas é muito arrogante</i> 2	Mandão 3 Orgulhoso 4 Bonito 1 Orgulhoso: mesmo quando sabe que está errado, ‘não se dobra’ 3	
Ligado ao cavalo 1		
Forte 5		
Brabo 1		
Orgulhoso, com gênio forte e com opinião 2		
Agressivo e ‘bagual’ 4		
‘Quer domar até a mulher’ 1		
Zona rural	Zona urbana	Total
		Ligado ao cavalo 1 Forte 9 Orgulhoso, com gênio forte e com opinião/orgulhoso: mesmo quando sabe que está errado, ‘não se dobra’/ orgulhoso 9

		Dócil, amável e familiar	1
		Humano e alegre	1
		Preconceituoso	1
		Bonito	1
Total	69	Total	63
		Total	132

25. Alguma vez teu marido procurou evitar que continuasses (ou voltasses) a estudar?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	22	Sim	9	Sim	31
Não	9	Não	14	Não	23
Total	31	Total	23	Total	54

- Em caso de resposta ‘sim’, por quê?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque minha filha nasceu e ele disse que ‘lugar de mulher é em casa’	2	Porque não queria que eu saísse de casa	5	Por achar que ‘lugar de mulher é em casa, cuidando dos filhos’	3
Porque eu estudar era botar dinheiro fora	2	Porque, se eu ficasse em casa, era melhor para ele	1	Por achar que ela estudar era ‘botar dinheiro fora’/bobagem	3
Porque não queria que eu saísse de casa	7	Por ciúme	2	Por não querer que ela saísse de casa/porque, se ela ficasse em casa, era melhor para ele	15
Porque é muito machista	2	Porque ele acha que o lugar da mulher é dentro de casa, cuidando dos filhos	1	Por ser machista	2
Porque, se eu ficasse em casa, era melhor para ele	2			Por ciúme/”medo de ‘guampa’: gaúcho tem muito medo de ser corno”	1
Sim, ‘porque tem medo de ‘guampa’: gaúcho tem muito medo de ser corno’	1			Por achar que ‘mulher que sai de casa quer procurar homem’	8
Por ciúme	3				
‘Porque mulher que sai de casa quer mesmo é procurar homem’	2				
Porque ele acha bobagem isso de mulher estudar	1				
Subtotal	22	Subtotal	9	Subtotal	31

- Em caso de resposta ‘não’, por quê?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Ele quer que eu estude para melhorar meu salário	3	Ele quer que eu estude para melhorar meu salário	2	Ele quer que eu estude para melhorar meu salário	5
Porque, se eu estudar mais, meu salário melhorará, o que é bom para ele	5	Porque, se eu estudar mais, meu salário melhorará, o que é bom para ele	6	Porque, se eu estudar mais, meu salário melhorará, o que é bom para ele	11
Porque eu também incentivei ele a estudar	1	Para crescer na profissão e ter um salário melhor	5	Para crescer na profissão e ter um salário melhor	5

	Porque eu também incentivei ele a estudar	1	Porque eu também incentivei ele a estudar	2	
Subtotal	9	Subtotal	14	Subtotal	23

*Nota: observa-se aqui a preocupação com o aspecto econômico. Estudar é relacionado a “salário maior”!...*

26. Alguma vez teu marido impediu ou colocou dificuldades para que pudesses trabalhar?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	21	Sim	10	Sim	31
Não	10	Não	13	Não	23
Total	31	Total	23	Total	54

- Em caso de resposta “sim”, por quê? (Algumas alunas apresentaram mais de uma justificativa)

Zona rural		Zona urbana		Total	
Ele não queria que eu saísse de casa, mas queria o dinheiro que eu trazia para casa	2	Ele não queria que eu saísse de casa, mas queria o dinheiro que eu trazia para casa	1	Ele não queria que eu saísse de casa, mas queria o dinheiro que eu trazia para casa	3
Tive que me separar dele, porque ele me mandou escolher: ou o trabalho, ou ele	1	Porque ele é metido a macho e acha que “mulher dele” não trabalha fora, só em casa	1	Tive que me separar dele, porque ele me mandou escolher: ou o trabalho, ou ele	1
Porque ele é metido a macho e acha que “mulher dele” não trabalha fora, só em casa	2	Porque é muito machista	2	Porque ele é metido a macho e acha que “mulher dele” não trabalha fora, só em casa	3
Porque é muito machista	5	Porque achava que eu ia descuidar da casa, dele e dos filhos	1	Porque é muito machista	7
Porque achava que eu ia descuidar da casa, dele e dos filhos	4	Porque, se eu trabalhasse, ele achava que eu não ia atender ele direito	3	Porque achava que eu ia descuidar da casa, dele e dos filhos	5
Porque, se eu trabalhasse, ele achava que eu não ia atender ele direito	3	Porque ele é muito ciumento (por ciúme)	3	Porque, se eu trabalhasse, ele achava que eu não ia atender ele direito	6
Porque ele é muito ciumento (por ciúme)	4	Porque ele acha que mulher é para viver em casa, cuidando da família	2	Porque ele é muito ciumento (por ciúme)	7
Porque ele acha que mulher é para viver em casa, cuidando da família	5	Porque ele achava que ganhava bem e que, por isso, eu não precisava trabalhar	3	Porque ele acha que mulher é para viver em casa, cuidando da família	7
Porque ele achava que ganhava bem e que, por isso, eu não precisava trabalhar	2	Sim, meu marido cuida a hora que eu saio, que eu chego, se eu demoro fica furioso. Mas ele sai, não diz pra onde vai, demora e eu		Porque ele achava que ganhava bem e que, por isso, eu não precisava trabalhar	5
Sim, vive dizendo piadas de		Sim, vive dizendo piadas de		Sim, vive dizendo piadas de	
Zona rural		Zona urbana		Total	

mau gosto, como “tu queres é só andar passeando”	1	não tenho direito de reclamar	1	mau gosto, como “tu queres é só andar passeando”	1
				Sim, meu marido cuida a hora que eu saio, que eu chego, se eu demoro fica furioso. Mas ele sai, não diz pra onde vai, demora e eu não tenho direito de reclamar	1
Subtotal	29	Subtotal	17	Subtotal	46

- Em caso de resposta “não”, por quê?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque o dinheiro que eu ganho é necessário para o orçamento doméstico	3	Porque o dinheiro que eu ganho é necessário para o orçamento doméstico	4	Porque o dinheiro que eu ganho é necessário para o orçamento doméstico	7
Porque ele acha “muito importante dizer para os outros que a mulher dele é professora”	2	Porque eu sou dona da minha vida	1	Porque eu sou dona da minha vida	1
Porque, quando ele me conheceu, eu já trabalhava	2	Porque ele acha “muito importante dizer para os outros que a mulher dele é professora”	1	Porque ele acha “muito importante dizer para os outros que a mulher dele é professora”	3
Não, desde que eu dê aula só no nosso assentamento	1	Porque, quando ele me conheceu, eu já trabalhava	3	Porque, quando ele me conheceu, eu já trabalhava	5
Não, porque eu é que pago as despesas da casa	2	Não, porque eu é que pago as despesas da casa	2	Não, desde que eu dê aula só no nosso assentamento	1
		Porque é uma realização minha	1	Não, porque eu é que pago as despesas da casa	4
		Porque ele achava que as filhas iam ficar soltas, mas eu sempre paguei alguém para cuidar delas	1	Porque é uma realização minha	1
				Porque ele achava que as filhas iam ficar soltas, mas eu sempre paguei alguém para cuidar delas	1
Subtotal	10	Subtotal	13	Subtotal	23

27. Já sentiste algum tipo de cobrança (de forma direta ou indireta) por parte do teu marido porque estavas fora de casa, estudando ou trabalhando?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	20	Sim	11	Sim	31
“Sim, mais ou menos”	5	“Sim, mais ou menos”	7	“Sim, mais ou menos”	12
Não	6	Não	5	Não	11
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta – “sim”: (algumas alunas apresentaram mais de uma justificativa)

Zona rural	Zona urbana	Total
Sempre que acontece algo	Sempre que acontece algo	Sempre que acontece algo

errado é “culpa minha”, porque não estou em casa 5	errado é “culpa minha”, porque não estou em casa 3	errado é “culpa minha”, porque não estou em casa 8
Porque ele diz que estou sempre cansada e “só quero dormir” 2	Porque ele diz que estou sempre cansada e “só quero dormir” 1	Porque ele diz que estou sempre cansada e “só quero dormir” 3
Ele sempre diz: “é esse curso e chega!” 1	Sim, ele está sempre dizendo que as crianças sentem muita falta/faz chantagem 4	Ele sempre diz: “é esse curso e chega!” 1
Sim, ele está sempre dizendo que as crianças sentem muita falta/faz chantagem 6	Porque ele acha que eu tenho que ficar em casa, esperando por ele/à disposição dele 3	Sim, ele está sempre dizendo que as crianças sentem muita falta/faz chantagem 10
Porque ele acha que eu tenho que ficar em casa, esperando por ele/à disposição dele 5	Porque quando estou em casa eu faço tudo para ele 3	Porque ele acha que eu tenho que ficar em casa, esperando por ele/à disposição dele 8
Porque quando estou em casa eu faço tudo para ele 4	Porque ele é ciumento 5	Porque quando estou em casa eu faço tudo para ele 7
Porque, no fundo, EU acho que LUGAR DE MULHER É EM CASA. O fato de a gente trabalhar fora só faz a mulher ficar “humas pior” 1	Mais de uma vez já ameaçou me bater para ver se eu paro de estudar -	Porque, no fundo, EU acho que LUGAR DE MULHER É EM CASA. O fato de a gente trabalhar fora só faz a mulher ficar “humas pior” 1
Porque ele é ciumento 5	Tudo o que acontece de ruim com as crianças é culpa minha, porque não estou em casa 2	Porque ele é ciumento 10
Mais de uma vez já ameaçou me bater para ver se eu paro de estudar 2	Ele me acusa de ser muito ausente e estar sempre ocupada 3	Mais de uma vez já ameaçou me bater para ver se eu paro de estudar 2
Pela maneira irritada como me trata 3		Pela maneira irritada como me trata 3
Tudo o que acontece de ruim com as crianças é culpa minha, porque não estou em casa 5		Tudo o que acontece de ruim com as crianças é culpa minha, porque não estou em casa 7
Ele me acusa de ser muito ausente e estar sempre ocupada -		Ele me acusa de ser muito ausente e estar sempre ocupada 3
Subtotal 39	Subtotal 24	Subtotal 63

- Justifica tua resposta – “não”:

Zona rural	Zona urbana	Total
Ele não faz cobrança porque sabe que o meu dinheiro é para as despesas da família 6	Porque, quando ele está em casa, ele me dá “tudo nas mãos” 1	Ele não faz cobrança porque sabe que o meu dinheiro é para as despesas da família 9
	Ele não faz cobrança porque sabe que o meu dinheiro é para as despesas da família 3	Porque, quando ele está em casa, ele me dá “tudo nas mãos” 1
	Ele não faz cobrança porque, “senão, como é que	Ele não faz cobrança porque, “senão, como é que

	eu ia levar dinheiro pra dentro de casa?"	1	eu ia levar dinheiro pra dentro de casa?"	1	
Subtotal	6	Subtotal	5	Subtotal	11

28. Na prática, a mulher e o homem têm o mesmo poder de decisão? Quem tem a “última palavra” em casa?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Ambos	2	Ambos	5	Ambos	7
O homem	29	A mulher, “mas, no fundo, ele é quem manda” (marcou “à mulher”, mas escreveu complementando a resposta”	1	A mulher, “mas, no fundo, ele é quem manda” (marcou “à mulher”, mas escreveu complementando a resposta”	1
		O homem	17	O homem	46
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta – “ambos”:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Não justificou	2	Não justificou	3	Não justificou	5
		Porque a gente conversa e cada um cede um pouco	2	Porque a gente conversa e cada um cede um pouco	2
Subtotal	2	Subtotal	5	Subtotal	7

- Justifica tua resposta – “à mulher”:

Zona rural		Zona urbana		Total	
-		“Mas, no fundo, é ele quem manda”	1	“Mas, no fundo, é ele quem manda”	1
Subtotal	-	Subtotal	1	Subtotal	1

- Justifica tua resposta – “o homem”:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque ele é o chefe da família	2	Porque a mulher é mais dócil e se dobra	3	Porque ele é o chefe da família	2
Porque o homem se acha o patrão da mulher	1	Porque ele é muito brabo e violento	1	Porque o homem se acha o patrão da mulher	1
Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque a mulher é mais dócil e se dobra	5	Porque o homem acha que sempre tem razão	3	Porque a mulher é mais dócil e se dobra	8
Porque ele é muito brabo e violento	3	A gente acaba aceitando a decisão dele porque ele “vence no grito”	1	Porque ele é muito brabo e violento	4
Porque o homem acha que sempre tem razão	5	Porque a mulher depende dele financeiramente	3	Porque o homem acha que sempre tem razão	8
A gente acaba aceitando a decisão dele porque ele		Porque ele continua a ser o		A gente acaba aceitando a decisão dele porque ele	

“vence no grito”	3	chefe, o “ditador do poder”	4
Porque a mulher depende dele financeiramente	2	(sic)	1
Porque ele continua a ser o chefe, o “ditador do poder” (sic)	3	Porque ele se acha o dono da verdade	3
Porque ele se acha o dono da verdade	3	Porque ele é mais forte e, se fica brabo, é muito violento	2
Porque ele é mais forte e, se fica brabo, é muito violento	2		
Subtotal	29	Subtotal	17
		Subtotal	46

29. Já ouviste dizer que “novela é coisa para mulher”?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	31	Sim	20	Sim	51
Não	-	Não	3	Não	3
Total	31	Total	23	Total	54

- Se já ouviste, quem disse? (Algumas alunas responderam mais de uma categoria de pessoas)

Zona rural		Zona urbana		Total	
Amigos homens	6	Amigos homens	4	Amigos homens	10
Os homens em geral	15	Os homens em geral	6	Os homens em geral	21
Meu marido	20	Meu marido	9	Meu marido	29
Meus irmãos	7	Meus irmãos	4	Meus irmãos	11
Meu pai	4	Meu pai	2	Meu pai	6
Meu avô	1			Meu avô	1
Subtotal	53	Subtotal	25	Subtotal	78

- Por quê?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque meu marido acha que eu não posso ter lazer	2	Porque mulher é que gosta de “frescura”	1	Porque mulher é que gosta de “frescura”	1
Porque meu marido tem medo de que eu veja que as outras mulheres são bem		Porque meu marido acha que eu não posso ter lazer	1	Porque meu marido acha que eu não posso ter lazer	3
		Porque os homens acham		Porque meu marido tem	
Zona rural		Zona urbana		Total	
tratadas e me revolte contra ele	1	que “romantismo é bobagem”	3	medo de que eu veja que as outras mulheres são bem tratadas e me revolte contra ele	1
Porque eles não gostam de nada romântico	3	Porque homem só gosta de ver jogo e notícias	2	Porque eles não gostam de nada romântico/acham que “romantismo é	
Porque os homens acham que “romantismo é bobagem”	1	Porque são ultrapassados	1		
		Porque não evoluíram	1		
		Porque são machistas	3		

Porque ‘homem só assiste programa de homem: esportes e lutas’	1	Porque eles só assistem futebol	3	bobagem”	7
Porque são ‘me tidos a macho’	2	Porque eles ‘não dão bola para os sentimentos’	3	Porque homem só gosta de ver jogo e notícias/porque ‘homem só assiste programa de homem: esportes e lutas’/porque eles só assistem futebol	8
Porque são machistas	5	Porque acham que é supérfluo	1	Porque são ‘metidos a macho’/machistas	10
Porque, para eles, as mulheres não se interessam por outros assuntos	2	Porque acham que a mulher só gosta de fofoca	1	Porque são ultrapassados/não evoluíram	2
Porque eles acham ‘ridículo’	2			Porque, para eles, as mulheres não se interessam por outros assuntos/porque acham que mulher só gosta de fofoca	3
Porque eles só assistem futebol	2			Porque eles acham ‘ridículo’/supérfluo	3
Para humilhar e ridicularizar as mulheres e os sentimentos	2			Para humilhar e ridicularizar as mulheres e os sentimentos/porque eles ‘não dão bola para os sentimentos’	10
Porque eles ‘não dão bola para os sentimentos’	5			Porque eles não admitem que gostam de novelas, porque nelas ‘tem sentimentos’, embora às vezes finjam que não gostam e, quando a gente vê, estão assistindo de modo ‘disfarçado’	1
Porque eles não admitem que gostam de novelas, porque nelas ‘tem sentimentos’, embora às vezes finjam que não gostam e, quando a gente vê, estão assistindo de modo ‘disfarçado’	1			Porque dizem que as mulheres ‘se emocionam por qualquer bobagem’	1
Porque dizem que as mulheres ‘se emocionam por qualquer bobagem’	1			Porque ‘fugar de mulher é dentro de casa, trabalhando, e não assistindo novela, para depois copiar modernismos’	1
Porque ‘fugar de mulher é dentro de casa, trabalhando, e não assistindo novela, para depois copiar modernismos’	1				
Subtotal	31	Subtotal	20	Subtotal	51

30. Conheces casos em que o marido manda na mulher?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Vários	26	Vários	20	Vários	46
Poucos	5	Poucos	3	Poucos	8
Nenhum	-	Nenhum	-	Nenhum	-
Total	31	Total	23	Total	54

- Se conheces, por que isso acontece?

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque ele é que é o mandão 2	Porque ele é que é o mandão -	Porque ele é que é o mandão/porque a maioria dos homens se acha dono da mulher 5
Porque eles são violentos e a mulher tem de se submeter 2	Porque eles são violentos e a mulher tem de se submeter -	Porque eles são violentos e a mulher tem de se submeter/porque a mulher tem medo do marido/por medo de perder o marido ( <i>medo</i> ) 12
Porque a mulher tem medo do marido ( <i>medo</i> ) 3	Porque a mulher tem medo do marido ( <i>medo</i> ) 3	Porque as mulheres são mais humildes/são muito submissas 3
Porque as mulheres são mais humildes/são muito submissas 2	Porque as mulheres são mais humildes/são muito submissas 1	Porque a maioria dos homens se acha dono da mulher 1
Porque a maioria dos homens se acha dono da mulher 2	Porque a maioria dos homens se acha dono da mulher 1	Porque ele sustenta a casa e acha que, por isso, pode tudo/porque a mulher depende financeiramente do marido/ porque meu marido ganha mais do que eu e acha que pode me mandar ( <i>poder econômico</i> ) 21
Porque ele sustenta a casa e acha que, por isso, pode tudo ( <i>poder econômico</i> ) 4	Porque ele sustenta a casa e acha que, por isso, pode tudo ( <i>poder econômico</i> ) 2	Porque a mulher se deixou dominar/não se valoriza 6
Porque a mulher depende financeiramente do marido ( <i>poder econômico</i> ) 3	Porque a mulher depende financeiramente do marido ( <i>poder econômico</i> ) 5	Insegurança dos homens 1
Porque a mulher se deixou dominar/não se valoriza -	Porque a mulher se deixou dominar/não se valoriza 6	Porque é assim: primeiro, manda o pai, e depois, o marido 2
Insegurança dos homens -	Insegurança dos homens 1	Porque meu marido ganha mais do que eu e acha que pode me mandar ( <i>poder econômico</i> ) 5
Porque é assim: primeiro, manda o pai, e depois, o marido 2	Porque é assim: primeiro, manda o pai, e depois, o marido -	Porque os homens desvalorizam as mulheres 2
Porque meu marido ganha mais do que eu e acha que pode me mandar ( <i>poder econômico</i> ) 5	Porque meu marido ganha mais do que eu e acha que pode me mandar ( <i>poder econômico</i> ) 2	Porque acham que a mulher “só sabe cuidar dos filhos” 2
Porque os homens desvalorizam as mulheres 2	Porque os homens desvalorizam as mulheres -	
Porque acham que a mulher “só sabe cuidar dos filhos” 1	Porque acham que a mulher “só sabe cuidar dos filhos” 1	
Por medo de perder o marido ( <i>medo</i> ) 3	Por medo de perder o marido ( <i>medo</i> ) 1	
Total 31	Total 23	Total 54

31. Conheces casos em que a mulher manda no marido?

Zona rural	Zona urbana	Total
Vários -	Vários -	Vários -
Poucos 12	Poucos 9	Poucos 21
Nenhum 19	Nenhum 14	Nenhum 33
Total 31	Total 23	Total 54

- Se conheces, por que isso acontece (resposta ‘poucos’)?

Zona rural	Zona urbana	Total
Quando ela ganha mais do que ele/quando ela estuda e trabalha, tem o seu dinheiro e aí ele não manda nela/quando a mulher trabalha e tem independência econômica, aí ela se impõe ( <i>poder econômico</i> ) 7	Por ciúmes 2 Quando ela ganha mais do que ele/quando ela estuda e trabalha, tem o seu dinheiro e aí ele não manda nela/quando a mulher trabalha e tem independência econômica, aí ela se impõe ( <i>poder econômico</i> ) 4	Por ciúmes 2 Quando ela ganha mais do que ele/quando ela estuda e trabalha, tem o seu dinheiro e aí ele não manda nela/quando a mulher trabalha e tem independência econômica, aí ela se impõe ( <i>poder econômico</i> ) 11
Quando ela tem mais instrução 2	Porque essas mulheres é que são inteligentes 2	Porque essas mulheres é que são inteligentes 2
A mulher tem que ‘tomar as rédeas da casa quando o marido ‘bebe’ e não faz nada” 3	Porque tem homens que gostam de ser dominados, é raro mas existe 1	Porque tem homens que gostam de ser dominados, é raro mas existe 1
		Quando ela tem mais instrução 2 A mulher tem que ‘tomar as rédeas da casa quando o marido ‘bebe’ e não faz nada” 3
Subtotal 12	Subtotal 9	Subtotal 21

- Algumas alunas que responderam ‘nenhum’ completaram suas respostas da seguinte forma:

Zona rural	Zona urbana	Total
É o homem que manda sempre 10	Os homens jamais se deixam mandar pela mulher 6	É o homem que manda sempre 10
Não complementaram a resposta 9	Não complementaram a resposta 8	Os homens jamais se deixam mandar pela mulher 6 Não complementaram a resposta 17
Subtotal 19	Subtotal 14	Subtotal 33

32. Já ouviste dizer que o homem é mais inteligente do que a mulher?

Zona rural	Zona urbana	Total
Freqüentemente 31	Freqüentemente 15	Freqüentemente 46
Raramente -	Raramente 7	Raramente 7
Nunca -	Nunca 1	Nunca 1
Total 31	Total 23	Total 54

33. Já ouviste alguma mulher dizer a um filho: “teu pai é quem decide”?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Freqüentemente	28	Freqüentemente	18	Freqüentemente	46
Raramente	3	Raramente	5	Raramente	8
Nunca ouvi	-	Nunca ouvi	-	Nunca	-
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta – em caso de resposta ‘freqüentemente’:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Na minha casa, não que eu diga, mas é sempre o meu marido que diz que quem decide é ele	1	Porque meu pai sempre me mandou (em mim e na mãe), e eu digo isso até mesmo sem querer	1	Na minha casa, não que eu diga, mas é sempre o meu marido que diz que quem decide é ele	1
Porque ele é o chefe da família	2	Porque meu pai sempre decidia e, quando eu vejo, estou dizendo isso	2	Porque ele é o chefe da família/porque o homem é quem decide o que os filhos e a mulher devem fazer/porque o pai ainda é o “modelo”: é ele quem decide/porque o poder decisório ainda é do homem/porque ele (o homem) é que tem a “última palavra”/porque a palavra final é sempre do homem/porque quem manda é o homem	16
Porque meu pai sempre me mandou (em mim e na mãe), e eu digo isso até mesmo sem querer	2	Para não haver briga entre o casal	2	Porque meu pai sempre me mandou (em mim e na mãe), e eu digo isso até mesmo sem querer/porque meu pai sempre decidia e, quando eu vejo, estou dizendo isso	8
Porque meu pai sempre decidia e, quando eu vejo, estou dizendo isso	3	Porque o homem é quem decide o que a mulher e os filhos devem fazer	1	Para não haver briga entre o casal	4
Para não haver briga entre o casal	2	Porque a mulher tem <i>medo</i> de discordar do marido	2	Porque a mulher tem <i>medo</i> de mandar uma coisa e depois o marido mandar outra	4
Porque o homem é quem decide o que a mulher e os filhos devem fazer	2	Porque a mulher tem <i>medo</i> de mandar uma coisa e depois o marido mandar outra	3	Porque o pai ainda é o “modelo”: é ele quem decide	1
Porque o pai ainda é o “modelo”: é ele quem decide	1	Por <i>medo</i> de assumir a responsabilidade, aí ela transfere a responsabilidade	1	Porque a mulher tem <i>medo</i> de discordar do marido	3
Porque a mulher tem <i>medo</i> de discordar do marido	3	Porque o poder decisório ainda é do homem	1	Porque a mulher tem <i>medo</i> de mandar uma coisa e depois o marido mandar outra	4
Porque a mulher tem <i>medo</i> de mandar uma coisa e depois o marido mandar outra	4	Para não ter que enfrentar o companheiro se ele discordar da decisão dela	1	Porque o poder decisório ainda é do homem	2
Porque o poder decisório ainda é do homem	2	Porque ele (o homem) é que tem a “última palavra”/porque a palavra final é sempre do homem/porque quem manda é o homem	4	A mãe empurra para o pai porque <i>não pode</i> decidir sozinha	2
A mãe empurra para o pai porque <i>não pode</i> decidir sozinha	2				
Zona rural		Zona urbana		Total	
Para não ter que enfrentar o companheiro se ele discordar da decisão dela	1				
Porque ele (o homem) é quem					

tem a “última palavra”/porque a palavra final é sempre do homem/porque quem manda é o homem	3		empurra para o pai porque <i>não pode</i> decidir sozinha/ para não ter que enfrentar o companheiro se ele discordar da decisão dela	17	
Subtotal	28	Subtotal	18	Subtotal	46

- Em caso de resposta ‘raramente’:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Não justificaram	3	Por medo do marido	1	Por medo do marido	1
		Por estratégia da mulher	1	Por estratégia da mulher	1
		Porque, para alguns homens, sempre quem decide é ele	3	Porque, para alguns homens, sempre quem decide é ele	3
		Não justificaram		Não justificaram	3
Subtotal	3	Subtotal	5	Subtotal	8

34. Conheces mulheres que dependem do marido para fazer escolhas?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Nenhuma	-	Nenhuma	1	Nenhuma	1
Poucas	3	Poucas	6	Poucas	9
Várias	26	Várias	10	Várias	36
As escolhas são tomadas em conjunto	2	As escolhas são tomadas em conjunto	6	As escolhas são tomadas em conjunto	8
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta – ‘nenhuma’:

Zona rural		Zona urbana		Total	
-		Porque não existem mais mulheres “frouxas”	1		
Subtotal	-	Subtotal	1		

- Justifica tua resposta – ‘poucas’:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque dependem deles economicamente	2	Porque dependem deles economicamente	2	Porque dependem deles economicamente	4
Porque têm <i>medo</i> dos maridos	1	‘Porque não têm total autonomia para satisfazer seus desejos’	1	‘Porque não têm total autonomia para satisfazer seus desejos’	1
		Porque deixaram os maridos		Porque deixaram os maridos	
Zona rural		Zona urbana		Total	
		‘tomar conta’	2	‘tomar conta’	2
		Porque têm <i>medo</i> dos maridos	1	Porque têm <i>medo</i> dos maridos	2
Subtotal	3	Subtotal	6	Subtotal	9

- Justifica tua resposta – “várias”:

Zona rural	Zona urbana	Total
Tem mulheres que compram coisas (ou roupas) para elas e escondem na casa das vizinhas, porque precisam da “ordem deles” para comprar	Tem mulheres que compram coisas (ou roupas) para elas e escondem na casa das vizinhas, porque precisam da “ordem deles” para comprar	Tem mulheres que compram coisas (ou roupas) para elas e escondem na casa das vizinhas, porque precisam da “ordem deles” para comprar
1	-	1
Porque têm medo de uma atitude violenta se elas desobedecerem	Porque têm medo de uma atitude violenta se elas desobedecerem	Porque têm medo de uma atitude violenta se elas desobedecerem/ por <i>medo</i> ,
5	2	porque deixaram os maridos
Pelo costume	Pelo costume	“tomar conta”/ porque quem decide são eles,
2	1	porque elas têm <i>medo</i>
Pela educação da família	Pela educação da família	deles
2	1	11
Porque os maridos são machistas	Porque os maridos são machistas	Pelo costume
4	1	3
Porque dependem deles economicamente ( <i>poder econômico</i> )	Porque dependem deles economicamente ( <i>poder econômico</i> )	Pela educação da família
5	2	3
Para evitar brigas e discussões	Para evitar brigas e discussões	Porque os maridos são machistas
3	1	5
Por <i>medo</i> , porque deixaram os maridos “tomar conta”	Por <i>medo</i> , porque deixaram os maridos “tomar conta”	Porque dependem deles economicamente ( <i>poder econômico</i> )
2	-	7
Porque quem decide são eles, porque elas têm <i>medo</i> deles	Porque quem decide são eles, porque elas têm <i>medo</i> deles	Para evitar brigas e discussões
2	-	4
Porque são submissas	Porque são submissas	Porque são submissas
-	2	2
Subtotal	Subtotal	Subtotal
26	10	36

- Justifica tua resposta – “as escolhas são tomadas em conjunto”:

Zona rural	Zona urbana	Total
A gente argumenta e, às vezes, ele concorda comigo em parte	Nós dialogamos	A gente argumenta e, às vezes, ele concorda comigo em parte
1	5	1
“Com muito jeito e carinho, eu acabo que ele consiga concordar comigo às vezes”	Eu argumento em casa e, “com muito jeito e paciência, consigo que ele me ouça”	“Com muito jeito e carinho, eu acabo que ele consiga concordar comigo às vezes”/ eu argumento em casa e, “com muito jeito e paciência, consigo que ele me ouça”
1	1	2
		Nós dialogamos
		5
Subtotal	Subtotal	Subtotal
2	6	8

35. Na tua opinião, o que o homem pensa quando encontra uma mulher independente?  
(Algumas alunas apresentaram mais de uma resposta)

Zona rural	Zona urbana	Total
Sente-se inseguro 2	“Acha lindo desde que não seja a sua mulher” 1	“Acha lindo desde que não seja a sua mulher”/“na mulher dos outros é bom. Na dele, não: tem ciúmes” 13
Sente-se inferiorizado 3	O meu marido não vê com bons olhos se eu tenho uma amiga mais independente. Acaba fazendo eu deixar de ser amiga dela 1	O meu marido não vê com bons olhos se eu tenho uma amiga mais independente. Acaba fazendo eu deixar de ser amiga dela 1
Acha que ela é “galinha” 4	“Tem que ser devagar, depois é só desfrutar” 1	“Tem que ser devagar, depois é só desfrutar” 1
Que ela é uma ameaça ao seu poder 2	Sente-se inseguro 4	Sente-se inseguro/ inferiorizado/fica na defensiva/acha que ela é uma ameaça ao seu poder/ acha que ela vai “colocar as asinhas de fora” 25
“É uma china. “Tá louca pra dar o rabo” (sic) 1	Sente-se inferiorizado 4	Acha que ela é “galinha”/“é uma china. “Tá louca pra dar o rabo” (sic)/chama de “vagabunda”/chama de “mulher de vida fácil”/
Chama de “vagabunda” 10	Acha que ela é “galinha” 4	“pensa que ela está disponível e vai logo dando uma cantada” 35
Chama de “mulher de vida fácil” 4	Que ela é uma ameaça ao seu poder 2	Diz que é “mulher à -toa, mal amada” 2
Diz que é “mulher à -toa, mal amada” 2	Chama de “vagabunda” 8	Não gosta 5
Acha que ela vai “colocar as asinhas de fora” 1	Fica na defensiva 7	Pensa sempre o pior 7
“Na mulher dos outros é bom. Na dele, não: tem ciúmes” 6	“Pensa que ela está disponível e vai logo dando uma cantada” 4	Não aceita 3
Não gosta 4	“Na mulher dos outros é bom. Na dele, não: tem ciúmes” 6	Não sei 2
Pensa sempre o pior 3	Não gosta 1	
Não aceita 1	Pensa sempre o pior 4	
Não sei 2	Não aceita 2	
Total 45	Total 49	Total 94

36. Tu achas que o homem tem o instinto sexual mais forte do que a mulher?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim 30	Sim 15	Sim 45
Não 1	Não 8	Não 9
Total 31	Total 23	Total 54

- Justifica tua resposta - "sim" (algumas colocaram mais de uma justificativa):

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque o homem age por instinto 2	Por sua atitude machista 1	Por sua atitude machista 1
	Porque a natureza dele é	Porque o homem age por

Porque a natureza dele é assim	5	assim	4	instinto/porque a natureza dele é assim/"devido à sua necessidade"	12
Porque ele foi criado pensando assim	3	Porque ele foi criado pensando assim	2	Porque ele foi criado pensando assim/pelo tipo de cultura/depende da educação	12
Porque ele é mais forte e violento	6	Porque ele é mais forte e violento	4	Porque ele é mais forte e violento	10
Porque eles dizem que "há um touro para um monte de vaca" ( <i>sic</i> )	1	Porque eles dizem que "na natureza" (com os bichos) também é assim (é um macho para um monte de fêmeas)	2	Porque eles dizem que "há um touro para um monte de vaca" ( <i>sic</i> )/porque eles dizem que "na natureza" (com os bichos) também é assim (é um macho para um monte de fêmeas)	8
Porque eles dizem que "na natureza" (com os bichos) também é assim (é um macho para um monte de fêmeas)	5	Porque o homem é razão e a mulher é emoção	1	Porque o homem é razão e a mulher é emoção	1
Porque, para o homem, "qualquer hora é hora"	2	Porque o homem raramente se contém	1	Porque o homem raramente se contém/ porque a mulher aprende a se controlar e o homem, não	5
Porque o homem está sempre pensando em sexo e vendo sexo em tudo	2	Porque, para o homem, "qualquer hora é hora"	1	Porque, para o homem, "qualquer hora é hora"/ porque o homem está sempre pensando em sexo e vendo sexo em tudo	6
Porque a mulher aprende a se controlar e o homem, não	2	Porque o homem está sempre pensando em sexo e vendo sexo em tudo	2	Porque eles nunca se contentam com uma mulher só, sempre tem que ter outra	2
Porque eles nunca se contentam com uma mulher só, sempre tem que ter outra	1	Porque a mulher aprende a se controlar e o homem, não	1	Porque eles nunca se contentam com uma mulher só, sempre tem que ter outra	2
Pelo tipo de cultura	1	Porque eles nunca se contentam com uma mulher só, sempre tem que ter outra	1		
Sim, <i>devido à sua necessidade</i>	1	Pelo tipo de cultura	4		
		Depende da educação	2		
Subtotal	31	Subtotal	26	Subtotal	57

- Justifica tua resposta - "não":

Zona rural	Zona urbana	Total
O homem tem é mais liberdade para fazer sexo porque é incentivado pelos pais para "mostrar que é macho"	O homem tem é mais liberdade sexual	O homem tem é mais liberdade sexual/incentivo dos pais pra "mostrar que é macho"
1	6	7
	Depende da educação	Depende da educação
	2	2
Subtotal	Subtotal	Subtotal
1	8	9

37. Já ouviste algum homem dizer que estava traindo a mulher porque "estava solteiro", isto é, sua mulher não estava em casa, estava longe ou viajando?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim, freqüentemente	Sim, freqüentemente	Sim, freqüentemente
23	14	37

Sim, raramente	5	Sim, raramente	7	Sim, raramente	12
Não	3	Não	2	Não	5
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta - as justificativas das respostas "sim, freqüentemente" e "sim, raramente" estão agrupadas por aproximação, pela semelhança que apresentam:

Zona rural		Zona urbana		Total
Eles alegam que a mulher saiu e não deu atenção para ele	2	Eles alegam que a mulher saiu e não deu atenção para ele	2	Eles alegam que a mulher saiu e não deu atenção para ele/que procuram "fora"
Porque no homem o instinto sexual é mais forte	7	Porque no homem o instinto sexual é mais forte	4	porque não têm "em casa"
Eles dizem que "não podem ficar sem mulher"	5	Eles dizem que "o que os olhos não vêem, o coração não sente"	3	Porque no homem o instinto sexual é mais forte/porque "não podem ficar sem mulher"
Porque ele diz "sou homem, eu posso"	4	Eles dizem que "não podem ficar sem mulher"	3	19
Porque já vi os homens comentarem isso com os outros homens	1	Ele alega que "estava carente"	1	Eles dizem que "o que os olhos não vêem, o coração não sente"
Porque isso faz parte da educação machista: o homem longe da mulher é "homem liberado"	1	Porque ele diz "sou homem, eu posso"	2	Ele alega que "estava carente"
Porque homem não pode ver "rabo de saia"	1	Porque isso faz parte da educação machista: o homem longe da mulher é "homem liberado"	3	Porque ele diz "sou homem, eu posso"
Eles alegam que são muito "machos"	2	Eles alegam que procuram "fora" porque "não têm em casa"	2	Porque já vi os homens comentarem isso com os outros homens
Eles alegam que são homens, e "homem não pode ficar sem sexo"	5	Eles alegam que são homens, e "homem não pode ficar sem sexo"	1	Porque isso faz parte da educação machista: o homem longe da mulher é "homem liberado"
				4
				Porque homem não pode ver "rabo de saia"
				1
				Eles alegam que são muito "machos"
				2
				Eles alegam que são homens, e "homem não pode ficar sem sexo"
				6
Subtotal - "sim"	28	Subtotal - "sim"	21	Subtotal - "sim"
				49

- Justifica tua resposta - "não"

Zona rural		Zona urbana		Total
Eu sei que eles dizem, mas não comentam na frente de mulheres porque têm medo que a gente conte para a esposa. Mas eles comentam		Eu não ouvi, mas sei que eles dizem isso uns para os outros	1	Não ouviram, mas sabem que eles dizem isso uns para os outros
		Não justificou	1	Não justificaram
				2
Zona rural		Zona urbana		Total
"entre eles" e a gente				

ouve	2		
Não justificou	1		
Subtotal	3	Subtotal	2 Subtotal 5

38. Na nossa região da fronteira, quando um homem é infiel à esposa, na prática, isto é visto como: (Podes assinalar mais de uma opção)

( ) É considerado como coisa natural pelos outros homens, porque, afinal, ele é homem.

Zona rural		Zona urbana		Total	
Assinalaram	31	Assinalaram	23	Assinalaram	54
Não assinalaram	-	Não assinalaram	-	Não assinalaram	-
Total	31	Total	23	Total	54

( ) É culpa da mulher, que não o está satisfazendo sexualmente.

Zona rural		Zona urbana		Total	
Assinalaram	21	Assinalaram	17	Assinalaram	38
Não assinalaram	10	Não assinalaram	6	Não assinalaram	16
Total	31	Total	23	Total	54

( ) É muito raro acontecer.

Zona rural		Zona urbana		Total	
Assinalaram	-	Assinalaram	-	Assinalaram	-
Não assinalaram	31	Não assinalaram	23	Não assinalaram	54
Total	31	Total	23	Total	54

( ) É recriminado por isso.

Zona rural		Zona urbana		Total	
Assinalaram	-	Assinalaram	-	Assinalaram	-
Não assinalaram	31	Não assinalaram	23	Não assinalaram	54
Total	31	Total	23	Total	54

( ) Não é considerada uma coisa natural.

Zona rural		Zona urbana		Total	
Assinalaram	-	Assinalaram	-	Assinalaram	-
Não assinalaram	31	Não assinalaram	23	Não assinalaram	54
Total	31	Total	23	Total	54

39. Na nossa região da fronteira, quando uma mulher é infiel ao marido, na prática, isto é visto como: (Podes assinalar mais de uma opção)

( ) É considerado como coisa natural pelas outras mulheres.

Zona rural		Zona urbana		Total	
Assinalaram	-	Assinalaram	-	Assinalaram	-

Não assinalaram	31	Não assinalaram	23	Não assinalaram	54
Total	31	Total	23	Total	54

( ) É culpa do homem, que não a está satisfazendo sexualmente.

Zona rural		Zona urbana		Total	
Assinalaram	-	Assinalaram	6	Assinalaram	6
Não assinalaram	31	Não assinalaram	17	Não assinalaram	48
Total	31	Total	23	Total	54

( ) É muito raro acontecer.

Zona rural		Zona urbana		Total	
Assinalaram	8	Assinalaram	5	Assinalaram	13
Não assinalaram	23	Não assinalaram	18	Não assinalaram	41
Total	31	Total	23	Total	54

( ) É recriminada por isso.

Zona rural		Zona urbana		Total	
Assinalaram	31	Assinalaram	23	Assinalaram	54
Não assinalaram	-	Não assinalaram	-	Não assinalaram	-
Total	31	Total	23	Total	54

( ) Não é considerada uma coisa natural.

Zona rural		Zona urbana		Total	
Assinalaram	31	Assinalaram	23	Assinalaram	54
Não assinalaram	-	Não assinalaram	-	Não assinalaram	-
Total	31	Total	31	Total	54

40. Já ouviste algum homem dizer que, se a esposa adoecer e não pode manter relações sexuais por algum tempo, ele tem o direito de procurar outras mulheres, pois, afinal, ele é homem, e não pode ficar sem fazer sexo?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Nenhum	-	Nenhum	4	Nenhum	4
Poucos	5	Poucos	12	Poucos	17
Vários	26	Vários	7	Vários	33
Total	31	Total	23	Total	54

41. Já ouviste o mesmo dito por uma mulher?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	-	Sim	-	Sim	-
Não	31	Não	23	Não	54
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tuas respostas de n° 40 e 41:

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque, para a mulher, sexo é "com amor", e para o homem, não 6	Porque, para a mulher, sexo é "com amor", e para o homem, não 2	Porque, para a mulher, sexo é "com amor", e para o homem, não/porque, "quando a mulher gosta dum homem, ela só quer fazer sexo com ele, e, se ele não pode, ela espera"/ porque seria absurdo uma mulher gostar de um homem e fazer sexo com outro, só "sexo por sexo" 15
Porque homem não pode viver sem sexo 1	Porque a mulher é mais compreensiva com o marido 3	Porque homem não pode viver sem sexo/porque, para a maioria das pessoas, o homem tem que satisfazer sempre que quiser as suas necessidades sexuais e a mulher, não (não precisa) 11
Porque a mulher é mais compreensiva com o marido 4	Porque a mulher aprendeu a ser fiel 2	Porque a mulher é mais compreensiva com o marido/porque a mulher aprendeu a ser fiel/porque o homem acha a traição normal, e a mulher, não 22
Porque a mulher aprendeu a ser fiel 3	Porque, "quando a mulher gosta dum homem, ela só quer fazer sexo com ele, e, se ele não pode, ela espera" 2	Porque as mulheres são mais submissas 3
Porque, "quando a mulher gosta dum homem, ela só quer fazer sexo com ele, e, se ele não pode, ela espera" 1	Porque o homem acha a traição normal, e a mulher, não 4	Porque a mulher/algumas mulheres têm medo de uma reação violenta do marido 2
Porque o homem acha a traição normal, e a mulher, não 6	Porque as mulheres são mais submissas 1	Porque uma mulher, quando ama, ama de verdade, e faz qualquer sacrifício pelo homem, mas o homem não faz nenhum sacrifício pela mulher. Ele só exige, não abre mão de nada e quer sempre estar "ele" bem 1
Porque as mulheres são mais submissas 2	Porque a mulher tem medo de uma reação violenta do marido 1	
Porque "algumas mulheres têm medo de uma reação violenta do marido, que bata nelas ou até as mate, e os homens não têm medo da mulher, porque ela é fisicamente mais fraca 1	Porque, para a maioria das pessoas, o homem tem que satisfazer sempre que quiser as suas necessidades sexuais e a mulher, não (não precisa) 5	
Porque, para a maioria das pessoas, o homem tem que satisfazer sempre que quiser as suas necessidades sexuais e a mulher, não (não precisa) 5	Porque seria absurdo uma mulher gostar de um homem e fazer sexo com outro, só "sexo por sexo" 2	
Porque seria absurdo uma mulher gostar de um homem e fazer sexo com outro, só "sexo por sexo" 2	Porque uma mulher, quando ama, ama de verdade, e faz qualquer sacrifício pelo homem, mas o homem não faz nenhum sacrifício pela mulher. Ele só exige, não abre mão de nada e quer sempre estar "ele" bem 1	
Total 31	Total 23	Total 54

42. Já viste, na prática, o homem e a mulher possuírem a mesma liberdade sexual?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim 1	Sim 4	Sim 5
Não 30	Não 19	Não 49

Total	31	Total	23	Total	54
-------	----	-------	----	-------	----

- Justifica tua resposta - "sim":

Zona rural		Zona urbana		Total	
Quando há um acordo	1	Quando há um consenso	2	Quando há um acordo/ consenso	3
		Quando a mulher é mais liberada, mesmo que seja criticada por isso	1	Quando a mulher é mais liberada, mesmo que seja criticada por isso	1
		Quando o marido é um "corno manso", mas isso é raro	1	Quando o marido é um "corno manso", mas isso é raro	1
Subtotal	1	Subtotal	4	Subtotal	5

- Justifica tua resposta - "não" (algumas apresentaram mais de uma justificativa):

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque o homem tem mais necessidade de sexo do que a mulher	1	Porque a mulher é educada para casar e amar, e o homem é educado para "fazer sexo"	1	Porque o homem tem mais necessidade de sexo do que a mulher/porque o homem tem o instinto sexual mais forte	5
Porque a mulher é educada para casar e amar, e o homem é educado para "fazer sexo"	1	Porque, para o homem, é "normal a traição, porque ele é homem"	1	Porque a mulher é educada para casar e amar, e o homem é educado para "fazer sexo"/porque nos ensinaram a nos preservar sexualmente	4
Porque, para o homem, é "normal a traição, porque ele é homem"	2	Porque o homem tem o instinto sexual mais forte	1	Porque, para o homem, é "normal a traição, porque ele é homem"/porque o homem pode tudo	13
Porque o homem tem o instinto sexual mais forte	3	Por causa da moral	2	Porque, para o homem, não tem o perigo de engravidar	1
Porque, para o homem, não tem o perigo de engravidar	1	Por causa do machismo/da cultura machista	5	Por causa da moral	2
Por causa do machismo/da cultura machista	6	Porque nos ensinaram a nos preservar sexualmente	1	Por causa do machismo/da cultura machista	11
Porque nos ensinaram a nos preservar sexualmente	1	Porque "no homem é bonito a liberdade sexual, mas para a mulher é errado"	3	Porque "no homem é bonito a liberdade sexual, mas para a mulher é errado"/porque, quando a mulher é mais livre, é discriminada <i>pelos outros homens</i> e até os	4
Porque "no homem é bonito a liberdade sexual, mas para a mulher é errado"	6	Porque o homem pode tudo	4		
Porque, quando a mulher é mais livre, é discriminada <i>pelos outros homens</i> e até os homens "que transam com ela não a respeitam"	4	Uma mulher, conforme o caso, até pode aceitar a traição do homem, mas o homem não aceita a traição da mulher	1		
		Porque a mulher, às vezes, perdoa, e aí eles ficam "fazendo e se achando"	1		
Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque o homem pode tudo	6	Às vezes, é um casamento de aparência, e o homem tem "casos" fora de casa, e a mulher se acomoda ou tem		homens "que transam com ela não a respeitam"	13
Uma mulher, conforme o caso, até pode aceitar a				Uma mulher, conforme o caso, até pode aceitar a	

traição do homem, mas o homem não aceita a traição da mulher 3 Porque a mulher não tem direito nem para "abrir a boca" 1 Às vezes, é um casamento de aparência, e o homem tem "casos" fora de casa, e a mulher se acomoda ou tem "medo de enfrentar ele" 3 Sexo é "coisa para homem. Mulher tem que se <i>submeter à vontade do marido, na cama ou fora dela.</i> " 3	"medo de enfrentar ele" 1	traição do homem, mas o homem não aceita a traição da mulher/porque a mulher, às vezes, perdoa, e aí eles ficam "fazendo e se achando" 5 Porque a mulher não tem direito nem para "abrir a boca" 1 Às vezes, é um casamento de aparência, e o homem tem "casos" fora de casa, e a mulher se acomoda ou tem "medo de enfrentar ele" 4 Sexo é "coisa para homem. Mulher tem que se <i>submeter à vontade do marido, na cama ou fora dela.</i> " 3
Subtotal 41	Subtotal 21	Subtotal 62

43. Já viste algum pai ficar preocupado porque o filho está demorando a iniciar sua vida sexual?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim 28	Sim 14	Sim 42
Não 3	Não 9	Não 12
Total 31	Total 23	Total 54

- Justifica tua resposta - "sim" (algumas apresentaram mais de uma justificativa):

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque os homens precisam provar para os outros que o filho é macho que nem eles 7	Porque ele quer saber se o filho é normal 4	Porque os homens precisam provar para os outros que o filho é macho que nem eles/porque o pai precisa que o filho prove que é homem perante os outros homens 12
Porque o pai precisa ter certeza de que o filho é macho 10	Porque o pai precisa ter certeza de que o filho é macho 4	Porque ele quer saber se o filho é normal/porque tem medo que ele não se interesse por mulher 8
Porque homem que é homem deve iniciar a vida sexual cedo 5	Porque homem que é homem deve iniciar a vida sexual cedo 5	Porque o pai precisa ter certeza de que o filho é macho/porque o pai tem medo que o filho seja "bicha" 21
Conheci um pai que mandava os filhos para os cabarés 2	Porque o pai precisa que o filho prove que é homem perante os outros homens 2	
	Porque o pai tem medo que o filho seja "bicha" 3	
	Porque tem medo que ele não se interesse por mulher 3	

Porque o pai tem medo que o filho seja "bicha" 4		Porque homem que é homem deve iniciar a vida sexual cedo 10
Porque tem medo que ele não se interesse por mulher 1		Conheci um pai que mandava os filhos para os cabarés 2
A mulher deve casar virgem e o homem <i>não</i> deve casar virgem (' senão, tem até piada' ) 1		A mulher deve casar virgem e o homem <i>não</i> deve casar virgem (' senão, tem até piada' ) 1
Subtotal 33	Subtotal 21	Subtotal 54

- Obs.: as alunas que responderam "não" não justificaram sua resposta.

44. Costumas fazer coisas para agradar teu marido (como uma comida gostosa, uma roupa especial, fazer regime, deixar passar pequenos defeitos) por medo de perdê-lo ou dar-lhe motivo para que procure outra mulher?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	25	Sim	12	Sim	37
Não	6	Não	11	Não	17
Total	31	Total	23	Total	54

- Algumas alunas complementaram a resposta da seguinte maneira:

Zona rural		Zona urbana		Total	
"Mas mesmo assim não adianta" 5		"Mas não por medo de perdê-lo" 4		"Mas mesmo assim não adianta" 5	
Por medo da violência dele 2				Por medo da violência dele 2	
Porque, se eu não agradar ele, ele diz que, se ele procurar outra, a culpa é minha 1				Porque, se eu não agradar ele, ele diz que, se ele procurar outra, a culpa é minha 1	
				"Mas não por medo de perdê-lo" 4	
Subtotal 8		Subtotal 4		Subtotal 12	

- Obs.: as demais alunas não complementaram a resposta.

45. Alguma vez te sentiste na obrigação de fazer alguma coisa que não querias porque sentiste uma ameaça velada de que se não fizesses ele te deixaria ou procuraria outra?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	25	Sim	11	Sim	36
Não	6	Não	12	Não	18
Total	31	Total	23	Total	54

- Algumas alunas complementaram a resposta da seguinte maneira:

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque ele disse que, se eu não fizesse, ele me matava	Só na relação sexual	Porque ele disse que, se eu não fizesse, ele me matava
1	3	1
"E muitas vezes"		"E muitas vezes"
12		12
Sim, na relação sexual		Na relação sexual
5		8
Subtotal	Subtotal	Subtotal
18	3	21

- Obs.: as demais alunas não complementaram a resposta.

*Categoria: espaço doméstico*

46. Já ouviste dizer que o homem é o chefe da família?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim, frequentemente	Sim, frequentemente	Sim, frequentemente
30	19	49
Sim, raramente	Sim, raramente	Sim, raramente
1	4	5
Não	Não	Não
-	-	-
Total	Total	Total
31		54

47. Teu marido age como sendo chefe da família?

Zona rural	Zona urbana	Total
Freqüentemente	Freqüentemente	Freqüentemente
24	12	36
Raramente	Raramente	Raramente
4	6	10
Não	Não	Não
3	5	8
Total	Total	Total
31	23	54

48. Teu marido te ajudava tanto nas tarefas domésticas quanto agora, que estás estudando?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim	Sim	Sim
7	10	17
Não	Não	Não
15	10	25
Não costuma ajudar	Não costuma ajudar	Não costuma ajudar
9	3	12
Total	Total	Total
31	23	54

49. Os meninos costumam fazer em casa as mesmas tarefas domésticas que as meninas?

Zona rural	Zona urbana	Total
Freqüentemente	Freqüentemente	Freqüentemente
-	4	4
Raramente	Raramente	Raramente
11	10	21
Não	Não	Não
20	9	29
Total	Total	Total
31	23	54

- Justifica tua resposta - "freqüentemente":

Zona rural	Zona urbana	Total
-	Porque há necessidade	Porque há necessidade
	3	3

	Não justificou	1	Não justificou	1	
Subtotal	-	Subtotal	4	Subtotal	4

- Justifica tua resposta - "raramente":

Zona rural		Zona urbana		Total	
Só quando eu estou doente	3	Só quando eu estou doente	3	Só quando eu estou doente	6
Não justificou	8	Não justificou	7	Não justificou	15
Subtotal	11	Subtotal	10	Subtotal	21

- Justifica tua resposta - "não" (algumas apresentaram mais de uma justificativa):

Zona rural		Zona urbana		Total	
"Serviço de casa", na Campanha, é coisa de mulher. Homem é para o campo e a lavoura	2	Porque o pai deles diz que vão ficar "maricas" e ele quer filhos "machos"	2	"Serviço de casa", na Campanha, é coisa de mulher. Homem é para o campo e a lavoura/porque o trabalho de casa é tido como coisa de mulher/o pai coloca na cabeça que, desde menino, ele só pode fazer coisa de macho, mas as tarefas domésticas deveriam ser de todos na família	8
Porque o pai deles diz que vão ficar "maricas" e ele quer filhos "machos"	4	Para não ficar efeminado	1	Porque o pai deles diz que vão ficar "maricas" e ele quer filhos "machos"/para não ficar efeminado/porque, se o meu marido vê um guri me ajudando em casa, diz que eu quero que ele seja bicha	3
O menino não deve realizar atividades domésticas	5	O menino não deve realizar atividades domésticas	2	Porque os meninos são mais violentos	1
Porque os meninos são mais violentos	1	Porque, se o meu marido vê um guri me ajudando em casa, diz que eu quero que ele seja bicha	2	Porque o pai deles diz que vão ficar "maricas" e ele quer filhos "machos"/para não ficar efeminado/porque, se o meu marido vê um guri me ajudando em casa, diz que eu quero que ele seja bicha	12
Porque, se o meu marido vê um guri me ajudando em casa, diz que eu quero que ele seja bicha	2	Meninos é para passear, jogar, namorar, e não para fazer serviços domésticos	4	O menino não deve realizar atividades domésticas	7
Porque o trabalho de casa é tido como coisa de mulher	5	Por preconceito	1	Porque os meninos são mais violentos	1
Porque eles acham que não têm obrigação	6	O menino tem que ajudar o pai, e não a mãe	3	Porque eles acham que não têm obrigação	6
Porque o filho se espelha no pai	2			Porque o filho se espelha no pai/o menino tem que ajudar o pai, e não a mãe	5
O pai coloca na cabeça que, desde menino, ele só pode fazer coisa de macho, mas as tarefas domésticas deveriam ser de todos na família	1			Meninos é para passear, jogar, namorar, e não para fazer serviços domésticos	4
				Por preconceito	1
Subtotal	28	Subtotal	16	Subtotal	44

50. Os meninos brincam com os mesmos brinquedos ou fazem brincadeiras do mesmo jeito que as meninas?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Freqüentemente	-	Freqüentemente	3	Freqüentemente	3
Raramente	10	Raramente	11	Raramente	21
Não	21	Não	9	Não	30
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta:

(Obs.: as alunas que responderam ' freqüentemente' não apresentaram justificativa; as justificativas das alunas que responderam ' raramente' foram agrupadas, por aproximação, com as das alunas que responderam ' não' )

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque são educados para ser mais fortes e violentos	5	Só quando há muita necessidade	8	Porque são educados para ser mais fortes e violentos/ porque os meninos são <i>naturalmente</i> diferentes das meninas/porque a natureza dos meninos é diferente da das meninas/porque as meninas têm um gosto e os meninos outro	16
Porque os meninos são <i>naturalmente</i> diferentes das meninas	3	Porque muitas mães não querem que meninos brinquem com meninas e vice-versa	4	Só quando há muita necessidade	12
Só quando há muita necessidade	4	Porque a natureza dos meninos é diferente da das meninas	3	Porque são muito machistas	3
Porque são muito machistas	3	Para não serem chamados de "maricas"	1	Porque muitas mães não querem que meninos brinquem com meninas e vice-versa	6
Porque muitas mães não querem que meninos brinquem com meninas e vice-versa	2	Porque as mães são preconceituosas	2	Para não serem chamados de "maricas"/porque os pais não deixam, acham que vão ficar "maricas"	9
Porque a natureza dos meninos é diferente da das meninas	4	Porque há brinquedos que são próprios só para meninos	1	Porque as mães são preconceituosas	2
Para não serem chamados de "maricas"	6	Porque os pais não deixam, acham que vão ficar "maricas"	1	Porque há brinquedos que são próprios só para meninos/porque há "brinquedos específicos"	3
Porque há brinquedos que são próprios só para meninos	1				
Porque há "brinquedos específicos"	1				
Porque os pais não deixam, acham que vão ficar "maricas"	1				
Zona rural		Zona urbana		Total	
acham que vão ficar "maricas"	1				
Porque as meninas têm um gosto e os meninos outro	1				
Subtotal - "raramente" e "não"	31	Subtotal - "raramente" e "não"	20	Subtotal - "raramente" e "não"	51

51. Conheces casais em que o homem culpe a mulher por problemas eventuais que tenham surgido em casa ou com os filhos porque ela está estudando ou trabalhando fora e não está presente?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Vários	26	Vários	11	Vários	37
Poucos	5	Poucos	10	Poucos	15
Nenhum	-	Nenhum	2	Nenhum	2
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta - "vários" e "poucos" (respostas agrupadas por aproximação):

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque eles não assumem que também têm que cuidar dos filhos	2	Porque, na verdade, não queriam que a mulher trabalhasse ou estudasse	2	Porque eles não assumem que também têm que cuidar dos filhos/porque eles acham que a educação e o cuidados dos filhos é responsabilidade da mulher/ porque eles atribuem à mulher a tarefa de educar os filhos	11
Porque, na verdade, não queriam que a mulher trabalhasse ou estudasse	5	Porque eles acham que a educação e o cuidados dos filhos é responsabilidade da mulher	2	Porque, na verdade, não queriam que a mulher trabalhasse ou estudasse	7
Porque o homem gosta de botar a culpa na mulher	2	Porque isso acontece comigo, e o meu marido coloca meus filhos contra mim porque eu trabalho e agora quis estudar. Ele faz a cabeça deles contra mim	1	Porque o homem gosta de botar a culpa na mulher/ porque alguns culpam a mulher "em tudo"	4
Porque eles acham que a educação e o cuidados dos filhos é responsabilidade da mulher	5	Porque ele quer a mulher com ele e só nas tarefas domésticas	1	Porque ele quer a mulher com ele e só nas tarefas domésticas/porque assim justificam que ela faz falta em casa e não pode sair	6
Porque isso acontece comigo, e o meu marido coloca meus filhos contra mim porque eu trabalho e agora quis estudar. Ele faz a cabeça deles contra mim	3	Porque eles atribuem à mulher a tarefa de educar os filhos	1	Porque isso acontece comigo, e o meu marido coloca meus filhos contra mim porque eu trabalho e agora quis estudar. Ele faz a cabeça deles contra mim/ vivencio isto em casa	7
Porque ele quer a mulher com ele e só nas tarefas domésticas	1	Porque assim justificam que ela faz falta em casa e não pode sair	2		
Porque eles atribuem à mulher a tarefa de educar os filhos	1	Vivencio isto em casa	1		
Porque assim justificam que ela faz falta em casa e não pode sair	2	Porque alguns culpam a mulher "em tudo"	1		
Vivencio isto em casa	2	Porque a mulher está trabalhando/estudando	1		
		Para chantagear a mulher	2		
Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque alguns culpam a mulher "em tudo"	1	Porque acham que ao invés de estarem acompanhando os filhos, que é a obrigação delas, estão estudando ou trabalhando para se exibirem	1	Porque a mulher está trabalhando/estudando	2
Porque a mulher está trabalhando/estudando	1	Porque acham que elas estão se preocupando só com elas e deixando a família de lado	3	Para chantagear a mulher	2
				Porque acham que ao invés de estarem acompanhando os filhos, que é a obrigação delas, estão estudando ou trabalhando para se	

Porque o homem acha que a mulher é quem tem que cuidar da casa, independente de trabalhar fora ou não	3	com elas e deixando a família de lado Porque o homem acha que a mulher é quem tem que cuidar da casa, independente de trabalhar fora ou não Não justificou	2 3 1	exibirem Porque acham que elas estão se preocupando só com elas e deixando a família de lado Porque o homem acha que a mulher é quem tem que cuidar da casa, independente de trabalhar fora ou não Não justificou	1 5 6 1
Subtotal - "vários" e "poucos"	31	Subtotal - "vários" e "poucos"	21	Subtotal - "vários" e "poucos"	52

- Obs.: as alunas da zona urbana que responderam "nenhum" não apresentaram justificativa.

52. Tu administras o teu salário como queres, sem interferência ou sugestão do marido?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	4	Sim	11	Sim	15
Não	15	Não	6	Não	21
"Mais ou menos"	12	"Mais ou menos"	6	"Mais ou menos"	18
Total	31	Total	23	Total	54

- Obs.: as alunas acrescentaram a opção "mais ou menos"; embora a questão não pedisse justificativa, algumas alunas complementaram suas respostas, conforme segue:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Eu sou responsável pelo sustento da casa. O dinheiro dele é só dele. Se eu não tenho dinheiro para dar para ele, ele enfurece. Até o que eu compro para os filhos tem que ser escondido, eu tenho que "roubar de mim mesma"	1	Eu tenho que dar um dinheiro para ele, porque ele diz sempre que está precisando Para poder me realizar profissionalmente Porque alguém tem que trabalhar e sustentar a família. Não posso deixar meus filhos com faltas	1 1 1	Eu sou responsável pelo sustento da casa. O dinheiro dele é só dele. Se eu não tenho dinheiro para dar para ele, ele enfurece. Até o que eu compro para os filhos tem que ser escondido, eu tenho que "roubar de mim mesma"/porque alguém tem que trabalhar e sustentar a família. Não posso deixar meus filhos com faltas	2
Zona rural		Zona urbana		Total	
"nunca vejo a cor do dinheiro"	1			Ele sempre me pede "emprestado" e diz que depois me paga, só que eu "nunca vejo a cor do dinheiro"/eu tenho que dar	

		um dinheiro para ele, porque ele diz sempre que está precisando	2
		Para poder me realizar profissionalmente	1
Subtotal	2	Subtotal	3
		Subtotal	5

53. A família tem carro?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	7	Sim	17	Sim	24
Não	24	Não	6	Não	30
Total	31	Total	23	Total	54

- Se tem carro, quem o dirige?

Zona rural		Zona urbana		Total	
A mulher	-	A mulher	-	A mulher	-
Ambos	1	Ambos	6	Ambos	7
O homem	6	O homem	11	O homem	17
Zona rural		Zona urbana		Total	
Subtotal	7	Subtotal	17	Subtotal	24

- Justifica tua resposta - "ambos":

Zona rural		Zona urbana		Total	
Mas quando saímos juntos é ele quem dirige	1	Mas quando saímos juntos é ele quem dirige	6	Mas quando saímos juntos é ele quem dirige	7
Subtotal	1	Subtotal	6	Subtotal	7

- Justifica tua resposta - "o homem":

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque ele é "o homem"	1	Porque ele é "o homem"	2	Porque ele é "o homem"	3
Meu marido, porque é o dono	1	Meu marido, porque é o dono	1	Meu marido, porque é o dono	2
Porque ele tirou carteira: eu fiz o curso, mas ele não me deixou tirar a carteira	1	Meu marido e meu filho (eles dizem que mulher é muito barbeira)	1	Meu marido e meu filho (eles dizem que mulher é muito barbeira)	1
Porque eu não sei dirigir e ele não me deixa aprender	1	Porque só ele tem carteira	2	Porque só ele tem carteira	2
Porque ele diz que mulher não dirige carro	1	Porque ele tirou carteira: eu fiz o curso, mas ele não me deixou tirar a carteira	1	Porque ele tirou carteira: eu fiz o curso, mas ele não me deixou tirar a carteira	2
Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque ele sempre me critica e diz que não sei dirigir direito	1	Porque eu não sei dirigir e ele não me deixa aprender	2	Porque eu não sei dirigir e ele não me deixa aprender	3
		Porque ele diz que eu não dirijo bem	2	Porque ele diz que mulher não dirige carro	1
				Porque ele diz que eu não	

		dirijo bem	2
		Porque ele sempre me critica e diz que não sei dirigir direito	1
Subtotal	6	Subtotal	11
		Subtotal	17

54. Como é administrada a renda familiar:

Zona rural	Zona urbana	Total
Juntam o dinheiro e dali sai para todas as despesas numa conta única	Juntam o dinheiro e dali sai para todas as despesas numa conta única	Juntam o dinheiro e dali sai para todas as despesas numa conta única
10	2	12
As despesas são divididas: um se encarrega de umas e outro de outras	As despesas são divididas: um se encarrega de umas e outro de outras	As despesas são divididas: um se encarrega de umas e outro de outras
8	5	13
O marido decide o que fazer com o dinheiro de ambos	O marido decide o que fazer com o dinheiro de ambos	O marido decide o que fazer com o dinheiro de ambos
9	2	11
É o marido que sustenta a família	É o marido que sustenta a família	É o marido que sustenta a família
-	2	2
Tu é que decides o que fazer com o teu dinheiro, e ele é que decide o que fazer com o dele	Tu é que decides o que fazer com o teu dinheiro, e ele é que decide o que fazer com o dele	Tu é que decides o que fazer com o teu dinheiro, e ele é que decide o que fazer com o dele
2	7	9
<i>Outra opção - qual?</i>	<i>Outra opção - qual?</i>	<i>Outra opção - qual?</i>
Eu é que sustento a família: eu assumo todas as despesas	Às vezes um empresta para o outro	Às vezes um empresta para o outro
1	1	1
Não respondeu	Minha parte não fica só para mim	Minha parte não fica só para mim/ele decide o que fazer com o "meu dinheiro" e o dele "some"
1	1	2
	Ele decide o que fazer com o "meu dinheiro" e o dele "some"	Eu é que sustento a família: eu assumo todas as despesas
	1	3
	Eu é que sustento a família: eu assumo todas as despesas	Não respondeu
	2	1
Total	31	Total
		23
		Total
		54

55. Tu achas que a mulher ter um grau de escolarização superior ao do marido traz algum tipo de constrangimento para ele ou algum problema em casa?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim	Sim	Sim
25	8	33
Não	Não	Não
2	5	7
"Depende"	"Depende"	"Depende"
3	4	7
"Para mim, não, para ele, sim"	"Para mim, não, para ele, sim"	"Para mim, não, para ele, sim"
1	6	7
Total	31	Total
		23
		Total
		54

- Obs.: as alunas acrescentaram as opções "depende" e "para mim, não, para ele, sim".

- Justifica tua resposta (respostas de todas as alternativas agrupadas por aproximação):

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim, porque há dificuldade de diálogo 3	Sim, porque há dificuldade de diálogo 1	Sim, porque há dificuldade de diálogo 4
Sim, porque eles querem ser superiores em tudo 5	Sim, porque eles querem ser superiores em tudo 2	Sim, porque eles querem ser superiores em tudo 7
Sim, porque eles tem medo que a mulher fique "se achando" 1	Sim, porque eles tem medo que a mulher fique "se achando" 3	Sim, porque eles tem medo que a mulher fique "se achando" 4
Porque eles têm medo de ficar "por baixo" 5	Porque eles têm medo de ficar "por baixo" 2	Porque eles têm medo de ficar "por baixo" 7
Porque ele se acha diminuído 3	Porque ele se acha diminuído 2	Porque ele se acha diminuído/desvalorizado 12
Porque ele se acha desvalorizado 2	Porque ele se acha desvalorizado 5	Porque os homens são machistas 3
Porque os homens são machistas 3	Porque a mulher acaba humilhando o marido com o uso de palavras diferentes 3	Porque a mulher acaba humilhando o marido com o uso de palavras diferentes 5
Porque a mulher acaba humilhando o marido com o uso de palavras diferentes 2	Não justificaram 5	Não, porque meu marido é muito bem sucedido, mesmo com pouca escolarização 1
Não, porque meu marido é muito bem sucedido, mesmo com pouca escolarização 1		Não justificaram 11
Não justificaram 6		
Total 31	Total 23	Total 54

56. Tu achas que a mulher cumpre uma "dupla jornada de trabalho", ou isto não é mais verdade, uma vez que muitos maridos participam das tarefas domésticas tanto quanto a mulher?

Zona rural	Zona urbana	Total
A mulher cumpre dupla jornada de trabalho 31	A mulher cumpre dupla jornada de trabalho 21	A mulher cumpre dupla jornada de trabalho 52
A mulher não cumpre dupla jornada de trabalho -	A mulher não cumpre dupla jornada de trabalho 2	A mulher não cumpre dupla jornada de trabalho 2
Total 31	Total 23	Total 54

- Justifica tua resposta - "a mulher cumpre dupla jornada de trabalho" (algumas alunas apresentaram mais de uma alternativa):

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque o marido "não ajuda" nos trabalhos de casa/domésticos, e deveria "ajudar" 10	Porque o marido "não ajuda" nos trabalhos de casa/domésticos, e deveria "ajudar" 8	Porque o marido "não ajuda" nos trabalhos de casa/domésticos, e deveria "ajudar"/porque, se os dois trabalham fora e chegam cansados, os dois têm que se ajudar/porque no
Quem deveria trabalhar fora é o homem, e não a mulher 1	Porque a mulher não consegue nem usufruir a vida, passa só trabalhando 2	

Porque a mulher trabalha sempre/não pára nunca e deveria ter um tempo para si 3	Porque a mulher trabalha sempre/não pára nunca e deveria ter um tempo para si 1	momento em que o dinheiro da mulher é para as despesas da casa, o marido também tem que participar/ajudar no trabalho doméstico 30
Porque, se os dois trabalham fora e chegam cansados, os dois têm que se ajudar 5	Porque, se os dois trabalham fora e chegam cansados, os dois têm que se ajudar 4	Quem deveria trabalhar fora é o homem, e não a mulher 1
Porque há muitos e muitos casos em que a mulher chega em casa e não tem o direito de descansar 6	Porque há muitos e muitos casos em que a mulher chega em casa e não tem o direito de descansar 4	Porque a mulher não consegue nem usufruir a vida, passa só trabalhando/ porque a mulher trabalha sempre/não pára nunca e deveria ter um tempo para si 6
Porque, quando o homem chega em casa, só descansa, enquanto a mulher chega e continua trabalhando 4	Porque, quando o homem chega em casa, só descansa, enquanto a mulher chega e continua trabalhando 3	Porque há muitos e muitos casos em que a mulher chega em casa e não tem o direito de descansar/porque, quando o homem chega em casa, só descansa, enquanto a mulher chega e continua trabalhando 17
Porque no momento em que o dinheiro da mulher é para as despesas da casa, o marido também tem que participar/ajudar no trabalho doméstico 1	Porque no momento em que o dinheiro da mulher é para as despesas da casa, o marido também tem que participar/ajudar no trabalho doméstico 2	Porque a mulher trabalha dobrado, em casa e na rua 6
Porque a mulher trabalha dobrado, em casa e na rua 4	Porque a mulher trabalha dobrado, em casa e na rua 2	Porque a maioria das mulheres trabalha fora porque precisa/porque é necessário 4
Porque a maioria das mulheres trabalha fora porque precisa/porque é necessário 4	Porque a maioria das mulheres trabalha fora porque precisa/porque é necessário 1	Porque a maioria das mulheres trabalha fora porque precisa/porque é necessário 5
Porque não tem outro jeito: a gente trabalha fora porque precisa e tem que trabalhar em casa, senão ninguém faz a lida 2		Porque não tem outro jeito: a gente trabalha fora porque precisa e tem que trabalhar em casa, senão ninguém faz a lida 2
Subtotal 40	Subtotal 27	Subtotal 67

- Justifica tua resposta - "a mulher não cumpre dupla jornada de trabalho":

Zona rural	Zona urbana	Total
-	A mulher trabalha fora porque quer, então não tem do que se queixar 1 Eu trabalho porque quero e em casa não faço coisa alguma 1	A mulher trabalha fora porque quer, então não tem do que se queixar 1 Eu trabalho porque quero e em casa não faço coisa alguma 1
Subtotal -	Subtotal 2	Subtotal 2

57. Ter de ficar longe dos filhos ou do marido para estudar ou trabalhar te provoca algum tipo de remorso ou desconforto?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	18	Sim	7	Sim	25
Não	11	Não	15	Não	26
Não respondeu	2	Não respondeu	1	Não respondeu	3
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta - "sim":

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque meu marido está sempre dizendo que eu atendo mal a casa e os filhos	2	Porque meu marido está sempre dizendo que eu atendo mal a casa e os filhos	1	Porque meu marido está sempre dizendo que eu atendo mal a casa e os filhos	3
Porque eu me pergunto se realmente vale a pena estudar e trabalhar e não acompanhar mais os filhos	1	Porque eu me pergunto se realmente vale a pena estudar e trabalhar e não acompanhar mais os filhos	1	Porque eu me pergunto se realmente vale a pena estudar e trabalhar e não acompanhar mais os filhos/porque estou perdendo de acompanhar a infância deles/por não poder dar às crianças a atenção necessária	11
Porque estou perdendo de acompanhar a infância deles	3	Porque estou perdendo de acompanhar a infância deles	2	Sim, mas eu sei que é para o bem-estar deles	8
Por não poder dar às crianças a atenção necessária	4	Sim, mas eu sei que é para o bem-estar deles	3	Porque eu fico com saudade deles	3
Sim, mas eu sei que é para o bem-estar deles	5				
Porque eu fico com saudade deles	3				
Subtotal	18	Subtotal	7	Subtotal	25

- Justifica tua resposta - "não":

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque eu sei que vai reverter em benefício deles/vai ser para o bem deles	11	Porque eu sei que vai reverter em benefício deles/vai ser para o bem deles	15	Porque eu sei que vai reverter em benefício deles/vai ser para o bem deles	26
Zona rural		Zona urbana		Total	
Subtotal	11	Subtotal	15	Subtotal	26

- Obs.: as alunas que não responderam, também não justificaram.

58. Quando estavas grávida do teu primeiro filho, teu marido queria que fosse menino ou menina?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Menino	23	Menino	10	Menino	33

Menina	1	Menina	2	Menina	3
Era indiferente quanto ao sexo do bebê	7	Era indiferente quanto ao sexo do bebê	11	Era indiferente quanto ao sexo do bebê	18
Total	31	Total	23	Total	54

- Algumas alunas complementaram a resposta, conforme segue:

Zona rural	Zona urbana	Total
Até hoje ele não se conforma porque só temos uma menina	Dizia que não tinha preferência, que era indiferente quanto ao sexo do bebê, mas sempre agia e falava no bebê como menino (guri)	Até hoje ele não se conforma porque só temos uma menina
1		1
Tocou na minha barriga uma única vez		Tocou na minha barriga uma única vez
1	6	1
Dizia que não tinha preferência, que era indiferente quanto ao sexo do bebê, mas sempre agia e falava no bebê como menino (guri)		Dizia que não tinha preferência, que era indiferente quanto ao sexo do bebê, mas sempre agia e falava no bebê como menino (guri)
5		11
Subtotal	Subtotal	Subtotal
7	6	13

59. Os comentários que teu marido fez quando nasceram os filhos e as filhas foram os mesmos ou não?

Zona rural	Zona urbana	Total
Foram os mesmos	Foram os mesmos	Foram os mesmos
6	4	10
Foram diferentes	Foram diferentes	Foram diferentes
23	18	41
Não houve comentários	Não houve comentários	Não houve comentários
1	1	2
Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
1	-	1
Total	Total	Total
31	23	54

- Caso os comentários tenham sido diferentes, quais foram?

Zona rural	Zona urbana	Total
"Filho de tigre sai listrado: vai ser 'comedor' que nem eu"	"Que baita macho!"	"Filho de tigre sai listrado: vai ser 'comedor' que nem eu" / "Vou ter companheiro de farra!"
1	2	2
Quando o menino nasceu, ficou muito feliz, só ria.	"É feio mas é macho!"	
	3	
Quando a menina nasceu, ficou emburrado e nem me dava bola. Parece que a culpa era minha	"Esse vai ter o meu nome!"	
1	1	
"Esse é macho: é a cara do pai!"		
2		
"Que baita macho!"		
3		
"Minha filha é bonita porque eu fiz bem"	"Esse não vai deixar terminar a família" (por causa do sobrenome)	Quando o menino nasceu, ficou muito feliz, só ria.
	2	Quando a menina nasceu, ficou emburrado e nem me dava bola. Parece que a culpa era minha
		1
	Ficou muito orgulhoso e disse que era parecido com ele	"Esse é macho: é a cara do pai!" / "Que baita macho!"
	2	7
	Tínhamos dois filhos e quando veio a menina ele ficou muito feliz. Mas o primeiro filho ele queria	"Minha filha é bonita porque eu fiz bem"

caprichada, mas o guri é a minha cara!"	1	menino. Aí, disse: agora já pode vir a guria.	1	caprichada, mas o guri é a minha cara!"/"É feio mas é macho!"	8
"É feio mas é macho!"	4	Ficou furioso quando nasceu outra menina	4	"Esse vai ter o meu nome!"	3
"Vou ter companheiro de farra!"	1	Só tenho meninas. Ele ficou furioso. Só dizia assim:		"Esse não vai deixar terminar a família" (por causa do sobrenome)	3
"Esse vai ter o meu nome!"	2	"não acredito que é outra mulher!"	1	Ficou muito orgulhoso e disse que era parecido com ele	4
"Esse não vai deixar terminar a família" (por causa do sobrenome)	1	Não informou quais haviam sido os comentários	2	Tínhamos dois filhos e quando veio a menina ele ficou muito feliz. Mas o primeiro filho ele queria menino. Aí, disse: agora já pode vir a guria.	1
Ficou muito orgulhoso e disse que era parecido com ele	2			Ficou furioso quando nasceu a segunda menina: saiu de casa e desapareceu por uns quantos dias	1
Ficou furioso quando nasceu a segunda menina: saiu de casa e desapareceu por uns quantos dias	1			Ficou furioso quando nasceu outra menina	2
Ficou furioso quando nasceu outra menina	2			Só tenho meninas. Ele ficou furioso. Só dizia assim: "não acredito que é outra mulher!"	2
Só tenho meninas. Ele ficou furioso. Só dizia assim: "não acredito que é outra mulher!"	2			Ele ficou furioso. Só dizia assim: "não acredito que é outra mulher!"	10
				Não informou quais haviam sido os comentários	2
Subtotal	23	Subtotal	18	Subtotal	41

- Obs.: a aluna da zona rural que respondeu "não houve comentários" colocou no verso da folha: "nunca falou ou fez comentários no nascimento dos filhos".

60. Caso tu e teu marido trabalhem fora o mesmo número de horas, o que cada um costuma fazer quando termina o horário de trabalho e chega em casa? Descreve ou explica.

Zona rural	Zona urbana	Total			
Quem chega primeiro vai adiantando as tarefas	1	Quem chega primeiro vai adiantando as tarefas	3	Quem chega primeiro vai adiantando as tarefas/	
Descansamos um pouco, conversamos e vamos os dois fazer as tarefas juntos	2	Descansamos um pouco, conversamos e vamos os dois fazer as tarefas juntos	3	Descansamos um pouco, conversamos e vamos os dois fazer as tarefas juntos/	
Faço a comida e a lida para o outro dia e ele fica "descansando"	4	Meu marido me espera com o chimarrão pronto, tomamos mate e depois ele me ajuda	1	Meu marido me espera com o chimarrão pronto, tomamos mate e depois ele me ajuda	10
Adianto a comida, cuido da limpeza e da roupa e ele fica na frente da TV	11	Faço a comida e a lida para o outro dia e ele fica "descansando"	1	Faço a comida e a lida para o outro dia e ele fica "descansando"/eu trabalho e ele descansa, diz que não gosta de novela, mas assiste	
Faço o mate para ele e, enquanto ele "descansa", vou fazer a lida e preparar		Adianto a comida, cuido da limpeza e da roupa e ele			

aula Descanso um pouco e depois vou trabalhar (lida de casa, roupa, comida para o outro dia), enquanto ele vê TV/conversa com os amigos/vai para o bar/vai dormir Eu trabalho e ele descansa, diz que não gosta de novela, mas assiste todas  Eu trabalho e ele fica tomando mate. Depois, grita: "mulher, tá pronta a bóia?"	2  9 1  1	fica na frente da TV Faço o mate para ele e, enquanto ele "descansa", vou fazer a lida e preparar aula Descanso um pouco e depois vou trabalhar (lida de casa, roupa, comida para o outro dia), enquanto ele vê TV/conversa com os amigos/vai para o bar/vai dormir  Quando era meu noivo e eu estava na casa dos meus pais, ele até me ajudava. Mas, depois que casou, nunca mais Meu marido trabalha toda a semana fora. Nos sábados e domingos, não faz nada. Eu trabalho para adiantar as coisas, e ele só quer dormir e ver TV	3 1 1 9 1 1	todas/eu trabalho e ele fica tomando mate. Depois, grita: "mulher, tá pronta a bóia?" Adianto a comida, cuido da limpeza e da roupa e ele fica na frente da TV/ descanso um pouco e depois vou trabalhar (lida de casa, roupa, comida para o outro dia), enquanto ele vê TV/conversa com os amigos/vai para o bar/vai dormir/meu marido trabalha toda a semana fora. Nos sábados e domingos, não faz nada. Eu trabalho para adiantar as coisas, e ele só quer dormir e ver TV Faço o mate para ele e, enquanto ele "descansa", vou fazer a lida e preparar aula Quando era meu noivo e eu estava na casa dos meus pais, ele até me ajudava. Mas, depois que casou, nunca mais	7  33 3 1
Total	31	Total	23	Total	

61. Pergunta para quem não reside na cidade de Bagé: quando retornas para casa nos finais de semana, teu marido adiantou as tarefas domésticas ou estas ficaram acumuladas esperando que chegasses para fazer?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	2	Sim	1	Sim	3
Não	25	Não	5	Não	30
Algumas vezes	4	Algumas vezes	2	Algumas vezes	6
		Não responderam	15	Não responderam	15
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta - "sim" (obs.: as alunas que não responderam não apresentaram justificativa):

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque reconhece meu esforço	1	Não justificou	1	Porque reconhece meu esforço	1
Não justificou	1			Não justificou	1

Subtotal	2	Subtotal	1	Subtotal	3
----------	---	----------	---	----------	---

- Justifica tua resposta - "não" e "algumas vezes" (agrupadas por aproximação):

Zona rural		Zona urbana		Total	
Porque quer ver se eu desisto de estudar	3	Não justificaram	7	Porque quer ver se eu desisto de estudar	3
Porque é egoísta	2			Porque é egoísta	2
Ele só ajuda a cuidar dos filhos	3			Ele só ajuda a cuidar dos filhos	3
Porque ele tem mania de machão	3			Porque ele tem mania de machão	3
Porque ele é preguiçoso	2			Porque ele é preguiçoso	2
Porque diz que não tem tempo	2			Porque diz que não tem tempo	2
Porque ele alega que não foi criado para fazer tarefas domésticas	3			Porque ele alega que não foi criado para fazer tarefas domésticas	3
Porque aí ele não ia ter do que reclamar	7			Porque aí ele não ia ter do que reclamar	7
Porque trabalho doméstico é para mulher	2			Porque trabalho doméstico é para mulher	2
Porque ele só ajuda se eu estiver dando em cima	2			Porque ele só ajuda se eu estiver dando em cima	2
Subtotal - "não" e "algumas vezes"	29	Subtotal - "não" e "algumas vezes"	7	Subtotal - "não" e "algumas vezes"	36

62. Tens empregada doméstica?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	2	Sim	7	Sim	9
Não	29	Não	14	Não	43
Só faxineira	-	Só faxineira	2	Só faxineira	2
Total	31	Total	23	Total	54

63. Em casa, quem faz:

Tarefa	Zona rural		Zona urbana		Total	
a) Cozinhar	A empregada	2	A empregada	3	A empregada	5
	Eu (mulher)	25	Eu (mulher)	12	Eu (mulher)	37
	Meu marido	-	Meu marido	-	Meu marido	-
	Ambos	4	Ambos	8	Ambos	12
b) Lavar roupa	A empregada	2	A empregada	2	A empregada	4
	Eu (mulher)	26	Eu (mulher)	16	Eu (mulher)	42
	Meu marido	-	Meu marido	-	Meu marido	-
	Ambos	3	Ambos	5	Ambos	8
			(complementaram: ' a máquina é que lava' )	(sendo que 5 complementaram: ' a máquina é que lava' )		
	A empregada	2	A empregada	4	A empregada	6

c) Limpar a casa	Eu (mulher) 24 Meu marido - Ambos 5	Eu (mulher) 12 Meu marido - Ambos 7	Eu (mulher) 36 Meu marido - Ambos 12
d) Cuidar dos filhos	A empregada - Eu (mulher) 13 Meu marido - Ambos 17 Complementaram: a empregada e eu 1	A empregada 1 Eu (mulher) 7 Meu marido 1 Ambos 11 Complementaram: a empregada e eu 3	A empregada 1 Eu (mulher) 20 Meu marido 1 Ambos 28 Complementaram: a empregada e eu 4
e) Passar a roupa	A empregada 1 Eu (mulher) 29 Meu marido - Ambos - Complementaram: a empregada e eu 1	A empregada 5 Eu (mulher) 11 Meu marido - Ambos 3 Complementaram: a empregada e eu 4	A empregada 6 Eu (mulher) 40 Meu marido - Ambos 3 Complementaram: a empregada e eu 5
f) Guardar as coisas no lugar	A empregada - Eu (mulher) 27 Meu marido - Ambos 2 Complementaram: a empregada e eu 2	A empregada 3 Eu (mulher) 13 Meu marido - Ambos 5 Complementaram: a empregada e eu 2	A empregada 3 Eu (mulher) 40 Meu marido - Ambos 7 Complementaram: a empregada e eu 4
g) Lavar os vidros/janelas	A empregada 2 Eu (mulher) 29 Meu marido - Ambos -	A empregada 5 Eu (mulher) 14 Meu marido 1 Ambos 3	A empregada 7 Eu (mulher) 43 Meu marido 1 Ambos 3
h) As compras no mercado	A empregada - Eu (mulher) 15 Meu marido 1 Ambos 15	A empregada - Eu (mulher) 5 Meu marido 3 Ambos 15	A empregada - Eu (mulher) 20 Meu marido 4 Ambos 30
i) Limpar o banheiro	A empregada 2 Eu (mulher) 27 Meu marido - Ambos 2	A empregada 4 Eu (mulher) 12 Meu marido 1 Ambos 4	A empregada 6 Eu (mulher) 39 Meu marido 1 Ambos 6
	Zona rural	Zona urbana	Total
(Limpar o banheiro – continuação)	Complementaram: a empregada e eu -	Complementaram: a empregada e eu 2	Complementaram: a empregada e eu 2
e) Conversar com os filhos quando eles fazem algo errado	A empregada - Eu (mulher) 11 Meu marido - Ambos 20	A empregada - Eu (mulher) 5 Meu marido - Ambos 18	A empregada - Eu (mulher) 16 Meu marido - Ambos 38
	Total (para cada item) 31	Total (para cada item) 23	Total (para cada item) 54

64. Quem tem mais tempo de folga (para descansar), ou quem consegue descansar mais tempo?

Zona rural	Zona urbana	Total
A mulher -	A mulher -	A mulher -
O homem 30	O homem 19	O homem 49
Ambos 1	Ambos 4	Ambos 5
Total 31	Total 23	Total 54

- Justifica tua resposta - "o homem" (algumas alunas colocaram mais de uma justificativa):

Zona rural	Zona urbana	Total
O homem, porque até nos domingos (que ele não trabalha, só descansa) eu tenho que fazer tudo 2	O homem, porque até nos domingos (que ele não trabalha, só descansa) eu tenho que fazer tudo 1	O homem, porque até nos domingos (que ele não trabalha, só descansa) eu tenho que fazer tudo 3
Porque eu trabalho muito mais do que ele 5	Porque eu trabalho muito mais do que ele 2	Porque eu trabalho muito mais do que ele/porque eu trabalho fora o mesmo horário que ele e depois venho trabalhar em casa enquanto ele descansa ou vê TV 7
Porque eu trabalho fora o mesmo horário que ele e depois venho trabalhar em casa enquanto ele descansa ou vê TV 7	Porque eu trabalho fora o mesmo horário que ele e depois venho trabalhar em casa enquanto ele descansa ou vê TV 2	Porque eu trabalho fora o mesmo horário que ele e depois venho trabalhar em casa enquanto ele descansa ou vê TV/porque, para ele, sobra tempo para descansar e eu não paro nunca 26
Porque a maioria das coisas sou eu que faço 3	Porque a maioria das coisas sou eu que faço 2	Porque a maioria das coisas sou eu que faço/porque ele só me ajuda de vez em quando 10
Porque ele só me ajuda de vez em quando 2	Porque ele só me ajuda de vez em quando 3	Porque <i>eu acredito que a mulher é que tem obrigação com as tarefas domésticas</i> 1
Porque <i>eu acredito que a mulher é que tem obrigação com as tarefas domésticas</i> 1	Porque ele não faz coisa alguma em casa e ainda quer tudo nas mãos 3	Porque <i>eu acredito que a mulher é que tem obrigação com as tarefas domésticas</i> 1
Porque ele não faz coisa alguma em casa e ainda quer tudo nas mãos 10	Porque ele sempre fica esperando que eu faça as coisas em casa 1	Porque ele não faz coisa alguma em casa e ainda quer tudo nas mãos/porque ele sempre fica esperando que eu faça as coisas em
Porque ele sempre fica esperando que eu faça as coisas em casa 2	Porque, quando ele chega em casa, tudo já está pronto, porque, se eu vou esperar por ele, fica tudo por fazer 1	Porque ele sempre fica esperando que eu faça as coisas em
Porque eu trabalho um monte e ele, para me ajudar, só abaixo de briga 4	Porque ele é muito folgado. Só ajuda a cuidar da filha 1	Porque eu trabalho um monte e ele, para me ajudar, só abaixo de briga 4
Porque eu ajudo nas despesas, mas ele não ajuda no trabalho da casa 5	Porque eu ajudo nas despesas, mas ele não ajuda no trabalho da casa 3	Porque eu trabalho um monte e ele, para me ajudar, só abaixo de briga 4
Porque, para ele, sobra tempo para descansar e eu não paro nunca 6	Porque, para ele, sobra tempo para descansar e eu não paro nunca 4	Porque eu trabalho um monte e ele, para me ajudar, só abaixo de briga 4
		Porque ele é muito folgado. Só ajuda a cuidar da filha 1
		Porque eu ajudo nas despesas, mas ele não ajuda

		no trabalho da casa	8
Subtotal	47	Subtotal	23
		Subtotal	70

- Justifica tua resposta - "ambos":

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque meu marido me ajuda em casa	Porque meu marido me ajuda em casa	Porque meu marido me ajuda em casa
1	3	4
	Porque, quando eu chego, já está tudo pronto e ele não me deixa fazer coisa alguma - ele faz tudo para mim	Porque, quando eu chego, já está tudo pronto e ele não me deixa fazer coisa alguma - ele faz tudo para mim
	1	1
Subtotal	Subtotal	Subtotal
1	4	5

65. Conheces pais que educam os filhos e as filhas com a mesma liberdade, ou os filhos de um modo e as filhas de outro?

Zona rural	Zona urbana	Total
Os pais educam os filhos e as filhas de modo diferente	Os pais educam os filhos e as filhas de modo diferente	Os pais educam os filhos e as filhas de modo diferente
31	23	54
Total	Total	Total
31	23	54

- Justifica tua resposta:

Zona rural	Zona urbana	Total
Os filhos para serem machos, e as filhas, para serem "apenas mulher"	Os filhos são para o mundo, e as filhas, para dentro de casa	Os filhos para serem machos, e as filhas, para serem "apenas mulher"
5	3	5
Os filhos são para o mundo, e as filhas, para dentro de casa	Porque nossa região é machista e o homem tem mais direitos	Os filhos são para o mundo, e as filhas, para dentro de casa
2	1	5
Porque nossa região é machista e o homem tem mais direitos	Os meninos sempre têm mais liberdade do que as meninas	Porque nossa região é machista e o homem tem mais direitos
3	6	4
Os meninos sempre têm mais liberdade do que as meninas	As meninas são mais presas	Os meninos sempre têm mais liberdade do que as meninas/as meninas são mais presas/os meninos podem tudo e as meninas, nada
	4	35
Zona rural	Zona urbana	Total
meninas	As meninas ajudam em casa	meninas/as meninas são mais presas/os meninos podem tudo e as meninas, nada
5	3	5
As meninas são mais presas	Os meninos podem tudo e as meninas, nada	As meninas ajudam em casa
4	6	5
As meninas ajudam em casa		
2		
Os meninos podem tudo e as meninas, nada		
10		
Total	Total	Total
31	23	54

65. Porque os homens não choram? Justifica tua resposta (algumas alunas apresentaram mais de uma justificativa).

Zona rural		Zona urbana		Total	
Alguns cresceram ouvindo isso	7	Alguns cresceram ouvindo isso	3	Alguns cresceram ouvindo isso/porque foram educados e ensinados para não chorar 12 Só choram quando ninguém vê/acho que eles choram, quando estão sozinhos 3 Porque são machistas 7 De orgulhosos 7 Eles choram de raiva 1 Porque eles são menos sensíveis 1 Porque acham que, se chorarem, poderão ser considerados fracos 7 Porque foram educados e ensinados para não chorar 1 Porque acham que os homens não devem demonstrar seus sentimentos 1 Porque, para o gaúcho, é sinal de fraqueza 12 Porque os homens devem ser fortes, e as meninas, protegidas 3	
Porque são machistas	5	Só choram quando ninguém vê	2		
De orgulhosos	4	Porque são machistas	2		
Porque eles são menos sensíveis	1	De orgulhosos	3		
Porque acham que, se chorarem, poderão ser considerados fracos	5	Eles choram de raiva	1		
		Acho que eles choram, quando estão sozinhos	1		
Porque foram educados e ensinados para não chorar	1	Porque acham que, se chorarem, poderão ser considerados fracos	2		
Porque acham que os homens não devem demonstrar seus sentimentos	1	Porque foram educados e ensinados para não chorar	1		
Porque, para o gaúcho, é sinal de fraqueza	12	Eu conheço um homem que chora, e não é menos homem por isso	1		
Porque os homens devem ser fortes, e as meninas, protegidas	3	Porque, para o gaúcho, é sinal de fraqueza	3		
		Não responderam	4		
Total	39	Total	23		Total

67. Já ouviste dizer que "lugar de mulher é na cozinha"?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Freqüentemente	31	Freqüentemente	23	Freqüentemente	54
Raramente	-	Raramente	-	Raramente	-
Nunca ouvi	-	Nunca ouvi	-	Nunca ouvi	-
Total	31	Total	23	Total	54

68. Já ouviste afirmações como estas ditas por teu marido, pai ou amigos:

Afirmação	Zona rural		Zona urbana		Total	
"Posso fazer isto porque sou homem"	Sim	28	Sim	19	Sim	47
	Não	3	Não	4	Não	7
"Quem manda aqui sou eu"	Sim	28	Sim	19	Sim	47
	Não	3	Não	4	Não	7
"O dono da casa sou eu"	Sim	26	Sim	17	Sim	43
	Não	5	Não	6	Não	11

	Total (para cada afirmação) 31	Total (para cada afirmação) 23	Total (para cada afirmação) 54
--	--------------------------------	--------------------------------	--------------------------------

69. Tu conheces mulheres que têm medo do marido por suas atitudes violentas, físicas ou verbais?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	29	Sim	19	Sim	48
Não	2	Não	4	Não	6
Total	31	Total	23	Total	54

- Algumas alunas complementaram as respostas, conforme segue:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim, e muitas	5	Sim, e muitas	3	Sim, e muitas	8
Sim, eu sou uma delas	5	Sim, eu sou uma delas	3	Sim, eu sou uma delas	8
Sim, eu venho fazer a faculdade aqui, mas sempre quando volto estou com medo, não sei como meu marido vai me receber em casa	1	Sim, eu faço faculdade e tudo, mas tenho medo das atitudes/reações do meu marido	2	Sim, eu venho fazer a faculdade aqui, mas sempre quando volto estou com medo, não sei como meu marido vai me receber em casa/sim, eu faço faculdade e tudo, mas tenho medo das atitudes/reações do meu marido	4
Sim, eu faço faculdade e tudo, mas tenho medo das atitudes/reações do meu marido	1	Sim, porque eles é que detém o poder econômico, e "manda quem pode e obedece quem precisa"	1	Sim, porque eles é que detém o poder econômico, e "manda quem pode e obedece quem precisa"/sim, porque dependem deles financeiramente e eles são "prevalecidos"	3
Sim, porque dependem deles financeiramente e eles são "prevalecidos"	1	Sim, porque a casa onde moram é deles	1	Sim, porque eles é que detém o poder econômico, e "manda quem pode e obedece quem precisa"/sim, porque dependem deles financeiramente e eles são "prevalecidos"/sim, porque a casa onde moram é deles	3
Subtotal	13	Subtotal	10	Subtotal	23

70. Tu achas que a mulher que se separa do marido ainda é discriminada?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	30	Sim	18	Sim	48
Não	1	Não	5	Não	6
Total	31	Total	23	Total	54

- Algumas alunas complementaram sua resposta, conforme segue:

Zona rural		Zona urbana		Total	
A mulher é vista sempre como vagabunda	2	Eu sofri com isto	1	Eu sofri com isto	1
A mulher é sempre		A mulher é vista sempre como vagabunda	1	A mulher é vista sempre como vagabunda	3

considerada a culpada	3	A mulher é sempre considerada a culpada	3	A mulher é sempre considerada a culpada	6
Sim, isto acontece muito	2	Sim, até ela é motivo de "piadinhas"	4	Sim, isto acontece muito	2
Sim, até ela é motivo de "piadinhas"	3			Sim, até ela é motivo de "piadinhas"	7
Sim, "pensam sempre" que é o homem que deixou ela, e, se deixou, é porque ela não presta	1			Sim, "pensam sempre" que é o homem que deixou ela, e, se deixou, é porque ela não presta	1
Subtotal	11	Subtotal	9	Subtotal	20

71. Tu já ouviste algum homem dizer que "mulher não tem que se meter em meus negócios"?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Freqüentemente	25	Freqüentemente	11	Freqüentemente	36
Raramente	5	Raramente	4	Raramente	9
Não	1	Não	5	Não	6
Não respondeu	-	Não respondeu	3	Não respondeu	3
Total	31	Total	23	Total	54

72. Quem normalmente é considerado o responsável pelo sustento da família?

Zona rural		Zona urbana		Total	
O homem	28	O homem	17	O homem	45
A mulher	-	A mulher	-	A mulher	-
Ambos	3	Ambos	6	Ambos	9
Total	31	Total	23	Total	54

73. Teu marido te explica o que faz com o dinheiro dele?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	5	Sim	5	Sim	10
Não	23	Não	7	Não	30
Às vezes	3	Às vezes	10	Às vezes	13
Não respondeu	-	Não respondeu	1	Não respondeu	1
Total	31	Total	23	Total	54

74. Quando vais ao restaurante ou lancheria, quem normalmente paga as despesas?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Eu	3	Eu	5	Eu	8
Quem convida	-	Quem convida	2	Quem convida	2
Depende de quem estiver com dinheiro	3	Depende de quem estiver com dinheiro	6	Depende de quem estiver com dinheiro	9
Ele	25	Ele	7	Ele	32
Ambos (repartem a conta)	-	Ambos (repartem a conta)	3	Ambos (repartem a conta)	3
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta:

Zona rural	Zona urbana	Total
O marido, porque é para isso que ele é o chefe da família 3	A minha despesa eu pago 2	O marido, porque é para isso que ele é o chefe da família 3
Já que ele se acha o tal, ele que pague 2	Já que ele se acha o tal, ele que pague 1	A minha despesa eu pago 2
Normalmente é ele 1	Normalmente é ele 1	Já que ele se acha o tal, ele que pague 3
Ele não aceita que a mulher pague 2	Eu dou o dinheiro para ele e ele "faz que paga" 5	Normalmente é ele 2
Porque não teria graça a mulher sair com ele e ainda ter que pagar 3	"Capaz que eu vá gastar o meu!" 1	Eu dou o dinheiro para ele e ele "faz que paga" 5
Ele, porque tem a visão de ser o chefe e, por isso, o responsável 2	Não justificaram 13	Ele não aceita que a mulher pague 2
Ele, porque quer bancar o chefe da família/o dono do dinheiro 3		Porque não teria graça a mulher sair com ele e ainda ter que pagar 3
Porque o certo é o homem pagar 5		Ele, porque tem a visão de ser o chefe e, por isso, o responsável 2
Não justificaram 10		"Capaz que eu vá gastar o meu!" 1
		Ele, porque quer bancar o chefe da família/o dono do dinheiro 3
		Porque o certo é o homem pagar 5
		Não justificaram 23
Total 31	Total 23	Total 54

75. Os homens se preocupam com a satisfação sexual da mulher?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sempre 1	Sempre 4	Sempre 5
Às vezes 10	Às vezes 9	Às vezes 19
Raramente 20	Raramente 10	Raramente 30
Total 31	Total 23	Total 54

76. Quando eras criança, a autoridade maior em casa era a do pai ou a da mãe?

Zona rural	Zona urbana	Total
Do pai 26	Do pai 18	Do pai 44
Da mãe 2	Da mãe 2	Da mãe 4
De ambos 3	De ambos 3	De ambos 6
Total 31	Total 23	Total 54

- Justifica tua resposta - "do pai":

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque meu pai era muito violento 3	Porque meu pai era muito violento 2	Porque meu pai era muito violento/porque minha mãe tinha medo do meu pai 15
Porque só ele trabalhava e, como ele sustentava a casa, dizia que era ele quem mandava 4	Porque só ele trabalhava e, como ele sustentava a casa, dizia que era ele quem mandava 2	Porque só ele trabalhava e, como ele sustentava a casa, dizia que era ele quem mandava/o problema era o fator econômico: ele sustentava a casa, então quem mandava era ele 11
Porque minha mãe tinha medo do meu pai 6	Porque minha mãe tinha medo do meu pai 4	Porque o pai era o chefe da família 7
Porque o pai era o chefe da família 4	Porque o pai era o chefe da família 3	A mãe sempre deixou claro que quem mandava era o pai 2
A mãe sempre deixou claro que quem mandava era o pai 2	O problema era o fator econômico: ele sustentava a casa, então quem mandava era ele 3	Porque ele era homem e minha mãe achava que o homem pode tudo 2
Porque ele era homem e minha mãe achava que o homem pode tudo 2	A mãe se submetia a tudo o que meu pai queria 2	A mãe sempre deixou claro que quem mandava era o pai 2
O problema era o fator econômico: ele sustentava a casa, então quem mandava era ele 2	Porque não tinha outra alternativa 2	Porque ele era homem e minha mãe achava que o homem pode tudo 2
A mãe se submetia a tudo o que meu pai queria 1		A mãe se submetia a tudo o que meu pai queria 3
Porque não tinha outra alternativa 2		Porque não tinha outra alternativa 4
Subtotal 26	Total 18	Total 44

- Justifica tua resposta - "da mãe":

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque ela era viúva 2	Porque ela era viúva 1	Porque ela era viúva 3
Porque meu pai era muito calmo -	Porque meu pai era muito calmo 1	Porque meu pai era muito calmo 1
Subtotal 2	Subtotal 2	Subtotal 4

- Justifica tua resposta - "de ambos":

Zona rural	Zona urbana	Total
Ambos queriam mandar e, por isso, viviam sempre brigando 2	Minha mãe era muito calma e tinha paciência com meu pai. Aí, acabava conseguindo alguma coisa 2	Ambos queriam mandar e, por isso, viviam sempre brigando 2
Minha mãe era muito calma e tinha paciência com meu pai. Aí, acabava conseguindo alguma coisa 1	Não justificou 1	Minha mãe era muito calma e tinha paciência com meu pai. Aí, acabava conseguindo alguma coisa 3
Subtotal 3	Subtotal 3	Não justificou 1
		Subtotal 6

77. Alguma vez teu pai ou tua mãe te disseram que mulher tem de ser "dócil", "delicada", "obediente", "feminina"?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	27	Sim	16	Sim	43
Não	4	Não	7	Não	11
Total	31	Total	23	Total	54

- Algumas alunas complementaram a resposta, conforme segue:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim, e muitas vezes	5	Sim, e muitas vezes	3	Sim, e muitas vezes	8
Sim, porque só assim é que se conquista um homem e se arranja casamento	3	Sim, porque só assim é que se conquista um homem e se arranja casamento	2	Sim, porque só assim é que se conquista um homem e se arranja casamento	5
Sim, porque mulher é diferente de homem	4	Sim, porque mulher é diferente de homem	3	Sim, porque mulher é diferente de homem	7
Sim, a mulher tem que ser obediente e humilde, porque "primeiro agente obedece ao pai, e depois, ao marido"	2			Sim, a mulher tem que ser obediente e humilde, porque "primeiro agente obedece ao pai, e depois, ao marido"	2
Sim, a mulher tem que aprender a obedecer e não retrucar/ser obediente, porque tem de obedecer ao marido depois de casar	3			Sim, a mulher tem que aprender a obedecer e não retrucar/ser obediente, porque tem de obedecer ao marido depois de casar	3
Não, eu fui criada fazendo o serviço de homem, no campo, e não aprendi nem a cozinhar	1			Não, eu fui criada fazendo o serviço de homem, no campo, e não aprendi nem a cozinhar	1
Zona rural		Zona urbana		Total	
Subtotal	18	Subtotal	8	Subtotal	26

78. Tu achas que a mulher deve tirar um tempo só para ela (lazer, passeios, descanso), uma vez que trabalha e estuda e o tempo disponível é pouco para ser dedicado à família?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	30	Sim	23	Sim	53
Não	1	Não	-	Não	1
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta - "sim":

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim, a mulher está sempre trabalhando, mas o homem não reconhece e, se ela fala em descansar, ele fica		Sim, a mulher está sempre trabalhando, mas o homem não reconhece e, se ela fala em descansar, ele fica		Sim, a mulher está sempre trabalhando, mas o homem não reconhece e, se ela fala em descansar, ele fica	

brabo 3	brabo 2	brabo/sim, mas o marido
Porque a mulher trabalha em casa e fora. Precisa de um tempo só para si 2	Porque a mulher trabalha em casa e fora. Precisa de um tempo só para si 1	acha que a mulher não se cansa, e, se ela pensa em descansar, ele fica chateado/brigando 9
Porque a mulher tem de cuidar de si própria - só que na realidade isto não acontece 4	Porque a mulher tem de cuidar de si própria - só que na realidade isto não acontece 1	Porque a mulher trabalha em casa e fora. Precisa de um tempo só para si 3
Porque a mulher não pode nem deve ser sempre anulada. Ela se estressa e aí não faz nada certo. Só que a gente nunca tira esse tempo 9	Porque a mulher não pode nem deve ser sempre anulada. Ela se estressa e aí não faz nada certo. Só que a gente nunca tira esse tempo 4	Porque a mulher tem de cuidar de si própria - só que na realidade isto não acontece/sim, só que a maioria das mulheres não tem tempo nem de se olhar no espelho/sim, só que a grande maioria não tira/não faz isso/sim, mas a maioria não consegue nem sequer pensar, nem tirar 18
Sim, mas é muito difícil, porque a mulher sempre coloca a família em primeiro lugar 2	Sim, mas é muito difícil, porque a mulher sempre coloca a família em primeiro lugar 4	Porque a mulher não pode nem deve ser sempre anulada. Ela se estressa e aí não faz nada certo. Só que a gente nunca tira esse tempo 13
Sim, só que a grande maioria não tira/não faz isso 2	Sim, só que a maioria das mulheres não tem tempo nem de se olhar no espelho 1	Sim, mas é muito difícil, porque a mulher sempre coloca a família em primeiro lugar 6
Sim, mas a maioria não consegue nem sequer pensar, nem tirar 4	Sim, só que a grande maioria não tira/não faz isso 3	
Sim, mas se a mulher tira, fica com remorso 3	Sim, mas a maioria não consegue nem sequer pensar, nem tirar 3	
Sim, mas o marido acha que a mulher não se cansa, e, se ela pensa em descansar, ele	Sim, mas o marido acha que	
<b>Zona rural</b>	<b>Zona urbana</b>	<b>Total</b>
fica chateado/brigando 1	a mulher não se cansa, e, se ela pensa em descansar, ele fica chateado/brigando 3	Sim, mas se a mulher tira, fica com remorso 3
	Sim, precisamos de um pouco de paz e de privacidade 1	Sim, precisamos de um pouco de paz e de privacidade 1
<b>Subtotal 30</b>	<b>Subtotal 23</b>	<b>Subtotal 53</b>

- Justifica tua resposta - "não":

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque a gente mal vê os filhos, e, aí, ficaria com remorso 1	-	Porque a gente mal vê os filhos, e, aí, ficaria com remorso 1
<b>Subtotal 1</b>	<b>Subtotal -</b>	<b>Subtotal 1</b>

79. Conheces mulheres a quem o marido agride fisicamente ou verbalmente?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	30	Sim	19	Sim	49
Não	1	Não	4	Não	5
Total	31	Total	23	Total	54

- Algumas alunas complementaram a resposta, conforme segue:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Conheço, sim, e muitas!	5	Conheço, sim, e muitas!	3	Conheço, sim, e muitas!	8
Sim, as agressões verbais e os gritos com a mulher são muito freqüentes, e a violência verbal é pior do que a física	4	Sim, as agressões verbais e os gritos com a mulher são muito freqüentes, e a violência verbal é pior do que a física	1	Sim, as agressões verbais e os gritos com a mulher são muito freqüentes, e a violência verbal é pior do que a física	5
Sim, e eu sou uma delas	6	Sim, e eu sou uma delas	4	Sim, e eu sou uma delas	10
Sim, o meu marido está sempre me agredindo verbalmente, zombando, "enticando" ou reclamando. Só não se animou ainda a me bater	1			Sim, o meu marido está sempre me agredindo verbalmente, zombando, "enticando" ou reclamando. Só não se animou ainda a me bater	1
Subtotal	16	Subtotal	8	Subtotal	24

80. Já ouviste alguém dizer que existem coisas que são próprias para homens e outras que são próprias para mulheres?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	31	Sim	23	Sim	54
Não	-	Não	-	Não	-
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Cargos de chefia: os homens acham que a eles é que cabe o comando/ mandar	3	Cargos de chefia: os homens acham que a eles é que cabe o comando/ mandar	2	Cargos de chefia: os homens acham que a eles é que cabe o comando/ mandar	5
Algumas profissões/ divertimentos: jogo de futebol/corrída de cavalos	3	Algumas profissões/ divertimentos: jogo de futebol/corrída de cavalos	3	Algumas profissões/ divertimentos: jogo de futebol/corrída de cavalos/ir beber no bar com os amigos	
Trabalhos pesados/que exigem força	2	Trabalhos pesados/que exigem força	2	é coisa para homem. A mulher ficaria falada/ caminhoneiro/mecânico/ pescaria/acampamento/	
Ir beber no bar com os amigos é coisa para homem. A mulher ficaria falada	4	Ir beber no bar com os amigos é coisa para homem. A mulher ficaria falada	1		

A mulher é para prendas domésticas, para o lar/tricô e bordado/ser professora	3	Fofoca é coisa de mulher	1	cigarro/cerveja/andar ou viajar sozinho: são coisas de homem	15
Liberdade sexual e orgasmo é para homem	4	Liberdade sexual e orgasmo é para homem	3	Trabalhos pesados/que exigem força	4
Na cama quem manda é o homem	2	Na cama quem manda é o homem	2	Fofoca é coisa de mulher	1
A mulher tem que dar satisfação de tudo o que faz e ainda pedir licença	2	A mulher tem que dar satisfação de tudo o que faz e ainda pedir licença	1	A mulher é para prendas domésticas, para o lar/tricô e bordado/ser professora/ plantar na horta, tirar leite, dar aula são coisas para mulher	7
Assar churrasco é coisa de homem	3	Caminhoneiro/mecânico/escaria/acampamento/ cigarro/cerveja/andar ou viajar sozinho: são coisas de homem	2	Liberdade sexual e orgasmo é para homem/na cama quem manda é o homem	11
Caminhoneiro/mecânico/ pescaria/acampamento/ cigarro/cerveja/andar ou viajar sozinho: são coisas de homem	2	Quando reclamo que meu marido não me dá carinho no dia-a-dia nem na cama, ele diz: "já vem tu com essas bobagens de mulher"	1	A mulher tem que dar satisfação de tudo o que faz e ainda pedir licença	3
Quando reclamo que meu marido não me dá carinho no dia-a-dia nem na cama, ele diz: "já vem tu com essas bobagens de mulher"	1	Plantar na horta, tirar leite, dar aula são coisas para mulher	3	Assar churrasco é coisa de homem	3
Meu marido diz que dar aula não é trabalho, porque é só conversa. Trabalho é o homem que faz	1	Contar piada pesada e dizer palavrão é coisa para macho	2	Quando reclamo que meu marido não me dá carinho no dia-a-dia nem na cama, ele diz: "já vem tu com essas bobagens de mulher"	2
Plantar na horta, tirar leite, dar aula são coisas para mulher	1			Meu marido diz que dar aula não é trabalho, porque é só conversa. Trabalho é o homem que faz	1
				Contar piada pesada e dizer palavrão é coisa para macho	2
Total	31	Total	23	Total	54

*Categoria: espaço público*

81. Além do Magistério, o que fazes no espaço público (podes marcar mais de uma alternativa):

Zona rural	Zona urbana	Total
Freqüentas clubes	8	12
Freqüentas igrejas	22	10
Freqüentas sindicatos	2	-
Freqüentas reuniões de partidos políticos	3	5
Passeias com as amigas	5	9
Passeias com o marido	25	15
Total	65	51

- Algumas alunas complementaram a resposta, da seguinte maneira:

Zona rural	Zona urbana	Total
E passeio só com o marido junto 7	E passeio só com o marido junto 4	E passeio só com o marido junto 11
Só trabalho e estudo. Quando passeio, o que é muito raro, é só com o marido 1		Só trabalho e estudo. Quando passeio, o que é muito raro, é só com o marido 1
Só freqüento Igreja - não passeio nem com o marido: é casa, Igreja, escola e estudo (Universidade). Ele me controla o tempo todo 1		Só freqüento Igreja - não passeio nem com o marido: é casa, Igreja, escola e estudo (Universidade). Ele me controla o tempo todo 1
Subtotal 9	Subtotal 4	Subtotal 13

82. Já assumiste algum cargo de chefia fora da escola?

Zona rural	Zona urbana	Total
Não 29	Não 19	Não 48
Sim 2	Sim 4	Sim 6
Total 31	Total 23	Total 54

- Onde?

Zona rural	Zona urbana	Total
Na Igreja 1	Na Igreja 2	Na Igreja 3
Na Igreja - eu ajudava nas pregações quando o Pastor ou a Pastora não estavam 1	Na SMEC do Município 1 Na Casa da Criança 1	Na SMEC do Município 1 Na Igreja - eu ajudava nas pregações quando o Pastor ou a Pastora não estavam 1 Na Casa da Criança 1
Subtotal 2	Subtotal 4	Subtotal 6

83. Tens facilidade para falar em público?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim 2	Sim 8	Sim 10
Não 29	Não 15	Não 44
Total 31	Total 23	Total 54

- Justifica tua resposta - "sim":

Zona rural	Zona urbana	Total
Porque alguém tinha que fazer as pregações e eu é que não tinha estudo 1	Se for assunto que eu domino 2	Se for assunto que eu domino 2
Não justificaram 1	Não justificaram 6	Porque alguém tinha que fazer as pregações e eu é

		que não tinha estudo	1
		Não justificaram	7
Subtotal	Subtotal	Subtotal	

- Justifica tua resposta - "não":

Zona rural	Zona urbana	Total
Acho que fui tão podada que não sei 3	Nunca fui preparada para isso 3	Acho que fui tão podada que não sei/sempe fui muito tolhida: quando pequena, nunca podia falar ou responder, nem em casa, nem na escola 9
Nunca fui preparada para isso 2	Sempre fui muito tolhida: quando pequena, nunca podia falar ou responder, nem em casa, nem na escola 4	Nunca fui preparada para isso 5
Sinto muita vergonha Sempre fui muito tolhida: quando pequena, nunca podia falar ou responder, nem em casa, nem na escola 2	Sou muito tímida 2	Sinto muita vergonha/sou muito tímida/tenho baixa auto-estima/sinto-me muito incapaz 17
Sou muito tímida 4	Tenho baixa auto-estima 2	Tenho medo porque meu marido debocha de mim sempre 6
Tenho baixa auto-estima 3	Tenho medo porque meu marido debocha de mim sempre 4	Porque recebi uma educação tradicional 3
Sinto-me muito incapaz 3		Porque minha mãe me ensinou que eu devia ficar sempre quieta, em silêncio 4
Tenho medo porque meu marido debocha de mim sempre 2		
Porque recebi uma educação tradicional 3		
Porque minha mãe me ensinou que eu devia ficar sempre quieta, em silêncio 4		
Subtotal 29	Subtotal 15	Subtotal 44

84. Já deixaste de fazer alguma coisa que querias pelo fato de ser mulher?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim 24	Sim 13	Sim 37
Não 7	Não 10	Não 17
Total 31	Total 23	Total 54

- Justifica tua resposta - "sim":

Zona rural	Zona urbana	Total
Coisas que exigiam força física 1	Coisas que exigiam força física 2	Coisas que exigiam força física 3
Eu queria fazer o "Técnico", mas meu pai não deixou, porque era curso de homem 1	Eu gostava de passear e de bailes, mas meu pai não me deixava sair 2	Eu queria fazer o "Técnico", mas meu pai não deixou, porque era curso de homem 1
Eu gostava de passear e de bailes, mas meu pai não me deixava sair 3	Eu gosto de fumar, mas tenho que fumar escondido, porque meu marido diz que mulher que fuma é vagabunda 2	Eu gostava de passear e de bailes, mas meu pai não me deixava sair 5
Eu gostaria de assumir		Eu gostaria de assumir

outro relacionamento amoroso, mas não é possível: se eu assumo, são capazes de me matar, porque eu sou mulher 1	Eu queria estudar outra coisa, mas fui obrigada a ser professora 5	outro relacionamento amoroso, mas não é possível: se eu assumo, são capazes de me matar, porque eu sou mulher 1
Eu gosto de fumar, mas tenho que fumar escondido, porque meu marido diz que mulher que fuma é vagabunda 3	Eu queria não ter parado de estudar, mas como sou mulher tive que obedecer 2	Eu gosto de fumar, mas tenho que fumar escondido, porque meu marido diz que mulher que fuma é vagabunda 5
Eu queria estudar outra coisa, mas fui obrigada a ser professora 6		Eu queria estudar outra coisa, mas fui obrigada a ser professora 11
Eu queria não ter parado de estudar, mas como sou mulher tive que obedecer 8		Eu queria não ter parado de estudar, mas como sou mulher tive que obedecer 10
Não justificaram 1		Não justificaram 1
Subtotal 24	Subtotal 13	Subtotal 37

- Justifica tua resposta - "não":

Zona rural		Zona urbana		Total	
Não justificaram	7	Não justificaram	10	Não justificaram	17
Subtotal	7	Subtotal	10	Subtotal	17

85. Na nossa região, tu achas que os homens aceitam com naturalidade o fato de, no trabalho, ficarem sob as ordens (chefia) de uma mulher?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	-	Sim	3	Sim	3
Não	31	Não	20	Não	51
Zona rural		Zona urbana		Total	
Total	31	Total	23	Total	54

- Por quê? (Respostas ' sim' )

Zona rural		Zona urbana		Total	
Eles acham que só os homens devem mandar 3		Eles "agüentam", mas não aceitam 1		Eles "agüentam", mas não aceitam 1	
Não suportariam ser mandados por mulher 2		Eles acham que só os homens devem mandar 1		Eles acham que só os homens devem mandar/não suportariam ser mandados por mulher/acham que a mulher não sabe mandar/ 2	
Eles acham que a mulher não sabe mandar 2		Não suportariam ser mandados por mulher 2		mulher não sabe mandar/ não aceitam que a mulher tenha poder/acham-se 3	
Os homens não aceitam que a mulher tenha poder 3		Eles acham que a mulher não sabe mandar 3		tenha poder/acham-se 5	
Sentem-se humilhados 5		Os homens não aceitam que a mulher tenha poder 1		melhores do que as 6	
Por causa do machismo 6		Sentem-se humilhados 3		mulheres 25	
Porque os homens se acham					

melhores do que as mulheres	6	Porque a mulher não tem capacidade	2	Sentem-se humilhados/ menosprezados	12
Eles se acham menosprezados	4	Por causa do machismo	5	Porque a mulher não tem capacidade	2
		Porque os homens se acham melhores do que as mulheres	2	Por causa do machismo	11
Subtotal	31	Subtotal	20	Subtotal	51

- Obs.: as alunas da zona urbana que responderam "sim" não justificaram a resposta.

86. É comum, na nossa região, as mulheres ocuparem cargo de chefia?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim	2	2
Não	21	52
Total	23	54

- Justifica tua resposta - "sim":

Zona rural	Zona urbana	Total
-	Temos algumas: as coisas estão mudando	1
	Quando acontece é na área educacional (e olhe lá)	1
Subtotal	Subtotal	2

- Justifica tua resposta - "não":

Zona rural	Zona urbana	Total
Por falta de oportunidade	3	9
Porque elas não aprenderam a mandar	4	8
Por causa do machismo	5	10
Subtotal	Subtotal	Subtotal
Na Serra hoje já é diferente, a mulher conseguiu viver	Porque os homens têm mais oportunidades	1
Porque a cultura do gaúcho é muito machista	Não justificaram	5
Porque os homens têm mais oportunidades		9
Não justificaram		10
Subtotal	Subtotal	Subtotal

87. Tu achas que os homens têm mais facilidade para cargos de chefia ou direção do que as mulheres?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	20	Sim	12	Sim	32
Não	11	Não	11	Não	22
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta:

Zona rural		Zona urbana		Total	
Acho que o homem é mais oportunista	5	Acho que o homem é mais oportunista	4	Acho que o homem é mais oportunista/decide mais	11
Porque a sociedade dá mais oportunidades aos homens	3	Porque a sociedade dá mais oportunidades aos homens	2	Porque a sociedade dá mais oportunidades aos homens/as pessoas confiam mais	
Porque o homem é acostumado a mandar	1	Porque o homem decide mais	2	nos homens /o homem é mais bem aceito	18
Porque o homem é criado para mandar	1	Porque o homem é acostumado a mandar	1	Porque o homem é acostumado/criado/educado para mandar, e não para obedecer	6
Por causa do temperamento	2	Por causa do temperamento	2	Por causa do temperamento	4
As pessoas confiam mais nos homens	4	As pessoas confiam mais nos homens	5	Porque a sociedade é machista	5
O homem é mais bem aceito	2	O homem é mais bem aceito	2	Porque a nossa região é muito conservadora	5
Porque a sociedade é machista	4	Porque a sociedade é machista	1	O que vale é a competência	5
Porque eles são educados para mandar e não para obedecer	2	Porque eles são educados para mandar e não para obedecer	1		
O que vale é a competência	3	O que vale é a competência	2		
Porque a nossa região é muito conservadora	4	Porque a nossa região é muito conservadora	1		
Total	31	Total	23	Total	54

88. Na tua opinião, quais são as características *femininas*? (As alunas colocaram mais de uma característica)

Zona rural		Zona urbana		Total	
Trabalhadora	4	Perfeccionista	1	Perfeccionista	1
Cuidadosa	1	Trabalhadora	2	Trabalhadora	6
Ousada	1	Protetora	2	Cuidadosa	1
Omissa	2	Omissa	1	Protetora	2
Carinhosa	7	Carinhosa	5	Ousada	1
Delicada	13	Delicada	8	Omissa	3
Fiel	3	Criativa	3	Carinhosa	12
Flexível	3	Segura	1	Delicada	21

"Mãe"	4	Forte	1	Fiel	3
Corajosa	2	Inteligente	2	Criativa	3
Bondosa	3	Bondosa	1	Segura	1
Dócil	6	Dócil	4	Flexível	3
Sonhadora	4	Sonhadora	2	"Mãe"	4
Compreensiva	3	Compreensiva	2	Corajosa	2
Paciente	5	Paciente	2	Forte	1
Submissa	9	Submissa	5	Inteligente	2
Sensível	6	Sensível	4	Bondosa	4
Companheira	3	Sexy	2	Dócil	10
Sincera	3	Companheira	2	Sonhadora	6
Vaidosa	4	Sincera	1	Compreensiva	5
Prendada	6	Vaidosa	3	Paciente	7
Frágil	4	Prendada	5	Submissa	14
Meiga	5	Frágil	2	Sensível	10
Gentil	1	Meiga	3	Sexy	2
Até no sexo é diferente	3			Companheira	5
				Sincera	4
				Vaidosa	7
				Prendada	11
				Frágil	6
				Meiga	8
				Gentil	1
				Até no sexo é diferente	3
Total	105	Total	64	Total	169

89. Na tua opinião, quais são as características *masculinas*? (As alunas apontaram mais de uma característica)

Zona rural		Zona urbana		Total	
Corajoso	1	Carinhoso	1	Carinhoso	1
Machista	5	Machista	2	Corajoso	1
Grosseiro/ríspido/ arrogante	12	Grosseiro/ríspido/ arrogante	7	Machista	7
Ciumento	3	Companheiro	1	Grosseiro/ríspido/ arrogante	19
Forte	10	Amigo	1	Companheiro	1
Opressor	1	Ciumento	4	Amigo	1
Zona rural		Zona urbana		Total	
Exibicionista	1	Forte	7	Ciumento	7
Controlador	3	Opressor	3	Forte	17
Livre/independente	4	Controlador	3	Opressor	4
Preocupado com dinheiro e poder	3	Livre/independente	4	Exibicionista	1
Considera-se superior	5	Preocupado com dinheiro e poder	2	Controlador	6
Preconceituoso	4	Despreocupado	2	Livre/independente	8
Frio/sem sentimentos	3	Considera-se superior	2	Preocupado com dinheiro e poder	5
Autoritário	5	Fiel	1	Despreocupado	2
Pensa só em lazer e sexo	4	Preconceituoso	3	Considera-se superior	7
Calculista	2	Frio/sem sentimentos	1	Fiel	1
Dominador	3	Autoritário	4	Preconceituoso	7

Agressivo	5	Preocupado com a		Frio/sem sentimentos	4
Não pensa a longo prazo	1	carreira	1	Autoritário	9
Egoísta	4	Pensa só em lazer e sexo	3	Preocupado com a	
Conquistador	5	Compreensivo	1	carreira	1
Bruto	4	Calculista	1	Pensa só em lazer e sexo	7
Trabalhador	3	Dominador	4	Compreensivo	1
Mandão	5	Agressivo	2	Calculista	3
Infiel	3	Egoísta	3	Dominador	7
Conservador	4	Conquistador	4	Agressivo	7
Falso	2	Líder	2	Não pensa a longo prazo	1
Gritão	5	Seguro	1	Egoísta	7
		Mandão	4	Conquistador	9
		Infiel	1	Líder	2
		Conservador	2	Seguro	1
		Insistente	1	Bruto	4
		Falso	1	Trabalhador	3
		Gritão	3	Mandão	9
				Infiel	4
				Conservador	6
				Insistente	1
				Falso	3
				Gritão	8
Total	110	Total	82	Total	192

90. Na nossa região, é comum os pais incentivarem seus filhos a serem professores das séries iniciais?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim	1	1
Não	22	53
Total	23	54

- Por quê? (resposta "sim")

Zona rural	Zona urbana	Total
-	Porque só assim teriam uma oportunidade de emprego, o que interessa é o salário	Porque só assim teriam uma oportunidade de emprego, o que interessa é o salário
	1	1
Subtotal	1	1

- Por quê? (resposta "não" - as alunas apresentaram mais de uma justificativa:

Zona rural	Zona urbana	Total
É visto como "anormal"	Por ser pouco remunerado	Por ser pouco remunerado/
2	1	por causa do salário
Porque trabalhar com	Por causa do salário	vergonhoso que o professor
crianças é impróprio para os	vergonhoso que o professor	recebe
machos	recebe	2
2	1	É visto como "anormal"
Para mim, é profissão de	Para mim, é profissão de	2

mulher	15	mulher	4	Porque trabalhar com crianças é impróprio para os machos/acham que é mais próprio para mulher/ agride o ideal de masculinidade/ porque nas séries iniciais tem que "cuidar" e isso é tarefa para mulher	
Acham que é mais próprio para mulher	4	Acham que é mais próprio para mulher	5		
Mulher é que tem jeito com crianças	3	Mulher é que tem jeito com crianças	2		
Porque essa não é uma profissão para homem. O homem deve ser professor de 7ª a 8ª série ou do 2º grau	4	Porque essa não é uma profissão para homem. O homem deve ser professor de 7ª a 8ª série ou do 2º grau	3		
Ser professor de crianças agride o ideal de masculinidade	1	Ser professor de crianças agride o ideal de masculinidade	2		
Porque querem os filhos militares ou jogadores de futebol	1	Porque querem os filhos militares ou jogadores de futebol	3		
Médicos, advogados e veterinários é que são profissões de homem	4	Médicos, advogados e veterinários é que são profissões de homem	2		
Porque nas séries iniciais tem que "cuidar" e isso é tarefa para mulher	5	Porque nas séries iniciais tem que "cuidar" e isso é tarefa para mulher	4		
Subtotal	41	Subtotal	27		23
					31
					10
					68

91. Já ouviste alguma mãe dizer para uma menina que não faça alguma coisa porque não é coisa própria para menina?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	30	Sim	18	Sim	48
Não	1	Não	5	Não	6
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta (as alunas apresentaram mais de uma justificativa):

Zona rural		Zona urbana		Total	
Não se agarrar nos guris, não andar batendo os pés	1	Porque a menina tem de ser delicada	1	Não se agarrar nos guris, não andar batendo os pés	1
Brincar com carrinhos	2	Porque a menina é mais frágil	1	Brincar com os meninos	7
Jogar futebol	5	Brincar com carrinhos	1	Porque a menina tem de ser delicada/é mais frágil/deve ter "modos" de menina	6
Brincar de lutar	2	Jogar futebol	5	Brincar com carrinhos/jogar futebol/brincar de lutar/ subir em árvores/esportes e brincadeiras masculinas	21
Brincar com os meninos	3	Falar alto	2	Falar alto /ter gestos bruscos	4
Porque o machismo existe e os homens é que podem tudo	2	Ter gestos bruscos	2	Sair sozinha de noite/sair sozinha/sair sem dizer para onde vai	7
Mulher não pode ter nem tomar iniciativa	2	Sair sozinha de noite	3		
Subir em árvores	2	Porque o machismo existe e os homens é que podem tudo	1		
Sair sozinha	2	Tem mulheres mais machistas que os homens	1		
"Minha filha não pode brincar com meninos"	2	Subir em árvores	1		

Esportes e brincadeiras masculinas	1	Sair sozinha	1	Porque o machismo existe e os homens é que podem	
Porque podem achar que a menina é <i>machorra</i>	1	"Minha filha não pode brincar com meninos"	2	tudo/mulher não pode ter nem tomar iniciativa/tem	
Ter "modos" de menina	3	Sair sem dizer para onde vai	1	mulheres mais machistas	
Mulher obedece primeiro ao pai, depois ao marido	1	Brincar de carrinho	2	que os homens	6
		Ter "modos" de menina	1	Porque podem achar que a menina é <i>machorra</i>	1
				Mulher obedece primeiro ao pai, depois ao marido	1
Total	29	Total	25	Total	54

92. Conheces algum homem que interfira na maneira de vestir da mulher, ou seja, que ela tenha que se vestir ou se arrumar do jeito que ele quer?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Várias (algumas alunas acrescentaram: ' eu sou uma delas' )	24	Várias	13	Várias	37
Poucas	6	Poucas	9	Poucas	15
Nenhuma	-	Nenhuma	1	Nenhuma	1
Não respondeu	1	Não respondeu	-	Não respondeu	1
Total	31	Total	23	Total	54

93. Tu achas que a mulher e o homem já nascem com características emocionais, intelectuais ou comportamentais diferentes?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	22	Sim	15	Sim	37
Não	9	Não	8	Não	17
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta - "sim":

Zona rural		Zona urbana		Total	
A mulher já nasce com mais sentimentos	5	A mulher já nasce com mais sentimentos	4	A mulher já nasce com mais sentimentos	9
A mulher é mais delicada e sensível	4	A mulher é mais delicada e sensível	2	A mulher é mais delicada e sensível	6
O homem é racional e a mulher é emocional	5	O homem é racional e a mulher é emocional	2	O homem é racional e a mulher é emocional	7
O homem é mais agressivo	4	O homem é mais agressivo	2	O homem é mais agressivo	6
O homem é mais violento	2	O homem é mais violento	3	O homem é mais violento	5
O homem tem o instinto sexual mais forte	2	O homem tem o instinto sexual mais forte	2	O homem tem o instinto sexual mais forte	4
Subtotal	22	Subtotal	15	Subtotal	37

- Justifica tua resposta - "não":

Zona rural	Zona urbana	Total
Depende de como se educar 6	Não: isto é introjetado nos meninos e meninas 4	Não: isto é introjetado nos meninos e meninas 4
A sociedade é que complica, porque essas características são passadas pela Educação e Cultura 3	A sociedade é que complica, porque essas características são passadas pela Educação e Cultura 4	Depende de como se educar 6 A sociedade é que complica, porque essas características são passadas pela Educação e Cultura 7
Subtotal 9	Subtotal 8	Subtotal 17

94. Tu achas que a mulher que não precisa trabalhar fora, se quiser, mesmo assim deve trabalhar?

Zona rural	Zona urbana	Total
Sim (sendo que uma aluna acrescentou 'se o marido deixar' ) 30	Sim 20	Sim 50
Não 1	Não 3	Não 4
Total 31	Total 23	Total 54

- Justifica tua resposta - "sim":

Zona rural	Zona urbana	Total
Para manter a auto-estima 2	Para manter a auto-estima 3	Para manter a auto-estima/ valorizar-se 12
Para se atualizar 3	Para se atualizar 3	Para se atualizar 6
Para se valorizar 5	Para se valorizar 2	Para se realizar como pessoa 8
Para se realizar como pessoa 5	Para se realizar como pessoa 3	Porque devemos trabalhar não pelo salário, mas por
Para não depender do marido 4	Porque devemos trabalhar não pelo salário, mas por	
Zona rural	Zona urbana	Total
Para conhecer mais pessoas 1	prazer, porque o trabalho dignifica a pessoa 1	prazer, porque o trabalho dignifica a pessoa 1
Para sentir-se útil 1	Para não depender do marido 3	Para não depender do marido/para sentir-se mais independente/para ter coragem de um dia se libertar 17
Para sentir-se mais independente 4	Para sentir-se útil 1	
Para ter coragem de um dia se libertar 5	Para sentir-se mais independente 1	
	Não justificaram 3	Para conhecer mais pessoas 1 Para sentir-se útil 2 Não justificaram 3
Subtotal 30	Subtotal 20	Subtotal 50

- Obs.: as alunas que responderam "não" não justificaram suas respostas.

95. Tu achas que o Magistério para séries iniciais é mais próprio para o homem ou para a mulher?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Homem	-	Homem	-	Homem	-
Mulher	23	Mulher	18	Mulher	41
Ambos	8	Ambos	5	Ambos	13
Total	31	Total	23	Total	54

96. O que tu entendes por "machismo"? (Algumas alunas apresentaram mais de uma resposta)

Zona rural		Zona urbana		Total	
É o homem que não ajuda nada em casa	3	É o homem que não ajuda nada em casa	2	É o homem que não ajuda nada em casa	5
É aquele que menospreza a mulher	3	É aquele que menospreza a mulher	1	É aquele que menospreza a mulher/que não dá valor à mulher	9
É o homem "metido a besta"	2	É o homem que não dá valor à mulher	4	É o homem "metido a besta"/que se acha forte, poderoso e auto-suficiente/que pensa que tem poder e por isso pode tudo/é uma idéia de posse e de poder	19
É o homem que não dá valor à mulher	1	É um homem que se acha forte, poderoso e auto-suficiente	2	É um homem grosseiro, mal-educado, mandão e possessivo	8
É um homem que se acha forte, poderoso e auto-suficiente	4	É uma idéia de posse e de poder	4	É o desrespeito e a grosseria do homem/é a atitude do homem grosso e ignorante, que não evoluiu/é aquele homem que pensa que sabe tudo, mas, na	35
É um homem grosseiro, mal-educado, mandão e possessivo	8	É um homem grosseiro, mal-educado, mandão e possessivo	5	É o homem prepotente	3
É o desrespeito e a grosseria do homem	3	É o desrespeito e a grosseria do homem	4	É a atitude do homem grosso e ignorante, que não evoluiu	6
É o homem que pensa que tem poder e por isso pode tudo	5	É um homem racional, sem sensibilidade	4	É o que eu vivo em casa	16
		É o homem que pensa que tem poder e por isso pode tudo	2	É o homem que gosta de mandar	4
		É o homem dominador	3		
		É o homem prepotente	2		
		É a atitude do homem grosso e ignorante, que não evoluiu	6		
		É aquele homem que pensa que sabe tudo, mas, na verdade, não evoluiu	1		
		É o que eu vivo em casa	7		
		É o homem que gosta de mandar	4		
		É o que valoriza a "superioridade masculina"	4		
Total	52	Total	55	Total	107

97. Tu achas que, em nossa região, o machismo ainda está presente?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	31	Sim	23	Sim	54
Não	-	Não	-	Não	-
Total	31	Total	23	Total	54

- Justifica tua resposta: (Algumas alunas apresentaram mais de uma alternativa)

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim, e sempre estará	3	Sim, e sempre estará	1	Sim, e sempre estará	4
Sim, pois o homem domina a sociedade	3	Sim, pelos modos e palavras com que eles se dirigem às mulheres	2	Sim, e muito	3
Sim, e muito	2	Sim, pois o homem domina a sociedade	4	Sim, a gente vivencia isso	2
Sim, faz parte da cultura	2	Sim, e muito	1	Sim, pelos modos e palavras com que eles se dirigem às mulheres/pelas atitudes que eles tomam	8
Sim, a gente vivencia isso	2	Sim, faz parte da cultura	1	Sim, pois o homem domina a sociedade	7
Sim, aqui na fronteira é horrível. Na Serra, já não é tanto	3	Sim, porque inclusive dizem que se a mulher consegue galgar um cargo mais alto é porque passou por muitas camas	1	Sim, faz parte da cultura	3
Sim, porque até as mulheres são machistas	4	Sim, até na TV	1	Sim, porque inclusive dizem que se a mulher consegue galgar um cargo mais alto é porque passou por muitas camas	1
Sim, pelas atitudes que eles tomam	4	Sim, aqui na fronteira é horrível. Na Serra, já não é tanto	1	Sim, até na TV	1
Sim, sendo reforçado pela família	2	Sim, porque até as mulheres são machistas	5	Sim, aqui na fronteira é horrível. Na Serra, já não é tanto	4
Sim, porque, na maioria das vezes, a mulher espera do homem atitudes de homem (machistas)	3	Sim, pelas atitudes que eles tomam	2	Sim, porque até as mulheres são machistas	9
Tem muito homem que não aceita a opinião da mulher	2				
Zona rural		Zona urbana		Total	
Não justificou	1	Sim, sendo reforçado pela família	3	Sim, sendo reforçado pela família	5
		Sim, porque, na maioria das vezes, a mulher espera do homem atitudes de homem (machistas)	4	Sim, porque, na maioria das vezes, a mulher espera do homem atitudes de homem (machistas)	7
		Tem muito homem que não aceita a opinião da mulher	4	Tem muito homem que não aceita a opinião da mulher	6
				Não justificou	1
Total	31	Total	30	Total	61

98. Os ditados populares são freqüentes na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai?

Zona rural		Zona urbana		Total	
Sim	31	Sim	23	Sim	54
Não	-	Não	-	Não	-
Total	31	Total	23	Total	54

99. Teus alunos conhecem:

	Zona rural		Zona urbana		Total	
Ditados gaúchos?	Sim	31	Sim	23	Sim	54
	Não	-	Não	-	Não	-
	Total	31	Total	23	Total	54
Gravuras, quadros, desenhos, tendo o gaúcho como tema?	Sim	31	Sim	23	Sim	54
	Não	-	Não	-	Não	-
	Total	31	Total	23	Total	54
Poesias gaúchas?	Sim	31	Sim	23	Sim	54
	Não	-	Não	-	Não	-
	Total	31	Total	23	Total	54
Músicas gaúchas?	Sim	31	Sim	23	Sim	54
	Não	-	Não	-	Não	-
	Total	31	Total	23	Total	54

100) Gostarias de fazer algum comentário ou algum relato sobre tua vida ou a vida de alguém que conheces e que poderia contribuir para enriquecer o tema abordado neste questionário? Caso queiras, podes utilizar este espaço e/ou o verso da folha, sempre sem te identificares. Obrigada.

Resposta 1:

‘Só o fato de vir estudar em Bagé é motivo para comentários maldosos, como ‘ela vai arrumar outro homem, deixou do marido; que mulher é essa que está sempre viajando e saindo para fora de casa?!’

Resposta 2:

‘Gostaria de me livrar do meu ‘machista’, mas não faço porque tenho medo dele.

Resposta 3:

‘Professora, eu estou com quase 40 anos e só apanhei duas vezes na vida, quando criança. A primeira foi assim: a gente morava na campanha e meu irmão foi para o quartel. Eu gostava muito dele e sentia muita saudade. Nas férias, ele veio nos visitar; aí, quando eu vi que ele chegou eu pulei no colo dele, me abracei e beijei ele no rosto, feliz da vida. Meu pai entrou na sala e me arrastou do colo do meu irmão aos tapas. Me levou para o quarto, pegou o relho e me surrou tanto que eu não conseguia mais nem chorar. Minha mãe viu tudo e ficou quieta, ela tinha medo do meu pai. Meu pai gritava e esperneava, dizendo: ‘Sua vagabunda, sua putinha: onde se viu se agarrar em homem? É porque tu é vagabunda mesmo. Nunca mais quero te ver agarrada em macho’. Minha mãe só dizia baixinho: ‘mas ele é o irmão dela’. Meu pai deu uma bofetada na mãe, que saiu do quarto. Fiquei trancada até de noite no quarto, sem comer nem beber. No outro dia, meu irmão foi embora (e levou muitos anos até que eu visse ele de novo, porque depois do quartel ele arrumou emprego na cidade). Sabe que idade eu tinha? Seis anos. Eu nunca mais me esqueci.

A outra vez foi numas férias, quando meus tios e primos foram nos visitar. Eu fiquei muito contente, porque não tinha ninguém para brincar. Nós tínhamos quase a mesma idade. Me recomendaram (o pai) que não brincasse com os guris, porque ‘era feio e perigoso’. Eu não entendia. Eles, os dois, brincavam e eu ficava olhando, de longe. Aí, um dia meu pai e

meu tio foram campear e a minha mãe e a tia tavam fazendo pão. Eu fui pra trás da casa, eles tavam brincando com bola e me convidaram para brincar. Eu disse que com bola eu não podia brincar, era 'brinquedo de menino'. Aí eles tinham levado uns soldadinhos e me convidaram para brincar de guerra. A gente sentou no chão e ficou brincando um tempão. Eu tava muito feliz e nem vi o tempo passar, nem ouvi o barulho dos cachorros quando o pai e o tio chegaram. Só ouvi aquele grito dentro de casa: 'Mulher, cadê a ...'. Eu gelei. Fiquei tão apavorada que fiquei parada de medo. Meu pai apareceu e me arrancou do brinquedo pela orelha. Me levou pro quarto, ele tava com o relho na mão e me bateu. Bateu tanto que eu me urinei. Aí ele dizia: 'Sua égua no cio! Eu já não te disse que não era pra andar com macho?!'. Minha mãe ficou quieta, aparvalhada, olhando. Minha tia entrou e disse: 'Mas eles são primos dela!'. Meu pai respondeu: 'Eu sei que são. Mas não tem nenhuma prima minha que eu não tenha comido! Eu sei bem o que eu fazia com elas. Não te mete'. Aí já deu briga (minha tia era irmã dele). Meu tio não gostou do gritado e acabaram indo embora no outro dia. Levou anos pra eu ver meus primos e tios outra vez. Sabe que idade eu tinha, professora? Sete anos, arrecém tinha feito. Por causa disso, meu pai não deixou eu ir para a Escola naquele ano. Depois de dois anos é que eu fui estudar. Aí ele me levava a cavalo e ia me buscar. Dizia pra professora que se me visse 'junto com macho', me tirava da escola. Por isso que hoje eu sou essa 'bicho do mato'. Quase não falo e tenho vergonha de tudo. Eu me casei com quase 30 anos, virgem e com medo de homem. Até agora eu não consigo fazer um carinho no meu marido, parece que se eu faço, meu pai vai aparecer e me surrar, me chamando de vagabunda (eu acho que só casei porque ele morreu). Nunca mais consegui dar um beijo no meu irmão, nem nos meus primos. Fora a vergonha que eu fiquei.

Agora, na Escola, eu vejo que trato as meninas com mais carinho que os meninos. Não é por mal, é que eu não consigo tratar igual. Eu me esforço.

Professora, eu sou traumatizada, tenho medo de falar com homens. Fiquei arredia. Eu nunca dei ou recebi um beijo ou um abraço do meu pai. Eu nunca falei isso pra ninguém, nem pro meu marido. Ele reclama que eu sou fria. Não consigo falar de reprodução para as crianças, nem de sexo. Sei que, nesta área, meu trabalho deixa a desejar.

Professora, desculpe o desabafo. Eu tinha que falar porque agora estou mais aliviada. Eu não me animo a falar isso, mas escrever eu me animo. Que professora sou eu, que não consegui falar de coisas 'naturais' para os alunos e não consigo dar beijos nos meninos?

Obrigada por esta oportunidade. É por isso que eu pedi mais folhas. A senhora quando ler, vai saber quem sou eu. Sou aquela que chorou (estou chorando) durante o trabalho. Mas foi muito bom falar sobre isso. Eu estou aliviada, tirei um peso de cima de mim. Pode botar no seu trabalho, mas sem botar o meu nome. Amanhã, se der, me dê um apoio, um conselho. Tomara que, assim como para mim, este momento que nunca foi proporcionado no meio escolar, sirva para aliviar e mostrar uma luz no fim do túnel. Obrigada. Valeu!"

Resposta 4:

"Puxa professora, eu achei este trabalho super legal! A gente fez uma reflexão sobre a vida. A gente nunca tem tempo de pensar na gente e aqui a gente pode refletir. A senhora achou que a gente ia cansar, mas não, foi muito legal. Com este trabalho me dei conta do quanto sou submissa. E o quanto isso me faz mal. Vou repensar meu jeito de trabalhar com os meninos e as meninas. Vou lutar para diminuir o machismo. Eu sei que é difícil, porque a nossa cultura e a nossa educação foi feita pra gente obedecer. Mas ta errado, não é justo. Foram duas tardes muito boas. Converse sobre isso com a gente; é disso que a gente precisa, coisas práticas, do dia-a-dia. Só assim a gente pode tentar melhorar um pouco a justiça, a exclusão da mulher e a opressão".

Resposta 5:

“Professora, nós mulheres aprendemos a não nos valorizar, a não nos dar importância. A gente se acostumou baixando a cabeça. Aí os homens fazem a gente de capacho e limpam as botas com barro em cima de nós. A gente condena o machismo, mas a gente faz igual entre filhos e filhas, alunos e alunas. E acaba se acomodando. Respondendo o questionário, pude perceber nas entrelinhas o quanto minha vida em casa e na escola tem sido prejudicada por conceitos antiquados da nossa região. A gente foi criada numa sociedade injusta, que valoriza o homem, o rico, o branco, as pessoas da cidade, os que tem estudo. E a gente, sem querer, reforça isso. Esse questionário parece um alerta: lendo tudo o que eu botei, parece que fiquei vendo melhor a vida. A gente tem medo de perder o companheiro e acaba se anulando. Mas vai mudar! Foram duas tardes muito legais. Obrigada”.

Resposta 6:

“Professora, a gente sabe que tem um monte de coisa errada. Mas a gente tem medo de ir à luta para mudar. Quando uma mulher se liberta, levanta a cabeça, até mesmo as outras mulheres condenam e nos aconselham a manter a calma para não perder o marido. Minha mãe dizia: ‘ruim com ele, pior sem ele’. Mas o fato é que a gente tem que ser respeitada como pessoa. Se eu não for respeitada, como é que eu vou ser cidadã? Como é que eu vou falar em cidadania pros alunos, se eu não vivo isso em casa? Aí fica difícil, é uma baita hipocrisia. Fica tudo difícil. Tem horas que as suas perguntas deram um nó na minha cabeça: aí eu comecei a me ver como num espelho, a minha situação de verdade. Que bom que a gente tivesse outras oportunidades como esta para repensar a vida que a gente leva! E, como a senhora diz, a senhora nos mostra várias portas, agora é só escolher uma delas, abrir e escolher o caminho. Legal! (meio sofrido, porque remexe com a gente, mas muito legal)”.

Resposta 7:

“Professora: a mulher, principalmente na Campanha, foi criada com medo e grito. Poucas mães da gente se animavam a levantar a cabeça. O mais, era só pontapé no garrão. Meu marido repete muito: ‘Te achica, mulher, te achica’. A senhora sabe o que isto quer dizer? ‘Te acomoda, te aquieta’. É ter que ficar como ‘Chica’, mas na minha zona da fronteira, esse ‘Chica’ não significa ‘pequena’; significa ‘china’, e as ‘chinas’ são pagas para obedecer ao homem e fazer tudo o que ele quer. Por isso que homem gosta de mulher de cabaré: porque lá eles pagam e mandam e, porque pagam, elas têm que obedecer. Aí, com a gente, querem fazer o mesmo. Meu marido diz que ele é o ‘querendão’: aquele que ‘todas querem’. Por isso, ‘querendão’, termo muito comum na zona rural na fronteira. Depois de responder o questionário eu comecei a me dar conta dum monte de coisa... e eu não vou me ‘achicar”.

Resposta 8:

“Professora Berê: nunca tinha sido proporcionado para mim fazer uma retrospectiva de vida. Esses assuntos de casa, sobre machismo, a gente não fala. A gente aprendeu ‘que roupa suja se lava em casa’. Mas como foi bom escrever sobre isso!

Fica uma sugestão: dê um curso sobre o machismo, ou incluam esse assunto como uma disciplina na Pedagogia. A gente precisa verbalizar, discutir, para poder se ver e mudar. Os Cursos de Formação não entram nos aspectos práticos da vida da mulher. E a gente se submete, fica desunida, e não se dá conta que isso é um problema geral. Ta na hora de encarar essas discussões sobre a relação homem-mulher de frente. Foi muito bom, mas não pode parar aqui. A gente não foi preparada para lidar com isso com os alunos. E muitas vezes a gente não sabe o que fazer. Pense nisso! E com carinho! Um beijão”.

Resposta 9:

“Professora: meu marido vive fazendo troça de mim. Quando eu chego em casa e digo que estou cansada, ele diz: ‘cansada de que? De conversar? Sim, porque tu só chega ali e fica conversando com as crianças! Ou então de ‘reuniãozinha’, batendo papo com as outras professoras, quando não fica conversando com pai e mãe de aluno... Quem cansa sou eu. Tu corta lenha? Tu tira leite? Tu planta? Isso é que é serviço!’.

Ele não valoriza o serviço que eu faço. Eu trabalho de manhã e de tarde e almoço na escola. Quando chego, tá o serviço todo esperando por mim. Ele descansa, eu faço a lida, deixo a comida pronta, deixo a roupa lavada e estendida. Se ele chega (porque ele sempre chega em casa primeiro do que eu) e vê que vai chover, não é capaz de recolher nem a roupa. Quando eu termino tudo é que vou preparar aula para o outro dia. Como é que eu vou ter ânimo? É as crianças brigando, é ele se queixando. Eu sento e levanto, sento e levanto. Não consigo nem me concentrar. Não tem como fazer um material didático bom com esse clima em casa. Se tem feriado ou é domingo, aí eu procuro adiantar as aulas. Eu sei que não tá certo, mas o que eu vou fazer? Quando me deito, estou caindo de sono. Aí ele quer sexo. Eu estou cansada, não fico disposta. Então ele diz: ‘Bueno, se eu pular a cerca, não te queixa!’.

Isso é vida, professora? Aí eu chego e, mesmo que eu me cuide, acabo descarregando nos alunos. Aí eu venho pra cá estudar nas férias e vejo que tudo o que eu faço está errado. Eu me esforço, mas é brabo. Agora o dinheiro que eu boto pra dentro de casa ele acha bom. Aí ele não reclama”.

Resposta 10:

“Professora, eu me sinto muito envergonhada na frente do meu marido. Quando chega gente (visita) eu nem falo, porque tudo o que eu digo tá errado e o que os outros dizem tá sempre certo. Meu marido vai atrás do que os outros dizem. Aí faz negócios ruins (ele trabalha com gado). Mas ele não deixa eu dar opinião, diz que não tenho que me meter nos negócios dele. Esses tempos, ele queria dar palpite sobre as minhas aulas. Tem umas coisas que ele sabe errado e ele quer que eu ensine assim, do jeito que ele sabe, para os alunos. Eu fico quieta, faço que concordo. Eu sei que é covardia, mas se eu não fico quieta ele me agride aos gritos e diz que eu não sei nada. Que ele e a gente dele é que sabem. Aí ele quer ensinar coisas erradas para meus filhos, superstições, machismo, essas coisas. Quando eu posso eu digo DEPOIS pros guris que ‘não é bem assim’, ‘que o pai é de outra época’. Mas sempre que ele pode diz: ‘não vai atrás da tua mãe, ela só diz besteira’. Esses tempos ele foi na escola e ficou rondando a minha aula. Eu vi, mas fiz que não vi. Quando cheguei em casa e perguntei, ele disse que foi ‘pra ver se eu andava com macho’. Ora, professora, eu disse pra ele que ‘tô velha pra essas coisas’. Ele me disse que o que ele queria mesmo era ouvir as besteiras que eu ensino para as crianças, os ‘modernismos’ – e que é por isso que a gurizada ‘tá tudo louco. É por causa das professoras que nem tu, que vão pra faculdade e acham que são gente’. Mas eu nem falo em casa, professora. Agora eu estou dando aula e sempre cuidando pra ver se ele não tá escutando pra depois debochar de mim em casa”.

Resposta 11:

“Professora, esses dias uma colega de trabalho me contou que o marido dela estava conversando com o meu e me fez um monte de elogios, que tinha muito orgulho porque eu era professora. Por que ao invés dele fazer elogio de mim para os outros, ele não faz um dia um elogio pra mim? Eu disse que não acreditava, mas ela me afirmou que era verdade. Eu ficaria tão feliz se ele me visse como pessoa e não só como a mulher que é a propriedade dele”.

Resposta 12

“Professora: um dia eu estava cansada de dar aula, fazer o serviço de casa, e não tinha disposição pra fazer sexo. Aí o meu marido disse que preferia mil vezes ter casado com uma doméstica do que com uma professora. A senhora acha que eu tenho estímulo para estudar? Eu sei que é bom pro meu crescimento pessoal e profissional, mas se eu estou aqui hoje é de teimosa. Ele só me deixou vir porque eu disse que ia perder o emprego. Como eu sinto falta da minha mãe: ela sempre me incentivou. Um dia eu vou arrumar coragem e dar uma reviravolta na minha vida. Aí tenho certeza que a qualidade do meu trabalho vai ser bem melhor”.

Resposta 13:

“A senhora nunca ouviu a maioria das mulheres dizer que, se pudessem, seriam homens? Eu se pudesse seria, porque aí ia poder tomar as minhas decisões sem ter que dar satisfações a ninguém. A gente às vezes é tão maltratada em casa que não tem vontade de voltar. Eu, se pudesse, ia pra escola em domingos e feriados. Lá eu faço o que gosto e as crianças são carinhosas comigo. Pra mim, estudar aqui e trabalhar é uma terapia. É esse trabalho que fez botar pra fora um monte de coisas que estavam entaladas na garganta. Foi muito bom: foi uma oportunidade ótima de revisão na minha vida e reflexão. Ainda bem que tenho os meus filhos e os meus alunos, senão eu seria a pessoa mais infeliz do mundo”.

Resposta 14:

“Eu queria que o meu marido trabalhasse e estudasse como eu. Aí eu tenho certeza que ele não ia ‘cantar de galo’ em casa. Ia cansar e não ia ter tempo para ficar me enchendo, reclamando e não fazendo nada, só dormindo, ficando na frente da TV e batendo papo.

Professora, eu, e tenho certeza que outras, gostaríamos que a senhora falasse nesse assunto do machismo em aula, que a gente conseguisse ser mais informada, para saber quais são os nossos direitos em casa”.

Resposta 15:

“Eu acho que deveria ter cursos nas comunidades explicando o papel do homem e da mulher na família, pro homem não se sentir tão superior e a gente viver tão humilhada e sofrida. Como é que uma pessoa cansada e sofrida vai dar uma aula boa? De onde a gente vai tirar ‘criatividade?’ ”.

Resposta 16:

“Quando meu marido tem os ataques de brabeza, chega a me bater. Aí eu vou marcada para a escola, com roxões. Os alunos me perguntam e eu digo que caí. Como eu vou ensinar eles a falar a verdade, se eu minto? Como vou ensinar a ser críticos se eu sou submissa? Mas se eu quiser me separar dele ele já disse que me mata, porque ele ‘não é homem pra ser deixado’. A senhora já viu uma professora vivendo assim dar uma aula boa? A gente quer mais é chorar e ficar quieta, mas tem que chegar alegre e sorrindo. E os alunos percebem esse fingimento. E aí a gente está ensinando eles a serem obedientes (como a gente foi criada). Até que ponto isso é bom? É para isso que dizem que as professoras são tudo recalcadas: além de mal-pagas, sem alegria e mal comidas (desculpe o termo). Desabafar é preciso... Muito bom esse trabalho. É difícil botar certas coisas pra fora, mas que alivia, alivia. Fale desses assuntos em aula, de modo geral, e nos oriente. Vai ser muito legal. Nós adoramos a senhora! Muitos beijos”.

Resposta 17:

“Eu enfrento meu marido. Ele me bate e dou -lhe pau. Só que depois ele some por uns quantos dias e eu fico remoendo: por onde será que anda? Correndo atrás de china, isso é certo, porque nunca bota dinheiro dentro de casa, quem paga tudo sou eu. Mas casamento é pra sempre, né? Eu sou muito católica e acho que se separar é pecado. Eu tenho pena das meninas, das minhas filhas e das alunas. Eu penso que tudo isto vai acontecer com elas, porque homem é bicho que não muda. Os guris já são agressivos desde pequenos, são os machões em miniatura. E as meninas seguem que nem nós, sendo tudo umas bocas-abertas. Eu queria ter nascido homem: o homem tem mais liberdade, é mais valorizado, tem mais oportunidade. Não tem compromisso com casa, comida, família. O homem chega e tem tudo pronto. A gente é que dá duro. Depois dizem que a mulher é a parte fraca. Fraca porque eles são mais fortes fisicamente e nos abafam. Professora, deveria ter uma disciplina específica sobre isso no magistério. Quanta mulher boa anda por aí passando trabalho – e depois já chegam na escola tão sofridas e cansadas que são um trapo. Só quem é feliz é a mulher que não se casa”.

Resposta 18:

“Meu marido é até um bom companheiro. Ele me ajuda até em casa. Mas sexo tem que ser quando ele quer, e do jeito que ele quer, queira eu ou não. Professora, o marido tem o direito de exigir o sexo sempre? Não tem lei que proteja a mulher?”

Minha irmã, o marido trocou ela por uma semana com o irmão dele pra ficar com o cavalo dele, porque ele não tinha como pagar o cavalo. Ela só chorava, mas foi. Voltou toda machucada, não podia nem caminhar. Um homem pode fazer isso com a mulher? Não tem lei que proteja?”

Resposta 19:

“Gostaria de solicitar encaminhamento sobre os direitos da mulher casada”.

Resposta 20:

“Gostaria que nos cursos de formação fossem abordadas as Relações de Gênero”.

Resposta 21:

“Gostaria que a Pedagogia nos preparasse para trabalhar as questões sexuais com as crianças. A gente fala na parte biológica, mas a gente sente vergonha e não fala à vontade”.

Resposta 22:

“Quando se desconfia que se tem um aluno homossexual, o que a gente deve fazer? Me dê uma dica”.

Resposta 23:

“Quando o pai ou a mãe chega na Escola e diz que a filha NÃO BRINCA COM GURIS, senão sai da Escola, o que é certo de fazer?”

Resposta 24:

“Gostaria que nos Cursos de Formação de Professores se estudasse Relações Humanas, o Estatuto da Criança e do Adolescente e os direitos da mulher casada”.

Resposta 25:

“Por que uma mulher separada do marido é motivo de zombaria na Campanha? Os caras acham que podem meter a mão com ela. Se ela ri, é vagabunda. Se está sempre séria, é recalcada. Se é professora e é solteira é mal-amada. Até os guris maiores debocham. Eu ouvi um aluno dizer pra uma professora solteira: ‘Vai botar um macho nesse corpo. Aí pode ser que tu deixe de ser tão chata’”.

Resposta 26:

“Sou professora, tenho seis filhos, trabalho manhã e tarde e estudo nas férias, e pretendo no próximo ano trabalhar também à noite. Sou eu que sustento a casa, comida, roupa, remédio, estudo, pago luz, ninguém me ajuda com nada. Meu marido é muito agressivo, já me bateu milhares de vezes, tenho minha família longe daqui, não tenho quem me defenda, meus vizinhos de perto tem medo dele. Muitas vezes ele põe todos pra fora de casa. Se não fugirmos, ele nos bate, agora ta prometendo até me matar com um tiro na cabeça. Acho que ele já não fez isso porque meu filho sempre me defende, ele já é um rapaz.

Já chamei a família dele, vieram, levaram ele 10 dias, mandaram de volta, não fizeram nada. Agora, eu tenho que agüentar, já estou nessa vida há 25 anos, cada dia pior. Mas eu sou uma pessoa que me preocupo muito com o que os outros pensam, e tenho muito medo dele, um primo dele matou a mulher com 26 facadas; o outro matou a mulher com três tiros.

Quando ele sai eu entro em pânico, porque sei que vai beber. Eu não saio com ele, muitas vezes ele queria me bater dentro do ônibus, me chamava de vagabunda no meio de estranhos, ele sempre me coloca pra baixo, quase morro de vergonha.

Há alguns anos atrás ele falou pra minha irmã que ia me matar e me jogar no rio, ia atar uma pedra no meu corpo e jogar numa parte bem funda que nunca ninguém ia me achar, e ia mentir que eu tinha fugido com alguém. Hoje ele me convidou para ir pescar de canoa no Rio Jaguarão. Eu não fui, me lembrei da história, ficou para irmos amanhã, tenho medo. Ele é capaz de fazer alguma coisa e mentir pros meus filhos que eu caí na água e me afoguei. Minha vida é muito difícil, perdi toda minha juventude por alguém que não merece, que já me humilhou muito e me trata quando ta bêbado como uma prostituta, daí pra pior. Sou muito humilhada e o pagamento por eu sustentar ele, e os filhos dele. Rezo todos os dias pra Deus proteger meus filhos de uma desgraça”.

Resposta 27:

“Percebi que vivíamos numa sociedade machista no dia que resolvi me separar do meu marido, pois fui casada durante oito anos, vivendo um casamento fracassado, sendo traída. Muitas vezes ele me batia e ameaçava em me matar se eu me separasse dele.

Enquanto eu consegui manter este casamento – eu menti pensando no meu filho, pois pensava que as coisas poderiam melhorar. E as pessoas que estavam de fora sempre comentavam: ‘Coitada, trabalha, sustenta a casa e ainda é traída pelo marido’.

Mas hoje que consegui me libertar deste casamento fracassado, sem amor e comecei a me relacionar com pessoas, a sair para festas, bailes, etc., estas mesmas pessoas falam: ‘Que horrível. Uma mulher separada, professora, com filhos, saindo, namorando, onde estamos?’

Foi neste momento que vi que as próprias mulheres são machistas, pois não aceitam que outras consigam se libertar do machismo da sociedade”.

Resposta 28:

“Na minha escola as mães e os pais não permitem que os meninos e as meninas sentem juntos ou trabalhem em grupo. Tem que ser ‘menino com menino’ e ‘menina com menina’”.

Resposta 29:

“Quando eu era pequena, um dia meu pai chegou mais cedo para me buscar na escola. Eu estava sentada do lado de um menino. Ele entrou na sala de aula, xingou a professora, dizendo que ela não era ‘uma mulher de confiança e decerto nem era decente porque deixava os guris e as gurias ficarem juntos’. Me arrancou pelo cabelo, não me deixou nem juntar meu material. Me deu um monte de tapas, que meu nariz ficou sangrando. Ele gritava e dizia que eu era ‘tarada’ e que a professora também era ‘tarada e cafetina’. Aí eu não fui à Escola. Ele foi em ... onde estava o Secretário de Educação e fez tanta fofoca até que tiraram ela. Aí foi outra, que parecia meio machorra, até bigode tinha e só gritava. Mas essa era boa (pro meu pai) e garantiu pra ele que era guri numa fila e guria noutra. Até no recreio era em horário separado. Aí já fazia um mês (ou mais) que eu não ia. Aí eu pude ir de novo, com muita vergonha, mas todos na comunidade diziam que ele tava certo.

Hoje, quando na minha aula eu junto as crianças, parece que sempre vai chegar alguém e me condenar. Tem mães que vão no recreio ‘cuidar’ as gurias para que não brinquem com os guris. Aí a gente mantém o preconceito, não consegue que as crianças interajam direito. Eu e as gurias estamos sempre com medo. A gente quer fazer o que é certo, o que a gente aprende aqui, mas não dá professora, e a culpa não é nossa.

Por que a URCAMP não faz palestras nas comunidades do interior procurando esclarecer os pais? Ou a SMEC? A gente fica em conflito e angustiada, entre o que a gente sabe que é o certo e o que a gente ‘tem’ que fazer. Em 30 anos, parece que a nossa região não mudou, parece que parou no tempo “.

Resposta 30:

“Passei por vários problemas, meu pai nunca respeitou minha mãe, teve várias amantes, eu quieta, pois achava que o assunto era entre eles.

Por isso, a minha relação com meu marido é diferente. Direitos iguais. Se ‘sonhar’ que ele faça algo, farei o mesmo, mesmo que ele me mate. Se eu chego a descobrir e ter certeza, eu faço”.

Resposta 31:

“Eu me criei ouvindo e vendo o meu pai ba ter na minha mãe e dizer que podia fazer o que quisesse com ela e os filhos, pois quem mandava ali era ele e tínhamos que ficar quietos para que ele não nos colocasse para a rua.

E quando consegui me livrar de meu pai, tive que agüentar um casamento fracassado, pois a educação que minha mãe verdadeira e minha mãe de criação me deram era que uma mulher deveria ter um único homem e se submeter a tudo para ter uma família. E então, mesmo sustentando minha casa, continuei a ouvir estas frases. Minha mãe me ensinou que os homens podem tudo, porque ‘eles são homens, e o homem é o chefe da família”.

Resposta 32:

“Minha mãe sempre me disse que o fato dela ser de outro tempo não muda nada: a mulher sempre teve que obedecer ao marido. Meu marido está sempre dizendo que pode tudo, porque ele é homem, é ele quem manda porque ele é o dono da casa. Minha mãe sempre teve o lado pior da vida. Envelheceu sofrendo.

Meu marido quantas vezes diz essas frases, quando há tempo de discutir sobre o assunto, ficamos horas debatendo, nenhum quer perder pro outro. Mas eu provo pra ele como ele não é o galo.

Pode até ser o dono, mas quem limpa, deixa tudo bonitinho? Ele viveria sem eu? Quando ele diz que ‘quem manda aqui sou eu’, eu debocho dele. E começo a perguntar:

‘Então, o que eu faço agora? Pra onde eu posso olhar? Posso pegar tal coisa? Posso lavar a roupa?’. Aí ele fica bravo. E acaba concordando que está errado.

Mas os homens nunca vão entregar os pontos, vão lutar até o final. E as mulheres também não podem abrir mão disso! Tem que lutar”.

Resposta 33:

‘Professora, o gaúcho usa a pilcha tida como ‘oficial’ no CTG e a original, que o homem gaúcho usava mesmo no campo. Mas a pilcha da mulher foi ‘planejada’, é tida como ‘oficial’, mas é falsa, a ‘prenda gaúcha’ não se vestia assim. Foi planejado para se adequar à bombacha, para ficar bonito. O vestido de prenda que se usa nos CTGs é uma imitação da moda francesa que se usava na época do século XIX. É tudo muito falsificado. Também os cargos de status nos CTGs são muito difíceis para a mulher: para ser 1ª prenda tem que fazer uma série de provas. E, para o homem ser ‘patrão’ ou ter outros cargos importantes, basta ser ‘escolhido’ pela maioria. Não precisa ter conhecimento, só influência. Ele é o PATRÃO, a mulher dele não manda nada, aí sim, como era antigamente. O CTG reflete a hierarquia que havia no campo, entre o fazendeiro e os peões. Outra coisa que também é errada: o pessoal fala no Galpão do CTG (o salão). O certo seria ‘Rancho’, porque as mulheres não entravam no galpão. O galpão era só para os homens. Agora inventaram uns CTGs que a ‘patroa’ é mulher, mas são muito poucos e tem encontrado muita resistência. É errado, também, porque a mulher não mandava besteira nenhuma. As avós da gente contavam bem como era.

Eu tenho uma conhecida que o marido trocou ela por um cavalo. Ele queria a égua do outro e deu a mulher em troca: a mulher é considerada ainda propriedade do homem. E ai dela que não fosse com o outro! Ainda bem que não tinham filhos. Eu conheço muitos homens que moram na zona rural e às vezes não tem o que comer, mas andam bem pilchados (como se fossem fazendeiros, patrões). E o cavalo com ótimos arreios. No fundo, todo o gaúcho tem vontade é de ser o fazendeiro, o patrão, o que manda. A mulher é só uma coisa ‘sem vontade’, não é gente, ainda hoje”.

## **ANEXO D**

# **RESULTADO QUANTITATIVO DAS QUESTÕES FECHADAS MAIS SIGNIFICATIVAS DO QUESTIONÁRIO: GRÁFICOS E PORCENTAGENS**

**Resultado quantitativo (em porcentagens) das questões fechadas do  
Questionário aplicado ao universo de Pesquisa: 54 professoras – alunas do  
PFPS – Julho 2003 (sendo 31 da zona rural e 23 da zona urbana)**

*Obs.: as porcentagens foram consideradas até a segunda casa decimal.*

1. Quando resolveste cursar o PFPS, foi por quê?

Resposta: ‘Foi uma conquista em relação ao consentimento do meu marido’.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural: **87,90%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana: **56,52%**

Total: **74,70%**

2. Teus pais te incentivaram a ser professora, ou alguma outra profissão não faria diferença?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural (sim): **80,60%** (sendo que destas, 48,38% responderam: ‘É só professora!’)

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana (sim): **43,40%**

Total de ‘sim’: **74,70%**

3. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

4. Teu marido te incentiva a estudar mais (fazer outros cursos, mesmo que sejam fora da cidade em que resides)?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural (não): **83,87%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana (não): **69,56%**

Total de ‘não’: **77,77%**

5. Se optasses por outra profissão (como brigadiana, motorista de táxi, cobradora de ônibus, frentista), qual seria a reação do teu marido?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural (‘não aceitaria’): **93,54%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana (‘não aceitaria’): **65,21%**

Total: **83,33%**

6. Teu marido acha que existem certas profissões que são ‘próprias para mulher’?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural (sim): **80,90%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana (sim): **60,86%**

Total: **75,98%**

7. Por que optaste pelo Magistério?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural: ‘Porque é profissão para mulher’ - **12,90%**; ‘Porque meu pai queria’, ‘Porque meu pai exigiu’, ‘Por falta de opção’, ‘e eu tinha outra escolha?’ - **54,83%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana: ‘Não foi por opção, foi meu pai que me obrigou’, ‘Por influência do meu pai’, ‘Porque era o único curso que meu pai me deixou fazer’ - **43,47%**

Total – ‘Por desejo, influência, exigência do pai, falta de opção: **51,85%**

8. Se teu marido recebesse um excelente salário, mesmo assim ele te deixaria trabalhar fora de casa?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural (“não”): **83,87%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana “não”): **17,39%**

Total “não”: **55,55%**

9. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

10. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

11. A escola reforça nos meninos as características masculinas e nas meninas as femininas?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural (“sim”): **90,32%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana (“sim”): **86,95%**

Total “sim”: **88,88%**

12. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

13. Tu achas que o gaúcho da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai tem características iguais ou diferentes das dos outros gaúchos?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” - **90,32%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **86,95%**

Total “sim”: **88,88%**

14. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

15. Conheces algum ditado popular que faça referências ao gaúcho?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” - **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **95,65%**

Total “sim”: **98,14%**

16. Conheces algum ditado popular que faça referência à mulher gaúcha?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” - **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **100%**

Total “sim”: **100%**

17. Teus alunos conhecem ditados populares sobre o gaúcho?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” - **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **86,95%**

Total “sim”: **94,44%**

18. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

19. Conheces quadros, desenhos ou pinturas em que apareça a mulher gaúcha?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **83,87%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “somente os de CTG” – **26,8%**; “não” - **56,52%**

Total “não”: **72,22%**

20. Conheces poesias, músicas e obras literárias que enalteçam as virtudes do gaúcho?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” - **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **91,30%**

Total “sim”: **96,29%**

21. Conheces poesias, músicas e obras literárias que enalteçam as virtudes da mulher gaúcha?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” - **83,87%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **86,95%**

Total “não”: **85,87%**

22. Na tua opinião, quem tem mais destaque na região, na política, nas empresas, nos sindicatos: o homem ou a mulher?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “o homem” - **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “o homem” - **95,65%**

Total “o homem”: **98,14%**

23. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

24. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

25. Alguma vez teu marido procurou evitar que continuasses (ou voltasses) a estudar?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” - **70,96%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **39,14%**

Total “sim”: **57,40%**

26. Alguma vez teu marido impediu ou colocou dificuldades para que pudesses trabalhar?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” - **67,74%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **43,47%**

Total “sim”: **57,40%**

27. Já sentiste algum tipo de cobrança (de forma direta ou indireta) por parte do teu marido porque estavas fora de casa, estudando ou trabalhando?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim”, “sim, mais ou menos” - **80,64%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim”, “sim, mais ou menos” - **78,26%**

Total “sim”, “sim, mais ou menos”: **79,62%**

28. Na prática, a mulher e o homem têm o mesmo poder de decisão? Quem tem a “última palavra” em casa?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “o homem” - **93,54%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “o homem” - **73,91%**

Total “o homem”: **85,18%**

29. Já ouviste dizer que “novela é coisa para mulher”?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” - **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **86,95%**

Total “sim”: **94,44%**

30. Conheces casos em que o marido manda na mulher?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “vários” – **83,87%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “vários” - **86,95%**

Total “vários”: **85,18%**

31. Conheces casos em que a mulher manda no marido?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “nenhum” – **61,29%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “nenhum” - **60,86%**

Total “nenhum”: **61,11%**

32. Já ouviste dizer que o homem é mais inteligente do que a mulher?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “freqüentemente” - **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “freqüentemente” - **65,21%**

Total “freqüentemente”: **85,18%**

33. Já ouviste alguma mulher dizer a um filho: “teu pai é quem decide”?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “freqüentemente” – **90,32%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “freqüentemente” - **78,26%**

Total “freqüentemente”: **85,18%**

34. Conheces mulheres que dependem do marido para fazer escolhas?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “várias” – **83,87%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “várias” - **43,47%**

Total “várias”: **66,66%**

### 35. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

36. Tu achas que o homem tem o instinto sexual mais forte do que a mulher?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **96,77%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **65,21%**

Total “sim”: **83,33%**

37. Já ouviste algum homem dizer que estava traindo a mulher porque "estava solteiro", isto é, sua mulher não estava em casa, estava longe ou viajando?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim, freqüentemente” – **74,19%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim, freqüentemente” - **60,86%**

Total “sim, freqüentemente”: **68,51%**

38. Na nossa região da fronteira, quando um homem é infiel à esposa, na prática, isto é visto como: (Podes assinalar mais de uma opção):

() É considerado como coisa natural pelos outros homens, porque, afinal, ele é homem.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – assinalaram - **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – assinalaram - **100%**

Total – assinalaram: **100%**

() É culpa da mulher, que não o está satisfazendo sexualmente.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – assinalaram – **67,79%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – assinalaram – **73,91%**

Total - assinalaram: **70,37%**

() É muito raro acontecer.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – não assinalaram – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – não assinalaram - **100%**

Total – não assinalaram: **100%**

() É recriminado por isso.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – não assinalaram – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – não assinalaram - **100%**

Total - não assinalaram: **100%**

() Não é considerada uma coisa natural.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – não assinalaram – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – não assinalaram - **100%**

Total – não assinalaram: **100%**

39. Na nossa região da fronteira, quando uma mulher é infiel ao marido, na prática, isto é visto como: (Podes assinalar mais de uma opção)

() É considerado como coisa natural pelas outras mulheres.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – não assinalaram - **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – não assinalaram - **100%**

Total – não assinalaram: **100%**

() É culpa do homem, que não a está satisfazendo sexualmente.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – não assinalaram – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – não assinalaram – **73,91%**

Total – não assinalaram: **88,88%**

() É muito raro acontecer.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – assinalaram – **74,19%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – assinalaram - **78,26%**

Total - assinalaram: **75,92%**

() É recriminada por isso.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – assinalaram – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – assinalaram - **100%**

Total - assinalaram: **100%**

() Não é considerada uma coisa natural.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – assinalaram – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – assinalaram - **100%**

Total - assinalaram: **100%**

40. Já ouviste algum homem dizer que, se a esposa adoecer e não pode manter relações sexuais por algum tempo, ele tem o direito de procurar outras mulheres, pois, afinal, ele é homem, e não pode ficar sem fazer sexo?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – ‘poucos’, ‘vários’ – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – ‘poucos’, ‘vários’ - **82,60%**

Total – ‘poucos’, ‘vários’: **92,59%**

41. Já ouviste o mesmo dito por uma mulher?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **100%**

Total – “não”: **100%**

42. Já viste, na prática, o homem e a mulher possuírem a mesma liberdade sexual?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **96,77%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **82,60%**

Total – “não”: **90,74%**

43. Já viste algum pai ficar preocupado porque o filho está demorando a iniciar sua vida sexual?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **90,32%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **60,86%**

Total – “sim”: **77,77%**

44. Costumas fazer coisas para agradar teu marido (como uma comida gostosa, uma roupa especial, fazer regime, deixar passar pequenos defeitos) por medo de perdê-lo ou dar-lhe motivo para que procure outra mulher?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **80,64%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **52,17%**

Total – “sim”: **68,51%**

45. Alguma vez te sentiste na obrigação de fazer alguma coisa que não querias porque sentiste uma ameaça velada de que se não fizesses ele te deixaria ou procuraria outra?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **80,64%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **47,82%**

Total – “não”: **66,66%**

46. Já ouviste dizer que o homem é o chefe da família?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim, freqüentemente”, “sim, raramente” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim, freqüentemente”, “sim, raramente” - **100%**

Total – “sim, freqüentemente”, “sim, raramente”: **100%**

47. Teu marido age como sendo chefe da família?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “freqüentemente”, “raramente” – **90,32%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “freqüentemente”, “raramente” - **78,26%**

Total – “freqüentemente”, “raramente”: **86,18%**

48. Teu marido te ajudava tanto nas tarefas domésticas quanto agora, que estás estudando?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **48,38%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não costuma ajudar” – **29,03%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **43,47%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não costuma ajudar” – **13,4%**

Total – “não”: **46,29%**

Total – “não costuma ajudar”: **22,22%**

49. Os meninos costumam fazer em casa as mesmas tarefas domésticas que as meninas?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – ‘raramente’, ‘não’ – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – ‘raramente’, ‘não’ - **82,60%**

Total – ‘raramente’, ‘não’: **92,59%**

50. Os meninos brincam com os mesmos brinquedos ou fazem brincadeiras do mesmo jeito que as meninas?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – ‘raramente’ – **32,25%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – ‘não’ – **67,74%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – ‘raramente’ – **47,82%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – ‘não’ - **39,13%**

Total – ‘raramente’: **38,88%**

Total – ‘não’: **55,55%**

OBS: Somando-se o percentual de ‘raramente’ e ‘não’, o total chega a **94,44%**

51. Conheces casais em que o homem culpe a mulher por problemas eventuais que tenham surgido em casa ou com os filhos porque ela está estudando ou trabalhando fora e não está presente?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – ‘vários’, ‘poucos’ – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – ‘vários’, ‘poucos’ - **91,30%**

Total – ‘vários’, ‘poucos’: **96,29%**.

52. Tu administras o teu salário como queres, sem interferência ou sugestão do marido?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – ‘não’ e ‘mais ou menos’ – **87,09%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – ‘não’ e ‘mais ou menos’ – **52,17%**

Total – ‘não’ e ‘mais ou menos’: **72,22%**

53. A família tem carro?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – ‘não’ – **77,41%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – ‘não’ - **26,08%**

Total – ‘não’: **55,55%**

54. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

55. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

56. Tu achas que a mulher cumpre uma "dupla jornada de trabalho", ou isto não é mais verdade, uma vez que muitos maridos participam das tarefas domésticas tanto quanto a mulher?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – ‘a mulher cumpre dupla jornada de trabalho’ – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – ‘a mulher cumpre dupla jornada de trabalho’ - **91,30%**

Total – ‘a mulher cumpre dupla jornada de trabalho’: **96,29%**

57. Ter de ficar longe dos filhos ou do marido para estudar ou trabalhar te provoca algum tipo de remorso ou desconforto?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – ‘sim’ – **58,06%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – ‘não’ – **35,48%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” – **30,43%**  
Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **65,21%**  
Total – “sim”: **46,29%**  
Total – “não”: **48,14%**

58. Quando estavas grávida do teu primeiro filho, teu marido queria que fosse menino ou menina?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “menino” – **74,19%**  
Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “menino” - **43,47%**  
Total – “menino”: **61,11%**

59. Os comentários que teu marido fez quando nasceram os filhos e as filhas foram os mesmos ou não?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “foram diferentes” – **74,19%**  
Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “foram diferentes” - **78,26%**  
Total – “foram diferentes”: **75,92%**

#### 60. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

61. Pergunta para quem não reside na cidade de Bagé: quando retornas para casa nos finais de semana, teu marido adiantou as tarefas domésticas ou estas ficaram acumuladas esperando que chegasses para fazer?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **80,64%**  
Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **21,73%**  
Obs.: 65,21% das professoras-alunas da zona urbana não responderam, provavelmente por residirem na cidade de Bagé; das que responderam, o total de “não” perfaz **62,5%**.  
Total – “não”: **55,55%**  
Obs.: considerando apenas o número de professoras-alunas que responderam a questão (por não residirem na cidade de Bagé), o percentual de “não” corresponde a **76,92%**.

62. Tens empregada doméstica?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **64,51%**  
Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **60,86%**  
Total – “não”: **79,62%**

63. Em casa, quem faz:

a) Cozinhar

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “eu, mulher” – **80,64%**  
Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “eu, mulher” - **52,79%**  
Total – “eu, mulher”: **68,51%**

b) Lavar roupa

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “eu, mulher” – **83,87%**  
Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “eu, mulher” - **51,61%**  
Total – “eu, mulher”: **77,77%**

c) Limpar a casa

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “eu, mulher” – **77,41%**  
Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “eu, mulher” - **52,17%**  
Total – “eu, mulher”: **66,66%**

d) Cuidar dos filhos

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “ambos” – **54,83%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “ambos” - **47,82%**

Total – “ambos”: **51,85%**

e) Passar a roupa

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “eu, mulher” – **93,54%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “eu, mulher” - **47,82%**

Total – “eu, mulher”: **74,07%**

f) Guardar as coisas no lugar

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “eu, mulher” – **87,09%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “eu, mulher” - **56,52%**

Total – “eu, mulher”: **74,07%**

g) Lavar os vidros/janelas

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “eu, mulher” – **93,54%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “eu, mulher” - **60,86%**

Total – “eu, mulher”: **75,62%**

h) As compras no mercado

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “ambos” – **48,38%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “ambos” - **65,21%**

Total – “ambos”: **55,55%**

i) Limpar o banheiro

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “eu, mulher” – **87,09%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “eu, mulher” - **52,17%**

Total – “eu, mulher”: **72,22%**

j) Conversar com os filhos quando eles fazem algo errado

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “ambos” – **64,51%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “ambos” - **78,26%**

Total – “ambos”: **70,37%**

64. Quem tem mais tempo de folga (para descansar), ou quem consegue descansar mais tempo?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “o homem” – **96,77%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “o homem” - **82,60%**

Total – “o homem”: **90,74%**

65. Conheces pais que educam os filhos e as filhas com a mesma liberdade, ou os filhos de um modo e as filhas de outro?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “os pais educam os filhos e as filhas de modo diferente” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “os pais educam os filhos e as filhas de modo diferente” - **100%**

Total – “os pais educam os filhos e as filhas de modo diferente”: **100%**

## 66. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

67. Já ouviste dizer que "lugar de mulher é na cozinha"?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “frequentemente” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “frequentemente” - **100%**

Total – “frequentemente”: **100%**

68. Já ouviste afirmações como estas ditas por teu marido, pai ou amigos:

a) “Posso fazer isto porque sou homem”.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **90,32%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **82,60%**

Total – “sim”: **87,03%**

b) “Quem manda aqui sou eu”.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **90,32%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **82,60%**

Total – “sim”: **87,03%**

c) “O dono da casa sou eu”.

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **83,87%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **73,91%**

Total – “sim”: **79,62%**

69. Tu conheces mulheres que têm medo do marido por suas atitudes violentas, físicas ou verbais?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **93,54%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **82,60%**

Total – “sim”: **88,88%**

70. Tu achas que a mulher que se separa do marido ainda é discriminada?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **96,77%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **78,26%**

Total – “sim”: **88,88%**

71. Tu já ouviste algum homem dizer que "mulher não tem que se meter em meus negócios"?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “frequentemente” – **80,64%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “frequentemente” - **47,82%**

Total – “sim”: **66,66%**

72. Quem normalmente é considerado o responsável pelo sustento da família?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “o homem” – **90,32%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “o homem” - **73,91%**

Total – “o homem”: **83,33%**

73. Teu marido te explica o que faz com o dinheiro dele?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **74,19%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **30,43%**

Total – “sim”: **55,55%**

74. Quando vais ao restaurante ou lancheria, quem normalmente paga as despesas?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “ele” – **80,64%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “ele” - **30,43%**

Total – “ele”: **59,25%**

75. Os homens se preocupam com a satisfação sexual da mulher?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “às vezes” – **32,25%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “raramente” – **64,51%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “às vezes” - **39,13%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “raramente” – **43,47%**

Total – “às vezes”: **35,18%**

Total – “raramente”: **55,55%**

OBS: Total geral entre “às vezes” e “raramente” – **90,73%**

76. Quando eras criança, a autoridade maior em casa era a do pai ou a da mãe?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “do pai” – **83,87%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “do pai” - **78,26%**

Total – “do pai”: **81,48%**

77. Alguma vez teu pai ou tua mãe te disseram que mulher tem de ser "dócil", "delicada", "obediente", "feminina"?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **87,09%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **69,56%**

Total – “sim”: **79,62%**

78. Tu achas que a mulher deve tirar um tempo só para ela (lazer, passeios, descanso), uma vez que trabalha e estuda e o tempo disponível é pouco para ser dedicado à família?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **96,77%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **100%**

Total – “sim”: **98,14%**

79. Conheces mulheres a quem o marido agride fisicamente ou verbalmente?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **96,77%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **82,60%**

Total – “sim”: **90,74%**

80. Já ouviste alguém dizer que existem coisas que são próprias para homens e outras que são próprias para mulheres?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **100%**

Total – “sim”: **100%**

## 81. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

82. Já assumiste algum cargo de chefia fora da escola?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **93,54%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **82,60%**

Total – “não”: **88,88%**

83. Tens facilidade para falar em público?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **93,54%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **65,21%**

Total – “não”: **81,48%**

84. Já deixaste de fazer alguma coisa que querias pelo fato de ser mulher?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **77,49%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **56,52%**

Total – “sim”: **68,51%**

85. Na nossa região, tu achas que os homens aceitam com naturalidade o fato de, no trabalho, ficarem sob as ordens (chefia) de uma mulher?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **86,95%**

Total – “não”: **94,44%**

86. É comum, na nossa região, as mulheres ocuparem cargo de chefia?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **91,30%**

Total – “não”: **96,29%**

87. Tu achas que os homens têm mais facilidade para cargos de chefia ou direção do que as mulheres?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **64,51%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **52,17%**

Total – “sim”: **59,25%**

88. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

89. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

90. Na nossa região, é comum os pais incentivarem seus filhos a serem professores das séries iniciais?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “não” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “não” - **95,62%**

Total – “não”: **98,14%**

91. Já ouviste alguma mãe dizer para uma menina que não faça alguma coisa porque não é coisa própria para menina?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **96,77%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **78,26%**

Total – “sim”: **88,88%**

92. Conheces algum homem que interfira na maneira de vestir da mulher, ou seja, que ela tenha que se vestir ou se arrumar do jeito que ele quer?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “várias” – **77,41%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “várias” - **56,52%**

Total – “várias”: **68,51%**

93. Tu achas que a mulher e o homem já nascem com características emocionais, intelectuais ou comportamentais diferentes?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **70,96%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **65,21%**

Total – “sim”: **68,51%**

94. Tu achas que a mulher que não precisa trabalhar fora, se quiser, mesmo assim deve trabalhar?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **96,77%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **86,95%**

Total – “sim”: **92,59%**

95. Tu achas que o Magistério para séries iniciais é mais próprio para o homem ou para a mulher?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “mulher” – **74,19%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “ambos” – **25,81%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “mulher” - **78,26%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “ambos” – **21,73%**

Total – “mulher”: **75,92%**

Total – “ambos”: **24,08%**

OBS: Total geral entre “mulher” e “ambos” – **100%**

#### 96. RESPOSTA PARA ANÁLISE DESCRITIVA

97. Tu achas que, em nossa região, o machismo ainda está presente?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **100%**

Total – “sim”: **100%**

98. Os ditados populares são freqüentes na Região da Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **100%**

Total – “sim”: **100%**

99. Teus alunos conhecem:

a) Ditados gaúchos?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **100%**

Total – “sim”: **100%**

b) Gravuras, quadros, desenhos, tendo o gaúcho como tema?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **100%**

Total – “sim”: **100%**

c) Poesias gaúchas?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – “sim” – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – “sim” - **100%**

Total – ‘sim’: **100%**

d) Músicas gaúchas?

Resposta das professoras – alunas da Zona Rural – ‘sim’ – **100%**

Resposta das professoras – alunas da Zona Urbana – ‘sim’ - **100%**

Total – ‘sim’: **100%**

100. Gostarias de fazer algum comentário ou algum relato sobre tua vida ou a vida de alguém que conheces e que poderia contribuir para enriquecer o tema abordado neste questionário?

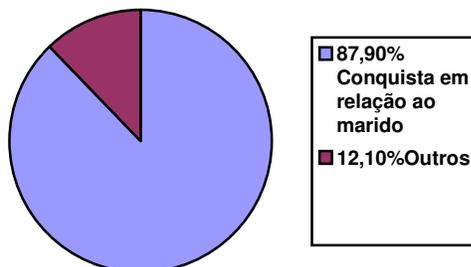
Caso queiras, podes utilizar este espaço e/ou o verso da folha, sempre sem te identificares. Obrigada.

*Comentário:* Trinta e três (33) alunas complementaram suas respostas, enriquecendo o questionário com suas narrativas escritas. Das 33 professoras que responderam esta questão, 21 foram da Zona Rural, num percentual de 67,74% em relação ao total (31 alunas) e 12 foram da Zona Urbana, num total de 52,17%, em relação às 23, perfazendo um total geral de 61,11% de respostas complementares.

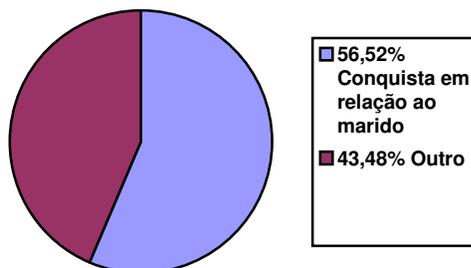
**RESULTADO QUANTITATIVO (EM PORCENTAGEM) DAS QUESTÕES FECHADAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AO UNIVERSO DE PESQUISA: 54 PROFESSORAS -ALUNAS DO PFPS–JULHO/2003 (SENDO 31 DA ZONA RURAL E 23 ZONA URBANA):**

- Quanto resolveste cursar o PFPS, foi porquê:

Zona Rural:

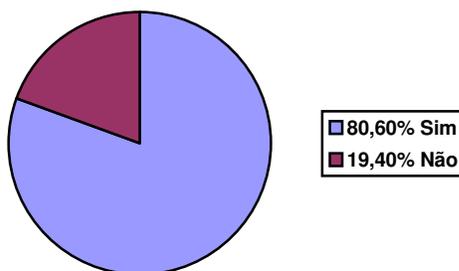


Zona Urbana:

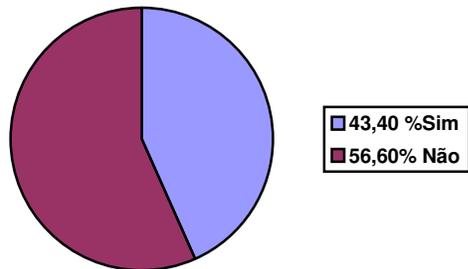


- Teus pais te incentivaram a ser professora, ou alguma outra profissão não faria diferença?

Zona Rural:

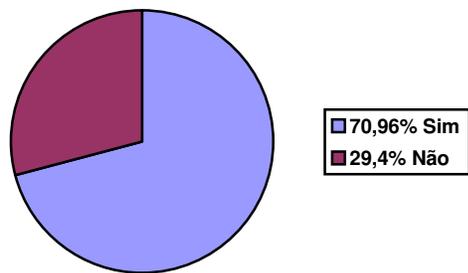


Zona Urbana:

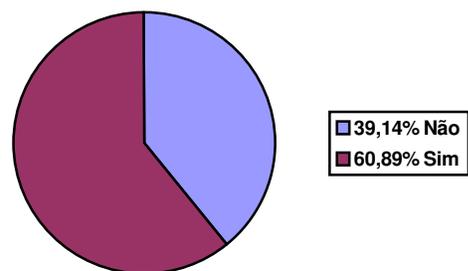


- Algumas vezes teu marido procurou evitar que continuasse (ou voltasse) a estudar?

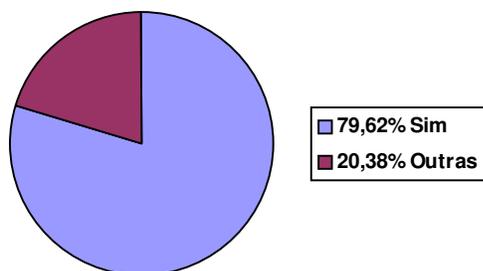
Zona Rural:



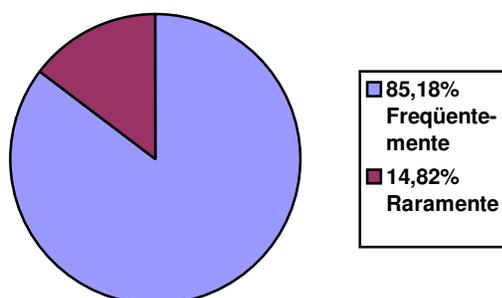
Zona Urbana:



- Já sentiste algum tipo de cobrança (de forma direta e indireta) por parte do teu marido porque estavas fora de casa, estudando ou trabalhando? (Total – zona rural e zona urbana)

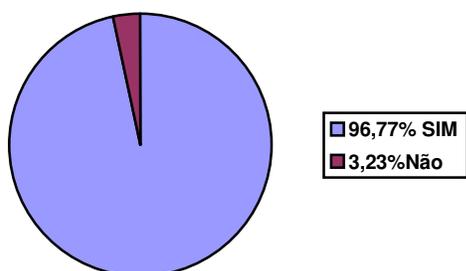


- Já ouviste alguma mulher dizer a um filho “teu pai é quem decide”? (Total – zona rural e zona urbana)

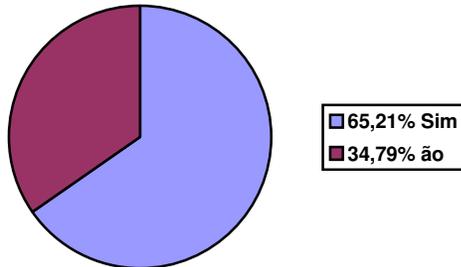


- Tu achas que o homem tem o instinto sexual mais forte do que a mulher?

Zona Rural:

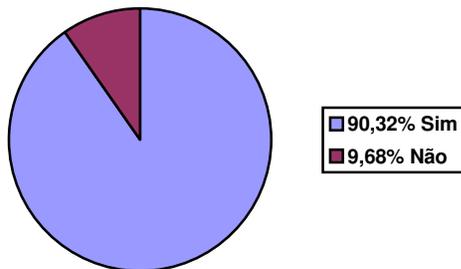


Zona Urbana:

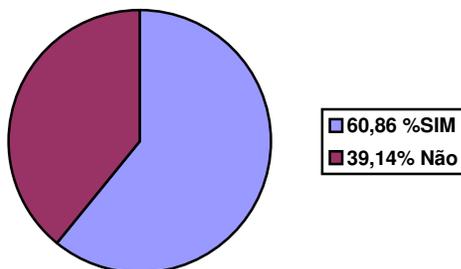


- Já ouviste algum pai ficar preocupado porque o filho está demorando a iniciar a sua vida sexual?

Zona rural:

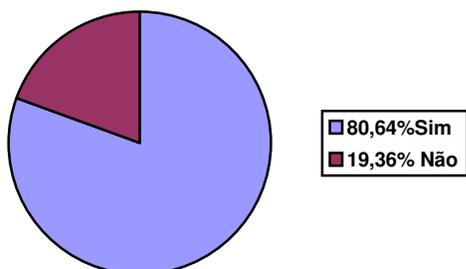


Zona urbana:

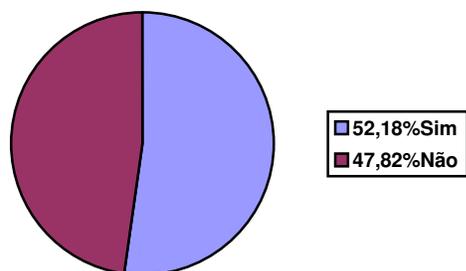


- Alguma vez sentiste na obrigação de fazer alguma coisa que não querias porque sentiste uma ameaça velada de que não fizesses ele te deixaria ou procuraria outra?

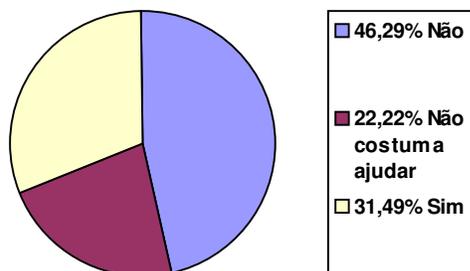
Zona rural:



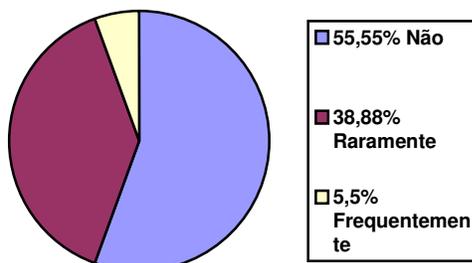
Zona urbana:



- Teu marido te ajudava tanto nas tarefas domésticas quanto agora, que estas estudando?  
(Total – zona rural e zona urbana)

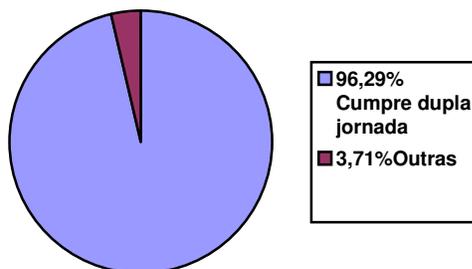


- Os meninos brincam com os mesmos brinquedos ou fazem brincadeiras do mesmo jeito que as meninas? (Total – zona rural e zona urbana)

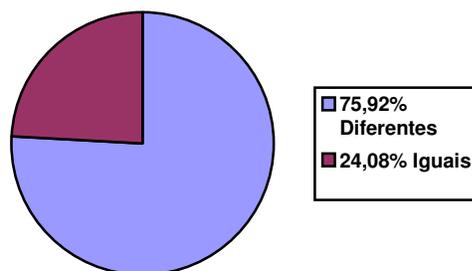


Obs: Somando-se os percentuais de “raramente” e “não”, o total chega a 94,44%.

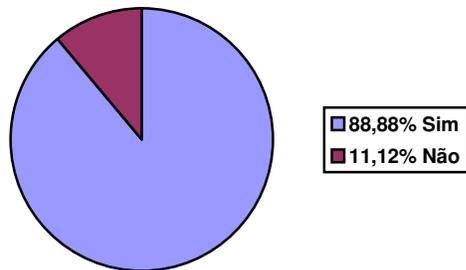
- Tu achas que a mulher cumpre uma “dupla jornada de trabalho”, ou isto não é mais verdade, uma vez que muitos maridos participam das tarefas domésticas tanto quanto a mulher? (Total – zona rural e zona urbana)



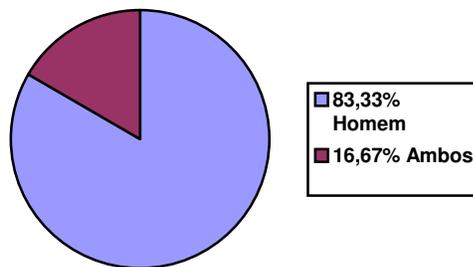
- Os comentários que teu marido fez quando nasceram os filhos e as filhas foram os mesmos ou não? (Total – zona rural e zona urbana)



- Tu conheces mulher que têm medo do marido por suas atitudes violentas, físicas ou verbais? (Total – zona rural e zona urbana)

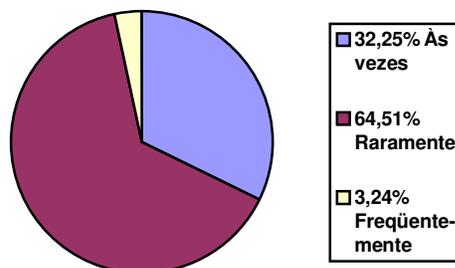


- Quem normalmente é considerado pelo sustento da família? (Total – zona rural e zona urbana)

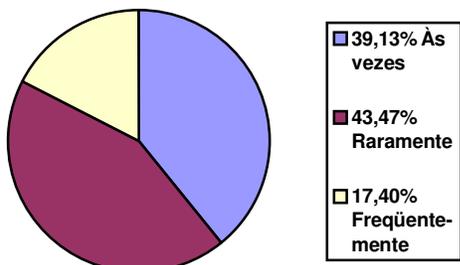


- Os homens se preocupam com a satisfação sexual da mulher?

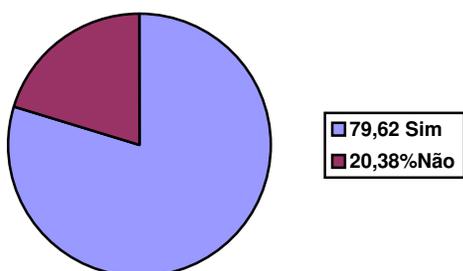
Zona rural:



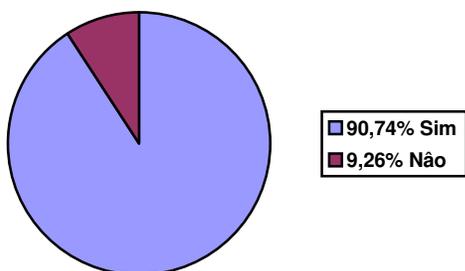
Zona urbana:



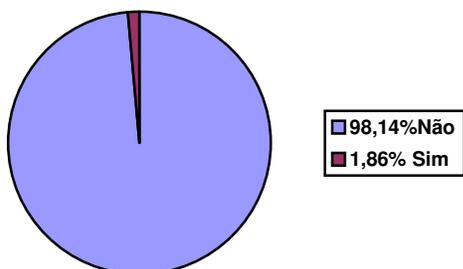
- Alguma vez o teu pai ou tua mãe te disseram que mulher tem de ser “dócil”, “delicada”, “obediente”, “feminina”? (Total – zona rural e zona urbana)



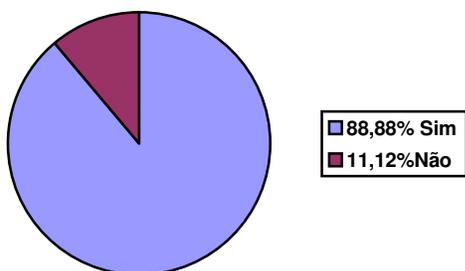
- Conheces alguma mulher a quem o marido agride física ou verbalmente? (Total – zona rural e zona urbana)



- Na nossa região, é comum os pais incentivarem seus filhos a serem professores das séries iniciais? (Total – zona rural e zona urbana)

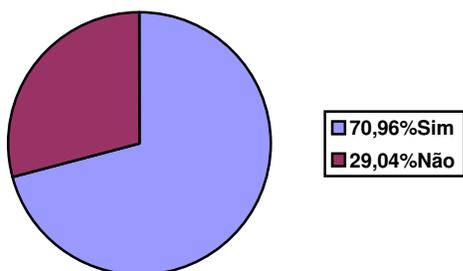


- Já ouviste alguma mãe dizer para uma menina que não faça alguma coisa porque não é coisa própria de menina? (Total – zona rural e zona urbana)

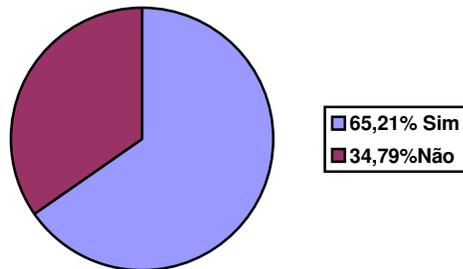


- Tu achas que a mulher e o homem já nascem com características emocionais, intelectuais ou comportamentais diferentes?

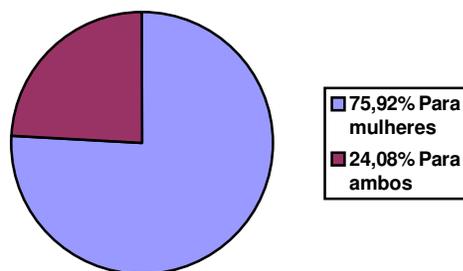
Zona rural:



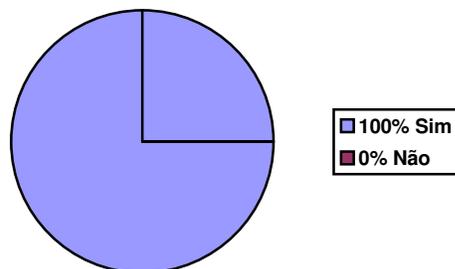
Zona urbana:



- Tu achas que o magistério para séries iniciais é mais próprio para homens ou para mulheres?



- Tu achas que, em nossa região, o machismo ainda está presente?



**ANEXO E**

**DESENHOS SOBRE O GAÚCHO – IDENTIFICAÇÃO DOS  
AUTORES E FOTOCÓPIAS DE TRABALHOS DE TRÊS  
DESENHISTAS POPULARES DA REGIÃO DA FRONTEIRA DO  
RIO GRANDE DO SUL COM O URUGUAI  
CONTEMPORÂNEOS**

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS TRÊS DESENHISTAS POPULARES DA REGIÃO DA FRONTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL COM O URUGUAI APRESENTADOS NESTE TRABALHO (QUE TRABALHAM COM O GAÚCHO COMO TEMA ÚNICO):

- S.C. – *natural de Santana do Livramento – 40 anos. Desenhos a bico de pena. Desenhos da década de 1990 até a época atual (alguns sem data).*
  
- A.S.S. – *natural de Bagé – 77 anos. Desenhos a bico de pena, com pincel atômico ou com caneta com ponta de feltro. Desenhos da 2ª metade do século XX até a atualidade (alguns sem data).*
  
- A.A. – *natural de Dom Pedrito – 21 anos. Desenhos: grafite sobre papel vergê ou canson; desenhos a bico de pena. De 2000 a 2003.*



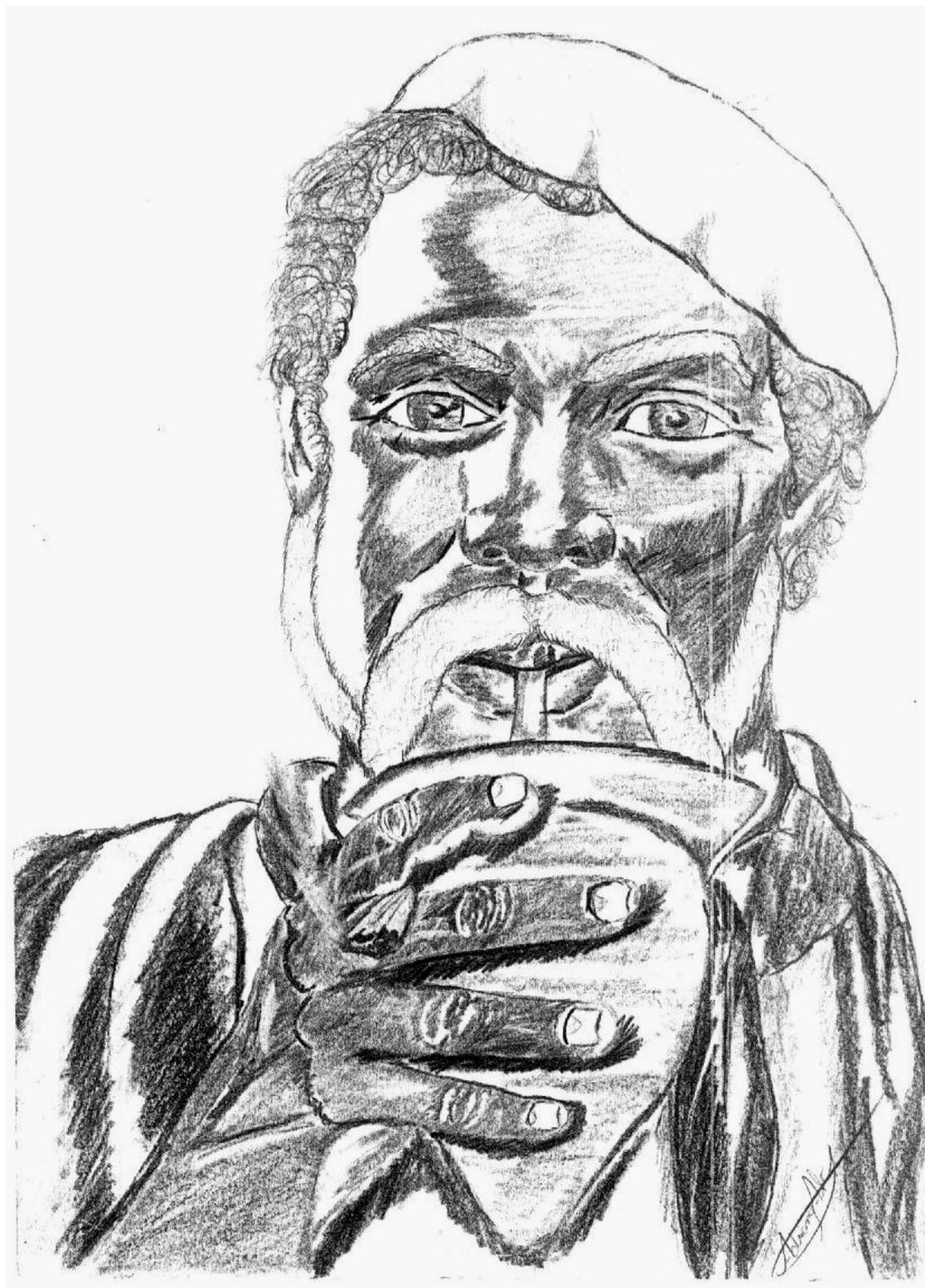
**S. C. Desenho a bico de pena. Santana do Livramento. (s.d.)**



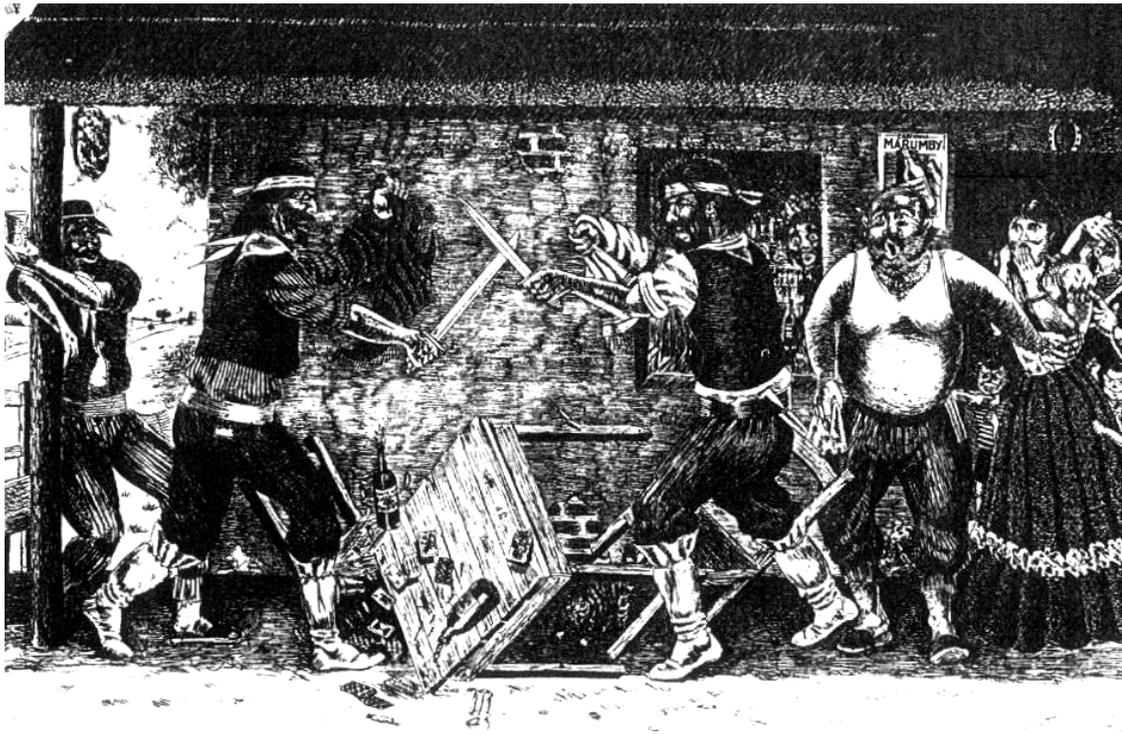
**S. C. Desenho a bico de pena. Santana do Livramento. (s.d.)**



S. C. Desenho a bico de pena. Santana do Livramento. (s.d.)



**A. A. Desenho a carvão e crayon. Dom Pedrito. 2003.**



**S. C. Desenho a bico de pena. Santana do Livramento. (s.d.)**



**S. C. Desenho a bico de pena. Santana do Livramento. (s.d.)**



A.S.S. Bagé - Desenho com pincel atômico. 2000.



A.S.S. Bagé - Desenho com pincel atômico. 2000.



**A.A. Desenho com carvão e lápis. Dom Pedrito. 2003.**



A.A.

A.A. Dom Pedrito – RS - Desenho com lápis. 2003.

## **ANEXO F**

**CÓPIAS DAS LETRAS DAS MÚSICAS ‘CAMPESI NA’, ‘NÃO  
PODEMO SE ENTREGÁ PROS HOME’ (SIC) E ‘SUCESSÃO’**

**CAMPESINA  
(Rancheira)**

**Letra: Sérgio Napp**

Música: Mário Bárbara  
**MÁRIO BARBARÁ E GRUPO SARACURA**

Levantar-se a tempo de acordar o sol,  
Preparar a erva para o chimarrão,  
Leite para os guachos, roupa no varal,  
Água na cacimba e varrer o chão.

Bate a roupa, torce o corpo, enreda o campo,  
Bebe o sonho, esfrega a vida, enxuga o tempo,  
Foge o riso, enrola o sonho, esfrega os olhos,  
Torce a vida, bate o medo, esfola as mãos.

E a comida quente para o seu peão...

“Que mulher valente, buena companheira,  
Suas mãos são asas, seu olhar me guarda.  
Que mulher valente, buena companheira,  
Me repara a casa e me enfeita a cama...”

Atiçar o fogo pra fazer o pão,  
Milho para os pintos, depois semear,  
E mexer o tacho e socar pilão,  
E a gurizada para reparar.

Nada mais lhe cabe em seu pequeno mundo...

“Que mulher valente, buena companheira,  
Suas mãos são asas, seu olhar me guarda.  
Que mulher valente, buena companheira,  
Me repara a casa e me enfeita a cama...”

## NÃO PODEMO SE ENTREGÁ PROS HOME

(Vanerão)

Letra: Humberto Gabi Zanatta  
Música: Francisco Alves e Francisco Scherer  
LEOPOLDO RASSIER E OS TIARAJÚS

### O gaúcho desde piá vai aprendendo

A ser valente, não ter medo, ter coragem  
Em manotaços do tempo e em bochinchos  
Retempera e moldura sua imagem

Refrão: Não podemo se entrega pros home  
De jeito nenhum, amigo e companheiro  
Não ta morto quem luta, quem peleia,  
Pois lutar é a marca do campeiro.

Com lança, cavalo e no peitão  
Foi implantada a fronteira deste chão  
Toscas cruces solitárias nas coxilhas  
A lembrar a valentia de tanto irmão

Apesar do bom cavalo e dos arreios  
De façanhas, garruchas, carreiradas  
A lo largo o tempo foi passando  
Plantando novo rumo em sua pousada

Refrão: Não podemo se entrega pros home...

Vieram cercas, porteiras, aramados  
Veio o trator com seu ronco matraqueiro  
E no tranco sem fim da evolução  
Transformou a paisagem dos potreiros

E ao contemplar o agora de seus campos  
O lugar onde seu porte ainda fulgura  
O velho taura dá de rédeas no seu eu  
E esporeia o futuro com bravura.

Refrão: Não podemo se entrega pros home...

**SUCESSÃO**  
**(Milonga)**

Letra: Apparicio Silva Rillo  
Música: Luiz Carlos Borges

**LUIZ CARLOS BORGES E GRUPO ANA TERRA**

Ter sido não é ser,  
É perceber-se  
Na estampa do retrato dos avós.  
É estar além do vidro das molduras,  
Numa figura muito após o próprio ser.

- Meu bisavô lutou no Paraguai,  
O meu avô na de Noventa e Três.  
Meu pai peleou em Vinte e Três e Vinte e Quatro,  
E a mim, seu filho, não me coube vez...

Resguardo armas no meu íntimo armorial  
- Brasões de sangue de meu velho clã.  
Minhas batalhas são as vésperas de hoje  
Na projeção imprevisível do amanhã.

Ser não é ter sido ou apegar-se  
Aos veios e às raízes dos avós,  
É ser as ramas que brotaram deles  
Para dar sombra aos que virão de nós.

- Meu bisavô lutou no Paraguai...

**ANEXO G**

**A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA INDUMENTÁRIA GAÚCHA**

**SEGUNDO VERA STEDILE ZATTERA – DE 1750 ATÉ A**

**ATUALIDADE**



  
VSZ - ARTE E CULTURA

1730/1820 ESTANCIEIRO E ESTANCIEIRA



1730/1820 PEÃO E MULHER RURAL



1820/1865 ESTANCIEIRO E ESTANCIEIRA



  
VSZ - ARTE E CULTURA

1820/1865 PEÃO E MULHER RURAL



  
VSZ - ARTE E CULTURA

1865 ATÉ HOJE... FAZENDEIRO  
1865/1920 FAZENDEIRA



  
VSZ - ARTE E CULTURA

1865 ATÉ HOJE... PEÃO E PRENDA